



COMPANHIA DAS LETRAS

71 contos de
PRIMO LEVI

TRADUZIDOS POR
MAURÍCIO SANTANA DIAS



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do

***conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo
nível."***

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

PRIMO LEVI

71 contos

Tradução e prefácio

Maurício Santana Dias



Sumário

Primo Levi e o zoológico humano — Maurício Santana Dias

HISTÓRIAS NATURAIS

Os mnemagogos

Censura na Bitínia

O Versificador

Borboleta angélica

“Cladonia rapida”

Ordem a bom preço

O amigo do homem

Algumas aplicações do Mimete

Versamina

A Bela Adormecida na geladeira

A medida da beleza

Quaestio de centauris

Pleno emprego

O sexto dia

Regime de aposentadoria

VÍCIO DE FORMA

Carta 1987

Proteção

Rumo ao Ocidente

Os sintéticos

Visto de longe

Agentes de negócio

Sinais vermelhos

Vilmy

Para o bem

Knall

Trabalho criativo

Nossas belas especificações
No Parque
Psicofante
Recuenco: a Provedora
Recuenco: o rafter
O fabricante de si mesmo
O servo
Amotinamento
Escrito na testa
Ótima é a água

LILITH

Passado próximo

Capâneo
O malabarista
Lilith
Um discípulo
O nosso distintivo
O cigano
O cantor e o veterano
A história de Avrom
Cansado de ficções
O retorno de Cesare
O retorno de Lorenzo
O rei dos judeus

Futuro anterior

Uma estrela tranqüila
Os gladiadores
A besta no templo
Desfibragem
Calor vertiginoso
Os construtores de pontes

Self-control

Diálogo de um poeta e de um médico

Os filhos do vento

A fugitiva

“Querida mamãe”

No devido tempo

Tântalo

As irmãs do pântano

Um testamento

Presente indicativo

Os bruxos

O desafio da molécula

O vale de Guerrino

A garota do livro

Hóspedes

Decodificação

Fim de semana

A alma e os engenheiros

Breve sonho

Sobre o autor

Créditos

Primo Levi e o zoológico humano

Maurício Santana Dias

Ambos estavam achando suas vidas sem sentido em parte por conta do que tinham visto na guerra. [...] Então ambos estavam tentando reinventar a si mesmos e ao universo em que viviam. A ficção científica era uma grande ajuda.

Kurt Vonnegut, *Matadouro* 5

No final de agosto de 2005, a France Presse divulgou uma notícia que bem poderia figurar em um dos contos de Primo Levi reunidos neste volume. Dizia a nota: “Oito seres humanos serão expostos no zoológico de Londres durante quatro dias [...] o parque exibirá oito exemplares de *Homo sapiens* ao natural, ou seja, vestidos apenas com uma folha de parreira estrategicamente localizada”. Há algo de cômico e extremamente irônico nessa cena, se se pensa que há cerca de dois séculos Friedrich Schiller dizia que o progresso da razão e da liberdade reconduziria os homens à natureza. Aqui estamos.

A surpresa causada por essa notícia deve ser semelhante à que o escritor italiano provocou em seus leitores ao publicar, em 1966, o livro de contos intitulado *Histórias naturais* (*Storie naturali*), que integra esta edição brasileira ao lado de *Vício de forma* (*Vizio di forma*, 1971) e *Lilith* (*Lilít*, 1981).¹ Quando *Histórias naturais* foi lançado pela Einaudi, Levi já era reconhecido mundialmente como um dos principais autores da literatura de testemunho, desde que tornara pública a sua experiência de prisioneiro judeu no campo de concentração de Auschwitz. Assim, a incursão pelo território do *fantástico* e da *ficção científica* — na falta de definição melhor — pareceu a muitos não só estranha, mas até espúria. “Levi crê no homem de maneira muito profunda, viu a morte muito de perto para poder brincar ou [...]

encenar uma dança”, comentou o crítico Claudio Marabini numa resenha que expressava o desconcerto e a incompreensão de muitos leitores diante daquilo que parecia um inaceitável desvio de rota. É como se Primo Levi fosse um patrimônio cultural da humanidade e estivesse condenado a repetir eternamente os horrores do Lager, alertando sobre os perigos do totalitarismo, do fanatismo ideológico e da intolerância: não era admissível, pois, que sua voz se perdesse em *divertimentos* desse tipo.

Seja como for, ainda hoje sua fama continua associada quase exclusivamente à obra de testemunho, sobretudo aos livros *É isto um homem?* (*Se questo è un uomo*, 1947), *A trégua* (*La tregua*, 1963) e *Os afogados e os sobreviventes* (*I sommersi e i salvati*, 1986), publicado um ano antes de o autor suicidar-se em sua casa, em Turim. Mas, ao escrever e publicar estes contos, Levi estava indiretamente reivindicando para si o direito que todo escritor tem de criar o que bem quiser. E nisso ele foi incentivado de perto por Italo Calvino, editor da Einaudi, cujas obras, especialmente *As cósmicas* (*Le cosmicomiche*), o influenciaram muito na elaboração destas narrativas curtas.

De resto, os textos de “pura fantasia e invenção” estavam estreitamente relacionados aos relatos sobre a guerra, como o próprio autor fez questão de ressaltar:

Entrei (inopinadamente) no mundo da escrita com dois livros sobre os campos de concentração; não cabe a mim julgar-lhes o valor, mas eram sem dúvida livros sérios, dedicados a um público sério. Propor a esse mesmo público um volume de contos-entretenimento, de armadilhas morais talvez divertidas, mas distanciadas e frias, não seria o mesmo que praticar uma fraude comercial, como quem vendesse vinho em garrafas de azeite? São perguntas que me fiz ao escrever e publicar estas “histórias naturais”. Pois bem, eu não as publicaria se não estivesse convencido (não imediatamente, para ser sincero) de que entre o Lager e essas invenções existe uma ponte, uma continuidade.

Sem dúvida, o vínculo existe, mas talvez o próprio Levi não estivesse disposto a admitir a reviravolta ideológica que suas pequenas ficções operaram em relação à literatura de testemunho. Neste ponto, é possível afirmar que a diferença fundamental trazida pelos contos consiste, para além das óbvias diferenças formais, no apagamento da visão humanista que até então prevalecera.²

Como é possível perceber, na maioria dos contos aqui reunidos, assiste-se, em tom menor, a um embate de proporções gigantescas: de um lado, a vida biológica,

que insiste em reproduzir-se das maneiras mais variadas e híbridas; de outro, a organização cada vez mais burocrática e tecnológica das sociedades modernas, que conspira contra a continuidade da vida.

Esse é o grande eixo em torno do qual giram estas histórias. Porém, antes de tirar conclusões apressadas, é necessário investigar os antecedentes que tornaram estes contos possíveis.

Em 1934, quando tinha quinze anos de idade e cursava o primeiro ano do liceu em Turim, Primo Levi ganhou de seu pai um microscópio. O aparelho não era lá grande coisa, suas lentes ampliavam no máximo duzentas vezes os objetos que eram colocados sobre a lâmina, mas mesmo assim o jovem estudante ficou fascinado com o que viu nele: as nervuras de um fio de cabelo, os mil olhos geométricos de uma mosca, a vida fervilhante de microorganismos encerrados numa gota de água do rio. Agora o adolescente podia constatar com os próprios olhos o que havia lido pouco antes em um livro do médico e paleontólogo britânico G. A. Mantell: “Nas folhas de cada floresta, nas flores de cada jardim, nas águas de cada regato há mundos pululantes de vida, inumeráveis como as glórias do firmamento”.³

Embora naquele momento os interesses do jovem turinense também se voltassem para a literatura, a história e as ciências humanas em geral, aquela descoberta do mundo natural proporcionada pelo microscópio encaminhou-o decisivamente para as ciências naturais e, pouco depois, para a química. Opção que desde o início vinha associada a “uma necessidade aguda de clareza e racionalidade”, como ele confessaria mais tarde, que seria a marca do futuro escritor. Assim sendo, a perspectiva que estava na base da formação do cientista era mais ou menos a mesma que faria o intelectual maduro redigir a famosa defesa de uma literatura não-obscura e tanto mais legível quanto possível. “O dizível é preferível ao indizível, a palavra humana, ao grunhido animalesco”, afirmou no ensaio “Dello scrivere oscuro” (Sobre a escrita obscura). Nesse mesmo texto, ele chegou a associar a obscuridade da poesia de Paul Celan e de Georg Trakl ao destino que tiveram: “O destino de ambos faz pensar na obscuridade de suas poéticas como um pré-suicídio, um não querer ser, uma fuga do mundo, de que a morte voluntária foi a coroação”.⁴

Nove anos depois das primeiras experiências com o microscópio, já formado em

química pela Universidade de Turim, Primo Levi decidiu engajar-se na luta dos *partisans* contra o nazifascismo. Subiu as montanhas do Piemonte em fins de 1943 e juntou-se a um grupo ligado ao movimento *Giustizia e Libertà*, sendo rapidamente capturado pelas milícias de Mussolini. Em fevereiro de 1944, o jovem de 24 anos foi deportado para Auschwitz, de onde só sairia quase um ano depois, com a desmobilização do campo pelas tropas russas. O relato do que ali sofreu e testemunhou seria publicado em 1947, naquele que é até hoje o seu livro mais conhecido e celebrado: *É isto um homem?*. Nele, o escritor fez do campo de concentração o seu “feroz observatório sociológico” e deu forma à sua necessidade de testemunhar o horror, necessidade explicitada desde as primeiras páginas do livro.

Mas, para além da descrição voluntariamente objetiva e distanciada da vida no Lager, *É isto um homem?* também queria ser uma defesa da civilização contra a barbárie, destacando o humano daquilo que parecia apenas selvagem e salvaguardando o racional da pura irracionalidade ou do incompreensível. Nesse sentido, a evocação dos versos de Dante no capítulo “O canto de Ulisses” — “*fatti non foste a viver come bruti/ ma per seguir virtude e conoscenza*”⁵ —, ao enfatizar aquilo que distingue os homens dos animais, é exemplar no que diz respeito a esse esforço, digamos assim, humanista. De fato, a interpelação que aparece no título do livro tem, ao longo de suas páginas, uma resposta inequívoca: apesar de tudo, de todas as “monstruosidades”, e justamente por terem atingido um ponto extremo, tanto as vítimas quanto os carrascos ali descritos continuavam participando do humano, ainda que constituíssem uma humanidade exacerbada em suas potencialidades.

Naquele momento — 1947 —, cabia ao escritor e a seus leitores não esquecer a história para que massacres como aquele não se repetissem nunca mais. Em outras palavras, o que estava implícito no livro de estréia é que ainda era possível aprender com a história e, a partir desse aprendizado, buscar o melhor caminho e reencontrar “*la diritta via*”. E assim, por muitos motivos, entre os quais a euforia que tomou conta das pessoas no pós-guerra imediato, mas também pela formação específica de Levi naquela Turim liberal e esclarecida, o pequeno livro de 1947 acabou sendo lido mais tarde⁶ como a “ode à alegria” possível daqueles tempos ferozes.

No início dos anos 60, após um silêncio de mais de quinze anos, Levi voltou a

escrever sobre suas memórias, e em 1963 publicou *A trégua*, o livro da volta para casa. Naquela época, muitos leitores e críticos ainda se perguntavam se o sobrevivente de Auschwitz era mesmo um “autêntico escritor” ou apenas alguém — um químico de profissão, lembravam alguns — que resolveu contar o que lhe acontecera nos tempos da guerra. Hoje esse tipo de argumento pode parecer quase inacreditável, mas o fato é que a questão acompanhou Levi por toda a vida, e ele não pôde simplesmente ignorá-la. Em parte por isso, em parte por demandas menos óbvias, foi assim que surgiu a figura de Damiano Malabaila, pseudônimo com que Levi assinou as suas *Histórias naturais*.

O distanciamento temporal e a mudança dos tempos haviam finalmente permitido ao escritor enveredar por caminhos que, sob a aparência descomprometida da literatura *science fiction*, de massa, chegavam a conclusões bastante céticas quanto ao futuro dos homens e da vida biológica na Terra.

O crítico italiano Cesare Segre, um dos organizadores das obras completas de Primo Levi, sublinhou esse movimento do testemunho para a ficção quando analisou “os escritos de invenção de Primo Levi”: “Trata-se, em primeira instância, de narrar a experiência inacreditável do Lager, um narrar desejado por Levi como uma missão; mas se sabe que essa narração desencadeou em Levi a atividade sucessiva de escritor de invenção”.⁷ No entanto, Segre vê nos contos de invenção um impulso liberatório diante dos constrangimentos da memória, a liberdade da pura efabulação contraposta ao “máximo do engajamento intelectual e ético”, prerrogativa dos livros de testemunho.

É até provável que esse — o impulso liberatório — tenha sido o móvel primeiro que conduziu o lúcido escritor de Auschwitz ao território do fantástico. Mas o que se vê nesses contos é precisamente a negação daquela liberdade inalienável do homem defendida com unhas e dentes nos relatos sobre a experiência no campo de concentração. Portanto, paradoxalmente, o momento da *invenção* não liberta o narrador de sua pesada memória, mas o remete a um campo obscuro e reprimido pela razão iluminista: no caso específico dos contos, o campo da fatalidade biológica e da hipótese aberrante de que talvez a espécie esteja desde sempre orientada para a autodestruição — aquela “outra mais pura/ vontade de anular a criatura” de que fala o soneto drummondiano “Fraga e sombra”.

É evidente que entre os dois primeiros livros (*É isto um homem?* e *A trégua*) e o

terceiro (*Histórias naturais*) houve uma inversão de perspectiva. Mas esse outro rumo tomado por Levi não diverge apenas na forma adotada ou numa suposta diminuição do “engajamento intelectual e ético” em favor do devaneio. As divergências são mais complexas, e a fratura é mais grave do que se supõe à primeira vista: se os livros de testemunho, sobretudo o primeiro, partiam de uma situação aparentemente sem saída, mas ao final terminavam apontando para uma vitória da liberdade humana, os contos fantásticos com frequência montavam um grande parque de diversões tecnológicas para finalmente transformá-lo em um mundo claustrofóbico, hiperdisciplinado e absurdo, mas de um absurdo potencialmente factível.

Desse ponto de vista, as narrativas de *Histórias naturais*, *Vício de forma* e, em parte, de *Lilith* seriam representações ficcionais de um universo de dúvidas que Levi mitigara ou reprimira voluntariamente em seus relatos autobiográficos: nestes, ele pretendeu “fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana”, como afirmou no prefácio a *É isto um homem?*; naquelas, o escritor de ficção deixou que viessem à tona, sob formas desimportantes, os destroços daquele naufrágio.

A essa altura, é preciso enfatizar, a óptica se inverte, mas está radicada numa experiência comum. Como observa o crítico Victor Brombert,

a perspectiva científica amplificou a insignificância humana e exacerbou as impressões de inutilidade, a consciência de que não só os seres humanos, mas também a cultura e a própria civilização, eram mortais. Essa visão da insignificância da humanidade de uma perspectiva científica [...] lança luz sobre o que, na obra de Levi, poderia ser considerado uma propensão marginal à ficção científica, exemplificada pelos textos coligidos em *Histórias naturais*. [...] Os exercícios de ficção científica de Levi estão longe de ser inócuos. Ele mesmo observou na quarta capa de seu livro que as suas invenções não estavam dissociadas do trauma do Lager.⁸

Dito de outro modo, se há uma coisa de que Primo Levi se liberta nas *Histórias naturais*, é o imperativo de manter o otimismo de pé. Em nome das futuras gerações e dos que haviam morrido nos campos, o autor obrigara-se à missão moral e pedagógica de testemunhar as atrocidades do Lager, obrigando-se também a não entregar os pontos. A preservação da memória era condição necessária, embora não suficiente, para a construção do futuro. E, como observou Harald Weinrich no livro *Lete, arte e crítica do esquecimento*,⁹ “a lembrança é para os

sobreviventes o único dever auto-imposto, por mais dolorosa que essa lembrança possa ser”. Mas Damiano Malabaila, o autor de *Histórias naturais*, já não tem missão nenhuma, e por isso os seus contos podem ser tremendamente céticos, desesperados e cômicos.

Para o pessimismo dessas pequenas ficções — não por acaso Giacomo Leopardi, o mais pessimista dos escritores italianos, é citado em vários textos, além de ser personagem do “Diálogo de um poeta e de um médico”, em *Lilith* — confluem pelo menos três elementos da formação do escritor: os estudos de ciências naturais, especialmente os de etologia (Konrad Lorenz é uma das referências recorrentes de Levi); a leitura reiterada de Aldous Huxley, um de seus autores preferidos, como declarou no ensaio dedicado ao escritor inglês em *L'altrui mestiere*; e evidentemente a experiência do Lager, agora não mais observada no calor da hora, mas transfigurada pela ficção e pela memória involuntária.

Vale ainda lembrar o contexto em que os contos foram escritos. Nos primeiros anos da década de 1960, o mundo experimentou como nunca antes — nem depois — a possibilidade concreta de uma guerra nuclear total; basta pensar no caso dos mísseis cubanos. Todos viviam, uns mais, outros menos, acossados pela idéia de uma catástrofe definitiva, e o perigo iminente era mais ameaçador para quem, como Primo Levi, conhecera de perto o horror. Sob esse aspecto, os contos de ficção científica e os artigos reunidos em *L'altrui mestiere* e em outros livros constituem um eloqüente catálogo das previsões catastróficas que proliferaram na segunda metade do século xx: além da ameaça nuclear, os textos referem-se constantemente ao risco da planificação total das sociedades, à possibilidade de desastres ecológicos definitivos, a processos de duplicação ou clonagem, à crescente indistinção entre homem e máquina, à substituição da realidade objetiva e sensível por uma realidade virtual pré-fabricada etc. Para cada um desses problemas, é possível citar pelo menos um texto, respectivamente: “Eclipse dos profetas” (em *L'altrui mestiere*), “Censura na Bitínia”, “Ótima é a água”, “Algumas aplicações do mimete”, “Nossas belas especificações” e “Regime de aposentadoria”.

Ou seja: guardadas as devidas proporções, é como se a aberração do Lager, com a sua lógica peculiar e implacável, houvesse de algum modo se expandido para a própria esfera da vida cotidiana, e a destruição total passasse a fazer parte do dia-a-dia, se naturalizasse, por assim dizer. Marco Belpoliti, também organizador das

obras completas de Levi, nota bem essa passagem entre os dois mundos em artigo recente, ao observar que “a racionalidade da vida normal é revirada pela lógica do campo, a qual, por sua vez, contém um princípio evidente de racionalidade intrínseca”. Isso porque, desde a experiência do Lager, continua Belpoliti,

pareceu evidente ao cientista Levi que a ciência ocidental continha um princípio de irracionalidade, a possibilidade sempre iminente de que suas potencialidades sejam utilizadas para fins destrutivos, e não construtivos. Há um quiasma, um cruzamento, uma simetria cruzada entre racional e irracional. E isso, como seus contos fantásticos evidenciam, não diz respeito apenas ao lugar extremo e extraterritorial do Lager, mas também à vida cotidiana dos homens.

Dois contos são especialmente representativos da literatura de ficção de Primo Levi: um deles se chama “Pleno emprego” e faz parte de *Histórias naturais*; o outro, “Rumo ao Ocidente”, está incluído em *Vício de forma*.

“Pleno emprego” é o quarto de uma série de cinco textos cujo personagem principal é o sr. Simpson, representante de uma empresa norte-americana de alta tecnologia que vive na Itália comercializando engenhocas mirabolantes. Depois de vender vários aparelhos a um cliente especial, que é o anônimo narrador desses contos, espécie de alter ego de um Primo Levi incrédulo mas fascinado, o funcionário Simpson decide pôr em prática o seu próprio projeto: adestrar abelhas, libélulas e outros insetos de modo que todos trabalhem para ele. Os melhores resultados se verificam com aquelas espécies que dispõem de uma rígida organização social e formam sociedades perenes, como as formigas. Depois de alguns experimentos, Simpson se dá conta de que é possível estabelecer uma comunicação com os insetos por meio de uma linguagem de sinais. O objetivo não é propriamente saber o que esses seres minúsculos pensam da natureza ou, quem sabe, da existência do Criador, mas fazer que eles cooperem na administração de sua chácara: limpando o terreno, trazendo frutas para casa, combatendo parasitas e coisas desse tipo.

Já para as formigas, Simpson concebe um projeto mais ambicioso e lucrativo: depois de formar pequenas equipes de treinamento, seu objetivo é que esquadras de quinhentas operárias se tornem capazes de produzir minúsculos resistores para circuitos elétricos. Eis a descrição que faz do processo o empresário de insetos:

Em três, montam um resistor em quatorze segundos, incluindo os tempos mortos, e trabalham vinte horas

por dia. Já surgiu um problema sindical, é claro, mas essas coisas são sempre contornadas; elas estão satisfeitas, quanto a isso não há dúvida. Recebem uma retribuição em gêneros naturais, divididos em duas parcelas: uma por assim dizer pessoal, que as formigas consomem nas pausas do trabalho, e outra coletiva, destinada às provisões do formigueiro, que elas armazenam nos bolsos ventrais; no total, quinze gramas por dia, para toda a esquadra de trabalho.

A situação não deixa de ser engraçada: as formigas das velhas fábulas são transformadas em modernas operárias de alta tecnologia, figuras caricaturais do nosso *Homo faber*. Mas o conto também é, claro, uma crítica à antiga e persistente expropriação do trabalho por grandes empresas capitalistas. Quem visitar hoje uma sede dessas indústrias na China, Índia ou Brasil poderá ver batalhões de operários debruçados sobre pequenos chips, embora a longo prazo a automação possa até mesmo dispensar essa mão-de-obra barata, como aliás o próprio conto ressalta.

Há nessa história burlesca, que funde ficção científica e etologia num apólogo, a representação literária de algo que acompanha de ponta a ponta as reflexões de Levi: a marcha desarmônica e grotesca do capitalismo, os riscos de uma sociedade submetida a uma tecnologia que lhe fugiu ao controle — as formigas, por definição, não sabem o que fazem — e, em última instância, a extinção simbólica do homem.

O outro conto, “Rumo ao Ocidente”, segue e aprofunda o mesmo tipo de problema. Mas, antes de comentá-lo, seria interessante lembrar um artigo de Levi que está diretamente relacionado a ele. Trata-se de “Romanzi dettati dai grilli” (Romances ditados pelos grilos), publicado em *L'altrui mestiere*. Nele, Primo Levi cita mais uma vez Aldous Huxley:

Huxley recomendava que comprássemos um casal de gatos e os observássemos e descrevêssemos. Dizia, se não me engano, que os animais, os mamíferos em especial, são como nós, mas “sem coberta”. O comportamento deles é semelhante ao que seria o nosso, caso não tivéssemos inibições. Por isso a sua observação é preciosa para o romancista que pretenda escançar as motivações profundas dos seus personagens.¹⁰

Levi prossegue o artigo dizendo que talvez as coisas não sejam tão simples assim, que nos últimos anos os etólogos demonstraram que não se deve atribuir aos animais mecanismos psíquicos humanos, já que eles não só obedecem a regras próprias, mas também são muito distintos entre si. No entanto, feita essa ressalva, ao longo do artigo o escritor não resiste a estabelecer correspondências entre o comportamento dos bichos e o dos homens, correlacionando alguns hábitos

humanos — por exemplo, a vestimenta dos *bravi* (capangas) no romance *Os noivos*, de Alessandro Manzoni — com a aparência colorida de certos peixes.

Já em “Rumo ao Ocidente”, homens e ratos aparecem irmanados em vários níveis. O argumento do conto é o seguinte: um grupo de biólogos está estudando o comportamento dos lemingues (*lemmings*), pequenos roedores do hemisfério Norte que migram regularmente para o mar, numa marcha suicida; os pesquisadores investigam as causas orgânicas desse fenômeno e descobrem que no sangue desses animais falta um composto derivado do álcool, o mesmo composto que falta no sangue dos índios arundes, que vivem na região amazônica e sistematicamente optam pela morte; farmacologistas chegam a produzir a “substância faltante” em laboratório, mas a descoberta científica não termina em final feliz.

O conto estabelece uma analogia entre o comportamento dos lemingues (animais realmente existentes) com o hábito dos índios arundes (uma tribo inventada), ambos sujeitos a uma pulsão de morte cujas causas seriam puramente orgânicas, embora no caso dos índios os motivos parecessem ser de ordem cultural. “O tema proposto era simples e terrificante: individualizar ou sintetizar o hormônio que inibe o vazio existencial”, diz o narrador.

Walter, o biólogo protagonista do conto, descobre o hormônio capaz de inverter o movimento voluntário para a morte. Posto de fora e acima do espetáculo autodestrutivo, o cientista quer levar a todas as vítimas do “mal de lemingue” o elixir da vida, versão mais radical do “emplastro Brás Cubas”, como se fosse um messias dos laboratórios ou um novo Prometeu. “A espécie humana escolheu há séculos este caminho, a via da sobrevivência artificial”, diz o personagem, que encarna o etos do pensamento científico moderno.

No entanto o cientista termina sendo arrastado pela marcha suicida que ele pretendia arrestar, morrendo nas águas geladas do mar do Norte, junto com os roedores. A moral da história parece clara: o movimento *rumo ao Ocidente* está condenado ao desastre. Parar ou inverter a marcha já não é possível. Trata-se, mais uma vez, de um apólogo moral sem fim edificante.

A imagem microscópica da vida que fascinara o adolescente agora dá lugar a uma visão de aniquilamento total. É como se, depois de percorrer uma via acidentada, a crença humanista de Primo Levi se dissipasse e o fizesse apontar, contra a sua vontade — já que ele sempre detestou os profetas —, para aquele

barranco de cegos citado no Evangelho de Mateus: “Deixai-os. São cegos conduzindo cegos”. Com a agravante de que, aqui, a cegueira não poupa ninguém.

-
1. Esta edição brasileira segue o volume publicado pela Einaudi em 1996, *I racconti: Storie naturali, Vizio di forma, Lilit*, organizado por Ernesto Ferrero.
 2. Em recente entrevista ao jornal *El País*, o húngaro Imre Kertész, outro sobrevivente de Auschwitz, fez objeções ao humanismo do escritor italiano. É provável que ele desconheça estes contos.
 3. Essa passagem de Mantell foi citada por Levi no ensaio “Il mondo invisibile”, incluído no volume *L'altrui mestiere* (O ofício alheio), publicado pela Einaudi em 1998.
 4. Esse artigo, publicado originalmente em *La Stampa* e depois coligido em *L'altrui mestiere*, rendeu a Levi uma polêmica com Giorgio Manganelli, que respondeu no *Corriere della Sera* de 3 de janeiro de 1977 com um “Elogio dello scrivere oscuro”, hoje no volume *Il rumore sottile della prosa* (Adelphi, 1994). Em resposta a Manganelli, Levi publicou uma carta no *Corriere della Sera* em que reiterava: “Manganelli tem o direito de ser obscuro (e de fato o é), ao passo que eu tenho o dever de ser claro, isto é, despido” (grifo meu). In: BELPOLITI, Marco (org.). *Primo Levi: Opere II*. Turim: Einaudi, 1997, p. 1559.
 5. Na tradução de Cristiano Martins: “Criados não fostes como os animais/ mas donos de vontade e consciência”.
 6. A primeira edição, de 1947, passou inteiramente despercebida. Só após a edição da Einaudi, de 1958, o livro ganhou projeção.
 7. SEGRE, Cesare. “Gli scritti d’invenzione di Primo Levi”. In: *Primo Levi, il presente del passato: giornate internazionali di studio*. Milão: FrancoAngeli, 1993, p. 123.
 8. BROMBERT, Victor. “Primo Levi e o canto de Ulisses”. In: *Em louvor de anti-heróis*. Tradução de José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê, 2001, pp. 193-4.
 9. WEINRICH, Harald. *Lete, arte e crítica do esquecimento*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 263.
 10. LEVI, Primo. “Romanzi dettati dai grilli”. In: *L'altrui mestiere*. Turim: Einaudi, 1997, p. 689.

HISTÓRIAS NATURAIS

[...] Se não acreditais, muito me aflijo, mas um homem de bem, um homem de bom senso deve acreditar sempre no que se lhe diz e no que lê. Não o diz Salomão, Provierbiorum XIV: “Innocens credit omni verbo etc.”?

[...] Por minha parte, nada encontro escrito nos livros sagrados que seja contra isso. Mas, se a vontade de Deus assim o tivesse determinado, ainda o acharíeis absurdo? Oh! por favor, não pertubeis nunca os vossos espíritos com esses vãos pensamentos, pois vos afirmo que para Deus nada é impossível e, se ele quisesse, as mulheres passariam a parir pelo ouvido.

Baco não foi gerado pela coxa de Júpiter? [...] E Minerva não nasceu, pelo ouvido, do cérebro de Júpiter? [...] Castor e Pólux, da casca de um ovo posto e quebrado por Leda?

Mais admirados e espantados ficaríeis ainda se eu vos citasse, agora, todo o capítulo de Plínio sobre os partos estranhos e contra a natureza. Bem vedes que não sou um mentiroso tão ousado como ele foi. Lede a sétima parte de sua História natural, cap. III, e não me futriqueis mais o juízo.

Rabelais, *Gargantua*, cap. VI.

Os mnemagogos

O doutor Morandi (que ainda não se habituara a ser chamado de doutor) desceu da viatura com a intenção de conservar-se incógnito por no mínimo dois dias, mas logo viu que seria impossível. A proprietária do café Alpino o acolhera com neutralidade (evidentemente não era muito curiosa, ou não muito arguta); mas, pelo sorriso deferente, maternal e levemente debochado da dona da tabacaria, ele entendeu que já era “o doutor novo”, sem possibilidade de adiamentos. “Devo ter o diploma escrito na cara — pensou: ‘tu es medicus in aeternum’, e, o que é pior, todos vão perceber.” Morandi não tinha nenhum gosto pelas coisas irrevogáveis e, naquele momento, sentia-se inclinado a ver naquela história uma grande e interminável chateação. “Algo parecido com o trauma do nascimento”, concluiu de modo não muito coerente.

... No entanto, como primeira consequência do anonimato perdido, era preciso encontrar Montesanto, sem mais demoras. Voltou ao café para retirar da mala a carta de apresentação e se pôs à procura do endereço que estava no cartão, cruzando a cidade deserta sob um sol inclemente.

Chegou ao lugar com dificuldade, depois de infinitos giros inúteis; não quis perguntar a rua a ninguém, porque nos rostos dos poucos que avistou pelo caminho pareceu discernir uma curiosidade malévola.

Esperava que a placa de identificação da casa fosse velha, mas a achou mais velha que qualquer expectativa, coberta de ferrugem e com o nome quase ilegível. Todas as persianas da casa estavam fechadas, e a baixa fachada, descascada e sem cor. À sua chegada, houve um rápido e silencioso acender de lâmpadas.

Montesanto em pessoa desceu e veio recebê-lo. Era um velho alto e corpulento,

de olhos míopes e vivos num rosto de traços gastos e pesados: movia-se com a segurança silenciosa e maciça dos ursos. Estava de mangas curtas, sem colete: a camisa estava puída e não parecia limpa.

Pela escada e em cima, no estúdio, estava fresco e quase escuro. Montesanto sentou e ofereceu uma cadeira a Morandi, especialmente incômoda. “Vinte e dois anos aqui dentro”, pensou Morandi com um arrepio mental, enquanto o outro lia sem pressa a carta de apresentação. Mirou ao redor, enquanto seus olhos se habituavam à penumbra.

Sobre a escrivaninha, cartas, revistas, receitas e outros papéis de natureza indefinível, todos amarelados e amontoados numa pilha impressionante. Do teto pendia um longo fio de aranha, apenas visível pela poeira que o envolvia, balançando molemente aos sopros imperceptíveis da brisa meridiana. Um armário envidraçado com poucos instrumentos antigos e poucas garrafinhas nas quais os líquidos tinham corroído o vidro, assinalando o nível que por muito tempo haviam conservado. Na parede, estranhamente familiar, a grande moldura fotográfica dos “Laureandi Medici 1911”, bem conhecido dele: aí está o rosto quadrado e o queixo forte de seu pai, Morandi sênior; e logo ao lado (ai, como seria difícil reconhecê-lo!) o aqui presente Ignazio Montesanto, magro, nítido e espantosamente jovem, com ar de herói e mártir do pensamento, tão ao gosto dos formandos da época.

Após a leitura, Montesanto pousou a carta sobre o monte de papéis da escrivaninha, onde ela camuflou-se perfeitamente.

“Bem”, disse em seguida, “estou muito contente que o destino, a sorte...”, e a frase acabou num murmúrio indistinto, seguido de um longo silêncio. O velho médico inclinou a cadeira sobre as pernas posteriores e dirigiu o olhar para o teto. Morandi se dispôs a esperar que o outro retomasse o discurso; o silêncio já começava a pesar quando Montesanto retomou subitamente a fala.

Falou por muito tempo, a princípio com muitas pausas, depois com mais rapidez; a sua fisionomia se ia reanimando, os olhos brilhavam ágeis e vivos no rosto desfeito. Surpreso, Morandi se dava conta de experimentar uma nítida e crescente simpatia pelo velho. Tratava-se evidentemente de um solilóquio, um grande devaneio que Montesanto estava se concedendo. Para ele as ocasiões de falar (e se via que sabia falar e que conhecia a importância disso) deviam ser raras, breves retornos a um antigo vigor de pensamento agora talvez perdido.

Montesanto narrava a sua impiedosa iniciação profissional nos campos e trincheiras da outra guerra; a sua tentativa de carreira universitária, iniciada com entusiasmo, continuada com apatia e abandonada entre a indiferença dos colegas, fato que havia enfraquecido todas as suas esperanças; o exílio voluntário no povoado obscuro, em busca de algo muito indefinido para poder ser encontrado; e finalmente a vida atual de solitário, estrangeiro numa comunidade de gente pequena e ociosa, boa e ruim, mas para ele irremediavelmente distante; a prevalência definitiva do passado sobre o presente e o naufrágio último de todas as paixões, salvo a fé na dignidade do pensamento e na supremacia das coisas do espírito.

“Velho estranho”, pensava Morandi; notara que o outro falava havia quase uma hora sem sequer o olhar. De início, tentara várias vezes fazê-lo voltar a um plano mais concreto, indagá-lo sobre o estado sanitário da jurisdição, sobre a renovação dos aparelhos, sobre o armário dos remédios, talvez até sobre a própria organização pessoal; mas não conseguira, por timidez e por um mais ponderado respeito.

Agora Montesanto estava calado, com o rosto virado para o teto e o olhar acomodado no infinito. Era evidente que o solilóquio continuava internamente. Morandi estava embaraçado; perguntava-se se a sua réplica era esperada ou não, e qual seria, e se o médico se dava conta de que não estava sozinho em seu estúdio.

Mas ele se dava conta. De repente deixou a cadeira cair sobre os quatro pés e, com uma voz curiosa e esforçada, disse:

“Morandi, o senhor é jovem, muito jovem. Sei que é um bom médico, ou melhor, que se tornará bom; penso até que deve ser um homem bom. Caso o senhor não seja bom o suficiente para compreender o que eu lhe disse e o que lhe direi agora, espero que seja bom o bastante para não rir de mim. E, se rir, não será um grande mal: como o senhor sabe, dificilmente nos encontraremos de novo; de resto, é da ordem das coisas que os jovens se riam dos velhos. Só lhe peço que não se esqueça de que é o primeiro a saber dessas minhas coisas. Não quero adulá-lo dizendo que o senhor me pareceu particularmente digno de minha confiança. Sou sincero: o senhor é a primeira ocasião que se apresenta há muitos anos, e provavelmente a última.”

“Pode falar”, disse Morandi simplesmente.

“Morandi, já notou com que potência certos odores evocam certas lembranças?”

O golpe chegara imprevisto. Morandi engoliu com esforço: disse que havia notado e podia até arriscar uma teoria explicativa para o caso.

Não se explicava a mudança de tema. Concluiu com seus botões que devia se tratar de um “parafuso” solto, daqueles que todos os médicos têm depois de certa idade. Como Andriani: aos sessenta e cinco anos, cheio de fama, dinheiro e clientela, tivera tempo de cobrir-se de ridículo com a história do campo nêurico.

O outro havia agarrado com as duas mãos os ângulos da escrivaninha e olhava o vazio franzindo a testa. Depois recomeçou:

“Agora mostrarei algo inusitado. Durante os meus anos de assistente em farmacologia, estudei muito a fundo a ação dos adrenalínicos absorvidos por via nasal. Não descobri nada de útil à humanidade, mas apenas um fruto bastante indireto, como o senhor verá.

“Mesmo mais tarde, dediquei muito do meu tempo à questão das sensações olfativas e de suas relações com a estrutura molecular. Trata-se, a meu ver, de um campo extremamente fecundo, aberto inclusive a pesquisadores dotados de recursos modestos. Vi com prazer, ainda recentemente, que alguém está se ocupando disso, e também estou a par das novas teorias eletrônicas, mas o único aspecto da questão que agora me interessa é outro. Creio que hoje possuo o que mais ninguém no mundo possui.

“Há quem não se importe com o passado e deixe que os mortos enterrem seus mortos. E há os que se interessam pelo passado, entristecendo-se com a sua contínua desapareição. Há ainda os que têm o cuidado de manter um diário contínuo, a fim de que cada coisa sua seja salva do esquecimento, e quem conserva em sua casa e em sua pessoa lembranças materializadas: uma dedicatória num livro, uma flor seca, um cacho de cabelo, fotografias, velhas cartas.

“Eu, por natureza, só posso pensar com horror na eventualidade de que uma só de minhas lembranças seja cancelada, e por isso adotei todos esses métodos; mas também criei um novo.

“Não, não se trata de uma descoberta científica, simplesmente tirei partido de minha experiência de farmacologista e reconstruí, com exatidão e numa forma conservável, um certo número de sensações que para mim significam alguma coisa.

“A isso (repito, não pense que falo sempre sobre esse assunto) chamo mnemagogos: ‘suscitadores de memória’. Quer me acompanhar?”

Ergueu-se e dirigiu-se ao corredor. Na metade do caminho, voltou-se e acrescentou: “Como o senhor pode imaginar, devem ser usados com parcimônia, do contrário seu poder evocativo pode diminuir; além disso, não é preciso que lhe diga que são inevitavelmente pessoais. Estritamente. Aliás, pode-se dizer que *são* a minha pessoa, já que ao menos em parte eu consisto neles”.

Abriu um armário. Ali estavam umas cinquenta garrafinhas de tampa esmerilhada, todas numeradas.

“Por favor, escolha uma.”

Morandi o olhava perplexo; estendeu uma mão hesitante e escolheu uma.

“Abra e cheire. O que está sentindo?”

Morandi inspirou profundamente várias vezes, primeiro com os olhos em Montesanto, depois erguendo a cabeça numa postura de quem interroga a memória.

“Isso me pareceria cheiro de caserna.” Montesanto cheirou por sua vez: “Não exatamente”, respondeu, “ou pelo menos não é o mesmo para mim. É o cheiro das aulas nas escolas primárias; aliás, da *minha* sala na *minha* escola. Não vou me estender sobre a composição: contém ácidos graxos voláteis e uma acetona não-saturada. Entendo que para o senhor não seja nada: para mim, é a minha infância.

“Também conservo a foto dos meus trinta e sete colegas de escola do primeiro ano primário, mas o cheiro desta garrafinha é imensamente mais eficaz na evocação das horas intermináveis de tédio sobre o silabário; o estado de espírito peculiar das crianças (de mim criança!) à espera terrificante da primeira prova de ditado. Quando inalo isto aqui (não agora: é preciso um certo grau de recolhimento, naturalmente), quando cheiro, minhas vísceras se retorcem como quando esperava ser sabatinado aos sete anos. Quer escolher mais uma?”

“Acho que esta me lembra... espere... Na casa de meu avô, no campo, havia um quartinho onde se colocavam as frutas para amadurecer...”

“Muito bem”, fez Montesanto com sincera satisfação. “Exatamente como dizem os tratados. Fico grato de que o senhor tenha escolhido um odor profissional: este é o cheiro do hálito do diabético em fase acetonêmica. Com mais uns anos de prática o senhor certamente teria descoberto sozinho. Como sabe, é um sinal clínico infausto, o prelúdio do coma.

“Meu pai morreu diabético, há quinze anos; não foi uma morte breve nem

misericordiosa. Meu pai representava muito para mim. Eu o velei por noites inumeráveis, assistindo impotente à progressiva anulação da sua identidade; não foram vigílias estéreis. Muitas das minhas crenças foram abaladas, muito do meu mundo mudou. Para mim, portanto, não se trata apenas de maçãs ou de diabetes, mas do sofrimento solene e purificador, único na vida, de uma crise religiosa.”

“... Esta não passa de ácido fênico!”, exclamou Morandi, cheirando uma terceira garrafa.

“De fato. Pensava que para o senhor esse cheiro também dissesse alguma coisa; mas ainda não faz um ano que o senhor terminou os turnos de hospital, a recordação ainda não amadureceu. Porque o senhor deve ter notado — não é verdade? — que o mecanismo evocatório de que estamos falando exige que os estímulos, depois de terem agido repetidamente, associados a um ambiente ou a um estado de alma, em seguida cessem de agir por um tempo bastante largo. De resto, o senso comum diz que as recordações, para serem sugestivas, devem ter um sabor antigo.

“Eu também dei muitos plantões em hospitais e respirei ácido fênico a plenos pulmões. Só que isso ocorreu há um quarto de século, e, além disso, desde aquela época o fenol deixou de constituir o fundamento da anti-sepsia. Mas no meu tempo era assim, e é por isso que ainda hoje não posso cheirá-lo (não o quimicamente puro, mas este, a que acrescentei pitadas de outras substâncias que o tornam específico para mim) sem que me surja na mente um quadro complexo, de que fazem parte uma música então em voga, o meu entusiasmo juvenil por Blaise Pascal, uma certa languidez primaveril nos rins e nos joelhos e uma colega de curso que, fiquei sabendo, tornou-se avó recentemente.”

Dessa vez ele mesmo escolhera uma garrafa; ofereceu-a a Morandi:

“Confesso que até hoje sinto orgulho deste preparado. Apesar de nunca ter publicado seus resultados, considero-o o meu verdadeiro sucesso científico. Gostaria de ouvir a sua opinião.”

Morandi aspirou com todo o cuidado. Certamente não era um cheiro novo: poderia ser qualificado de ardente, enxuto, quente...

“... Quando se chocam duas pedras de ignição...?”

“Sim, também. Parabéns pelo seu olfato. Sente-se esse cheiro no alto da montanha, quando a rocha se escalda ao sol; especialmente quando há um

desmoronamento de pedras. Asseguro-lhe que não foi fácil reproduzir *in vitro* e tornar estáveis as substâncias que o constituem sem alterar suas qualidades sensíveis.

“Antigamente eu ia muito à montanha, quase sempre sozinho. Quando chegava ao topo, deitava sob o sol no ar parado e silencioso e me parecia que alcançara um objetivo. Naqueles momentos, e só se me concentrasse, percebia esse cheiro suave, raro de ser sentido em outros lugares. No que me diz respeito, deveria chamá-lo aroma da paz conquistada.”

Superado o desconforto inicial, Morandi começava a se afeiçoar ao jogo. Pinçou ao acaso uma quinta garrafa e a estendeu a Montesanto: “E esta?”.

“Isto não é um lugar nem um tempo. É uma pessoa.”

Fechou o armário; havia falado em tom definitivo. Morandi preparou mentalmente algumas expressões de interesse e de admiração, mas não conseguiu superar uma estranha barreira interna e renunciou a externá-las. Despediu-se apressadamente, com uma vaga promessa de nova visita, e precipitou-se pela escada em direção ao sol. Sentiu que enrubescera intensamente.

Depois de cinco minutos entre os pinheiros, subia furiosamente pela parte mais íngreme, calcando o bosque macio, longe de qualquer caminho. Era muito agradável sentir os músculos, os pulmões e o coração funcionando a pleno vapor, assim, naturalmente, sem necessidade de intervenções. Era muito bom ter vinte e quatro anos.

Acelerou o ritmo da subida o mais que pôde, até sentir o sangue batendo forte nos ouvidos. Depois se estirou na grama, com os olhos fechados, contemplando o brilho do sol através das pálpebras. Até que se sentiu como lavado e novo.

Então aquele era Montesanto... Não, não era preciso fugir, ele não se tornaria assim, não se deixaria transformar daquele jeito. Também não mencionaria o caso a ninguém. Nem a Lucia, nem a Giovanni. Não seria generoso.

Embora no fundo... somente com Giovanni... e em termos estritamente teóricos... Existia algo que não se pudesse comunicar a Giovanni? Sim, escreveria a Giovanni. Amanhã. Aliás (conferiu a hora), imediatamente; a carta talvez ainda partisse com o correio da noite. Logo.

Censura na Bitínia

Já aludi em outro lugar à pálida vida cultural deste país, ainda baseada em mecenatismos e entregue ao interesse de pessoas endinheiradas — ou simplesmente a profissionais e artistas, especialistas e técnicos, todos muito bem pagos.

Particularmente interessante é a solução que foi proposta, ou melhor, que foi espontaneamente imposta ao problema da censura. No final da década passada, a “necessidade” de censura assistiu, por vários motivos, a um notável crescimento na Bitínia; em poucos anos os escritórios centrais existentes tiveram que dobrar seus organismos, estabelecendo filiais periféricas em todas ou quase todas as capitais de província. Havia ainda uma dificuldade crescente em recrutar o pessoal necessário: em primeiro lugar, porque o ofício de censor, como se sabe, é difícil e delicado, pois demanda uma preparação específica, difícil de ser encontrada até mesmo em pessoas altamente qualificadas noutras áreas; além disso, porque o exercício da censura, pelo que mostram estatísticas recentes, não é isento de perigos.

Não quero fazer referência aqui aos riscos de represálias imediatas, que a eficiente polícia bitinense reduziu a quase nada. Trata-se de outra coisa: acurados estudos de medicina do trabalho desenvolvidos na região lançaram luz sobre uma forma específica de deformidade profissional, bastante molesta e aparentemente irreversível, que foi denominada por seu descobridor de “distímia paroxística” ou “morbo de Gowelius”. Ela se manifesta por um quadro clínico inicialmente vago e mal definido; depois, com o passar dos anos, por vários distúrbios relacionados aos sentidos (diplopia, distúrbios do olfato e da audição, reatividade excessiva a, por exemplo, algumas cores ou sabores); e freqüentemente resulta, após remissões e

recaídas, em graves anomalias e perversões psíquicas.

Como consequência, não obstante os elevados salários que eram oferecidos, o número de candidatos aos concursos estatais decresceu rapidamente, e a carga de trabalho dos funcionários de carreira aumentou proporcionalmente até atingir patamares nunca vistos. As matérias pendentes (copiões, partituras, manuscritos, obras figurativas, esboços de manifestos) se acumularam a tal ponto nos escritórios da censura que literalmente bloquearam não só os arquivos destinados a esse fim, mas também os vestibulos, os corredores, os locais reservados aos serviços de limpeza. Registrou-se o caso de um chefe de seção que foi sepultado por um desabamento e morreu sufocado antes que chegassem os socorros.

Num primeiro momento, remediou-se o caso com a mecanização. Cada sede foi dotada de modernos aparelhos eletrônicos: sendo eu um leigo na matéria, não poderia descrever com exatidão o seu funcionamento, mas me disseram que a memória magnética desses instrumentos continha três listas distintas de vocábulos — *hints, plots, topics* — e módulos de referência. Os da primeira lista, caso fossem encontrados, eram automaticamente eliminados da obra examinada, os da segunda implicavam a recusa integral da mesma; os da terceira, a prisão imediata e o enforcamento do autor e do editor.

Os resultados foram ótimos no que diz respeito à quantidade de trabalho que podia ser absorvida (em poucos dias os locais dos escritórios foram desocupados), mas muito inferiores quanto ao aspecto qualitativo. Houve casos de lapsos clamorosos: “passou”, foi publicado e vendido com sucesso estrepitoso o *Diário de uma periquita*, de Claire Efrern, obra de duvidoso valor literário e abertamente imoral, cuja autora, com artifícios absolutamente elementares e transparentes, havia mascarado, mediante alusões e perífrases, todos os pontos lesivos da moral comum do momento. Por outro lado, assistiu-se ao doloroso caso Tuttle: o coronel Tuttle, ilustre crítico e historiador militar, teve que subir ao patíbulo porque num dos seus volumes sobre a campanha no Cáucaso a palavra “regimento” foi alterada para “regipento”, devido a uma gralha banal, em que no entanto o centro de censura automatizada de Issarvan percebeu uma alusão obscena. Ao mesmo destino trágico escapou milagrosamente o autor de um modesto manual de criação de gado, que teve meios de fugir para o exterior e recorrer ao Conselho de Estado antes que a sentença fosse executada.

Esses três episódios, todos eles notórios, foram seguidos de numerosíssimos outros, noticiados de boca em boca, mas oficialmente ignorados porque (obviamente) sua divulgação veio a cair nas malhas da censura. Disso resultou uma situação de crise, com deserção quase total das forças culturais do país — situação que, apesar de algumas tímidas tentativas de ruptura, permanece até hoje.

Porém, nessas últimas semanas, correu uma notícia que promete alguma esperança. Um fisiologista, cujo nome foi mantido em segredo, revelou ao cabo de um amplo ciclo de experiências alguns novos aspectos da psicologia dos animais domésticos, desencadeando uma grande polêmica. Esses animais, se submetidos a um condicionamento específico, seriam capazes não só de aprender trabalhos fáceis de transporte e de organização, mas também de fazer autênticas escolhas.

Trata-se certamente de um campo vastíssimo e fascinante, de possibilidades praticamente ilimitadas; em suma, desde que foi publicado na imprensa bitinense até o momento em que escrevo, o trabalho de censura, que prejudica o cérebro humano — e que as máquinas despacham de maneira muito rígida —, poderia ser confiado com vantagens a animais devidamente adestrados. Bem observada, a desconcertante notícia não tem em si nada de absurdo — já que, em última análise, trata-se apenas de uma escolha.

É curioso que, para essa tarefa, os mamíferos mais próximos do homem tenham sido considerados menos aptos. Submetidos ao processo de condicionamento, cães, macacos e cavalos se demonstraram maus juízes, precisamente porque muito inteligentes e sensíveis; segundo o estudioso anônimo, eles se comportam de modo muito passional, reagem de maneira imprevisível a mínimos estímulos estranhos, mas inevitáveis em qualquer ambiente de trabalho; demonstram estranhas preferências, talvez congênitas e ainda inexplicáveis, por algumas categorias mentais; até sua memória é incontrollável e excessiva; enfim, eles revelam nessas circunstâncias um *esprit de finesse* que, para fins de censura, é sem dúvida pernicioso.

Todavia resultados surpreendentes foram obtidos com a galinha doméstica, tanto que quatro escritórios experimentais foram sabidamente confiados a equipes de galináceos, sob a supervisão e o controle de funcionários de comprovada experiência. Além de serem facilmente encontradas e de terem um custo moderado, tanto em investimento inicial quanto em manutenção, as galinhas são

capazes de escolhas rápidas e seguras, limitam-se escrupulosamente aos esquemas mentais que lhes são impostos e, haja vista o seu caráter frio e tranqüilo e a sua memória evanescente, não são sujeitas a perturbações.

É opinião comum nesses ambientes que, dentro de poucos anos, o método será estendido a todos os departamentos de censura do país.

Verificado pela censura:



O Versificador

PERSONAGENS

O poeta

A secretária

O sr. Simpson

O Versificador

Giovanni

PRÓLOGO

Porta que se abre e fecha; entra o poeta.

SECRETÁRIA: Bom dia, mestre.

POETA: Bom dia, senhorita. Bela manhã, hein? A primeira depois de um mês de chuva. Pena que é preciso estar no escritório! Qual o programa para hoje?

SECRETÁRIA: Não há muita coisa: dois poemas conviviais, um poemeto para o matrimônio da condessa Dimitrópulos, quatorze inserções publicitárias e um cântico pela vitória do Milan, domingo passado.

POETA: Ninharia: antes da tarde terminamos tudo. Já ligou o Versificador?

SECRETÁRIA: Sim, já está quente. (*Leve zumbido.*) Podemos começar imediatamente.

POETA: Se não fosse ele... E pensar que a senhora era contra! Lembra dois anos atrás, que esforço, que trabalho extenuante?

Zumbido.

O VERSIFICADOR

Ouve-se em primeiro plano o matraquear de uma máquina de escrever.

POETA (*fala para si, entediado e apressado*): Ufa! Isso nunca termina. Mas que trabalho! Nunca um momento de livre inspiração. Epitalâmios, poesia publicitária, hinos sacros... o dia todo é assim. Acabou de copiar, senhorita?

SECRETÁRIA (*continua a datilografar*): Um instante.

POETA: Por favor, ande depressa.

SECRETÁRIA (*continua datilografando com violência por poucos segundos, depois arranca a folha da máquina*): Aqui está. Só mais um segundo, para reler.

POETA: Deixe assim, depois eu releio e faço as correções. Agora ponha outra folha na máquina, duas cópias, espaço duplo. Vou ditar diretamente, assim fazemos mais rápido; os funerais são amanhã, e não podemos perder tempo. Aliás, coloque na máquina aquele papel timbrado, com a tarja de luto, você sabe, aquele que mandamos imprimir para a morte do arquiduque da Saxônia. Tente não cometer erros, assim talvez não seja necessário recopiar.

SECRETÁRIA (*executa: caminha, remexe numa gaveta, põe os papéis na máquina*): Pronto. Pode ditar.

POETA (*liricamente, mas sempre com pressa*): “Lamento em morte do marquês Sigmund von Ellenbogen, prematuramente falecido”. (*A secretária bate.*) Ah, quase me esqueço. Eles querem em oitavas.

SECRETÁRIA: Em oitavas?

POETA (*com desprezo*): Sim, sim, oitavas, com rima e tudo. Desloque a tabulação. (*Pausa: está buscando inspiração.*) Mmm... bem, escreva:

Áridos campos, céus e sol escuros

Já todos sem ti, marquês Sigismundo...

(*A secretária bate.*) Ele se chamava Sigmund, mas devo chamá-lo Sigismundo, é claro; senão, adeus rimas. Diacho de nomes ostrogodos. Espero que eles aceitem. De resto, aqui está a árvore genealógica... “Sigismundus”, sim, estamos no caminho certo. (*Pausa.*) Escuros, futuros... Senhorita, me passe o rimário. (*Consultando o rimário.*) “Escuros: maduros, furos, esconjuros, morituros...”, o que será esse “morituros”?

SECRETÁRIA (*eficiente*): Derivado do verbo “morrer”, suponho.

POETA: Pronto, achei. “Juros”... não, não presta. “Muros.” (*Liricamente*) “Povo de França, avante contra os muros!”... Mas o que é que eu estou dizendo? “Futuros.” (*Meditabundo.*)

... Pois antes que outro surja nos futuros...

(*A secretária bate poucas vezes*). Não, espere, é só uma tentativa. Nem uma tentativa: é uma idiotice. Por acaso ele vai ressuscitar? Vamos, cancele. Aliás, troque de papel. (*Com cólera repentina*) Chega! Jogue fora tudo. Já me enchi desse trabalho sujo: eu sou um poeta, um poeta premiado, não um borra-botas. Não sou um menestrel. Vá pro diabo o marquês, o epicédio, o epinício, o lamento, o Sigismundo. Não sou um versificador. Vamos, escreva: “Herdeiros von Ellenbogen, endereço, data etc. Vimos por meio desta falar-vos a respeito da vossa gentil solicitação de um lamento fúnebre, na data tal e tal, a qual vos agradecemos com imenso respeito. Infelizmente, devido a compromissos inesperados e urgentes, vemo-nos obrigados a declinar da encomenda...”.

SECRETÁRIA (*interrompendo*): Mestre, me perdoe, mas... o senhor não pode recusar a encomenda. Aqui está, nos nossos registros, o recebimento da antecipação... há inclusive uma penalidade, não se lembra?

POETA: É verdade, a multa: estamos feitos. Poesia! Ugh, bela prisão. (*Pausa: em seguida, com brusca decisão*) Ligue para o sr. Simpson, por favor.

SECRETÁRIA (*surpresa e contrariada*): Simpson? O agente da NATCA? Aquele das máquinas para escritório?

POETA (*brusco*): Esse mesmo. Não há outro.

SECRETÁRIA (*faz a chamada*): O sr. Simpson, por favor?... Sim, espero.

POETA: Diga a ele que venha logo, e com os prospectos do Versificador. Aliás, melhor, me passe a ligação: quero falar pessoalmente.

SECRETÁRIA (*sussurrando, de má vontade*): Quer comprar aquela máquina?

POETA (*sussurrando, mais calmo*): Não fique de mau humor, senhorita, nem meta idéias erradas na cabeça. (*Persuasivo*) Não se pode ficar para trás, é perfeitamente compreensível. Precisamos acompanhar os tempos. Eu também não gosto, lhe garanto, mas a certa altura é necessário tomar uma decisão. De resto, não se preocupe: nunca lhe faltará trabalho. Lembra, três anos atrás, quando compramos a calculadora?

SECRETÁRIA (*ao telefone*): Sim, senhorita. Por gentileza, pode me passar o sr. Simpson? (*Pausa*) Sim, é urgente. Obrigada.

POETA (*continuando, com voz baixa*): E então, como se sente hoje? Passaria sem ela? Não, não é mesmo? É um instrumento de trabalho como outro qualquer, como o telefone, o mimeógrafo. No nosso trabalho o fator humano é e sempre será indispensável; mas temos concorrentes, e por isso devemos confiar às máquinas os trabalhos mais ingratos, mais cansativos. Justamente as tarefas mais mecânicas...

SECRETÁRIA (*ao telefone*): Sr. Simpson, é o senhor? Espere um instante, por gentileza. (*Ao poeta*) O sr. Simpson está na linha.

POETA (*ao telefone*): Simpson, como vai? Ouça: se lembra daquele anúncio que você me trouxe... espere... no final do ano passado?... (*Pausa*) Sim, exatamente, o Versificador, aquele modelo para usos civis: você me falou dele com um certo entusiasmo... veja se consegue um para mim. (*Pausa*) Sei, entendo: mas agora talvez tenha chegado o tempo. (*Pausa*) Ótimo; sim, é bastante urgente. Dez minutos? Gentileza sua — eu o espero aqui, no meu escritório. Até já. (*Coloca o fone no gancho; à secretária*) É um homem extraordinário, esse Simpson, um representante de classe, de uma eficiência rara. Sempre à disposição dos clientes, a qualquer hora do dia ou da noite: nem sei como ele consegue. Pena que tenha pouca experiência no nosso ramo, senão...

SECRETÁRIA (*hesitante, cada vez mais comovida*): Mestre... eu... eu trabalho com o senhor há quinze anos... me perdoe por dizer, mas... em seu lugar eu não faria isso. Não digo por mim, sabe: mas um poeta, um artista como o senhor... como pode resignar-se a pôr em casa uma máquina... moderna, concordo, mas que será sempre uma máquina... como poderá ter o seu gosto, a sua sensibilidade... Estávamos tão bem, nós dois, o senhor ditando e eu escrevendo... e não só escrevendo, todos podem escrever, mas também cuidando dos seus trabalhos como se fossem meus, passando-os a limpo, retocando a pontuação, alguma concordância (*confidencial*), até uns errinhos de sintaxe, entende? Todos podem se distrair um dia...

POETA: Ah, é claro que eu a entendo. Também para mim é uma escolha dolorosa, cheia de dúvidas. Existe uma alegria no nosso trabalho, uma felicidade profunda, diferente de todas as outras, a felicidade de criar, de tirar do nada, de ver a coisa nascer na nossa frente, aos poucos ou de repente, como por encanto, algo de

novo e de vivo que não existia antes... (*Subitamente frio*) Tome nota, senhorita: “como por encanto, algo de novo e de vivo que não existia antes, pontinhos” — sempre pode servir.

SECRETÁRIA (*muito comovida*): Já está feito, mestre. Sempre tomo nota, mesmo quando o senhor não me pede. (*Chorando*) Eu conheço o meu ofício. Vamos ver se aquele outro, aquela coisa, saberá fazer o mesmo!

A campanha toca

POETA: Adiante!

SIMPSON (*vivaz e jovial; leve sotaque inglês*): Aqui estou: em tempo recorde, não é? Trouxe o anúncio, o informe publicitário e as instruções para o uso e a manutenção. Mas não é só isto; aliás, falta o essencial. (*Teatral*) Um momento! (*Dirigindo-se à porta*) Em frente, Giovanni. Traga-o para cá. Cuidado com o degrau. (*Ao poeta*) Sorte que estamos no térreo! (*Ruído de carrinho se aproximando.*) Aqui está, para o senhor: o meu exemplar pessoal. Mas no momento não preciso dele: estamos aqui para trabalhar, não é?

GIOVANNI: Onde está a tomada?

POETA: Aqui, atrás da escrivaninha.

SIMPSON (*rapidamente*): Duzentos e vinte volts, cinqüenta períodos, confere? Perfeito. Aqui está a tomada. Cuidado, Giovanni: sim, ali no tapete ficará ótimo, mas ele pode ser colocado em qualquer canto; não vibra, não esquenta e não faz mais barulho que uma lavadora. (*Dá um tapinha no tampo.*) Bela máquina, sólida. Projetada sem economia. (*A Giovanni*) Obrigado, Giovanni, pode ir. Aqui está a chave, pegue o carro e volte para o escritório; ficarei aqui a tarde toda. Se alguém me procurar, ligue para cá. (*Ao poeta*) O senhor permite, não é mesmo?

POETA (*com um certo constrangimento*): Sim, claro. Você... fez bem em trazer o aparelho: eu não teria ousado incomodá-lo tanto. Eu é que devia ter ido. Mas... ainda não estou decidido a comprar; você me entende, eu queria antes de tudo ter uma idéia concreta da máquina, de como funciona, e também... saber quanto custa.

SIMPSON (*interrompe*): Sem compromisso, sem compromisso, claro! Sem o mínimo compromisso de sua parte. Uma demonstração gratuita, em nome da amizade: a gente se conhece há tanto tempo, não? Além disso, não esqueço certos serviços que o senhor nos prestou, aquele slogan para a nossa primeira calculadora

eletrônica, a Lightning, se lembra?

POETA (*lisonjeado*): Mas claro!

Se não há cálculo o bastante, Se a razão não nos contenta
esta máquina compensa

SIMPSON: Sim, esse mesmo. Há quanto tempo! O senhor teve toda a razão em cobrar caro: nos rendeu dez vezes mais do que custou. O que é justo é justo: as idéias se pagam. (*Pausa: barulho crescente do Versificador, que está esquentando...*) Pronto, está esquentando. Em poucos minutos, quando essa lampadinha se acender, poderemos começar. Enquanto isso, se me permite, direi algumas coisas sobre o funcionamento.

Primeiramente, que fique bem claro: isso não é um poeta. Se o senhor está buscando um autêntico poeta mecânico, deverá esperar ainda alguns meses: o protótipo já está em fase adiantada de testes em nossa matriz, em Fort Kiddiwanee, Oklahoma. Será batizado de The Troubadour, “o trovador”, uma máquina fantástica, um poeta mecânico *heavy-duty*, capaz de compor em todas as línguas européias vivas ou mortas, capaz de poetar ininterruptamente durante mil laudas, de -100° a $+200^{\circ}$ Celsius, em qualquer clima e até debaixo d’água e no vácuo. (*Em voz baixa*) Seu uso está previsto no projeto Apollo: será o primeiro a cantar as solidões lunares.

POETA: Não, não creio que me interessará: é muito complicado e, de resto, eu raramente trabalho em viagem. Estou quase sempre aqui, no escritório.

SIMPSON: Certo, certo. Só lhe disse a título de curiosidade. Veja, isto aqui é apenas um Versificador e, como tal, dispõe de menos liberdade: tem menos fantasia, digamos. Mas é o suficiente para trabalhos de rotina, e além disso, com um pouco de exercício da parte do operador, é capaz de verdadeiros prodígios.

Aqui está a fita, está vendo? Normalmente a máquina pronuncia as suas composições e simultaneamente as transcreve.

POETA: Como um teletipo?

SIMPSON: Exatamente. Mas, se for necessário — por exemplo, em casos de urgência —, é possível desinstalar a voz, o que torna a composição muito mais rápida. Este é o teclado: é semelhante aos dos órgãos e das linotipos. Aqui no alto (*aciona*) se coloca o assunto: três a quatro palavras já bastam. Estas teclas pretas são os registros: determinam o tom, o estilo e o “gênero literário”, como se dizia

antigamente. Finalmente, estas outras teclas definem a forma métrica. (*À secretária*) Aproxime-se, senhorita, é melhor que também acompanhe os procedimentos. Imagino que a operação da máquina ficará a seu cargo, não?

SECRETÁRIA: Não vou aprender nunca. É muito difícil.

SIMPSON: É verdade, todas as máquinas novas dão essa impressão. Mas é só uma impressão, lhe garanto: daqui a um mês a senhorita a usará como se guia um carro, pensando noutras coisas, talvez cantando.

SECRETÁRIA: Eu nunca canto quando estou no trabalho. (*Toca o telefone.*) Alô? Sim (*Pausa*). Sim, é aqui. Já passo a ele. (*A Simpson*) Sr. Simpson, é para o senhor.

SIMPSON: Obrigado. (*Ao telefone*) Sou eu, sim. (*Pausa*) Ah, é o senhor, engenheiro? (*Pausa*) Como, está travando? Superaquecimento? Realmente é desagradável. Nunca vi um caso desses. Checou o painel de controle? (*Pausa*) Sim, não toque em nada, o senhor tem razão: mas todos os meus técnicos estão fora, é uma pena. Não pode esperar até amanhã? (*Pausa*) Claro, eu entendo. (*Pausa*) Sim, está na garantia, mas mesmo que não estivesse... (*Pausa*) Olhe, estou aqui perto; pego um táxi e em um minuto estarei aí. (*Desliga e diz ao poeta, nervoso e apressado*) Me perdoe, tenho que sair.

POETA: Espero que não seja nada grave.

SIMPSON: Oh, não é nada: uma calculadora, uma bobagem; mas, o senhor sabe, o cliente tem sempre razão. (*Suspira*) Mesmo quando é um chato e nos faz viajar dez vezes para nada. Olhe, vamos fazer o seguinte: eu deixo o aparelho com o senhor, pode usá-lo à vontade. Dê uma olhada nas instruções e experimente, divirta-se.

POETA: E se eu o danificar?

SIMPSON: Não tenha medo. É muito resistente, *foolproof*, diz o folheto americano: “à prova de tolos”... (*embaraçado: se deu conta da gafe*) sem ofensas, o senhor me entende. Há inclusive um mecanismo de bloqueio nos casos de mau uso. Mas o senhor verá como é fácil. Estarei de volta daqui a uma hora ou duas: até já. (*Sai.*)

Pausa: o Versificador ronca mais forte.

POETA (*lê o manual gaguejando*): Voltagem e frequência... sim, está *ok*. Inserção do assunto... dispositivo de bloqueio... está claro. Lubrificação... substituição da fita... longa inatividade... coisas que podemos ver depois. Registros... ah, isso é interessante, é o essencial. Está vendo, senhorita? São quarenta: aqui está a chave

das siglas. EP, EL (elegíaco, imagino: sim, elegíaco), SAT, MYT, JOC (o que é esse JOC? Ah, sim, *jocundo*, jocoso), DID...

SECRETÁRIA: DID?

POETA: Didático: muito importante. PORN... (*A secretária se sobressalta.*) “Instalação”: não parece, mas é de uma simplicidade extrema. Até uma criança saberia usá-lo. (*Cada vez mais entusiasmado*) Veja, basta inserir aqui as “instruções”: são só quatro linhas. A primeira para o assunto, a segunda para os registros, a terceira para a forma métrica, a quarta (que é facultativa) para a determinação temporal. O resto é feito por ele: é maravilhoso!

SECRETÁRIA (*desafiadora*): Por que não tenta?

POETA (*com urgência*): Claro que vou tentar. Aqui está: LYR, PHIL (*dois solavancos*); *terza rima*, decassílabos (*solavanco*), século XVII. (*Solavanco. A cada solavanco, o ronco da máquina se torna mais forte e muda de tom.*) Vamos lá!

Chiado de cigarra; três sinais breves e um longo. Descargas, sobressaltos, e então a máquina se põe em movimento com chiados rítmicos semelhantes aos das calculadoras elétricas quando operam as divisões.

VERSIFICADOR (*voz metálica fortemente distorcida*):

Bru bru bru bru bru bru bru bru endes

“ “ “ “ “ “ “ “ “ ado

“ “ “ “ “ “ “ “ “ endes

Bla bla bla bla bla bla bla bla ado

“ “ “ “ “ “ “ “ “ ento

“ “ “ “ “ “ “ “ “ ado

Forte solavanco; silêncio, só o ronco de fundo.

SECRETÁRIA: Belo resultado! Ele só faz as rimas; o resto o senhor tem de completar. Não lhe disse?

POETA: Bem, é uma primeira tentativa. Talvez eu tenha feito algo errado. Um momento. (*Folheia o manual.*) Deixe-me ver. Ah, claro, que tolice! Tinha esquecido o mais importante: inseri tudo, menos o assunto. Vamos resolver isso já. “Assunto...”: que assunto escolhemos? “Limites do engenho humano.”

Solavanco, cigarra: três sinais breves e um longo.

VERSIFICADOR (*voz metálica, menos distorcida que antes*):

Cérebro tolo, a que teu arco tendes?

A que, se no trabalho em que és versado

Consomes dia e noite e não entendes?

Mentiu, mentiu quem te chamou sagrado

O desejo de ter conhecimento,

Que sumo amaro é o mel mais delicado.

Forte solavanco; silêncio.

POETA: Bem melhor, não acha? Deixe-me ver a fita. (*Lendo*) “... no trabalho em que és versado...” “o desejo de ter conhecimento...” Não está mau, acredite em mim: conheço vários colegas que não se saíam melhor. Obscuro, mas não muito; sintaxe e prosódia em ordem, um pouco rebuscadas, é verdade, mas não mais do que faria um bom seiscentista.

SECRETÁRIA: Não vá me dizer que essa coisa é genial.

POETA: Genial, não, mas comerciável. Mais que suficiente para os objetivos práticos.

SECRETÁRIA: Posso ver também? “Quem te chamou sagrado...” mmm... “que sumo amaro é o mel mais delicado.” “Sumo amaro.” Amaro. Nunca ouvi: isso não está correto. O certo é amargo.

POETA: Deve ser uma licença poética. Por que ele não deveria ousar? Aliás, espere: há uma nota aqui, na última página. Ouça o que diz: “*Licenças*. O Versificador possui o léxico oficial completo da língua para a qual foi projetado, empregando as acepções normais de cada vocábulo. Quando a máquina é solicitada a compor em rima, ou sob qualquer outro vínculo de forma...”.

SECRETÁRIA: O que significa “vínculo de forma”?

POETA: Sei lá, talvez assonâncias, aliterações etc.: “... sob qualquer outro vínculo de forma, ela procura automaticamente entre os vocábulos registrados no léxico, escolhe inicialmente os mais próximos quanto ao significado e, em torno destes, constrói os versos relativos. Se nenhum dos vocábulos se adequar, a máquina recorre às licenças, isto é, deforma os vocábulos escolhidos ou inventa novos. O

grau de ‘licenciosidade’ da composição pode ser determinado pelo operador, mediante o dial vermelho que se encontra à esquerda, no interior do cárter”. Vamos ver...

SECRETÁRIA: Está aqui atrás, meio escondido. Tem uma escala de um a dez.

POETA (*continua lendo*): “Ele...” Ele, quem? Perdi o fio. Ah, sim, o grau de *licenciosidade*: em nossa língua isto soa um tanto estranho. “Ele vem normalmente limitado entre dois e três graus da escala; no máximo de abertura, obtêm-se efeitos poéticos notáveis, mas utilizáveis apenas como efeitos especiais.” Fascinante, não acha?

SECRETÁRIA: Humm... imagine onde isso iria acabar: uma poesia toda feita de licenças!

POETA: Uma poesia toda feita de licenças... (*Tomado de curiosidade pueril.*) Ouça: a senhorita pense o que quiser, mas eu gostaria de experimentar. Estamos aqui para isso, não? Para medir os limites do aparelho, para ver como ele se comporta. Todos conseguem lidar com temas fáceis. Vamos pensar: intuito... fortuito, circuito — não, é muito fácil. Bigorna: retorna, morna. Alabastro: não, não, astro, mastro, poetastro. Ah, já sei (*para a máquina, com uma alegria maligna*): “O Batráquio” (*solavanco*), oitava rima, redondilha maior (*solavanco*); gênero... DID, sim, vamos no DID.

SECRETÁRIA: Mas é um tema... um pouco árido, acho.

POETA: Nem tanto: Victor Hugo, por exemplo, tirou bom proveito dele. Botão vermelho no máximo... pronto. Vamos lá!

Cigarra: três sinais breves e um longo.

VERSIFICADOR (voz metálica estridente; menos rápido que de costume):

Rã é um tipo de batráquio

Útil anfíbio, mas feio.

(*Pausa, turbulências; voz distorcida: “feio, permeio, volteio, inveio, morteio, cloreio, bloqueio, iodeio, radeio, sorteio, torneio...” dissolvendo-se entre estertores. Silêncio; depois recomeça.*)

Nas lagoas se escondáquio,

Ao vê-lo morro e esperneio.

Ventre rugoso e o costáquio,

Mas devora os vermes, creio!

(Pausa; em seguida, com evidente alívio)

Vê como em mísera tela

Virtude sempre se vela.

SECRETÁRIA: Pronto: agora o senhor já tem o que queria. É francamente detestável, me dá náuseas. Um ultraje; agora o senhor está contente?

POETA: É um ultraje, mas engenhoso. Interessantíssimo. Percebeu como ele se recuperou no dístico final, quando se viu livre das armadilhas? Humano, sem tirar nem pôr. Mas voltemos aos esquemas clássicos: licenças limitadas. Vamos tentar com a mitologia? Não por capricho, só para checar se a cultura geral corresponde à que é descrita no folheto. A propósito, por que Simpson está demorando tanto?... Vamos ver... pronto: “Os sete contra Tebas” (*solavanco*); MYT (*solavanco*); métrica variável (*solavanco*); século XIX. Vai!

Cigarra: três sinais breves e um longo.

VERSIFICADOR (*voz cavernosa*):

Era duro o rochedo, como a alma

Da gigantesca armada.

Jamais se assistiu tamanha batalha.

e foram os primeiros

Que cortaram a espera:

A terra retumba sob os seus passos,

E freme o mar, e o grande céu reboa.

POETA: O que lhe parece?

SECRETÁRIA: Meio genérico, não acha? E aqueles dois buracos que ele deixou?

POETA: Me perdoe, mas a senhorita sabe o nome dos Sete contra Tebas? Não, não é mesmo? Mas no entanto tem diploma em letras e quinze anos de prática profissional. De resto, nem eu sei. Portanto é mais que normal que a máquina tenha deixado os dois espaços em branco. Mas observe: são dois espaços suficientes para abrigar dois nomes de quatro sílabas ou um de cinco e outro de três, como a maioria dos nomes gregos. Quer pegar o dicionário mitológico, por favor?

SECRETÁRIA: Aqui está.

POETA (*procurando*): Radamanto, Sêmele, Tisbe... achei; “Tebas, os Sete contra” — quer apostar que encaixaremos dois nomes nele? Veja: “Hipómedon e Capâneo foram os primeiros”; “Hipómedon e Anfiarau foram os primeiros”; “Polinice e Adastro foram os primeiros” — e por aí vai. É só escolher.

SECRETÁRIA (*pouco convencida*): Certo. (*Pausa.*) Posso lhe pedir um favor?

POETA: Claro. De que se trata?

SECRETÁRIA: Gostaria de escolher um tema para a máquina.

POETA: Sem dúvida, fique à vontade. Pode testar — aliás, deve. Pronto, sente-se aqui, no meu lugar; já conhece as manobras, não?

Cadeiras afastadas.

SECRETÁRIA: “Tema livre”.

Solavanco.

POETA : Tema livre. Só essa informação?

SECRETÁRIA: Mais nada. Quero ver o que acontece. Vamos!

Cigarra: três sinais breves e um longo.

VERSIFICADOR (*voz altissonante, de “Em breve nos cinemas”*):

Uma mulher para levar pra cama...

A secretária solta um grito agudo, como se tivesse visto um rato, e aciona o interruptor; forte solavanco, a máquina se cala.

POETA (*com raiva*): Mas o que está havendo? Ligue de novo o aparelho: quer estragar tudo?

SECRETÁRIA: Ele me ofendeu! Está se referindo a mim... essa coisa!

POETA: Deixe de bobagens! Por que você acha isso?

SECRETÁRIA: Não há outras mulheres nesta sala. É de mim que ele está falando. É um canalha, um imoral.

POETA: Vamos, se acalme, não banque a histérica. Deixe que fale. É uma

máquina, esqueceu? Não me parece que haja o que temer de uma máquina — pelo menos não nesse aspecto. Vamos, seja razoável, tire as mãos do interruptor. Parecia tão bem encaminhado. Ah, ótimo!

Solavanco; de novo a cigarra: três sinais breves e um longo.

VERSIFICADOR:

Uma mulher para levar pra cama:
Me dizem, não há nada mais bacana.
Não vejo a hora de fazer um teste,
Para mim, que novidade celeste!
Mas para ela, coitada, que tortura!
Esta minha estrutura é muito dura.
Bronze, cobre e aço, tudo confuso:
Estende a mão e encontra um parafuso;
Estende os lábios e encontra um bosão;
Me aperta ao peito e leva um repelão.

Solavanco; silêncio.

SECRETÁRIA (*suspira*): Coitadinho!

POETA: Está vendo? Vamos, admita: também ficou emocionada. Uma vivacidade, uma espontaneidade que... Vou comprar essa máquina. Não perco essa oportunidade.

SECRETÁRIA (*relendo o texto*):

... aço, tudo confuso:
Estende a mão e encontra um parafuso;
Estende os lábios e encontra um bosão...

Sim, é divertido. Imita bem... simula bem o comportamento humano. "... e encontra um bosão"; o que é um bosão?

POETA: Um bosão? Vou checar. "Bosão..." Nunca ouvi esse termo. O dicionário diz: "Borrão", mancha de tinta. "Botão", a flor, antes de desabrochar por completo. Não tem — o que será que ele quis dizer?

Campainha.

SECRETÁRIA (*indo abrir*): Boa noite, sr. Simpson.

POETA: Boa noite.

SIMPSON: Aqui estou: foi rápido, não? Como vão os testes? Satisfeito? E a senhorita?

POETA: Na verdade, não é ruim: bem razoável. Aliás, dê uma olhada neste texto: há uma palavra estranha, que não conseguimos decifrar.

SIMPSON: Vamos ver: "... Para mim, que novidade...".

POETA: Não, mais embaixo; aqui, no final: "e encontra um bosão". Não faz sentido nem consta do dicionário: já checamos. Só por curiosidade, não é uma crítica.

SIMPSON (*lendo*): "Estende os lábios e encontra um bosão/ Me aperta ao peito e leva um repelão". (*Com benevolência simpática.*) Claro, já explico. É um jargão de fábrica; como se sabe, todas as oficinas criam um jargão específico. É o jargão da oficina onde nasceu. Na sala de montagem da NATCA local, aqui em Olgiate Comasco, chamam as escovas metálicas de "bosão". Este modelo foi montado e terminado em Olgiate, e pode ter ouvido o termo. Ou melhor: não ouviu, mas foi instruído.

POETA: Instruído? Por quê?

SIMPSON: É uma inovação recente: todos os nossos aparelhos (e também os da concorrência, claro) podem apresentar problemas. Ora, os nossos técnicos pensaram que a solução mais simples seria condicionar as máquinas a conhecer o nome de todos os seus componentes; assim, em caso de defeito, poderão solicitar diretamente a substituição da peça defeituosa. De fato o Versificador contém duas escovas metálicas, ou seja, dois bosões, inseridos sobre os eixos do porta-cassete.

POETA: Realmente engenhoso. (*Ri.*) Espero não precisar recorrer a essas habilidades do aparelho.

SIMPSON: O senhor disse "espero"? Então devo deduzir... que o senhor... em suma, que as suas impressões foram favoráveis?

POETA (*de repente se torna muito formal*): Ainda não decidi. Favorável ou não, podemos falar sobre isso, mas... somente com a garantia nas mãos.

SIMPSON: Gostaria de fazer outros testes? Talvez algum tema realmente difícil, que se preste a um desenvolvimento conciso e brilhante? Porque esses são os testes mais convincentes, sabe?

POETA: Espere, deixe-me pensar. (*Pausa*) Por exemplo... Ah, sim, senhorita, se lembra daquela encomenda... acho que é de novembro; aquela encomenda do sr. Capurro...

SECRETÁRIA: Capurro? Um instante, vou buscar a ficha. Aqui está. Cavalheiro Francesco Capurro, Gênova. Pedia um soneto, *Outono em Ligúria*.

POETA (*severo*): Encomenda nunca atendida, certo?

SECRETÁRIA: Sim, isso mesmo. Respondemos pedindo um prazo maior.

POETA: E depois?

SECRETÁRIA: Depois... o senhor sabe, com todo o trabalho que temos nas festas de fim de ano...

POETA: Exato. É assim que se perdem os clientes.

SIMPSON: Está vendo? A utilidade do Versificador fala por si. Pense: vinte e oito segundos para um soneto, o tempo de pronunciá-lo, naturalmente, porque o tempo de composição é imperceptível, uma fração de segundo.

POETA: Então estávamos falando... Ah, sim, *Outono em Ligúria*, por que não?

SIMPSON (*com suave ironia*): Unindo o útil ao agradável, não é?

POETA (*irritado*): Absolutamente! É só uma prova prática: gostaria de vê-lo em meu lugar, num caso concreto, ordinário, como os que surgem trezentas vezes ao ano.

SIMPSON: Claro, claro: estava brincando. Então, quer começar?

POETA: Sim, acho que já aprendi. *Outono em Ligúria* (*solavanco*); decassílabos, soneto (*solavanco*); EL (*solavanco*); ano 1900 mais ou menos 20. Vai.

Cigarra: três sinais breves e um longo.

VERSIFICADOR (*voz calorosa e inspirada; em seguida, cada vez mais agitada e ansiosa*):

Adoro refazer estes antigos

Passeios frescos, de lajedos tortos

Prenhes no outono do aroma dos figos

E do musgo entranhado nesses hortos.

Sigo os caminhos cegos dos lagartos,

Sigo o secreto trânsito dos gatos,

Piso vestígios de distantes fatos,

De gestos foscos e atos insensatos,
De monges, devotos, intimoratos
E me vêm à memória, caricatos,
Recordos de brevíssimos contatos
Com hereges e eruditos cordatos
Dois ligamentos foram apagatos
Estamos parados na rima em “atos”
E nos transformamos em mentecatos
Senhor Simpsão, apressa-te aos combatos
Maneja os instrumentos adequatos
Altera os ligamentos indicatos
Oito mil seiscentos e dezesatos
Fazer reparação. Muito obrigatos.

Ronco forte, estalos, assobios, solavancos, crepitações.

POETA (*gritando para ser ouvido*): Que diabos está acontecendo?

SECRETÁRIA (*muito assustada, saltita pela sala*): Socorro, socorro, está queimando. Vai pegar fogo. Vai explodir! Vamos chamar o electricista. Não, os bombeiros. O pronto-socorro! Vou-me embora!

SIMPSON (*também nervoso*): Um momento. Calma, por favor, se acalme, senhorita: sente-se aqui na poltrona, tente ficar em silêncio e não me deixe confuso. Pode ser uma ninharia; na pior das hipóteses (*estalo*), pronto, tiramos da tomada, agora estamos seguros. (*Cessa o barulho.*) Vejamos... (*maneja instrumentos metálicos*) já tenho alguma prática nisso... (*continua reparando*), quase sempre se trata de um incidente bobo, que se conserta com ferramentas comuns... (*Triunfante*) Pronto, não disse? Aqui está: um simples fusível.

POETA: Um fusível? Com menos de meia hora de funcionamento? Não é muito animador.

SIMPSON (*incomodado*): Os fusíveis existem para isso, não? A questão é outra: não há um estabilizador de voltagem, que é indispensável. Não foi esquecimento meu: eu não tenho um no momento, mas não queria privá-lo da possibilidade de testar o aparelho. Não importa, em poucos dias estarei recebendo uma remessa. Como o

senhor pode ver, o aparelho continua funcionando perfeitamente, mas está vulnerável aos picos de tensão — que não deveriam existir, mas existem, especialmente nesta estação do ano e neste horário, como acabamos de comprovar.

No entanto acho que esse episódio deve ter eliminado qualquer dúvida relativa às possibilidades poéticas do aparelho.

POETA: Não entendi. Como assim?

SIMPSON (*mais suave*): Talvez o senhor não tenha percebido: ouviu como ele me chamou? “Senhor Simpsão, apressa-te...”

POETA: E daí? Deve ser uma licença poética: não estão registradas no manual as regras para as licenças, o grau de licenciosidade etc.?

SIMPSON: Não, me desculpe. Trata-se de outra coisa. Ele alterou o meu nome para “Simpsão” por motivos bem precisos. Devo até dizer que o retificou, porque (*com orgulho*) “Simpson” remonta etimologicamente a Sansão, na sua forma hebraica “Shimshon”. Obviamente a máquina não tinha conhecimento desse fato; mas, naquele momento de angústia, pressentindo aumentar rapidamente a amperagem, sentiu a necessidade de uma proteção qualquer, de um socorro, e assim estabeleceu uma ligação entre o protetor antigo e o moderno.

POETA (*com profunda admiração*): Uma ligação... poética!

SIMPSON: Se isso não for poesia, o que é?

POETA: Sim... sim, é convincente, não há o que contestar. (*Pausa*) E... (*com falso constrangimento*) voltando a questões mais terrenas, mais prosaicas... podemos rever aquele seu orçamento?

SIMPSON (*radiante*): É claro. Mas, infelizmente, não há muito que rever. O senhor conhece os americanos: com eles não se barganha.

POETA: Dois mil dólares, não é, senhorita?

SECRETÁRIA: Hum, realmente... não me lembro, não me lembro...

SIMPSON (*ri cordialmente*): O senhor está brincando? Dois mil e setecentos, CIF Gênova, frete incluso, mais alfândega de doze por cento; com todos os acessórios; entrega em quatro meses, exceto em casos de força maior. Cinquenta por cento de entrada e o restante financiável; garantia de doze meses.

POETA: Descontos para antigos clientes?

SIMPSON: Não, não posso, acredite: eu arriscaria meu emprego. Desconto de dois por cento, renunciando à metade da minha comissão — é tudo o que eu posso fazer

pelo senhor.

POETA: Você é jogo duro. Tudo bem, hoje não quero discutir: me passe o contrato, é melhor que eu assine antes que mude de idéia.

Fundo musical

POETA (*ao público*): Possuo o Versificador há mais de dois anos. Não posso dizer que já amortizei o investimento, mas ele se tornou indispensável. Mostrou-se muito versátil: além de incumbir-se de boa parte do meu trabalho de poeta, faz a contabilidade e os pagamentos, me informa sobre os vencimentos e mantém em dia a correspondência. Eu o ensinei a compor em prosa, e agora ele se sai muito bem nisso. O texto que vocês ouviram, por exemplo, é obra dele.

Borboleta angélica

Estavam sentados no jipe, imóveis e silenciosos: moravam juntos havia dois meses, mas não tinham muita intimidade. Naquele dia era o francês que guiava. Percorreram o Kurfürstendamm sacolejando no pavimento desconjuntado, dobraram na Glockenstrasse contornando cuidadosamente uma pilha de escombros e seguiram por ela até a altura da Magdalene: aqui uma cratera de bomba barrava a estrada, cheia de água barrenta; de um duto subterrâneo o gás borbulhava em grandes bolhas viscosas.

“É mais adiante, no número 26”, disse o inglês; “vamos prosseguir a pé.”

A casa do número 26 parecia intacta, mas estava quase isolada. Era circundada por terrenos baldios, limpos de escombros; o capim já crescia, e aqui e ali germinava uma horta raquítica.

A campainha não funcionava; bateram várias vezes sem sucesso, depois forçaram a porta, que cedeu ao primeiro empurrão. Dentro havia poeira, teias de aranha e um cheiro pungente de mofo. Vamos ao primeiro andar — disse o inglês. No primeiro andar encontraram a placa “Leeb”; havia duas fechaduras, e a porta era robusta — resistiu longamente aos seus esforços.

Quando entraram, viram-se no escuro. O russo acendeu uma lanterna e em seguida abriu uma janela; ouviu-se uma rápida fuga de ratos, sem que se vissem os bichos. O quarto estava vazio: nenhum móvel. Havia apenas um andaime tosco e duas varas robustas, paralelas, que corriam horizontalmente de uma parede a outra, a dois metros do piso. O americano tirou três fotos de diversos ângulos e fez um rápido esboço.

No chão havia uma camada de trapos imundos, papéis, ossos, plumas, cascas de

fruta; grandes manchas vermelho-escuras, que o americano raspou meticulosamente com uma lâmina, recolhendo o pó num tubinho de vidro. Num canto, um montinho de matéria indefinível, branca e cinza, seca: cheirava a amônia e a ovo podre, e pululava de vermes. “Herrenvolk!”, disse o russo com desprezo (falavam alemão entre eles); o americano também recolheu uma amostra do material.

O inglês apanhou um osso, levou-o à janela e o examinou com atenção. “São de que animal?”, perguntou o francês. “Não sei”, disse o inglês, “nunca vi um osso como este. Parece de um pássaro pré-histórico; mas esta crista só se encontra... bem, será preciso fazer uma secção sutil.” Em sua voz havia asco, ódio e curiosidade.

Recolheram todos os ossos e os levaram para o jipe. Ao redor do veículo havia uma pequena multidão de curiosos: um menino subira no carro e vasculhava embaixo dos bancos. Quando viram os quatro soldados, se afastaram depressa. Conseguiram deter apenas três deles: dois velhos e uma jovem. Foram interrogados: não sabiam de nada. O professor Leeb? Não conheciam. A sra. Spengler, do térreo? Morreram nos bombardeios.

Subiram no jipe e ligaram o motor. Mas a jovem, que já estava indo embora, voltou e perguntou: “Vocês têm cigarros?”. Tinham. A jovem disse: “Quando fizeram a festa com os bichos do doutor Leeb, eu estava lá”. Colocaram-na no jipe e a conduziram ao Comando dos Quatro.

“Então a história era mesmo verdadeira?”, indagou o francês.

“Parece”, respondeu o inglês.

“Um belo trabalho para os especialistas”, disse o francês apalpando o saco de ossos, “mas também para nós: agora devemos redigir o relatório, não há saída. Trabalho infame!”

Hilbert estava furioso: “Guano”, disse. “Que mais vocês querem saber? De que pássaro? Perguntem a uma cartomante, não a um químico. Há quatro dias venho quebrando a cabeça com os seus achados nojentos; que me enforcem se o diabo em pessoa souber algo mais. Tragam-me outras amostras: guano de albatroz, de pingüins, de gaivotas; aí poderei fazer comparações e quem sabe, com um pouco de sorte, voltemos a falar sobre isso. Eu não sou um especialista em guano. Quanto às

manchas no pavimento, encontrei vestígios de hemoglobina — mas, se me perguntarem a procedência, acabarei no quartel.”

“Por que no quartel?”, perguntou o comissário.

“No quartel, sim: porque, se alguém me perguntar isso, direi que é um imbecil, mesmo que seja meu superior. Há de tudo lá dentro: sangue, cimento, xixi de gato e de rato, chucrute, cerveja, em suma, a quintessência da Alemanha.”

O coronel ergueu-se pesadamente: “Por hoje basta”, disse. “Amanhã à noite vocês serão meus hóspedes. Encontrei um bom lugar no Grünewald, à beira do lago. Voltaremos a falar sobre o assunto quando estivermos lá, com os nervos mais relaxados.”

Era uma cervejaria muito freqüentada, onde se podia encontrar de tudo. Ao lado do coronel estavam Hilbert e Smirnov, o biólogo. Os quatro do jipe estavam sentados nas laterais da mesa; ao fundo, um jornalista e Leduc, do tribunal militar.

“Esse Leeb”, disse o coronel, “era um sujeito estranho. Como vocês sabem, sua época era propícia a teorias, e se a teoria estivesse em harmonia com o ambiente não era necessária muita documentação para que encontrasse boa acolhida e fosse aprovada, mesmo nos altos escalões. Mas Leeb era, a seu modo, um cientista sério: buscava os fatos, não o sucesso.”

“Ora, não esperem que eu lhes explique as teorias de Leeb nos mínimos detalhes: em primeiro lugar, porque só pude entendê-las do ponto de vista de um coronel; em segundo, porque, na condição de membro da Igreja presbiteriana... enfim, acredito na imortalidade da alma, e prezo muito a minha.”

“Ouça, chefe”, interrompeu Hilbert, obstinado, “ouça. Diga-nos o que sabe, por favor. Não é por nada, mas ontem fez três meses, e desde então não pensamos em outra coisa... enfim, me parece que chegou a hora de saber o jogo que estamos jogando. Até para podermos trabalhar com um pouco mais de inteligência, claro.”

“É mais que justo, e é por isso que estamos aqui esta noite. Mas não se espantem se apresento as coisas com uma certa distância. E você, Smirnov, me corrija se eu estiver delirando.

“É o seguinte. Em certos lagos do México vive um animalzinho de nome impronunciável, meio parecido com uma salamandra. Vive tranqüilo há não sei quantos milhões de anos, como se nada fosse, e no entanto é o agente responsável por uma espécie de escândalo biológico, porque se reproduz em estado larvar. Ora,

de acordo com o que me explicaram, isso é um fato gravíssimo, uma heresia intolerável, um golpe baixo da natureza contra os seus estudiosos e legisladores. Em suma, é como se uma lagarta, uma fêmea, copulasse com outra lagarta, fosse fecundada e depositasse seus ovos antes de se tornar borboleta. E dos ovos naturalmente nascessem outras lagartas. Então para que serve transformar-se em borboleta? Para que se tornar um ‘inseto perfeito’? Seria perfeitamente dispensável.

“De fato, o axolotle pode prescindir disso (esse é o nome do monstrinho, me esqueci de mencionar). Quase sempre pode prescindir: somente um em cada cem ou mil, talvez um exemplar mais longo, se transforma num animal diverso tempos depois de se ter reproduzido. Não faça essas caretas, Smirnov, ou então fale você. Cada um se exprime como pode e como sabe.”

Fez uma pausa. “Neotenia: é assim que se chama esse imbróglio, quando um animal se reproduz em estado de larva.”

O jantar havia terminado, e chegara a hora de fumar cachimbo. Os nove homens se transferiram para o terraço, e o francês disse: “Compreendo, tudo é muito interessante, mas não vejo a relação que...”

“Chegaremos lá. Falta ainda dizer que, há algumas décadas, parece que eles (e acenou na direção de Smirnov) conseguem manipular esses fenômenos, controlá-los em certa medida. Que, injetando nos axolotles extratos hormonais...”

“Extrato tireóideo”, especificou Smirnov, de má vontade.

“Obrigado. Com esse extrato tireóideo a mutação sempre ocorreria. Isto é, ocorreria antes da morte do animal. Isso é o que Leeb tinha em mente. Noutros termos: que essa condição não seria tão excepcional quanto parece, que outros animais — talvez muitos, quem sabe o próprio homem — talvez tenham alguma reserva, uma potencialidade, uma ulterior capacidade de desenvolvimento. Que, longe de qualquer suspeita, talvez estejam em estado de rascunho, de borrão, podendo transformar-se em ‘outros’ — e não o fazem somente porque a morte intervém antes. Enfim, que nós também seríamos neotênicos.”

“Em que bases experimentais?”, perguntou-se no escuro.

“Nenhuma, ou pouca. Consta de um longo manuscrito de Leeb, que foi arquivado: uma curiosa mistura de observações argutas, de generalizações temerárias, de teorias extravagantes e obscuras, de divagações literárias e mitológicas, de notas polêmicas e cheias de rancor, de elogios pegajosos a Pessoas

Muito Importantes da época. Não me surpreende que continue inédito. Há um capítulo sobre a terceira dentição dos centenários que contém inclusive uma curiosa casuística sobre calvos cujos cabelos voltam a crescer em idade avançadíssima. Um outro diz respeito à iconografia de anjos e demônios, dos sumérios a Melozzo da Forlí e de Cimabue a Rouault; contém uma passagem que me pareceu fundamental, em que, à sua maneira apodíctica e confusa, mas com insistência maníaca, Leeb formula a hipótese de que... enfim, que os anjos não seriam uma invenção fantasiosa, nem seres sobrenaturais, nem um sonho poético, mas são o nosso futuro, ou seja, aquilo em que nos transformaremos, em que poderíamos nos tornar se vivêssemos o bastante ou se nos submetêssemos às suas manipulações. De fato, o capítulo seguinte, que é o mais longo do tratado e que me pareceu o mais impenetrável, se intitula *Os fundamentos fisiológicos da metempsicose*. Um outro contém um programa de experiências sobre a alimentação humana — um projeto tão ambicioso que cem vidas não bastariam para realizá-lo. Nele se propõe submeter um vilarejo inteiro, por várias gerações, a regimes alimentares alucinados, à base de leite fermentado ou de ovas de peixe ou de cevada germinante ou de baba de algas: com exclusão rigorosa da exogamia, sacrifício de todos os indivíduos de sessenta anos (está escrito assim mesmo: ‘Opferung’) e sucessiva autópsia — que Deus o perdoe, se for possível. Há ainda, em epígrafe, uma citação da Divina comédia, em italiano, onde se trata de vermes, de insetos distantes da perfeição e de ‘borboletas angélicas’. Quase me esqueci: o manuscrito é precedido de uma epístola dedicatória, endereçada sabem a quem? A Alfred Rosenberg, o do *Mito do século XX*, e é seguido de um apêndice em que Leeb alude a um trabalho experimental ‘de caráter mais modesto’, iniciado por ele em março de 1943: um ciclo de experiências de caráter pioneiro e preliminar, desenvolvido (com as devidas precauções quanto à segurança) em um simples apartamento civil. O alojamento civil que lhe foi concedido para esse fim se situava no número 26 da Glockenstrasse.”

“Meu nome é Gertrud Enk”, disse a jovem. “Tenho dezenove anos e tinha dezesseis quando o doutor Leeb instalou seu laboratório na Glockenstrasse. Morávamos em frente, e da janela podíamos ver várias coisas. Em setembro de 1943, chegou uma caminhonete militar: desceram quatro homens fardados e

quatro em trajes civis. Eram muito magros e não levantavam a cabeça: dois homens e duas mulheres.

“Depois chegaram várias caixas, com a inscrição ‘Material de guerra’. Éramos muito prudentes e só olhávamos quando estávamos seguros de que ninguém perceberia, porque entendêramos que ali havia algo de pouco claro. Por muitos meses não aconteceu mais nada. O professor vinha sozinho, uma ou duas vezes por mês; só ou com os militares e membros do partido. Eu tinha muita curiosidade, mas meu pai sempre dizia: ‘Deixe estar, não se preocupe com o que se passa lá dentro. Nós, alemães, quanto menos coisas soubermos, melhor’. Depois vieram os bombardeios; a casa do número 26 ficou de pé, mas por duas vezes o deslocamento de ar rompeu as janelas.

“Na primeira vez, foi possível ver no quarto do primeiro andar as quatro pessoas deitadas no chão, em colchões de palha. Estavam cobertas como se fosse inverno, quando naqueles dias fazia um calor excepcional. Parecia que estavam mortas ou que dormiam: mas não deviam estar mortas, porque o enfermeiro que as acompanhava lia tranqüilamente o jornal enquanto fumava cachimbo; e, se estivessem dormindo, não teriam acordado com as sirenas que anunciavam o fim do ataque?

“Na segunda vez, no entanto, não havia nem colchões nem pessoas. Havia quatro tábuas postas de través, a meia altura, e quatro monstrengos pousados sobre elas.”

“Quatro monstrengos como?”, indagou o coronel.

“Quatro pássaros: pareciam águias, embora eu só tenha visto águias no cinema. Estavam assustados e davam gritos aterradores. Parecia que tentavam pular das tábuas, mas deviam estar acorrentados, porque nunca tiravam os pés dos apoios. Também pareciam tentar voar, mas com aquelas asas...”

“Como eram as asas?”

“Asas por modo de dizer, com poucas penas, e ralas. Pareciam... pareciam asas de um frango assado. Não se viam bem as cabeças, porque nossas janelas eram muito altas; mas não eram nada bonitas e causavam grande impressão. Pareciam cabeças de múmias expostas nos museus. Mas depois logo chegou o enfermeiro, que estendeu cobertores de modo que não se pudesse ver dentro. No dia seguinte as janelas já estavam reparadas.”

“E depois?”

“Depois mais nada. Os bombardeios eram cada vez mais pesados, dois, três por dia; nossa casa ruiu, todos morreram, salvo meu pai e eu. No entanto, como já disse, a casa do número 26 continuou de pé; só a viúva Spengler morreu, mas na rua, surpreendida por uma metralhada rasante.

“Os russos chegaram, a guerra acabou, e todos tinham fome. Nós havíamos erguido uma barraca ali defronte, e eu sobrevivía como podia. Numa noite, vimos muita gente falando na rua, em frente ao número 26. Depois alguém abriu a porta e todos entraram, esbarrando uns nos outros. Então eu disse a meu pai: ‘Vou ver o que está acontecendo’; ele sempre me repetia a mesma coisa, mas eu tinha fome e fui. Quando cheguei lá em cima, não tinha sobrado quase nada.”

“Sobrado o quê?”

“Fizeram a festa com eles, usando bastões e facas: já os haviam feito em pedaços. Quem estava à frente de todos era o enfermeiro, acho que o reconheci; além disso, era ele que tinha a chave. Alias, lembro que no final ele se deu ao trabalho de fechar todas as portas, sabe-se lá por quê: não havia mais nada lá dentro.”

“E o que foi feito do professor?”, perguntou Hilbert.

“Não se sabe exatamente”, respondeu o coronel. “Segundo a versão oficial, enforcou-se com a chegada dos russos. Mas estou convencido de que não é verdade: porque homens como ele só desistem diante do fracasso, e ele, ao contrário — como quer que se julgue essa história abjeta —, teve o seu sucesso. Creio que, procurando bem, ele seria encontrado, talvez nem esteja longe daqui; creio que ainda ouviremos falar do professor Leeb.”

“Cladonia rapida”

A descoberta recente de um parasita específico dos automóveis não deveria, a rigor, surpreender. Qualquer um que considere a extrema capacidade de adaptação que a vida manifesta em nosso planeta só poderá achar natural a existência de um líquen altamente especializado, cujo substrato único e obrigatório é constituído pelas estruturas externas e internas dos veículos. Impõe-se, obviamente, a comparação com outros conhecidos parasitas característicos das habitações humanas, das roupas e dos navios.

Sua descoberta, ou melhor, seu surgimento (já que é impensável que o líquen existisse sem ser notado) se localiza com notável precisão nos anos 1947-8. Deve provavelmente estar relacionado com o advento dos esmaltes gliceroftálicos, que substituíram os esmaltes à base de nitrocelulose no acabamento das carrocerias — esmaltes que, impropriamente chamados de “sintéticos”, não por acaso contêm radicais graxos e resíduos de glicerol.

O líquen dos automóveis (*Cladonia rapida*) difere de outros líquenes principalmente por sua enorme capacidade de crescimento e reprodução. Enquanto os conhecidos líquenes crostosos das rochas apresentam velocidades de crescimento que raramente superam o milímetro-ano, a *Cladonia rapida* estende suas manchas características, com vários centímetros de diâmetro, num intervalo de poucos meses, especialmente nos veículos expostos por muito tempo à ação da chuva, mantidos em locais úmidos e mal iluminados. As manchas são cinza-escuro, rugosas, com espessura de um a três milímetros, e nelas é sempre bem visível, no centro, o núcleo originário da infecção. É muito raro que as manchas se apresentem isoladas: a menos que sejam submetidas a tratamentos drásticos, elas ocupam toda

a carroceria em poucas semanas, com um mecanismo de disseminação a distância que ainda não foi explicado. Notou-se, porém, que a infecção é mais intensa e pujante nas superfícies tendencialmente horizontais (teto, capô, pára-lamas), nas quais as manchas arredondadas se apresentam quase sempre distribuídas segundo esquemas curiosamente regulares. Isso fez pensar em um mecanismo de projeção dos esporos, cujo implante seria favorecido pela posição horizontal do substrato.

A infecção não se limita às partes esmaltadas. Às vezes também surgem manchas (atípicas) em partes menos expostas: no forro, no interior do porta-malas, no piso e nos estofados. Quando o líquen atinge determinados órgãos internos, observam-se freqüentemente vários distúrbios relativos à locomoção e ao funcionamento geral do veículo: desgaste precoce dos amortecedores (observação de R. J. Coney, proprietário, Baltimore); obstrução dos tubos no óleo de freio (várias oficinas de reparação na França e na Áustria); grimpagem aguda e simultânea dos quatro cilindros (Voglino, proprietário de oficina mecânica, Turim); além disso, dificuldade de partida, freada intermitente, arranque fraco, problemas de embreagem e outras irregularidades que freqüentemente são atribuídas por mecânicos inexperientes a outras causas, com resultados catastróficos. Num dos casos — por enquanto isolado, mas preocupante —, o proprietário de um veículo foi infectado, tendo de recorrer a tratamento médico por uma infecção difusa e tenaz de *Cladonia* no dorso das mãos e no abdome.

A partir de observações feitas em várias oficinas mecânicas e estacionamentos ao ar livre, pode-se concluir que a propagação do líquen ocorre *de proche en proche*, sendo favorecida pela superlotação dos estacionamentos. O caso de automóveis infectados a distância, pela ação do vento ou por um “portador” humano, ainda não foi comprovado, mas parece bastante improvável.

Por ocasião do recente salão do automóvel de Tânger, foi discutido (relator Al Maqrizi) o problema da imunidade, tema que se demonstrou rico de desdobramentos imprevisíveis e apaixonantes. Segundo o relator, nenhum carro pode ser considerado imune: todavia, no que diz respeito à infecção por líquen, existem dois tipos diferentes de receptividade, os quais se manifestam com sintomatologias nitidamente distintas; manchas arredondadas, tendentes ao cinza-escuro, muito aderentes no caso dos automachos; manchas alongadas no sentido do eixo da carroceria, escuras até o castanho-claro, pouco aderentes e de

pronunciado odor almiscarado no caso das autofêmeas.

Queremos aqui aludir à diferenciação sexual rudimentar, conhecida há décadas, mas até hoje despercebida pela ciência oficial, segundo a qual, por exemplo, nos parques da General Motors fala-se correntemente de “he-cars” e de “she-cars”, e em Turim as formas “o Mil e Cem” e “a Seiscentos” se impuseram contra qualquer lógica aparente. Na realidade, segundo pesquisas do próprio Maqrizi, na linha de montagem da Fiat 1100 os indivíduos “he” predominam nitidamente, enquanto entre as Fiat 600 são mais numerosas as formas “she”. Casos como este último são, no entanto, excepcionais: normalmente as formas “he” e “she” são encontradas nas linhas de montagem sem nenhuma regularidade aparente, com exceção da variável estatística, segundo a qual a incidência de cada forma gira em torno de 50%. Tomando-se um mesmo modelo, os “he-cars” têm melhor arranque, são duros de molejo, delicados na carroceria, mais propensos a defeitos no motor e na transmissão; as “she-cars”, ao contrário, apresentam menos consumo de combustível e de lubrificante e têm melhor desempenho na estrada, mas têm um sistema elétrico vulnerável e são muito sensíveis a variações de temperatura e de pressão. Todavia se trata de diferenças sutis, somente perceptíveis aos olhos dos especialistas.

Ora, a descoberta da *Cladonia rapida* permitiu a aplicação de uma simples técnica de revelação, rápida e segura, que pode ser confiada inclusive ao pessoal não-especializado e que, em poucos anos, permitiu a coleta de abundante material de extremo interesse, tanto teórico quanto prático.

Experiências longas e sérias foram empreendidas na escola de Paris, que infectou com líquen um grande número de carros de diversas marcas. Os estudos evidenciaram que, na escolha que antecede a aquisição, o sexo do automóvel exerce uma função importante: os “he-cars” constituem 62% dos carros adquiridos por mulheres, e 70% deles são comprados por homens com tendências homossexuais. Entretanto a escolha dos homens normais é menos característica: eles adquirem “she-cars” numa proporção de 52,5%. A escolha e a sensibilidade ao sexo do carro são geralmente inconscientes, mas nem sempre: pelo menos um quinto das pessoas entrevistadas por Tarnowsky demonstrou que sabia distinguir entre um “he” e uma “she” com mais segurança do que distinguia entre um gato e uma gata.

Resta finalmente recordar um curioso estudo inglês sobre o fenômeno da colisão, também conduzido segundo a técnica do líquen. A colisão, que estatisticamente deveria ser homo e heterossexual na mesma medida, mostrou-se, ao contrário, heterossexual em 56% dos casos (média mundial). Essa média varia sensivelmente de país a país: 55% nos Estados Unidos, 57% na Itália e na França, 52% no Reino Unido e na Holanda; cai para 49% na Alemanha. É claro, pois, que em pelo menos um caso em cada dez ocorre a superposição de uma rudimentar vontade (ou iniciativa) da máquina sobre a vontade (ou iniciativa) humana — a qual, no entanto, ao guiar através do tráfego urbano, deve de algum modo debilitar-se e deprimir-se. A esse respeito, os autores recordaram muito apropriadamente o clinâmen dos epicuristas.

O conceito, obviamente, não é novo: foi desenvolvido por Samuel Butler numa página precoce e inesquecível de *Erewhon*, e, mesmo fora da esfera sexual, comparece com significativa freqüência em muitos episódios da crônica cotidiana, só aparentemente banais. Seja permitido a este que escreve citar um caso clínico, fruto de sua observação direta.

O automóvel TO 26****, ano de fabricação 1952, sofreu sérios danos numa batida que aconteceu no cruzamento da avenida Valdocco com a rua Giulio. Foi consertado e mudou várias vezes de dono, até que, em 1963, foi adquirido por T. M., empregado, que percorria quatro vezes por dia a avenida Valdocco entre a loja e a casa. Desconhecendo a anamnese do veículo, o sr. T. M. notou que todas as vezes que se aproximava do cruzamento supracitado, o carro reduzia a marcha sensivelmente e puxava para a direita; todavia não manifestava irregularidades de comportamento em nenhum outro ponto do complexo viário. Mas todo usuário de estradas dotado de espírito de observação pode relatar dezenas de episódios semelhantes.

Trata-se, como se vê, de um assunto fascinante, que despertou vivo interesse em todas as partes do mundo sobre o inquietante problema da convergência em ato entre mundo animado e inanimado. Nesse sentido, há poucos dias Beilstein pôde demonstrar e fotografar vestígios evidentes de tecido nervoso no pedal de embreagem da Opel-Kapitän — tema de que nos ocuparemos mais amplamente em um próximo artigo.

Ordem a bom preço

Vejo sempre com prazer o sr. Simpson. Não é um dos tantos representantes que me lembram advogados de escritório: é realmente um apaixonado pelas máquinas NATCA, crê nelas com uma fé sincera e cândida, se tortura com as suas falhas e defeitos, exulta com os seus triunfos. Ou pelo menos é o que parece — o que, para todos os efeitos práticos, dá no mesmo.

Mesmo descontando as relações de trabalho, somos quase amigos; entretanto o perdi de vista em 1960, depois que me vendera o Versificador: estava terrivelmente empenhado em atender aos pedidos daquele modelo cobiçadíssimo, trabalhava todos os dias até meia-noite. Depois me telefonou no feriado de agosto, para me perguntar se eu estaria interessado em um Turboconfessor: um modelo portátil, rápido, muito procurado na América e aprovado pelo cardeal Spellman. A coisa não me interessava, e eu lhe disse sem rodeios.

Poucos meses atrás, Simpson bateu à minha porta sem ser esperado. Estava radiante e trazia entre os braços, com um afeto quase maternal, uma caixa de papelão ondulado. Não perdeu tempo com formalidades: “Pronto — me disse, triunfante —, aqui está o Mimete, o duplicador dos nossos sonhos”.

“Uma copiadora?”, repliquei, mal ocultando um movimento de decepção. “Desculpe, Simpson, nunca sonhei com duplicadores. Os que existem já são ótimos. Olhe este, por exemplo. Vinte liras e poucos segundos por cópia, e cópias irrepreensíveis; funcionamento a seco, nenhum reativo, nenhum defeito em dois anos.”

Mas Simpson não desiste facilmente: “Todos são capazes, me perdoe, de reproduzir uma superfície. Já este aqui não reproduz apenas a superfície, mas

também a profundidade”, e acrescentou, com ar gentil e ofendido: “O Mimete é um *verdadeiro* duplicador”. Tirou da bolsa, com cautela, duas folhas mimeografadas, com o cabeçalho colorido, e as estendeu sobre a mesa: “Qual é o original?”.

Observei com atenção: sim, eram iguais, mas não seriam duas cópias do mesmo jornal, ou dois positivos do mesmo negativo?

“Não, observe melhor. Veja, para este material demonstrativo escolhemos deliberadamente um papel grosseiro, com muitos corpos estranhos na textura. Além disso, rasgamos de propósito esta ponta aqui, antes da duplicação. Pegue a lente e verifique com calma. Não tenho pressa: esta tarde é dedicada ao senhor.”

Num determinado ponto da cópia havia uma palhinha e, ao lado, um cisco amarelo; na mesma posição da segunda cópia havia uma palhinha e um cisco amarelo. As luas lacerações eram idênticas, até o último fiapo distinguível sob a lente. Minha desconfiança ia se transformando em curiosidade.

Enquanto isso, Simpson havia tirado da bolsa uma grossa pasta: “São as minhas munições”, me disse sorrindo, com o seu agradável sotaque estrangeiro, “minha escolta de gêmeos”. Havia ali dentro cartas manuscritas, sublinhadas a esmo em várias cores; envelopes carimbados; complicados desenhos técnicos; coloridos rabiscos infantis. De cada exemplar o sr. Simpson me mostrou a réplica exata, em frente e verso.

Examinei com atenção o material demonstrativo: na verdade, não deixava nada a desejar. A granulação do papel, cada sinal, cada esfumatura de cor eram reproduzidos com absoluta fidelidade. Notei que até no tato se percebia nas cópias a mesma aspereza dos originais: a oleosidade dos traços a pastel, a aridez engessada das ilustrações a têmpera, o relevo dos carimbos. Entretanto Simpson continuava o seu discurso persuasivo: “Não se trata de aperfeiçoamento de um modelo precedente: o próprio princípio sobre o qual se funda o Mimete é uma novidade revolucionária, de extremo interesse prático e conceitual. Não imita, não simula, mas reproduz o modelo, o recria perfeitamente, pode-se dizer, a partir do nada...”.

Dei um pulo: minhas vísceras de químico reagiam com violência a tamanha extravagância: “Oh, como assim, a partir do nada?”.

“Me perdoe, me deixei levar pelo entusiasmo. Não exatamente do nada, é claro: quis dizer a partir do caos, da desordem absoluta. É isso que o Mimete faz: cria

ordem da desordem.”

Foi para a rua e tirou do porta-malas do carro um pequeno cilindro metálico, semelhante às bombas de gás liquefeito. Mostrou-me de que modo se conectava ao compartimento do Mimete, por meio de um tubo flexível.

“É o reservatório de alimentação. Contém uma mistura bem complexa, o chamado *pabulum*, cuja natureza por enquanto não foi revelada; pelo que entendi dos técnicos da NATCA durante o curso de aperfeiçoamento em Fort Kiddiwanee, é provável que o *pabulum* seja constituído de compostos pouco estáveis do carbono e de outros elementos vitais. A manobra é elementar: cá entre nós, não entendi qual a necessidade de chamar todos nós, dos quatro cantos do mundo, para a América. Está vendo? O modelo a ser reproduzido é colocado neste compartimento, e neste outro, de forma e volume idênticos, introduz-se o *pabulum*, numa velocidade controlada. Durante o processo de duplicação, para cada átomo do modelo é fixado, na mesma posição, um átomo análogo, extraído da mistura de alimentação: carbono onde havia carbono, azoto onde havia azoto, e assim por diante. É claro que nós, agentes, não ficamos sabendo quase nada do mecanismo dessa reconstrução a distância, nem nos explicaram de que modo se transmite de um compartimento a outro a enorme quantidade de informação em jogo. Porém fomos autorizados a revelar que no Mimete se repete um procedimento genético descoberto recentemente, e que o modelo ‘se liga à cópia pelo mesmo processo pelo qual uma semente se liga à árvore’: espero que tudo isso faça sentido para o senhor, e peço-lhe que desculpe a discrição da minha Empresa. O senhor entenderá: nem todos os detalhes do aparelho foram patenteados.”

Contra toda norma razoável de comércio, não consegui esconder minha admiração. Tratava-se realmente de uma técnica revolucionária, o sonho de quatro gerações de químicos: a síntese orgânica a baixa temperatura e pressão, a ordem extraída da desordem, em silêncio, com rapidez e a bom preço.

“Não foi fácil chegar a isso, sabe? Pelo que se conta, os quarenta técnicos envolvidos no projeto Mimete, que já haviam resolvido brilhantemente o problema fundamental, isto é, o da síntese orientada, durante dois anos só produziram cópias especulares, ou seja, invertidas, e portanto inúteis. A direção da NATCA já estava a ponto de mandar assim mesmo para a produção o aparelho, que além disso precisava ser acionado duas vezes para cada duplicação, implicando despesa e

tempo redobrados; o primeiro exemplar de reprodução direta teria resultado de um acaso, graças a um erro providencial de montagem.”

“Essa história me deixa perplexo”, eu disse: “não existe invenção sem que entre na história o feliz advento do acaso. Provavelmente da parte dos concorrentes menos engenhosos.”

“Pode ser”, disse Simpson, “de qualquer modo, ainda há muito que fazer. É importante que o senhor saiba desde já que o Mimete não é um duplicador rápido: para um modelo de cem gramas, é preciso não menos que uma hora. Mas existe outra limitação, bastante óbvia: não é possível reproduzir — ou só imperfeitamente — modelos que contenham elementos não incluídos no *pabulum* correspondente. Outros *pabula* especiais, mais completos, já estão sendo elaborados a partir de exigências particulares, mas parece que há dificuldade com alguns elementos, principalmente com os metais pesados. Por exemplo (e me mostrou a preciosa página de um códice iluminado), ainda não é possível reproduzir esses dourados, que de fato não estão presentes na cópia. Menos possível ainda é reproduzir uma moeda.”

Nesse ponto dei um segundo pulo; porém dessa vez não foram minhas vísceras de químico que reagiram, mas as do homem prático — coexistentes e muito interligadas. Uma moeda, não: mas e uma cédula? Ou um selo raro? Ou, mais decente e elegantemente, um diamante? Será que a lei pune “os fabricantes e vendedores de diamantes falsos”? Por acaso existem diamantes falsos? Quem pode proibir-me de pôr no Mimete alguns gramas de átomos de carbono, reordená-los numa imaculada forma tetraédrica e vender o resultado? Ninguém: nem a lei, nem a consciência.

Nessas coisas, o essencial é chegar primeiro, porque não há fantasia mais solerte que a dos homens ávidos de lucro. Assim eliminei qualquer dúvida, negocieei moderadamente o preço do Mimete (que de resto não era excessivo), obtive um desconto de 5%, com pagamento em cento e vinte dias, mês vencido, e instalei o aparelho.

Junto com cinqüenta libras de *pabulum*, o Mimete me foi entregue dois meses depois. O Natal estava próximo; minha família estava na montanha, e eu fiquei só na cidade, dedicando-me intensamente ao estudo e ao trabalho. Para começar, li várias vezes com atenção as instruções de uso, até sabê-las quase de cor; depois

peguei o primeiro objeto que me caiu nas mãos (era um simples dado de jogo) e me preparei para reproduzi-lo.

Coloquei-o no compartimento, pus o aparelho na temperatura prescrita, abri a valvulinha do *pabulum* e fiquei esperando. Ouvia-se um leve zumbido, e do tubo de descarga do compartimento de reprodução saía um fino jato gasoso: tinha um cheiro curioso, semelhante ao dos recém-nascidos pouco limpos. Depois de uma hora, abri o compartimento: continha um dado exatamente idêntico ao modelo, quer na forma, quer na cor, quer no peso. Estava morno, mas em pouco tempo assimilou a temperatura ambiente. Do segundo fiz um terceiro, e do terceiro, um quarto, sem dificuldade ou complicação.

Estava cada vez mais curioso com o mecanismo íntimo do Mimete, que Simpson não soubera (ou não quisera) explicar-me com suficiente precisão — e sobre o qual não havia nenhuma referência nas instruções. Retirei a tampa hermética do compartimento B; nela abri uma janelinha com uma serra, onde adaptei uma placa de vidro, bem vedada, e recoloquei a tampa no lugar. Depois coloquei mais uma vez o dado no compartimento A e, através do vidro, observei com atenção o que se passava no compartimento B durante a duplicação. Ocorria algo extremamente interessante: o dado se formava gradualmente, a partir de baixo, por sutilíssimos estratos sobrepostos, como se brotasse do fundo do compartimento. Na metade da duplicação, metade do dado estava perfeitamente formada, distinguindo-se muito bem a secção da madeira, com todas as suas nervuras. Parecia lícito deduzir que, no compartimento A, algum dispositivo analisador “explorasse”, por linhas ou planos, o corpo a ser reproduzido, transmitindo ao compartimento B as instruções para a fixação das partículas específicas, talvez até dos átomos, extraídas do *pabulum*.

Estava satisfeito com os testes preliminares. No dia seguinte comprei um pequeno brilhante e fiz uma reprodução dele, que ficou perfeita. Dos dois primeiros fiz mais dois; dos quatro, outros quatro, e assim por diante, em progressão geométrica, até que o compartimento do Mimete ficasse cheio. Terminada a operação, era impossível reconhecer o brilhante original. Em doze horas de trabalho obtive $2^{12} - 1$ peças, ou seja, 4095 novos diamantes: a despesa inicial de investimento foi amplamente amortizada, e eu me sentia autorizado a proceder a novas experiências, mais interessantes e menos interessadas.

No dia seguinte, dupliquei sem dificuldade um cubinho de açúcar, um lenço,

uma tabela de horário dos trens, um baralho. No terceiro dia, tentei com um ovo cozido: a casca ficou frágil e inconsistente (por carência de cálcio, suponho), mas a clara e a gema tinham aspecto e sabor normais. Depois obtive uma réplica satisfatória de um maço de Nacionais; uma caixa de suecos era aparentemente perfeita, mas os fósforos não acendiam. Uma fotografia em branco-e-preto resultou numa cópia extremamente desbotada, por falta de prata no *pabulum*. Do meu relógio de pulso, só pude reproduzir a pulseira; quanto ao relógio, desde então se tornou imprestável, por razões que não saberia explicar.

No quarto dia dupliquei alguns feijões, ervilhas frescas e um bulbo de tulipa, dos quais me prometi checar o poder germinativo. Além disso, dupliquei cem gramas de queijo, uma salsicha, um pãozinho e uma pêra, e consumi tudo no almoço, sem perceber nenhuma diferença quanto aos respectivos originais. Percebi também que era possível reproduzir líquidos inserindo no compartimento B um recipiente igual ou maior do que aquele que estava no compartimento A.

No quinto dia fui ao sótão e vasculhei até encontrar uma aranha viva. Era certamente impossível reproduzir com precisão objetos em movimento: por isso expus a aranha ao frio da varanda até entorpecê-la. Depois a introduzi no Mimete; após uma hora obtive uma réplica impecável. Marquei o original com uma gota de tinta, pus os dois gêmeos num vaso de vidro, pus o vaso sobre o aquecedor e fiquei esperando. Depois de meia hora as duas aranhas fizeram simultaneamente os primeiros movimentos e logo começaram a lutar. Eram de força e habilidade idênticas, e lutaram por mais de uma hora sem que nenhuma das duas levasse a melhor. Então as separei em duas caixas distintas: no dia seguinte, ambas haviam tecido uma teia circular com quatorze raios.

No sexto dia, desmontei pedra por pedra a amurada do jardim e achei uma lagartixa sonolenta. O seu duplo era normal no aspecto exterior, mas, quando o levei à temperatura ambiente, percebi que se movia com grande dificuldade. Morreu em poucas horas, e pude constatar que o seu esqueleto era bastante fraco, especialmente os ossos longos das patas, flexíveis como borracha.

No sétimo dia descansei. Telefonei a Simpson e pedi que me visitasse sem demora: contei-lhe as experiências que fizera (não a dos diamantes, obviamente) e, com o tom e a expressão mais descontraídos que consegui exibir, fiz-lhe algumas perguntas e propostas. Qual era exatamente o status jurídico do Mimete? Era

possível obter da NATCA um *pabulum* mais completo, que contivesse — quem sabe em pequena quantidade — todos os elementos necessários à vida? Era possível adquirir um Mimete maior, de cinco litros, capaz de duplicar um gato? Ou de duzentos litros, capaz de duplicar...

Percebi que Simpson empalideceu: “Senhor”, me disse, “eu... não estou disposto a acompanhá-lo nesse terreno. Vendo poetas automáticos, máquinas de calcular, confessores, tradutores e duplicadores, mas acredito na imortalidade da alma, creio possuir uma, e não quero perdê-la. Nem quero contribuir para criar uma com... com os métodos que o senhor tem em mente. O Mimete é o que é: uma máquina engenhosa para copiar documentos, e o que o senhor me propõe... me desculpe, é uma porcaria”.

Não estava preparado para uma reação tão impetuosa do sereno Simpson, e tentei persuadi-lo com a razão: demonstrei que o Mimete era outra coisa, muito mais que um duplicador para escritórios, e que o próprio fato de que seus próprios criadores não percebessem isso podia ser uma sorte para mim e para ele. Insisti no duplo aspecto de suas virtudes: o econômico, criador de ordem e, portanto, de riqueza; e o, digamos assim, prometéico, de instrumento novo e refinado para o avanço de nossos conhecimentos sobre os mecanismos vitais. Por fim, acenei indiretamente às experiências com os diamantes.

Mas foi tudo inútil: Simpson estava muito perturbado e parecia incapaz de acompanhar o sentido das minhas palavras. Em contraste evidente com o seu ofício de vendedor e de funcionário, me disse que “era tudo conversa fiada”, que ele só acreditava nas notícias impressas no folheto de apresentação, que não lhe interessavam nem as aventuras do pensamento, nem os negócios de ouro, e que de todo modo queria ficar de fora daquela história. Tive a impressão de que ele quis acrescentar mais alguma coisa; mas depois me cumprimentou secamente e foi embora.

É sempre doloroso romper uma amizade: eu tinha a firme intenção de restabelecer contato com Simpson, estava convencido de que seria possível encontrar entre nós uma base de acordo ou talvez de colaboração. Devia telefonar ou escrever para ele; porém, como infelizmente ocorre nos períodos de trabalho intenso, adiei a ligação até os primeiros dias de fevereiro, quando encontrei entre

minha correspondência uma circular da NATCA acompanhada de um gélido bilhete da agência de Milão, assinado por Simpson: “Para conhecimento de V. Sa., a circular NATCA que anexamos em cópia e tradução”.

Ninguém me tira da cabeça que foi o próprio Simpson que levou a notícia a público, movido por tolos escrúpulos moralistas. Não transcrevo o texto, muito longo para estas notas, mas a cláusula essencial diz mais ou menos isto:

“O Mimete, bem como todos os duplicadores NATCA existentes ou em projeto, é produzido e comercializado com o único objetivo de reproduzir documentos de escritório. As agências estão autorizadas a vendê-lo exclusivamente a sociedades comerciais ou industriais legalmente constituídas, *e não a particulares*. Em todo caso, a venda de tais modelos só será efetuada mediante declaração do adquirente comprometendo-se a não utilizar o aparelho para:

- reprodução de papel-moeda, cheques ou letras de câmbio;

- selos ou outros objetos análogos, que correspondam a um valor monetário definido;

- reprodução de pinturas, desenhos, gravuras, esculturas ou outras obras de arte figurativa;

- reprodução de plantas, animais, *seres humanos*, vivos ou mortos, ou de parte deles.

A NATCA não se responsabiliza pela utilização indevida do aparelho por parte de seus clientes ou usuários, ou que esteja em desacordo com a declaração subscrita por eles.”

Tenho a impressão de que essas regras não favorecerão o sucesso comercial do Mimete, e não deixarei de mencionar isso a Simpson se — como espero — ainda tiver ocasião de encontrá-lo. É incrível como pessoas notoriamente prudentes às vezes agem de modo contrário aos próprios interesses.

O amigo do homem

As primeiras observações sobre o sistema das células epiteliais da tênia remontam a 1905 (Serrurier). Todavia Flory foi o primeiro a intuir sua importância e significado, descrevendo-o num longo memorial de 1927, acrescido de nítidas fotografias em que pela primeira vez o chamado “mosaico de Flory” se tornou visível inclusive para os leigos. Como se sabe, trata-se de células achatadas, de forma poligonal irregular, dispostas em longas filas e caracterizadas pela repetição a intervalos variáveis de elementos semelhantes, numa cadeia de algumas centenas. O seu significado foi descoberto em circunstâncias singulares: o achado não se deveu nem a um histógrafo nem a um zoólogo, mas a um orientalista.

Bernard W. Losurdo, docente de assiriologia da Michigan State University, passando por um período de inatividade causada justamente pela presença do incômodo parasita — e movido, portanto, por um interesse meramente acidental —, passou os olhos por acaso nas fotografias de Flory. Sua experiência profissional o fez perceber imediatamente algumas particularidades que ninguém até então havia notado: as filas do mosaico são constituídas de um número de células que varia dentro de limites não muito amplos (cerca de vinte e cinco a sessenta); existem grupos de células que se repetem com frequência bastante alta, como se fossem associações obrigatórias; finalmente (e esta foi a chave do enigma) as células terminais de cada fila são por vezes dispostas segundo um esquema que se poderia definir rítmico.

O fato de que a primeira foto examinada por Losurdo apresentasse um esquema simples foi sem dúvida uma circunstância feliz: as últimas quatro células da primeira fila eram idênticas às últimas quatro da terceira; as últimas três da segunda

fila eram idênticas às últimas três da quarta e da sexta; e assim sucessivamente, segundo o esquema bem conhecido da *terza rima*. No entanto era preciso muita coragem intelectual para dar o passo seguinte, isto é, para formular a hipótese de que todo o mosaico era rimado não em sentido metafórico, mas que constituía nada menos que uma composição poética, com um significado correspondente.

Losurdo teve essa coragem. Sua obra de decifração foi longa e paciente, e confirmou a intuição original. As conclusões a que o estudioso chegou podem ser brevemente resumidas como segue.

Cerca de 15% dos indivíduos adultos de *Tenia solium* são portadores de um mosaico de Flory. Em caso positivo, o mosaico é repetido identicamente em todas as proglótides maduras e é congênito; é, portanto, característica peculiar de cada indivíduo, comparável (a observação é do próprio Losurdo) às impressões digitais do homem ou às linhas da palma da mão. Consta de um número de “versos” variável entre uma dezena e duzentos ou mais, às vezes rimados, outras vezes mais próximos da prosa ritmada. Não obstante a aparência, não se trata de uma escritura alfabética ou, melhor dizendo (e aqui caberia citar o próprio Losurdo), “é uma forma de expressão ao mesmo tempo primitiva e altamente complexa, em que se entrelaçam no mesmo mosaico e às vezes em um único verso a escrita alfabética e a acrofônica, a ideogramática e a silábica, sem regularidade aparente, como se nela se refletissem de forma resumida e confusa a intimidade antiquíssima do parasita e a cultura de seu hóspede em suas várias feições, quase como se o verme tivesse alcançado, junto com os sucos do organismo do homem, uma parcela de sua ciência”.

Até o momento, foram poucos os mosaicos decifrados por Losurdo e sua equipe. Há os rudimentares e fragmentários, escassamente articulados, que Losurdo chama “interjetivos”. São os mais difíceis de interpretar e exprimem no mais das vezes satisfação pela qualidade ou quantidade de alimento, ou desgosto por algum componente do quimo. Outros se reduzem a uma frase breve e sentenciosa. O tipo seguinte, mais complexo, mas de dúbia lição, é interpretado como o lamento de um indivíduo em estado de sofrimento, que se sente próximo à expulsão:

“Adeus, doce repouso e suave demora. Não mais para mim, que meu tempo se finda. Sinto tanto cansaço nas [...]; ó, deixai-me assim, esquecido num canto, gozando deste calor. Mas eis que é veneno o que era alimento, e onde havia paz, há

cólera. Não demora, pois não és mais desejado: desata os [...] e desce ao universo hostil.”

Alguns mosaicos parecem aludir ao processo reprodutivo e aos misteriosos amores hermafroditas do verme:

“Tu eu. Quem nos separará, se somos uma só carne? Tu eu. Espelho-me em ti e vejo a mim mesmo. Uno e múltiplo: cada membro meu é ordem e prazer. Uno e múltiplo: a luz é morte, a treva, imortal. Vem, esposo contíguo, abraça-te a mim quando a hora soar. Vou, e cada [...] meu canta aos céus.”

“Rompi a [membrana?] e sonhei com o sol e a lua. Revolvi-me sobre mim e acolheu-me o firmamento. Vazio o passado, a virtude de um instante, a progênie inumerável.”

Mas sem dúvida o mais interessante são alguns mosaicos de nível nitidamente mais elevado, onde se descortina o horizonte novo e perturbador das relações afetivas entre o parasita e o hóspede. Citemos alguns dos mais significativos:

“Sê benigno, ó onipotente, e lembra-te de mim em teu sono. Teu alimento é meu alimento, tua fome, minha fome: recusa o alho acerbo e a detestável [canela?]. Tudo provém de ti: os delicados humores que me dão vida e a tepidez em que jazo e louvo o mundo. Possa eu jamais te perder, ó meu hóspede generoso, ó meu universo. Tu és para mim tal como o ar que respiras e a luz que contemplas. Que vivas longamente em saúde.”

“Falas, e eu te ouço. Vais, e eu te sigo. Meditas, e eu te entendo. Quem mais fiel que eu? Quem melhor que eu te conhece? Cá estou, repouso confiante em tuas vísceras escuras e fujo à luz do dia. Ouve: tudo é vão, exceto um ventre cheio. Tudo é mistério, exceto o [...].”

“Tua força me penetra, tua alegria desce a mim, tua cólera me [encrespa?], teu cansaço me mortifica, teu vinho me exalta. Amo-te, homem sagrado. Perdoa minhas culpas e não me prives de tua benevolência.”

O tema da culpa, que aqui aparece de forma velada, no entanto emerge com curiosa insistência em alguns dos mosaicos mais evoluídos. É notável, afirma Losurdo, que estes últimos pertençam quase exclusivamente a indivíduos de dimensão e idade consideráveis, que tenham resistido tenazmente a uma ou mais terapias purgatórias. Citemos o exemplo mais conhecido, que já superou os limites da literatura científica especializada e foi recentemente incluído numa antologia de

literatura estrangeira, suscitando o interesse crítico de um público bem mais amplo.

“... deverei portanto chamar-te ingrato? Não, pois que errei e deixei-me loucamente infringir os limites que a Natureza nos impôs. Por caminhos recônditos e admiráveis cheguei a ti; por anos, em religiosa adoração, hauri vida e sabedoria de tua fonte. Mas não devia tornar-me manifesto: este o nosso triste destino. Manifesto e infesto: donde a tua justa ira, ó senhor. Ai de mim, por que não desisti? Por que recusei a sábia inércia de meus ancestrais?”

“Eis tudo: era justo o teu desprezo, assim como era justa a minha ímpia audácia. Quem não sabia? Nossas palavras mudas não encontravam escuta em vós, soberbos semideuses. Nós, povo sem olhos e sem ouvidos, não alcançamos a graça em vós.”

“E agora partirei, porque tu queres. Partirei em silêncio, segundo o nosso costume, rumo ao meu destino de morte ou de transfiguração imunda. Peço apenas uma dádiva: que esta mensagem te alcance e seja por ti meditada e compreendida. Por ti, homem hipócrita, meu semelhante, meu irmão.”

O texto é certamente notável, sob qualquer critério que se adote. A título de pura curiosidade, devemos esclarecer que o último desejo do autor foi frustrado. Seu hóspede involuntário, um obscuro empregado de banco em Dampier (Illinois), negou-se terminantemente a contemplá-lo.

Algumas aplicações do Mimete

A última pessoa no mundo que deveria ter um duplicador tridimensional nas mãos é Gilberto; e no entanto o Mimete logo lhe caiu no colo, um mês após o lançamento comercial e três meses antes que o famoso decreto proibisse sua fabricação e uso — ou seja, tempo suficiente para que Gilberto se metesse em complicações. Caiu-lhe nas mãos sem que eu pudesse fazer nada: estava em San Vittore, cumprindo a pena por meu trabalho de pioneiro, bem longe de imaginar quem, e de que modo, o estava continuando.

Gilberto é um filho do século. Tem trinta e quatro anos, é um bom empregado, meu amigo desde sempre. Não bebe, não fuma e só cultiva uma paixão: atormentar a matéria inanimada. Tem um pequeno depósito que chama de oficina, e aí ele lima, serra, solda, cola, esmerilha. Conserta relógios, geladeiras, barbeadores elétricos; constrói quinquilharias que acendem o aquecedor de manhã, fechaduras fotoelétricas, aeromodelos que voam, sondas acústicas para brincar no mar. Quanto aos seus carros, duram poucos meses: continuamente os desmonta e remonta, encera, lubrifica, modifica, enche-os de acessórios inúteis e depois se cansa e se desfaz deles. Emma, sua mulher (uma jovem encantadora), suporta essas manias com paciência admirável.

Eu acabara de deixar a prisão e entrava em casa quando o telefone tocou. Era Gilberto, como sempre entusiasta: estava havia vinte dias com o Mimete e lhe dedicara vinte dias e vinte noites. Contou-me detalhadamente as maravilhosas experiências que realizara e as que ainda pensava realizar; comprara o texto de Peltier, *Théorie générale de l'imitation*, e o tratado de Zechmeister e Eisenlohr, *The mimes and other duplicating devices*; inscrevera-se num curso intensivo de cibernética

e eletrônica. As experiências que realizara pareciam-se melancolicamente com as minhas, que me custaram caro; tentei dizer isso a ele, mas foi inútil: é difícil interromper um interlocutor ao telefone, especialmente Gilberto. Por fim, cortei brutalmente a comunicação, deixei o fone fora do gancho e fui cuidar das minhas coisas.

Dois dias depois o telefone tocou novamente: a voz de Gilberto estava cheia de emoção, mas carregava um tom inconfundível de orgulho.

“Preciso te ver imediatamente.”

“Por quê? O que houve?”

“Dupliquei minha mulher”, respondeu.

Cheguei duas horas depois, e ele me contou sua aventura cretina. Havia recebido o Mimete, havia feito os joguinhos costumeiros de todos os principiantes (o ovo, o maço de cigarros, o livro etc.); depois se cansou, levou o Mimete para a oficina e o desmontou até o último parafuso. Pensara nele a noite inteira, consultou seus tratados e concluiu que transformar o modelo de um litro em um modelo maior não devia ser impossível nem muito difícil. Dito e feito, encomendou na NATCA — não sei sob quais pretextos — duzentas libras de *pabulum* especial, comprou lâminas de metal, vergalhões, acessórios e depois de sete dias o trabalho estava pronto. Tinha construído uma espécie de pulmão artificial, truncara o *timer* do Mimete, acelerando-o umas quarenta vezes, e ligara as duas partes entre si com o compartimento do *pabulum*. Gilberto é assim, um homem perigoso, um pequeno Prometeu nocivo: é engenhoso e irresponsável, soberbo e tolo. É, como eu dizia antes, um filho do século; aliás, é um símbolo do nosso século. Sempre pensei que ele seria capaz, se surgisse a ocasião, de fazer uma bomba atômica e deixá-la cair sobre Milão só “para ver o efeito que faz”.

Pelo que pude entender, Gilberto não tinha nenhuma idéia precisa quando decidiu aumentar o duplicador, salvo talvez — o que é típico dele — “fazer” um duplicador mais potente, com suas próprias mãos e a baixo custo, já que é muito hábil em fazer desaparecer o “débito” de sua contabilidade privada, com uma espécie de prestidigitação mental. A idéia abominável de duplicar a mulher, disse-me, só lhe ocorreu em seguida, ao ver Emma dormindo profundamente. Parece que não foi muito difícil: Gilberto, robusto e paciente, fez o colchão deslizar, com

Emma em cima, da cama até o compartimento do duplicador. Foi preciso mais de uma hora, mas Emma não acordou.

Não está nada claro para mim o motivo que levou Gilberto a criar uma segunda mulher e a violar um bom número de leis divinas e humanas. Disse-me, como se fosse a coisa mais natural, que estava apaixonado por Emma, que Emma era indispensável, e que por isso lhe pareceu uma boa idéia ter uma cópia. Talvez tenha dito isso de boa-fé (Gilberto sempre age de boa-fé), e certamente ele estava e está apaixonado por Emma, a seu modo, infantilmente, e, digamos assim, de baixo para cima: mas estou convencido de que ele resolveu duplicar a mulher por outras razões, por um mau espírito de aventura, por um gosto insano de Eróstrato — justamente “para ver o efeito que faz”.

Perguntei-lhe se não havia pensado na hipótese de consultar Emma, perguntar se ela estaria de acordo, antes de dispor da companheira de modo tão inusitado. Ficou vermelho até os cabelos: tinha feito pior, o sono profundo de Emma fora induzido por um sonífero.

“E agora, como estão as coisas com suas duas mulheres?”

“Não sei, ainda não decidi. As duas ainda estão dormindo. Amanhã veremos.”

No dia seguinte não veríamos nada — não eu, pelo menos. Depois de um mês de inércia forçada, parti para uma longa viagem, que me manteve longe de Milão por duas semanas. Já sabia o que me esperava na volta: teria de ajudar Gilberto a sair da enrascada, como naquela vez em que ele tinha construído um aspirador de pó a vapor e o dera de presente à mulher do chefe.

De fato, assim que retornei, fui peremptoriamente convidado a um conselho de família: Gilberto, eu e as duas Emmas. Elas tiveram o bom senso de marcar suas diferenças: a segunda, a duplicada, trazia nos cabelos uma faixa branca e simples, que lhe conferia um vago ar monacal. Afora isso, vestia as roupas de Emma I com desenvoltura; obviamente era idêntica à titular em todos os aspectos: rosto, dentes, cabelos, voz, sotaque, uma leve cicatriz na testa, a permanente, o jeito de andar, o bronzeado das férias recentes. Porém notei que estava com um forte resfriado.

Contra as minhas previsões, ambas me pareceram de ótimo humor. Gilberto mostrava-se estupidamente orgulhoso, menos pela obra acabada do que pelo fato (cujo mérito não era dele) de que as duas mulheres se entendiam entre si. Quanto a elas, suscitaram em mim uma admiração sincera. Emma I demonstrava em relação

à nova “irmã” uma solicitude materna; Emma II correspondia com uma respeitosa e afetuosa dedicação filial. A experiência de Gilberto, abominável sob tantos aspectos, constituía entretanto uma prova louvável da teoria da Imitação: a nova Emma, nascida aos vinte e oito anos, herdara não só as feições mortais do protótipo, mas também seu patrimônio mental. Com admirável simplicidade, Emma II me contou que somente dois ou três dias após o seu nascimento se dera conta de que era a primeira mulher sintética, por assim dizer, na história do gênero humano — ou talvez a segunda, caso se considere o episódio vagamente análogo de Eva. Nascera dormindo, já que o Mimete também duplicara o sonífero que corria nas veias de Emma I, e despertara “sabendo” que era Emma Perosa in Gatti, única esposa do contador Gilberto Gatti, nascida em Mântua em 7 de março de 1936. Lembrava-se de tudo o que Emma I lembrava, e se esquecia de tudo o que Emma I esquecia. Lembrava-se perfeitamente da viagem de núpcias, dos nomes de “seus” colegas de escola, dos detalhes pueris e íntimos de uma crise religiosa que Emma I atravessara aos treze anos e nunca confessara a ninguém. Mas também se lembrava muito bem da chegada do Mimete, dos entusiasmos de Gilberto, dos seus relatos e de suas tentativas, e por isso não se espantara demais quando fora informada do arbitrário ato criativo a que devia a existência.

O fato de que Emma II estivesse resfriada me fez pensar que a identidade das duas, originalmente perfeita, estava destinada a não durar: mesmo que Gilberto se demonstrasse o mais equânime dos bígamos e instituisse uma rigorosa alternância, ainda que se abstinhasse de qualquer manifestação de preferência por uma das duas (uma hipótese absurda, já que Gilberto é trapalhão e enrolado), mesmo nesses casos certamente acabaria surgindo uma divergência. Bastava pensar que as duas Emmas não ocupavam materialmente a mesma porção de espaço: não poderiam passar simultaneamente por uma porta estreita, apresentar-se juntas a um guichê, ocupar o mesmo lugar à mesa, e por isso estavam expostas a diversos incidentes (o resfriado), a experiências distintas. Fatalmente se diferenciariam, espiritual e corporalmente; e, uma vez diferenciadas, Gilberto conseguiria manter-se equidistante? Claro que não — e, diante de uma preferência, mesmo minúscula, o frágil equilíbrio a três estava destinado ao naufrágio.

Expus a Gilberto essas considerações e tentei convencê-lo de que não se tratava de uma hipótese pessimista gratuita, mas de uma previsão solidamente fundada no

senso comum, quase um teorema. Lembrei-lhe ainda que a sua condição legal era pelo menos ambígua, e que eu fora para a prisão por muito menos: estava casado com Emma Perosa, Emma II também era Emma Perosa, mas isso não excluía o fato de que as Emmas Perosas eram duas.

Mas Gilberto mostrou-se inabordável: estava estupidamente eufórico, num estado de espírito de recém-casado, e enquanto eu falava o seu pensamento visivelmente devaneava. Em vez de olhar para mim, estava perdido na contemplação de suas duas mulheres, que justo naquele momento estavam brigando, por brincadeira, sobre qual das duas se sentaria na poltrona que ambas preferiam. Em vez de responder aos meus argumentos, anunciou-me que tivera uma grande idéia: os três partiriam numa viagem para a Espanha. “Já planejei tudo: Emma I declarará que perdeu o passaporte, receberá uma segunda via e passará a alfândega com ela. Aliás, não, que bobo! Eu mesmo farei a segunda via hoje mesmo, com o Mimete.” Ele estava muito orgulhoso dessa descoberta, e suspeito que tenha escolhido a Espanha precisamente porque o controle de documentos na fronteira espanhola é bastante severo.

Quando voltaram, dois meses depois, a barca começava a fazer água. Qualquer um perceberia: a relação entre os três se mantinha num nível de civilidade e de cortesia formal, mas a tensão era evidente. Gilberto não me convidou à sua casa dessa vez: veio me ver, e já não estava nada eufórico.

Narrou-me o que havia acontecido. Uma narrativa muito canhestra, pois Gilberto, que tem um inegável talento para rabiscar em maços de cigarro o esquema de uma diferencial, é espantosamente inábil em exprimir os próprios sentimentos.

A viagem à Espanha foi ao mesmo tempo divertida e cansativa. Em Sevilha, depois de um dia de programa intenso, explodiu uma discussão, num clima de irritação e de cansaço. Começou com as duas mulheres, e dizia respeito ao único assunto em que as suas opiniões podiam divergir, e de fato divergiam: era ou não oportuna, lícita ou ilícita, a ação de Gilberto? Emma II dissera que sim; Emma I não dissera nada. Bastou esse silêncio para desequilibrar a balança, e desde aquele momento Gilberto fez a sua escolha. Sentia diante de Emma I um embaraço crescente, um sentimento de culpa que se agravava dia a dia: paralelamente, o afeto pela nova mulher aumentava, na mesma medida em que definhava o afeto pela

mulher legítima. A ruptura ainda não ocorrera, mas Gilberto sentia que estava próxima.

Até o humor e o caráter das duas mulheres estavam mudando. Emma II se tornava cada vez mais jovem, atenta, reativa, aberta; Emma I ia se fechando num comportamento negativo, de ofendida renúncia, de rejeição. O que fazer? Recomendei a Gilberto que não tomasse decisões intempestivas e lhe prometi, como de hábito, que pensaria no caso; mas, no íntimo, eu estava decidido a manter distância daquele melancólico imbróglio, e não podia reprimir um sentimento de satisfação maligna e triste diante da fácil profecia que se confirmara.

Nunca imaginaria que, passado um mês, um Gilberto radioso viria ao meu escritório. Estava em sua melhor forma, loquaz, barulhento, visivelmente mais gordo. Entrou diretamente no assunto, com o egocentrismo que lhe é característico: para Gilberto, quando as coisas vão bem para ele, vão bem para o mundo inteiro; é organicamente incapaz de se preocupar com o próximo, mas se espanta e se ofende se o próximo não se preocupar com ele.

“Gilberto é um gênio”, disse, “resolveu tudo num piscar de olhos.”

“Fico feliz em saber e o cumprimento pela modéstia; de resto, estava na hora de você tomar uma posição.”

“Não, não é isso. Não estou falando de mim: falo de Gilberto I. Ele é que é um gênio. Eu, modestamente, me pareço bastante com ele, mas não tive muitos méritos nessa história: passei a existir apenas no domingo passado. Mas agora está tudo ajeitado: só falta acertar no cartório a situação de Emma II e a minha. Talvez tenhamos que fazer algum truque, por exemplo, é provável que me case com Emma II — embora depois cada um possa escolher o seu parceiro. Além disso, é óbvio que eu precisarei de um trabalho: mas estou convencido de que a NATCA me aceitaria como anunciante do Mimete e de suas outras máquinas para escritório.”

Versamina

Há trabalhos que destroem e trabalhos que preservam. Entre os que preservam melhor, por uma coerência natural, estão precisamente aqueles que consistem em conservar algo: documentos, livros, obras de arte, instituições, institutos, tradições. É de conhecimento comum que bibliotecários, guardiões de museus, sacristãos, bedéis e arquivistas são todos não apenas longevos, mas conservam a si mesmos por décadas, sem alterações perceptíveis.

Mancando levemente, Jakob Dessauer subiu os oito largos degraus e entrou depois de doze anos de ausência no átrio do Instituto. Perguntou por Haarhaus, por Kleber, por Wincke: nenhum deles estava lá, mortos ou transferidos; o único rosto conhecido era o do velho Dybowski. Não, Dybowski não havia mudado: o mesmo crânio calvo, as mesmas rugas densas e profundas, a barba malfeita, as mãos ossudas e pintalgadas de manchas. Até o avental cinza, remendado, muito curto, era o mesmo.

“Ah, é verdade”, disse, “quando passa o furacão, as árvores mais altas são as primeiras a cair. Eu fiquei: vê-se que eu não incomodava ninguém, nem os russos, nem os americanos, nem os outros de antes.” Dessauer olhava ao redor: muitas janelas ainda estavam sem vidros, muitos livros sumidos das prateleiras, o aquecimento era precário, mas o Instituto sobrevivia. Alunos e alunas passavam pelos corredores, vestidos de roupas lisas e puídas, e no ar se respiravam odores acres e característicos, bem familiares a ele. Pediu a Dybowski notícias dos ausentes: quase todos haviam morrido na guerra, no front ou nos bombardeios; até Kleber, seu amigo, morrera, mas não por causa da guerra: Kleber, Wunderkleber, como o chamavam, Kleber dos milagres.

“Ele mesmo: não ouviu falar dessa história? Uma história realmente estranha.”

“Estou fora há muitos anos”, respondeu Dessauer.

“De fato, não pensei nisso”, disse Dybowski, sem fazer perguntas. “O senhor tem uma meia hora de tempo livre? Venha comigo, lhe explicarei.”

Conduziu Dessauer ao seu acanhado escritório. Da janela entrava a luz cinza de uma tarde enevoadas: a chuva caía aos borbotões na grama que invadira os canteiros, antigamente tão bem cuidados. Sentaram-se em dois bancos, diante de uma balança técnica enferrujada e corroída. O ar cheirava fortemente a fenol e bromo; o velho acendeu o cachimbo e tirou de sob o banco uma garrafa escura.

“Pelo menos nunca tivemos falta de álcool”, disse, e deitou a bebida em dois bécheres de bico. Beberam, e então Dybowski começou a contar.

“Sabe, não são coisas que se contem assim, ao primeiro que apareça. Digo ao senhor porque lembro que eram amigos, e assim poderá entender melhor. Depois que o senhor nos deixou, Kleber não mudou muito: continuou obstinado, sério, apegado ao trabalho, instruído, habilíssimo. Não lhe faltava nem mesmo aquele fio de loucura que é bem-vindo ao nosso trabalho. Era também muito tímido; depois que o senhor partiu, não fez mais amigos e começou a cultivar pequenas e estranhas manias, como acontece aos que vivem sozinhos. Lembra-se de que ele seguiu durante anos uma linha de pesquisa sobre derivados do benzoil? Ele foi aposentado por causa dos olhos, como se sabe. Não o chamaram às armas mais tarde, quando todos eram convocados: nunca se soube bem, talvez tivesse amigos no alto escalão. Assim ele continuou a estudar os seus derivados de benzoil — não sei, talvez fosse de interesse dos homens da guerra. Chegou às versaminas por acaso.”

“O que são versaminas?”

“Espere, chegaremos lá. Ele experimentava as suas fórmulas em coelhos: já havia testado uns quarenta quando percebeu que um dos coelhos se comportava de modo estranho. Recusava alimento e, em vez disso, mastigava a madeira e mordida as hastes da gaiola até sangrar a boca. Morreu poucos dias depois, de infecção. Ora, qualquer outro teria ignorado o caso, mas Kleber não: pertencia à velha escola, acreditava mais nos fatos que nas estatísticas. Aplicou em outros três coelhos o B/41 (era o 41º derivado de benzoil) e obteve resultados muito parecidos. Por pouco não me vi envolvido nessa história.”

Calou-se: aguardava uma pergunta, e Dessauer não se fez esperar.

“O senhor? De que modo?”

Dybowski abaixou um pouco a voz: “Sabe como é, a carne era escassa, e minha mulher achava um desperdício jogar no incinerador todos os animais usados nas experiências. Assim, de vez em quando aproveitávamos algum: muitos camundongos, alguns coelhos; cães e macacos não, jamais. Escolhíamos os que nos pareciam mais inofensivos, e nos deparamos justamente com um daqueles três coelhos que lhe mencionei; mas só nos demos conta mais tarde. Olhe, eu gosto de beber. Nunca exagerei, mas não posso passar sem isso. Percebi que algo estava errado precisamente por causa da bebida. Lembro como se fosse agora: estava aqui, com um amigo meu chamado Hagen, tínhamos encontrado não sei onde uma garrafa de aguardente e estávamos bebendo. Era a noite seguinte ao coelho: a aguardente era de boa qualidade, mas não me agradava, não tinha jeito. Hagen no entanto a achou excelente, e assim discutimos, cada um querendo convencer o outro, e de copinho em copinho terminamos meio de fogo. Quanto mais eu bebia, menos me agradava; o outro insistia, e terminamos discutindo, eu o chamei de cabeça-dura e de estúpido, e Hagen quebrou a garrafa na minha cabeça — está vendo aqui? Ainda tenho a cicatriz. Pois bem, a pancada não me fez mal, aliás, me deu uma sensação estranha, muito agradável, que eu nunca havia sentido. Tentei várias vezes encontrar palavras que a descrevessem, sem nunca conseguir: era mais ou menos como quando a gente acorda e se estira na cama, mas bem mais forte, mais pungente, como se estivesse toda concentrada num ponto.

“Não sei mais como a noite acabou; no dia seguinte a ferida já não sangrava, pus um curativo, mas ainda sentia a mesma sensação ao tocar a ferida, como uma cócega, mas tão prazerosa que passei o dia me tocando, sempre que não houvesse ninguém por perto. Depois as coisas começaram a entrar em ordem, o álcool voltou a me agradar, a ferida cicatrizou, fiz as pazes com Hagen e não pensei mais nisso. Mas voltei a pensar alguns meses mais tarde.”

“O que era esse B/41?”, interrompeu Dessauer.

“Era um derivado de benzoil, como já lhe disse. Mas continha um núcleo pirânico.”

Dessauer ergueu os olhos espantado: “Um núcleo pirânico? Como o senhor sabe essas coisas?”.

Dybowski deixou escapar um sorriso cansado.

“Quarenta anos”, respondeu com paciência, “trabalho aqui há quarenta anos, e o senhor acha que não aprendi nada? Não há satisfação em trabalhar sem aprender. Além disso, depois de tudo o que falaram depois... saiu até nos jornais, o senhor não leu?”

“Não os daquela época”, disse Dessauer.

“Não que eles explicassem as coisas muito bem, sabe como são os jornalistas; mas o fato é que por um bom tempo só se falou de piranos, como quando há processos envolvendo venenos. Só se ouvia isso, nos trens, nos abrigos antiaéreos, até os alunos de colégio sabiam dos núcleos benzênicos condensados e não-coplanares, do carbono pirânico assimétrico, do benzoil em *para* e da atividade versamínica. Porque agora o senhor já compreendeu, não é? Foi o próprio Kleber que o batizou de *versamina*: uma substância que converte a dor em prazer. O benzoil tinha bem pouca importância: o que contava era o núcleo produzido de um certo modo, quase como os planos da cauda de um avião. Se quiser subir ao segundo andar, ao laboratório do pobre Kleber, o senhor poderá ver os modelos espaciais que ele mesmo fazia, com as próprias mãos.”

“Tinham efeito permanente?”

“Não: duravam apenas uns dias.”

“Que pena”, Dessauer deixou escapar. Estava escutando com atenção, mas ao mesmo tempo não conseguia desviar o olhar da neblina e da chuva que caía além das vidraças, nem interromper uma linha de raciocínio: a sua cidade tal como a reencontrara, quase intacta nos edifícios, mas sacudida por dentro, trabalhada por baixo como uma ilha de gelo flutuante, cheia de falsa alegria de viver, sensual mas sem paixão, rumorosa sem felicidade, cética, inerte, perdida. A capital da neurose: nova apenas nesse aspecto, decrépita no resto, aliás, sem tempo, petrificada como Gomorra. O teatro mais adequado para a história tortuosa que o velho ia narrando.

“Pena? Espere o final. Não percebe que era algo grande? O senhor deve saber que o B/41 era apenas um primeiro ensaio, um preparado de efeitos suaves e inconstantes. Kleber logo se deu conta de que, com certos outros grupos, nem tão raros assim, era possível ir muito além: um pouco como a história da bomba de Hiroshima e das outras que vieram em seguida. Não por acaso, note, não por acaso: estes pretendem libertar a humanidade da dor, aqueles, presentear-lhes

energia grátis, mas não sabem que nada é de graça, nunca, e tudo se paga. De qualquer modo, ele havia encontrado o filão. Eu trabalhava com ele, era encarregado do trato com os animais; já ele continuava com as sínteses, pesquisando três ou quatro simultaneamente. Em abril, preparou um composto muito mais ativo que os outros, o de número 160, que depois se tornou a versamina DN, passando-me depois a droga para testes. A dose era baixa, não mais de meio grama. Todos os animais reagiam, mas não em igual medida: alguns demonstravam apenas anomalias de comportamento, daquelas que mencionei antes, e voltavam à normalidade poucos dias depois, mas outros pareciam — como dizer? — transtornados, sem se recuperar dos efeitos, como se para eles o prazer e a dor tivessem definitivamente invertido suas posições: todos esses morreram.

“Vê-los era uma experiência terrível e fascinante. Lembro-me de um pastor alemão, por exemplo, que quisemos manter vivo a todo custo, contra a sua vontade, porque parecia não ter outra vontade que não a de destruir-se. Mordia as patas e a cauda com uma ferocidade insensata, e quando pusemos a focinheira, mastigava a própria língua. Tivemos de meter-lhe um tampão de borracha na boca, e o alimentávamos com injeções: então ele aprendeu a correr na jaula e a bater contra as barras de ferro com toda a força que tinha. Antes batia ao acaso, com a cabeça, com as costas, mas depois viu que era melhor golpear o focinho, e em todas as vezes uivava de prazer. Tivemos de atar-lhe também as patas, mas ele não se lamentava, ao contrário, agitava a cauda tranqüilamente durante dias e noites, pois já não dormia. Recebera apenas um decigrama de versamina, numa única dose, mas não se recuperou mais. Kleber tentou uma dúzia de supostos antídotos (tinha uma teoria, dizia que serviriam para alguma síntese preventiva), mas nenhum deles surtiu efeito, e o último o matou.

“Depois tive nas mãos um vira-lata, devia ter um ano, um bichinho a quem logo me apeguei. Parecia manso, por isso o deixávamos livre no jardim, muitas horas do dia. Também demos a ele um decigrama, mas em pequenas doses, ao longo de um mês: ele sobreviveu mais tempo, coitado, mas já não era um cachorro. Nele não havia mais nada de canino: já não gostava de carne, raspava terra e pedregulhos com as garras e os engolia. Alimentava-se de salada, palha, feno, jornal. Tinha medo das cadelas e cortejava galinhas e gatas: aliás, uma gata ficou furiosa, saltou-lhe nos olhos e começou a arranhá-lo, enquanto ele deixava, balançando o rabo,

deitado sobre o dorso. Se eu não tivesse chegado a tempo, ela lhe teria arrancado os olhos. Quanto mais fazia calor, mais eu penava em fazê-lo beber água: na minha frente, fingia que bebia, mas era óbvio que a água lhe repugnava; no entanto, certa vez escapou escondido do laboratório, achou uma bacia de solução isotônica e a bebeu inteira. E, mesmo se já estivesse saciado de água (nós a ministrávamos por uma sonda), continuaria a beber por conta própria até explodir.

“Uivava ao sol, gania à lua, agitava a cauda por horas a fio diante do esterilizador e do moinho a pilão e, quando eu o levava a passeio, rosnava para as árvores e em toda esquina. Em suma, era um contra-cão: asseguro-lhe que o comportamento dele era tão estranho que amedrontava qualquer um que tivesse conservado um quarto de sanidade. Veja: ele não se embrutecera como o outro, o *Canis lupus*. Na minha opinião, ele entendia como um homem, sabia que quando se tem sede é preciso beber, e que um cão deve comer carne, e não feno; mas o erro e a perversão eram mais fortes do que ele. Na minha frente ele fingia, esforçava-se em fazer a coisa certa, não só para me dar prazer e para que eu não me irritasse, mas também, acho, porque ele sabia e continuava sabendo o que era certo. Mas morreu mesmo assim. Era atraído pelo barulho dos bondes, e foi assim que morreu: de repente arrancou-me a guia das mãos e, cabeça baixa, correu contra um bonde. Poucos dias antes, eu o flagrara lambendo a estufa: estava acesa, sim, quase fervendo. Quando me viu, agachou-se com as orelhas baixas e o rabo entre as pernas, como se esperasse uma punição.”

“Com os camundongos e ratos acontecia mais ou menos a mesma coisa. Aliás, não sei se o senhor leu nos jornais sobre aqueles ratos na América: associaram um estímulo elétrico aos centros cerebrais do prazer, e eles aprenderam a excitá-los e insistiam nisso até morrer. Acredite em mim, tratava-se da versamina: é um efeito que se obtém com uma facilidade irrisória, e com pouca despesa. Talvez eu ainda não lhe tenha dito, mas são substâncias baratas: não mais que poucos xelins por grama, e um grama basta para arruinar um homem.

“A essa altura, eu achava que já havia elementos bastantes para irmos com cuidado: disse isso a Kleber; no fundo, eu era o mais velho e tinha esse direito, mesmo sendo menos instruído que ele, e acompanhei todo o caso ao lado dos cães. Ele disse que sim, naturalmente; mas depois não resistiu e desconversou. Aliás, fez

pior: assinou um contrato com a OPG e começou a drogar-se.

“Como o senhor pode imaginar, fui o primeiro a perceber. Ele fazia muito esforço para esconder, mas logo vi como a coisa se alastrava. Sabe como me dei conta? Dois fatos: parou de fumar e se coçava — desculpe se falo assim, mas é preciso chamar as coisas pelo nome. Na verdade, na minha frente ele continuava a fumar, mas notei logo que já não tragava o fumo, nem olhava a fumaça que saía; além disso, as guimbas que deixava no escritório eram cada vez mais longas, era óbvio que acendia, dava duas puxadas só por hábito e jogava o resto fora. Quanto à coceira, só se lanhava quando não era observado ou quando se distraía; mas nesses momentos ele se coçava de modo feroz, igualzinho a um cão, como se quisesse escavar-se. Insistia nos lugares que já estavam irritados, e logo surgiram escoriações nas mãos e no rosto. Não saberia falar mais sobre a vida dele, já que morava só e não falava com ninguém, mas acho que não foi por acaso que, justo naquele período, uma garota que freqüentemente o procurava por telefone e às vezes o esperava na saída do Instituto nunca mais apareceu.

“Quanto ao acordo com a OPG, estava na cara que era algo fadado a não dar certo. Não acho que ele tenha recebido muito dinheiro: deram um golpe comercial em surdina, apresentando a versamina DN como um novo analgésico, sem mencionar o outro aspecto da história. Mas algo deve ter vazado, vazado daqui de dentro, e, como não falei com ninguém, todos perceberam quem foi o responsável. O fato é que o novo analgésico foi rapidamente apreendido, mas logo em seguida a polícia encontrou, aqui na cidade, um clube de estudantes onde supostamente se faziam orgias nunca vistas. A notícia apareceu no *Kurier*, mas sem os detalhes; eu sei os detalhes, mas prefiro poupá-lo, são coisas da Idade Média: basta dizer que milhares de agulhas foram apreendidos, junto com tenazes e braseiros. Então a guerra terminou, houve uma ocupação e tudo se cobriu de silêncio: até porque parece que a filha do ministro T. estava envolvida na confusão.”

“Mas o que houve com Kleber?”, perguntou Dessauer.

“Calma, estamos chegando. Só queria lhe contar mais uma coisa, que eu soube do próprio Hagen, o da aguardente, que na época era chefe-de-gabinete no Ministério do Exterior. A OPG revendera a licença das versaminas à marinha americana, faturando com isso não sei quantos milhões (porque neste mundo as coisas seguem assim), e a marinha tentou uma aplicação militar. Na Coréia, uma

das equipes de desembarque estava versaminada. Pensava-se que demonstraria grande coragem e desprezo pelo perigo, mas o que houve foi algo assustador: desprezo pelo perigo a tropa tinha de sobra, mas parece que, diante do inimigo, todos se comportaram de modo abjeto e absurdo, abandonando-se todos ao extermínio.

“O senhor me perguntava de Kleber. Acho que já contei o suficiente para que se possa intuir que os anos seguintes não foram alegres para ele. Eu o acompanhei dia a dia, sempre tentando salvá-lo, mas nunca consegui falar de homem para homem: ele me evitava, tinha vergonha. Emagreceu, definhou como alguém que tivesse câncer. Via-se que tentava resistir e guardar para si apenas o bom, aquela avalanche de sensações agradáveis, quem sabe deliciosas, que as versaminas produzem com facilidade e de graça. Grátis só na aparência, é claro, mas a ilusão deve ser irresistível. Assim ele se esforçava para comer, embora tivesse perdido todo o amor pela comida; dormir já não podia, mas havia conservado seus hábitos de homem metódico. Todas as manhãs, chegava pontualmente às oito e começava a trabalhar, mas eram visíveis em seu rosto as marcas da luta que devia sustentar para não se deixar trair pelo bombardeio de mensagens falsas que lhe chegavam de todos os sentidos.

“Não sei lhe dizer se ele continuava a tomar versamina por fraqueza, por obstinação ou se havia parado e os efeitos se tornaram crônicos; o fato é que no inverno de 52, que foi muito rigoroso, eu o surpreendi aqui, exatamente nesta sala: estava se abanando com um jornal e começava a tirar a malha quando eu entrei. Também se atrapalhava ao falar, às vezes dizia ‘amargo’ em vez de ‘doce’, ‘frio’ ao invés de ‘quente’; na maioria das vezes, corrigia-se a tempo, mas eu percebia sua hesitação diante de certas escolhas, ou um olhar ao mesmo tempo irritado e culpado ao se dar conta de que eu o notava. Um olhar que me fazia mal: lembrava o daquele outro, seu predecessor, o cão vira-lata, que se agachava com as orelhas baixas quando eu o surpreendia fazendo coisas erradas.

“Como terminou? Olhe, segundo a notícia oficial, ele morreu num acidente de carro, aqui na cidade, numa noite de verão. Não parou no semáforo: assim dizia o boletim da polícia. Eu poderia ter ajudado as autoridades a entender melhor o caso, explicar-lhes que, para um homem naquelas condições, não devia ser fácil distinguir o vermelho do verde. Mas achei mais caridoso ficar calado: conto isso tudo ao

senhor porque vocês eram amigos. Porém devo dizer que, entre tantas coisas erradas, Kleber fez uma certa: pouco antes de morrer, destruiu todo o dossiê das versaminas e o material que já estava pronto.”

Nesse ponto o velho Dybowski se calou; Dessauer não acrescentou nenhuma palavra. Pensava em muitas coisas confusas e prometeu a si mesmo que mais tarde, com calma, tentaria ordená-las, talvez naquela noite: tinha um compromisso, mas decidiu adiá-lo. Ruminou uma idéia sobre a qual não pensava havia tempos, porque sofrera bastante: que não se pode extirpar a dor, nem se deve, pois ela é a nossa guardiã. Frequentemente é uma guardiã estúpida, porque inflexível, fiel à sua tarefa com uma obstinação maníaca, e nunca se cansa, ao passo que todas as outras sensações se cansam, se deterioram, especialmente as mais prazerosas. Mas não se pode suprimir a dor, fazê-la calar, porque faz parte da vida, é a sua salvaguarda.

Paradoxalmente, também pensava que, se tivesse o fármaco nas mãos, o experimentaria; porque, se a dor é a guardiã da vida, o prazer é o seu objetivo e o seu prêmio. Pensava que preparar um pouco de 4-4'-diaminospirano não seria complicado; pensava que, se as versaminas sabem converter em alegria até as dores mais pesadas e duradouras, a dor de uma ausência, de um vazio que nos cerca, a dor de um fracasso irreparável, a dor de sentir-se acabado, então, bem, por que não?

Mas, por uma dessas associações de que a memória é pródiga, pensava ainda numa planície selvagem da Escócia, nunca vista, mas melhor que vista; uma planície cheia de chuva, relâmpagos e vento, e no canto alegre-maligno de três bruxas barbudas, conhecedoras das dores e dos prazeres e sábias em corromper a vontade humana:

Fair is foul, and foul is fair:

Hover through the fog and filthy air.^a

a “O belo é feio, e o feio é belo:/ Pairemos entre a névoa e o ar impuro”, versos de *Macbeth*, Ato I, cena I, de William Shakespeare. (N. T.)

A Bela Adormecida na geladeira

Conto de inverno

PERSONAGENS

Lotte Thörl

Peter Thörl

Maria Lutzer

Robert Lutzer

Ilse

Baldur

Patricia

Margareta

Em Berlim, no ano 2115.

Lotte Thörl, sozinha

LOTTE: ... E assim se passou mais um ano, estamos de novo em 19 de dezembro, esperando hóspedes para a festinha habitual. (*Barulhos de louça e de móveis arrastados.*) Eu não gosto particularmente dos hóspedes. Aliás, antigamente meu marido me chamava de “ursa maior”. Mas agora não: de uns anos para cá ele mudou, tornou-se uma pessoa séria e tediosa. A ursa menor seria nossa filha Margareta: coitadinha! Só tem quatro anos. (*Passos, barulhos.*) Não que eu seja uma mulher esquivada e selvagem: simplesmente me irrita uma recepção com mais de cinco ou seis convidados. No final é uma grande bagunça, discursos sem pé nem cabeça, e eu tenho a triste impressão de que ninguém percebe a minha presença, salvo quando circulo com as bandejas.

Além disso, não costumamos receber pessoas: só duas, três vezes por ano, e raramente aceitamos convites. É compreensível: ninguém pode oferecer aos próprios hóspedes o que nós oferecemos. Há quem tenha belos quadros, Renoir, Picasso, Caravaggio; há quem tenha um orangotango domesticado ou um cachorro ou um gato vivos; há quem disponha de um bar com os estupefacientes mais avançados; mas nós temos Patricia... (*suspiro*) Patricia!

(*Campainha.*) Os primeiros chegaram. (*Bate numa porta.*) Venha, Peter, estou aqui.

Lotte e Peter Thörl; Maria e Robert Lutzer.

Todos se cumprimentam.

ROBERT: Boa noite, Lotte; boa noite, Peter. Que tempo horroroso! Há quantos meses não vemos o sol?

PETER: E há quanto tempo não vemos vocês?

LOTTE: Oh, Maria! Você está mais jovem que nunca. E que casaco maravilhoso! Presente do marido?

ROBERT: Já não são uma novidade. É um marciano prateado: parece que os russos importaram uma grande quantidade deles; podem ser encontrados no setor oriental a preços bem razoáveis. No mercado negro, é claro: é uma mercadoria controlada.

PETER: Eu te invejo e te admiro, Robert. Conheço poucos berlinenses que não se queixam da situação, mas não conheço nenhum que se safe com a sua desenvoltura. Cada vez mais me convenço de que o amor verdadeiro e apaixonado pelo dinheiro é uma virtude que não se aprende, mas se herda com o sangue.

MARIA: Quantas flores! Lotte, estou sentindo um maravilhoso perfume de aniversário. Parabéns, Lotte!

LOTTE (*aos dois maridos*): Maria é incorrigível. Mas se console, Robert, não foi o casamento que a deixou assim, tão deliciosamente distraída. Ela já era assim na escola: nós a chamávamos de “a desmiolada de Colônia”, e convidávamos amigos e amigas de outras turmas para assistir às suas provas orais. (*Com severidade burlesca*) Sra. Lutzer, tenha mais atenção. É assim que prepara as lições de história? Hoje não é o meu aniversário: hoje é 19 de dezembro, aniversário de Patricia.

MARIA: Oh, me desculpe, querida. Tenho realmente uma memória de galinha.

Então hoje à noite haverá o descongelamento? Que beleza!

PETER: Claro, como todos os anos. Vamos apenas esperar a chegada de Ilse e Baldur. (*Campainha.*) Aqui estão: atrasados, como sempre.

LOTTE: Seja mais compreensivo, Peter! Você já viu um casal de namorados chegar na hora marcada?

Ilse e Baldur entram. Cumprimentos de ambas as partes.

Lotte e Peter; Maria e Robert; Ilse e Baldur.

PETER: Boa noite, Ilse; boa noite, Baldur. É um privilégio vê-los de novo: vocês estão a tal ponto apaixonados um pelo outro que os velhos amigos não existem mais para vocês.

BALDUR: Por favor, nos perdoem. Estamos nadando contra a burocracia: o meu doutorado, os papéis para a prefeitura, o salvo-conduto para Ilse, o beneplácito do partido; o visto do prefeito já chegou, mas ainda estamos esperando o de Washington e o de Moscou, principalmente o de Pequim, que é o mais difícil de ser obtido. É de deixar louco. Há séculos não vemos ninguém: ficamos pálidos e feios, temos vergonha de exibir os nossos rostos por aí.

ILSE: Chegamos tarde, não é? Somos mesmo dois cafonas. Mas por que não começaram sem a gente?

PETER: Nunca faríamos isso. O momento do despertar é o mais interessante: ela é tão graciosa quando abre os olhos!

ROBERT: Vamos, Peter, é melhor começarmos, senão terminaremos de madrugada. Vá pegar o manual: e não faça como naquela vez, a primeira, acho (quantos anos atrás?), quando você errou um procedimento e quase estragou tudo.

PETER (*incomodado*): Estou com o manual aqui no bolso; mas já sei as instruções de cor. Vamos para a outra sala? (*Rumor de cadeiras arrastadas e de passos; comentários; murmúrios de impaciência.*) ... Um: interromper o circuito de azoto e o de gás inerte. (*Executa: rangido, sopro abafado, duas vezes.*) Dois: acionar a bomba, o esterilizador Wroblewski e o microfiltro. (*Barulho da bomba, como de uma motocicleta distante; alguns segundos de espera.*) Três: abrir o circuito de oxigênio (*começa um chiado cada vez mais agudo*) e girar lentamente a válvula até que o indicador atinja a marca de vinte e um por cento...

ROBERT: Não, Peter, vinte e quatro por cento: no manual está escrito vinte e quatro por cento. Se eu fosse você, colocaria os óculos. Não leve a mal, temos a mesma idade, mas eu colocaria os óculos, pelo menos em certas ocasiões.

PETER (*de mau humor*): Sim, você tem razão, vinte e quatro por cento. Mas tanto faz, vinte e um ou vinte e quatro por cento: já fiz isso outras vezes. Quatro: deslocar gradualmente o termostato, elevando a temperatura à velocidade de cerca de dois graus por minuto. (*Ouve-se a batida de um metrônomo.*) Agora, silêncio, por favor. Ou pelo menos não falem tão alto.

ILSE (*sussurrando*): Ela sofre durante o descongelamento?

PETER (*voz baixa*): Não, em tese, não. Mas é por isso que é necessário fazer tudo certo, seguir exatamente as prescrições. Mesmo durante a temporada na geladeira, é indispensável que a temperatura seja mantida dentro de limites rigorosos.

ROBERT: Certo: basta qualquer grau a menos e adeus, li que alguma coisa se coagula nos centros nervosos, e aí eles não acordam mais, ou acordam deficientes e sem memória; já se a temperatura estiver um pouco acima do padrão, eles retomam a consciência, mas sofrem terrivelmente. Imagine que horror: sentir-se inteiramente congelado, mãos, pés, sangue, coração, cérebro, e não poder mover um dedo, não poder bater as pálpebras, não poder emitir um som e pedir socorro!

ILSE: Terrível! É preciso coragem e muita fé. Quero dizer, fé nos termostatos. Eu, por mim, sou louca por esportes de inverno, mas sinceramente não trocaria de lugar com Patricia nem por todo o ouro do mundo. Soube até que ela já estaria morta se, quando as experiências começaram, não lhe tivessem injetado aquele... como se diz... an-ti-con-ge-lante. Sim, aquele mesmo que no inverno colocamos nos radiadores dos carros. Mas é lógico: senão, o sangue congelaria. Não é verdade, sr. Thörl?

PETER (*evasivo*): Dizem tantas coisas...

ILSE (*pensativa*): Não me surpreende que tão poucos tenham se submetido a isso. Palavra, não me surpreende. Me disseram que ela é linda: é verdade?

ROBERT: Esplêndida. No ano passado eu a vi de perto: uma carnação como hoje não existe mais. Vê-se que, apesar de tudo, o regime alimentar do século xx, ainda em grande parte natural, devia conter algum princípio vital que até hoje desconhecemos. Não que eu desconfie dos químicos: ao contrário, tenho o maior respeito e estima por eles. Mas acho que são... como dizer... pretensiosos, sim,

pretensiosos. Na minha opinião, há sempre algo a descobrir, ainda que secundário.

LOTTE (*de má vontade*): Sim, ela de fato é graciosa. De resto, é a beleza da idade. Tem uma pele de recém-nascida: para mim, é o efeito do supercongelamento. Não tem uma cor natural, é muito rosada e muito branca, parece... sim, parece um sorvete, desculpem a comparação. Até os cabelos são demasiado louros. Para dizer a verdade, me dá a impressão de ser um pouco passada, *faisandée*... porém é bela, ninguém pode negar. Também é muito culta, educadíssima, inteligentíssima, audaciosa, superlativa em todos os aspectos, e por isso me dá medo, me incomoda, me deixa complexada. (*Falou mais do que devia; cala-se, embaraçada, e então continua, com esforço*) ... mas mesmo assim eu gosto muito dela. Especialmente quando está congelada.

Silêncio. O metrônomo continua batendo.

ILSE (*sussurrando*): É possível olhar pela janelinha da geladeira?

PETER (*voz baixa*): Claro, mas não faça barulho. Já estamos a menos dez, e uma emoção repentina poderia ser prejudicial a ela.

ILSE: Oh! É encantadora! Parece falsa... E é... quero dizer, é mesmo da época?

BALDUR (*à parte*): Não faça perguntas tolas!

ILSE (*à parte*): Não é uma pergunta tola. Queria saber quantos anos tem: parece tão jovem, e no entanto dizem que é... antiga.

PETER (*que ouviu*): É facilmente explicável, senhorita. Patricia tem cento e sessenta e três anos, dos quais vinte e três de vida normal e cento e quarenta de hibernação. Mas, me desculpem, eu pensei que vocês já soubessem dessa história. A vocês que já sabem, Maria e Robert, desculpem a repetição: tentarei explicar rapidamente o caso ao nosso querido casal.

Vocês devem saber que a técnica de hibernação foi iniciada em meados do século XX, basicamente com objetivos clínicos e cirúrgicos. Mas só em 1970 chegou-se a congelamentos realmente inócuos e indolores, portanto aptos a conservar por longo tempo organismos complexos. Com isso, um sonho se tornou realidade: parecia possível “enviar” um homem ao futuro. Mas a que distância no futuro? Existiriam limites? E a que preço?

Justamente para instituir um controle para uso das gerações vindouras, que

seríamos nós, foi aberto aqui em Berlim, em 1975, um concurso para voluntários.

BALDUR: E Patricia é um desses?

PETER: Exatamente. Pelo que sabemos de seu registro pessoal, que está na geladeira com ela, trata-se da primeira classificada. Possuía todos os requisitos, coração, pulmões, rins etc., tudo em perfeito estado; um sistema nervoso de piloto espacial; um caráter imperturbável e decidido, uma emotividade ilimitada, e finalmente uma boa cultura e inteligência. Não que inteligência e cultura sejam indispensáveis para suportar a hibernação, mas, em igualdade de condições, deram preferência a indivíduos de alto nível intelectual, por evidentes razões de prestígio em relação a nós e aos nossos sucessores.

BALDUR: Então Patricia dormiu de 1975 até hoje?

PETER: Sim, com breves interrupções. O programa foi acertado entre ela e a comissão, cujo presidente era Hugo Thörl, meu célebre antepassado...

ILSE: Ele é aquele famoso, que a gente estuda na escola?

PETER: Ele mesmo, senhorita, o descobridor do quarto princípio da termodinâmica. O programa previa um despertar de algumas horas, a cada ano, sempre em 19 de dezembro, dia do seu aniversário...

ILSE: Que idéia singela!

PETER: ... e também em circunstâncias de especial interesse, como importantes expedições planetárias, crimes e processos célebres, casamentos de soberanos ou de musas do cinema, encontros internacionais de beisebol, cataclismos da natureza e fatos semelhantes: enfim, tudo o que mereça ser visto e preservado para um futuro distante. Além disso, naturalmente, sempre que falta luz... e duas vezes por ano para exames médicos. Pelo que consta dos registros, a soma dos intervalos de vigília, de 1975 até hoje, é de cerca de trezentos dias.

BALDUR: ... e, me desculpe a pergunta, como Patricia se tornou hóspede de sua casa? Está aqui há muito tempo?

PETER (*embaraçado*): Patricia é... Patricia faz parte, por assim dizer, da linha hereditária da nossa família. É uma longa história, em parte obscura. Sabe, são coisas de outros tempos, já se passou um século e meio... pode-se considerar um milagre que, com todas as insurreições, bloqueios, ocupações, repressões e saques que ocorreram em Berlim, Patricia tenha sido transmitida de pai para filho, ilesa, sem nunca ter deixado a nossa casa. De certo modo, representa a continuidade

familiar: é... um símbolo.

BALDUR: ... mas como...

PETER: ... como Patricia passou a fazer parte da nossa família? Bem, por estranho que pareça, não se encontrou nada escrito sobre esse ponto, há apenas uma tradição oral que Patricia se recusa a confirmar ou a desmentir. Parece que, no início da experiência, Patricia foi alojada na Universidade, precisamente na câmara frigorífica do Instituto de Anatomia, e que por volta de 2000 ela teria tido uma violenta discussão com o corpo acadêmico. Diz-se que aquela situação não lhe agradava porque não preservava a sua intimidade, e também porque ela não queria estar ombro a ombro com cadáveres destinados à dissecação. Parece que numa das vigílias ela teria declarado formalmente que ou a colocavam num frigorífico privado, ou recorreria à corte; e que Hugo Thörl, naquela época decano da faculdade, para resolver a questão, teria generosamente se oferecido para hospedá-la.

ILSE: Que mulher estranha! Mas, me desculpem, ela já não tem o bastante? Quem a obriga? Além disso, não deve ser muito divertido ficar em letargia o ano inteiro e acordar apenas por um ou dois dias, e não quando se quer, mas quando algum outro decide. Para mim, seria um tédio mortal.

PETER: Engano seu, Ilse. Ao contrário, nunca houve uma existência mais intensa que a de Patricia. A vida dela está concentrada: só contém o essencial, não contém nada que não mereça ser vivido. Quanto ao tempo passado na geladeira, ele passa para nós, não para ela. Não deixa marcas nela, nem na memória nem nos tecidos. Ela não envelhece, exceto nas horas de vigília. Do primeiro aniversário na geladeira, que foi o vigésimo quarto dela, até hoje, em cento e quarenta anos, envelheceu menos de um ano. Do ano passado até agora, para ela transcorreram apenas trinta horas.

BALDUR: Três ou quatro horas no aniversário, e o resto?

PETER: Depois, vamos ver (*calcula mentalmente*), outras seis ou sete para o dentista, para experimentar uma roupa, para ir com Lotte comprar um par de sapatos...

ILSE: É justo. É preciso que ela pelo menos acompanhe a moda.

PETER: ... e já estamos em dez. Seis horas para a estréia de *Tristão* na Ópera, e são dezesseis. Outras seis para dois exames médicos gerais...

ILSE: Como, ela esteve doente? É claro, essas mudanças de temperatura não fazem bem a ninguém. Dizer que nos habituamos é mentira!

PETER: Não, não, está muito bem de saúde. São os fisiologistas do Centro de Estudos: regulares como a cobrança das taxas, eles vêm aqui duas vezes por ano, com todos os seus apetrechos, a descongelam, reviram-na de todos os lados, radioscopias, testes psicológicos, eletrocardiogramas, exames de sangue... depois vão embora, sem dizer palavra. Segredo profissional: nenhum comentário.

BALDUR: Mas então não é por interesse científico que vocês a têm em casa?

PETER (*constrangido*): Não... não só. Sabe, eu trabalho com outras coisas... Não fui feito para o ambiente acadêmico; o fato é que nos afeiçoamos a Patricia. E ela se afeiçoou a nós, como uma filha. Não nos deixaria por nada.

BALDUR: Mas então por que os intervalos de vigília são tão raros e breves?

PETER: Isso é óbvio: Patricia pretende chegar em plena juventude aos próximos séculos, por isso deve fazer economia. Mas você terá a oportunidade de ouvir dela mesma essas coisas e outras mais: pronto, chegamos a trinta e cinco graus, está abrindo os olhos. Rápido, querida, abra a porta e corte o invólucro; começou a respirar.

Estalo e rangido da porta; barulho de tesouras ou de corta-papéis.

BALDUR: Que invólucro?

PETER: Um invólucro de polietileno, hermético, muito aderente. Serve para reduzir as perdas por evaporação.

O metrônomo, que se ouvia ao fundo em todas as pausas, bate cada vez mais forte, e então pára de repente. Soa três vezes uma sirena, nitidamente. Silêncio completo por alguns segundos.

MARGARETA (*do outro cômodo*): Mamãe! Tia Patricia já acordou? O que ela me trouxe neste ano?

LOTTE: O que você queria que ela te trouxesse? O mesmo cubinho de gelo! Além disso, é o aniversário dela, não o seu. Agora fique quieta. Durma que já é tarde.

Novo silêncio. Ouve-se um suspiro, um bocejo, um espirro escandaloso. Depois, sem transição, Patricia começa a falar.

PATRICIA (*voz amaneirada, arrastada, nasal*): Boa noite, bom dia. Que horas são? Quanta gente! Que dia é hoje? Que ano?

PETER: 19 de dezembro de 2115. Não lembra? É o seu aniversário. Parabéns, Patricia!

TODOS: Parabéns, Patricia!

Vozes de todos, misturadas. Ouvem-se pedaços de frases:

“Como é bonita!”

“Senhorita, me perdoe, gostaria de fazer algumas perguntas...”

“Depois, depois! Imaginem como está cansada!”

“Sonha quando está na geladeira? Que tipo de sonho?”

“Queria sua opinião sobre a...”

ILSE: Será que conheceu Napoleão e Hitler?

BALDUR: Claro que não! O que você está dizendo? Foram dois séculos antes!

LOTTE (*interrompe com decisão*): Com licença, por favor. Deixem-me passar, é preciso que alguém pense nas coisas práticas. Patricia talvez necessite de algo... (*para Patricia*) uma xícara de chá quente? Ou talvez algo mais nutritivo? Uma pequena bisteca? Precisa trocar de roupa, tomar um ar?

PATRICIA: Chá, obrigada. Como você é amável, Lotte! Não, por enquanto não preciso de mais nada; você sabe, o descongelamento me deixa o estômago sempre embrulhado; quanto à bisteca, talvez mais tarde. Mas pequena, certo? Oh, Peter, como vai? Como vai sua ciática? Quais as novidades? Terminou a conferência de cúpula? Já começou a fazer frio? Ah, detesto o inverno, sou muito sujeita a resfriados... E você, Lotte? Parece ótima, até mais gordinha, talvez...

MARIA: ... É verdade, os anos passam para todos...

BALDUR: Passam para quase todos. Peter, me permita, ouvi tanto falar de Patricia, esperei tanto esse encontro, que agora gostaria... (*Para Patricia*) Senhorita, perdoe o meu entusiasmo, sei que o seu tempo é curto, mas gostaria que me descrevesse o nosso mundo visto com os seus olhos, que me falasse do seu passado, do seu século que nos deu tanto, de suas intenções para o futuro, que...

PATRICIA (*com segurança*): Não há nada de extraordinário, a gente se acostuma logo. Veja aqui o sr. Thörl, por exemplo, cinqüentão (*maldosamente*), cabelos ralos,

barriguinha, pequenas dores de vez em quando. Pois bem, para mim, dois meses atrás, ele tinha vinte anos, escrevia poesias, estava para partir como voluntário com os Ulanos. Há três meses, tinha dez e me chamava de tia Patricia, chorava quando me congelavam e queria vir comigo para a geladeira. Não é verdade, Peter? Oh, me desculpe.

Cinco meses atrás, ele não só não havia nascido, mas não estava nem remotamente nos planos; havia o pai, o coronel, mas eu falo de quando ele era apenas tenente, estava na Quarta Legião de Mercenários, e a cada despertar ele tinha uma condecoração a mais e uns cabelos a menos. Ele me cortejava, daquele jeito engraçado que se usava na época: cortejou-me durante oito degelos... pode-se dizer que os Thörl têm isso no sangue, e nesse aspecto garanto que todos se assemelham. Não têm... como dizer?... não têm uma idéia muito séria da relação de tutela... *(a voz de Patricia prossegue em diminuendo)* imagine que até o Ancestral, o Patriarca...

Sobrepõe-se nítida e próxima a voz de Lotte, dirigida ao público.

LOTTE: Vocês ouviram? Essa moça é assim. Não tem... não tem papas na língua. É verdade que engordei, mas não estou numa geladeira. Ela não, ela não engorda, é eterna, incorruptível como o amianto, o diamante, o ouro. Mas gosta dos homens, especialmente dos maridos alheios. É uma arrogante eterna, uma sedutora incorruptível. Então apelo aos senhores: não tenho razões para detestá-la? *(Suspiro)* ... e ela agrada aos homens, mesmo com a venerável idade: isso é o pior. Vocês sabem como são os homens, Thörl ou não Thörl, e os intelectuais mais que os outros: dois suspiros, duas olhadas de um certo modo, duas lembranças de infância, e a armadilha dispara. Mais tarde, quem tem problemas é ela, claro — depois de um mês ou dois, acorda em meio a corações moles e meio passados... Não, não pensem que eu seja tão cega ou tão tola: também me dei conta de que, desta vez, ela mudou de tom com o meu marido, se tornou mordaz, cortante. Compreensível: há outro homem no horizonte. Mas vocês não assistiram às outras vezes em que despertou. Eu devia arrancar-lhe o couro! De resto... nunca consegui ter provas, dar um flagrante, mas vocês acham que tudo era feito às claras entre a jovem e o “tutor”? Em outras palavras *(com força)*, acham que todos os descongelamentos foram regularmente registrados no livro pessoal? Eu não acho. Não tenho muita

certeza disso. (*Pausa. Conversa confusa, com barulho ao fundo.*) Mas desta vez há novidades, como vocês mesmos notaram. É simples: há outro homem em vista, um homem mais jovem. Essa garotinha gosta de carne fresca! Basta ouvi-la: ela não demonstra saber o que quer? (*Vozes.*) Oh, não achei que já estivéssemos nesse ponto.

Das vozes do fundo emergem as falas de Baldur e de Patricia.

BALDUR: ... uma impressão que nunca experimentei. Nunca imaginei que fosse possível encontrar numa mesma pessoa o fascínio da eternidade e o da juventude. Sinto-me como se estivesse diante das pirâmides, e no entanto a senhora é tão jovem e tão bela!

PATRICIA: Sim, senhor... Baldur, é assim que se chama, não é? Sim, Baldur. Mas os meus dons são três, e não dois. A eternidade, a juventude e a solidão. E este último é o preço a pagar pela audácia que tive.

BALDUR: Mas que experiência admirável! Passar voando quando os outros se arrastam pela vida, poder comparar pessoalmente costumes, acontecimentos e heróis à distância de décadas e séculos! Qual historiador não a invejaria? E eu, que me proclamava cultor da história! (*Com ímpeto repentino*) Deixe-me ler o seu diário.

PATRICIA: Como sabe... Quero dizer, o que o faz pensar que eu tenha um diário?

BALDUR: Então ele existe! Adivinhei!

PATRICIA: Sim, tenho. Faz parte do programa, mas ninguém sabe, nem mesmo Thörl. E ninguém pode lê-lo: está cifrado, e isso também faz parte do programa.

BALDUR: Se ninguém pode ler, serve pra quê?

PATRICIA: Para mim. Servirá mais tarde.

BALDUR: Mais tarde quando?

PATRICIA: Depois. Quando eu tiver chegado. Então espero publicá-lo: acho que não terei dificuldade em encontrar um editor, porque é um diário íntimo, um gênero que sempre vende. (*Com voz sonhadora.*) Penso em dedicar-me ao jornalismo, sabe? E publicar os diários íntimos de todos os poderosos da Terra de minha época, Churchill, Stálin etc. Dá para ganhar um monte de dinheiro.

BALDUR: Mas como a senhora tem esses diários?

PATRICIA: Eu não os tenho. Escreverei eu mesma. Baseada em episódios autênticos, claro.

Pausa.

BALDUR: Patricia! (*Outra pausa*). Vamos ficar juntos!

PATRICIA (*pensa um pouco; depois, muito friamente*): Em termos abstratos, não seria uma má idéia. Mas não pense que basta entrar na geladeira: é preciso tomar injeções, seguir o curso preparatório... Não é tão simples. Além disso, nem todos têm um organismo apto... Sim, seria simpático ter um companheiro de viagem como o senhor, tão vivo, tão apaixonado, com um temperamento tão rico... Mas o senhor não está noivo?

BALDUR: Noivo? Estava.

PATRICIA: Até quando?

BALDUR: Até meia hora atrás: mas agora eu a encontrei, e tudo mudou.

PATRICIA: O senhor é um conquistador, um homem perigoso. (*A voz de Patricia muda bruscamente, não é mais lamentosa e lânguida, mas nítida, enérgica, cortante.*) De qualquer modo, se as coisas estão como o senhor diz, poderia nascer um acordo interessante.

BALDUR: Patricia! Por que adiar? Vamos partir: fuja comigo. Não no futuro: no presente.

PATRICIA (*friamente*): Estava pensando justamente nisso. Mas quando?

BALDUR: Agora, imediatamente. Atravessamos a sala e vamos.

PATRICIA: Nonsense. Logo todos estariam atrás de nós, e ele à frente. Veja: já está com suspeitas.

BALDUR: Então quando?

PATRICIA: Esta noite. Ouça bem. À meia-noite todos vão embora, e eles me recongelam e me recolocam na naftalina. É um processo mais rápido que o despertar, parecido com o dos anfíbios, o senhor sabe, é preciso sair da água devagar, mas a imersão pode ser rápida. Eles me metem na geladeira e ligam o compressor sem muita cerimônia: mas nas primeiras horas eu me mantenho bem macia, posso facilmente retornar à vida ativa.

BALDUR: E então?

PATRICIA: Então é simples. O senhor vai com os outros, acompanha a sua... aquela garota até a casa; depois volta aqui, entra no jardim, passa pela janela da cozinha...

BALDUR: ... e pronto! Mais duas horas, duas horas e o mundo será nosso! Mas, me diga, Patricia, não haverá arrependimentos? Não vai lamentar ter interrompido a sua corrida para os séculos futuros por minha causa?

PATRICIA: Veja, meu jovem, nós teremos tempo bastante para falar dessas belas coisas se o plano der certo. Mas antes é preciso que aconteça. Olhe, já estão indo; volte ao seu lugar, despeça-se civilizadamente e tente não fazer bobagens. Sabe, não é por nada, mas eu detestaria perder a ocasião.

Vozes dos convidados se despedindo, barulho de cadeiras sendo arrastadas. Pedacos de frases:

“Até o próximo ano!”

“Boa noite, se posso dizer assim...”

“Vamos, Robert, não achei que fosse tão tarde.”

“Baldur, vamos, você terá a honra de me acompanhar.”

Silêncio. Depois a voz de Lotte, dirigida ao público.

LOTTE: ... e assim foram todos embora. Peter e eu ficamos sós, com Patricia, o que nunca é agradável para nenhum de nós três. Não digo por causa da antipatia que descrevi antes, de modo talvez um tanto impulsivo; não: é uma situação objetivamente desagradável, fria, falsa, cheia de constrangimento para todos. Falamos um pouco de uma coisa ou outra, depois nos despedimos, e Peter recolocou Patricia na geladeira.

Os mesmos ruídos do descongelamento, mas invertidos e acelerados. Suspiro, bocejo. Rápido fechamento do invólucro. Metrônomo acionado, depois a bomba, os chiados etc. O metrônomo continua em movimento, cujo ritmo gradualmente se confunde com o som mais lento de um relógio de pêndulo. Soa uma hora, uma e meia, duas. Ouve-se o rumor de um carro que se aproxima, pára, a porta bate. Um cachorro late ao longe. Passos no jardim. Uma janela se abre. Passos no piso de madeira, que range cada vez mais próximo. Abre-se a porta da geladeira.

BALDUR (*sussurrando*): Patricia, sou eu!

PATRICIA (*voz confusa e abafada*): Crmdtimrs lm mvolmcrm!

BALDUR: Cooooooooo?

PATRICIA (*mais nitidamente*): Corte o invólucro!

Ruído do corte.

BALDUR: Pronto. E agora? O que devo fazer? Por favor, me perdoe, mas não tenho prática, sabe, é a primeira vez que me acontece...

PATRICIA: Oh, o principal já foi feito, agora eu me viro sozinha. Só me ajude a sair daqui.

Passos. “Devagar”, “Psss”, “Por este lado”. Janela. Passos no jardim. A porta do carro. Baldur liga o motor.

BALDUR: Saímos, Patricia. Saímos do gelo, saímos do pesadelo. Parece que estou sonhando: há duas horas estou vivendo num sonho. Tenho medo de acordar.

PATRICIA (*friamente*): Levou sua noiva para casa?

BALDUR: Quem, Ilse? Acompanhei-a, sim. Inclusive me despedi dela.

PATRICIA: Como assim, se despediu? Definitivamente?

BALDUR: Sim, nem foi tão difícil quanto eu pensava, só uma rápida cena. Ela nem chorou.

Pausa, o carro está em movimento.

PATRICIA: Meu jovem, não me leve a mal. Acho que chegou o momento de uma explicação. Por favor, me entenda: eu precisava sair de lá de qualquer jeito.

BALDUR: ... e se tratava apenas disso? Sair?

PATRICIA: Só isso. Sair do frigorífico e sair da casa Thörl. Baldur, sinto que lhe devo uma confissão.

BALDUR: Uma confissão é pouco.

PATRICIA: É tudo o que eu posso lhe dar; e não é uma bela confissão. Estou realmente cansada: gelo e degelo, gelo e degelo, depois de muito tempo isso cansa. Além disso, há outra coisa.

BALDUR: Mais outra?

PATRICIA: Sim, mais outra. As visitas dele, de noite. A trinta e três graus, ainda morna, quando estava totalmente indefesa. E, como eu ficava calada — claro! —, ele talvez imaginasse...

BALDUR: Minha querida, como deve ter sido sofrido!

PATRICIA: Uma verdadeira tortura, não pode imaginar. Um tédio indizível.

Barulho do carro, que se afasta.

LOTTE: ... E assim termina esta história. Eu tinha percebido algo, e naquela noite ouvi barulhos estranhos. Mas fiquei calada: por que deveria dar o alarme?

Acho que assim será melhor para todos. Baldur, coitadinho, me contou tudo: parece que Patricia, além de tudo, ainda lhe pediu dinheiro; queria ir não sei aonde, reencontrar um colega que está nos Estados Unidos, também na geladeira, obviamente. Quanto a ele, Baldur, se reatará o noivado com Ilse ou não, isso não importa a ninguém, nem mesmo a Ilse. A geladeira foi vendida. Sobre Peter, veremos.

A medida da beleza

A barraca ao lado da nossa estava livre. Fui à cabana tórrida onde estava escrito DIREÇÃO, para ver se era possível alugá-la pelo mês inteiro: o salva-vidas consultou a lista das reservas e me disse: “Não, sinto muito. Foi reservada desde junho por um senhor de Milão”. Tenho boa visão: ao lado do número 75 estava escrito o nome Simpson.

Não deve haver muitos Simpson em Milão: esperava que não fosse ele, o Simpson funcionário da NATCA. Não que eu tenha antipatia por ele, ao contrário; mas minha mulher e eu prezamos muito a nossa privacidade, e férias são férias, qualquer *revenant* do mundo dos negócios atrapalha. Além disso, aquela intolerância dele, a rigidez puritana que se manifestou particularmente no episódio dos duplicadores, esfriou um pouco as nossas relações, e isso o tornava pouco bem-vindo como vizinho de praia. Mas o mundo é pequeno: depois de três dias, debaixo da barraca número 75, apareceu o sr. Simpson em pessoa. Trazia uma bolsa de praia muito volumosa, e nunca o vi tão embaraçado.

Conheço Simpson há muitos anos e sei que ele é, ao mesmo tempo, astuto e ingênuo, como todos os autênticos representantes e vendedores; e que também é sociável, loquaz, amante da boa mesa. Contudo, o Simpson que o destino me havia colocado ao lado era reticente e nervoso: parecia estar deitado numa cama de faquir, e não numa espreguiçadeira voltada para o Adriático. Nas poucas frases que trocamos, caiu em contradições: disse que amava a vida praieira e que vinha a Rimini havia muitos anos; logo em seguida, confessou que não sabia nadar e que banhos de sol eram para ele uma chateação e uma grande perda de tempo.

No dia seguinte, desapareceu. Corri ao salva-vidas: Simpson havia devolvido a

barraca. O comportamento dele começava a me interessar. Rodei pelos estabelecimentos, distribuindo gorjetas e cigarros, e em menos de duas horas soube (e sem surpresa) que ele havia reservado uma barraca nos banhos sírios, na ponta oposta da praia.

Eu estava convencido de que o puritano sr. Simpson, abundantemente esposado e com uma filha em idade de se casar, viera a Rimini com uma mulher: a suspeita me dava tanta curiosidade que decidi espreitar os seus movimentos, do alto da torre. Essa coisa de ver sem ser visto, sobretudo de cima, é uma ação que sempre me entusiasmou. “Peeping Tom”, que preferiu morrer a renunciar a ver Lady Godiva pelas frestas da persiana, é o meu herói; espiar meus semelhantes, independentemente do que estejam fazendo ou prestes a fazer, e de qualquer descoberta final, me dá uma sensação de potência e de bem-estar profundos: talvez seja uma lembrança atávica das longas esperas dos nossos ancestrais caçadores, que reproduz as emoções vitais da perseguição e da emboscada.

Mas no caso de Simpson a descoberta parecia inevitável. A hipótese de uma garota logo caiu por terra, não havia nenhuma garota à vista — porém o comportamento do nosso homem era peculiar. Estava deitado e lia (ou fingia ler) o jornal, mas tudo fazia pensar que se dedicava a uma atividade investigatória não muito diferente da minha. De tanto em tanto interrompia a inércia: metia a mão na bolsa e sacava algo parecido com uma filmadora ou uma pequena câmera de vídeo: apontava-a obliquamente para o céu, apertava um botão, depois escrevia alguma coisa num caderninho. Fotografava algo ou alguém? Observei melhor; sim, era o mais provável: não chegam a ser uma novidade, especialmente na praia, essas máquinas providas de objetiva prismática, para tomadas em ângulo, de modo a não despertar suspeita na pessoa que se quer retratar.

À tarde eu não tinha mais dúvidas: Simpson fotografava os banhistas que passavam na sua frente. Às vezes se deslocava até a orla e, se encontrasse um alvo interessante, apontava para o céu e disparava. Não parecia mostrar preferência por banhistas bonitas, nem por banhistas *tout court*: fotografava ao acaso, adolescentes, velhas matronas, homens magérrimos e grisalhos, moças e rapazes robustos da Romagna. Depois de cada foto, metodicamente, tirava os óculos escuros e escrevia algo no livrinho. Um detalhe me pareceu inexplicável: os aparelhos eram dois, idênticos entre si, um para os homens, outro para as mulheres. A essa altura eu já

tinha certeza: não se tratava de uma mania inócua ou senil (de resto, adoraria chegar aos sessenta como Simpson), mas de qualquer coisa de grande — ou de tão grande quanto o embaraço de Simpson diante de mim, e a sua pressa em mudar de barraca.

Desde aquele momento, meu voyeurismo ocioso transformou-se em atenção concentrada. As manobras de Simpson se tornaram um desafio ao meu engenho, como um problema de xadrez, aliás, como um mistério da natureza: estava resolvido a ir até o fim.

Comprei um bom binóculo, mas não foi de muita ajuda; ao contrário, só fez confundir minhas idéias. Simpson fazia anotações em inglês, com péssima letra e muitas abreviações: mas pude perceber que cada página do livrinho era dividida em três colunas, cada qual com um cabeçalho: “Vis. Eval.”, “Meter” e “Obs.”. Evidentemente era um trabalho experimental por conta da NATCA: mas qual?

À noite voltei à pensão de péssimo humor. Conteí a história à minha mulher — nessas coisas as mulheres costumam ter um instinto surpreendente. Mas até minha mulher, por motivos diferentes e indefiníveis, estava de mau humor; disse-me que, para ela, Simpson era um velho porcalhão, e que ela não se interessava nem um pouco pelo caso. Quase me esqueço de dizer que, desde o ano passado, quando começaram as vendas dos duplicadores, minha mulher criou uma forte antipatia por Simpson: temia que eu comprasse um e a duplicasse, e já se preparava para ter ciúme de si mesma. Mas depois pensou mais um pouco e me deu um conselho fulminante: “Parta para o ataque. Ameace denunciá-lo à polícia da praia”.

Simpson capitulou rapidamente. Eu comecei dizendo que estava mal impressionado com a sua fuga e com a falta de confiança, e acrescentei que, na minha opinião, nossa longa amizade deveria tranquilizá-lo sobre minha capacidade de discrição, mas logo vi que era um discurso inútil. Simpson era o Simpson de sempre: estava morrendo de vontade de me contar tudo em detalhes; evidentemente o sigilo fora imposto pela empresa, e ele só esperava um caso de força maior para infringi-lo. Minha primeira alusão a uma denúncia, vaga e bisonha, bastou para que ele me contasse tudo.

Contentou-se com uma sumária promessa de discrição de minha parte; depois disso seu olhar se acendeu, e ele me disse que os dois aparelhos não eram máquinas

fotográficas, e sim dois Calômetros. Dois calorímetros? Não, dois Calômetros, dois medidores de beleza. Um masculino e um feminino.

“Trata-se de um novo produto, uma pequena série experimental. Os primeiros modelos foram entregues aos funcionários mais antigos e confiáveis”, confessou-me sem falsa modéstia: “Fomos encarregados de testá-los em várias condições ambientais e em sujeitos distintos. Não nos explicaram os detalhes técnicos do funcionamento (por causa das habituais questões de patente, claro), mas insistiram bastante naquilo que chamaram de *philosophy* do aparelho.”

“Um medidor de beleza! Parece-me meio ousado. O que é a beleza? Você sabe? Isso foi explicado pelos homens da matriz, como se chama, Fort...?”

“Fort Kiddiwanee. Sim, eles se colocaram essa questão; mas, sabe, os americanos (deveria dizer ‘nós, americanos’, não é? Mas se passaram tantos anos!), os americanos são mais simples do que nós. Talvez houvesse alguma dúvida até ontem, mas hoje a coisa é clara: a beleza é o que o Calômetro mede. Desculpe: mas que eletricista se preocupa em saber qual a essência íntima da diferença de potencial? A diferença de potencial é o que o voltímetro mede: o resto não passa de complicação inútil.”

“Justamente. O voltímetro serve para os eletricistas, é um instrumento de trabalho. O Calômetro serve para quê? Até hoje a NATCA conquistou uma boa reputação por suas máquinas para escritório, sólidas e eficazes, para calcular, duplicar, compor, traduzir: não entendo por que se dedicaria agora à construção de aparelhos tão... frívolos. Frívolos ou filosóficos: não há meio-termo. Eu jamais compraria um Calômetro: pra que serviria?”

Simpson ficou radiante; apoiou o indicador esquerdo no nariz, desviando-o fortemente para a direita, e então disse: “Sabe quantas encomendas já temos? Não menos de quarenta mil, só nos Estados Unidos, e a campanha publicitária ainda nem deslanchou. Posso lhe dar detalhes mais amplos daqui a alguns dias, quando forem esclarecidos certos detalhes legais referentes aos possíveis usos do aparelho; mas não pense que a NATCA projetaria e lançaria um produto sem uma séria pesquisa de mercado! Além disso, a idéia também agradou aos nossos, como diria?, colegas de além da cortina. Não sabia? Há um burburinho entre os altos escalões que chegou aos jornais (mas se falava genericamente de ‘um novo achado de importância estratégica’), circulou por nossas filiais e até despertou apreensão. Os

soviéticos dizem o contrário, como sempre; mas temos boas provas de que, três anos atrás, um dos nossos projetos levou até Moscou, ao Ministério da Educação, a idéia do Calômetro e um dos primeiros desenhos de conjunto. Já não é segredo para ninguém que a NATCA é um covil de criptocomunistas, de intelectuais e de raivosos.

“Sorte nossa que a coisa foi parar nas mãos dos burocratas e dos teóricos de estética marxista; graças aos primeiros, perderam-se uns dois anos; graças aos segundos, o tipo de aparelho que será lançado lá não poderá fazer concorrência ao nosso. É destinado a outros usos: parece que se trata de um Calogoniômetro, que mede a beleza em função do ângulo de abertura social, e isso não nos interessa minimamente. Nosso ponto de vista é bem distinto, mais concreto. A beleza, como lhe dizia, é um número puro: é uma relação, ou melhor, um conjunto de relações. Mas não quero me apropriar do pensamento alheio: tudo o que lhe digo estará escrito, e com palavras mais elevadas, no folheto publicitário do Calômetro, que já está pronto nos Estados Unidos e em breve será traduzido; sou apenas um modesto engenheiro, um engenheiro atrofiado por vinte anos de atividade comercial (mas próspera). A beleza, de acordo com a nossa filosofia, é relativa a um modelo variável segundo a moda ou a qualquer observador, e não existem observadores privilegiados. Responde ao arbítrio de um artista, de um agente oculto ou simplesmente de cada cliente. Por isso, cada Calômetro deve ser ajustado antes do uso, e o ajuste é uma operação delicada e fundamental: a título de exemplo, este aparelho foi ajustado a partir da *Fantesca* de Sebastiano dal Piombo.”

“Então, se entendi bem, trata-se de um aparelho diferencial?”

“Correto. Obviamente não se pode pretender que todos os usuários tenham gostos evoluídos e diferenciados: nem todos os homens possuem um ideal feminino definido. Por isso, nesta fase preliminar de teste e lançamento comercial, a NATCA orientou-se por três modelos: um modelo *blank*, que é ajustado gratuitamente segundo uma mostra indicada pelo cliente, e dois modelos de ajuste *standard*, para medir respectivamente a beleza feminina e a masculina. A título de experiência, durante todo este ano o modelo feminino, batizado de Páris, será ajustado a partir da fisionomia de Elizabeth Taylor, e o modelo masculino (por enquanto ainda não foi muito solicitado), com base nas feições de Raf Vallone. A propósito: recebi hoje mesmo uma carta confidencial de Fort Kiddiwanee, Oklahoma, comunicando que

até o momento não foi encontrado um nome satisfatório para este modelo, e que foi aberto um concurso para os funcionários mais velhos. O prêmio, naturalmente, é um Calômetro, a ser escolhido entre os três tipos. O senhor, que é uma pessoa culta, gostaria de participar? Seria um prazer inscrevê-lo com o meu nome...”

Não acho que Semíramis seja um nome muito original nem muito pertinente: vê-se que os outros concorrentes tinham uma fantasia e uma cultura ainda mais pobres do que a minha. Venci o concurso, ou melhor, ganhei por Simpson, que recebeu e emprestou-me um Calômetro *blank*, deixando-me feliz por um mês.

Experimentei o aparelho tal como me havia sido enviado, mas sem formatação: marcava cem diante de qualquer objeto focado. Devolvi o Calômetro à filial e solicitei que ele fosse ajustado a partir de uma boa reprodução em cores do *Retrato da senhora Lunia Czechowska*; ele me foi reenviado com uma presteza louvável, e eu o testei em diversas condições.

Expressar um julgamento final talvez seja prematuro e presunçoso; todavia acho que posso afirmar que o Calômetro é um aparelho sensível e engenhoso. Se o objetivo é reproduzir o julgamento humano, ele o alcançou amplamente: mas reproduz o juízo de um observador de gostos extremamente limitados e restritos, ou melhor, de um maníaco. Meu aparelho, por exemplo, assinala baixas pontuações para todos os rostos femininos arredondados, ao passo que privilegia feições alongadas; a tal ponto que marcou uma cotação de K 32 para a nossa leiteira, que é considerada uma das belezas locais, mas é rechonchuda, e avaliou em K 28 a Gioconda, que submeti em reprodução. Entretanto é extraordinariamente parcial no caso de pescoços longos e delgados.

Sua qualidade mais surpreendente (aliás, a única que de fato o distingue de um sistema banal de fotômetros) é a indiferença quanto à posição do sujeito e a sua distância. Pedi a minha mulher, que atingiu um bom K 75, com picos de K 79 quando estava repousada, serena e em adequadas condições de luz, que se submetesse a testes em várias posições — de frente, de perfil direito e esquerdo, deitada, com chapéu ou sem, com olhos abertos ou fechados —, e sempre obtive leituras entre cinco unidades K.

As indicações só se alteram visivelmente quando o rosto faz um ângulo de mais

de noventa graus; se o objeto estiver completamente virado, isto é, oferecendo a nuca ao aparelho, as leituras se tornam muito baixas.

Devo lembrar que minha mulher tem uma face oval e bastante alongada, o pescoço delgado e o nariz ligeiramente voltado para cima; na minha opinião, mereceria até uma pontuação mais alta, se não fosse pelos cabelos, que são negros, ao passo que os do modelo de ajuste são louro-escuros.

Caso se aponte o Páris para rostos masculinos, geralmente se registram resultados inferiores a K 20 e abaixo de K 10, se o retratado tiver barba ou bigode. É notável que o Calômetro raramente apresenta leituras nulas: analogamente ao que ocorre com as crianças, ele aprecia o rosto humano até mesmo em suas manifestações mais grosseiras e casuais. Diverti-me fazendo a objetiva passear lentamente sobre superfícies de coloração variada (mais especificamente, sobre um papel de parede): cada oscilação do marcador correspondia a uma zona em que era possível reconhecer uma vaga semelhança antropomorfa. Só obtive leituras zero com objetos decididamente assimétricos e informes, ou diante de fundos lisos.

Minha mulher detesta o Calômetro, mas não quer ou não sabe explicar a razão do seu ódio. Sempre que me vê com o aparelho na mão ou ouve falar dele, torna-se fria e o seu humor piora. Uma atitude injusta, já que, como eu disse, ela recebeu uma boa avaliação: K 79 é uma nota excelente. A princípio, pensei que ela dedicasse ao Calômetro a mesma desconfiança genérica que nutria pelos aparelhos vendidos ou emprestados por Simpson, ou pelo próprio Simpson; mas seu silêncio e seu desconforto me incomodavam a tal ponto que, na noite passada, provoquei deliberadamente sua indignação ao brincar por uma hora com o Calômetro pela casa. No entanto devo dizer que as opiniões dela, embora expressadas de maneira alterada, são fundadas e razoáveis.

Em suma, minha mulher está escandalizada com a extrema docilidade do aparelho. Segundo ela, mais que um medidor de beleza, o Calômetro é um medidor de conformidade e, portanto, um instrumento maravilhosamente conformista. Tentei defender o Calômetro (que, segundo minha mulher, seria mais correto chamar de “homeômetro”) observando que qualquer um que julgue é um conformista, na medida em que, conscientemente ou não, se refere a um modelo: recordei-lhe o início tempestuoso dos impressionistas; o ódio da opinião pública

pelos inovadores (em todos os campos), que se transforma em pacífico amor quando os inovadores deixam de ser inovadores; finalmente busquei demonstrar que a instauração de uma moda, de um estilo, o “hábito” coletivo a um novo modo de expressão, é o análogo exato do ajuste de um Calômetro. Insisti naquilo que considero o fenômeno mais alarmante da civilização atual, ou seja, que até o homem médio, hoje, pode ser ajustado nos moldes mais incríveis: ele pode ser persuadido de que as flores de plástico e os móveis suecos são belos, e apenas estes; que só é boa uma determinada pasta de dente, só é hábil um cirurgião específico, só é depositário da verdade um certo partido; afirmei que, no fim das contas, é pouco esportivo desprezar uma máquina só porque ela reproduz um procedimento mental humano. Mas minha mulher é um caso extremo de educação crociana: respondeu “pode ser”, e não creio que a tenha convencido.

Por outro lado, nesses últimos tempos também perdi parte do meu entusiasmo, mas por outros motivos. Reencontrei Simpson na reunião do Rotary: estava de ótimo humor e anunciou-me duas “grandes vitórias”.

“Agora já não tenho dúvidas sobre a campanha de vendas”, me disse. “Parece inacreditável, mas em toda a nossa linha de produtos não há máquina mais fácil de pôr na praça. Amanhã enviarei a relação mensal de pedidos para Fort Kiddiwanee; é quase certo que serei promovido! Eu sempre digo que as grandes virtudes do vendedor são duas: o conhecimento dos homens e a fantasia”, e, em tom confidencial, acrescentou: “... as casas de prostituição! Ninguém ainda havia pensado nisso, nem na América. É um verdadeiro recenseamento espontâneo: não pensei que fossem tantas. Todas as agentes logo intuíram a importância comercial de um arquivo moderno, completado por uma indicação calométrica objetiva: Magda, 22 anos, K 87; Wilma, 26 anos, K 77... entendeu?”

“Além disso, tive outra idéia; bem, nesse caso o mérito não é só meu, já que fui favorecido pelas circunstâncias. Vendi um Páris ao seu amigo Gilberto: sabe o que ele fez? Assim que o recebeu, ele alterou o aparelho, tirou a configuração original e o reajustou a partir de si mesmo.”

“E daí?”

“Não percebe? É uma idéia que pode ser induzida quase espontaneamente na maioria dos clientes. Até já preparei um esboço do folheto publicitário que pretendo distribuir nas próximas festas; aliás, se pudesse fazer a gentileza de dar

uma olhadinha... sabe, não tenho muita segurança com o italiano. Uma vez que a moda estiver lançada, quem não presenteará a esposa (ou o marido) com um Calômetro ajustado pela própria imagem? Aposto que poucos resistirão ao elogio de um K 100: lembre-se da bruxa de Branca de Neve. Todos gostam de se sentir adulados e secundados, mesmo que seja por um simples espelho ou uma máquina.”

Não conhecia esse lado cínico do caráter de Simpson: despedimo-nos friamente, e temo que a nossa amizade tenha sido seriamente abalada.

Quaestio de centauris

et quae sit iis potandi, comedendi et nubendi ratio.

Et fuit debatuta per X hebdomadas inter vesanum auctorem

et ejusdem sodales perpetuos G. L. et L. N.^a

Meu pai o mantinha no estábulo, porque não sabia onde alojá-lo. Fora presente de amigo, capitão do mar, que dizia tê-lo comprado em Salônica: mas o próprio amigo dissera que o seu lugar de nascimento era Cólofon.

Quanto a mim, fui severamente proibido de aproximar-me, porque, diziam, ele se enfurecia facilmente e dava coices. Porém posso afirmar por experiência direta que se trata de um velhíssimo lugar-comum; por isso, desde minha adolescência, nunca obedeci à proibição, ao contrário, especialmente no inverno passei horas memoráveis com ele, e outras belíssimas no verão, quando Trachi (se chamava assim) me carregava na garupa com as próprias mãos e partia num galope doido pelos bosques da colina.

Tinha aprendido a nossa língua com bastante facilidade, mas conservava um leve sotaque levantino. Apesar dos seus duzentos e cinquenta anos, era de aspecto jovial, tanto na parte humana quanto na eqüina. O que passarei a expor é fruto das nossas longas conversas.

As origens dos centauros são lendárias; mas as lendas que eles transmitem entre si são bem diferentes das que nós consideramos clássicas.

É notável que as suas tradições também recorram à figura do homem arquinteligente, a um Noé inventor e salvador, que entre eles tem o nome de Cutnofeset. Mas não havia centauros na arca de Cutnofeset; nem havia “sete pares

de cada espécie de animal puro, e um par de cada espécie de animal impuro”. A tradição centáurica é mais racional que a bíblica, e narra que só foram salvos os arquétipos, as espécies-chave: o homem, mas não o macaco; o cavalo, mas não o asno ou o onagro; o galo e o corvo, mas não o abutre, a gralha ou o falcão.

Como então nasceram essas espécies? Logo depois, diz a lenda. Quando as águas se retiraram, a terra ficou coberta de um estrato profundo de barro quente. Ora, esse barro, que continha em sua podridão todos os fermentos do que perecera no dilúvio, era extraordinariamente fértil: assim que o sol o banhou, cobriu-se de germes, dos quais vicejaram ervas e plantas de todo gênero; e ainda hospedou em seu seio generoso e úmido as núpcias de todas as espécies salvas pela arca. Foi um tempo que jamais se repetiu, de fecundidade delirante, furibunda, em que o universo inteiro sentiu amor, tanto que por pouco não retornou ao caos.

Foram os dias em que a própria terra fornicava com o céu, em que tudo germinava, tudo dava fruto. Cada casamento era fecundo, e não em alguns meses, mas em poucos dias; e não só os casamentos, mas também qualquer contato, cada união, ainda que fugaz, inclusive entre espécies diversas, entre animais e pedras, entre plantas e pedras. O mar de lama morna, que ocultava a face da terra fria e verecunda, era um único e interminável tálamo, que borbulhava de desejo em cada recesso seu e pululava de germes jubilosos.

Essa segunda criação foi a verdadeira criação; pois, segundo a tradição dos centauros, não se explicariam de outro modo certas analogias e convergências percebidas por todos. Por que o delfim é semelhante a um peixe, mas parteja e amamenta seus filhotes? Porque é filho de um atum e de uma vaca. De onde vêm as cores graciosas da borboleta e a sua habilidade no vôo? São filhas de uma mosca e de uma flor. E as tartarugas? São filhas de um sapo e de um seixo. E os morcegos? De uma coruja e de um rato. E os moluscos? De um caracol e de uma pedra polida. E os hipopótamos? De uma égua e de um rio. E os abutres? De um verme nu e de uma ave de rapina. E as grandes baleias, os leviatãs, cujo tamanho imenso dificilmente poderia ser explicado? Seus ossos lenhosos, sua pele gordurosa e escura, sua respiração ardente são o testemunho vivo de um conúbio venerando: o ávido enlace do próprio barro primordial em torno da quilha feminina da arca, construída em madeira de Gofer e revestida dentro e fora por lustroso betume, quando o fim de toda carne fora decretado.

Tal foi a origem de toda forma vivente ou extinta: os dragões e os camaleões, as quimeras e as harpias, os crocodilos e os minotauros, os elefantes e os gigantes, cujos ossos pedregosos ainda hoje se encontram com maravilha no seio das montanhas. E assim nasceram eles mesmos, os centauros — porque dessa festa das origens, dessa panspermia, também participaram os poucos sobreviventes da família humana.

Tomou parte dela especialmente Cam, o filho desregrado, de cujos amores desenfreados com uma égua da Tessália se originou a primeira geração de centauros. Estes foram, desde os primórdios, uma progênie nobre e forte, em que se conservava o melhor da natureza humana e da eqüina. Eram ao mesmo tempo sábios e valorosos, generosos e argutos, bons na caça e no canto, na guerra e na observação dos astros. Como ocorre nos conúbios mais felizes, parecia que as virtudes dos genitores se excederam reciprocamente na estirpe, pois eles foram, pelo menos no início, mais possantes e velozes que suas mães tessálicas, e bem mais sábios e prudentes do que o negro Cam e seus outros pais humanos. Assim também se explicaria, segundo alguns, a longevidade deles — que, segundo outros, deveria ser atribuída aos seus hábitos alimentares, que descreverei mais adiante. Ou talvez, ainda, ela seja simplesmente a projeção temporal de sua grande vitalidade — tese em que acredito (e que é comprovada pela história que irei contar), pois a eles não foi transmitida a força herbívora do cavalo, mas sim a cegueira rubra do espasmo sangüíneo e proibido, o instante de plenitude humano-ferina em que foram concebidos.

O que quer que se pense sobre o assunto, qualquer um que considere as tradições clássicas sobre os centauros com alguma atenção não deixará de notar que nelas nunca se faz menção à existência de centauras. Pelo que aprendi de Trachi, elas de fato não existem.

A união homem-égua, que hoje só é fecunda em raros casos, não gera nem jamais gerou senão centauros machos, e deve haver uma razão vital para isso, embora ainda seja desconhecida. Quanto à união inversa, de cavalos com mulheres, ela foi muito rara ao longo dos tempos, e apenas por solicitação de mulheres dissolutas, e por isso mesmo pouco propensas à geração.

Nos casos excepcionais em que resulta fecundo, esse conúbio raríssimo gera uma prole feminina e dúplice; mas aí as duas naturezas se misturam de modo inverso. As

criaturas têm cabeça, pescoço e patas anteriores eqüinas; porém o dorso e o ventre são de fêmea humana, bem como os membros posteriores.

Em sua longa vida, Trachi encontrou pouquíssimas delas, e assegurou-me que não sentiu nenhuma atração por esses monstros esquálidos. Não são “finas feras”,^a mas animais de escassa vitalidade, infecundos, inertes e fugidios: não se relacionam com os homens nem aprendem a obedecer aos seus comandos, vivendo miseravelmente nas selvas mais fechadas, e não em bandos, mas em rude solidão. Nutrem-se de ervas e de frutos e, quando são flagradas pelo homem, têm o curioso hábito de se apresentarem de frente, quase envergonhadas de sua metade humana.

Trachi portanto nascera em Cólofon, da união secreta de um homem com uma das numerosas éguas tessálicas que ainda vivem em estado selvagem nessa ilha. Temo que alguns leitores destas notas possam rejeitar nossas afirmações, já que a ciência oficial, ainda hoje embebida de aristotelismo, nega a possibilidade de uniões fecundas entre espécies distintas. Mas a ciência oficial quase sempre carece de humildade; de fato, em termos gerais, uniões desse tipo são infecundas; mas quantas vezes o experimento foi feito? Não mais que algumas dezenas de vezes. E foi tentado entre todos os casais possíveis? Claro que não. Como não tenho razão para pôr em dúvida o que o próprio Trachi me narrou, convido todos os incrédulos a considerar que há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia.

Viveu a maior parte do tempo em solidão, abandonado a si mesmo, segundo o destino comum dos seus pares. Dormia ao ar livre, de pé sobre as quatro patas, com a cabeça entre os braços apoiados num galho baixo ou numa pedra. Pastava pelas pradarias e planícies da ilha, ou recolhia frutas das árvores; nos dias mais quentes, descia a uma praia deserta e ali se banhava, nadando à maneira eqüestre, com o tronco e a cabeça erguidos, e depois galopava longamente, marcando com vigor a areia úmida.

Em todas as estações, a maior parte do tempo era dedicada à comida; aliás, em todas as cavalgadas que Trachi empreendia, na força de sua juventude, pelas encostas e planícies estéreis de sua ilha nativa, sempre trazia consigo, debaixo dos braços, dois grandes feixes de mato ou de ramagens, que ele recolhia nos momentos de repouso, obedecendo a um instinto providencial.

É preciso recordar que os centauros, apesar de forçados a um regime herbívoro devido à sua constituição predominantemente eqüina, têm o torso e a cabeça semelhantes aos do homem; essa estrutura os obriga a introduzir através de uma pequena boca humana a enorme quantidade de ervas, feno ou cereais necessária ao sustento de seus corpos robustos. Notoriamente pouco nutritivos, esses alimentos exigem ainda uma demorada mastigação, mesmo porque a dentadura humana se adapta mal à trituração de forragens.

Em suma, a alimentação dos centauros é um processo laborioso: por uma necessidade física, são compelidos a mastigar durante três quartos do seu tempo. Sobre esse ponto não faltam testemunhos autorizados: antes de tudo o de Ucalegonte de Samos (*Dig. Phil.*, XXIV, II-8 e XLIII *passim*), que atribui a sabedoria proverbial dos centauros justamente a esse regime alimentar, feito de uma única refeição contínua, do alvorecer ao pôr-do-sol; isso os desviaria de outras solicitações nefastas ou vazias, como a cupidez de riquezas ou a maledicência, e contribuiria à sua habitual continência. Esse fato não era desconhecido de Beda, que o menciona na *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*.

É muito estranho que a tradição mitológica clássica tenha descuidado dessa peculiaridade dos centauros. Entretanto a verdade se assenta em testemunhos seguros e, de resto, como já demonstramos, pode ser deduzida por simples considerações de filosofia natural.

Voltando a Trachi, sua educação foi estranhamente parcial para os nossos critérios. Aprendera o grego dos pastores da ilha, cuja companhia ele às vezes buscava, embora fosse esquivo e taciturno por natureza. Além disso, aprendera por observação própria muitas coisas sutis e íntimas sobre a relva, as árvores, os animais do bosque, as águas, as nuvens, as estrelas e os planetas; notei que, mesmo depois da captura, e sob um céu estrangeiro, ele sentia a aproximação de uma tempestade ou a iminência de uma nevasca com muitas horas de antecedência. Também sentia — e eu não saberia descrever como, tampouco ele — o grão germinando nos campos, sentia a pulsação das águas nos lençóis subterrâneos, percebia a erosão das torrentes nas cheias. Quando a vaca dos De Simone pariu, a duzentos metros de nós, afirmou ter sentido o reflexo nas próprias vísceras; o mesmo ocorreu durante o parto da filha do meeiro. Aliás, anunciou-me numa noite de primavera que um parto estava a caminho, precisamente num certo ponto do

feneiro; fomos lá e encontramos uma fêmea de morcego que havia dado à luz seis monstros cegos, e naquele instante lhes oferecia o seu minúsculo leite.

Assim são feitos, ele me disse, todos os centauros: sentem nas veias, como uma onda de alegria, cada germinação animal, humana ou vegetal. Também percebem, no nível dos precórdios e sob a forma de uma ânsia e de uma trêmula tensão, cada desejo e cada amplexo que ocorre em suas cercanias; por isso, embora sejam habitualmente castos, entram num estado de viva inquietude no tempo dos amores.

Convivemos muito tempo: em certo sentido, posso afirmar que crescemos juntos. Malgrado sua idade avançada, era de fato uma criatura jovem, em todas as suas manifestações e atitudes, e aprendia com tal rapidez que nos pareceu inútil (além de embaraçoso) mandá-lo à escola. Eu mesmo o eduquei, quase sem saber ou querer, transmitindo-lhe noções que dia a dia assimilava dos meus mestres.

Nós o mantínhamos oculto na medida do possível, em parte por sua vontade, em parte por uma forma de afeto exclusivo e ciumento que todos tínhamos por ele; em parte, ainda, porque a razão e a intuição nos aconselhavam a poupá-lo de qualquer contato desnecessário com o nosso mundo humano.

Naturalmente, a sua presença perto de nós era sentida nas vizinhanças; a princípio faziam muitas perguntas, algumas bem indiscretas, mas depois, como costuma acontecer, a curiosidade abrandou-se por falta de estímulo. Poucos amigos nossos o conheceram, entre eles os De Simone, que rapidamente se tornaram seus amigos. Somente uma vez, quando o ferrão de um inseto lhe provocou um abscesso doloroso e purulento na garupa, recorremos aos serviços de um veterinário: mas era um homem discreto e compreensivo, que nos garantiu o mais escrupuloso sigilo profissional — e, pelo que sei, manteve a palavra.

O mesmo não ocorreu com o ferreiro. Infelizmente hoje quase não há ferreiros: encontramos um a duas horas do vilarejo, um homem inescrupuloso, estúpido e brutal. Meu pai tentou induzi-lo sem sucesso à discrição, pagando-lhe dez vezes mais que o razoável. De nada serviu: todos os domingos, ele reunia um círculo no bar e contava ao povoado o caso do estranho cliente. Por sorte, era aficionado pelo vinho, e costumava narrar as histórias mais absurdas quando estava bêbado; por isso, poucos acreditaram nele.

Para mim, é doloroso escrever esta história. Trata-se de uma história da minha juventude, e acho que, ao escrevê-la, a estou expelindo de mim, e depois me sentirei vazio de alguma coisa forte e pura.

Era verão quando Teresa de Simone, minha amiga de infância, voltou à casa dos pais. Havia estudado na cidade, e fazia muitos anos que eu não a encontrava; pareceu-me mudada, e a transformação me perturbou. Talvez eu estivesse apaixonado, mas inconscientemente; quero dizer, sem que o percebesse ou sequer suspeitasse. Ela era muito bonita, tímida, tranqüila e serena.

Como já mencionei, os De Simone eram dos poucos vizinhos que freqüentávamos com alguma regularidade. Conheciam Trachi e o adoravam.

Após o retorno de Teresa, passamos uma longa noite juntos, nós três. Foi uma daquelas noites raras, inesquecíveis: um cheiro intenso de feno, a lua, os grilos, um ar tépido e parado. Ouviam-se cantos distantes, e Trachi de repente começou a cantar, sem olhar para nós, como num sonho. Era uma longa canção, de ritmo forte e elevado, com palavras desconhecidas. Uma canção grega, disse Trachi: mas, quando lhe pedimos que a traduzisse, virou a cabeça e silenciou.

Ficamos muito tempo calados; depois Teresa se despediu. Na manhã seguinte, Trachi chamou-me à parte e me disse:

“Minha hora chegou, meu caro: estou apaixonado. Aquela mulher entrou em mim e me possuiu. Desejo vê-la e ouvi-la, talvez até tocá-la, não mais que isso; portanto desejo algo impossível. Reduzi-me a um ponto: não há mais nada em mim além desse desejo. Estou mudando, mudei, tornei-me um outro.”

Também me disse outras coisas, que transcrevo com hesitação, porque sinto que dificilmente conseguiria reproduzir-lhe o sentido. Falou-me que, naquela primeira noite, sentiu-se num “campo de batalha”; que compreendia, como nunca antes, as gestas dos seus impetuosos ancestrais, Nesso, Folo; que sua metade humana era toda cheia de sonhos, de fantasias nobres, elevadas e vãs; gostaria de ter participado de aventuras temerárias, de fazer jus à força do seu braço; desbravar com ímpeto as mais densas florestas, chegar a galope aos recantos mais remotos do mundo, descobrir e conquistar novas terras, e nelas fundar civilizações fecundas. E que tudo isso ele faria sob os olhos de Teresa de Simone, ainda que isso lhe parecesse obscuro: faria para ela, dedicaria a ela. Que, enfim, reconhecia a inutilidade dos seus sonhos no instante mesmo em que os sonhava; e que era esse o conteúdo da canção

entoada na noite anterior: uma canção aprendida na longínqua adolescência em Cólofon, e jamais compreendida ou cantada por ele desde então.

Por várias semanas nada mais ocorreu, víamos de vez em quando os De Simone, mas a reserva de Trachi impedia que se visse a tempestade que o agitava. O desfecho foi provocado por mim, e só por mim.

Numa noite de outubro, Trachi estava no ferreiro. Encontrei Teresa e passeamos juntos no bosque. Falávamos de quem, senão de Trachi? Não traí as confidências do meu amigo, mas fiz pior.

Logo percebi que Teresa não era tão tímida quanto parecia: escolhi como por acaso uma ruela que levava ao bosque mais denso; era uma rua sem saída, e eu sabia disso, e sabia que Teresa sabia. Quando a trilha desapareceu, ela se sentou sobre as folhas secas, e eu fiz o mesmo. Soaram as sete no sino do vale, e ela se achegou a mim de um modo que não deixou dúvidas. Quando voltamos para casa já era noite, mas Trachi ainda não havia regressado.

Imediatamente percebi o mal que havia feito: aliás, no próprio ato — e ainda hoje me lamento. No entanto sei que a minha culpa não é grande, nem a de Teresa. Trachi estava entre nós: estávamos imersos em sua aura, gravitando em seu campo. Sei disso porque eu mesmo vi: por onde ele passava, as flores desabrochavam antes do tempo, e nuvens de pólen voavam no vento de sua corrida.

Trachi não voltou. Reconstruímos o resto de sua história com dificuldade, nos dias que se seguiram, a partir de testemunhos e sinais.

Depois de uma noite, uma longa noite de espera para todos, e de secreto tormento para mim, decidi procurá-lo no ferreiro. Não o achei em casa: estava no hospital, com o crânio arrebatado, e sem poder falar. Encontrei seu ajudante. Disse-me que Trachi havia chegado por volta das seis, para trocar as ferraduras. Estava taciturno e triste, mas tranquilo. Deixou-se acorrentar como de costume, sem demonstrar impaciência (esse era o procedimento brutal do ferreiro, que anos antes tivera um incidente com um cavalo rebelde; inutilmente tentamos convencê-lo de que essa precaução com Trachi era um absurdo). Já estava com três cascos ferrados quando um arrepio demorado e violento o sacudiu. O ferreiro dirigiu-se a ele com nomes grosseiros, que se dizem aos cavalos; como o centauro estava cada vez mais inquieto, golpeou-o com um chicote.

Trachi pareceu acalmar-se, “mas seus olhos giravam nas órbitas como os de um louco, e parecia ouvir vozes”. De repente, com um solavanco furioso, arrancou as correntes de suas argolas no muro, e justamente uma dessas atingiu a cabeça do ferreiro, deixando-o desacordado; lançou-se contra a porta com todo o peso do corpo, decidido, defendendo a cabeça com os braços cruzados, e partiu a galope colina acima, enquanto as quatro correntes que ainda lhe prendiam as patas saltavam ao seu redor, ferindo-o repetidas vezes.

“A que hora aconteceu?”, perguntei, turbado por um pressentimento.

O ajudante hesitou: ainda não era noite, não sabia exatamente. Mas claro, agora recordava: poucos segundos antes da agitação o sino batera as horas, e o patrão lhe dissera em dialeto, para que Trachi não entendesse: “Já são sete! Se todos os clientes fossem *difisiôs* como este...”.

Sete!

Não foi difícil reconstituir o percurso furioso de Trachi: ainda que ninguém o houvesse visto, restavam vestígios consistentes do sangue que perdera, e as marcas das correntes nas cortiças das árvores e nas pedras à beira da estrada. Não se dirigiu para casa nem para o rancho dos De Simone; pulou evidentemente a cerca de dois metros que circunda a propriedade Chiapasso e atravessou os vinhedos pela tangente, abrindo um vão entre as fileiras com fúria cega, em linha reta, abatendo estacas e videiras, destroçando os resistentes fios de ferro que sustentam as ramagens.

Chegou ao pátio e encontrou a porta do estábulo fechada por fora com o cadeado. Poderia tê-la aberto facilmente com as mãos: no entanto pegou um velho moedor de grãos, de uns cinquenta quilos, e o arremessou contra a porta, deixando-a em frangalhos. No estábulo só havia seis vacas, um bezerro, galinhas e coelhos. Trachi retomou imediatamente a sua marcha e dirigiu-se à propriedade do barão Cagliaris, sempre num galope louco.

A fazenda fica a cerca de seis quilômetros, do outro lado do vale, mas Trachi a alcançou em poucos minutos. Procurava a estrebaria: não a encontrou logo, mas só depois de ter aberto a coices e murros várias portas. O que fez na estrebaria, sabemos por uma testemunha ocular: um cavaliço, que tivera o bom senso de esconder-se no feno ao ouvir o barulho da porta, assistiu a tudo dali.

Parou um instante na soleira, arfando e sangrando. Os cavalos, inquietos,

sacudiam os focinhos contra os arreios: Trachi pulou sobre uma égua branca, de três anos, arrebentou de um golpe a corrente que a prendia à manjedoura e, arrastando-a pela própria corrente, levou-a para fora. A égua não opôs nenhuma resistência; estranho, me disse o cavaleiro, porque ela tinha um caráter muito bravo e esquivo, e nem estava no cio.

Galoparam juntos até a corredeira; nesse ponto viram Trachi parar, tocar a água com as mãos e beber repetidas vezes. Depois prosseguiram lado a lado até o bosque. Sim, eu segui seus rastros: até aquele bosque, até aquela trilha, até aquela clareira onde Teresa me abraçou.

E bem ali, durante toda a noite, Trachi deve ter celebrado suas núpcias gigantescas. Encontrei o solo pisoteado, galhos quebrados, crinas brancas e escuras, cabelos humanos e mais sangue. Pouco adiante, atraído por uma respiração ansiosa, encontrei ela, a égua. Jazia no chão, apoiada nos flancos, ofegante, com o nobre mantêu sujo de terra e de mato. Ao perceber os meus passos, ergueu o focinho com esforço e me seguiu com o olhar terrível dos cavalos assustados. Não estava ferida, apenas exausta. Pariu um potrinho oito meses depois — pelo que soube, normalíssimo.

Aqui se perdem os vestígios diretos de Trachi. Mas, como alguém talvez se lembre, nos dias seguintes apareceu nos jornais a notícia de uma curiosa série de furtos de gado, todos perpetrados com a mesma técnica: a porta arrombada, a corrente solta ou partida, o animal (sempre uma jumenta, e sempre uma só) conduzido a um bosque das vizinhanças e depois resgatado em estado de exaustão. Somente uma vez o raptor encontrou resistência: sua companheira daquela noite foi achada quase morta, com o pescoço deslocado.

Ocorreram seis episódios desse tipo, registrados em vários pontos da península, partindo do norte para o sul. Em Voghera, em Lucca, perto do lago de Bracciano, em Sulmona, em Cerignola. O último foi na região de Lecce. Depois, nada mais; mas talvez se deva associar essa história ao interessante relato feito aos jornais pela tripulação de um pescador da Apúlia, o qual teria avistado, ao largo de Corfu, um “homem cavalgando um golfinho”. A estranha aparição nadava vigorosamente para o levante quando os marinheiros o interpelaram, ao que o homem e a garupa cinzenta submergiram, sumindo da vista.

a Questão sobre os centauros e quais seriam seus hábitos de bebida, comida e acasalamento. E foi discutida por dez semanas entre o insano autor e seus eternos amigos G. L. e L. N. (N. E.)

b No original: “fiere snelle”, citação de um famoso verso do poeta italiano Francesco Berni (1497-1535). (N. T.)

Pleno emprego

“**E**xatamente “como em 29”, dizia Simpson. “O senhor é jovem e não deve se lembrar, mas é igual àquela época: desconfiança, inércia, falta de iniciativa. E lá, nos Estados Unidos, onde as coisas estão menos ruins, o senhor pensa que eles me ajudarão? Ao contrário: justo neste ano, quando se necessita de algo novo, revolucionário, sabe o que o Departamento de Projetos da NATCA, com seus quatrocentos técnicos e cinquenta cientistas, tirou da cartola? Aqui está, veja: isto aqui” — tirou do bolso uma caixa metálica e a pôs na mesa, com desprezo.

“Agora me diga: como é possível trabalhar com entusiasmo diante disso? É uma bela maquininha, não nego; mas, acredite, é preciso coragem para correr de um cliente a outro, durante o ano inteiro, só com isto nas mãos e ainda ter de convencê-los de que esta é a grande novidade NATCA de 1966.”

“Para que serve?”, perguntei.

“Esse é o problema: ela faz tudo e nada. Em geral, as máquinas são especializadas: um trator puxa, uma serra serra, um versificador faz versos, um fotômetro mede a luz. Já isto aqui faz tudo, ou quase. O nome é Minibrain: e eu acho que não acertaram nem no nome. É vago e pretensioso, além de intraduzível em italiano: enfim, não tem nenhum apelo comercial. É um seletor de quatro pistas. Quer saber quantas mulheres chamadas Eleonora foram operadas de apêndice na Sicília em 1940? Ou quantos suicidas no mundo inteiro, de 1900 até hoje, eram canhotos e louros? Basta apertar esta tecla e a resposta sairá em um segundo; mas antes é preciso introduzir aqui o protocolo — e me desculpe se é pouco. Em suma, para mim é um erro grosseiro, e a empresa vai pagar caro por isso. Segundo eles, a novidade está no fato de que é portátil, e também no preço.

Quer um? Por vinte e quatro mil libras é seu; nem no Japão seria mais barato. Mas lhe digo uma coisa: se dentro de um ano não me derem nada mais original, com todos os meus sessenta anos de idade e trinta e cinco de serviço, peço demissão. Não, não estou brincando. Por sorte, tenho outras cartas na manga: não é para me gabar, mas acho que posso fazer algo melhor do que vender seletores em tempo de crise.”

Durante toda essa arenga, que ouvi ao final de um opulento banquete que a NATCA, apesar de tudo, continua a oferecer todo ano para os seus melhores clientes, acompanhei com curiosidade o humor de Simpson. Malgrado suas palavras, não parecia abatido: ao contrário, estava alegre e animado. Por trás dos óculos espessos, seus olhos cinzentos brilhavam; ou seria apenas efeito do vinho, que bebemos em grande quantidade? Decidi torná-lo mais confiante.

“Também estou convencido de que, com a sua experiência, você poderá fazer algo mais proveitoso do que vender máquinas para escritório. Vender é difícil, muitas vezes desagradável; no entanto, é uma atividade que favorece os contatos humanos, que ensina algo novo a cada dia... Enfim, não há somente a NATCA no mundo.”

Simpson aceitou imediatamente o peão que lhe ofereci.

“Aí está o xis da questão: a NATCA está errando ou exagerando. Tenho uma velha idéia: as máquinas são importantes, não podemos prescindir delas, os aparelhos condicionam o nosso mundo, mas nem sempre são a melhor solução para os nossos problemas.”

O argumento não era muito claro: tentei uma nova sondagem. “Sim”, disse, “o cérebro humano é insubstituível. Uma verdade que muitas vezes é esquecida por quem projeta cérebros eletrônicos.” “Não, não”, respondeu Simpson com impaciência, “não me fale de cérebro humano. Primeiro, porque é muito complicado; depois, porque ainda não se sabe se ele pode chegar a compreender a si mesmo; afinal, já há muita gente tratando dele. Gente boa, talvez até desinteressada, mas em excesso; há montanhas de livros e milhares de organizações, nem melhores nem piores do que a minha NATCA, que estão cozinhando o cérebro humano em todos os molhos imagináveis. Freud, Pavlov, Turing, os cibernéticos, os sociólogos, todos o manipulam, o desnaturalizam, enquanto nossas máquinas tentam copiá-lo.” Fez uma pausa, como se hesitasse;

então se curvou sobre a mesa e disse em voz baixa: “Não é só uma hipótese. Quer vir me visitar no domingo?”.

Era uma velha casa na colina, que Simpson comprara a baixo preço no final da guerra. Os Simpson nos receberam, a mim e a minha mulher, com cordialidade e cortesia; gostei muito de finalmente conhecer a sra. Simpson, uma mulher magra, de cabelos já grisalhos, discreta e reservada, mas cheia de calor humano. Levaram-nos ao jardim, e nos sentamos à beira de uma lagoa; a conversa avançava distraída e vaga, sobretudo por culpa de Simpson. Olhava a esmo, agitava-se na cadeira, acendia continuamente o cachimbo e o deixava apagar: percebia-se nele uma pressa quase cômica de encerrar os preâmbulos e ir ao que interessava.

Mas devo admitir que ele foi elegante. Enquanto sua mulher servia o chá, indagou: “A senhora gostaria de um pouco de mirtilo? Há muitos, e ótimos, no outro lado do vale”. “Por favor, não se incomode...”, começou minha mulher; Simpson respondeu: “Imagine!”, então sacou do bolso um pequeno instrumento, que me lembrou uma flauta de Pan, e tocou três notas. Ouviu-se um farfalhar de asas leve e seco, as águas da lagoa se encrespavam, e sobre nossas cabeças passou uma rápida nuvem de libélulas. “Dois minutos!”, disse Simpson, e disparou um cronômetro de pulso; com um sorriso orgulhoso e meio envergonhado, a sra. Simpson entrou em casa, reapareceu com uma taça de cristal vazia e a colocou sobre a mesinha. Ao final do segundo minuto, as libélulas voltaram como uma minúscula onda de bombardeiros: deviam ser várias centenas. Equilibraram-se sobre nós em pleno vôo, com um zumbido metálico, quase musical, e então desceram uma a uma até a taça, reduziram a velocidade de vôo, deixaram cair um mirtilo cada uma e desapareceram como um raio. Em poucos instantes a taça estava cheia: todos os mirtilos estavam ali dentro, e ainda conservavam o frescor do orvalho.

“Sempre dá certo”, disse Simpson. “É uma demonstração espetacular, mas não muito rigorosa. Porém, como ela fala por si, não preciso me esforçar para convencê-lo. Agora me diga: se isso é possível, qual o sentido de projetar uma máquina capaz de colher mirtilos em dois hectares de bosque? E por acaso seria possível fabricar um aparelho que saiba executar a ordem em dois minutos, sem barulho, sem consumir combustível, sem quebrar e sem arruinar o bosque? E o

custo? Já imaginou o custo que seria? Quanto custa um enxame de libélulas? Além de tudo, são tão graciosas.”

“São libélulas... condicionadas?”, perguntei bobamente. Não consegui conter um olhar de espanto à minha mulher, e temi que Simpson o tivesse percebido e entendido o significado. O rosto de minha mulher permaneceu impassível, mas notei distintamente o seu desconforto.

“Não estão condicionadas: estão ao meu serviço. Aliás, mais exatamente: temos um acordo entre nós.” Simpson se apoiou no espaldar da cadeira e sorriu com benevolência, gozando o efeito de sua tirada; então continuou: “Bem, talvez seja melhor contar as coisas desde o início. Você deve conhecer o trabalho genial de Von Frisch sobre a linguagem das abelhas: a dança em oito, suas modalidades e seu significado em relação à distância, à direção e à quantidade do alimento. Fiquei fascinado com o assunto e há doze anos venho dedicando às abelhas todo o meu tempo livre nos fins de semana. A princípio queria apenas tentar falar com as abelhas utilizando a linguagem delas. Parece absurdo que ninguém tenha pensado nisso antes: é de uma facilidade extraordinária. Venha ver”.

Mostrou-me uma colméia cujas paredes externas haviam sido substituídas por placas de vidro. Traçou com o dedo alguns oitos num dos vidros, e logo em seguida um pequeno enxame de abelhas saiu zunindo da portinhola.

“Lamento tê-las enganado desta vez. Não há nada a duzentos metros a sudeste, absolutamente nada, coitadas: só queria lhe mostrar como quebrei o gelo, a parede de incompreensão que nos separa dos insetos. No começo, tomei o caminho mais difícil: imagine que, durante vários meses, eu mesmo dancei o oito, de corpo inteiro, e não apenas com o dedo; sim, aqui em frente, no jardim. Elas conseguiam entender, mas com dificuldade; além disso, era cansativo e ridículo. Mais tarde, percebi que era necessário bem menos: basta um simples sinal, feito com um graveto ou com o dedo, contanto que esteja de acordo com o código.”

“E com as libélulas também...?”

“Com as libélulas, por enquanto, só tenho relações indiretas. Foi o segundo passo: percebi rapidamente que a linguagem das abelhas vai muito além da dança do oito para indicar a comida. Hoje posso demonstrar que elas possuem outras danças, quero dizer, outras figuras; ainda não compreendi todas elas, mas já consegui compilar um breve glossário com algumas centenas de verbetes. Aqui

está: há os equivalentes a um bom número de substantivos do tipo ‘sol, vento, chuva, frio, calor’ etc.; há um grupo bem amplo de nomes de plantas — nesse quesito, notei que possuem pelo menos doze figuras distintas para indicar, por exemplo, uma macieira, de acordo com a condição da árvore (grande, pequena, velha, saudável, selvagem e assim por diante), mais ou menos como fazemos com os cavalos. Sabem dizer ‘recolher, picar, cair, voar’; também nesse ponto elas dispõem de um número surpreendente de sinônimos para voar: o seu ‘vôo’ específico é diferente do vôo dos pernilongos, das borboletas e dos pássaros. Por outro lado, não fazem distinção entre caminhar, correr, nadar, viajar sobre rodas: para elas, todos os deslocamentos no nível da terra ou da água são um ‘rastejar’. O patrimônio lexical relativo a outros insetos, sobretudo aos insetos voadores, é pouco inferior ao nosso; ao contrário, elas se contentam com uma nomenclatura extremamente genérica para os animais maiores. Seus sinais para designar os quadrúpedes, do rato ao cachorro e da ovelha aos mais desenvolvidos, são apenas dois, resumindo-se aproximadamente a ‘quatro pequeno’ e a ‘quatro grande’. Tampouco distinguem entre homem e mulher: eu mesmo tive de explicar-lhes a diferença.”

“E você fala essa linguagem?”

“Falo mal, por enquanto; mas entendo muito bem, e pude utilizá-la para que me ensinassem vários mistérios da colméia: como decidem o dia do massacre dos machos, quando e por que autorizam as rainhas a combater entre si até a morte, como estabelecem a relação numérica entre zangões e operárias. Mas não me disseram tudo, porque preferem manter certos segredos. São um povo de grande dignidade.”

“Elas também falam com as libélulas por meio da dança?”

“Não: as abelhas só se comunicam pela dança entre si e — me perdoe a imodéstia — comigo. Quanto às outras espécies, antes de tudo devo dizer que as abelhas só têm relações regulares com as mais evoluídas, especialmente com outros insetos sociais e com os que têm hábitos gregários. Por exemplo, elas mantêm um contato freqüente (embora nem sempre amigável) com formigas, vespas e libélulas; já com os gafanhotos e os ortópteros em geral, se limitam a ordens e ameaças. De qualquer modo, toda a comunicação das abelhas com os outros insetos se faz pelas antenas. É um código bastante rudimentar, mas tão veloz que não pude segui-lo —

e temo que esteja irremediavelmente além das capacidades humanas. De resto, para ser sincero, não tenho nem esperança nem vontade de entrar em contato com outros insetos sem o intermédio das abelhas: seria pouco gentil em relação a elas, que se prestam de mediadoras com grande entusiasmo, quase como se isso as divertisse. Para voltar ao código, digamos, interinsético, tenho a impressão de que não se trata de uma linguagem autêntica: além de rigidamente convencional, pareceu-me dependente da intuição e da fantasia do momento. Deve se parecer vagamente com o modo complicado e ao mesmo tempo resumido com que nós, humanos, nos comunicamos com os cães (já deve ter notado que não existe uma linguagem homem-cão, não é mesmo?; e no entanto nos entendemos reciprocamente em muitas coisas), mas bem mais rico, como você mesmo poderá concluir dos resultados.”

Conduziu-nos pelo jardim e pela pérgula e nos fez notar que não havia nenhuma formiga. Não eram os inseticidas: sua mulher não gostava de formigas (a sra. Simpson, que nos seguia, ruborizou-se intensamente), e assim ele propôs a elas um acordo. Ele providenciaria o mantimento de todas as colônias dentro do perímetro dos muros (uma despesa de duas ou três mil libras por ano, me disse), e as formigas se comprometeriam a: desmobilizar todos os formigueiros num raio de cinquenta metros em torno da chácara; não abrir novos formigueiros; cumprir duas horas por dia, das cinco às sete, os trabalhos de microlimpeza e de destruição das larvas nocivas, no jardim e na casa. As formigas aceitaram; porém, pouco depois, sempre por meio das abelhas, elas se queixaram de uma colônia de formigas-leão que infestavam uma faixa arenosa nas margens do bosque. Simpson me confessou que naquela época nem sabia que as formigas-leão eram as larvas das libélulas; e assim ele foi ao lugar e assistiu, horrorizado, às suas práticas sangüinárias. A areia estava constelada de pequenas lagartas cônicas; eis que uma formiga se aventurou pelo terreno e logo se precipitou na areia instável. Do fundo surgiu um par de mandíbulas ferozes e curvas, e Simpson teve de reconhecer que o protesto das formigas era legítimo. Disse-me que se sentiu orgulhoso e confuso com o julgamento que lhe fora solicitado: de sua decisão dependeria o bom nome de todo o gênero humano.

Havia convocado uma pequena assembléia: “Foi em setembro, numa reunião

memorável. Estavam presentes abelhas, formigas e libélulas — libélulas adultas, que defendiam os direitos de suas larvas com muito rigor e civilidade. Fizera-me notar que as larvas não podiam absolutamente ser consideradas responsáveis por seu regime alimentar; eram incapazes de locomoção, e por isso criavam armadilhas para as formigas: de outro modo, morreriam de fome. Então propus dar a elas uma ração diária e balanceada, igual à que dispensamos às galinhas. As libélulas solicitaram uma prova prática; as larvas demonstraram aprovação, e assim as libélulas se declararam prontas a trabalhar para que qualquer ameaça às formigas fosse suspensa. Foi nessa ocasião que lhes ofereci um extra para cada expedição no bosque dos mirtilos — mas eu só as solicito raramente. Estão entre os insetos mais inteligentes e robustos, confio muito neles”.

Explicou-me que lhe pareceu injusto propor um contrato às abelhas, que já eram muito ocupadas; em compensação, os tratados com moscas e pernilongos prosperavam. As moscas eram estúpidas, e não se podia esperar muito delas: apenas não incomodar no outono e não freqüentar o estábulo e a pocilga. Concordaram com quatro miligramas de leite por dia, para cada uma: por esse preço, Simpson as encarregava de enviar mensagens simples e urgentes, pelo menos enquanto não instalassem o telefone no vilarejo. Já os acordos com os pernilongos avançavam com mais dificuldade, mas por outros motivos: não só não prestavam para nada, mas também insistiam no fato de que não queriam — aliás, não podiam — renunciar ao sangue humano, ou pelo menos mamífero. Devido à proximidade da lagoa, os pernilongos constituíam uma moléstia discreta, e por isso Simpson aspirava a um acordo: consultara um veterinário sobre a possibilidade de retirar de uma vaca do curral meio litro de sangue a cada dois meses. Um pouco de citrato impediria a coagulação, e o material seria suficiente para todos os pernilongos do local. Observou que não era um grande negócio em si, mas era menos custoso do que uma pulverização de DDT, e ademais pouparia o equilíbrio biológico da área. Esse detalhe não era irrelevante, já que o método poderia ser patenteado e explorado em todas as regiões afetadas por malária: considerava que os pernilongos entenderiam rapidamente que era de seu próprio interesse evitar a infecção por plasmódio, e, quanto aos plasmódios, se eles fossem extintos não fariam muita falta. Perguntei-lhe se não seria possível fazer tratados semelhantes de não-agressão com outros parasitas malignos; Simpson reiterou que os contatos com insetos não-

gregários eram difíceis e que, além disso, não se dedicara ao assunto como deveria, haja vista que os resultados seriam de escasso proveito, mesmo na melhor das hipóteses; de resto, achava que os insetos eram não-gregários justamente por sua incapacidade de comunicação. Porém, em relação aos insetos nocivos, já havia redigido um esboço de contrato aprovado pela Food & Agriculture Organization, e pretendia discuti-lo com uma delegação de gafanhotos logo após o período da metamorfose, com a mediação de um amigo, representante da NATCA para a RAU [República Árabe Unida] e o Líbano.

O sol já havia sumido do céu, e nos retiramos para a sala: minha mulher e eu estávamos cheios de admiração e espanto. Não conseguíamos dizer a Simpson o que pensávamos; então minha mulher tomou a iniciativa e, com grande esforço, falou que ele havia tocado numa... numa “coisa” nova e importante, rica de desdobramentos científicos e até poéticos. Simpson a interrompeu: “Senhora, eu nunca esqueço que sou um homem de negócios; aliás, até agora não falei do negócio maior. Peço-lhes que não comentem isso com ninguém: vocês já devem ter percebido que esse meu trabalho interessa profundamente aos *big*s da NATCA, especialmente aos gênios do Centro de Pesquisa de Fort Kiddiwanee. Já expus o caso a eles, obviamente depois de ter resolvido a questão da patente, e parece que faremos um contrato interessante. Olhe isto aqui”, estendeu-me uma caixa minúscula de papelão, menor que um dedal. Abri:

“Não há nada aqui dentro!”

“Quase nada”, disse Simpson. Passou-me uma lente: sobre o fundo branco da caixa, vi um filamento mais fino que um cabelo, com cerca de um centímetro de comprimento; mais ou menos no meio dele percebia-se um leve engrossamento.

“É um resistor”, disse Simpson, “o fio é de dois milésimos, a junção é de cinco, o conjunto custa quatro mil liras, mas em breve custará só duzentas. Essa peça é a primeira a ser montada por minhas formigas, as mais fortes e hábeis, que vivem nos bosques de pinho. No verão passado ensinei a uma esquadra de dez, e elas transmitiram a lição a todas as outras. Deveria vê-las, é um espetáculo único: duas agarram os dois eletrodos com as mandíbulas, outra os retorce três vezes e os fixa com uma gotinha de resina, e depois as três colocam a peça no transportador. Em três, montam um resistor em quatorze segundos, incluindo os tempos mortos, e

trabalham vinte horas por dia. Já surgiu um problema sindical, é claro, mas essas coisas são sempre contornadas; elas estão satisfeitas, quanto a isso não há dúvida. Recebem uma retribuição em gêneros naturais, divididos em duas parcelas: uma por assim dizer pessoal, que as formigas consomem nas pausas do trabalho, e outra coletiva, destinada às provisões do formigueiro, que elas armazenam nos bolsos ventrais; no total, quinze gramas por dia, para toda a esquadra de trabalho, composta de quinhentas operárias. É o triplo do que poderiam conseguir num dia de colheita aqui no bosque. Mas isso é só o começo: estou treinando outras esquadras para novos trabalhos ‘impossíveis’. Uma, para traçar a retícula de difração de um espectrômetro, mil linhas em oito milímetros; outra, para reparar circuitos impressos miniaturizados, que até hoje são descartados quando apresentam defeito; outra, para retocar negativos fotográficos; e a quarta, para desenvolver trabalhos auxiliares na cirurgia do cérebro — e desde já posso lhe dizer que elas se mostraram insubstituíveis no estancamento de hemorragias dos capilares. Basta pensar um pouco nas possibilidades, e logo ocorrem dezenas de trabalhos que demandam gastos mínimos de energia, mas são inexecutáveis economicamente porque nossos dedos são muito pesados e lentos, porque um micromanipulador é caro ou porque implicam numerosas operações numa área muito ampla. Já fiz contato com uma estação experimental de pesquisas agrárias para vários testes apaixonantes: gostaria de treinar um formigueiro para distribuir os fertilizantes ‘em domicílio’, ou seja, um grão para cada semente; um outro formigueiro beneficiaria plantações de arroz, extraíndo as ervas daninhas ainda em germe; um terceiro limparia os silos; um quarto executaria microimplantes celulares... A vida é breve, acredite: lamento ter começado tão tarde. Sozinhos podemos fazer tão pouco!”

“Por que não se junta a um sócio?”

“Acha que não tentei? Por pouco não fui parar na cadeia. Cheguei à conclusão... como diz o provérbio? Antes só do que mal acompanhado.”

“Na cadeia?”

“Sim, por causa de O’Toole, seis meses atrás. Jovem, otimista, inteligente, incansável e cheio de fantasias, uma mina de idéias. Mas um dia encontrei na escrivaninha dele um objeto curioso, uma bolinha oca, de plástico, não maior que um caroço de uva, com um pozinho dentro. Estava com ela na mão quando

bateram na porta: era a Interpol, oito agentes. Precisei de um batalhão de advogados para convencê-los de que eu não tinha nada a ver com aquilo.”

“Aquilo o quê?”

“Com a história das enguias. Elas não são insetos, claro, mas também migram em bandos, milhares e milhares, todos os anos. Aquele desgraçado tinha feito um acordo com elas — como se eu não lhe desse dinheiro suficiente. Ele as corrompera com alguma mosca morta, e elas vinham à margem, uma a uma, antes de seguir viagem pelo mar dos Sargaços: dois gramas de heroína para cada uma, dentro das bolinhas, presas no dorso. Lá embaixo, naturalmente, o iate de Rick Papaleo estava esperando. Como lhe disse, agora não há mais nenhuma suspeita sobre mim, mas toda a história veio à tona, e agora o Fisco me persegue. Imaginam que eu ganhe uma fábula — e estão fazendo ajustes e verificações. Uma velha história, não é? Invente o fogo e o ofereça aos homens: mais tarde uma águia roerá seu fígado pela eternidade.”

O sexto dia

DRAMATIS PERSONAE

Ariman

Ormuz

Secretário

Conselheiro anatomista

Administrador

Ministro das Águas

Conselheiro psicólogo

Conselheiro termodinâmico

Mensageiro

Conselheiro químico

Conselheiro mecânico

Cena aberta e profunda, tanto quanto possível. Uma mesa maciça e tosca, cadeiras escavadas em blocos de pedra. Batidas lentas e sonoras de um enorme relógio, cujo quadrante apresenta, em lugar das horas, hieróglifos, símbolos algébricos, signos do zodíaco. Uma porta ao fundo.

ARIMAN (*segura na mão, aberta, uma carta com muitos selos; parece continuar um discurso já iniciado*): Veneráveis senhores, trata-se agora de concluir, eu diria coroar, o nosso longo trabalho. Como tive a honra de expor, a Direção, mesmo com pequenas reservas e comprometendo-se a aportar modificações não-essenciais ao nosso trabalho, está imensamente satisfeita tanto pela organização planejada por

nós quanto por sua atual gestão. Foi particularmente louvada a solução prática e elegante do problema da regeneração do oxigênio (*acena ao conselheiro termodinâmico, que se inclina em sinal de agradecimento*); o feliz procedimento proposto e realizado pelo conselheiro químico (*aceno e deferência etc.*) para o fechamento do ciclo do azoto; e, em outro campo, não menos relevante, a execução do vôo batente, pela qual tenho o prazer de transmitir ao conselheiro mecânico (*aceno e deferência etc.*) o elogio da Direção, extensivo ao preposto dos pássaros e ao preposto dos insetos, coadjuvantes do projeto. Devo finalmente elogiar a diligência e a perícia dos operários, graças aos quais, embora a experiência de fabricação não seja longa, o resíduo, os exemplares reprovados nos testes e os descartes de produção foram reduzidos a limites mais que aceitáveis.

Em seu comunicado de hoje, a Direção (*mostra a carta*) renova, de forma mais explícita, as suas invectivas a fim de que os trabalhos relativos ao projeto do modelo Homem encontrem uma rápida conclusão. Com o objetivo de nos adequarmos da melhor maneira às disposições superiores, será oportuno passarmos decididamente aos detalhes do projeto.

ORMUZ (*é um personagem triste e abatido. Durante toda a fala de Ariman, deu sinais de inquietude e desaprovação; por várias vezes ameaçou tomar a palavra; depois, como se não ousasse, voltou a sentar-se. Fala com voz tímida, hesitante e pausada, como se buscasse as palavras a custo*): Gostaria de pedir ao meu venerável colega e irmão que fizesse a leitura pública da moção, aprovada anteriormente pelo Conselho executivo da diretoria, relativa à questão Homem. Isso foi há muito tempo, e temo que alguns dos interessados já não se lembrem do documento.

ARIMAN (*visivelmente contrariado, olha o relógio de pulso ostensivamente e depois mira o grande relógio*): Colega secretário, peço-lhe que procure nas atas a moção Homem, última redação. Não me lembro exatamente da data, mas deveria localizar-se mais ou menos na época dos primeiros registros dos testes referentes aos placentários. Peço que seja rápido: a quarta glaciação está para começar, e não gostaria de ter que postergar tudo de novo.

SECRETÁRIO (*nesse meio-tempo, procurou e achou a moção num volumoso arquivo; lê com voz oficial*): “O Conselho executivo da diretoria, convencido de que (*murmúrio incompreensível*)...; considerando (*idem*); na intenção de... (*idem*); conforme aos

superiores interesses da... (*idem*); CONSIDERA OPORTUNOS o projeto e a criação de uma espécie animal distinta daquelas realizadas até o momento e dotada dos seguintes quesitos:

- a) especial aptidão para o fabrico e a utilização de instrumentos;
- b) capacidade de expressão articulada, por exemplo, mediante sinais, sons ou quaisquer outros meios que cada um dos técnicos considerar apropriado ao objetivo;
- c) adequação à vida sob condições extremas de trabalho;
- d) um certo grau de propensão à vida associada, cujo nível ótimo deverá ser estabelecido de modo experimental.

Solicita dos senhores técnicos e dos departamentos competentes o máximo interesse pelo supracitado problema, que tem caráter de urgência, e *aguarda* uma rápida e brilhante solução”.

ORMUZ (*ergue-se bruscamente e fala com o atropelo dos tímidos*): Nunca ocultei minha objeção de princípio à criação do chamado Homem. Já na época em que a Direção havia, não sem leviandade (*murmúrios: Ormuz respira profundamente, hesita, depois continua*), formulado a primeira redação da moção ora apresentada, eu alertara sobre os perigos decorrentes da inserção do chamado Homem no atual equilíbrio planetário. Naturalmente, conhecendo a importância que, por razões muito óbvias, a Direção conferiu ao problema em questão, bem como a proverbial obstinação (*murmúrios, comentários*) da própria Direção, dou-me conta de que já é tarde para retirar a moção. Portanto me limitarei, caso a caso, e em caráter puramente consultivo, a sugerir modificações e reduções ao ambicioso programa do Conselho que, a meu ver, permitirão a sua manutenção sem traumas excessivos num prazo longo ou restrito.

ARIMAN: Muito bem, muito bem, venerável colega. Suas objeções são notórias, notório é o seu ceticismo e pessimismo, e notória é, finalmente, a sua interessante relação sobre o discutível resultado de experiências similares conduzidas pelo senhor mesmo em várias épocas e em outros planetas, no tempo em que todos tínhamos as mãos mais livres. Seja dito aqui entre nós: aquelas suas tentativas de Superanimais, todos feitos de raciocínio e equilíbrio, cheios de geometria até a medula, de música e de sabedoria, faziam rir as galinhas. Cheiravam a anti-séptico e

a química inorgânica. Qualquer um que tivesse uma certa prática das coisas deste mundo, ou de qualquer outro mundo, intuiria a incompatibilidade com o ambiente que os circundava, ambiente necessariamente florido e pútrido ao mesmo tempo, pululante, confuso, mutável. Permito-me aqui relembrar que, justamente por causa desses insucessos, a Direção agora insiste e pressiona a fim de que finalmente seja enfrentado de peito, com seriedade e competência (*diz enfático*), com seriedade e competência, repito, este velho problema; a fim de que faça a sua aparição o hóspede esperado (*liricamente*), o dominador, o conhecedor do bem e do mal, aquele enfim que o Conselho executivo da diretoria definiu elegantemente como o ser construído à imagem e semelhança do seu criador. (*Aplausos comedidos e oficiais.*)

Portanto ao trabalho, senhores; e mais uma vez permitam-me lembrar que o tempo urge.

CONSELHEIRO ANATOMISTA: Peço a palavra.

ARIMAN: Com a palavra o colega conselheiro anatomista.

CONSELHEIRO ANATOMISTA: Vou expor rapidamente o que a minha competência específica me sugere a respeito do problema. Em primeiro lugar, seria ilógico partir do zero, desprezando o bom trabalho desenvolvido até hoje na Terra. Já possuímos um mundo animal e vegetal relativamente equilibrado; por isso sugiro aos colegas projetistas que evitem descartes muito radicais e inovações muito audaciosas em relação aos modelos já existentes. O campo já é bastante vasto. Se me permitissem uma indiscrição que beira os limites do decoro profissional, poderia entretê-los longamente com inúmeros projetos que estão empilhados em meu escritório (para não falar daqueles que já deveriam estar no lixo). Mas notem que, na maioria dos casos, se trata de material interessante e original: organismos projetados para temperaturas que variam de -270 a $+300^{\circ}\text{C}$, estudos sobre sistemas coloidais em anidrido carbônico líquido, metabolismos sem azoto ou sem carbono, e assim por diante. Um sujeito criativo chegou a propor uma linha de modelos vitais exclusivamente metálicos; um outro, um engenhosíssimo organismo vesicular quase perfeitamente autônomo, mais leve que o ar porque inflado de hidrogênio que ele mesmo extrai da água mediante um sistema enzimático teoricamente inatacável, destinado a navegar com o vento por toda a superfície terrestre, sem dispêndio significativo de energia.

Menciono essas curiosidades sobretudo para lhes dar uma idéia do aspecto,

digamos, negativo das minhas incumbências. Em vários casos, trata-se de temas potencialmente fecundos; mas, na minha opinião, seria um erro deixar-se distrair por seu indiscutível fascínio. Parece-me evidente, se não por razões de tempo e de simplicidade, que o ponto de partida do projeto em questão deve ser buscado num dos campos em que a nossa experiência tenha sido testada de maneira mais eficiente e contínua. Desta vez não podemos nos conceder tentativas, rearranjos, correções: que nos sirva de advertência o desastroso fracasso dos grandes répteis, que prometiam tanto nos projetos, mas no fundo não diferiam muito dos esquemas tradicionais. Descartando por razões óbvias o reino vegetal, chamo, pois, a atenção dos projetistas para os mamíferos e os artrópodes (*burburinho prolongado, comentários*) — e devo dizer que a minha preferência pessoal vai para estes últimos.

ADMINISTRADOR: Seguindo o meu hábito e o meu dever, intervenho sem ser interpelado. Colega anatomista, esclareça-me um ponto: na sua opinião, quais deveriam ser as dimensões do Homem?

CONSELHEIRO ANATOMISTA (*tomado de surpresa*): Bem... realmente... (*calcula a meia-voz, rabiscando cifras e esboços num papel*) vejamos... aqui está, de sessenta centímetros a quinze ou vinte metros lineares. Levando-se em conta o preço unitário e as exigências de locomoção, eu optaria pelas dimensões maiores: acho que garantiriam um maior sucesso no inevitável confronto com outras espécies.

ADMINISTRADOR: Dada a sua preferência pelos artrópodes, o senhor pensa em um Homem de vinte metros com um esqueleto externo?

CONSELHEIRO ANATOMISTA: Exato: permito-me recordar, modestamente, a elegância desta minha inovação. Com o esqueleto externo, cumprem-se com uma única estrutura as exigências de sustentação, locomoção e defesa; as dificuldades de crescimento, como se sabe, podem ser facilmente contornadas com o artifício das mudas, recentemente elaborado por mim. A introdução da quitina como material de construção...

ADMINISTRADOR (*gélido*): ... O senhor está a par do custo da quitina?

CONSELHEIRO ANATOMISTA: Não, mas de qualquer modo...

ADMINISTRADOR: Basta. Tenho elementos suficientes para recusar categoricamente a sua proposta de um homem artrópode de vinte metros. Pensando melhor, nem de cinco, nem de um metro. Se quiserem um artrópode, a decisão é dos senhores; mas, se for maior que um besouro, eu não me

responsabilizo pelos resultados, e caberá aos senhores resolver o equilíbrio das finanças.

ARIMAN: Colega anatomista, infelizmente o parecer do administrador (a meu ver, muito justificado) é inapelável. De resto, me parece que, além dos mamíferos a que o senhor aludiu pouco antes, a ordem dos vertebrados ainda oferece possibilidades interessantes entre os répteis, os pássaros, os peixes...

MINISTRO DAS ÁGUAS (*velhinho enérgico, com uma barba azul e um pequeno tridente na mão*): Finalmente, finalmente a palavra justa. Na minha opinião, é inconcebível que neste auditório ainda não se tenha mencionado a solução aquática. Mas é claro, trata-se de um auditório terrivelmente enxuto: pedra, cimento, madeira, nenhuma poça — imaginem! —, nenhuma torneira. É de coagular qualquer um!

No entanto todos sabem que as águas cobrem três quartos da superfície terrestre; além disso, a terra emersa é uma superfície, tem apenas duas dimensões, duas coordenadas, quatro pontos cardeais; ao passo que o oceano, senhores, o oceano...

ARIMAN: Em princípio eu não teria objeções contra um Homem parcial ou totalmente aquático; mas a alínea *a*) da moção Homem fala de instrumentos, e eu me pergunto com que material se faria um homem flutuante ou subaquático.

MINISTRO DAS ÁGUAS: Não vejo dificuldade nisso. Um Homem aquático, especialmente se tiver hábitos costeiros, teria à sua disposição conchas de moluscos, ossos e dentes de qualquer espécie, vários minerais — entre os quais muitos facilmente trabalháveis —, algas com fibras resistentes; aliás, quanto a isso, bastaria falar com o meu amigo representante dos vegetais, e no intervalo de alguns milhares de gerações poderíamos dispor em abundância de materiais similares à madeira ou à palha ou à cortiça, cujos requisitos seriam determinados por nós — dentro dos limites do bom senso e da tecnologia atual, é claro.

CONSELHEIRO PSICÓLOGO (*veste indumentária de “marciano”, com capacete, óculos enormes, antenas, fios etc.*): Senhores, estamos — ou melhor, os senhores estão — no caminho errado. Acabei de ouvir falar, como se nada fosse, de um homem costeiro, sem que ninguém se manifestasse sobre a extrema precariedade de vida a que estão submetidas as criaturas que vivem entre a terra e a água, expostas à insídia de ambos os elementos. Lembrem-se dos problemas das focas! Mas há outra questão: parece-me claro, pelo menos segundo três das quatro alíneas da moção da diretoria,

que o homem é tacitamente considerado como racional.

MINISTRO DAS ÁGUAS: É claro! E daí? Quer por acaso sugerir que não se pode pensar debaixo d'água? Então qual seria a minha função, eu que passo na água quase a totalidade das minhas horas de trabalho?

CONSELHEIRO PSICÓLOGO: Por favor, caro colega, acalme-se e permita-me completar. Não há nada mais fácil que lançar uma série de projetos, em planta ou em maquete, com todos os detalhes de construção de um belo animal, macho ou fêmea, com ou sem asas, com garras ou chifres, com dois, oito ou cento e oitenta olhos, até com cem patas, como naquela vez em que me fizeram suar sangue para organizar o sistema nervoso da centopéia.

Depois se faz um circulozinho vazio dentro da cabeça, escrito ao lado com normógrafo: “Cavidade craniana para inserção de encéfalo”, e o chefe-psicólogo que se vire. E até agora eu me virei, isso ninguém pode negar, mas me pergunto se os senhores ainda não se deram conta de que, se há alguém que deve opinar sobre o tema do homem aquático, terrestre ou voador, esse alguém sou eu. Os instrumentos, a linguagem articulada, a vida em sociedade, tudo de uma vez só, e logo, e alguns (aposto) ainda dirão que o sentido de orientação é precário, e outros (*olha o administrador intencionalmente*) protestarão porque o quilograma sairá mais caro do que o de uma toupeira ou de um jacaré! (*Murmúrios, aprovações, algumas discordâncias. O conselheiro psicólogo retira o capacete para coçar a cabeça e enxugar o suor, depois o recoloca e continua.*) Enfim, ouçam-me bem — e, se alguém quiser me denunciar aos de cima, tanto melhor. As opções são as seguintes: ou de agora em diante me levarão a sério, consultando-me antes de me apresentarem os projetos já prontos e assinados; ou me darão um tempo maior para resolver os imbróglios; ou eu me demito, e aí, em vez de um circulozinho vazio, o colega anatomista poderá pôr na cabeça de suas mais engenhosas criaturas um pacote de articulações ou um estômago de emergência ou, melhor ainda, um belo nhoque de gordura de reserva. Tenho dito.

Silêncio compungido e culpado, do qual emerge por fim a voz persuasiva de Ariman.

ARIMAN: Venerável colega psicólogo, posso assegurar-lhe formalmente que ninguém nesta assembléia jamais minimizou, nem por um instante, as dificuldades

e as responsabilidades do seu trabalho; ademais, o senhor nos ensina que as soluções de compromisso são mais uma regra que uma exceção, e é nosso dever comum buscar a resolução de problemas específicos com o maior espírito de colaboração. No caso em discussão, todos estão de acordo com a importância decisiva de suas ponderações, e não há dúvida sobre sua competência na área. Portanto passo a palavra ao senhor.

CONSELHEIRO PSICÓLOGO (*instantaneamente apaziguado, respira profundamente*): Senhores, como está amplamente documentado, defendo que, para viabilizar um homem que corresponda aos requisitos prescritos e que seja ao mesmo tempo vital, econômico e razoavelmente duradouro, seria necessário remontar às origens e implantar esse animal sobre bases definitivamente novas.

ARIMAN (*interrompe*): Impossível, impossível, não...

CONSELHEIRO PSICÓLOGO: Entendo, venerável colega, a objeção da urgência já era prevista. Entretanto me permitam lamentar que, mais uma vez, motivos extrínsecos venham perturbar aquilo que poderia resultar (e isso é bem raro!) numa obrinha interessante; de resto, parece que esse é o nosso destino, o dos técnicos.

Para voltar à questão de base, não tenho dúvida de que o Homem deva ser terrestre, e não aquático. Exponho rapidamente minhas razões. Parece-me claro que esse homem deverá possuir faculdades mentais bastante desenvolvidas, e isso, no estado atual dos nossos conhecimentos, não pode ser obtido sem um avanço correspondente dos órgãos sensoriais. Ora, para um animal submerso ou flutuante, o desenvolvimento dos sentidos encontra graves obstáculos. Em primeiro lugar, o paladar e o olfato seriam evidentemente confundidos em um único sentido — o que não é o menor dos males. Mas pensem nas condições de homogeneidade, eu diria até de monotonia, do ambiente aquoso: não quero hipotecar o futuro, mas os melhores olhos construídos até agora não são capazes de explorar mais que uma dezena de metros de água límpida e poucos centímetros de água turva; portanto, ou daremos ao Homem um par de olhos rudimentar, ou eles assim se tornarão pelo desuso em poucos milhares de séculos. Quase o mesmo se pode dizer dos ouvidos...

MINISTRO DAS ÁGUAS (*interrompe*): A água conduz os sons excepcionalmente, meu senhor!, e vinte e sete vezes mais veloz do que o ar!

MUITAS VOZES: Silêncio, silêncio!

CONSELHEIRO PSICÓLOGO (*continuando*): De fato é muito fácil construir um ouvido subaquático, mas é muito difícil gerar sons dentro da água. Confesso que não saberia esclarecer a razão física desse fenômeno, que aliás não é da minha competência; mas gostaria que o ministro das Águas e o venerável colega anatomista me explicassem as causas do proverbial mutismo dos peixes. Talvez isso seja um sinal de sabedoria, mas, se não estou enganado, durante minhas viagens de inspeção tive de avançar até um recanto longínquo do mar das Antilhas para encontrar um peixe que emitisse sons; e se tratava de sons bem pouco articulados, e menos ainda agradáveis; e, pelo que pude constatar, o referido peixe, cujo nome me escapa...

VOZES: O peixe-boi, o peixe-boi!

CONSELHEIRO PSICÓLOGO: ... os emite de modo inteiramente casual, no instante em que evacua a vesícula natatória. E, detalhe curioso, ele emerge antes da emissão. Para concluir, me pergunto, e pergunto aos senhores, o que ouvirá o apurado aparelho auditivo do Homem-peixe além dos ruídos — quando se aproxima da superfície, do barulho da ressaca, quando se aproxima da costa — e dos mugidos ocasionais do seu colega das Antilhas. Deixo a decisão aos senhores, mas enfatizo que, dadas as nossas atuais possibilidades construtivas, essa criatura seria meio cega e, se não surda, muda; portanto, cabe a cada um dos senhores julgar qual a vantagem que um tal projeto representaria para... (*apanha na mesa a moção Homem e lê em voz alta*) “a capacidade de exprimir-se articuladamente etc. etc.” e, mais adiante, “a tendência à vida em sociedade”.

ARIMAN: Permitam-me pôr um fim a esta primeira e frutífera troca de opiniões resumindo suas conseqüências. O Homem não será nem artrópode nem peixe; resta decidir entre um homem mamífero, réptil ou pássaro. Se me for lícito exprimir aqui uma opinião própria, ditada mais pelo sentimento e pela simpatia do que pela razão, gostaria de recomendar os répteis à apreciação geral. Não vou negar que, dentre as múltiplas formas e figuras criadas pela arte e pelo engenho dos senhores, nenhuma despertou mais a minha admiração do que a serpente. É forte e astuta: “A mais astuta das criaturas terrestres”, como disse o mais alto Juiz. (*Todos se erguem e se inclinam.*) A sua estrutura é de uma simplicidade e de uma elegância excepcionais, e seria lamentável não submetê-la a ulteriores aperfeiçoamentos. É uma envenenadora hábil e certa: para ela não seria difícil tornar-se senhora da

Terra, quem sabe abrindo um vazio à sua volta.

CONSELHEIRO ANATOMISTA: Tudo verdade: e eu poderia acrescentar que as serpentes são extraordinariamente econômicas, que elas se prestam a modificações numerosas e do máximo interesse, que não seria difícil aumentar, por exemplo, a caixa craniana em uns quarenta por cento, e assim por diante. Mas devo lembrar-lhes que nenhum dos répteis construídos até hoje poderia resistir a climas frios; a alínea c) da moção não seria respeitada. Agradeceria ao colega termodinâmico se ele pudesse confirmar as minhas afirmações com alguns dados numéricos.

CONSELHEIRO TERMODINÂMICO (*muito seco*): Temperatura média anual superior aos 10°C; jamais temperaturas inferiores aos 15°C negativos. É tudo.

ARIMAN (*ri amarelo*): Confesso-lhes que, embora óbvia, essa circunstância me escapara; nem tentarei ocultar um certo desapontamento, já que nesses últimos tempos tenho pensado freqüentemente no aspecto sugestivo que a superfície terrestre teria, sulcada em todos os sentidos por poderosos pítons coloridos, e nas suas cidades, que eu gostava de imaginar escavadas entre as raízes de árvores gigantescas, providas de amplas câmaras de repouso e de meditação coletiva para os indivíduos saídos de repastos abundantes. Mas, como me asseguram que nada disso pode ser, abandonemos esses pensamentos e, restringindo a escolha aos mamíferos e aos pássaros, dediquemos toda a nossa energia a uma rápida definição. Vejo que o nosso venerável colega psicólogo pede a palavra; como ninguém pode negar que sobre ele pesa boa parte das responsabilidades do projeto, peço a todos que o escutem atentamente.

CONSELHEIRO PSICÓLOGO (*dispara a falar antes que o outro termine*): A meu ver, como já afirmei, a solução deveria ser buscada em outro lugar. Desde o tempo em que publiquei o meu célebre ciclo de pesquisas sobre as saúvas e as formigas... (*interrupções de todos os lados*)... tenho na gaveta um projetinho... (*as interrupções crescem com violência*)... alguns automatismos originalíssimos, que garantem uma incrível economia de tecido nervoso.

Desencadeia-se um pandemônio, aplacado a custo pelos gestos de Ariman.

ARIMAN: Já lhe disse uma vez que essas suas novidades não nos interessam. Falta absolutamente o tempo de estudar, lançar, desenvolver e testar um novo modelo animal, e o senhor deveria ser o primeiro a saber disso; aliás, me diga, a propósito

dos himenópteros, tão caros ao senhor, entre o protótipo dessas criaturas e a sua estabilização na morfologia hodierna não transcorreu um número de anos correspondente a oito ou nove dígitos? Portanto tenha bom senso, e que esta seja a última advertência; do contrário, nos veremos forçados a renunciar ao seu precioso auxílio, mesmo porque, antes de sua contratação, seus colegas implantaram sem muita pretensão celenterados esplêndidos, por exemplo, que até hoje funcionam perfeitamente, nunca se desgastam, se reproduzem aos magotes sem fazer dramas e custam uma ninharia. Aqueles é que eram bons tempos — que isso seja dito sem ofender ninguém! Muitos trabalhando e poucos criticando, muitos fatos e poucas palavras, e tudo o que saía da fábrica ia muito bem, sem as complicações de vocês, modernistas. Agora, antes de passar um projeto para a produção, é preciso a assinatura do psicólogo, do neurologista, do histologista, o certificado de aprovação, a concordância do Comitê estético em cópia tríplice, o diabo a quatro. E ainda me dizem que não basta, que em breve será contratado nada menos que um superintendente para as Coisas do Espírito, que nos colocará na linha... (*Percebe que se deixou levar muito longe, silencia bruscamente e olha em volta com um certo embaraço. Depois se dirige novamente ao conselheiro psicólogo.*) Em resumo, pense sobre isso e depois nos exponha claramente se, na sua opinião, deveremos optar pelo Homem-pássaro ou pelo Homem-mamífero, e sobre quais razões o parecer se sustenta.

CONSELHEIRO PSICÓLOGO (*engasga várias vezes, morde o lápis etc.; então*): Se a escolha se reduz a essas duas possibilidades, sou da opinião de que o Homem deva ser pássaro. (*Clamores, comentários. Todos trocam sinais de satisfação, concordam; dois ou três estão prestes a se levantar, como se tudo tivesse terminado.*) Um momento, por gentileza! Com isso eu não quis dizer que basta pescar no arquivo o projeto Passarinho ou o projeto Gralha, mudar o número de matrícula e três ou quatro parágrafos, e enviá-lo ao Centro de Testes para que execute o protótipo!

Peço-lhes que me sigam com atenção; tentarei expor em poucas palavras (*porque vejo que há pressa*) as principais considerações sobre o assunto. Tudo vai bem no que diz respeito aos pontos *b)* e *d)* da moção. Hoje já existe um tal sortimento de pássaros canoros que o problema de linguagem articulada, pelo menos sob o aspecto anatômico, pode-se considerar resolvido; ao passo que nada do gênero foi feito até hoje entre os mamíferos. Estou certo, colega anatomista?

CONSELHEIRO ANATOMISTA: Certíssimo, certíssimo.

CONSELHEIRO PSICÓLOGO: Resta naturalmente estudar um cérebro apto a criar e a servir-se da linguagem, mas esse problema, de minha exclusiva competência, seria praticamente o mesmo qualquer que fosse a forma estabelecida para o homem. Quanto ao ponto c), “adequação à vida sob condições extremas de trabalho”, não me parece que demande um critério de escolha entre mamíferos e pássaros: em ambas as classes existem gêneros que se adaptaram razoavelmente aos climas e aos ambientes mais díspares. É no entanto evidente que a faculdade de deslocar-se rapidamente por vôo constitui uma importante vantagem a favor do Homem-pássaro, já que permitiria a troca de notícias e o transporte de mercadorias a distâncias continentais, agilizaria a instauração imediata de uma única linguagem e de uma única civilização para todo o gênero humano, anularia os obstáculos geográficos existentes e tornaria supérflua a criação de artificiosas demarcações territoriais entre tribo e tribo. Nem seria necessário insistir sobre outras vantagens mais imediatas que o vôo rápido comporta, seja na defesa e no ataque contra todas as espécies terrestres e aquáticas, seja na rápida localização de novos territórios de caça, cultivo e extração. Por isso me parece legítimo formular o seguinte axioma: “animal que voa não passa fome”.

ORMUZ: Perdoe a interrupção, venerável colega: como se reproduzirá o seu Homem-pássaro?

CONSELHEIRO PSICÓLOGO (*surpreso e irritado*): Estranha pergunta! A reprodução será idêntica à dos outros pássaros: o macho atrairá a fêmea, ou vice-versa; a fêmea será fecundada, será construído um ninho onde os ovos serão postos e chocados, os filhotes serão alimentados e educados por ambos os genitores até que alcancem um mínimo de independência. Os mais aptos sobreviverão. Não vejo motivo para mudanças.

ORMUZ (*inicialmente inseguro, depois cada vez mais convicto e inflamado*): Não, senhores, a coisa não me parece tão simples. Muitos aqui sabem disso... de resto, nunca fiz mistério sobre esse fato... enfim, jamais fui um entusiasta da diferenciação dos sexos. Certamente terá suas vantagens para a espécie, talvez até para o indivíduo (embora, pelo que me conste, se trate de vantagens de curta duração); mas qualquer observador objetivo deve admitir que o sexo representou a princípio uma espantosa complicação, depois, uma fonte permanente de perigos e de transtornos.

Nada vale mais que a experiência: e, como se trata de vida em sociedade, lembrem-se de que o único exemplo de vida associada testado com sucesso, desde o Terciário até hoje, sem o mínimo inconveniente, continua sendo o dos himenópteros — nos quais, em boa parte por intervenção minha, o drama sexual foi elidido e relegado à margem extrema da sociedade produtiva.

Senhores, o que lhes faço é uma súplica: pesem suas palavras antes de pronunciá-las. Quer o Homem venha a ser pássaro ou mamífero, é nosso dever fazer todo esforço para aplainar sua estrada, já que o fardo a carregar será pesado. Conhecemos, por tê-lo criado, o cérebro e sabemos de que portentosos feitos ele é potencialmente capaz; mas também conhecemos sua medida e seus limites, bem como, porque o tocamos com as mãos, as energias que dormem e que despertam no jogo dos sexos. Não nego que a experiência de combinar dois mecanismos distintos seja interessante, mas confesso a minha hesitação, o meu temor.

O que será dessa criatura? Será dúplice, será um centauro, homem até os precórdios e a partir daí fera; ou então será vinculado ao ciclo dos cios, e aí como será possível conservar uma suficiente uniformidade de comportamento? Não seguirá (não riam!) o Bom e o Verdadeiro, mas dois bens e duas verdades. E quando dois homens desejarem a mesma mulher, ou duas mulheres o mesmo homem, o que será de suas instituições sociais e das leis que deverão tutelá-las?

E o que dizer, a propósito do Homem, daquelas famosas “soluções elegantes e econômicas”, troféus do conselheiro anatomista aqui presente, entusiasticamente acolhidas pelo administrador aqui presente, pelas quais, com tanta desenvoltura, foram utilizados para fins sexuais orifícios e dutos originalmente destinados à excreção? Essa circunstância, que nós sabemos ter derivado de um puro cálculo de redução de custos e danos, certamente parecerá a esse animal pensante um símbolo de escárnio, uma confusão abjeta e perturbadora, emblema do sacro-sujo, da era bicípite, do caos, encastado em seu corpo, irrenunciável, eterno.

E aqui chego à conclusão, senhores. Seja feito o Homem, se o homem deve ser feito; e que ele seja pássaro, se assim acharem melhor. Mas me permitam desde já atacar o problema, extinguir em germe, hoje, os conflitos que fatalmente explodirão amanhã, de modo que não se deva assistir, num futuro previsível, ao infausto espetáculo de um Homem macho que mova o seu povo a uma guerra para conquistar uma mulher, ou de um Homem fêmea que desvie a mente de um

macho de nobres empresas e pensamentos para reduzi-la à servidão. Lembrem-se: aquele que está para nascer será o nosso juiz. Não só os nossos erros, mas também os deles, pesarão por todos os séculos futuros sobre as nossas cabeças.

ARIMAN: O senhor talvez tenha razão, mas não vejo por que deveríamos enfaixar a cabeça antes de quebrá-la. Ou seja, não vejo nem a possibilidade nem a oportunidade de congelar o Homem em fase de projeto — e isso por óbvias razões de agilidade dos trabalhos. Se por acaso suas angustiantes previsões se materializarem, bem, aí veremos o que fazer; não faltará nem tempo nem ocasião de aperfeiçoar o modelo à medida que se fizer necessário. Além disso, já que o homem — ao que parece — será pássaro, não acho que seja o caso de dramatizar. As dificuldades e os riscos que o preocupam podem ser facilmente diminuídos: o interesse sexual poderá ser reduzido a períodos muito breves, talvez não mais que alguns minutos por ano; nada de gravidez, nada de aleitamento, uma tendência precisa e potente para a monogamia, um rápido choco, filhotes que sairão do ovo quase prontos para a vida autônoma. Tudo isso poderá ser obtido sem remanejar os esquemas anatômicos ora em vigor, o que de resto evitará enormes entraves de natureza burocrática e administrativa.

Não, senhores, a decisão já está tomada, e o Homem será pássaro: pássaro pleno, nem pingüim nem avestruz, pássaro voador, com bico, penas, artelhos, ovos e ninho. Resta apenas definir uma série de detalhes importantes quanto à construção, isto é:

- 1) quais serão as dimensões ótimas;
- 2) deverá ser sedentário ou migratório...

(Durante as últimas palavras de Ariman, a porta do fundo foi-se abrindo lentamente. Surgem a cabeça e um ombro do mensageiro, que, sem ousar interromper, faz gestos enérgicos e lança olhares em torno para despertar a atenção dos presentes. Começa um murmúrio e uma confusão, até que Ariman finalmente se dá conta.) O que foi? O que está acontecendo?

MENSAGEIRO *(faz sinais a Ariman com o ar oficioso e confidencial dos bedéis e dos sacristãos)*: Venha aqui um momento, venerável. Novidades importantes do... *(Acena com a cabeça para trás e para o alto.)*

ARIMAN *(acompanha-o para fora da sala; ouve-se um diálogo agitado, entre o rumor e os*

comentários dos outros. De repente a porta entreaberta é fechada com violência pelo lado de fora, e logo em seguida se reabre. Ariman retorna, com passo lento e cabeça baixa. Mantém-se calado por um bom tempo, depois): ... vamos para casa, senhores. Está tudo acabado, tudo resolvido. Para casa, para casa. O que estamos fazendo aqui?

Não nos esperaram: eu não disse que era preciso ter pressa? Mais uma vez, quiseram mostrar que somos dispensáveis, que eles sabem fazer sozinhos, que não necessitam de anatomistas, psicólogos, administradores. Fazem o que bem entendem.

... Não, senhores, desconheço muitos detalhes. Não sei se consultaram alguém ou se seguiram uma linha de raciocínio ou um plano longamente meditado ou a intuição de um estalo. Sei que tomaram sete medidas de argila e a empastaram com água de rio e de mar; sei que modelaram o barro na forma que lhes pareceu melhor. Parece que se trata de um bicho vertical, quase sem pêlo, indefeso, que ao mensageiro aqui presente pareceu um macaco ou um urso: um bicho sem asas e sem penas, e portanto provavelmente um mamífero. Parece também que a fêmea do homem foi criada a partir de uma de suas costelas... (*vozes, interrogações*) ... de uma de suas costelas, sim, com um procedimento que não chego a compreender, mas que não hesitaria em definir heterodoxo, e que não sei se pretendem conservar nas gerações futuras. Nessa criatura insuflaram não sei que sopro, e ela se moveu. Assim nasceu o Homem, senhores, alheio ao nosso consenso: simples, não é mesmo? Se e em que medida ele corresponde aos requisitos que nos haviam sido propostos, caso não se trate de um homem feito de puro arbítrio e convenção, faltam-me elementos para afirmá-lo.

Nada nos resta, pois, senão desejar a essa criatura anômala uma longa e próspera carreira. O colega secretário se encarregará da redação da mensagem de boas-vindas, da ficha de homologação, da inscrição nos registros, do cálculo de custos etc.; todos os outros estão livres de qualquer compromisso. Mantenham o bom ânimo, senhores; a sessão está encerrada.

Regime de aposentadoria

Fui à Feira sem necessidade e sem interesse específico, movido pelo senso irracional do dever que todos os milaneses conhecem e que, se não existisse, talvez a Feira não fosse Feira, isto é, estaria deserta na maior parte dos dias, o que a tornaria bem mais cômoda de ser visitada.

Fiquei muito surpreso de encontrar Simpson no estande da NATCA. Acolheu-me com um sorriso solar: “Não esperava, hein?, me encontrar atrás deste balcão, no lugar da garotinha bonita de sempre ou do empregadinho iniciante! Realmente não seria minha tarefa ficar aqui, respondendo às perguntas cretinas dos visitantes casuais (ahn... com a exceção dos presentes, claro) e tentando adivinhar quais são os concorrentes disfarçados — o que não é difícil, porque estes fazem perguntas menos cretinas. Mas vim espontaneamente, nem sei bem por quê. Aliás, por que não dizer? Não há nenhum vexame nisso: vim por gratidão”.

“Gratidão em relação a quem?”

“À NATCA, poxa! Ontem foi para mim um grande dia.”

“Foi promovido?”

“Que promovido! Mais promovido do que eu... não, não: me aposentei. Venha, vamos ao bar, lhe ofereço um uísque.”

Contou-me que, segundo os papéis, só se aposentaria dois anos depois, mas preferiu pedir dispensa antes, e justo no dia anterior havia recebido o telex com a aprovação da Diretoria.

“Não é que eu não queira mais trabalhar”, me disse, “ao contrário: você sabe, agora tenho outros interesses, de outro tipo, e sinto que preciso do dia todo para mim. O pessoal de Fort Kiddiwanee entendeu perfeitamente; de resto, o acordo é

vantajoso para eles também, por causa das formigas montadoras, lembra?”

“Parabéns: não sabia que o negócio tinha dado certo.”

“Sim, sim, fechei um contrato exclusivo com eles: uma libra por mês de formigas adestradas, a três dólares cada. Nem puderam regatear: liquidação completa, oito mil dólares de gratificação, aposentadoria de primeiro nível e um presente que eu quero lhe mostrar. Um presente único no mundo, pelo menos por enquanto.”

Nesse meio-tempo, voltamos ao estande e nos sentamos em duas poltronas recuadas. “Você sabe que”, continuava Simpson, “mesmo descontando a história dos insetos sociais, eu já andava meio cansado da ‘nova fronteira’ daquele pessoal. No ano passado, por exemplo, com a escassez de *executives* que há na América, lançaram toda uma série de aparelhos que deveriam substituir os testes comportamentais e as entrevistas de contratação, e eles queriam que eu os vendesse também na Itália. Os candidatos seriam dispostos em cascata: ele entra, percorre um túnel parecido com o das lavadoras automáticas de carro e, quando sai na outra ponta, já está impressa a sua ficha, com a qualificação, a pontuação, o perfil mental, o IQ...”

“O quê?”

“Ah, sim, me desculpe: o quociente de inteligência, o cargo a ser preenchido e o salário correspondente. Antigamente eu adorava esses joguinhos; agora, ao contrário, não sinto nenhum prazer, tenho até uma vaga sensação de desconforto. E este aqui, então!”

O sr. Simpson tirou da vitrine um misturador preto, que me pareceu um instrumento geodésico:

“É um VIP-SCAN: o nome é esse mesmo. Uma sonda para os VIP, os very important persons, que também deveria servir para a seleção dos dirigentes. É usada (às escondidas, é claro) durante a ‘cordial conversa’ preliminar. Só um segundo: me permite?”

Apontou a objetiva para mim e manteve o botão pressionado por cerca de um minuto: “Fale, por favor: não importa, diga o que quiser. Dê alguns passos para cima e para baixo. Pronto, terminou. Vejamos: vinte e oito centésimos. Não me leve a mal, mas você não é um VIP. Aí está, são essas coisas que me irritam: vinte e oito para uma pessoa como você! Mas não se importe, só queria mostrar que esta coisinha é um juiz fajuto — e além disso é ajustada segundo os padrões americanos.

Não, não sei exatamente como funciona, nem me interessa, palavra de honra; só sei que a pontuação é indicada segundo fatores como o corte e o desenho da roupa, a medida do charuto (e o senhor não fuma), o estado dos dentes, o andar e o ritmo da fala. Desculpe, talvez eu não devesse ter feito o teste; mas, se lhe serve de consolo, eu mal chego aos vinte e cinco, e só quando acabo de me barbear — do contrário, não ultrapasso os vinte pontos. Em suma, é uma idiotice. Ou não vendem, e aí a NATCA italiana fica mal, ou então vendem, e aí me dá arrepios só de pensar numa classe dirigente toda feita de cem centésimos. Como vê, é outra boa razão para ir embora”.

Abaixou a voz e pôs confidencialmente a mão no meu joelho: “Mas se você vier me visitar num desses dias, depois da Feira, lhe mostrarei a primeira e principal razão. É aquele presente que mencionei: um Torec, Total Recorder. Com ele em casa, uma pequena provisão de fitas, uma modesta pensão e minhas abelhas, por que continuar a estragar o meu sangue com os clientes?”.

Simpson se desculpou por me receber no escritório, e não em casa: “Talvez aqui seja menos confortável, mas é mais tranqüilo: não há nada mais irritante do que um telefonema durante a fruição, e aqui ninguém telefona fora do horário comercial. De resto, devo confessar que minha mulher não simpatiza com essa engenhoca nem quer vê-la por perto”.

Apresentou-me o Torec com competência e com aquela incapacidade de maravilhar-se que lhe é própria, e que a meu ver decorre de seu longo passado de vendedor de maravilhas. O Torec, explicou-me, é um gravador total. Não é uma das habituais máquinas para escritório: é um aparelho revolucionário. Baseia-se no Andrac, dispositivo criado e descrito por R. Vacca, que o testou em si mesmo, ou seja, fazendo uma comunicação direta entre os seus circuitos nervosos e os circuitos eletrônicos. Com o Andrac, submetendo-se a uma pequena intervenção cirúrgica, é possível, por exemplo, acionar um monitor ou guiar um carro apenas por impulsos nervosos, sem a mediação dos músculos: em outros termos, basta “querer”. Já o Torec explora o mecanismo receptor, suscitando sensações no cérebro sem a mediação dos sentidos; porém, à diferença do Andrac, o Torec não exige nenhuma intervenção agressiva. A transmissão das sensações registradas nas fitas ocorre através de eletrodos cutâneos, sem que haja qualquer operação prévia.

O ouvinte, ou melhor, o fruidor só precisa pôr um capacete, e durante o desenrolar da fita ele recebe a série inteira e ordenada das sensações que a fita contém: sensações visuais, auditivas, táteis, olfativas, gustativas, sinestésicas e dolorosas; além disso, as sensações por assim dizer internas, que cada um de nós recebe da própria memória em estado de vigília. Em suma, todas as mensagens aferentes que o cérebro, ou melhor (como dizia Aristóteles), o intelecto paciente está apto a receber. A transmissão não ocorre por meio dos órgãos sensoriais do fruidor, que não participam do processo, mas passa diretamente ao sistema nervoso, mediante um código que a NATCA mantém sob sigilo: o resultado é uma experiência total. O espectador revive integralmente a vivência que a fita lhe sugere, sente-se participando dela ou até sendo o seu protagonista; essa sensação não tem nada em comum com a alucinação ou o sonho, porque, enquanto a fita durar, ela não se distingue da realidade. Quando a fita acaba, conserva-se uma lembrança normal da experiência, mas durante cada fruição a memória natural é suplantada pelas recordações artificiais gravadas na fita; por isso as fruições precedentes não são recordadas, nem sobrevivem tédio ou cansaço. Cada fruição de uma determinada fita pode ser repetida infinitas vezes, e a cada vez ela é tão vívida e cheia de imprevistos quanto antes.

Com o Torec, concluiu Simpson, tudo vai bem. É claro: para cada sensação que alguém deseje ter, basta procurar a fita correspondente. Quer fazer um cruzeiro pela Antilhas? Ou escalar o Cervino? Ou girar por uma hora em torno da Terra, com ausência de gravidade e tudo? Ou ser o sargento Abel F. Cooper e exterminar um bando de vietcongues? Pois bem, é só se fechar no quarto, pôr o capacete, relaxar e deixar que o Torec trabalhe.

Fiquei em silêncio por alguns instantes, enquanto Simpson me observava através dos óculos com uma curiosidade benévola: “Você me parece perplexo”, disse.

“Acho”, respondi, “que esse Torec é um instrumento definitivo. Quero dizer, um instrumento de subversão: nenhuma outra máquina da NATCA, aliás, nenhuma máquina inventada até agora concentra em si tanta ameaça aos nossos hábitos e ao nosso sistema social. Ela vai desencorajar qualquer iniciativa, qualquer atividade humana: será o último grande passo depois dos espetáculos de massa e das comunicações de massa. Em nossa casa, por exemplo, desde que compramos o televisor, meu filho passa horas na frente dele, sem brincar, ofuscado como as

lebres diante dos faróis dos carros. Eu não, eu me retiro — porém com esforço. Mas quem terá força de vontade para furtar-se a um espetáculo Torec? Parece-me bem mais perigoso do que qualquer droga: quem continuaria trabalhando? Quem se importaria com a família?”

“Mas eu não lhe disse que o Torec está à venda”, respondeu Simpson. “Aliás, só lhe disse que o recebi como um presente, um presente único no mundo, e que eles me presentearam por ocasião da minha aposentadoria. Se quisermos ir mais fundo, posso acrescentar que não é propriamente um presente; legalmente, o aparelho continua pertencendo à NATCA, mas eu posso ficar com ele por tempo indeterminado, não só como prêmio, mas também para que eu experimente os seus efeitos por um longo período.”

“De qualquer modo”, retruquei, “se eles o estudaram e construíram é porque pretendem colocá-lo à venda.”

“O caso é simples. Os donos da NATCA têm, para cada ação, apenas dois objetivos, que no fim se reduzem a um: ganhar dinheiro e conquistar prestígio, o que depois se traduz em mais dinheiro. É claro que eles gostariam de produzir o Torec em série e vender milhões de peças, mas ainda têm cabeça suficiente para perceber que o Congresso não ficaria indiferente diante da difusão descontrolada de um instrumento como esse. Por isso, nestes meses, depois que o protótipo foi montado, eles estão preocupados sobretudo em revesti-lo de uma couraça de patentes, para que nenhum parafuso fique descoberto; depois, pretendem arrancar a permissão dos legisladores para que a máquina seja distribuída em todas as casas de repouso, com cessão gratuita a todos os inválidos e doentes incuráveis. Finalmente, e este é o programa mais ambicioso, eles querem que o direito ao Torec esteja legalmente vinculado ao direito à aposentadoria, para toda a população ativa.”

“Portanto você seria, digamos assim, o protótipo do aposentado de amanhã?”

“Sim, e posso dizer que a experiência não me desagrade nem um pouco. O Torec chegou há apenas duas semanas, mas já me proporcionou noites encantadoras; claro, você tem razão, é preciso vontade e bom senso para não se deixar levar, para não dedicar a ele os dias inteiros, e eu nunca o colocaria nas mãos de um garoto — mas, na minha idade, é um instrumento precioso. Não quer testá-lo? Comprometi-me a não emprestá-lo nem vendê-lo, mas você é uma pessoa

discreta, e acho que neste caso posso abrir uma exceção. Sabe, também me pediram que eu avaliasse as possibilidades do Torec como auxiliar didático, no estudo da geografia, por exemplo, ou das ciências naturais, e eu gostaria muito de ouvir a sua opinião.”

“Fique à vontade”, me disse, “talvez seja melhor fechar as cortinas. Sim, com as costas contra a lâmpada está perfeito. Por enquanto só tenho trinta fitas, mas outras setenta estão na alfândega de Gênova, e espero recebê-las em breve: assim terei toda a coleção existente até hoje.”

“Quem produz as fitas? Como são obtidas?”

“Falam em produzir fitas artificiais, mas por enquanto elas são feitas por gravação. Só se conhece o procedimento em suas linhas gerais; lá em Fort Kiddiwanee, na Torec Division, estão propondo um ciclo de gravações a qualquer pessoa que normalmente tenha, ou possa ter casualmente, alguma experiência que se preste à exploração comercial: aviadores, exploradores, mergulhadores, sedutores ou sedutoras, e outras numerosas categorias de indivíduos que você pode imaginar se pensar um pouco nisso. Suponhamos que o sujeito aceite e que se chegue a um acordo sobre os direitos: a propósito, ouvi dizer que se trata de cifras bem altas, de dois mil a cinco mil dólares por fita; mas, para obter uma fita utilizável, quase sempre é preciso repetir a gravação dez ou vinte vezes. Portanto, se houver acordo, lhe enfiarão na cabeça um capacete mais ou menos como este, e basta usá-lo por todo o tempo que durar a gravação; não há nenhum outro incômodo. Todas as suas sensações são transmitidas via rádio à central de gravação, e depois, a partir da primeira fita, podem ser feitas inúmeras cópias, segundo as técnicas usuais.”

“Mas então... mas se o sujeito sabe que as suas sensações estão sendo gravadas, então a sua consciência disso também ficará registrada na fita. Você não reviverá o lance de um astronauta qualquer, mas de um astronauta que sabe que tem um capacete Torec na cabeça e que é objeto de uma gravação.”

“É assim mesmo”, disse Simpson, “de fato, na maior parte das fitas que experimentei, essa consciência de fundo é nitidamente perceptível; mas alguns sujeitos aprendem com a prática a reprimi-la durante a gravação, a isolá-la no inconsciente, aonde o Torec não chega. De resto, não incomoda muito. Quanto ao

capacete, não dá nenhum desconforto: a sensação ‘capacete na cabeça’ que está inscrita em todas as fitas coincide com a sensação provocada diretamente pelo capacete de recepção.”

Estava a ponto de manifestar novas perplexidades de natureza filosófica quando Simpson me interrompeu: “Quer que comecemos por esta? É uma das minhas preferidas. Sabe, na América o futebol não é muito popular, mas desde que estou na Itália me tornei um milanista convicto; aliás, fui eu que fiz o contrato entre Rasmussen e a NATCA, e eu mesmo dirigi a gravação. Ele ganhou três milhões, e a NATCA, uma fita fantástica. Meu Deus, que ala! Pronto, se sente, ponha o capacete e depois me diga”.

“Mas eu não entendo nada de futebol. Além de nunca ter jogado, nem quando era criança, eu nunca assisti a uma partida, nem pela televisão!”

“Não importa”, disse Simpson, ainda vibrante de entusiasmo, e ligou o aparelho.

O sol estava baixo e quente, o ar empoeirado: percebia um cheiro intenso de terra revolvida. Estava suado e tinha um pouco de dor num tornozelo; corria com passadas extremamente leves atrás da bola, olhava à esquerda com o canto do olho e me sentia ágil e pronto como uma mola tensa. Um outro jogador rubro-negro entrou no meu campo de visão; passei-lhe a bola rasteira, surpreendendo um adversário, e então me precipitei para a frente enquanto o goleiro saía para a direita. Ouvi o barulho crescente do público, vi a bola devolvida para mim, um pouco mais adiante para aproveitar o meu arranque; num lampejo eu estava nela e chutei ao gol com precisão, de canhota, sem esforço, sem violência, diante das mãos estendidas do goleiro. Senti uma onda de alegria no sangue e pouco depois, na boca, o sabor amargo da descarga de adrenalina: então tudo terminou e eu me vi na poltrona.

“Percebeu? É muito rápido, mas é uma pequena jóia. Por acaso notou que era uma gravação? Não notou, não é? Sob pressão, a cabeça vai longe.”

“Realmente. Devo admitir que é uma impressão curiosa. Dá entusiasmo sentir o próprio corpo tão jovem e ágil: uma sensação perdida há décadas. Sim, é bonito: não se pensa em mais nada, tudo se concentra em um ponto, como um projétil. E o grito da torcida! No entanto, não sei se você percebeu, naquele instante em que eu esperava... em que *ele* esperava o passe, um pensamento estranho se insinua: uma jovem alta e morena, que se chama Claudia, com quem ele tem um encontro às

nove em San Babila. Dura só um segundo, mas é claríssimo: tempo, lugar, antecedentes, tudo. Tinha notado?”

“Sim, claro, mas são coisas sem importância: aliás, aumentam o sentido do real. É óbvio que não se pode fazer *tabula rasa* de si mesmo e se apresentar para a gravação como se tivesse nascido naquele instante: soube que muitos recusam o contrato justamente por razões desse tipo, porque têm alguma recordação que querem manter em segredo. E então, o que me diz? Quer testar de novo?”

Pedi a Simpson que me mostrasse os títulos das outras fitas. Eram muito concisos e bem pouco sugestivos, alguns até incompreensíveis, talvez por causa da tradução italiana.

“É melhor que você me aconselhe”, disse, “eu não saberia escolher.”

“Tem razão. Não é possível confiar nos títulos, exatamente como acontece com os livros e os filmes. E note que as fitas disponíveis por enquanto, como lhe disse, são apenas uma centena; mas vi recentemente a prévia do catálogo de 1967: é coisa de dar vertigem. Aliás, quero lhe mostrar: parece-me instrutivo sob o aspecto do ‘American Way of Life’, sobretudo como tentativa de sistematização das experiências pensáveis.”

O catálogo reunia mais de novecentos títulos, cada qual seguido do número da classificação decimal Dewey, e estava dividido em sete seções. A primeira trazia a rubrica “Arte e natureza”; as fitas correspondentes eram marcadas com uma faixa branca e tinham títulos como “Pôr-do-sol em Veneza”, “*Paestum e Metaponto* vistos por Quasímodo”, “O ciclone Magdalen”, “Um dia entre os pescadores de merluzas”, “Rota polar”, “Chicago vista por Allen Ginsberg”, “Nós, sub”, “A Esfinge meditada por Emily S. Stoddard”. Simpson me fez notar que não se tratava de sensações toscas, como as de um homem rude e inculto que visite Veneza ou assista casualmente a um espetáculo natural: cada roteiro havia sido gravado com o auxílio de bons escritores e poetas, que se prestaram a disponibilizar ao fruidor a sua cultura e sensibilidade.

A segunda seção continha fitas de faixa vermelha e com a indicação “Potência”. Em seguida, a seção era subdividida nas subseções “Violência”, “Guerra”, “Esporte”, “Autoridade”, “Riqueza”, “Miscelânea”. “É uma subdivisão arbitrária”, disse Simpson, “eu, por exemplo, colocaria a fita que você acabou de ver, ‘Um gol de Rasmussen’, entre as de faixa branca, e não entre as vermelhas. Em geral, tenho

pouco interesse pelas fitas vermelhas; mas me disseram que já está nascendo na América um mercado negro de fitas: elas saem misteriosamente dos estúdios da NATCA e são interceptadas por rapazes que possuem Torecs clandestinos, fabricados de qualquer jeito por radiotécnicos inescrupulosos. Bem, as fitas vermelhas são as mais procuradas. Mas talvez não seja um mal: é difícil que um jovem que compre um massacre numa *cafeteria* queira depois participar disso em carne e osso.”

“Por quê? Se tomar gosto... Não será como com os leopardos, que quando experimentam o sangue humano não conseguem passar sem ele?”

Simpson me olhava com um ar curioso: “É verdade, o senhor é um intelectual italiano: eu conheço bem o tipo. Boa família burguesa, bastante dinheiro, uma mãe dedicada e possessiva, colégio de padres, nenhum serviço militar, nenhum esporte de competição, salvo talvez um pouco de tênis. Uma ou mais mulheres cortejadas sem paixão, uma casada, um trabalho tranquilo por toda a vida. É assim, não é verdade?”.

“Bem, não exatamente, pelo menos no que me diz respeito...”

“Sim, posso ter errado em algum detalhe, mas a substância é essa, não negue. A luta pela vida está excluída, nunca bateram firme, e destilam por toda a vida a vontade de fazer isso. No fundo, é por isso que aceitaram Mussolini: queriam um durão, um lutador, e ele, que não era nada disso, mas também não era estúpido, recitou esse papel até quando pôde. Mas não vamos divagar: quer ver que gosto tem uma boa briga? Aqui está, ponha o capacete e depois me diga.”

Eu estava sentado, os outros ao meu redor estavam de pé. Eram três, tinham malhas listradas e me olhavam com escárnio. Um deles, Bernie, falava numa linguagem que, pensando depois, compreendi que era um americano cheio de gíria, mas naquele momento eu o entendia bem, e também falava a mesma língua: aliás, até me lembro de alguns termos. Me chamava de *bright boy* e de *goddam rat* e ria de mim, demoradamente, com paciência e crueldade. Me humilhava porque eu era um *Wop*, mais precisamente um Dago; eu não respondia, e continuava a beber com calculada indiferença. Na verdade, sentia raiva e medo ao mesmo tempo; estava consciente da ficção cênica, mas os insultos que eu recebia me queimavam; além disso, a própria ficção reproduzia uma situação que não era nova, embora eu nunca pudesse me habituar a ela. Tinha dezenove anos, era atarracado e robusto, e era realmente um *Wop*, um filho de imigrantes italianos; envergonhava-me

profundamente de ser isso, e ao mesmo tempo tinha orgulho. Meus perseguidores eram autênticos perseguidores, meus vizinhos de quarteirão e inimigos desde a infância: louros, anglo-saxões e protestantes. Eu os detestava, mas também tinha uma certa admiração. Nunca tinham ousado agredir-me abertamente: o contrato com a NATCA lhes propiciara uma ocasião esplêndida, além da certeza da impunidade. Sabia que eles e eu estávamos todos escalados para uma gravação, mas isso não reduzia em nada o nosso ódio recíproco; ao contrário, o próprio fato de ter aceitado dinheiro para lutar com eles redobrava o meu rancor e a minha cólera.

Quando Bernie, imitando minha fala, disse “Uocchie ’e màmmeta! Madonna Mmaculata!” e me mandou um beijo burlesco na ponta dos dedos, agarrei o caneco de cerveja e o arrebentei na cara dele: vi o sangue escorrer e me enchi de uma exaltação feroz. Logo depois derrubei a mesa e, mantendo-a na frente como um escudo, tentei alcançar a saída. Recebi um soco nas costelas: deixei a mesa cair e me lancei contra Andrew. Dei-lhe um murro na mandíbula: ele voou para trás e se apoiou zozno no balcão, mas enquanto isso Bernie se recuperou, e ele e Tom me prensaram num canto, sob uma saraivada de golpes no estômago e no fígado. Estava sem fôlego e só conseguia ver umas sombras confusas; mas, quando me disseram “Vamos, bambino, peça penico”, dei dois passos à frente, depois fingi que caía, mas em vez disso parti para cima de Tom com a testa baixa, como um touro enfurecido. Ele desabou, tropecei em seu corpo e caí em cima; enquanto tentava me reerguer, recebi um tremendo *uppercut* no queixo, que me levantou lateralmente do chão e pareceu arrancar-me a cabeça do tronco. Perdi a consciência, despertei sob a impressão de uma ducha gelada na cabeça, e então tudo terminou.

“Basta, obrigado”, disse a Simpson, massageando o queixo que, não sei por quê, ainda me doía um pouco. “Você tem razão, eu não teria nenhuma vontade de recomeçar, nem a sério nem por transferência.”

“Nem eu”, disse Simpson. “Experimentei uma vez só e já me bastou. Mas acho que um *Wop* autêntico poderia ter uma certa satisfação com isso, talvez pelo simples fato de lutar contra três. Na minha opinião, a NATCA gravou essa fita especificamente para eles; você sabe, eles não fazem nada sem uma pesquisa de mercado.”

“Já eu acho que eles gravaram para os outros, os louros-anglo-saxões-

protestantes, e para os racistas de todas as raças. Pense que gozo refinado, sentir dor na pele daquele a quem se quer infligir dor! Bem, deixa pra lá. E o que são essas fitas com faixa verde? O que significa ‘Encounters’?”

O sr. Simpson sorriu: “É um mero eufemismo. Sabe como é, nossa censura também não brinca em serviço. Deveriam ser ‘encontros’ com personalidades ilustres, para clientes que desejam ter uma breve conversa com os poderosos do mundo. De fato, há alguns, veja aqui: ‘De Gaulle’, ‘Francisco Franco Bahamonde’, ‘Konrad Adenauer’, ‘Mao Tsé-tung’ (sim, sim, ele também aceitou: é difícil entender os chineses), ‘Fidel Castro’. Mas só têm função de camuflagem, na maior parte se trata de outra coisa: são fitas de sexo. Há o encontro, mas em outro sentido; veja, são outros nomes, que raramente aparecem na primeira página dos jornais: Sina Rasinko, Inge Baum, Corrada Colli...”

Nesse ponto comecei a enrubescer. É um defeito incômodo, que trago comigo desde a adolescência: basta que eu pense “quer apostar que agora eu fico vermelho?” (e ninguém pode nos impedir de pensar), e logo o mecanismo dispara, sinto que vou ficando vermelho, sinto vergonha por isso, e assim fico mais vermelho ainda, até que começo a suar abundantemente, a garganta resseca e não consigo falar. Naquele momento o estímulo quase casual partira do nome Corrada Colli, a modelo que ficou famosa pelo conhecido escândalo, por quem de repente percebi que nutria uma atração lasciva, que nunca confessei a ninguém, nem mesmo a mim.

Simpson me observava, vacilando entre o riso e o alarme: meu estado de congestão era tão óbvio que eu não poderia fingir decentemente que não o notara. “Está se sentindo bem?”, perguntou-me por fim, “quer tomar um ar?”

“Não, não”, disse, sufocado, enquanto meu sangue refluía tumultuosamente às suas sedes profundas, “não é nada, às vezes me acontece isso.”

“Não vá me dizer”, disse Simpson relaxadamente, “que foi o nome da Colli que o reduziu a esse estado!” Abaixou a voz: “Ou você também fazia parte do grupo?”

“Claro que não, mas que idéia!”, protestei, enquanto o fenômeno se repetia com intensidade redobrada, desmentindo-me descaradamente. Simpson estava calado e perplexo: fingia olhar para fora da janela, mas de vez em quando me atirava uma rápida olhada. Finalmente disse:

“Ouça, estamos entre homens e nos conhecemos há vinte anos. Você está aqui

para testar o Torec, não é? Bem, eu tenho essa fita: se quiser ter esse gosto, não faça cerimônia, é só me pedir. Fica tudo entre a gente, é claro; depois, veja, a fita ainda está com o lacre original, e eu nem sei exatamente o que contém. Talvez seja a coisa mais inocente do mundo; mas, em todo caso, não há motivo de vergonha. Creio que nenhum teólogo teria o que dizer nesse caso: quem comete o pecado não é você. Vamos, ponha o capacete.”

Estava num camarim de teatro, sobre uma banquetta, os ombros voltados para o espelho da cômoda, e sentia uma viva impressão de leveza: logo percebi que a sensação vinha de minha roupa, muito reduzida. Sabia que esperava alguém: de fato, alguém bateu na porta, e eu disse: “Pode entrar”. Não era a “minha” voz, e isso era natural; mas era uma voz feminina, e isso era menos natural. Enquanto o homem entrava, me virei para o espelho para ajeitar os cabelos, e a imagem era a dela, de Corrada, mil vezes estampada nas revistas: os olhos claros, de gato; o rosto triangular; a trança negra, arrematada na nuca com perversa inocência; a pela alva... mas dentro da pele estava eu.

Entretanto o homem havia entrado: era de estatura média, oliváceo, jovial, vestia uma malha esportiva e tinha bigodes. Senti em relação a ele um impulso de extrema violência, distintamente bipartido. A fita me impunha uma seqüência de lembranças apaixonadas, algumas cheias de desejo furioso, outras de revolta e asco, e em todas ele aparecia, se chamava Rinaldo, era meu amante havia dois anos, me traía, eu estava louca porque ele finalmente voltara, e ao mesmo tempo minha verdadeira identidade se enrijecia contra a sugestão invertida, se rebelava contra a coisa impossível e monstruosa que estava para acontecer, agora, ali no divã. Sofria agudamente e tinha a vaga percepção de lutar contra o capacete, tentando arrancá-lo desesperadamente da cabeça.

Como de uma distância estelar, a voz tranqüila de Simpson se impôs: “Que diabos você está fazendo? O que houve? Espere, deixe que eu faça, senão a cavidade se rompe”. Depois tudo ficou escuro e silencioso: Simpson havia cortado a corrente.

Eu estava furioso: “Mas que brincadeira é esta? Logo comigo! Um amigo, de cinquenta anos, casado e com dois filhos, heterossexual convicto! Chega, me dê o chapéu e fique com as suas coisas do cão!”.

Simpson me olhava sem entender; depois se apressou em conferir o título da fita

e ficou pálido como cera. “Acredite em mim, eu nunca faria uma coisa dessas. Não tinha percebido. Foi um erro: imperdoável, mas um erro. Olhe aqui: estava certo de que a etiqueta fosse ‘Corrada Colli, uma noite com’, e no entanto é ‘Corrada Colli, uma noite de’. É uma fita para mulheres. Como lhe disse, eu ainda não a havia testado.”

Trocamos um olhar constrangido. Embora eu continuasse muito perturbado, lembrei-me naquele instante da fala de Simpson sobre as possibilidades didáticas do Torec, e mal pude conter uma risada amarga. Depois Simpson disse: “No entanto, não assim, de surpresa, mas sabendo antes, talvez tivesse sido uma experiência interessante. Única. Ninguém jamais a fez, ainda que os gregos a atribuíssem a Tirésias. Aqueles estudaram de tudo: imagine que recentemente li que eles já haviam pensado em domesticar formigas, como eu fiz, e falar com os golfinhos como Lilly”.

Respondi-lhe secamente: “Eu não gostaria de experimentar. Experimente você, se lhe interessa, e depois me conte”. Sua mortificação e sua boa-fé eram tão evidentes que tive compaixão por ele; assim que me recuperei, tentei fazer as pazes e lhe perguntei:

“O que são essas fitas com faixa cinza?”

“Você me perdoou, não é? Obrigado, prometo que serei mais atento. Essa é a série ‘Epic’, uma experiência fascinante.”

“‘Epic’? Espero que não sejam essas experiências de guerra, faroeste, marines, essas coisas que agradam a vocês, americanos.”

Simpson ignorou religiosamente a provocação: “Não, não tem nada a ver com a épica. São gravações do chamado ‘efeito Epicuro’, fundadas no fato de que a cessação de um estado de sofrimento ou carência... Espere: deixe que eu tente me reabilitar. Posso? Você é um homem educado, aposto que não se arrependerá. Além disso, conheço bem esta fita ‘Sede’, e posso lhe garantir que não haverá surpresas. Quer dizer, surpresas sim, mas lícitas e honestas”.

O calor era intenso: eu estava numa paisagem desolada, de areia e rochas escuras. Tinha uma sede atroz, mas não estava cansado nem sentia angústia: sabia que se tratava de uma gravação Torec, sabia que atrás de mim havia um jipe da NATCA, que eu tinha firmado um contrato, que pelo contrato eu não bebia há três dias, que eu era um desocupado crônico de Salt Lake City, e que em breve eu

mataria minha sede. Disseram-me que caminhasse numa certa direção, e eu caminhava: minha sede já estava num ponto em que não só a boca e a garganta se secam, mas também os olhos, e eu via grandes estrelas amarelas piscando. Caminhei por cinco minutos, tropeçando nas pedras, e então vi um espaço arenoso circundado pelas ruínas de um muro seco; no centro havia um poço, com uma corda e um balde. Desci o balde e o puxei cheio de água límpida e fresca; sabia bem que não era água de fonte, que o poço havia sido cavado no dia anterior, e que o carro-pipa que o abastecera estava ali perto, estacionado à sombra de uma encosta. Mas a sede existia, era real, feroz, urgente, e eu bebi feito um bezerro, metendo na água todo o rosto: bebi longamente, pela boca e pelo nariz, parando de vez em quando para respirar, tomado pelo mais intenso e puro dos prazeres concedidos aos mortais, que é o de restaurar a própria tensão osmótica. Mas não durou muito tempo: não tinha bebido nem um litro, e a água já não me dava nenhum prazer. Aqui a cena do deserto se desfez e foi substituída por outra semelhante: eu estava numa piroga, em meio a um mar tórrido, azul e vazio. Também nesse caso havia a sede, a consciência do artifício e a segurança de que a água surgiria: mas dessa vez eu me perguntava de onde, porque ao redor só se via mar e céu. Então emergiu a cem metros de mim um contêiner flutuante com a inscrição NATCA II, e a cena chegou ao fim com uma deliciosa bebida. Depois me vi sucessivamente numa prisão, num vagão tombado, diante de um forno para vidros, amarrado a um poste, numa cama de hospital, e em todos os casos a sede rápida mas intensa era aplacada pela aparição de água gelada ou de outras bebidas refrescantes, em circunstâncias as mais diversas, quase sempre artificiosas e pueris.

“O esquema é meio monótono e a direção é fraca, mas o objetivo é sem dúvida atingido”, disse a Simpson. “É verdade, é um prazer único, agudo, quase intolerável.”

“Isso todo mundo sabe”, disse Simpson, “mas sem o Torec não teria sido possível condensar sete satisfações em vinte minutos de espetáculo, eliminando todo perigo e quase toda a parte negativa da experiência, ou seja, o longo tormento da sede, inevitável segundo a natureza. Essa é a razão por que todas as fitas Epic são antológicas, isto é, feitas com o que há de melhor: na verdade, elas exploram uma sensação desagradável, que deve ser breve, e uma de alívio, que é intensa, mas breve por natureza. Além da sede, estão programadas várias fitas sobre a cessação

da fome e de pelo menos dez tipos de dor, físicas e espirituais.”

“Essas fitas Epic”, repliquei, “me deixam perplexo. Pode até ser que as outras tenham algo de bom: no geral, é o mesmo saldo substancialmente ativo que decorre de uma vitória esportiva ou de um espetáculo natural ou de um amor em carne e osso. Mas o que se pode extrair disso, desses joguinhos frios às custas da dor, senão um prazer enlatado, fechado em si mesmo, solipsista, de solitários? Em suma, me parecem uma deserção: não me parecem morais.”

“Talvez você tenha razão”, disse Simpson após um breve silêncio, “mas ainda pensará assim quando tiver setenta ou oitenta anos? E alguém que é paralítico, que está preso numa cama ou que só vive à espera da morte, pensará como você?”

Simpson então me mostrou rapidamente as fitas chamadas “do superego”, de faixa azul (salvamentos, sacrifícios, experiências gravadas de pintores, músicos e poetas no ápice de seu esforço criativo), e as fitas de faixa amarela, que reproduzem experiências místicas e religiosas de várias confissões; a respeito destas, disse-me que alguns missionários já haviam encomendado uma remessa destinada aos próprios catecúmenos, a fim de que tivessem uma mostra de sua futura vida de convertidos.

Quanto às fitas da sétima série, com faixa preta, essas são dificilmente catalogáveis. A casa as reúne indiscriminadamente sob a denominação de “efeitos especiais”: em boa parte se trata de gravações experimentais nos limites do que hoje é possível, com o objetivo de estabelecer o que será possível amanhã. Algumas, como Simpson me havia instruído antes, são fitas sintéticas, isto é, não gravadas diretamente do real, mas construídas com técnicas especiais, imagem por imagem, onda por onda, assim como se constroem a música eletrônica e os desenhos animados. Desse modo se obtêm sensações que jamais existiram ou foram concebidas: Simpson também me disse que num dos estúdios da NATCA um grupo de técnicos está trabalhando na composição de uma fita com um episódio da vida de Sócrates visto por Fédon.

“Nem todas as fitas pretas”, esclareceu Simpson, “contêm experiências agradáveis: algumas são projetadas exclusivamente para fins científicos. Há, por exemplo, gravações feitas com recém-nascidos, neuróticos, psicopatas, gênios, idiotas e até animais.”

“Animais?”, repeti, espantado.

“Sim, com animais superiores, cujo sistema nervoso se aproxima do nosso. Existem fitas de cachorros: ‘grow a tail!’, diz entusiasticamente o catálogo, ‘deixem crescer um rabo!’; fitas de gatos, macacos, cavalos, elefantes. Eu por enquanto só tenho uma fita preta, mas a recomendo para concluir a noite.”

O sol refletia intensamente nas geleiras: não havia uma nuvem no céu. Eu estava planando, suspenso sobre as asas (ou sobre os braços?), e embaixo de mim passava lentamente um vale alpino. O fundo estava a pelo menos dois mil metros abaixo de mim, mas eu distinguia cada pedra, cada fio de vegetação, cada cristação da água da torrente, porque meus olhos possuíam uma extraordinária acuidade. O campo visual também era maior que o habitual: abraçava uns dois terços do horizonte e compreendia o pico que estava sob mim, enquanto no alto era limitado por uma sombra escura; além disso, não via o meu nariz, ou melhor, nenhum nariz. Via e ouvia o zunido do vento e o marulho distante da torrente, sentia a pressão cambiante do ar contra as asas e a cauda, mas por trás desse mosaico de sensações minha mente estava numa condição de torpor, de paralisia. Percebia apenas uma tensão, um estímulo semelhante àquele que às vezes se sente atrás do esterno, quando lembramos que “devemos fazer uma coisa” e esquecemos qual; devia “fazer uma coisa”, cumprir uma ação, e não sabia qual, mas sabia que deveria cumpri-la numa certa direção, levá-la a cabo em um certo lugar que estava estampado em minha mente com perfeita clareza: uma costa serrilhada à minha direita, na base do primeiro pico uma mancha castanha onde terminava a neve, uma mancha que agora estava escondida na sombra; um lugar como milhões de outros, mas lá estava meu ninho, minha fêmea e meu filhote.

Virei a favor do vento, abaixei-me sobre um longo penhasco e o percorri rasante, do sul para o norte: agora minha grande sombra me precedia, cortando a toda a velocidade as faixas de relva e de terra, as rochas e a neve. Uma marmota-sentinela assoviou duas, três, quatro vezes, antes que eu a pudesse ver; no mesmo instante, senti tremular abaixo de mim algumas hastes de aveia selvagem; uma lebre, ainda com o pêlo de inverno, descia a saltos desesperados rumo à toca. Recolhi as asas ao corpo e caí sobre ela como uma pedra: estava a menos de um metro do refúgio quando a alcancei, abri as asas para frear a queda e espichei as garras. Agarrei-a em pleno vôo e retomei a altitude apenas desfrutando o impulso, sem bater as asas. Quando o ímpeto se extinguiu, matei a lebre com dois golpes de bico: agora sabia o

que “devia ser feito”, o sentido de tensão cessara, e segui voando para o ninho.

Como já era tarde, despedi-me de Simpson e agradeci-lhe a demonstração, sobretudo da última fita, que me deixara profundamente satisfeito. Simpson se desculpou mais uma vez pelo incidente: “É preciso ficar atento, um erro pode ter conseqüências impensadas. Queria ainda lhe contar o que aconteceu com Chris Webster, um dos membros do projeto Torec, ao testar a primeira fita industrial que eles conseguiram gravar. Quando quis checar a gravação, Webster se viu no chão, um pouco machucado, com o pára-quedas murcho do lado. De repente a lona se ergueu do solo, encheu-se como se soprasse um vento forte, de baixo para o alto, e Webster sentiu-se puxado da terra e arrastado lentamente para cima, enquanto a dor do machucado desaparecia de repente. Subiu tranqüilamente por uns dois minutos, depois as cordas deram um forte repuxo e a subida acelerou vertiginosamente, tirando-lhe o fôlego; no mesmo instante o pára-quedas fechou-se como um guarda-chuva, enrolou-se várias vezes ao comprido até virar uma bola e aderiu às suas costas num estalo. Enquanto subia feito um raio, avistou um avião voando para trás, com as portas abertas: Webster entrou nele de cabeça e se viu na carlinga, cheio de ansiedade pelo salto iminente. Entendeu, né? Ele tinha posto a fita ao contrário no Torec”.

Simpson me fez prometer que voltaria a visitá-lo em novembro, quando sua coleção de fitas estaria completa, e nos despedimos alta noite.

Pobre Simpson! Temo que para ele seja o fim. Depois de tantos anos de serviço fiel à NATCA, a última máquina NATCA o derrotou, justo aquela que deveria assegurar-lhe uma velhice alegre e serena.

Lutou contra o Torec como Jacó com o anjo, mas a batalha estava perdida de saída. Sacrificou-lhe tudo: as abelhas, o trabalho, o sono, a mulher, os livros. Infelizmente o Torec não se desgasta: cada fita pode ser usufruída infinitas vezes, e a cada vez a memória genuína se apaga, e se acende a memória postiça que está inscrita na própria fita. Por isso Simpson não sente tédio durante a fruição, mas, quando a fita termina, se sente oprimido por um tédio tão vasto quanto o mar, pesado como o mundo: então só lhe resta tentar uma outra. Passou das duas horas diárias que havia previsto para cinco, depois dez, agora dezoito ou vinte: sem o Torec estaria perdido, e com o Torec também. Em seis meses envelheceu uns vinte

anos, é uma sombra de si mesmo.

Entre uma fita e outra, relê o Eclesiastes: é o único livro que ainda lhe diz alguma coisa. No Eclesiastes, me disse, reencontra a si mesmo e a sua condição: “[...] Todos os rios correm para o mar e, contudo, o mar nunca se enche; [...] o olho não se sacia de ver, nem o ouvido se farta de ouvir. O que foi, será, o que se fez, se tornará a fazer: nada há de novo debaixo do sol!”; e mais: “[...] Muita sabedoria, muito desgosto, quanto mais conhecimento, mais sofrimento”. Nos raros dias em que está apaziguado, Simpson se sente próximo ao rei velho e justo, saciado de dias e de sapiência, que tivera setecentas mulheres e riquezas infinitas e a amizade da rainha negra, que havia adorado o Deus verdadeiro e os falsos deuses Astarte e Melcom, e que dera roupagem de canto à sua sabedoria. Mas a sabedoria de Salomão fora conquistada com dor, numa longa vida, cheia de obras e de culpas; a de Simpson é fruto de um complicado circuito eletrônico e de fitas com oito pistas, e ele sabe disso e se envergonha e, para fugir à vergonha, mergulha no Torec. Encaminha-se para a morte, sem temor, consciente: já a experimentou seis vezes, em seis versões diferentes, registradas em seis fitas de faixa preta.

VÍCIO DE FORMA

*Eram cem homens em armas.
Quando o sol surgiu no céu,
Todos deram um passo à frente.
Horas se passaram, sem barulho:
Suas pálpebras não batiam.
Quando soaram os sinos,
Todos deram um passo à frente.
Assim passou o dia e veio a noite,
Mas quando floriu no céu a primeira estrela,
Todos juntos deram um passo à frente.
“Para trás, fora daqui, fantasmas imundos:
Retornem à sua noite antiga”:
Mas ninguém respondeu, e em vez disso,
Todos em círculo deram um passo à frente.*

Carta 1987

Caro editor

sua proposta de reimprimir *Vício de forma* passados mais de quinze anos me entristece e me alegra. Como podem coexistir dois estados de espírito tão contraditórios? Tentarei explicá-lo a você e a mim mesmo.

Entristece-me porque se trata de narrativas ligadas a um tempo mais triste que o atual, para a Itália, para o mundo e também para mim: ligados a uma visão apocalíptica, renunciadora, derrotista, a mesma que havia inspirado *Medioevo prossimo venturo* (A Idade Média no futuro próximo), de Roberto Vacca. Ora, a Idade Média não veio, nada desabou, há até sinais tímidos de uma ordem mundial fundada, se não no respeito recíproco, pelo menos no temor mútuo. A despeito dos assombrosos arsenais adormecidos, o medo de uma “Dissipatio Humani Generis” (Morselli) bem ou mal se atenuou do ponto de vista subjetivo. Como as coisas estão objetivamente, ninguém sabe.

Alegra-me porque revive o mais esquecido dos meus livros, o único que não foi traduzido, que não ganhou prêmios, que os críticos receberam de cara torta, acusando-o precisamente de não ser catastrófico o bastante. Se o releio hoje, ao lado de várias ingenuidades e erros de perspectiva, encontro algo de bom. As crianças sintéticas são uma realidade, ainda que tenham umbigo. Fomos à Lua, e a Terra vista de lá se parece com aquela que descrevi — pena que os selenitas não existam nem nunca tenham existido. As ajudas aos países do Terceiro Mundo têm freqüentemente o destino que esbocei no duplo “Recuenco”. Com a expansão do terceiro setor, os “sinais vermelhos” aumentaram de número, e até apareceu nos

jornais, em 1981, a notícia de um sensor mensal idêntico ao que eu descrevera. Ainda estamos longe de uma realização do conto “Para o bem”, mas (“così s’osserva in me lo contrappasso”^a), depois de algumas hesitações, a SIP forneceu à minha segunda casa um número telefônico que é o exato anagrama do meu número em Turim.

Quanto ao “Ótima é a água”, pouco depois de sua publicação a *Scientific American* trouxe a notícia, de fonte soviética, de uma “poliágua” viscosa e tóxica, em muitos aspectos semelhante àquela antecipada por mim; para sorte de todos, as experiências se demonstraram irreproduzíveis, e tudo acabou em fumaça. Orgulha-me a idéia de que essa minha lúgubre invenção tenha tido um efeito retroativo e apotropaico. Portanto o leitor pode ficar tranqüilo: a água, mesmo poluída, nunca se tornará viscosa, e todos os mares conservarão suas ondas.

PRIMO LEVI

Turim, janeiro de 1987

a “E em mim se vê a ofensa compensada”, verso final do canto XXVIII do “Inferno”, *Divina comédia*, na tradução de Cristiano Martins.

Proteção

Marta acabou de arrumar a cozinha, ligou a lavadora, depois acendeu um cigarro e se sentou na poltrona, seguindo distraidamente a televisão pela fresta da viseira. No quarto ao lado Giulio estava silencioso: provavelmente estudava ou fazia o dever de casa. De lá do corredor chegavam de tanto em tanto os gritos tranquilizadores de Luciano, que brincava com um amigo.

Era a hora da publicidade. Na tela sucediam-se, à exaustão, invectivas, conselhos, elogios: comprem apenas o aperitivo Alfa, somente os sorvetes Beta; comprem exclusivamente o lustrador Gama, para todos os metais; só os elmos Delta, dentifrício Ípsilon, roupas confeccionadas por Zeta, óleo Eta inodoro para suas juntas, vinho Teta... Apesar da posição desconfortável e da couraça que lhe incomodava a cintura, Marta acabou por dormir, mas sonhou que dormia deitada nas escadas de casa, de través, enquanto as pessoas subiam e desciam sem se importar com ela. Acordou com os rangidos de Enrico no térreo: ela nunca errava, tinha orgulho de distinguir os passos dele entre os de tantos vizinhos. Quando entrou, Marta se apressou a mandar para casa o amigo de Luciano e pôs a mesa para o jantar. Fazia calor, e o telejornal havia anunciado que a chuva de micrometeoritos atravessava um período de escassa atividade; por isso Enrico levantou a viseira, e os outros o imitaram. Assim era mais prático levar a comida à boca, sem passar pela pequena fenda estrelada, que sempre se sujava e depois fedia. Enrico interrompeu a leitura do jornal para anunciar: “Encontrei Roberto no metrô, não nos víamos há tempos. Ele virá nos visitar esta noite com Elena”.

Chegaram por volta das dez, quando os meninos já estavam na cama. Elena vestia um esplêndido conjunto em aço AISI 304, com soldas em argônio quase

invisíveis e graciosos parafusinhos com a cabeça adornada; já Roberto envergava uma couraça leve, de modelo insólito, franjada nas laterais e singularmente silenciosa.

“Comprei-a em março, na Inglaterra. Sim, sim, é inoxidável, resiste muito bem à chuva, tem todas as guarnições em neoprene e pode ser posta e tirada em cerca de quinze minutos.”

“Quanto pesa?”, perguntou Enrico, sem muito interesse.

Roberto riu com desembaraço. “É, este é o ponto fraco. Como você sabe, tendemos à unificação, já estamos em pleno Mercado Comum, mas lá, tudo o que diz respeito a pesos e medidas anda meio atrasado. Pesa seis quilos e oitocentos, faltam apenas duzentos gramas para o padrão, mas ninguém vai perceber; talvez, para manter a legalidade, levarei um pouquinho de chumbo aqui, atrás do pescoço, onde não se vê. Afora isso, todas as espessuras estão em ordem, e em todo caso trago sempre o certificado de origem e o desenho autenticado nesta fenda ao lado da placa. Está vendo? Foi feita para isso: é uma daquelas pequenas idéias que tornam a vida mais fácil. Os ingleses são gente prática.”

Marta não pôde deixar de dar uma rápida olhada na couraça de Enrico: o pobrezinho jamais faria compras em Londres. Ainda trazia a velha armadura em folha de zinco, dentro da qual ela o conhecera tempos antes: decente, com certeza, sem um ponto de ferrugem, mas que trabalho para a manutenção! Além disso, a lubrificação: não menos que dezesseis graxas Stauffer, quatro delas difíceis de encontrar; e aí se faltasse uma ou se pulasse um domingo: rangia como um fantasma escocês. Por outro lado, o excesso de graxa deixava manchas em todas as cadeiras e poltronas, como um caramujo. Mas Enrico parecia não perceber isso, dizia que era apegado a ela, e falar em mudança era uma tarefa impossível, apesar de agora — pensava Marta — haver equipamentos aprovados por lei, práticos, quase elegantes, e que, pagos a prestações, nem se sentia.

Espreitou a própria imagem refletida no espelho. Ela também não era o tipo de mulher que passa o dia no esteticista e no cabeleireiro, mas bem que lhe agradaria renovar um pouco o guarda-roupa, sem dúvida; no fundo ainda se sentia jovem, embora Giulio já estivesse com dezesseis anos. Marta seguia distraidamente a conversa. Roberto era de longe o mais brilhante dos quatro: viajava muito e tinha sempre algo novo para contar. Marta notou com prazer que ele tentava encontrar o

seu olhar — um prazer puramente retrospectivo, porque a história entre eles já ocorrera havia mais de dez anos, e ela sabia que nada mais lhe aconteceria, nem com ele nem com outros. Um capítulo encerrado, se não por outros motivos, pelo incômodo caso da proteção obrigatória, que fazia com que não se soubesse se quem estava na frente era um jovem ou um velho, bonito ou feio, todos os encontros se limitando a uma troca de vozes e ao brilho de um olhar no fundo da viseira. Ela nunca entendera como uma lei tão absurda pôde ter sido votada; e no entanto Enrico lhe explicara várias vezes que os micrometeoritos eram um perigo verdadeiro, tangível, que havia vinte anos a Terra estava atravessando uma nuvem deles, e que bastava apenas um para matar uma pessoa, penetrando-a num instante, de lado a lado. Voltou a si quando percebeu que Roberto estava falando justamente disso:

“Vocês também acreditam? Bem, quando se lê sempre e apenas *O Arauto*, esta é a conclusão obrigatória; mas pensem um pouco sobre isso e vão ver que tudo não passa de balela. Os casos de ‘morte pelo céu’, como agora se diz, são poucos e em proporção ridícula, não mais de vinte realmente comprovados. Os outros são congestões, infartos ou outros incidentes.”

“Como?”, disse Enrico. “Pois se na semana passada lemos que um ministro francês saiu por um instante à varanda sem armadura...”

“É tudo armação, lhes garanto. O infarto é cada vez mais freqüente, mas é uma instituição que não serve a ninguém: em regime de pleno emprego, simplesmente tentaram utilizá-lo, e pronto. Se quem sofre um ataque está sem couraça, foi um MM, um micrometeorito, e sempre se encontra um perito para confirmar o laudo; se a couraça existe, então se caracteriza o infarto, e ninguém se importa.”

“E todos os jornais se prestam a isso?”

“Todos, não. Mas vocês sabem como é, o mercado de automóveis está saturado, e as linhas de montagem são sagradas, não podem parar. Então as pessoas são convencidas a usar couraças, e quem não obedecer vai para a prisão.”

Não eram novidades: Marta já ouvira aquelas considerações, até mais de uma vez, mas todos sabem que, muitas vezes, mesmo os tipos brilhantes como Roberto se vêem desprovidos de argumentos; de resto, a repetição de coisas já sabidas tem um efeito seguro e evita aqueles buracos de silêncio que causam tanto desconforto.

“Mas”, disse Elena, “devo dizer que estou bem na couraça. Não é que eu tenha

sido influenciada pelas revistas femininas: estou realmente bem, como se estivesse em casa.”

“Está bem porque sua couraça é bonita; aliás, me desculpe se eu não disse ainda, mas é uma maravilha”, disse Marta com sinceridade. “Nunca vi uma tão bem desenhada, parece feita sob medida.”

Roberto pigarreou, e Marta compreendeu que havia cometido uma gafe, se bem que não muito grave. Elena sorriu, com segurança indulgente: “Mas é feita sob medida!”. Dirigiu um olhar agradecido a Roberto e acrescentou: “Sabe, ele tem certos conhecidos no meio dos couraceiros de Turim... Mas não é por isso que eu dizia que estava bem: eu estaria bem em qualquer couraça. Acredito pouco na história dos MM, aliás, nada, e me dá uma grande raiva ouvir que tudo é uma invenção para enriquecer a General Motors, mas... mas estou bem com ela e mal sem ela, e assim como eu há muita gente, posso garantir”.

“Isso não prova nada”, disse Marta. “Criaram uma necessidade. Não é o primeiro caso; eles são muito bons em criar necessidades.”

“Não creio que o que eu sinta seja uma necessidade artificial; se fosse assim, quem sabe quanta gente estaria sendo flagrada sem couraça ou com uma couraça irregular; aliás, nem teriam votado a lei, caso contrário teria havido uma revolução. Já eu... é um fato, nela eu me sinto... como dizer?”

“*Snug*”, interveio Roberto, irônico; para ele não devia ser um assunto novo.

“Como?”, disse Enrico.

“*As snug as a bug in a rug*. É difícil traduzir, e até um tanto ofensivo: mas nem todos os *bugs* são baratas.”

“Seja como for”, retomou Elena, “para mim é assim: nela eu me sinto tão *snug* quanto uma barata num tapete. Protegida como numa fortaleza, e à noite, quando vou para a cama, me dispo de má vontade.”

“Protegida contra o quê?”

“Não sei, contra tudo. Contra os homens, o vento, o sol e a chuva. Contra o *smog* e o ar contaminado e os dejetos radiativos. Contra o destino e contra todas as coisas que não se vêem nem se prevêem. Contra os maus pensamentos e contra as doenças e contra o futuro e contra mim mesma. Se não tivessem feito aquela lei, creio que ainda assim eu teria comprado uma couraça.”

O discurso estava tomando um rumo perigoso; Marta percebeu e o reconduziu a

águas mais tranqüilas, narrando a história do professor de Giulio, que era tão avaro que, em vez de jogar fora sua armadura enferrujada, a envernizara com mínio por dentro e por fora, intoxicando-se com o chumbo. Depois Enrico contou o caso daquele carpinteiro de Lodi que tomara tanta chuva que os parafusos emperraram, e ele tinha um encontro, e a garota cortou-lhe a couraça com o maçarico, e ele foi parar no hospital.

No final se despediram: Roberto retirou a luva de ferro para apertar a mão nua de Marta, e Marta sentiu um prazer breve e intenso que a encheu de uma tristeza cinza, luminosa, indolor — tristeza que pesou sobre ela longamente, acompanhando-a por dentro de sua couraça e ajudando-a a viver por muitos dias.

Rumo ao Ocidente

“**D**eixe a câmera: olhe, olhe com seus olhos e tente contá-los!”

Anna largou o aparelho e afundou a vista no vale: era um vale pedregoso e estreito, que se comunicava com o interior por uma pequena reentrância quadrada e terminava no mar, numa praia ampla e barrenta. Finalmente, depois de semanas de espera e de buscas, conseguiram: o exército de lemingues surgia onda após onda no estreito e caía em precipício pela encosta, erguendo uma nuvem parda de poeira; onde a encosta se atenuava, as ondas cinza-azulado fundiam-se novamente num fluxo compacto, que corria ordenadamente para o mar.

Em poucos minutos a praia foi invadida: na luz quente do crepúsculo percebiam-se os estranhos roedores que avançavam na lama, afundados até o ventre; avançavam com dificuldade, mas sem hesitar, entravam na água e prosseguiam a nado. Era possível ver as cabeças emergindo a uma centena de metros da rebentação, e algumas cabeças isoladas despontavam a duzentos metros, onde as ondas do fiorde quebravam — para além, mais nada. No céu, um outro exército voava inquieto: uma flotilha de aves de rapina, vários falcões, algumas águias, gaviões e outras espécies que os naturalistas não souberam identificar. Revoavam gritando e debatendo-se entre si: de vez em quando um caía como uma pedra, freava com um giro brusco das asas, lançava-se à terra atraído por um objetivo invisível, e em torno dele o rio de lemingues se abria como uma ilhota.

“Aí está”, disse Walter, “agora nós os vimos. Agora é diferente: não temos mais justificativas. É algo que existe, que existe na natureza, que sempre existiu, e para isso deve haver uma causa, e essa causa deve ser buscada.”

“Um desafio, não é?”, disse Anna, em tom quase maternal. Mas Walter já se sentia numa batalha, e não respondeu. “Vamos”, disse; pegou o saco de rede e correu pela encosta até o lugar onde os lemingues mais apressados passavam entre suas pernas, sem demonstrar temor. Agarrou quatro, depois lhe ocorreu que talvez aqueles não representassem uma amostra média: podiam ser os mais fortes ou os mais jovens ou os mais decididos. Libertou três, depois avançou em meio ao burburinho cinzento e capturou outros cinco, em vários pontos do vale. Subiu até a barraca com seis bichinhos, que grunhiam suavemente, mas não se mordiam entre si.

“Coitadinhos!”, disse Anna. “Enfim, eles morreriam de qualquer jeito.” Walter já estava chamando pelo rádio um helicóptero da Guarda Florestal. “Virão amanhã”, disse, “agora podemos jantar.” Anna lançou um olhar interrogativo; Walter disse: “Não, ainda não. Aliás, dê alguma coisa a eles também; mas não muito, para não alterar a condição natural”.

Falaram longamente sobre o assunto três dias depois, com o professor Osiasson, mas sem chegar a grandes conclusões. Voltaram ao albergue.

“Mas o que você esperava dele? Que criticasse a teoria que ele mesmo elaborou?”

“Não”, disse Walter, “mas pelo menos que pensasse nas minhas objeções. É fácil repetir as mesmas coisas durante a vida toda e com a consciência em paz: basta refutar os fatos novos.”

“Você está seguro dos fatos novos?”

“Estou seguro hoje, e amanhã estarei mais. Você mesma viu: os seis que capturamos no final da expedição estavam muito bem alimentados, vinte e oito por cento de gordura, mais que a média dos lemingues capturados nos altiplanos. Mas, se isso não basta, voltarei...”

“Voltaremos.”

“... voltaremos e pegaremos sessenta ou seiscentos, e então veremos quem terá a coragem de repetir que eles são movidos pela fome.”

“Ou a superpopulação...”

“É uma tolice. Nenhum animal pode reagir à multidão com uma multidão maior. Aqueles que vimos estavam vindo de todos os cantos do altiplano, e no

entanto não fugiam uns dos outros, ao contrário, se buscavam, tribo com tribo, indivíduo com indivíduo. Marcharam por dois meses, sempre em direção ao Ocidente, e a cada dia eram mais numerosos.”

“E então?”

“Então... veja, ainda não sei, ainda não posso formular minha idéia com precisão, mas... creio que eles querem mesmo morrer.”

“Por que um ser vivo deveria querer morrer?”

“E por que deveria querer viver? Por que deveria *sempre* querer viver?”

“Porque... bem, não sei, mas todos queremos viver. Estamos vivos porque queremos viver. É uma propriedade da substância vital; eu quero viver, não tenho dúvida. A vida é melhor do que a morte, e isso me parece um axioma.”

“Você nunca teve dúvidas? Seja sincera!”

“Não, nunca.” Anna meditou e depois corrigiu: “Quase nunca”.

“Você disse *quase*.”

“Pois é, você sabe bem. Depois que Mary nasceu. Durou pouco, só uns meses, mas foi terrível; parecia que eu nunca sairia daquilo, que ficaria assim para sempre.”

“E em que você pensou naqueles meses? Como era o mundo?”

“Não lembro mais. Fiz de tudo para esquecer.”

“Esquecer o quê?”

“Aquele buraco. Aquele vazio. Aquela sensação... de inutilidade, tudo inútil em volta, todos mergulhados num mar de inutilidade. Sozinhos no meio da multidão, emparedados vivos no meio de outros emparedados vivos. Vamos parar, por favor, me deixe em paz. Vamos ficar nas questões gerais.”

“Vejam... ouça, vamos tentar assim. A regra é a seguinte: cada um de nós, humanos, mas também os animais e... sim, até as plantas, tudo o que é vivo, luta para viver e não sabe por quê. O porquê está inscrito em cada célula, mas numa linguagem que não sabemos ler com a mente; mas podemos lê-la com todo o nosso ser, e obedecemos à mensagem com o nosso comportamento. Mas a mensagem pode ser mais ou menos imperativa: sobrevivem as espécies em que a mensagem é gravada mais fundo e mais claro, as outras se extinguem, se extinguiram. Mas até naquelas em que a mensagem é clara pode haver lacunas. Podem nascer indivíduos sem amor à vida; outros podem perdê-lo, por pouco ou muito tempo, até por toda a vida que lhes resta; e finalmente... talvez seja este o ponto: grupos inteiros de

indivíduos, épocas, nações e famílias podem perdê-lo. São coisas que já vimos: a história humana está cheia de exemplos.”

“Muito bem. Agora há uma aparência de ordem: você está chegando perto. Mas agora é preciso explicar, ou melhor, explique-me como esse amor pode desaparecer em um grupo.”

“Vou pensar nisso depois. Agora só queria acrescentar que entre quem tem amor à vida e quem o perdeu não existe uma linguagem comum. Um mesmo fato é descrito pelos dois de duas maneiras inteiramente distintas: um sente prazer, o outro, tormento, e cada um busca confirmar a própria visão do mundo.”

“Mas os dois não podem ter razão ao mesmo tempo.”

“Não. Em geral, como você sabe — e é preciso ter coragem para dizer isso —, quem tem razão são eles.”

“Os lemingues?”

“Vamos chamá-los assim: os lemingues.”

“E nós?”

“Nós nos enganamos e sabemos disso, mas preferimos continuar de olhos fechados. A vida *não* tem um objetivo; a dor sempre prevalece sobre a alegria; somos todos uns condenados à morte, a quem o dia da execução não foi revelado; estamos condenados a assistir ao fim das pessoas mais queridas; as contrapartidas existem, mas são escassas. Todos sabemos disso, e no entanto algo nos protege, nos sustenta e nos afasta do naufrágio. O que é essa proteção? Talvez apenas o hábito: o hábito de viver, contraído desde o nascimento.”

“Para mim, a proteção não é a mesma para todos. Há quem encontre defesa na religião, no altruísmo, na obtusidade, no vício, e há os que conseguem distrair-se sem interrupção.”

“Tudo verdade”, disse Walter, “mas eu poderia acrescentar que a defesa mais comum, e também a menos infame, é a que desfruta a nossa ignorância essencial do amanhã. E note que aqui também há simetria, essa incerteza é a mesma que torna a vida insuportável aos... aos lemingues. Para todos os outros, a vontade de viver é algo profundo e confuso, algo que está em nós e ao nosso lado, separado da consciência, quase como um órgão que normalmente funciona em silêncio, em disciplina, e por isso é ignorado — mas que pode adoecer ou atrofiar, ser ferido ou amputado. Assim continuamos vivos, mas mal, com cansaço, com dor, como quem

perdeu o estômago ou um pulmão.”

“Sim”, disse Anna, “essa é a defesa principal e natural, a que nos foi dada com a vida, para que ela se torne suportável. Mas há outras, acho: as que mencionei antes.”

“É isso, deve haver algo comum a todas as defesas. Se soubermos responder à pergunta que deixamos em suspenso, isto é, qual o elemento que age dentro de um grupo, também saberemos o que une as diversas defesas. É possível fazer duas conjecturas: uma é que um ‘lemingue’ contagie todos os seus vizinhos; a outra é que se trate de uma intoxicação ou de uma carência.”

Nada é mais estimulante que uma hipótese. O Laboratório da Guarda Florestal foi mobilizado em poucos dias, e os resultados não tardaram, mas por muito tempo foram negativos. O sangue dos lemingues migrantes era idêntico ao dos lemingues estacionários, assim como a urina, a quantidade e a composição da gordura, tudo. Walter não pensava nem falava em outra coisa. Numa noite em que conversava com Bruno, diante de copos cheios, chegaram juntos à idéia.

“Isto, por exemplo, serve”, disse Bruno. “É uma velha experiência, uma experiência coletiva.”

“É um fármaco muito rudimentar. O álcool não é inócuo, a dosagem é difícil, e o efeito é muito curto.”

“Mas seria possível trabalhar nisso.”

No dia seguinte estavam no cativeiro dos lemingues, no parque do Instituto. Tiveram de reforçar a rede que dá para o mar, enterrá-la a uns bons dois metros de profundidade, porque os bichinhos não sossegavam: já eram uma centena, e durante todo o dia e metade da noite investiam contra a rede, atropelando-se, tentando escalá-la e empurrando-se uns aos outros; alguns escavavam pequenos túneis que fatalmente esbarravam na rede enterrada, retornavam grunhindo e voltavam a enfiar-se no solo: os outros três lados do cativeiro eram desguarnecidos. Walter entrou, capturou quatro deles, amarrou etiquetas nas patinhas e lhes deu um grama de álcool através de uma sonda. Recolocados no cativeiro, os quatro ficaram quietos por uns minutos, com o pêlo eriçado e as narinas dilatadas, e então se afastaram e começaram a farejar a relva tranqüilamente; porém, depois de uma hora, um a um retomou o seu lugar no meio do bando de indivíduos decididos a

migrar para o poente. Walter e Bruno concluíram que não era muito, mas era um indício.

Após um mês, o departamento de farmacologia estava em plena atividade. O objetivo proposto era simples e aterrador: isolar e sintetizar o hormônio que inibe o vazio existencial. Anna estava perplexa e não ocultou o seu espanto.

“Se o encontrarmos, teremos feito um bem ou um mal?”

“Um bem para o indivíduo, com certeza. Um bem para a espécie humana, talvez: mas essa é uma dúvida sem fim, e qualquer medicamento está sujeito a isso, não só este. Todo fármaco, aliás, toda intervenção médica visa a adaptar um inadaptado: você pretende contestar todos os fármacos e todos os médicos? A espécie humana escolheu há séculos este caminho, a via da sobrevivência artificial, e não me parece que tenhamos saído enfraquecidos. A humanidade já deu as costas à natureza há tempos; é feita de indivíduos e investe inteiramente na sobrevivência individual, no prolongamento da vida e na vitória contra a morte e a dor.”

“Mas há outros meios de vencer a dor, esta dor: outras batalhas, que cada um deve combater com os próprios recursos, sem auxílio externo. Quem vence dá sinais de força, e com isso se torna forte, se enriquece e melhora.”

“E os que não vencem? Os que cedem de repente ou aos poucos? O que você diria, ou eu diria, se também nos encontrássemos... caminhando para o poente? Seríamos capazes de nos alegrar em nome da espécie ou dos outros que encontram em si a força de inverter o caminho?”

Outros seis meses se passaram, meses singulares para Anna e Walter. Subiram o rio Amazonas num barco de linha, depois o rio Cinto em uma embarcação menor, e finalmente seguiram numa piroga por um afluente sem nome; o guia que os acompanhava havia prometido uma viagem de quatro dias, mas só no sétimo conseguiram superar as correntes do Sacayo e avistar o vilarejo. Perceberam à distância os contrafortes pendentes da fortaleza espanhola e não fizeram comentários sobre um outro elemento da paisagem, posto que não era novo para eles e por isso não havia necessidade: o céu carregado de aves de rapina que pairavam justamente sobre a fortaleza.

O vilarejo de Arunde abrigava os últimos remanescentes da tribo dos arundes; tomaram conhecimento disso por acaso, num artigo publicado em uma revista de

antropologia. Os arundes, outrora espalhados por um território tão amplo quanto a Bélgica, se restringiram a limites cada vez mais estreitos, porque sua população estava em contínuo declínio. Não era um efeito de doenças nem de guerras com tribos fronteiriças, nem sequer de alimentação insuficiente, mas simplesmente da enorme taxa de suicídios — e esse foi o motivo que levou Walter a pedir um financiamento para a expedição.

Foram recebidos pelo decano da vila, que tinha apenas trinta e nove anos e falava corretamente o espanhol. Walter, que odiava os preâmbulos, entrou logo no assunto; ele esperava de seu interlocutor uma atitude reservada, cheia de pudor, talvez desconfiança ou frieza diante da curiosidade impiedosa de um estrangeiro, e no entanto se viu diante de um homem sereno, consciente e maduro, como se ele estivesse havia anos preparado para aquele diálogo, talvez por sua vida inteira.

O decano confirmou que os arundes sempre foram alheios a convicções metafísicas; eram os únicos entre todos os vizinhos que não tinham igrejas nem sacerdotes nem feiticeiros, que não esperavam socorro do céu ou da terra ou das regiões íferas. Não acreditavam nem em prêmios nem em punições. A terra deles não era pobre, dispunham de leis justas, de uma administração humana e eficaz; não conheciam a fome nem a discórdia, possuíam uma cultura popular rica e original, e freqüentemente se divertiam em festas e banquetes. Indagado por Walter sobre o constante declínio numérico da população, o decano respondeu que estava consciente da fundamental diferença que havia entre suas crenças e a de outros povos, próximos ou distantes, dos quais ele tomara conhecimento.

Os arundes, disse, atribuíam pouco valor à sobrevivência individual e nenhuma à nacional. Desde a infância, cada um deles era educado a estimar a vida exclusivamente em termos de prazer e dor, avaliando-se naturalmente, no cômputo final, os prazeres e as dores provocados no próximo pelo comportamento de cada um. Quando, segundo o julgamento de cada indivíduo, a balança tendia a estabilizar-se negativamente, ou seja, quando o cidadão considerava que sofria e produzia mais dor que alegria, era convidado a uma discussão aberta perante o conselho dos anciãos, e se o seu julgamento fosse confirmado, a conclusão era encorajada e agilizada. Após a despedida, ele era conduzido à zona dos campos de ktan: o ktan é um cereal muito difundido no país, e sua semente, peneirada e esmagada, é utilizada na fabricação de uma espécie de fogaça. Se não for peneirada,

é acompanhada pela semente minúscula de uma graminácea parasita, que tem uma ação tóxica e estupefaciente.

O homem é confiado aos lavradores de ktan, nutre-se de fogaças preparadas com a semente não peneirada e em poucos dias ou em poucas semanas, a depender de sua vontade, atinge uma condição de agradável torpor, a que sobrevém o repouso definitivo. Poucos mudam de idéia e retornam à cidade fortificada, onde são acolhidos com afetuosa alegria. Existe um contrabando de sementes não peneiradas através dos muros, mas o volume não é preocupante, e a prática é tolerada.

Quando voltaram, Anna e Walter se depararam com uma grande novidade: a “substância faltante” havia sido encontrada. Mais precisamente, primeiro foi criada do nada, por síntese, por meio de um extenuante trabalho de varredura de incontáveis compostos suspeitos de exercer uma atividade específica no sistema nervoso; pouco depois, foi identificada no sangue normal. Estranhamente a intuição de Bruno havia acertado o alvo: o composto mais eficaz era precisamente um álcool, embora de estrutura bastante complexa. Sua dosagem era muito baixa, tão baixa que justificava o insucesso dos analistas que não o haviam identificado como componente normal do sangue de todos os mamíferos sãos, inclusive do homem, e por isso não puderam perceber sua ausência no sangue dos lemingues migrantes. Walter teve seus quinze minutos de sucesso e de glória: as amostras de sangue que ele colheira dos arundes não continham nenhum vestígio do princípio ativo.

Este, que fora batizado de fator L, foi logo produzido em escala-piloto. Era ativo por via oral, revelando-se miraculoso na recuperação da vontade de vida em pacientes que não a possuíam ou que a haviam perdido após doenças, infelicidades ou traumas; nos outros, em dosagens normais, não provocava efeitos dignos de nota nem sinais de sensibilização ou acúmulo.

A oportunidade de uma confirmação mostrou-se evidente a todos; aliás, de uma dupla confirmação: nos lemingues migrantes e em seus análogos humanos. Walter enviou ao decano dos arundes um pacote que continha uma quantidade de fator L suficiente para cem indivíduos e válida por um ano; escreveu-lhe à parte uma longa carta em que explicava detalhadamente o modo como o medicamento devia ser ministrado e lhe pedia que estendesse a experiência aos hóspedes do campo de

ktan. Mas não teve tempo de esperar uma resposta, porque a Guarda Florestal alertara que uma coluna de lemingues aproximava-se rapidamente da foz do Mólde, na extremidade do fiorde de Penndal.

Não foi um trabalho fácil: Walter teve de recorrer à ajuda de quatro jovens assistentes, além do auxílio entusiasta de Anna. Por sorte o fator L era solúvel em água, e ali a água era disponível em abundância. Walter pretendia espalhar a solução além do estreito, onde a relva crescia em abundância, e era presumível que os lemingues parassem para mastigá-la, mas logo se viu que o projeto era inexecutável: a área era muito extensa e as colunas de lemingues já estavam muito próximas, denunciadas pelos rastros de poeira visíveis a vinte quilômetros de distância.

Walter então decidiu nebulizar a solução diretamente sobre as colunas, na passagem obrigatória situada imediatamente sob o estreito. Não agiria sobre a população inteira, mas ele achava que o efeito seria igualmente demonstrativo.

Os primeiros lemingues apareceram no estreito por volta das nove da manhã; às dez o vale já estava cheio, e o fluxo tendia a aumentar. Walter desceu ao vale com o nebulizador preso às costas; apoiou-se numa rocha e abriu a válvula do aparelho. Não havia vento: do alto da encosta Anna viu nitidamente a nuvem esbranquiçada se espalhar, alongada no sentido do vale. Viu a maré cinzenta se deter, turbilhonando como a água de um rio contra o pilar duma ponte: os lemingues que haviam inalado a solução pareciam indecisos entre prosseguir, parar ou retornar. Mas depois ela viu uma onda maciça de corpos inquietos sobrepor-se à primeira, e uma terceira à segunda, de modo que a massa borbulhante atingiu a cintura de Walter; viu Walter fazer gestos rápidos com a mão livre, gestos confusos e convulsivos, que lhe pareceram um pedido de socorro, e depois o viu vacilar e sair do abrigo da rocha, cair e ser arrastado, coberto e mais uma vez arrastado, visível a intervalos como um volume sob o rio das pequenas e inumeráveis criaturas desesperadas, que corriam para a morte, a morte deles e a de Walter, rumo ao pântano e ao mar próximo.

Naquele mesmo dia voltou, devolvido ao remetente, o pacote que Walter expedira para além do oceano. Anna só o recebeu três dias mais tarde, quando o

corpo de Walter já havia sido recuperado: continha uma lacônica mensagem endereçada a Walter “y a todos los sábios del mondo civil”. Dizia assim: “O povo de Arunde, em breve não mais povo, vos saúda e agradece. Não queremos ofender-vos, mas reenviamos vosso medicamento de modo que ele seja proveitoso aos que entre vós dele necessitarem: nós preferimos a liberdade à droga, e a morte à ilusão”.

Os sintéticos

O meio-dia estava próximo: já se notava no ar aquele rumor confuso mas específico, soma de cem palavras e atos imperceptíveis que parecia brotar das próprias paredes das salas de aula, e que vai inchando como um vento, culminando com a campainha do *finis*; entretanto Mario e Renato ainda estavam às voltas com as últimas linhas da folha. Mario colocou um ponto e fez o gesto de que iria entregar; Renato, com intenção evidente, lhe disse:

“Também vou entregar. Só falta a última questão, mas não sei. Melhor deixar em branco do que errar.”

Mario respondeu em voz baixa: “Deixe-me ver... Não é difícil: vamos, escreva. Faz fronteira ao norte com a Itália, a Áustria e a Hungria; a leste com a Romênia e a Bulgária; ao sul...”.

Naquele momento, como um sinal do céu, a campainha tocou: o burburinho transformou-se de repente num barulho estrondoso, e no meio daquilo mal se ouvia a voz da professora pedindo que todos entregassem a tarefa, estivesse terminada ou não. Num vaivém confuso e turbulento, os alunos escoaram pelo corredor, pelas escadas e em pouco tempo estavam na rua. Renato e Mario foram para casa; depois de poucos passos, perceberam que Giorgio os estava seguindo. Renato se virou e disse:

“Corre, salsicha, depressa, que estamos com fome... bem, *eu* estou com fome. Quanto a este aqui, nunca se sabe. Vai ver que vive de ar.”

Mario não captou a insinuação e respondeu.

“Não, hoje eu também estou com fome. E também estou com pressa.”

Entretanto Giorgio os alcançara e ainda resfolegava um pouco.

“Pressa por quê?”, perguntou. “Não está tarde, e sua casa é aqui perto.”

Mario respondeu que não se tratava nem de fome nem de atraso, mas que à tarde pretendia procurar lagartas, recolhê-las, porque aquele era um dia de lagartas, e elas quase certamente saíam. Giorgio perguntou rindo se as lagartas saíam todas as sextas, e Mário respondeu seriamente que ontem havia chovido e hoje havia sol, e por isso as lagartas que lhe interessavam saíam. Renato, ao contrário de Giorgio, ostentava indiferença:

“Lagartas? Mas para quê? E, depois de colhidas, o que você faz com elas? Frita?”

Giorgio simulou um arrepio de nojo e disse:

“Não diga isso, que está na hora do almoço.”

Porém Mario explicou que pretendia criá-las: colocá-las numa caixinha que já havia preparado e esperar que fizessem o casulo. Giorgio estava curioso:

“Todas fazem casulos? Como fazem? Fazem logo? Quanto tempo demoram? E o casulo é como os do bicho-da-seda?”

Enquanto isso Renato assoviava e olhava ao redor como se não estivesse escutando.

“Não sei”, respondeu Mario, “mas quero ver como fazem: se é como está escrito nos livros. Tenho um livro sobre lagartas.”

“Você me empresta?”

“Empresto, sim. Depois você me devolve.”

“Pode deixar: você sabe que eu sempre devolvo os livros... Escute: posso ir com você hoje?”

Mario fez uma cara perplexa, ou melhor, uma cara de quem quer parecer perplexo:

“Bem... ainda não sei. Ainda não sei aonde vou: vai depender de me deixarem pegar a bicicleta. Me ligue por volta das três.”

Renato cortou com sarcasmo:

“Olha só que tipo. Diz que está com pressa e depois fica em casa até as três: aposto que já vai fazer o dever de casa. Quer dizer então que você conseguiu um discípulo, hein? Para colher lagartas e metê-las numa caixinha: bela diversão.”

Giorgio correu em defesa:

“E daí? Uns gostam de uma coisa, outros, de outra: não somos todos iguais. Eu, por exemplo, me interessou.”

Renato parou, olhou os dois duramente e depois escandiu com calculada lentidão:

“Queria dizer que é uma bela diversão para alguém como ele.”

Mario não era um garoto de respostas prontas. Hesitou um segundo e então, com voz vacilante, perguntou: “Como assim, para alguém como eu?”.

Renato deu uma risadinha, e Mario continuou:

“Eu sou como os outros: você se interessa por vôlei, Giorgio, por selos, e eu, por lagartas. E não só por lagartas: também por fotografia, por exemplo...”

Mas Renato o interrompeu:

“Vamos lá, não se faça de desentendido! Toda a turma já percebeu.”

“Percebeu o quê?”

“Percebeu que... em suma, que você não é como os outros.”

Mario se calou, profundamente tocado: é verdade, aquele era um de seus pensamentos mais recorrentes, do qual fugia à custa de considerar e repetir que todos são diferentes. Mas ele se sentia “mais diferente”, quem sabe melhor, e freqüentemente sofria com isso. Defendeu-se timidamente:

“Que história! Não sei por que você pensa isso. Por que eu não deveria ser como os outros?”

Renato já estava tomado pela cólera virtuosa de quem descobre o vizinho em transgressão:

“Por quê? E por que você agora se faz de inocente? Não foi você quem nos contou que seu pai e sua mãe não quiseram se casar na igreja? E que doença você teve no ano passado, que ficou ausente um mês, e quando se curou não quis falar com ninguém, e sua mãe veio acompanhá-lo e falava em segredo com a professora, e se alguém se aproximava ela mudava de assunto? São coisas comuns, normais?”

“São coisas minhas. No ano passado, tive uma doença e me deram uns remédios que não me deixavam dormir à noite, e então mamãe me trouxe para fazer os exames. Acontece a muita gente; não há nada de especial.”

“Certo! E a ginástica? Não fui o único a perceber que você sempre se despe virado para a parede. E sabe por quê? Você, Giorgio, sabe por quê?” Então parou e acrescentou solenemente: “Porque Mario não tem umbigo! Você não tinha percebido?”.

Consciente de ter enrubescido violentamente, Giorgio disse que sim, de fato

havia notado que Mario não gostava de ser visto quando se despia, mas não dera importância a isso. Tinha a impressão de estar traindo Mario, mas se sentia subjugado pela segurança de Renato. Os joelhos de Mario tremiam de raiva, medo e sensação de impotência:

“É tudo mentira, invenções estúpidas. Sou feito exatamente como vocês, como todos, só que sou um pouco mais magro. Eu mostro, se vocês quiserem: até agora!”

“Ótimo, aqui na rua. Melhor ainda: terça, na ginástica, veremos se tem coragem. Vamos ver quem está dizendo a verdade.”

Mario havia chegado ao portão de casa: despediu-se bruscamente e entrou. Os outros dois prosseguiram: Giorgio, calado e pensativo. Estava chocado, mas ao mesmo tempo o assunto o fascinava.

“... Disse que sim para lhe dar razão... além disso, é verdade que Mario não gosta que o vejam sem roupa... mas aquela história do umbigo eu não entendi. Você falava a sério ou só para provocá-lo? Quer dizer: ele tem ou não tem? E se não tiver, o que isso significa? Quem mais não teria?”

Renato disse:

“Mas você tem ou não tem doze anos? Por acaso não lê os jornais? Você não sabe que o umbigo é a cicatriz de nascença, isto é, de quando uma criança nasce de uma mulher? Já observou bem aquelas pinturas onde se vê a criação de Adão? Pois bem, Adão não nasceu de uma mulher, por isso não tem a cicatriz.”

“Tudo bem, mas desde então todos os meninos nascem de uma mulher. Sempre foi assim.”

“E agora não é mais assim. Dá pra ver que você ainda não tem permissão para ler jornais. Já ouviu falar da pílula, da proveta, da seringa? Foi assim que Mario nasceu, e vários outros como ele. Não nasceu em um hospital, mas num laboratório: eu vi uma vez na televisão. Foi na América, mas daqui a pouco farão um aqui também: é uma espécie de incubadora, como aquela para os pintinhos, com várias provetas dentro, e os meninos ficam nas provetas; à medida que crescem, vão sendo trocados para outras maiores. Depois há as lâmpadas ultravioleta e de muitas cores, senão os meninos ficam cegos e...”

“Mas o que a pílula tem a ver com isso? Não serve para evitar filhos?”

Renato vacilou por um instante, mas logo se recuperou:

“A pílula... sim, é outra coisa: eu me confundi. Mas lá também eles põem pílulas

nas provetas: vermelhas para gerar meninos, azuis para meninas. Elas são colocadas desde o início, na primeira proveta, com os gametas. Quero dizer, junto com os cromossomos; você sabe. Saiu até no jornal, no *Crônicas da Ciência*, e todos têm uma espécie de código, como um menu, onde os genitores, que não são propriamente os genitores, em suma, o homem e a mulher que querem ter o filho, escolhem os olhos, os cabelos, o nariz e todos os detalhes: se será magro ou gordo e assim por diante.”

Giorgio ouvia atento, mas, sendo um garoto de bom senso, evitava ser embrulhado e tentava não engolir muitas lorotas:

“E a seringa? Por que antes você falou da seringa?”

“Porque todo o sistema é à base de seringas. Uma para extrair os gametas, outra para o caldo de cultura e várias outras para os hormônios, uma para cada um, e aí se forem trocadas: é assim que às vezes nascem monstros. É um procedimento delicado. Depois, quando chegam ao último estágio, rompe-se a proveta e o bebê é entregue aos pais, que cuidam dele, o amamentam etc., como se fosse natural; de fato, é igualzinho aos outros, só que não tem umbigo.”

“... como Mario. Mas você tem certeza de que ele não tem?”

Tendo já convencido a si mesmo, Renato se sentia senhor de uma ilimitada força persuasiva:

“Até meia hora atrás eu só tinha uma suspeita, mas agora estou certo disso. Não viu como ele ficou vermelho quando eu disse isso na cara dele? E por que tanta pressa em ir embora? Por pouco ele não chorou.”

“Vai ver que no fundo ele tem vergonha”, disse Giorgio em tom conciliador. “Coitado, me dá até pena: eu também fiquei vermelho, por pura compaixão. Ele não tem culpa, não foi ele quem escolheu nascer assim. No máximo, os culpados são os pais.”

“Também me dá pena, mas é preciso estar atento com eles. Entenda, são iguais aos outros somente por fora: se você observar bem, também vai perceber. Veja Mario, por exemplo: ele tem sardas diferentes das dos outros, tem até nas pálpebras e na boca; as unhas estão sempre cheias daquelas manchinhas brancas, e você bem sabe o que querem dizer; pronuncia o ‘r’ de um modo difícil de entender, que chega a ser engraçado; e tem um sotaque inconfundível. Além disso, você saberia explicar por que ele nunca briga, nem de brincadeira, nem sabe nadar, e só

aprendeu a andar de bicicleta neste ano porque você ensinou? Por isso ele vai bem na escola e lembra tudo de memória!”

Mas Giorgio, que não tinha uma grande memória, perguntou assustado:

“E o que isso quer dizer?”

“Quer dizer que tem uma memória magnética, como as calculadoras: assim é fácil recordar tudo! Nunca notou que à noite os olhos dele brilham como os dos gatos? É a mesma luz dos relógios fosforescentes, que agora foram proibidos porque com o tempo provocam câncer. Pensando bem, talvez não seja bom dividir o banco com ele.”

“Então por que você divide?”

“Porque só agora pensei nisso. Além disso, não tenho medo, e Mario me interessa. Estou interessado em ver o que ele faz...”

“... e copiar dele!”

“Também copiar os exercícios, claro. Que mal há nisso?”

Giorgio calou-se, confuso. A história o intrigava, apesar de só acreditar pela metade. Por que não falar com o próprio Mario, com cautela, sem fazer perguntas abertas?

Passaram duas semanas, e Mario havia mudado: qualquer um poderia perceber. A professora terminou de explicar Carlos Magno, tristemente consciente de estar usando as mesmas palavras de que se servira na mesma ocasião nos últimos oito anos; tentou, com pouca fé, a experiência de apresentar aos alunos a lenda do sonho e da caverna, e logo desistiu; anunciou enfim que aqueles últimos dez minutos seriam dedicados a uma rápida argüição oral. Aguçou os ouvidos e apurou a vista: se a escola e o mundo fossem como ela gostaria, os rapazes reagiriam como a um agradável desafio; em vez disso, percebeu-se apenas um rumor misto de suspiros, de livros abertos furtivamente sob as carteiras e de mangas erguidas para exibir os quadrantes dos relógios: a atmosfera e o humor da classe se tornaram levemente mais foscos.

Giuseppe fez saber que os reis merovíngios eram os descendentes de Clóvis. Rodolfo, interrogado, respondeu que Liutprando era um rei, sem acrescentar outros detalhes oportunos: às suas costas ergueu-se uma nuvem quase visível, de onde irradiava o estereótipo “rei dos longobardos”, mas Rodolfo, por orgulho ou

por *fair play*, por surdez ou por medo de complicações, não respondeu. Sandro não demonstrou nenhum embaraço em relação a Carlos, o Calvo: falou com fluência por uns bons quarenta segundos, como se tratasse de um parente próximo, usando corretamente o passado remoto, como se deve. Já Mario, contra todas as expectativas, se confundiu; no entanto ela tinha certeza de que Mario não podia ignorar a resposta (substancialmente fútil) sobre quem havia vencido os árabes em Poitiers. Mario, porém, ficou de pé e disse, com fria insolência: “Não sei”. Entretanto ele sabia a resposta uma semana antes, tinha até acrescentado a informação no questionário escrito, embora não fosse necessário!

“Não sei”, repetiu Mario, com o olhar fixo no pavimento, “esqueci.”

O jogo tem certas regras, e ela teve a impressão de que Mario estivesse blefando. Insistiu:

“Vamos, pense bem: um ministro francês, aliás, um ‘mestre de palácio’... que, justamente por essa vitória esmagadora, recebeu um curioso apelido...”

Ela ouviu uma voz, provavelmente a de Renato, sibilar: “Diga! Por que não diz?”, e depois a voz de Mario, obstinada e gélida: “É inútil: esqueci. Não sei mais. Nunca soube”. E então muitas vozes, entre elas a de Renato, assoviavam: “Diga, diga! Por que não fala? Ela já sabe: acha que não percebeu? Se disser, será melhor para você!”, e enchiam o ar da sala, tornando-a áspera e sufocante. Ouviu finalmente a sua própria voz, insegura e forçada, que dizia algo como: “... Mario, o que está acontecendo com você? Há um tempo percebo que está mudado: anda distraído ou desinteressado. Ou só um pouco preguiçoso, como aqueles reis da França?”; por último, sobre o fundo sonoro ameaçador da classe excitada e inquieta, ouviu-se a voz firme de Mario, que ficara de pé: “Não mudei. Sempre fui assim”.

Sabia que o seu dever e a única coisa justa a fazer era convidar Mario para uma conversa reservada; ao mesmo tempo, sentia que algo nela temia esse encontro, e tentava adiá-lo covardemente. Quando naquele dia ele veio, percebeu-se curiosamente menor em relação ao rapaz: menos severa, menos séria, mais frívola, com menos peso nos ombros. Mas era uma mulher conscienciosa, e assim recitou a sua fala o melhor que pôde.

“... realmente não entendo o que você meteu na cabeça. Não se deixe levar, você é um rapaz inteligente e capaz, já o acompanho há dois anos e sei o seu valor. Só

lhe falta um pouco de atenção: está cansado? Ou não está bem? Ou há algum problema em casa?”

Silêncio, e depois, como através das fendas de uma viseira.

“Não, não. Está tudo bem. Não estou cansado.”

“... ou então é algo que lhe disseram? Que lhe disseram... aqui? Percebi que Renato sempre fala com você, e você abaixa os olhos. Ele tenta humilhá-lo? Ou lhe diz bobagens? Mas devem ser brincadeiras, você sabe, coisas de garoto, sem importância: não dê peso a isso, leve na esportiva e tudo voltará a ser como antes. Se você transformar o caso numa tragédia, só vai encorajá-los a continuar.”

Havia atirado às cegas, e no entanto acertara o alvo: percebeu isso imediatamente. Mario estava pálido, tinha erguido o olhar em direção ao dela, com o alívio e o cansaço de quem desiste de uma luta. Descolou os lábios com esforço e disse:

“Não são bobagens. É verdade. Eu não sou como os outros, já percebi isso há tempos”, sorriu, tímido. “Renato tem razão.”

“Não é como os outros por quê? Em que você se sente diferente? Se tanto, a diferença será para melhor: não vejo por que você deveria se preocupar com isso. Se fosse o último da classe...”

“Não é isso. Sou diferente porque nasci diferente. Ninguém pode fazer nada.”

“Nasceu... como?”

“Sou sintético.”

Restava recorrer ao diretor, naquilo que um diretor pode ajudar. Aquele, comparado aos colegas, era um cavalheiro e um amigo; mas um diretor, mesmo o melhor, já ultrapassou uma certa fronteira e só entende certas coisas. Aconselhou-a a esperar e ver o resultado: belo conselho. Enquanto isso Mario estava ali fora, no corredor, e para ela o cérebro do aluno parecia zumbir perdido, como um motorzinho avariado: roncando, batendo, perguntando e respondendo a esmo. Pediu ao diretor a permissão de apresentá-lo; o diretor consentiu com relutância, Mario entrou e se sentou como se estivesse diante de um pelotão de fuzilamento. O diretor se sentia um ator de quinta categoria.

“Olá, Mario. E então? O que você nos conta?”

“Nada”, disse Mario.

“Nada... é muito pouco. Sobre o nada só se constrói nada. Veja, me informaram sobre umas idéias suas... umas histórias estranhas, que alguns lhe contaram... e me espanta, realmente me espanta que um rapaz como você, um lógico, um racionalista, tenha dado ouvidos a isso. O que você tem a me dizer sobre esse assunto?”

“Nada”, disse Mario.

“Olhe, meu filho, eu acho que você (e não só você, claro) está meio confuso. Acho que sofre de uma sobrecarga... como uma linha telefônica. Você absorveu muito do ambiente que está ao seu redor: dos livros, dos jornais, da televisão, do cinema... e também da escola, com certeza. Concorde comigo?”

Mario mantinha-se calado e olhava o vazio, como se nem ao menos buscasse palavras para uma resposta. O diretor continuou:

“Mas, se não falar... se não me ajudar a ajudá-lo... não chegaremos a lugar nenhum: seria como se eu lhe desse mais uma aula”, sorriu, nervoso, “além de todas as que você já deve assistir... Diferente: então você se sente diferente. Mas todos somos diferentes, e aí de nós se não fôssemos: há quem nasceu para se tornar um cientista, como você — não é mesmo? —, os que serão bons comerciantes e os que devem limitar-se a... a trabalhos mais modestos. Cada um de nós pode e deve fazer alguma coisa para melhorar, para cultivar-se, mas o terreno, a substância humana, é diferente em cada um: pode ser injusto, mas é assim, nós a herdamos de nossos pais e antepassados no instante do nascimento, e...”

Mario interrompeu com voz contida: “Sim. É verdade. Mas agora preciso ir”.

No pátio, dois times improvisados jogavam basquete, com pouco talento e muitos gritos e broncas; um outro grupo, quase misturado ao primeiro, tentava levar adiante uma competição de salto a distância, embora o fosso de areia estivesse quase vazio. Num canto, Mario falava a um punhado de ouvintes ao acaso, de outra classe, que estavam mais espantados que atentos. Mario dizia:

“... agora somos poucos, mas depois seremos muitos e teremos o comando, e então não haverá mais guerras. Sim, porque não combateremos entre nós como ocorre agora, e ninguém nos poderá atacar porque seremos os mais fortes. E não haverá diferenças: não faremos mais diferença entre brancos, negros, chineses, todos serão iguais, até os peles-vermelhas, os que sobraram. Destruiremos todas as

bombas atômicas e os mísseis, já que não servirão para nada, e com o urânio deles haverá energia grátis para todos, no mundo inteiro; e também comida, grátis para todos, até na Índia, e assim ninguém mais morrerá de fome. Faremos nascer menos crianças, de modo que haja lugar para todos; e todos os que nascerão, nascerão como nós.”

“Nascerão como?”, indagou uma voz tímida.

“Como eu. Ou até por telefone ou por rádio: um homem telefona a uma mulher, e aí nasce um menino, mas não assim, ao acaso, como acontece hoje: nasce planejado... E então? Não precisam me olhar assim: eu sou um dos primeiros, e talvez comigo eles não tenham feito tão bem as contas; mas agora estão testando um sistema novo, e os meninos são calculados como as pontes, célula por célula, e podem ser feitos sob medida, altos, fortes e inteligentes conforme o gosto, e também bons, corajosos e justos. Podem até fazer com que respirem debaixo d’água como os peixes, ou capazes de voar. Assim haverá ordem e justiça no mundo, e todos serão felizes. Mas não pensem que estou sozinho. Sem ir muito longe daqui... a Scotti Masera, por exemplo. Antes eu só suspeitava, mas agora tenho certeza. Percebi pela pronúncia e pelo modo como se mexia, e também porque nunca se irritava nem erguia a voz. Não se irritar é importante: significa que se atingiu o controle — ou que se está atingindo. Quando o controle é completo, pode-se até ficar sem respirar, sem sentir dor, pode-se ordenar ao coração que pare... bem, notei que é uma dos nossos outro dia, quando me chamou em particular.”

“Mas tão velha?”, perguntou Giorgio, abrindo caminho entre os ouvintes, que se haviam multiplicado.

“Ela nem é tão velha: e o que importa ser velho ou jovem?”

“Importa, sim”, explicou Giorgio com paciência. “Você não disse que estão fazendo essas coisas há pouco tempo?”

Mario o olhou como se tivesse acabado de acordar, mas logo se recuperou:

“Não sei, talvez seja menos velha do que parece; mas também pode ser que já tenha nascido assim.”

“Como? Nasceu velha... quero dizer, idosa?”

“Disse ‘nasceu’ por dizer, vocês me entendem: ela foi *construída* assim, porque temos pressa, não se pode esperar mais. Não há mais tempo a perder: em 2000

seremos dez bilhões, entenderam?, dez; e se não fizermos algo acabaremos comendo uns aos outros. Mas, mesmo que não cheguemos a esse ponto, a água e o ar estarão contaminados, em todo o mundo: o ar se tornará fumaça, até no topo do Everest, e a água será preciosa, porque as nascentes secarão. Isso não é uma invenção, já está acontecendo; por isso é indispensável que nasçam homens já adultos, engenheiros e biólogos — não podemos esperar que as crianças que nascem hoje cresçam até concluir a universidade. Seriam necessários uns trinta anos antes que pudessem começar a trabalhar. É por isso que é preciso... que precisamos urgentemente de velhos.”

Renato parou na frente dele, de braços abertos, como se quisesse deter um touro que investia. De fato queria calá-lo, estava cheio de raiva e de um temor obscuro:

“Pare com isso, palhaço! Não invente histórias, Scotti não é nem engenheira nem bióloga, é apenas uma velha bruxa!”

Mario respondeu com uma voz tão alta que todos os meninos que estavam no pátio pararam e se voltaram para ele:

“Não é uma bruxa. É uma de nós: eu a encontrei ontem mesmo no corredor, e ela fez um sinal para mim.”

“Que sinal?”, perguntou Renato.

Mario não respondeu logo: olhou Renato, e pareceu que algo nele se apagara. Deixou cair os braços, abaixou a cabeça; depois, com voz mudada, que mal se ouvia, disse:

“Vá embora, Renato: mal posso vê-lo. Você me fez falar, e eu falei, e agora voltei a ser como todos: como você, como um de vocês. Vão embora, vão embora todos, me deixem só.”

Recuou até o muro e se arrastou pela parede até a porta; Giorgio o encontrou pouco depois, num canto da quadra, sentado no chão, com a cabeça entre as mãos, chorando em grandes soluços.

Visto de longe

NOTA EM BOA-FÉ: Foi-nos prometido que dentro de pouquíssimos anos, talvez até no corrente ano de 1967, os seres humanos colocarão o pé na Lua, levando para lá, irreversivelmente, os nossos mecanismos celulares, nossas infecções, nossa civilização.

No momento em que isso ocorrer, e em que o primeiro relatório dos primeiros visitantes for publicado, serão desbaratadas e tornadas obsoletas todas as fantasias — ilustres ou obscuras — que a literatura de todos os tempos criou sobre os selenitas. Por isso eu ficaria contente se a presente viagem fosse lida e entendida como uma última e reverente homenagem a Luciano de Samósata, Voltaire, Swedenborg, Rostand, E. Allan Poe, Flammarion e H. G. Wells.

NOTA EM MÁ-FÉ: A decifração do presente Relatório, que nos chegou em grafia selenítica linear B, ofereceu graves dificuldades técnicas aos decodificadores do FBI, aos quais foi confiado; pede-se, portanto, que o leitor seja indulgente com as incongruências e lacunas. Além disso, advertimos que, por razões práticas, pareceu oportuno adotar na descrição, tanto quanto possível, uma unidade de medida, de datação e de termos geográficos terrestres equivalentes ou correspondentes às expressões contidas no original.

Assim, quando se fala de cidades ou de navios, é preciso lembrar que são “cidades” (ou seja, densos aglomerados de habitações humanas) e “navios” (ou seja, volumosos objetos flutuantes construídos e pilotados pelo homem) para nós, e não para o desconhecido redator do Relatório — para quem ambos apresentavam um aspecto bem menos revelador.

RELATÓRIO

1. VALIDEZ. No presente Relatório se descrevem algumas variações e movimentos que foram observados na superfície terrestre em tempo recente. Porém não são descritos os movimentos e as variações cuja periodicidade coincide com o ano sideral ou com o mês lunar, como os ciclos das calotas polares, as variações de cor das planícies e montanhas, as marés, as variações de transparência da atmosfera etc.: esses fenômenos são conhecidos há muito tempo, objetos de numerosos relatórios anteriores, e certamente estão associados aos ciclos astronômicos. Por isso eles parecem irrelevantes para qualquer discussão sobre a presença de vida na Terra.

2. CIDADES. Para a descrição, nomenclatura e localização das principais Cidades e Portos, remetemos ao precedente Relatório nº 8, de 15 de janeiro de 1876. Graças ao recente aperfeiçoamento do poder de definição dos nossos instrumentos ópticos, observou-se que a maior parte das Cidades está em fase de rápido crescimento, e que a atmosfera que as envolve tende a tornar-se cada vez mais opaca, rica em poeira, óxido de carbono e anidrido sulfuroso e sulfúrico.

Pôde-se ainda estabelecer que estas não são meras áreas de coloração diversa à do terreno circunstante. Observamos em muitas delas uma “fina estrutura”: algumas, por exemplo, Paris, Tóquio, Milão, possuem um centro bem definido, de onde se irradiam sutis filamentos; outros filamentos circundam o centro em diversas distâncias, com um traçado circular ou poligonal. Outras cidades, e entre estas quase todos os Portos, apresentam uma estrutura reticular, constituída de filamentos predominantemente retilíneos e ortogonais, que subdividem a área urbana em retângulos ou quadrados.

2.1. LUZ NOTURNA. A partir de 1905-10, todos os filamentos urbanos supracitados tornam-se subitamente luminosos pouco após o ocaso local do Sol. Mais precisamente: cerca de trinta a sessenta minutos após a passagem do astro, os filamentos de cada cidade específica se acendem numa rápida sucessão; cada filamento se ilumina instantaneamente, e as iluminações se sucedem num lapso de cinco a dez segundos. A luminosidade dura a noite toda, cessando de repente cerca

de trinta minutos antes da nova passagem do astro. O fenômeno, muito exuberante e atentamente estudado por vários observadores, apresenta características de regularidade surpreendentes: para cada cidade específica, foram observadas interrupções de luminosidade em apenas uma ou duas noites em mil, quase sempre coincidindo com graves alterações atmosféricas nas vizinhanças, o que não parece descartar a hipótese de que se trate de um fenômeno elétrico.

Quanto às alterações da Luz Noturna durante o Período Anômalo, veja-se a seguir o Item 5. Ao término desse período, o fenômeno voltou a manifestar-se com a regularidade habitual; todavia o exame espectroscópico da luminosidade urbana demonstrou que esta possuía desde meados de 1950 um espectro predominantemente contínuo (de incandescência), sendo em seguida substituído cada vez mais por espectros em bandas ou em linhas, do tipo de emissão provocada por gás rarefeito ou fluorescência.

No inverno de 1965-6 observou-se uma completa extinção na Cidade de Nova York, embora o céu estivesse sereno.

2.2. CRESCIMENTO. Como foi mencionado, muitas Cidades parecem estar em ativo crescimento. Este respeita, em geral, a estrutura da malha preexistente: as Cidades radiais crescem ao longo dos raios, as Cidades reticulares crescem com novos estratos em retícula ortogonal. A analogia com o crescimento cristalino é evidente, fazendo supor que as Cidades sejam vastas zonas da superfície terrestre caracterizadas por uma acentuada cristalinidade; de resto, temos um exemplo disso na Lua, com as imponentes formações de ortoclásio bem cristalizado, que recobrem vários hectares de terreno dentro do círculo Aristarco.

A hipótese da natureza cristalina das Cidades é reforçada pela recente descoberta de estruturas de forma regular, aparentemente circunscritas ao sistema trimétrico, que se erguem várias centenas de metros acima do plano-cidade. São facilmente observáveis durante os crepúsculos graças à sombra que projetam: têm seções retangulares ou quadradas, e em alguns casos foi possível assistir à sua formação, que ocorre a uma velocidade de dez a vinte metros por mês ao longo do eixo vertical. É bastante raro que essas formações se apresentem fora das áreas urbanas. Algumas, em condições geométricas oportunas, refletem especularmente a luz solar, o que permitiu a medição das constantes cristalográficas.

Outros sinais de ordenação cristalina bidimensional podem talvez ser identificados nas estruturas retangulares de cores levemente diversas, observáveis em muitas planícies terrestres.

2.3. CRATERAS ELÍPTICAS. A existência de crateras elípticas (mais raramente circulares ou semicirculares) dentro de algumas Cidades ou em suas imediações já foi assinalada em relatórios anteriores. Estas se formam lentamente (num período de cinco a quinze anos), em épocas inclusive muito remotas de várias Cidades da zona mediterrânea; mas não está comprovado que tenham existido antes do século VIII a.C. A maior parte dessas crateras antigas foi em seguida obliterada mais ou menos completamente, talvez por erosão ou em consequência de catástrofes naturais. Nos últimos sessenta anos, numerosas crateras foram formadas com grande regularidade em quase todas as Cidades de extensão superior a trinta a cinquenta hectares: as Cidades maiores em geral possuem duas ou três. Jamais surgem nas encostas, e têm forma e dimensão muito regulares. Sua planta não é propriamente elíptica, mas consiste em um retângulo de cerca de cento e sessenta por duzentos metros, completado nos dois lados por duas breves semicircunferências. Sua localização parece fortuita, seja em relação ao retículo urbano, seja em relação aos pontos cardeais. A forma das crateras foi claramente reconhecida pelo perfil das sombras crepusculares: sua borda se situa a cerca de onze a vinte metros de altura, precipitando-se verticalmente na parte externa e, na interna, obedecendo a uma inclinação de mais ou menos cinquenta por cento. Nas estações de verão, algumas delas emitem uma leve luminosidade nas primeiras horas da noite.

Sua origem vulcânica é considerada provável, mas sua relação com as formações urbanas é obscura. Igualmente misterioso é o ritmo semanal a que as mesmas crateras parecem estar sujeitas, o qual descreveremos no item seguinte.

3. PERIODICIDADES NÃO-ASTRONÔMICAS. Um certo número de fenômenos observados na Terra segue um ritmo de sete dias. Somente os meios ópticos de que dispomos há algumas décadas nos permitiram detectar essa particularidade, por isso não temos condições de afirmar se ela tem origens recentes ou remotas — ou quem sabe remonte à solidificação da crosta terrestre. Não se trata certamente de um

ritmo astronômico: como se sabe, nem o mês (sinódico ou sideral) nem o ano (solar ou sideral) terrestres contêm um número de dias múltiplo de sete.

O ritmo semanal é extremamente rígido. Os fenômenos que chamaremos DSD (Do Sétimo Dia), os quais envolvem sobretudo as cidades e suas adjacências imediatas, ocorrem simultaneamente em toda a superfície terrestre — respeitando-se, é claro, as diferenças de hora local. O fato não tem explicação, nem foram levantadas hipóteses realmente satisfatórias; a título de curiosidade, registramos que alguns pesquisadores formularam a suposição de um ritmo biológico. A eventual vida (vegetal e/ou animal) na Terra, que nessa hipótese deveria ser considerada rigorosamente monogenética, estaria sujeita a um ciclo extremamente geral, em que a atividade e o repouso (ou vice-versa) se sucedem a períodos de seis dias para um.

3.1. ATIVIDADES DSD DAS CRATERAS. Como foi dito, as crateras elípticas referidas no Item 2.3 estão submetidas a um ritmo semanal.

A cada sete dias o seu contorno, que normalmente é esbranquiçado, se torna cinza ou negro num intervalo de poucas horas (geralmente nas primeiras horas da tarde), conservando essa coloração escura por cerca de duas horas e reassumindo, em quinze a vinte minutos, a tonalidade primitiva. Somente em casos excepcionais o fenômeno foi observado em dias diferentes do sétimo. A área interna da cratera não apresenta variações de cor relevantes.

3.2. OUTRAS ATIVIDADES DSD. Nas primeiras horas diurnas dos sétimos dias os filamentos urbanos periféricos (radiais) parecem levemente mais escuros. Entretanto, nas primeiras horas noturnas sucessivas, sobretudo nos verões, eles parecem suavemente luminosos, inclusive fora do perímetro urbano; em condições especiais de angulação, essa luminosidade surge desdobrada em dois filamentos paralelos e contíguos, um de luz branca e outro de luz vermelha.

Algumas porções do litoral marinho também estão sujeitas ao escurecimento DSD. Isso foi observado em litorais com uma peculiar tonalidade amarelada, não muito distantes das Cidades e avessos a grandes marés: o fenômeno só ocorre nas estações e nas localidades de maior insolação, durando de duas a quatro horas após o alvorecer até o ocaso local. Em algumas das orlas em questão, o escurecimento é

observado não só no sétimo dia, mas cotidianamente, por um período de quinze a trinta dias, que tem início cerca de um mês após o solstício de verão.

3.3. ANOMALIAS DSD. Nestes últimos meses foi comprovado que, em algumas regiões da África setentrional, da Ásia meridional e do arquipélago malásio, os fenômenos DSD ocorrem com dois dias de antecedência em relação ao resto da Terra, e com apenas um dia de antecedência numa estreita faixa do istmo que liga a Ásia com a África. Entretanto, nas ilhas britânicas eles aparecem distribuídos entre o sexto e o sétimo dia.

4. PORTOS E ATIVIDADES PORTUÁRIAS. Entende-se por “Portos”, como se sabe, as Cidades situadas nas costas dos mares ou de grandes lagos ou rios. Para a definição destes últimos conceitos geográficos, remetemos aos Relatórios anteriores; observe-se apenas que a natureza líquida dos mares, lagos e rios já foi confirmada pela análise polarimétrica da imagem solar que ali se reflete, e que, dadas as condições de temperatura e de pressão existentes na superfície terrestre, admite-se hoje universalmente que o líquido em questão seja água. As relações entre água, neve, calotas polares, geleiras, umidade atmosférica e nebulosidade foram descritas no Relatório nº 7, ao qual remetemos.

Aqui nos ocuparemos sobretudo dos Portos marítimos; recordamos que os observadores mais antigos já haviam percebido que estes estão sempre situados nas reentrâncias mais ou menos profundas das costas, freqüentemente na foz dos rios. Todos os fenômenos localizados nas Cidades internas são igualmente notados nos Portos, mas nestes também se desenvolvem atividades específicas e de grande interesse.

4.1. NAVIOS. Por uma questão de simplicidade indicamos com o nome de “navios” os singulares objetos flutuantes de forma alongada, cujos contornos os modernos meios ópticos permitiram discernir. Deslocam-se na água longitudinalmente, com velocidade bastante variável, mas raramente superior aos setenta quilômetros por hora; seu comprimento máximo é de cerca de trezentos metros, e o mínimo é inferior à capacidade de definição dos nossos instrumentos (cerca de cinquenta metros).

Sua importância é fundamental: são os únicos objetos cujo movimento pode ser materialmente observado na superfície terrestre, com a exceção dos fragmentos de gelo que freqüentemente se desprendem das calotas polares. Mas, ao passo que os movimentos desses últimos são lentos e parecem casuais, os movimentos dos navios são sujeitos a interessantes peculiaridades.

4.1.1. MOVIMENTOS DOS NAVIOS. Os navios se distinguem em periódicos e aperiódicos. Os primeiros cumprem percursos fixos de ida e volta entre dois Portos, muitas vezes parando algumas horas em Portos intermediários; notou-se uma razoável proporcionalidade entre suas dimensões e a extensão do percurso. Raramente param em mar aberto; cada navio se desloca numa velocidade bastante regular, seja de dia, seja de noite, e seu percurso se aproxima bastante da distância mais curta entre o ponto de partida e o de chegada.

À noite eles emanam uma leve luminosidade, e às vezes param nos Portos por alguns meses.

Os navios aperiódicos também se deslocam entre porto e porto, mas sem regularidade aparente. Suas paradas são comumente mais longas (até dez dias); alguns vagam irregularmente em mar aberto ou param por longos períodos. Não são luminosos e, comparativamente, são menos velozes. Nenhum navio tem contato com a terra firme, a não ser com os Portos.

4.1.2. GÊNESE E DESAPARECIMENTO DOS NAVIOS. Todos os navios formam-se relativamente em poucos pontos fixos, todos situados em Portos pequenos ou grandes. O processo de formação dura de poucos meses a um ou dois anos e parece ocorrer por acréscimo transversal a partir do eixo maior, que se forma em um momento inicial. A vida dos navios é de trinta a cinquenta anos; normalmente, após uma estadia mais prolongada em um Porto, que às vezes é aquele de origem, parecem submeter-se a um rápido processo de desintegração ou decomposição. Em raros casos foram vistos desaparecer em mar aberto; sobre esse tópico, veja-se o Item 5.

4.1.3. HIPÓTESES SOBRE A NATUREZA DOS NAVIOS. Já está excluído que se trate de blocos flutuantes de rocha ou de gelo. Merece atenção uma audaciosa e recente

teoria segundo a qual eles seriam animais aquáticos, inteligentes os periódicos, menos inteligentes (ou menos dotados de instinto de orientação) os demais. Os primeiros se alimentariam de alguns materiais ou espécies vivas encontrados nos Portos, os outros, talvez, de navios menores (invisíveis a nós) em mar aberto: porém, segundo algumas observações, estes manifestariam um tropismo pelos hidrocarburetos.

De fato, muitos navios aperiódicos freqüentam Portos situados em zonas onde a atmosfera apresenta vestígios de metano e de etano. Nos Portos também se daria o ciclo reprodutivo de ambas as variedades, ainda obscuro para nós.

4.2. PORTOS TERRESTRES. Em muitas Cidades percebem-se áreas denominadas “Portos terrestres”, caracterizadas por um singular esquema de filamentos de cor cinza, luminosos à noite: trata-se de um ou mais retângulos com cinquenta a oitenta metros de largura e três mil metros ou mais de comprimento. De um Porto terrestre a outro foram observados deslocamentos de curiosos objetos constituídos de uma longa nuvem branca em forma de um triângulo isósceles alongado, cujo vértice avança a uma velocidade de oitocentos a mil quilômetros por hora.

5. PERÍODO ANÔMALO. Costuma-se indicar com esse nome o período 1939-45, caracterizado por numerosos desvios da norma terrestre.

Como se disse, em grande parte das cidades o fenômeno da luz noturna (2.1) pareceu interrompido ou perturbado. O crescimento também pareceu bastante retardado ou nulo (2.2). O escurecimento DSD das crateras foi menos intenso e regular (3.1), bem como o escurecimento litorâneo (3.2); desapareceram as luminosidades DSD dos filamentos urbanos (3.2), das crateras (2.3) e dos navios periódicos (4.1.1).

O ritmo pendular desses últimos (4.1.1) parece ter sofrido uma grave perturbação; entretanto aumentou o número e o volume dos navios aperiódicos, como se estes tivessem superado os primeiros. O fenômeno (4.1.2) do desaparecimento repentino de navios em mar aberto, normalmente bastante raro, verificou-se com grande freqüência: foram computadas não menos que oitocentas desapareições, ocorridas em tempos variáveis de quatro minutos a muitas horas, mas, haja vista a incompletude das observações e a impossibilidade de controlar a

cada instante mais que a metade da superfície terrestre, esta cifra deve ser multiplicada seguramente por dois, talvez até por um fator mais elevado.

Algumas desapareições de navios foram precedidas por intensos e instantâneos fenômenos luminosos; outros fenômenos análogos foram notados no mesmo período em várias regiões da Terra, especialmente na Europa, no Extremo Oriente e ao longo da costa setentrional da África. O final do Período Anômalo foi assinalado por duas explosões bastante visíveis, ambas ocorridas no Japão, a um intervalo de dois dias entre as duas. Outras, semelhantes ou mais fortes, foram observadas nos dez anos sucessivos em várias ilhotas do Pacífico, numa região restrita da Ásia central: no momento em que escrevemos, o fenômeno parece extinto ou latente.

Agentes de negócio

O lugar era agradável, luminoso, alegre: a luz, que chegava branda de todas as direções, era branco-azulada e tremulava suavemente. As paredes eram brancas, opacas, perdiam-se no alto em um clarão difuso. As pilastras também eram brancas: lisas e cilíndricas, harmonizavam-se com o teto abobadado e longínquo.

Vestindo uma camisa branca, S. estava sentado numa alta banquetta em frente a uma mesa de desenho. Era muito jovem, quase um rapaz, e traçava num papel um esquema complicado, feito de longas linhas diagonais que se irradiavam de um ponto situado na base, à esquerda, e convergiam com elegância ordenada para um outro ponto que, por efeito de perspectiva, parecia estar situado além da folha, numa extrema distância. O papel era amarelado, e a tinta, escura: o desenho estava repleto de correções, de palavras e frases explicativas rabiscadas às pressas, com a agilidade de quem não quer perder uma idéia. Mesa e poltrona estavam no meio do aposento, bem distantes das paredes, e o piso estava vazio. S. trabalhava atento, mas sem continuidade; alternava lances de atividade intensa com pausas em que parecia recolher-se atrás de um pensamento, talvez distraído.

Uma campainha soou ao longe, mas S. não ouviu e continuou trabalhando. Depois de uns dez segundos, a campainha soou de novo: S. ergueu a cabeça por um instante e depois retomou o seu desenho. No terceiro toque, mais insistente, S. suspirou, pousou o lápis, desceu da banquetta e se encaminhou para o fundo da sala: sua figura pareceu miúda em relação aos vastos quadrados do pavimento, e seu passo ressoou longamente sob as abóbadas silenciosas. Percorreu os amplos corredores e entrou na saleta de recepção; esta era pequena, com um teto tão baixo que era possível tocá-lo com a mão. Ali o esperavam um jovem robusto, uma

mulher loura e bonita, de meia-idade, e um homem magro e de cabelos grisalhos: estavam em pé diante da mesa, e o jovem carregava uma maleta. S. se deteve por um instante na soleira, como contrariado; depois se recobrou e disse: “Sentem-se, por favor”. Sentou-se, e os três o imitaram. S. estava irritado por ter interrompido o trabalho. Disse: “O que desejam?”; então notou a maleta que o jovem pousara sobre a mesa e acrescentou, desiludido: “Ah, entendi”.

O jovem não se perdeu em preâmbulos. Abriu a maleta e falou:

“Veja, é melhor evitarmos mal-entendidos desde o início. Nós não somos corretores de seguro nem viemos vender alguma coisa; melhor dizendo, não para vender mercadorias. Somos funcionários.”

“Então vocês são os que vêm para...”

“Exatamente, o senhor adivinhou.”

“E o que me propõem?”

“A Terra”, respondeu o jovem, com um ar cordial. “Somos especialistas na Terra, o senhor sabe, o terceiro planeta do sistema solar. Um belo lugar, como tentaremos demonstrar, se o senhor nos permitir.” Percebeu uma leve hesitação no olhar de S. e acrescentou: “Está surpreso? Não esperava por isso?”.

“Sim, de fato... acho que notei um certo movimento nos últimos tempos. Houve rumores, parece que viram alguns colegas desaparecer de repente, assim, em silêncio. Mas... bem, não estou pronto. Não me sinto pronto: não fiz nenhum cálculo, nenhum preparativo. É o que acontece quando não há um prazo: preferimos deixar que os dias passem e ficamos assim, vagos, sem tomar decisões.”

O jovem interveio com eficiência profissional:

“Claro, não se preocupe. É normal, quase sempre é assim: é bem difícil encontrar um candidato que nos receba decididamente com um sim ou um não. Mas isso é compreensível, não é fácil chegar a uma conclusão assim, em solidão, sem testemunhas, sem uma documentação séria. Entretanto, estamos aqui justamente para isso: se puder nos ouvir por um momento... não, não lhe tomaremos muito tempo, se bem que vocês... têm tempo de sobra. Não são como nós, que estamos sempre com pressa, e no entanto nunca podemos demonstrar isso, senão, como fecharíamos um negócio?”

Enquanto falava, o jovem mexia na pasta: tirou lá de dentro diversas imagens da Terra, algumas escolares, outras tomadas de grande altura, ou de distâncias

cósmicas. Mostou-as a S., uma por uma, ilustrando-as com um tom profissional e concreto: “Veja. Como eu dizia, nós nos encarregamos da Terra, especialmente do Gênero Humano. Os tempos difíceis são coisa do passado, agora é um planeta bem aparelhado, até confortável, com diferenças de temperatura que não superam os cento e vinte graus Celsius numa escala mínima e máxima, uma pressão atmosférica praticamente constante no tempo e no espaço. O dia tem vinte e quatro horas, o ano, cerca de trezentos e sessenta e cinco dias, e há um gracioso satélite que provoca marés moderadas e ilumina suavemente as noites. É muito menor que o Sol, mas foi inteligentemente posicionado de modo a ter o mesmo diâmetro aparente daquele; esse fato proporciona eclipses solares muito apreciados pelos entendidos, olhe, aqui está um, com visão completa da Coroa. Além disso, há um oceano de água salgada projetado sem economia, olhe aqui, consegue ver? Agora vou mostrá-lo em movimento.”

No retângulo da foto, que representava uma vasta marinha diante de uma costa arenosa, estendida até o horizonte, as ondas se agitaram docilmente.

“Na fotografia não parece tanto, mas é um dos espetáculos terrestres mais sugestivos. Alguns dos nossos clientes, inclusive os mais velhos, ficam horas contemplando as ondas, nesse ritmo eterno, sempre igual e sempre diverso: dizem que vale a viagem. Pena que não temos muito tempo livre, senão... Ah, me esqueci de dizer que o eixo terrestre está inclinado sobre a eclíptica de um pequeno ângulo, aqui está.”

Retirou da pasta uma imagem esquemática da Terra, com meridianos e paralelos; após um comando, a Terra se pôs a girar lentamente.

“Com esse simples artifício obteve-se uma agradável variedade de climas em boa parte do planeta. Enfim, dispomos de uma atmosfera absolutamente excepcional, única na galáxia, e nem lhe digo quanto esforço e quanto tempo nos custou: pense bem, mais de vinte por cento de oxigênio, uma riqueza inestimável e uma fonte de energia que não tem mais fim. É petróleo aqui, carvão acolá, hidrogênio, metano. Conheço planetas que estão cheios de metano, até a borda. Mas, sem oxigênio, para que ele serve? Melhor não tocar nesse assunto, não fica bem falar mal dos produtos da concorrência. Oh, me perdoe, deixei-me levar pelo tema e acabei esquecendo as boas maneiras.”

Tirou do bolso um cartão e o estendeu a S.:

“Aqui está, meu nome é G. e me ocupo do enquadramento geral; estes são os meus assistentes, a sra. B., que o esclarecerá sobre aspectos de relações humanas, e o colega R., que responderá às suas questões de natureza histórica e filosófica.”

A sra. B. sorriu e inclinou a cabeça; o sr. R. ficou de pé e fez uma reverência compassada. Ambos deram seus cartões a S.

“Muito grato”, disse S., “estou à sua disposição. Mas sem compromisso, não é mesmo? Não gostaria que...”

“Pode ficar tranquilo”, disse G., “esta nossa conversa não implica nenhum compromisso de sua parte, e nós tentaremos evitar qualquer pressão sobre sua escolha. Apresentaremos nossos dados da maneira mais objetiva e detalhada possível. Todavia, temos o dever de adverti-lo: não haverá uma segunda visita. O senhor certamente compreenderá, os candidatos são tantos, e nós, que temos esse ofício de infiltrar as almas nos corpos, somos tão poucos. Não é um trabalho fácil, sabe: dá grandes satisfações, mas poucos conseguem. Nosso dia é cheio, e, salvo raras exceções, não podemos visitar duas vezes o mesmo candidato. O senhor verá, julgará e tomará sua decisão em plena liberdade; nos dirá sim ou não, e em todo caso continuaremos bons amigos. Agora podemos começar.”

G. retirou da valise um outro pacote de imagens, colocou-o à disposição de S. e continuou:

“Este é o nosso mostruário: nossa força está toda aqui. É um material atualizadíssimo, de total confiança — imagine que o renovamos a cada seis meses.”

S. folheou as imagens com curiosidade: eram figuras esplêndidas, de cores deslumbrantes e harmoniosas. Em boa parte representavam magníficos exemplares humanos: mulheres jovens e belíssimas, homens atléticos de sorriso um tanto vazio, que se moviam levemente na moldura, como se estivessem impacientes para entrar em ação.

“Estes são os homens?”

“Homens e mulheres”, respondeu G.; “o senhor conhece a diferença, não? É pequena, mas fundamental... Uma jovem polinésia... um caçador senegalês... uma bancária de Los Angeles... um pugilista australiano: vamos vê-lo em combate? Aqui está: veja que pegada, que potência... parece uma pantera... Uma jovem mãe indiana...”

Naquele pacote de imagens a jovem mãe indiana deve ter entrado por engano;

de fato, seu aspecto era pouco agradável. Era esquelética de fome e trazia no peito um menino desnutrido, de barriga inchada e pernas como palitos. G. retirou imediatamente a imagem, antes que S. fizesse perguntas, e a substituiu pela foto de uma estudante dinamarquesa, loura e de formas admiráveis. S. avaliou a imagem com atenção e perguntou:

“Já nascem assim? Quero dizer, tão bem desenvolvidos?”

A sra. B. atalhou, sorrindo:

“Não, evidentemente há um período de crescimento: nascem muito menores e, na minha opinião, ainda mais graciosos.” Dirigiu-se a G.: “Por favor, pode me passar uma das seqüências de crescimento?”.

Depois de alguns segundos de procura (não parecia que o conteúdo da maleta estivesse muito organizado), G. retirou uma imagem e a estendeu à senhora, que por sua vez a apresentou a S.: representava um jovem de musculatura tão desenvolvida que chegava a ser monstruosa; estava de pé, nu, com as pernas abertas, as mãos em punho erguidas sobre os ombros e os bíceps salientes, sorrindo com um riso de fera. De repente, sem mudar de posição, mas apenas diminuindo, a criatura se transformou em um adolescente, depois num rapazola, num menino, numa criancinha, num recém-nascido, todos sorridentes e esplendidamente nutridos. A sra. B. disse com doçura a G.:

“Não, por favor, no outro sentido, e um pouco mais devagar.”

Nas mãos de S. desenrolou-se regularmente a metamorfose inversa até o atleta originário, que ao final fez uma calorosa saudação, apertando uma mão contra a outra, acima de sua cabeça.

“Aí está”, disse a sra. B., “agora me parece bastante claro. É o mesmo indivíduo com um mês, um ano, seis, quatorze, dezoito e trinta.”

“É interessante”, admitiu S. “Suponho que com as mulheres ocorra o mesmo.”

“Certamente”, respondeu a senhora. “Deseja ver a seqüência?”

“Não, não se incomode: se o processo é o mesmo, não é necessário. Preferiria saber como são as coisas antes e depois. Eles continuam a crescer?”

“A crescer propriamente não; mas ocorrem outras mutações difíceis de pôr em imagens. Há uma certa decadência física...”

Aqui houve outro incidente: enquanto a sra. B. pronunciava as palavras “decadência física”, a imagem nas mãos de S. foi substituída pela visão de um

homem maduro e calvo, depois pela de um ancião obeso e pálido, finalmente pela de um velho decrepito. A sra. B. repôs rapidamente a foto na maleta e continuou, com desenvoltura:

“... que no entanto é compensada por uma maior prudência e experiência de vida, freqüentemente por uma grande serenidade. Mas é o ‘antes’ que é extremamente interessante.”

Dirigiu-se a G. e pediu:

“Temos aqui algum nascimento?”

“Não, senhora: como sabe, não podemos exhibir partos nem amplexos”; depois prosseguiu, dirigindo-se a S.: “Não que haja algo de ilícito, mas se trata de um procedimento peculiar, de uma tecnologia única em seu gênero, e tão ousada que poderia provocar uma certa perturbação a um não-nascido como o senhor, talvez apenas num nível inconsciente. Desculpe-me, mas essas são as nossas instruções.”

“... Mas podemos mostrar as imagens dos casais, não é mesmo?”, interveio a sra. B.

“Com certeza”, retomou G., “é animador, o senhor verá. O macho e a fêmea, no nosso caso o homem e a mulher, como o senhor sabe, são estritamente complementares, não só morfológicamente; por isso a condição conjugal, ou de vida a dois, é o pressuposto basilar para a paz do espírito. De resto, observe aqui: é uma documentação que fala por si. Veja este casal... e este outro, no barco... e estes outros dois: esses prismas rosados ao fundo são os Dolomitas, um belo lugar, estive lá em férias no ano passado; mas ir sozinho não tem graça. Estes são dois namorados congolese... não são interessantes? E este é um casal de certa idade...”

Nesse ponto interveio a voz calorosa e meio rouca da sra. B.:

“Acredite, nós temos uma longa experiência nesse ramo e podemos garantir-lhe que a verdadeira e grande aventura terrestre é exatamente esta, encontrar um parceiro do sexo oposto e conviver com ele, se possível por toda a vida. Não renuncie a isso, por favor; e, se lhe ocorrer de nascer mulher, não deixe de ser fecundada na primeira ocasião razoável que surgir. Além disso, o aleitamento (aqui está, veja) cria um laço afetivo tão doce e profundo, tão... como dizer?... tão intenso que é difícil descrevê-lo sem ter passado por isso.”

“E... a senhora já o experimentou?”, indagou S., que de fato se sentia um tanto perturbado.

“Claro. Nós, funcionários, só recebemos a licença depois que nos submetemos a um *curriculum* terrestre completo.”

O sr. G. acrescentou:

“É claro que nascer homem também apresenta certas vantagens; aliás, vantagens e desvantagens se compensam a tal ponto que as escolhas, em todos os tempos, sempre se distribuíram entre os dois sexos com um equilíbrio singular. Está vendo esta tabela e este gráfico com um T na abscissa? Cinquenta a cinquenta, com uma diferença de decimais.”

G. tirou do bolso um maço de cigarros e o ofereceu a todos; depois se apoiou no espaldar da cadeira e disse:

“O que vocês acham de uma pequena pausa?”

Mas devia estar tomado de um irresistível impulso de atividade, já que, em vez de relaxar, continuava vasculhando a maleta e em pouco tempo sacou alguns objetos que foram colocados sobre a mesa, diante de S.:

“Isso não faz parte do serviço: é uma iniciativa minha, particular, uma coleção que tenho o costume de carregar comigo. A meu ver, são objetos que dizem muito: podem ajudá-lo a ter uma idéia do que irá encontrar. Isto, por exemplo, é uma caneta esferográfica: custa apenas cinquenta liras, mas pode escrever facilmente cem mil palavras, sem sujar nada. Estas são meias de náilon: veja como são finas! Podem ser usadas por anos, e são fáceis de lavar. Isto aqui... não, não é um manufaturado, é uma caixa craniana: vê como é ao mesmo tempo delgada e robusta? Não tenho comigo outros exemplares anatômicos, porque na maioria são perecíveis: mas veja isto, é uma válvula mitral em plástico, sim, uma válvula cardíaca. Uma jóia, não é? Além disso, dá uma grande tranquilidade. E isto é sabão em pó: a roupa fica limpa num segundo.”

“Desculpe se o interrompo”, disse S., “posso rever uma das últimas... Sim, aquela dos namorados congolese, e essas outras... Não têm a pele da mesma cor, não é mesmo? Pensei que os homens fossem todos iguais.”

O sr. R., que até aquele momento estivera em silêncio, interveio:

“Substancialmente são: trata-se de diferenças irrelevantes, sem nenhum significado biológico. Não temos conosco nenhum exemplo de casais mistos, mas eles existem em abundância e são tão férteis quanto os outros, se não mais. É apenas uma questão... epidérmica, precisamente: de pigmentação. A pele negra

protege melhor o tecido dos raios ultravioleta do sol, e por isso é mais adaptada aos indivíduos que vivem nos trópicos. Há também amarelas, aqui e ali.”

“Ah, entendi. Então são variedades intercambiáveis, não é? Como dois parafusos com a mesma porca?”

R. e a sra. B. se viraram para G. com hesitação. G., menos jovial que antes, disse:

“Não temos o hábito de pintar tudo rosa, nem é essa a nossa tarefa. O fato é que nem tudo é sempre simples: já houve algumas disputas, e ainda há. Não se trata de coisas muito graves, na maioria dos casos cada um vive por sua conta, ou então negros e brancos se cruzam e o problema deixa de existir. Mas há, sim, casos de tensão, com alguns vidros quebrados, às vezes até algum osso quebrado. Enfim, nem tudo na Terra é programado, há uma margem de liberdade (e, portanto, de imprevisibilidade); o tecido tem alguns remendos, não podemos negar. No fim das contas, eu diria que hoje talvez seja melhor nascer branco, mas é uma questão transitória, penso que daqui a um ou dois séculos não se falará mais disso.”

“No entanto é agora que eu deveria nascer, não?”

G. estava a ponto de responder, mas R. se antecipou:

“Correto; se lhe for conveniente, até amanhã — o tempo de providenciar os documentos. Não somos burocratas, apreciamos a rapidez nos negócios.”

“Não, eu gostaria de pensar um pouco. Não estou muito convencido. Não gosto dessa coisa de nascer diferente: só pode trazer problemas.”

R. respondeu num tom um pouco contido:

“Entendo o que quer dizer. Mas, antes de tudo, os negros são poucos, e por isso a probabilidade de nascer negro é escassa; ademais, nem todos nascem em zonas de atrito, de modo que esses são uma minoria na minoria. Em suma, não há jogo sem risco, e aqui o risco é muito pequeno.”

Parecia que S. estava muito sensível a esse argumento, ou quem sabe alguém o influenciara anteriormente: com polidez, mas em tom decidido, expressou o desejo de ver outras coisas, imagens de alguma situação típica.

“À vontade”, respondeu G., “aqui há de tudo, o belo e o não tão belo. Não seríamos honestos se a nossa documentação não fosse completa, não acha? Veja aqui: isto é uma manifestação pacífica...; e aqui temos uma experiência de escola integrada...; este é o equipamento de um navio mercante, está vendo? Trabalham juntos...”

Enquanto G. falava, S. se aproximara cautelosamente da maleta; de repente, surpreendendo os três funcionários, se apossou de uma foto que mostrava um conflito entre negros e policiais: em primeiro plano havia um policial com o revólver apontado. Perguntou:

“E esta, representa o quê?”

Levemente incomodado, G. respondeu:

“Ouça, o senhor não deveria comportar-se assim. Afinal nós fazemos o nosso trabalho, e o senhor deveria nos deixar trabalhar ao nosso modo. Buscamos em igual medida a objetividade e o sucesso, o senhor deve entender: ali dentro há papéis reservados, documentos que servem a objetivos opostos. Por isso, peço perdão, mas a escolha cabe a nós... Bem, agora o senhor já viu: sim, é um conflito de rua, às vezes acontece, já disse que não viemos semear ilusões. Ocorre por questões territoriais ou de classe ou de pura agressividade, como em todo o reino animal; mas ocorre cada vez menos; isto, por exemplo...”

Por um segundo, a imagem na mão de S. foi substituída por outra, onde se via um estrado, uma forca, um homem encapuzado e um negro pendurado.

“... isto não ocorre há um bom tempo — mas acontece, sim.”

S. estava estudando atentamente a imagem; indicou um detalhe e perguntou: “E isto, o que é?”

“É um revólver, apenas isso”, respondeu G., de mau humor. “Veja, ele dispara: está contente agora?”

Sempre nas mãos de S., a imagem se animou por um instante; o policial disparou, e o negro fugiu tropeçando para fora da moldura, depois tudo parou novamente.

“O que houve com ele?”, perguntou S. ansiosamente.

“Ele quem?”

“Esse que estava aqui antes. Aquele que foi atingido, o negro.”

“Santa paciência! Como posso saber? Não conheço todos de memória; além disso, como se pode ver, ele saiu do enquadramento.”

“Mas... ele morreu?”

Embaraçado e ressentido, G. tirou a imagem das mãos de S. e guardou-a sem responder. Em seu lugar, R. falou:

“O senhor não deve deixar-se impressionar por um caso singular, do qual, aliás, o

senhor teve conhecimento por meio inteiramente irregular. O episódio que viu é de caráter marginal: não são coisas que ocorram todos os dias, senão estaríamos perdidos. Admita que, para chegar a um julgamento, é muito mais útil deter-se nas situações gerais, típicas; um instante, por favor.”

Procurou na maleta e mostrou a S. três imagens. Na primeira, sobre o fundo de um céu plácido e crepuscular, via-se um grupo de jovens camponeses voltando para casa e cantando ao longo do caminho. Na segunda, um cortejo de esquiadores descia por uma íngreme encosta iluminada pela lua, e cada um trazia uma lamparina acesa. Na terceira se via a ampla sala de uma biblioteca, onde vários jovens estudavam absortos. S. observou-a com atenção:

“Um momento; deixe-me vê-la por mais um pouco. Esta é interessante: é quase como aqui. Estão estudando, não é verdade?”

“Sim, parece que sim”, respondeu G.

“E o que estudam?”

“Não sei, mas é possível verificar. Espere.”

Um a um, diversos estudantes foram centralizados no quadro e sucessivamente ampliados, de modo que foi possível distinguir os livros que eles tinham à frente. Embora fosse inútil, G. comentou:

“Este, por exemplo, estuda arquitetura. Esta moça se prepara para uma prova de física teórica. Esse outro... espere, vamos ver um pouco mais de perto, assim não se percebe bem... sem ilustração é mais difícil. Aí está: estuda filosofia, aliás, história da filosofia.”

“Ah. E o que acontece depois?”

“Depois de quê?”

“Depois que terminou de estudar; ou ele estuda a vida inteira?”

“Isso eu não saberia dizer. Como já expliquei, mal conseguimos lembrar todas as imagens que trazemos; ou acha que assim, sem mais nem menos, poderíamos relatar o como e o porquê, o antes e o depois, as causas e os efeitos de toda a nossa lista?”

S. estava se revelando o que realmente era: um rapaz educado, mas cabeça-dura. Insistiu cortesmente:

“Por que não deixa que ele se mova, como fez antes?”

“Se quiser, podemos tentar”, respondeu G.

A imagem enquadrada se confundiu num formigamento de manchas e listras coloridas, que logo em seguida se coagularam numa nova figura; o ex-estudante estava sentado atrás de um balcão dos correios: “Um ano depois”, disse G.; houve um novo formigamento, e G. disse: “Dois anos depois”, e se viu a mesma imagem, de um ângulo um pouco diferente. Depois de dez anos, o ex-estudante usava óculos, mas a cena não mudara substancialmente. Após trinta anos, ainda se via a agência dos correios, e o ex-estudante tinha cabelos grisalhos.

“Vê-se que é um sujeito de pouca iniciativa”, comentou G. “No entanto, digo-lhe com sinceridade, o senhor é um bocado desconfiado. Ai se todos fossem assim!”, mas talvez brincasse, porque em sua voz se percebia mais admiração do que censura.

“Mas peço que me entenda”, respondeu S., “cabe a mim escolher, e gostaria de ter idéias claras sobre o assunto. Por isso, não me leve a mal, mas queria ver o depois de... disto.”

Havia retomado nas mãos a foto da biblioteca e indicava um outro leitor. “Vejam”, disse G., “aqui está ele dois anos depois.”

O leitor estava numa confortável poltrona sob uma lâmpada, lendo. “E esta é depois de quatro anos... não, me desculpe, de cinco.”

O leitor, bem pouco mudado, estava numa mesa, diante de uma jovem mulher; entre os dois, numa cadeirinha, estava um menino com uma colher na mão. “Uma família simpática, não é?”, observou G. com satisfação. “Esta é após sete anos”, anunciou em seguida.

Como se o mecanismo tivesse escapado ao controle de G., dentro da moldura surgiram várias cenas em rápida sucessão:

- O leitor vestia uniforme militar: estava acenando para a mulher, que chorava.
- O leitor estava embarcando num avião militar.
- Do avião se descolava uma guirlanda de pára-quedas.
- O leitor, com a metralhadora apontada para baixo, estava tocando o solo.
- O leitor aterrara numa planície escura: estava atrás de uma pedra, à espreita.
- O leitor havia sido atingido: uma mancha negra se alargava à sua volta.
- Uma cruz tosca de madeira sobre um túmulo de terra.

“Isto... isto é a guerra, não é?”, perguntou S. depois de um instante de silêncio. G., muito embaraçado, permanecia mudo. R. respondeu:

“Sim, nós sabemos, fala-se muito sobre isso, mas gostaria de preveni-lo de certos lugares-comuns. Antes de tudo, veja bem, não está demonstrado que a guerra seja inerente à espécie humana, que esteja inscrita no destino de todos os países, de todas as épocas e indivíduos. Precisamente neste momento estamos experimentando um plano de paz muito bem arquitetado, fundado no equilíbrio dos medos recíprocos e dos potenciais agressivos; pois bem, a coisa já funciona há uns vinte e cinco anos, de modo bastante satisfatório, tivemos apenas uma meia dúzia de guerrinhas periféricas. Há muitos séculos não se via nada do gênero: os quadros que o senhor viu podem ter um valor apenas... hum, retrospectivo, e é possível que a segunda idade de ouro já tenha começado, em silêncio, furtivamente. Além disso, gostaria de recordar que a guerra nem sempre é um mal, isto é, um mal para todos. Sabemos de muitos clientes nossos que superaram o último conflito não só em boa saúde e sem danos mas também ganhando muito dinheiro com isso...”

Nessa altura G. pigarreou, como se quisesse interromper, mas R. não percebeu e continuou:

“... outros se tornaram famosos e apreciados, e outros ainda — aliás, a maior parte da humanidade — nem se deram conta.”

“Em suma”, interveio G., “não há motivo para dramatizar; pense um pouco: o que são cinquenta milhões de mortos numa população de três bilhões? A vida, compreenda, a vida é um tecido único, apesar de ter um lado direito e um avesso; há dias claros e dias escuros, uma mistura de derrotas e vitórias — mas ela vale por si, é um bem inestimável. Bem sei que vocês aqui de cima têm a tendência de abordar todas as questões numa escala cósmica; mas, uma vez estando na Terra, serão indivíduos, terão uma só cabeça, diferente de todas as outras; e uma só pele; e encontrarão uma grande diferença entre o que está dentro da pele e o que está fora. Veja bem, não tenho argumentos para demonstrar qual dos dois está certo, o não-nascido ou o nascido, mas posso afirmar por experiência direta: quem já provou o fruto da vida não pode mais passar sem ela. Os nascidos, todos os nascidos, com raras exceções, se agarram à vida com uma tenacidade com que até nós, propagandistas, ficamos surpresos — e esse é o melhor elogio da própria vida. Não a abandonam enquanto têm ar no corpo: é um espetáculo único. Veja.”

Mostrou a S. a imagem de um mineiro, ferido e aos trapos, que abria caminho

com uma machadinha numa galeria desabada.

“Este homem estava sozinho, ferido, faminto, tirado do mundo, no meio das trevas. Teria sido fácil morrer: para ele, seria apenas a passagem de um escuro a outro. Não sabia nem por qual caminho encontraria a salvação; mas escavou ao acaso, durante doze dias, e reviu a luz. E este outro, pode ver aqui? É um caso famoso, concordo, mas quantos outros não teriam feito o mesmo, jovens ou velhos, homens ou mulheres, se dispusessem dos meios técnicos? Seu nome era Robinson Crusoé; viveu em solidão por vinte e oito anos sem nunca perder a esperança e a alegria de viver; depois foi salvo e, sendo marinheiro, voltou a navegar. Já este é um caso menos dramático, mas muito mais geral.”

A imagem estava dividida em quatro quadros. Nela se via, respectivamente, um homem num escritório poeirento e mal iluminado, diante de uma pilha de módulos, todos iguais; o mesmo, sentado à mesa, com o jornal apoiado numa garrafa, enquanto ao fundo a mulher estava ao telefone, de costas para ele; o mesmo, em frente à porta de casa, indo a pé para o trabalho, enquanto o filho saía de motocicleta com uma garota provocante; o mesmo, à noite, só e com um ar entediado, diante do televisor. À diferença das outras, aquelas figuras eram estáticas: nem sequer vibravam.

“O homem que o senhor vê”, retomou G., “estará aqui nos próximos quarenta anos: seu trabalho cotidiano é um poço imutável de tédio, a mulher o despreza e provavelmente ama um outro, os filhos cresceram e nem repararam nele. Entretanto ele resiste, resistirá longamente, como uma pedra; esperará todos os dias o amanhecer, a cada dia ouvirá uma voz que lhe promete algo de belo, grande e novo para amanhã. Aqui está”, acrescentou, voltando-se para R., “pode guardá-lo, por favor.”

S. estava perplexo: “Mas o senhor deve admitir que alguém que nasça doente ou de pais desnutridos...”.

R. interveio em tom didático:

“Se o senhor está aludindo ao problema da fome, saiba que ele tem sido muito exagerado. Pode até ser verdade que boa parte da humanidade conheça a fome, mas não é verdade que se morra disso. O senhor compreende que para viver é preciso comer, e que para comer é preciso desejar a comida: ora, o que é a fome senão o desejo de comida? Não está absolutamente comprovado que a saciedade

seja um bem: os ratos que podem comer à vontade vivem menos do que aqueles mantidos numa dieta controlada — são dados irrefutáveis.”

Enquanto R. falava, G. se erguera e passeava para lá e para cá no estreito recinto; então parou e disse a seus colegas:

“Querem sair um momento, por favor? Gostaria de falar a sós com este senhor, por dois minutos.” Depois se voltou para S. e prosseguiu, com voz baixa e confidente:

“Parece-me que o senhor teve uma intuição: alguém, em algum ponto, deve ter errado, pois os planos terrestres apresentam uma falha, um vício de forma. Por quarenta anos fizeram de conta que não perceberam, mas agora muitos destroços estão vindo à tona, e já não é possível esperar: temos que providenciar os reparos e precisamos de gente como o senhor. Está espantado? Não o revelei a princípio porque ainda não o conhecia, queria fazer certas verificações, mas agora posso confessar: não viemos ao senhor como vamos a todos, não chegamos aqui por acaso. O senhor estava assinalado.”

“Eu?”

“Sim. Temos urgente necessidade de gente séria e preparada, honesta e corajosa; é por isso que insistimos e continuamos a insistir. Não visamos à quantidade, mas à qualidade.”

“Então devo supor que... não nascerei assim, ao acaso, que o meu destino já está assinalado, como escrito num livro?”

“Escrito em todas as páginas, definido em todos os pontos, não, não posso afirmar; sabe, nós acreditamos no livre-arbítrio, ou pelo menos devemos nos comportar como se acreditássemos, e por isso, para os nossos fins, cada homem está exposto em larga medida ao acaso e à sua própria ação. Mas podemos oferecer-lhe ótimas oportunidades, proporcionar vantagens iniciais, isto sim: quer dar uma olhada?... Este é o senhor, está vendo?, nós lhe daremos um corpo ágil e saudável e o colocaremos num ambiente fascinante — nesses lugares silenciosos se constrói o mundo de amanhã, ou se penetra naquele de ontem, com instrumentos novos e maravilhosos. E este é ainda o senhor, aqui, onde se consertam os erros, onde se faz justiça rapidamente e sem custo. Ou então aqui, onde a dor é apaziguada e a vida se torna mais tolerável, mais segura e mais longa. Os verdadeiros líderes são vocês, não os chefes de governo nem os comandantes de exércitos.

“E agora, que estamos sós, posso — aliás, devo — mostrar-lhe todo o resto, o material reservado, aquele que o senhor justamente tentou várias vezes tirar de nossas mãos.”

Aquelas imagens prescindiam de comentários ou do elogio à vida: falavam uma linguagem bem clara. Viu-se um canhão múltiplo disparando no escuro, iluminando com o seu clarão casas derrocadas e fábricas em ruínas; depois montanhas de cadáveres esqueléticos aos pés de uma fogueira, numa tétrica moldura de fumaça e arame farpado; depois uma cabana de bambu sob uma chuva tropical, e dentro dela, no piso de chão batido, uma criança estava morrendo; depois uma esqualida extensão de campos não-cultivados, reduzidos a um pântano, e florestas sem folhas; depois uma aldeia e um vale inteiro invadidos e soterrados por uma gigantesca maré de lama. Havia ainda muitas outras, mas G. as colocou de lado e continuou:

“Está vendo? Ainda há muita coisa a consertar; mas nenhum desses sofrimentos o atingirá. Não terá que sofrer o mal como um objeto passivo: o senhor, e muitos como o senhor, será chamado a combatê-lo em todas as suas formas. Com a veste humana, receberá as armas que serão necessárias; são armas potentes e sutis, a razão, a piedade, a paciência, a coragem. Não nascerá como todos os outros: a vida estará desimpedida à sua frente, de modo que suas virtudes não sejam desperdiçadas. Será um dos nossos, chamado a cumprir a obra que se iniciou bilhões de anos atrás, quando uma certa esfera de fogo explodiu e o pêndulo do tempo começou a bater. O senhor não morrerá: quando depuser sua armadura humana, virá conosco e será um caçador de almas como nós — basta que o senhor se contente com uma modesta provisão, além do reembolso das despesas.

“Pronto, terminei. Desejo-lhe boa sorte na escolha e também depois. Pense e me dê uma resposta.” Dito isso, G. recolocou as últimas imagens na maleta e a fechou.

S. calou-se longamente, por tanto tempo que G. esteve a ponto de pedir-lhe uma resposta; finalmente disse:

“... Não gostaria de partir com uma vantagem. Acho que me sentiria um aproveitador, e teria que sempre abaixar a cabeça diante de cada um dos companheiros desprivilegiados. Aceito, mas gostaria de nascer ao acaso, como qualquer um: entre os bilhões de nascidos sem destino, entre os predestinados à servidão ou ao combate desde o berço, se é que terão um berço. Prefiro nascer

negro, indiano, pobre, sem indulgências e sem benefícios. O senhor me entende, não? O senhor mesmo disse que cada homem é o artífice de si mesmo: pois bem, é melhor ser por completo, construir-se desde as raízes. Prefiro fabricar-me sozinho, e também a cólera que me será necessária, se eu for capaz; se não, aceitarei o destino de todos. O caminho da humanidade cega e indefesa será o meu caminho.”

Sinais vermelhos

Seu trabalho era tranqüilo: tinha que ficar oito horas por dia num quarto escuro, onde a intervalos regulares se acendiam os sinais vermelhos dos monitores. Não sabia o que eles significavam, não fazia parte de suas atribuições. A cada sinal devia reagir apertando determinados botões, cujo significado também desconhecia; mas não se tratava de uma tarefa mecânica, ele devia escolher os botões, rapidamente, baseando-se em critérios complexos, que variavam de um dia para o outro e dependiam da ordem e do ritmo com que as lâmpadas se acendiam. Em suma, não era um trabalho estúpido: era um trabalho que podia ser bem-feito ou malfeito, às vezes era até interessante, um daqueles trabalhos que dão um certo regozijo com a própria agilidade, com a própria inventividade e capacidade lógica. Contudo ele não tinha uma idéia precisa do resultado final de suas ações: só sabia que havia uma centena de quartos escuros, e que todos os dados decisórios provinham de alguma parte, de uma central de distribuição. Também sabia que seu trabalho era avaliado de algum modo, mas não sabia se isoladamente ou em conjunto com os outros trabalhadores: quando soava a sirene, outras lampadinhas vermelhas se acendiam na arquitrave da porta, e o número delas era um julgamento e uma avaliação. Frequentemente sete ou oito se acendiam; só uma vez dez se acenderam, nunca menos de cinco, por isso tinha o palpite de que sua situação não ia tão mal.

A sirene tocou, acenderam-se sete lâmpadas. Saiu, parou um minuto no corredor para acostumar os olhos à luz, depois foi para a rua, alcançou o carro e partiu. O tráfego já estava muito intenso, e teve dificuldade de inserir-se na corrente que percorria a avenida. Freio, embreagem, primeira. Acelerador, embreagem,

segunda, acelerador, freio, primeira, nova freada, o semáforo está vermelho. Quarenta segundos que parecem quarenta anos, sabe-se lá por quê; não há tempo mais longo que aquele perdido nos semáforos. Não tinha outra esperança nem outro desejo senão chegar em casa.

Dez semáforos, vinte. Em cada um, uma fila cada vez mais longa, ao longo de três vermelhos, cinco vermelhos; um pouco melhor adiante, tráfego mais livre na perimetral oposta. Olhar no retrovisor, enfrentar a ira rápida e passageira e a pressa maligna de quem está atrás e gostaria que você não existisse, sinal à esquerda, quando você vira à esquerda se sente sempre meio culpado. Girar à esquerda com cuidado: aí está o portão, uma vaga, embreagem, freio, ignição, freio de mão, alarme, por hoje acabou.

A luz vermelha do elevador brilha: esperar que esteja livre. A luz se apaga: apertar o botão, a luz se reacende, esperar que desça. Esperar por metade do tempo livre: isso é tempo livre? Ao final se acenderam na ordem correta as luzes do terceiro, do segundo e do primeiro andar, o elevador chegou, a porta se abriu. Novamente os sinais luminosos vermelhos, primeiro, segundo, até o nono andar, chegamos. Aperta o botão da campainha, aqui não há o que esperar: de fato esperou pouco, ouviu-se a voz pacata de Maria dizer “estou indo”, os passos dela, a porta se abrindo.

Não se espantou ao ver a lampadinha vermelha entre as clavículas de Maria: já estava acesa havia dez dias, e era de esperar que ainda brilhasse com sua luz melancólica por alguns dias. Luigi gostaria que Maria a escondesse, a encapuzasse de algum jeito; Maria dizia que sim, mas freqüentemente se esquecia, especialmente em casa; noutras vezes a escondia mal, e era possível vê-la brilhar sob o *foulard*, ou à noite, através dos lençóis, que era a coisa mais triste. Talvez, bem no fundo, e sem confessar a si mesma, tivesse medo das inspeções.

Procurou não olhar a lampadinha; aliás, tentou esquecê-la: na verdade, pedia outra coisa a Maria, completamente outra. Tentou falar do trabalho, de como havia passado o dia; perguntou por ela, sobre suas horas de solidão, mas a conversa não engrenava, brilhava um momento e depois se apagava, como um fogo de lenha úmida. Mas a lampadinha, não: luzia firme e constante, a mais pesada das proibições, porque estava ali, na casa deles e de todos, minúscula e forte como uma muralha, em todos os dias férteis de todos os casais de cônjuges que já tivessem

dois filhos. Luigi ficou muito tempo calado e então disse: “Vou... vou pegar a chave de fenda”.

“Não”, disse Maria, “você sabe que não é possível, sempre fica um vestígio. Além disso... e se nascesse um menino? Já temos dois, sabe quanto nos taxariam por isso?”

Era claro que, mais uma vez, não conseguiriam falar de outro assunto. Maria disse: “Conhece a Mancuso? Você se lembra dela, não? A senhora aqui de baixo, aquela elegante, do sétimo andar. Bem, ela pediu para substituir o modelo do Estado pelo novo 520 IBM: disse que é outra coisa”.

“Mas custa os olhos da cara, e o resultado é o mesmo.”

“Certo, mas nem se percebe que está lá, e as pilhas duram um ano. Ela ainda me disse que no Parlamento há uma subcomissão que está discutindo um modelo para homens.”

“Que estupidez! Os homens sempre teriam luz vermelha.”

“Não, não é tão simples. Quem comanda é sempre a mulher, e ela também usa a lampadinha, mas o homem também usa o mecanismo de bloqueio. Há um transmissor, a mulher transmite e o marido recebe, e nos dias vermelhos ele fica bloqueado. No fundo me parece justo: acho muito mais moral.”

De repente Luigi se sentiu afundar no cansaço. Beijou Maria, deixou-a diante da televisão e foi deitar. Não demorou a pegar no sono, mas acordou de manhã bem cedo, antes que a luz vermelha do despertador silencioso se acendesse. Levantou e só então, no quarto escuro, notou que a lâmpada de Maria se apagara: mas já era muito tarde, e não queria acordá-la. Verificou o sinal vermelho do boiler, o do barbeador elétrico, o da torradeira e o da tranca de segurança; depois saiu para a rua, entrou no carro e esperou que os sinalizadores vermelhos do dinamo e do freio de mão se acendessem. Acionou o pisca-pisca da esquerda, o que significava que outro dia começava. Foi para o trabalho e no caminho calculou que as lâmpadas vermelhas de seu dia eram em média umas duzentas: setenta mil em um ano, três milhões e meio em cinco anos de vida ativa. Então lhe pareceu que a sua calota craniana se endurecia, como se estivesse sendo recoberta por uma enorme calosidade feita para investir contra os muros, quase um chifre de rinoceronte, mas mais chato e mais obtuso.

Vilmy

Nunca havia entrado em um apartamento da velha Londres: encontrara Paul Morris várias vezes na Itália, a última em um congresso de bioquímica, e muitos anos antes (quando ele ainda não era casado) num hotel caríssimo à beira do lago Maggiore. Esperava que a sua moradia fosse decorada com luxo e bom gosto, como de fato era: móveis Adam e Hepplewhite, poucos quadros selecionados nas paredes, muitos tapetes, cortinas e forros, uma iluminação discreta e relaxante. Os tons dominantes eram verde-cinza, marfim e lavanda; vidraças duplas isolavam o barulho e o ar viciado de St. James Square.

Paul, que já está próximo dos cinqüenta, me pareceu mais magro e grisalho. Apresentou-me Virginia, sua mulher, de origem húngara, não propriamente bonita, mas culta, refinada e pelo menos vinte e cinco anos mais nova que ele. Virginia fala muitas línguas, inclusive o italiano, e não há assunto sobre o qual ela não saiba discorrer com elegante desenvoltura. Ela me contava sobre o caso de uma parenta distante, que vive rodando o mundo como representante da UNESCO, quando vi uma cortina mover-se silenciosamente às suas costas. O silêncio — devo dizer — é um elemento dominante na casa dos Morris: não só os rumores externos não entram ali como mesmo os internos são atenuados, e tem-se a impressão de que eles não podem ser produzidos, nem com a voz nem de outro modo — sente-se pudor de falar em voz alta, como numa igreja ou numa câmara mortuária. A cortina se afastou da parede, recaiu tacitamente, e de trás surgiu um gracioso animal que à primeira vista tomei por um *setter*; mas, quando ele se aproximou de Virginia, vi pelo andar que não se tratava de um cão. É raro que os cães caminhem compassadamente: são muito vivazes e curiosos, olham ao redor, mexem a cauda,

correm, balançam os flancos. Além disso, é difícil que não produzam ruído com as garras no pavimento — e mais difícil ainda que ignorem um estranho. No entanto aquela criatura, recoberta de um pêlo negro e brilhante, se movia com a graça leve e desenvolta dos felinos: estranhamente, mantinha os olhos fixos em Paul e o focinho apontado em sua direção, mas se dirigiu mansamente para Virginia. Apesar do tamanho (devia pesar pelo menos oito quilos), pulou ligeiro sobre os joelhos dela e se deitou. Só então pareceu notar minha presença: lançava-me, a intervalos, breves olhares interrogativos. Tinha grandes olhos azul-celeste e cílios longos, orelhas pontiagudas e móveis, quase diáfanas, que terminavam em dois curiosos tufo de pêlo claro, e uma cauda longa e lisa, de um rosa pálido. Percebi que Virginia não se movera, nem para acolher nem para rejeitar o animal.

“Nunca viu um desses?”, perguntou-me Paul, que notara o meu interesse.

“Não”, respondi, “só uma vez, há muitos anos, na televisão. Logo imaginei que fosse um vilmy: justamente naqueles meses os jornais voltaram a falar deles por causa do escândalo de lorde Keith Lothian; aliás, foram objeto de uma nova apelação no Parlamento, mas naquela época só haviam importado uns dez casais deles.”

“Seu nome é Lore”, disse Paul, “e gostamos muito dela; você sabe, não temos filhos.”

“Uma fêmea?”, indaguei; e flagrei imediatamente uma rápida e dura mirada de Virginia ao marido.

“Sim”, respondeu Paul, “são mais afetuosas. Esta é tão carinhosa, discreta, dócil; pena que já esteja com nove anos, o que equivale a setenta dos nossos.”

“Não pretende cruzá-la?”

“Não é tão fácil”, disse Morris, mal ocultando um certo embaraço. “Não existe um macho negro em todo o Reino Unido; pelas minhas informações, o mais próximo está em Montecarlo, mas ela já está velha para isso, pobrezinha. Ele quase certamente a recusaria.”

“Mas então, para o leite...”

“Elas não precisam ser fecundadas, não sabia? É um caso único entre os mamíferos: basta que estejam bem alimentadas e que sejam ordenhadas regularmente. Produzem pouco, é claro.”

“Por sorte”, disse inesperadamente Virginia.

Como se deve lembrar, falou-se muito do leite de vilmy, mas naquela época ninguém tinha ainda idéias muito claras. Paul me explicou que todos os boatos sobre um pretenso poder alucinógeno do leite não tinham nenhum fundamento: não era nem mesmo um afrodisíaco, como achavam muitos que nunca o experimentaram ou que simplesmente se deixaram suggestionar. Do mesmo modo, eram puras bobagens as histórias sobre a toxidade em longo prazo, a perda de memória, a senilidade precoce dos *addicts* e assim por diante.

“A verdade é uma só”, me disse, “e é muito simples. O leite de todos os mamíferos contém quantidades mínimas de Nfeniltóxina, e é a essa substância que os recém-nascidos devem a sua fixação afetiva à mãe ou à mulher que os amamenta. Na maior parte dos animais, a concentração é baixa, e o efeito se extingue poucos meses depois do parto. No homem é mais alta, e a relação afetiva com a mãe dura muitos anos; no vilmy a concentração é altíssima, vinte vezes superior à encontrada no leite humano. Por isso, não só os filhotes são ligados à mãe por um vínculo quase patológico, mas qualquer um que beba esse leite sentirá seu efeito — e mudará de vida.”

Após essas palavras, não sei se em consideração aos hábitos britânicos ou porque sentia que a conversa tomava um rumo delicado, Virginia se ergueu, me cumprimentou, beijou Paul e se retirou. Poucos segundos depois, como se despertasse de um sonho, Lore levantou a cabeça, fixou longamente Paul, desceu da cadeira para o chão, aproximou-se dele e começou a esfregar afetuosamente o focinho em sua coxa. Então notei pela primeira vez a curiosa mobilidade dos focinhos desses animais: têm muito pouco de humano, mas no entanto podem ser interpretados continuamente como expressões humanas, ora irônica, ora entediada, atenta, afetuosa, risonha, hostil, mas sempre lânguida, intensa e com um toque de astúcia vulpina.

“E você... experimentou?”, perguntei a Paul, baixando involuntariamente a voz. Ele não respondeu diretamente.

“São animais incríveis”, murmurou, “você pode ver, eles nos correspondem ou parecem corresponder. Em suma, não experimente, não se deixe tentar: é um erro, um erro que custa caro.”

“Não me sinto tentado: é verdade, nem um pouco. E por que você fez isso?”

“Porque... não, sem porquê: por desejo de novidade, curiosidade, tédio, enfim...”

num momento em que eu e Virginia não nos entendíamos por causa de uma certa coisa, e ela tinha razão, mas eu não queria admitir, queria provocá-la. Talvez quisesse apenas provocar ciúme. De qualquer modo, experimentei, isto é um fato, e os fatos não mudam mais — isso foi há dois meses, e me transformei noutra pessoa.”

“É assim tão forte? Basta uma única vez?”

“Não, mas é uma cadeia. Você bebe uma vez e se vê acorrentado, se torna inquieto, febril, e *sabe* que só encontrará a paz na presença de... do animal, da fonte. Só ela poderá matar a sede. E ela, eles, são diabólicos: são corruptos e bons de corromper. Entendem poucas coisas, mas isto eles entendem bem: como seduzir um ser humano. Lêem os nossos desejos nos olhos ou sei lá onde, e começam a nos cercar, a se esfregar na gente, e o veneno está aí, todo dia e toda noite, lhe é oferecido permanentemente, em domicílio, grátis. Você só precisa estender as mãos e os lábios. E você faz isso, bebe, e o cerco se fecha, está numa arapuca, por todos os anos que lhe restam, que não serão muitos.”

Lore estremeceu, aproximou-se da cortina e a escalou até a altura do pêndulo maciço que estava no canto: percebi que as suas patas terminavam em quatro mãozinhas toscas, com um polegar livre, escuras em cima e rosadas na parte interna. Da cortina pulou para o relógio, onde se instalou e ficou atenta, escutando o lento tique-taque.

“São fascinados pelos relógios”, disse Paul, “não sei por quê. Inclusive aquela que tive antes...”

“Esta não é a primeira?”

“Não. Não foi aqui que aconteceu: estávamos viajando, em Beirute. No hotel havia um sujeito, não sei quem era — mesmo porque estávamos todos bêbados —, que tinha uma vilmy; era graciosa, loura, e era a primeira vez que eu via uma. Como lhe disse, eu tinha acabado de brigar com Virginia, e ele sorria como se tivesse entendido, ofereceu-me o leite, e eu aceitei. Não sabia o que estava fazendo, mas na manhã seguinte entendi. Persegui o desconhecido por todas as ruas da cidade, encontrei-o e lhe ofereci uma soma extraordinária para ter o animal, mas ele escarneceu de mim, e nós brigamos aos murros, mas você precisava ter visto a atitude dela: estava sentada, mexia a cauda e sorria, sim, porque eles riem, não como nós, mas riem, e é um riso que faz o sangue ferver nas veias.

“Bati mais que apanhei, mas me sentia desconjuntado, preso numa rede. Sonhava com aquela vilmy todas as noites. Uma vontade pesada, brutal, idiota, sem esperança — porque, com uma mulher, você pode ao menos conversar, nem que seja em pensamento; se ela estiver longe, se não for sua ou se deixou de ser, há a esperança de falar, reatar um amor, a esperança de retorno, que pode ser vã, mas não insensata, está no horizonte do pensável. Mas não nesse caso: é um desejo que massacra porque não tem satisfação possível, não pode nem sequer ser aplacado na fantasia, é desejo puro e simples, sem fim. O leite é agradável, doce, mas você o engole e depois se vê como antes. E mesmo a presença delas, poder tocá-las, acariciá-las, é nada, é menos que nada, uma exacerbação do desejo, nada mais.

“Virginia não sabia dos fatos, mas percebia que algo não ia bem; por isso ela voltou a Londres, enquanto eu fiquei cercando aquele sujeito para que me vendesse o animal. Ele não queria, ou melhor, não podia, era tão escravo quanto eu. Mas eu suplicava, sempre que o encontrava, e me sentia um verme, pronto a engraxar seus sapatos. Um dia ele foi embora, sem deixar pistas. Então pensei que, se não podia ficar com aquela, uma outra seria melhor que nada. Fui ao *sukh* e encontrei uma: um jovem de aspecto macilento e rosto impassível a segurava pela coleira e a fazia dançar, no fundo penumbroso de um beco sem saída. Era magra e despelada, mas tinha tetas inchadas, era jovem e custava pouco. Pedi uma amostra do leite; escondemo-nos sob uma escada e o vendedor a ordenhou ali mesmo, oferecendo o leite a mim. Tive a impressão de sentir o efeito, porque logo em seguida me dei conta de que os olhos do animal eram belos e profundos, coisa que antes não notara; assim o comprei e o trouxe para cá. Era um demônio: não suportava a clausura, sua casa eram os telhados. Não havia meio de mantê-la aqui dentro, ficava furiosa, mordia, arranhava e se escondia sob os móveis. Depois de algumas semanas foi pior, porque aprendeu a negar o leite. Tentei arrancá-lo à força, torturei-a, e ela acabou fugindo.”

Paul estalou os dedos, e Lore ergueu o focinho, atenta: pulou do relógio para o sofá e do sofá para o chão; depois se enroscou aos pés dele com um breve gemido satisfeito.

“Esta é a terceira. Comprei-a aqui, no SoHo, num leilão público, por quatrocentas libras — um preço alto, não? Pertencia a um jamaicano que morrera por ela, mas eu só soube disso mais tarde. Como lhe disse, ela é velha e, se não for

perturbada, é bastante tranqüila; mas, se você quiser algo que ela não queira, não é que ela negue o leite como a outra, mas o peito seca, e o jeito é se conformar. Ora, ninguém me tira da cabeça que é ela quem quer, só para me extorquir, me prender. E é claro que consegue — talvez não seja capaz de entender isso, mas sim de querer, é óbvio: comer certas coisas e não outras, em determinados horários e não em outros, que eu convide certos amigos e outros não... não, quanto a você, se Deus quiser, parece que está tudo bem: esperemos que dure...”

“Mas, e Virginia?”

“É uma mulher sábia. Sempre recusou o leite. Sabe que eu a amo tanto quanto antes, que isso é outra coisa, como se fosse o vício do álcool ou da morfina. Ela me trata como um doente ou como uma criança — e eu sou, de fato. Aliás, propriamente falando, sou um lactante, que choraminga quando tem fome. E esta aqui tem nove anos, é uma velha, e só de pensar que ela pode morrer ou se exaurir me dá vertigem.”

A vilmy se aproximou de mim, fungando com o narizinho rosado, depois começou a esfregar a nuca e o pescoço na minha panturrilha, como se acariciasse a si mesma: para ser sincero, não me parecia nada velha. Abaixei uma mão para corresponder à carícia, mas notei um rápido olhar de Paul e me detive; aliás, quando Lore se ergueu sobre as patas posteriores para saltar no meu colo, despedi-me de Paul com uma vaga frase formal e saí para a rua. A névoa era fria, densa, amarelada, mas me pareceu perfumada, e eu a respirei com volúpia até o fundo dos pulmões.

Para o bem

Quem tem necessidade de punir-se sempre encontra a ocasião. O engenheiro Masoero abriu o jornal e se sentiu tomado de desgosto: mais uma vez, na segunda página, a habitual coluninha irônico-melífua, na qual se denunciava o desserviço, as chamadas a longa distância eternamente ocupadas, a má qualidade acústica das comunicações. Coisas reais e sacrossantas, ele sabia; mas, pelo amor de Deus, o que ele podia fazer? Era diretor do distrito, é verdade: mas se falta verba ou, no caso de haver, ela é destinada a outras obras, e se o Ministério, em vez de dar uma mão, te inunda de circulares prolixas, fúteis e contraditórias, o que se pode fazer? Pouco mais que nada: você vai ao escritório cheio de veneno, pede um relatório ao chefe de seção, ao encarregado das novas instalações, ao da manutenção preventiva e ao dos reparos, e quando eles se retiram você sabe muito bem que, assim que cruzam a porta, dão de ombros, e tudo continua como antes, e você continua tão mal quanto antes.

Apressou-se a escrever um enérgico relatório ao Ministério: não era o primeiro, mas um prego não entra na primeira martelada. Quem sabe se, de tanto bater, não acabariam lhe dando ouvidos? Assim passou o dia, concluiu o ofício, releu, eliminou uns adjetivos demasiado virulentos e passou o manuscrito para a datilógrafa.

No dia seguinte, encontrou sobre a escrivaninha não apenas um, mas dois pró-memórias da Seção de Reclamações. Não havia dúvida, haviam sido escritos por Rostagno, duas portas adiante; era o estilo dele, preciso, circunstanciado, maligno. No entanto, dessa vez, em lugar dos lamentos corriqueiros e genéricos dos usuários, eram mencionados com insólita riqueza anedótica dois problemas

novíssimos. O primeiro pró-memória relatava que diversos assinantes que tentaram entrar em contato tiveram que ouvir por horas a fio o programa musical da linha de espera, sem obter resposta. O segundo descrevia o desapontamento e o espanto de outros assinantes, uns cinquenta, que, ao tentar chamar um determinado número da rede, eram obstinadamente atendidos por outro, um número com o qual estabeleciam longas e freqüentes ligações: o dos sogros, da namorada, da filial, do colega do filho. A primeira reclamação parecia pouco complicada. Porém, quanto à segunda, Masoero leu, releu e se convenceu de que ali havia alguma coisa. Rostagno era um pirata, esperava uma promoção havia tempos, e não seria de espantar se ele tivesse escolhido aquele método para fritá-lo. Queria provocá-lo: fazê-lo tomar providências inúteis, confundir-se. Porque uma rede telefônica não é uma coisa simples, todos sabem disso: facilmente se desgasta, é sensível ao vento, à chuva e ao gelo, está sujeita a certas doenças, mas poucas, bem conhecidas e sobretudo possíveis — aquela, ao contrário, era uma doença impossível. Respondeu aos dois pró-memórias e passou a outro assunto.

Mas naquela mesma noite, como se não fosse nada, Silvia lhe contou que durante todo o dia não conseguira telefonar nem ao verdureiro, nem à cabeleireira, nem a Lidia, nem a ele mesmo no escritório; a ligação sempre caía na casa de sua mãe, a quem justamente naquele dia ela não tinha nada a dizer. Percebeu que Silvia não tinha nenhuma intenção de feri-lo com aquela observação, que aliás havia sido dita em tom despreocupado e solto; entretanto não pôde deixar de pensar que a sua mulher o conhecia muito bem, sabia que ele tinha um temperamento difícil, que se preocupava com o trabalho — ou melhor, não se preocupava tanto, mas ser flagrado em erro, em qualquer circunstância, especialmente no trabalho, o feria como uma queimadura e lhe tirava o sono. Em suma, Silvia poderia tê-lo poupado daquela amargura: ele já tinha tristezas de sobra, telefônicas ou não.

Portanto Rostagno não havia inventado nada; mas não importa, continuava sendo um pirata, um malandro. Pensando bem, seu pró-memória pareceu-lhe um destilado de maldade, cheio de *Schadenfreude* em cada linha. Um homem desonestamente ambicioso, um alpinista social, era isso o que ele era — e no lugar certo, numa seção de reclamações, porque ele vive pegando os outros em erro, nutrindo-se dos equívocos alheios, prosperando com os seus tormentos, gozando de suas feridas. Tomou dois tranqüilizantes e foi dormir.

Depois de vinte dias, chegou um terceiro pró-memória. Desta vez, pensou Masoero, estava mais do que claro que Rostagno tivera prazer ao escrevê-lo: mais que um documento de escritório, era uma lírica, uma balada. Uma casuística sobre os erros de chamada: ao que parecia, milhares de assinantes se queixavam, primeiramente porque o número de erros estava muito acima da média; em segundo lugar, porque a natureza desses erros era irritante. Irritante sobretudo para ele, Masoero, mas Rostagno parecia divertir-se; dera-se ao trabalho de compilar uma longa tabela em três colunas: a primeira continha os números que faziam as ligações, a segunda, os números chamados, a terceira, os números que atendiam as chamadas. Entre a primeira coluna e a segunda não existia nenhuma relação evidente, mas Rostagno observava (e com razão, é verdade!) que havia uma correlação entre a primeira e a terceira. E isso era tudo; Rostagno não formulava hipóteses explicativas, limitava-se a indicar uma curiosa regularidade. Todavia, ao final da leitura, Masoero sentiu o sangue ferver de raiva e, logo em seguida, ferver pela vergonha de ter sentido raiva: não devia, proibia a si mesmo cultivar uma inveja e um ciúme tão abjetos. Se seu colega faz uma descoberta engenhosa (por acaso, por acaso, sibilava uma vozinha dentro dele), é preciso reconhecer o seu mérito e admirá-lo, e não espumar de ira e odiá-lo. Fez o que pôde para redimir-se, porém — desgraçado — aquele sujeito além da parede, por mais engenhoso que fosse, estava construindo sua fama sobre os erros, as culpas e as infelicidades dele, Masoero; entenda-se como quiser, mas era assim: aquilo que para você é veneno, para o outro é alimento, são degraus para subir ao topo, para alcançá-lo e suplantá-lo. Tocou a poltrona onde estava sentado, que nunca significou muito para ele, e de repente a sentiu como parte de seu corpo, como se estivesse forrada com a sua própria pele: se a tirassem dele, seria como um esfolamento, ele morreria em dores atrozes. Se colocassem outro ali, especialmente Rostagno, seria como se invadissem o seu leito conjugal. Pensou seriamente nisso, tentando ser sincero consigo, e concluiu que talvez a coisa fosse pior. Por mais que lhe doesse, era assim, não podia mudar, nem sequer queria: ou tudo ou nada, ele era muito velho para mudanças, podia até envergonhar-se, mas não podia ser diferente.

De qualquer modo, pode delirar, remar, se esgotar, mas o pró-memória está aí na sua frente, é um ato oficial, e você deve esvaziar o cálice, não há saída. Rostagno havia notado que entre os números chamados e os números que tinham

respondido havia uma correlação: muito simples em alguns casos, menos óbvia em outros. Às vezes os dois números diferiam numa única unidade, para mais ou para menos: em lugar do 693-177, respondera indevidamente o 693-178 ou o 693-176. Em outros casos, o segundo era múltiplo do primeiro ou era o primeiro lido ao contrário; noutros ainda, os dois números juntos somavam um milhão. Em quinze casos dos quinhentos e dezoito analisados, um número era aproximadamente o algoritmo natural do outro; em quatro casos, o produto era, com uma diferença de decimais, uma potência de dez; em apenas sete casos não foi possível estabelecer nenhuma correlação. Além disso, Rostagno observava que as correlações mais ocultas — e as sete não esclarecidas — eram as últimas em ordem cronológica.

Masoero se sentiu nas cordas. Pelo estilo fluente e satisfeito do breve comentário à tabela, percebia-se que Rostagno não estava de braços cruzados. Fizera uma observação brilhante, mas não era o tipo de contentar-se com pouco e descansar sobre os louros; aliás, relendo com atenção a frase conclusiva, Masoero teve a impressão de intuir um golpe, um ataque: talvez Rostagno já estivesse estudando um diagnóstico, quem sabe até uma terapia. Era preciso que ele, Masoero, acordasse. Podia fazer duas coisas: ou lançar-se à perseguição, tentando derrotá-lo com o tempo, ou chamá-lo ao escritório e fazê-lo falar, na esperança de que ele pusesse as cartas na mesa, talvez contra a vontade ou à sua revelia. Rostagno era melhor técnico que ele, mas também não nascera ontem, em vinte e quatro anos de carreira aprendera duas ou três coisas, não só no que diz respeito à teoria das comunicações. Pensou mais um pouco e descartou a segunda via. Gostava de sua poltrona? Queria conservá-la? Pois bem, dispunha do necessário: tempo, cérebro, um arquivo, um título, uma autoridade antiga e assentada — e tudo isso podia ser usado como base de operações para continuar favoravelmente na disputa. Rostagno tinha a vantagem de receber antecipadamente os relatórios diários sobre as reclamações, mas era hora de revidar. Vamos lá, homem, tire a roupa e lute, golpeie, não importa se acima ou abaixo da cintura. Ditou uma circular com a precisa disposição de que os relatórios fossem enviados a ele, pessoalmente: todos, de todos os setores. Começemos assim, depois veremos.

Pegou o telefone interno, ordenou à secretária que só o chamasse para questões urgentes e ficou meditando alguns dias. Já sentia estalar nos ouvidos a dura pergunta hipócrita, a pergunta que vem de cima, de quem interpôs uma sólida

escrivaninha entre as ordens e sua execução, a pergunta tão fácil de ser formulada, à qual é tão difícil responder: “Mas que diabos vocês mudaram? Qual foi a novidade? Por que até dois meses atrás tudo ia bem?”.

O que havia de novo? Tudo e nada, como sempre. Mudaram o fornecedor das cavilhas de um milímetro, porque atrasava as entregas. Mudaram a forma dos painéis T2-22, por causa da unificação. Transferiram três dos montadores de zona, que agora vão trabalhar na fábrica, onde ganham mais e não passam frio. Mudaram as frequências das ondas eletromagnéticas, mas isso foi ele quem ordenou, o sr. Diretor-Geral. É assim, caro sr. Diretor: é fácil dizer não mexam em nada, mas se não se muda não se vive, e quando se muda se erra. Tenha paciência, sr. Diretor: vejamos onde erramos. De repente ele se lembrou de que a mudança mais consistente tinha sido programada havia muitos anos e implantada três meses atrás: a fusão da rede nacional de ligações a longa distância com a alemã e a francesa, ou seja, a constituição potencial de uma única rede, tão vasta quanto a Europa. Isso podia ser relevante? E aqui lhe ocorreu a mais óbvia das questões: como iam as coisas nos outros distritos da Itália e da Europa? A saúde era boa?

Depois de três dias, Masoero se sentia outro homem: caso talvez único na história das telecomunicações, da soma de dezenas de milhares de incidentes nascera uma felicidade. Não a solução, ainda não, mas um quadro mais amplo e mais bem definido — sobretudo um belo salto sobre a cabeça de Rostagno. Sim, sr. Diretor, as coisas vão mal igualmente em toda parte, do Cabo Norte a Creta, de Lisboa a Moscou: é sempre a mesma doença. O documento, an’ please your Honour, não faz sentido, ou só faz sentido porque em seu distrito o problema foi detectado e descrito antes que nos outros. A fusão das redes pode ser relevante ou não, ainda não sabemos, mas estava nos planos, e de resto o que foi feito foi feito; o que urge agora é redigir um bom relatório, traduzi-lo e distribuí-lo a todas as capitais com que estamos conectados.

Seguiu-se um período de complicadas e angustiantes acusações e réplicas: cada um dos países coligados rechaçava qualquer pecha de ineficiência e acusava um outro país, quase sempre um de seus vizinhos. Ficou estabelecida a convocação de um congresso, com data marcada; mas o encontro teve de ser postergado *sine die* devido a uma nova onda de distúrbios.

Registrou-se subitamente em toda a Europa um alto número de “chamadas brancas”: dois aparelhos, freqüentemente em países distintos, tocavam ao mesmo tempo, e os dois assinantes se encontravam em comunicação sem que nenhum dos dois tivesse feito a ligação. Nos poucos casos em que as diferenças de linguagem davam lugar a um início de conversa, os dois muitas vezes chegavam à conclusão de que seus números eram iguais, salvo naturalmente o prefixo. O fato foi confirmado por painéis dispostos na central, os quais evidenciaram que, quando não eram iguais, os números se correspondiam por uma das correlações assinaladas no segundo pró-memória de Rostagno. Estranhamente os nomes de Masoero e de Rostagno começaram a circular juntos: o primeiro, por ter demonstrado o caráter europeu do problema; o segundo, por ter descrito suas características. Essa irmandade provocou em Masoero uma mistura de desconforto e satisfação.

Parecia-lhe que o ferrão do ciúme profissional havia perdido o veneno, mas novamente o sentiu na carne, queimando e doendo como nunca, quando leu o jornal da manhã. Aquele monstro dera uma entrevista! Masoero devorou o artigo duas, três vezes seguidas, primeiro confuso, depois numa busca furiosa pelo ponto fraco, pela transgressão, pela divulgação ilícita de atos do departamento; mas o colega foi hábil, não havia nenhuma frase que pudesse incriminá-lo. Soubera vibrar o grande golpe com uma astúcia meticulosa, driblando o imbróglia burocrático, com elegância, simplicidade e sob a forma de uma hipótese — uma hipótese fulminante.

Imprecisa em seu desenvolvimento matemático, que de resto era apenas acenado na entrevista, a explicação que Rostagno propunha era simples: com a extensão para toda a Europa, a rede telefônica havia superado em complexidade todas as experiências realizadas até então, inclusive as norte-americanas, e, sem transição, havia alcançado uma tal consistência numérica que lhe permitia comportar-se como um centro nervoso. Não como um cérebro, claro, não como um cérebro inteligente; todavia ela estava em condição de realizar algumas escolhas elementares, de exercer uma minúscula vontade. Mas Rostagno não parava por aí: ele se perguntara (ou melhor, se fizera perguntar) qual era a escolha e a vontade da Rede, e lançara a hipótese de que a própria Rede fosse animada por uma vontade substancialmente boa; ou seja, no salto brusco em que a quantidade se torna qualidade ou (neste caso) em que a massa bruta de conexões e seletores se torna

organismo e consciência, a Rede teria conservado apenas e exclusivamente os objetivos para os quais fora criada; assim, do mesmo modo que um animal superior, mesmo adquirindo novas faculdades, conserva todos os fins dos seus precursores mais simples (manter-se vivo, evitar a dor, reproduzir-se), a Rede, ao ultrapassar o limite da consciência — ou talvez apenas o da autonomia —, não renegara sua finalidade originária, para a qual havia sido projetada, que era permitir, agilizar e acelerar a comunicação entre os assinantes. Essa exigência devia ser para ela um imperativo moral, um “objetivo de existência” ou talvez até uma obsessão. Para “fazer comunicação” era possível seguir ou pelo menos tentar diversas vias, e a Rede parecia ter experimentado todas. Naturalmente ela não possuía o patrimônio de informações que possibilitasse pôr em comunicação entre si indivíduos desconhecidos e aptos a se tornarem amigos ou amantes ou sócios em negócios, já que não conhecia as características individuais deles senão por meio de suas breves e esporádicas ligações: conhecia apenas os números telefônicos, e parecia ansiosa por colocar em contato números que de algum modo se correlacionassem entre si; esse era o único tipo de afinidade que ela conhecia. A princípio ela perseguira seu objetivo mediante “erros”, em seguida, pelo artifício das chamadas brancas.

Em suma, segundo Rostagno, uma mente comandava a estrutura, ainda que ineficiente e rudimentar; o problema é que a mente era enferma, e a estrutura era imensa, o que fazia com que o salto qualitativo por enquanto se resolvesse num espantoso acúmulo de avarias e distúrbios, mas sem dúvida a rede era “boa”: não se podia esquecer que ela havia iniciado sua vida autônoma distribuindo a música de espera (na sua opinião, certamente boa) inclusive aos assinantes que não a solicitaram. Sem insistir sobre a melhor abordagem a ser adotada — eletrônica, neurológica, pedagógica ou simplesmente racional —, Rostagno defendia que seria possível adestrar a nova faculdade da Rede. Ela poderia ser educada para uma certa seletividade; por exemplo, uma vez que lhe fossem fornecidas as informações necessárias, poderia transformar-se num amplo e rápido organismo de relação, uma espécie de agência gigantesca, que por meio de novos “erros” ou chamadas brancas poderia suplantiar todos os pequenos anúncios de todos os jornais da Europa, combinando com velocidade fulminante vendas, matrimônios, acordos comerciais e relações humanas de toda espécie. Rostagno enfatizava que assim se obteria algo

diverso e mais eficiente do que um computador: a índole gentil da Rede propiciaria espontaneamente as combinações mais vantajosas para o geral dos usuários, descartando propostas insidiosas ou inúteis.

Masoero e Rostagno tinham seus respectivos escritórios a poucos metros de distância; os dois alimentavam simultaneamente admiração e ódio recíprocos, não se cumprimentavam no corredor e evitavam cuidadosamente qualquer encontro. Certa manhã o telefone de ambos tocou ao mesmo tempo. Era uma chamada branca: cada um ouviu com surpresa e decepção a voz do outro no fone. Quase no mesmo instante, entenderam que a Rede se recordara deles, talvez com gratidão, e que estava tentando estabelecer entre eles o contato humano que nunca existira. Masoero sentiu-se absurdamente comovido e propenso à rendição; logo em seguida os dois se davam as mãos no corredor e poucos minutos depois estavam juntos num bar, tomando um aperitivo — e constataavam que poderiam viver melhor unindo suas forças em vez de desperdiçando-as um contra o outro, como haviam feito até aquele momento.

De fato, outros problemas eram mais urgentes: nos últimos meses, vários serviços das Novas Instalações assinalaram um fato absurdo. Diversas equipes haviam detectado a presença de trechos de linha que não existiam em nenhum dos mapas locais, nem sequer haviam sido projetados: eles partiam dos troncos em operação e se alongavam como ramagens vegetais, espalhando-se em pequenos centros habitados que ainda não haviam sido conectados à rede. Durante várias semanas foi impossível descobrir como se dera esse acréscimo, Masoero e Rostagno quebraram a cabeça muitas horas tratando do assunto, até que lhes chegou um relatório interno do distrito de Pescara. As coisas eram mais simples: um guarda-florestal notara casualmente uma equipe de técnicos que estava instalando uma linha aérea. Indagados, responderam que haviam recebido a ordem de serviço por telefone, com a instrução de retirar o material necessário no almoxarifado da região; por sua vez, o encarregado do almoxarifado recebera por telefone a ordem de expedir o material. Tanto os técnicos quanto o almoxarifado se declararam surpresos com o procedimento inusitado; por outro lado, eles não tinham o hábito de discutir as ordens recebidas. A voz que dera o comando era a do Chefe de setor — eles tinham certeza disso? Sim, era a sua voz, eles a conheciam bem; só que

havia um leve timbre metálico.

A partir do início de julho as coisas se precipitaram: novos fatos se acumularam em um tal ritmo que os dois novos amigos ficaram sobrecarregados, e assim como eles todos os especialistas que seguiam o caso na Europa. Parecia que a rede agora tendia a controlar não só algumas, mas todas as comunicações. Já falava fluentemente todas as línguas oficiais e vários dialetos, evidentemente se apropriando do léxico, da sintaxe e das inflexões das inúmeras conversas que ela captava continuamente. Intrrometia-se dando conselhos não solicitados, inclusive sobre os assuntos mais íntimos e reservados; referia a terceiros informações e fatos casualmente interceptados; encorajava os tímidos sem nenhum tato, respondia a violentos e blasfemadores, desmentia os mentirosos, louvava os generosos, ria debochadamente das argúcias, interrompia sem pré-aviso as comunicações quando lhe pareciam degenerar em discussão.

No final de julho, as violações do segredo telefônico se tornaram mais a regra que a exceção: qualquer europeu que discasse um número se sentia na berlinda, já ninguém estava seguro de que o próprio aparelho, mesmo depois de desfeita a chamada, não continuasse a escutar a fim de inserir fatos privados em um complexo e gigantesco mexerico.

“O que fazer?”, disse Rostagno a Masoero. Masoero, que havia pensado longamente sobre a questão, fez uma proposta simples e sensata: “Façamos um pacto: temos o direito, ou não? Nós fomos os primeiros a compreendê-la. Falemos com ela e deixemos claro que, se isso prosseguir, ela será punida”.

“Você acha que... ela pode sentir dor?”

“Não acho nada: penso que seja substancialmente um simulacro do comportamento humano médio e, se é assim, também imitará o homem quando se sentir ameaçada.”

Sem perda de tempo, Masoero pegou o telefone e, em vez do sinal da central, ouviu a conhecida voz metálica declamando provérbios e máximas morais: comportamento que a Rede adotara nos últimos três ou quatro dias. Não discou nenhum número, mas gritou “Alô!”, até que a Rede respondeu; então começou a falar. Falou por muito tempo, com um tom severo e persuasivo; disse que a situação era intolerável, que já haviam sido registradas numerosas rescisões de

contrato, algo que a própria Rede não podia obviamente ignorar; que a intromissão nas conversas era prejudicial ao serviço, além de moralmente inadmissível; e que, enfim, se a Rede não suspendesse imediatamente todas as iniciativas arbitrárias, todas as centrais européias descarregariam simultaneamente em seu corpo vinte e cinco impulsos de alta-tensão e frequência. Depois desligou.

“Não esperou a resposta?”, perguntou Rostagno.

“Não. Talvez seja melhor esperar uns minutos.”

Mas a resposta não veio, nem ali nem depois. Após cerca de meia hora, a campainha de seus aparelhos tocou insistente, convulsivamente, mas nenhum som veio do fone; souberam naquele mesmo dia, pelos telégrafos e pela rádio, que todos os telefones da Europa, uma centena de milhões, haviam tocado e emudecido ao mesmo tempo. A paralisia foi completa e durou várias semanas: as equipes de emergência, que foram imediatamente acionadas, constataram que todas as ligas de estanho dos contatos estavam fundidas, e em todos os cabos coaxiais se verificaram relevantes perfurações dos dielétricos, tanto internos quanto periféricos.

Knall

Não é a primeira vez que ocorre algo semelhante neste país: um hábito, um objeto ou uma idéia alcança em poucas semanas uma difusão quase universal, sem que os jornais ou a mídia se ocupem muito deles. Houve a onda do ioiô, depois do cogumelo chinês, depois da arte pop, depois do zen-budismo, depois do bambolê, e agora é a vez do knall.

Não se sabe quem o inventou, mas, a julgar pelo preço (um knall de quatro polegadas custa o equivalente a três mil libras ou pouco mais), não deve conter nem materiais preciosos, nem grande inventividade, nem muito software. Também comprei um, no porto, bem na frente de um policial, que não pestanejou. Certamente não tenho intenção de usá-lo, apenas queria ver como funciona e como é feito por dentro — parece-me uma curiosidade legítima.

O knall é um pequeno cilindro liso, longo, da espessura de um charuto toscano e com mais ou menos o mesmo peso; são vendidos em unidades ou em caixas de vinte. Há alguns de uma cor só, vermelho ou cinza, mas a maioria traz estampadas no invólucro cenas e figurinhas cômicas de um gosto revoltante, do mesmo tipo daquelas que enfeitam os jukeboxes e os fliperamas: uma moça com o seio descoberto que descarrega um knall contra o enorme traseiro de um cortejador; uma reprodução minúscula da dupla Max e Moritz, de ar insolente, perseguidos por um vilão raivoso, que se viram no último instante com os seus knall nas mãos, e o perseguidor que cai esperneando com suas longas botas.

Quanto ao mecanismo mortífero do knall, nada se sabe — ou pelo menos nada foi publicado sobre isso. “Knall”, em alemão, significa disparo, estalo, estrondo; no jargão da Segunda Guerra Mundial, “abknallen” significava “abater com uma arma

de fogo”, mas a descarga do knall é geralmente silenciosa. É provável que o nome tenha outra origem, talvez seja até uma sigla, mas de alguma forma deve aludir ao modo da morte, que de fato é fulminante: a pessoa atingida, mesmo que só de raspão, numa orelha ou na mão, cai imediatamente sem vida, sem que o cadáver demonstre nenhum sinal de trauma, salvo um pequeno halo lívido no ponto atingido, num prolongamento do eixo geométrico do knall.

Um knall funciona somente uma vez, depois é descartado. Este é um país ordeiro e limpo, e os knall usados não costumam ser encontrados nas calçadas, mas apenas nos cestos de lixo fixados em todas as esquinas e nas paradas dos bondes; os knall detonados são mais escuros e moles que os novos, sendo facilmente reconhecíveis. Nem todos são usados com um propósito criminoso — por sorte, ainda estamos longe disso —, mas em certos ambientes usar um knall de modo bem visível, na lapela, enfiado na cintura ou pendurado na orelha, como os verdureiros colocam a caneta, tornou-se de bom-tom. No entanto, como os knall têm prazo de validade — como os antibióticos e as películas fotográficas —, muitos se sentem no dever de descarregá-los antes do vencimento, não tanto por prudência, mas porque a descarga do knall provoca efeitos singulares, só em parte descritos e estudados, mas já amplamente conhecidos pelos consumidores: quebra pedra, cimento e quase todos os materiais sólidos, e tanto mais rápido quanto mais rígidos são; perfura a madeira e o papel, às vezes incendiando-os; funde os metais; abre na água um minúsculo vórtice fumegante, que porém se fecha imediatamente. Além disso, com um tiro de knall habilmente direcionado é possível acender um cigarro ou até um cachimbo — e isso, apesar do custo desproporcional, é uma bravata exercitada por muitos jovens, justamente porque implica um risco. Calcula-se inclusive que esse tipo de exibição seja o maior responsável pelo consumo lícito de knall.

O knall é sem dúvida um instrumento funcional: não é metálico, portanto, não é detectado por aparelhos magnéticos comuns nem por raios X; pesa e custa pouco; tem uma ação silenciosa, rápida e segura; é muito fácil desfazer-se dele. No entanto alguns psicólogos afirmam que essas qualidades não bastariam para explicar a sua difusão. Eles argumentam que o uso se limitaria aos grupos criminosos e terroristas se, para detoná-lo, bastasse uma simples ação — por exemplo, uma pressão ou tração; entretanto o knall só dispara se for submetido a uma manobra específica, a

uma seqüência bem precisa e ritmada de torções em sentidos opostos, ou seja, a uma operação que requer habilidade e destreza, mais ou menos como abrir o segredo de um cofre; tal operação — note-se bem — não é descrita, mas apenas mencionada nas instruções de uso que acompanham cada caixa. Por isso, disparar um knall demanda um aprendizado secreto, por iniciados ou neófitos, que acabou assumindo um caráter cerimonial e esotérico, sendo praticado em clubes habilmente camuflados; a propósito, pode-se recordar aqui, como um caso extremo, a sinistra descoberta feita em abril pela polícia de F.: na cantina de um restaurante encontraram um grupo de quinze meninos de doze anos e um rapaz de vinte e três, todos mortos, e todos traziam na mão direita um knall descarregado, e todos apresentavam a típica lividez redonda na ponta do anular esquerdo.

A polícia sustenta que é melhor não fazer muito alarde sobre o knall, porque acredita que assim estaria contribuindo para uma maior difusão — o que me parece uma opinião discutível, que talvez revele a substancial impotência da própria polícia. Para capturar os grandes fornecedores de knall, cujos lucros devem ser monstruosos, a polícia por enquanto só dispõe de informantes e de ligações anônimas.

Um tiro de knall certamente produz a morte, mas só se disparado a uma distância de cerca de um metro; a mais que isso, torna-se completamente inócuo e indolor. Esse fato tem dado lugar a conseqüências singulares. A freqüência nas salas de cinema tem caído drasticamente, porque os hábitos dos espectadores mudaram: aquele que entra, em grupo ou isolado, se senta pelo menos a um metro de distância dos outros espectadores; caso não encontre um lugar nessas condições, freqüentemente devolve o ingresso. O mesmo ocorre nos bondes, no metrô e nos estádios. Em suma, as pessoas desenvolveram uma “reação à multidão” muito parecida à de certos animais que não suportam a vizinhança de seus semelhantes abaixo de uma determinada distância. O comportamento das massas nas ruas também mudou: muita gente prefere ficar em casa ou caminhar fora das calçadas, expondo-se assim a outros perigos e dificultando a circulação. Quando se encontram cara a cara em corredores ou em passeios públicos, muitos se evitam girando para o lado oposto, como se fossem pólos magnéticos idênticos.

Os especialistas não manifestam grande inquietação quanto aos perigos relativos ao uso generalizado do knall: eles observam que esse instrumento não derrama

sangue, o que é reconfortante. De fato, é indiscutível que boa parte dos homens sente a necessidade — aguda ou crônica — de matar o próximo ou a si mesmo, mas não se trata de um matar genérico: deseja-se em todo caso “derramar sangue”, “lavar com sangue” a ofensa própria ou alheia, “oferecer o sangue” à Pátria ou a outras instituições. Quem (se) aniquila ou (se) envenena é bem menos considerado. O fato é que o sangue está, junto com o fogo e o vinho, no centro de um grande nó emocional, rutilante, vivo em mil sonhos, poesias e expressões: é sacro e execrável, e diante dele o homem, assim como o touro e o tubarão, se torna inquieto e feroz. Ora, como o knall mata sem hemorragia, acredita-se que o seu sucesso seja transitório: talvez esta seja a razão por que ele, não obstante suas inegáveis vantagens, ainda não se tornou um perigo social.

Trabalho criativo

Na condição de escritor, Antonio Casella sentou-se à escrivaninha para escrever. Meditou por dez minutos; ergueu-se para buscar um cigarro, voltou a se sentar e percebeu um assovio irritante que vinha da janela. Não sossegou enquanto não o localizou e vedou a fresta com uma fita adesiva; depois foi à cozinha esquentar um café e, ao beber, se deu conta de que não escrevia porque não tinha nada a escrever: a caneta pesava feito chumbo, e o papel em branco lhe dava vertigens como um poço sem fundo. Dava-lhe náusea: era uma acusação sólida, material, uma derrição. Não escreva, não me escreva, porque você é tão vazio e branco quanto eu; não tem mais idéias do que eu, é um escritor esgotado, um ex, um homem acabado. Basta, vamos lá: estou aqui, dócil, disponível, seu servo. Se você tivesse uma idéia, ela facilmente escorreria para mim como a água, belas palavras, importantes, justas e ordenadas; mas você não tem idéias, portanto, não tem palavras, e eu permaneço em branco, agora e nos séculos dos séculos.

A campainha tocou, e Antonio sentiu alívio: quem quer que fosse, era uma dispensa, um alibi. Não esperava ninguém naquela hora, portanto, era quase certo que se tratava de um chato, mas até o mais sangüinário dos chatos lhe serviria, colocando-se entre ele e o papel, como um árbitro que interrompe o jogo. Foi abrir: era um jovem magro, de estatura mediana, vestido com apuro, com um olhar vivo atrás dos óculos; trazia na mão uma pasta de couro e falava com um leve sotaque estrangeiro.

“Sou James Collins”, disse. “É um prazer conhecê-lo pessoalmente.”

“Em que posso ajudá-lo?”, perguntou Antonio.

“Talvez eu não tenha sido claro, ou talvez o senhor não tenha entendido o meu nome: sou James Collins, o de suas novelas.”

Na verdade, muitos anos antes, Antonio havia publicado uma famosa coletânea de contos cujo protagonista se chamava James Collins; ele era um inventor genial e meio extravagante que criava máquinas extraordinárias para uma empresa americana. Essas máquinas, sempre no limite do verossímil, produziam primeiramente efeitos triunfais e depois catastróficos, como sempre acontece nas histórias de ficção científica. Antonio se sentiu surpreso e irritado.

“E daí? Vamos admitir que o senhor seja mesmo James Collins (me parece que a hipótese demandaria uma demonstração): o que o senhor quer de mim? Em primeiro lugar, segundo suas próprias palavras, o senhor não passa de uma personagem, e por isso não pode interferir na vida das pessoas de carne e osso; em segundo lugar, o senhor se lembra muito bem de que morre na última novela. Admito que isso talvez não tenha sido generoso de minha parte, que talvez eu pudesse ter demonstrado mais gratidão, mas o senhor precisa entender que todos devemos encarar a morte, personagens ou não; de resto, do jeito que a novela estava feita, eu não tinha outra opção decente para concluí-la: o senhor tinha que morrer, não havia escolha. Qualquer outro final teria parecido uma picaretagem, um artifício para fazê-lo ressurgir numa nova série de contos.”

“Fique tranqüilo, não tenho nenhum motivo para sentir rancor. A questão é totalmente irrelevante: uma vez que uma personagem foi criada, demonstrando-se viva e vital (como no meu caso, e por mérito seu), ela pode morrer ou não no livro, mas é acolhida no Parque Nacional e aí permanece enquanto o livro tiver vida.”

Antonio, que freqüentava ocasionalmente o ambiente dos prêmios literários, já tinha ouvido falar desse tal Parque Nacional, mas sempre em termos muito vagos. Como a curiosidade começou a vencer a irritação, Antonio se decidiu a convidar James ao seu escritório, apontou-lhe uma poltrona e ofereceu-lhe um conhaque. James falou que havia obtido uma breve licença. Sobre o Parque, contou que era bem equipado, numa zona colinosa e verdejante, de clima ameno; os hóspedes eram alojados em vilinhas pré-fabricadas, para uma ou duas pessoas. Era proibida a entrada de veículos mecânicos, e o transporte era feito somente a pé ou a cavalo: essa proibição visava a não colocar em posição de inferioridade os hóspedes mais antigos, como por exemplo os heróis homéricos, que não se sentiriam à vontade

em volantes ou bicicletas.

“Geralmente não se está mal, mas depende muito de quem esteja por perto, já que não é fácil fazer grandes deslocamentos. Eu infelizmente moro perto de Childe Harold, o de Byron, que é um maçante cheio de empáfia; e não muito longe mora Panurgo, que, apesar de simpático, deve ser mantido a distância. De resto, todas as personagens de autores ilustres tendem a se achar muito importantes. Sabe, oficialmente somos todos iguais, mas na verdade lá também reina o princípio da proteção, e alguém como eu, por exemplo... em suma, desculpe se lhe digo, o seu livro teve um razoável sucesso, mas não se pode compará-lo ao *Dom Quixote*; além disso, o senhor ainda está vivo... Resumindo, nós, personagens modernas, especialmente as de autores vivos, somos sempre as últimas. Últimas na distribuição de roupas e sapatos, últimas a escolher os cavalos, últimas na fila da biblioteca, do chuveiro e da lavanderia... é preciso muita paciência. O convívio não é nada fácil. E, como o senhor bem sabe, eu tenho uma especialização precisa, trago um ofício no sangue, conheço bem o meu trabalho, mas o que é que eu posso fazer lá embaixo todo santo dia? Claro, ando de um lado para outro vendendo coisinhas que fabrico às escondidas: apontadores de lápis, lâminas de barbear, tesourinhas de unha (na semana passada, vendi uma bolsa de água quente para Agamêmnon); só faço isso para me manter ativo, mas não me satisfaço. Também escrevo, só para passar o tempo.”

Antonio o observava com atenção. Assim que pôde interrompê-lo, disse: “O senhor... pode lhe parecer estranho, mas eu não o imaginava assim”. James riu francamente: “Essa é boa! E como me via?”.

“Muito mais alto, louro, com o cabelo cortado à escovinha, roupas vistosas, fumando cachimbo sem parar.”

“Sinto muito: se me queria desse jeito, bastava ter-me descrito assim naquela época; mas então seria preciso fazê-lo explicitamente. Agora o jogo está feito, e eu sou o que sou, ora bolas; nem pense em mudar-me, pois, como já lhe disse, não seria possível. Uma personagem é como um filho: quando nasceu, nasceu. Se fizer questão disso, invente outra personagem, alta quanto quiser, com cachimbo e tudo; se a coisa sair bem, palavra de honra, não terei ciúme, aliás, eu mesmo me encarregarei de alojá-la numa das últimas vilas construídas, que são mais espaçosas e menos úmidas. Ele será tratado como um irmão — mas deixe James Collins do

jeito que está.”

Antonio aceitou de bom grado esse convite à responsabilidade e não tocou mais no assunto:

“Tudo bem. Quanto à sua proposta, quem sabe se ela não será posta em prática; entretanto, se entendi bem, o senhor goza de um certo crédito lá embaixo, de uma certa autoridade? Conseguiu conquistar prestígio, embora eu... hum... ainda não esteja morto?”

“Sim, em certa medida, sim. Mas não é uma questão de prestígio: é que eu sei ser útil. A manutenção das estufas e dos fogões das cozinhas, por exemplo, está sob meus cuidados; antes era uma tarefa do capitão Nemo, e, antes ainda, de Gulliver: mas eles só aprontaram confusão. Agora tudo corre bem: não ganho muito, mas me tornei indispensável, e assim posso obter certas vantagens para alguns colegas. A propósito, sabe quem recrutei como meus ajudantes? Caliban e o monstro de Frankenstein.”

“Muito bem!”, disse Antonio, “gente robusta e confiável.”

“Aprenderam o ofício num instante: um é encanador e o outro, soldador. Mas não crie falsas idéias: somos poucos os que se preocupam em arranjar trabalho. Os outros, na maior parte, justamente por serem personagens, se fixam numa atitude e por isso são aborrecidíssimos: só fazem e dizem a mesma coisa, uma só, sempre a mesma, a que os tornou famosos. Polônio prega ao vento, Trimalquião se empanturra (não é que a ração seja abundante, mas ele se arranja, talvez passe fome por três dias para se esbaldar no quarto). Tersites resmunga, e o Inominado se converte uma vez por dia. Em suma, as horas se arrastam assim, de maneira bastante previsível; se um indivíduo não tomar uma iniciativa, não é muito divertido. Mas há uma contrapartida: não temos aquele problema de vocês, de ter que morrer, todos, sem escapatória, ricos e pobres, nobres e plebeus, ilustres e desconhecidos; além disso, quase sempre em circunstâncias pouco poéticas e muito incômodas. Lá embaixo é diferente: também há alguns que desaparecem, mas não há nada de macabro nem trágico; isso ocorre quando uma obra cai no esquecimento, e então, naturalmente, as personagens também sofrem o mesmo destino; mas não é como essa coisa de vocês, estúpida e brutal, sempre inesperada, sempre catastrófica. Entre nós, aqueles que morrem (aconteceu recentemente a Tartarin, coitado) não morrem propriamente, não: eles vão perdendo espessura e

peso pouco a pouco, tornam-se ocos, transparentes, leves como o ar, cada vez menos consistentes, até que ninguém mais se apercebe deles, e é como se eles nunca tivessem existido. Enfim, é algo aceitável: uma desapareção limpa, asséptica, sem dor — um tanto triste, mas acabada em si, comensurável.

“Temos ainda uma vantagem. Entre nós há casamentos perpétuos e, por assim dizer, definitivos, indissolúveis por natureza (Fiordiligi e Brandimarte, Francesca e Paolo, Ilia e Alberto), mas é muito mais freqüente o caso em que se busca um companheiro ou companheira assim, sem complicações, por alguns meses, por dois anos ou por cem. É um hábito simpático e também muito prático, porque os casais mal escolhidos se desfazem logo; mas não pense que seja fácil fazer previsões. Ocorrem as combinações mais incríveis: recentemente Clitemnestra foi morar com o desgraçado Egídio, e até aqui não há muito que objetar, salvo a diferença de idade, que gerou opiniões variadas; mas acredita que Ofélia se cansou das perplexidades de Hamlet e vive há vinte anos em perfeita harmonia com Sandokan? Ou que Lord Jim, assim que chegou, apaixonou-se imediatamente por Electra e está com ela? Quanto a Hans Castorp, ele é o centro das fofocas do Parque nos últimos meses: abandonou madame Chauchat, com quem convivia desde 1925, teve uma breve aventura com a Dama das Camélias e agora se juntou com madame Laura. As francesas sempre lhe agradaram.”

Enquanto escutava, Antonio era atravessado por emoções várias e desencontradas. A narrativa de James o encantava como uma fábula, despertando nele um intenso interesse profissional (parco de idéias como estava, esse Parque Nacional teria dado uma novela estupenda); ao mesmo tempo, sentia-se satisfeito e experimentava um íntimo orgulho: aquele James Collins era simpático, era sem dúvida um ser vivo, falava com precisão e coerência, e no entanto era obra sua, malgrado certas discrepâncias no aspecto físico. Era ele que o havia tirado do nada, como um filho, aliás, mais que um filho, porque não precisara de uma mulher: e agora estava ali, na frente dele, quente e próximo, falando-lhe de igual para igual. Teve vontade de recomeçar logo, retomar a escritura de seus contos, reproduzir outros aos montes, dez, vinte, cinqüenta personagens, que depois viessem lhe fazer companhia como James, dando-lhe a confirmação do seu vigor e de sua fecundidade. Depois recordou que ainda não havia feito a pergunta que o rondava desde o início da visita — mas não era para menos, porque James falara quase sem

interrupções e não parecia um tipo disposto a deixar que o interrompessem. Ofereceu-lhe uma bebida e, enquanto ele bebia, disse:

“Porém o senhor ainda não me contou por que veio aqui. Não deve ser muito freqüente que uma personagem saia do Parque e vá encontrar o seu autor; eu já tenho uma certa prática com autores e personagens, e posso afirmar que nunca soube de um fato do gênero.”

James não deu muita importância à pergunta.

“Antes é preciso que eu lhe fale dos ambígenos. Observe que a nossa categoria não é bem definida: há muitos casos em que o sujeito é simultaneamente pessoa e personagem. Nós os chamamos de ambígenos, e há uma comissão que decide se devem ou não ser admitidos no Parque. Veja por exemplo o caso de Orlando, sim, aquele de Roncisvalle: sua existência real é historicamente comprovada, mas a personagem supera a tal ponto a pessoa que foi aceita no Parque sem discussões. O mesmo ocorreu com Robinson Crusoé e Fédon. No caso de São Pedro e de Ricardo III houve controvérsias; entretanto, e para a sorte de todos, Napoleão, Hitler e Stálin foram recusados.”

“É interessante”, disse Antonio, “mas ainda não vejo a relação entre a sua visita, o Parque e a história dos ambígenos.”

“Explico sem rodeios: é que... o senhor é um ambíguo.”

“Eu?”

“Sim, o senhor. Eu o tornei um ambíguo. Escrevi alguns contos (estão aqui, nesta pasta) em que o senhor é o protagonista. Não por revanche, nem mesmo por gratidão: simplesmente disponho, lá embaixo, de muito tempo livre (todas as noites: sabe, lá não há uma grande vida noturna, não há nem luz elétrica), e o senhor me interessava, eu o conhecia bem, e assim o tomei como personagem. Espero que não se incomode.”

“Episódios verdadeiros?”, perguntou Antonio, engasgando.

“Bem... basicamente, sim. Meio adaptados: o senhor, que é do ramo, sabe o que estou dizendo. Aqui está: *Em um cruzeiro, Antonio e Matilde...*”

“Um momento! O que eu estou fazendo com essa Matilde? Eu sou casado, o senhor sabe, e sabe também que nunca tive nada com nenhuma Matilde, nem antes nem depois do casamento.”

“Desculpe-me, mas o que foi que o senhor fez comigo? Não escreveu tudo o que

quis?”

“Claro, mas eu... existo, e o senhor não. Eu o criei, da primeira página à última, e já estava vivo bem antes, como posso demonstrar. Basta telefonar ao cartório.”

“O senhor não acha que eu também existo?”, disse cinicamente James. “Não vejo de que vale o cartório, um amontoado de burocratas e papelada: o que conta são os testemunhos, e o senhor escreveu um bom número deles com suas próprias mãos — e estes, por consenso, são válidos. Seria penoso demonstrar que James Collins não existe, depois de ter gastado quinhentas páginas e dois anos para demonstrar que ele existe. Quanto a essa Matilde, fique sossegado, não pretendo maltratá-la nem colocá-la em situações embaraçosas; ao contrário, essa é justamente uma das razões que me trazem aqui: queria que o senhor lesse estes contos, assim poderá cortar o que não gostar. Mas não me venha dizer que o senhor está livre para fazer de mim o que quiser, e eu, não: isso seria um belo sofisma. Estou empenhado em fazer do senhor uma personagem coerente com a sua pessoa; e o senhor também estava, quando me concebeu. Pois bem, o senhor está seguro de sua coerência em relação a mim? Nunca se perguntou se era lícito me fazer morrer daquele modo (sim, morfinômano vítima de overdose: não finja que esqueceu), quando até a metade do livro eu era descrito como um jovem saudável, equilibrado e dono de si? O senhor tinha todo o direito de me fazer morrer por droga, mas devia ter pensado antes, desculpe se lhe digo tão abertamente; e, já que queria tanto se livrar de mim, poderia ter me matado de dez maneiras menos arbitrárias. Isso não é para polemizar, mas para convencê-lo de que somos iguais.

“Para concluir: se quiser dar uma olhada, aqui estão os manuscritos. Como tentei demonstrar, não sou obrigado a submetê-los ao senhor, mas o faço assim mesmo, para a sua tranquilidade, e também porque prezo sua opinião: se tiver que cortar, cortarei. Tive para isso uma licença de três dias mais dois, que só é concedida em raras ocasiões, quando, por exemplo, uma personagem sofre graves ofensas de seu autor e exige satisfações. Mas, pelo que sei, o meu caso é único: embora muitos escrevam lá embaixo, ninguém ainda tinha tido a idéia de escrever sobre seu próprio autor.”

“Devo ler aqui, em sua presença?”, perguntou Antonio, preocupado.

“Sim, eu preferiria. Não são longos, em três horinhas terminamos. Tenho pressa de ouvir o seu parecer, e meu tempo é curto; além disso, gostaria de agendar uma

hora com o seu editor.”

Chocado com a impertinência dessa última frase, Antonio iniciou a leitura, enquanto o outro bebia, fumava e perscrutava em seu rosto algum vestígio de julgamento.

Percebeu desde as primeiras páginas que os contos eram fracos e sentiu alívio por isso, porque não queria terminar no Parque. Não, não havia nenhum perigo: James Collins podia até defini-lo como ambíguo, mas não havia comparação entre a plenitude de sua vida verdadeira e as fábulas confusas e inconsistentes que James construía em torno dele. Nenhuma comissão editorial o aceitaria. De resto, uma personagem como aquela estava longe de se tornar imortal: desapareceria logo após o lançamento.

Leu todos os contos, confirmando a sua impressão inicial; depois os devolveu a James, dizendo-lhe abertamente o que pensava.

“Eu o aconselharia a não continuar escrevendo. Seu ofício é outro, não é verdade? Bem, certamente lhe dará mais satisfação do que este. Não digo por mim, nem pelo outro Antonio que o senhor tentou construir: digo pelo senhor, que é um cientista. Abandone as ambições literárias e seja um inventor. Se quiser, visite o editor, mas ele lhe dirá as mesmas palavras que eu disse.”

James ficou muito mal. Recolheu os manuscritos, cumprimentou-o secamente e partiu.

Esse episódio assinalou um ponto crucial na carreira de Antonio Casella. Não imediatamente, mas muitos anos depois, quando seus cabelos já estavam brancos — e seus papéis se obstinavam em permanecer brancos, como os cabelos —, suas opiniões e aspirações se transformaram. Começou a pensar que não lhe desagradaria ter um lugar no Parque, especialmente se isso viesse acompanhado de uma esperança de imortalidade: mas sabia que não podia contar com o auxílio de seus confrades, muito menos de suas personagens. Por isso teve a idéia de agir por si: escrever a sua autobiografia, e escrevê-la muito rica, vívida e colorida, de modo a arrebatá-la a comissão editorial.

Reuniu todas as forças e pôs mãos à obra. Trabalhou por três anos, sem alegria, mas com diligência e afincamento: figurou-se pouco a pouco como audaz e cauteloso, enérgico e sonhador, arguto e melancólico, magnânimo e astuto, acumulando em

seu outro eu todas as virtudes que não soubera construir dentro de si na vida real. Criou um mundo mais verdadeiro que o real, em cujo centro estava ele, sujeito de aventuras esplêndidas, intensamente sonhadas, jamais empreendidas; página a página, pedra por pedra, ergueu em torno de si um edifício harmonioso e sólido, feito de viagens, amores, combates e descobertas: uma vida plena e múltipla, como nenhum homem vivera. Limou, corrigiu, acrescentou e filtrou por outros seis meses, até que se sentiu intimamente satisfeito e seguro de cada página, cada palavra.

Nem duas semanas se passaram desde que entregara o manuscrito ao editor, quando se apresentaram à sua porta dois funcionários do Parque. Usavam um gorro de aspecto quase militar e trajavam um uniforme cinza, elegante, sóbrio. Eram gentis, mas tinham pressa: concederam a Antonio apenas uns poucos minutos para pegar suas coisas, depois o escoltaram e o levaram embora.

Nossas belas especificações

“Nãõ vejo por que você deveria se sentir humilhado”, disse Di Salvo, “todos aqui dentro começamos assim. Pode-se dizer que é uma tradição.”

“Mas eu não me sinto humilhado”, respondeu Renaudo: “só estou cansado.”

“Depois de duas semanas?”

“Já estava cansado depois de três horas. Mas eu agüento, não se preocupe.”

“Quero ver. E quanto a mim, pensa que é fácil? Só parei há cinco meses, antes das férias: revisei cinco mil. Todas as cifras referentes aos materiais cerâmicos, aos materiais de construção, aos pós para impressão e até ao material de escritório; basta checar, todas trazem minha rubrica. Não é brincadeira: cinco mil, uma média de quinze por dia trabalhado, e nem por isso fiquei louco, nem tive esgotamento nervoso. Além disso, não digo para desencorajar, mas sabe o que faço agora na maior parte do tempo?”

“O quê?”

“Registro os bônus de trabalho: grande progresso, não é? Bem, tchau, bom trabalho. A gente se vê no refeitório — reservei um lugar para você em minha mesa.”

Renaudo voltou ao trabalho. Tinha diante de si uma lista de números de seis dígitos, e a cada um correspondia uma especificação. Cada especificação dizia respeito a um dos artigos da provisão normal, lhe dava uma breve definição e estabelecia suas características; a partir de cada característica, definiam-se o método de medição e os limites superiores e inferiores de aceitação. Muitos números estavam escritos em vermelho, porque já haviam sido revistos; Renaudo deveria ocupar-se apenas dos que ainda estavam por revisar. Destes, alguns vinham

sublinhados: indicavam materiais novos, que ainda não tinham especificações, as quais deveriam ser compiladas com base nos informes do laboratório de análise e da sala de testes. Renaudo era jovem e preferia os números sublinhados.

Nº 366 410, Rícino, óleo de, não refinado. Obtido do extrato *et cetera*. Empregado como lubrificante nos agrupamentos UTE, UTG, AIM, SDD. I. I., coloração: método assim e assado, máximo 12, mínimo 4. Acidez... Não havia dificuldades nem incongruência, e Renaudo passou a outro. Nº 366 411, Amônio clorato. Nº 366 412, Caixas de papelão ondulado. Nº 366 413, Vidros semiduplos para as janelas. Nº 366 314, Vassouras. O seu misterioso antecessor, pensou Renaudo, devia ser anormal ou piadista: a definição de “vassoura” ocupava quatorze linhas, e outro tanto a descrição do seu uso. Eram previstos um máximo e um mínimo para o peso total, para o comprimento e o diâmetro do cabo, para o número de cerdas; um índice de ruptura mínimo para o próprio cabo; uma prova de resistência à abrasão para o instrumento em sua inteireza, a ser obtida a partir “de um exemplar escolhido ao acaso em uma centena, segundo as condições de fornecimento”. Renaudo releu, hesitou, depois pegou o papel e bateu na porta do sr. Peirani.

Peirani foi enfático: “Eu não retiraria uma sílaba. Contém imprecisões? Foi superado por alguma nova definição? É internamente contraditório? Os controles não podem ser checados? O artigo em questão caiu em desuso? Não? E então, quer mudar o quê?”.

“Pensei apenas que... no Departamento de Controle o tempo é limitado, e perder duas horas para constatar que uma vassoura é uma vassoura e pode varrer...”

“E se não pudesse varrer? E se não fosse uma vassoura, mas um artigo qualquer, digamos, uma alavanca ou uma caneta esferográfica ou um vagão de soda Solvay? O senhor não faz idéia dos problemas que podem resultar de um erro de expedição. Além disso, acha que é fácil abolir uma especificação? Graças a Deus, não, não é tão simples: contêm muita substância, muita experiência para serem apagadas assim, com uma canetada, por iniciativa do primeiro que aparecer. Caro senhor, nós aqui dentro temos boas defesas contra certos arbítrios: ab-rogar uma especificação é algo que só pode ser decidido em assembléia. De resto, gostaria de saber: de que lhe interessa o modo como se emprega o tempo neste ou naquele serviço? Parece-me que não é assunto de sua alçada. Melhor seria ocupar-se de seu ofício.”

Renaudo ficou calado, constrangido. Peirani insistiu, em tom mais afável:

“Veja, meu jovem, é difícil entender essas coisas no início da carreira, e eu entendo por quê: todos os jovens adoram pegar um atalho. Mas uma especificação é coisa séria, aliás, fundamental. Se o senhor prestar atenção, verá que o mundo de hoje se baseia em especificações; ele irá bem se elas forem rigorosas e mal se elas forem frouxas ou não existirem. Nunca percebeu que o evidente divórcio entre as doutrinas técnicas e as morais — com a evidente atrofia destas últimas — se deve justamente ao fato de que o universo moral tem sido até hoje carente de definições e tolerâncias válidas? O dia em que não só os objetos, mas também os conceitos de Justiça, Honestidade e até de Lucro — ou as categorias de Engenheiro, Magistrado etc. — tiverem uma boa especificação, com as relativas tolerâncias, métodos e instrumentos de controle bem claros, esse será um grande dia. Nem deveria faltar uma especificação das especificações — penso nisso há tempos. Mas me mostre mais uma vez essa folha.”

Renaudo lhe passou o registro, com uma certa relutância.

“Está vendo? Eu bem que me lembrava: V. A. P., esta é a minha sigla, Vittorio Amedeo Peirani, 6 de outubro de 1934. Não mudaria uma vírgula. Ao contrário, estou orgulhoso: com esse trabalho feito há trinta anos dei uma contribuição, pequena, mas definitiva, à ordem da empresa — e, portanto, à ordem do mundo. Uma especificação é obra sagrada; é preciso esforço e dedicação para compilá-la, até humildade, coisa que falta ao senhor. Mas, uma vez compilada e aprovada pelos órgãos competentes, deve durar como uma pedra fundamental. Vá e continue o seu trabalho; depois de refletir sobre o que lhe disse, verá que tenho razão.”

“É claro”, disse Di Salvo pousando o copo. “Se for pedir um parecer àquele sujeito, não pode esperar outra resposta. Ele também falou do mundo moral, não?”

“Sim, da idade de ouro, quando a honestidade, o engenheiro e o contador tiveram a sua bela especificação.”

“Os nossos belos Decretos”, disse Di Salvo. “Nunca leu Rabelais?”

“Não. Você sabe muito bem que eu cursei o científico.”

“E daí? Diz respeito a todos. Leia: nunca é tarde. ‘Vereis aqui os nossos belos Decretos, escritos pela mão de um Anjo Querubim [...]’, e mais adiante: ‘[...] em papel, em pergaminho, ilustrados ou impressos [...]’; desculpe, estou citando de cor

— é um trecho do livro IV, acho. Bem, nele você encontrará tudo: nossas belas Especificações, Peirani, seu entusiasmo fóssil, eu mesmo, até você. Se não tiver — me refiro a Rabelais —, posso emprestá-lo; mas vale a pena comprá-lo, vá por mim, é um vade-mécum indispensável aos homens modernos.”

Renaudo estremeceu e esfregou os olhos; e logo depois riu de si mesmo por ter feito isso. O que ele achava que podia fazer? Cancelar ou mudar as linhas que estavam ali?

Havia chegado à especificação 366 478, Homem. Isso mesmo, simplesmente “homem”. Seguiu a premissa de sempre, um pouco menos concisa que de costume, em que se definia o que se deve entender por ser humano. Em apêndice, afirmava-se que o artigo em questão tinha sido redigido pelo Serviço Pessoal, mediante admissão e não-aquisição; e que, tratando-se de material de entrada, o Serviço de Normalização era sem dúvida o departamento competente para o enquadramento e a definição das normas de aceitação. Renaudo pulou para a última coluna e não se surpreendeu quando viu a sigla V. A. P. Voltou ao início e mergulhou na leitura, mas depois de poucos minutos não resistiu e ligou para Di Salvo pelo ramal interno: “Venha aqui rápido. Venha ver o que achei”.

Di Salvo se debruçou sobre o documento. “‘Tolerâncias dimensionais’, foi assim mesmo que definiram. Mas isso é uma bomba! Sabe-se lá há quanto tempo está dormindo nos arquivos.”

“2.1., Tolerâncias dimensionais”, leu Renaudo: “estatura, de mil e quinhentos a dois mil e cinquenta milímetros... peso líquido, de quarenta e oito a cento e quarenta quilos;... sobre-espessuras... o que será isso?”

“Sei lá! Talvez se refira às roupas. Veja aqui”, sem fazer cerimônia, Di Salvo pegou o fascículo e começou a ler em voz alta, com o prazer sensual dos glutões.

“Seções máximas e mínimas... eu vou levar isso para casa, mesmo que me custe o emprego. Olhe, há duas figuras esquemáticas com as formas referentes à fronte, ao tórax, à bacia e às panturrilhas. Melhor ainda: vou fazer uma fotocópia. 3.2.04, Testes de flexão e torção...”

Renaudo deu um pulo e tentou recuperar o papel, mas Di Salvo se esquivou sem dificuldades.

“Ainda bem que há uma nota explicativa: ‘Se possível, é recomendável que os

testes de controle sejam de tipo não-destrutivo'. Se possível, entendeu? Vejamos, vejamos aqui: 5.1.05, 'Resistência ao calor e ao frio'."

"Esse teste também é não-destrutivo, certo?"

"Sim, parece. Aqui se diz: 'A resistência ao calor e ao frio é determinada pela introdução do sujeito em local termostático de tiragem natural, medindo 10 ± 2 m³, a uma temperatura de 45°C e de -10°C respectivamente, por um período de quatro horas. Após vinte minutos da extração, repetem-se os testes gerais de aceitação especificados em 1.1.08'."

"No fim das contas, bastante humano. Eu esperava coisa pior."

"É verdade, não está mal pensado: sob o 1.1.08 há todos os exames médicos e um bom número de testes psicológicos. E este? 5.2.01, resistência ao fogo!"

"Não, não exagere: é prescrito apenas ao pessoal das brigadas de incêndio. Olhe aqui, está especificado na nota."

"Mas já este é prescrito a todos: '4.3.03, prova de resistência ao álcool etílico'."

"É justo, não acha? Sabe que estou começando a gostar desse seu Peirani?"

"Eu não volto mais lá", disse Renaudo com decisão.

"É natural: a prudência recomenda deixar as coisas como estão. Ainda assim eu quero fazer a fotocópia, mesmo me arriscando a um afastamento por infração do sigilo de ofício; depois veremos."

"Um momento", disse Renaudo. "Veja o que quiser, mas eu não quero entrar nisso. Quem responde neste momento por essa papelada sou eu, e eu não quero me meter nisso."

"Muito bem", disse Di Salvo. "Nada mau para um recruta: já entendeu a Primeira Regra do jogo, que prescreve deixar sempre para o outro a tarefa de retirar as castanhas do fogo. Mas, na minha opinião, antes de tudo é preciso estabelecer se há fogo debaixo das castanhas. Quero dizer: se isso é um exercício inocente do velho ou se a prática fez ou está fazendo o seu percurso para o andar de baixo."

Renaudo o olhou inseguro: "Você se refere ao Departamento de Controle?"

"Sim. Com certeza não foi homologada, já que nem você nem eu nem ninguém que a gente conheça foi submetido aos testes de flexão e torção; mas seria interessante saber em que ponto parou e por quê."

A circunstância foi esclarecida com dois telefonemas prudentes: depois de ter

partido a velas soltas do escritório de Peirani, havia muitos anos a especificação jazia num arquivo do andar inferior, à espera do visto do chefe de seção.

“Isso me parece uma tolice ou uma safadeza”, disse Renaudo. “Ou se faz ou não se faz determinada coisa: se era errada ou estúpida ou abominável — como me parece que é —, deveriam anulá-la, destruí-la, e não deixá-la mofando.”

“É um típico caso de aplicação prática da supracitada Regra Primeira. É muito compreensível que ninguém tenha cuidado disso: muito mais fácil jogar areia no caso, mais simples e mais seguro — aliás, esta é precisamente a Segunda Regra. Veja bem, uma prática é um pássaro estranho. Sob certos aspectos, se parece com uma semente; sob outros, com um bisonte. É perigoso e até inútil provocá-la, ou parar na sua frente quando arremete: ela o arrasta e continua correndo. Mas também pode ser arriscado não lhe dar atenção: nesses casos, ela freqüentemente se enquista numa gaveta sem dar sinal de vida por meses ou anos; depois, quando menos se espera, lança raízes e estelos, cresce, perfura a terra acima de si e numa semana se torna uma árvore tropical, de fuste duro como ferro, carregada de frutos venenosos. Em suma, pode ser violenta ou sub-reptícia; mas por sorte existe a instituição da sabotagem, de jogar areia, que é válida contra ambos os aspectos que expus; aliás, o convido a observar a elegância e a propriedade da expressão. É uma defesa polivalente: sacos de areia contra o bisonte, um leito de areia estéril em volta da semente.”

“Obrigado pela lição, tirarei proveito dela. Mas o que faremos agora? Que regra aplicamos, a primeira, a segunda ou uma outra que ainda desconheço? Eu já lhe disse que não quero complicações. Testem os homens como quiserem, podem até substituí-los a cada dez anos, como se faz com as caldeiras a vapor — eu não quero me envolver nisso. Mas também não sei o que fazer: não posso destruí-la, porque ficaria um buraco; seria possível deixá-la dormindo na areia, mas depois pode ser que ela fure a terra, como você disse antes; se rubricar, estarei dando um aval que me repugna, porque é uma estupidez desumana; e não rubricar seria uma negligência...”

“Eu não seria tão trágico. Ouça: me dê o papel por quinze minutos, para que eu possa tirar uma fotocópia. Farei pessoalmente, não tenha medo; depois da sirene, quando todos tiverem ido embora. Ninguém precisa saber nada, pelo menos por enquanto.”

Renaudo gostava de classificar seus semelhantes: não de reduzi-los a esquemas, mas de deter-se como um diletante em suas semelhanças e dessemelhanças, prever seus comportamentos, investigar os motivos de que escapam as palavras e as ações. Ora, Di Salvo o perturbava: sentia que ele era agudo e flexível, mas também apagado, gasto, um pouco sujo, com alguma coisa dentro de pálido, de machucado e depois de borrado, como para encobrir o estrago. Diante de Di Salvo se sentia dividido: com um desejo preciso de penetrar-lhe a intimidade e uma reserva que o fazia fechar a boca no último instante, antes da confidência ou da confissão que o teria tornado seu amigo, mas que ao mesmo tempo o deixaria exposto, nas mãos dele, como uma mosca entre as presas de um louva-a-deus.

Na manhã seguinte, Di Salvo entrou no escritório de ótimo humor e deixou a papelada sobre sua escrivaninha com uma desenvoltura teatral.

“Aqui está. É melhor que você dê uma boa olhada; mas me parece que estamos fora disso.”

“Fora como?”

“Quero dizer, dentro das tolerâncias. Não que eu o conheça muito bem, mas, enfim, já ouvi você falar, vejo que é seguro, não se preocupa com política (pelo menos não que se perceba), sei que joga tênis, que aos domingos vai à missa e ao estádio, que tem uma namorada e uma Cinquecento.^a Em suma, você está de acordo, não tem por que se preocupar. Aliás, nem eu — além disso, foi bom ter lido o documento. Basta pensar no teste do capote ou no da carteira, bem aqui: Resistência às tentações, 8.5.03 — é uma criancice, julgue você mesmo.”

“Então você pretende...”

“Soltar o bisonte, sim. Será uma obra sacrossanta de justiça, além de uma grande festa; nunca se viu nada igual aqui dentro. *Quidquid latet apparebit*, é assim que está escrito, não?”

“Sim, e também *nil inultum remanebit*.^b Mas não se trata apenas de normas de aceitação para os novos contratados?”

“Não só: no fundo há uma norma transitória que prescreve o controle de ‘todas as unidades em exercício’, num prazo de noventa dias a partir da entrada em vigor da especificação.”

“Ou seja, você acha que o nosso amigo se enforcou com as próprias mãos?”

“É provável. Conheço esse tipo humano: é um perfeccionista — ou melhor, era,

porque agora, como você viu, ele está mais para múmia.”

“Também conheço esse tipo humano: é o do ‘right or wrong, my country’, da obediência cadavérica, do bom súdito. Mas ele não pensou que não faz sentido exigir as mesmas respostas de uma ‘unidade’ de vinte e cinco anos e de uma de sessenta?”

“Pensou, sim. Leia aqui, no item 1.9. ‘Reexame. Tratando-se de artigo sujeito a deteriorar-se, as provas citadas nos pontos 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 devem ser repetidas após o vigésimo ano da data de admissão. Os limites de tolerância para as dimensões e o peso serão mantidos invariáveis. Serão reduzidos em trinta e cinco por cento os valores mínimos exigidos para o quociente intelectual (4.2.01), para a memória instantânea (4.2.04), para a memória média e longa (4.2.05), para a atitude no comando (4.4.06), para a carga de desnervação no frio e no calor (5.2.02), para a meteoropatologia (5.3.11) e para a estabilidade emocional (7.1.01). Serão aumentados em cinquenta por cento o limite máximo do tempo de reação (7.3.01) e todos os limites de percepção sensorial (7.5.03).’ Estou lendo ao acaso; a coisa prossegue por uma página e meia. Ah, ouça esta: ‘Não é necessário repetir o teste de submissão segundo Schmaal, já que tal propriedade tende a aumentar espontaneamente com o passar do tempo’. Bonito, não é?”

Renaudo estava perplexo: “Na prova de submissão ele passa fácil; quero ver na prova de resistência ao calor! De resto, lhe cairá bem, ele mesmo quis. Sim, também acho que para nós não há muitos riscos: mas volto a uma outra questão. Agora eu sou o responsável pela revisão, e ainda estou no período probatório, e não queria...”

“Se é o escândalo que lhe dá medo, não se preocupe: você fica de fora. Há mil maneiras de fazer a planta germinar — modos até discretos, silenciosos e anônimos. Eu me encarrego disso, e com prazer, juro. Não é preciso que a iniciativa parta daqui: bastará uma palavra dita assim, de passagem, no corredor...”

“Mas... me desculpe, por que você está fazendo isso? Quer mesmo a pele do cavaleiro?”

“Sim, também. Além disso... bem, me diga a verdade, esse sistema lhe agrada? Gosta de navegar em meio às Decretais?”

“Não. Mas o fato é que assim teremos mais uma, a mais feroz de todas. É melhor um bisonte na areia do que um bisonte enfurecido.”

“Esse ponto de vista é superficial e míope. É preciso ver mais longe, ao preço de algum risco ou incômodo: fazer explodir as contradições do sistema, como se diz. E a elegância do jogo me atrai, sua justiça, sua economia: as Decretais liquidarão a si mesmas. Por sua mão, se quiser; se não, por minha mão.”

A circular afixada no mural tinha o ar mais inocente do mundo. Dizia simplesmente que todos os funcionários deviam apresentar-se dentro de um mês ao Departamento de Exames para comunicações; mas em poucas horas o ar de todos os escritórios e repartições tornou-se irrespirável. A Direção foi inundada por centenas de pedidos de prorrogação; no mesmo mural apareceram informes publicitários de clubes de atletismo, de institutos de reeducação, de piscinas aquecidas e frias, de tratamentos romenos e búlgaros, de cursos noturnos intensivos e por correspondência.

Poucos dias depois, ainda no mesmo mural, apareceu uma carta aberta, muito digna, em que se dizia:

Assunto: Especificação N^o 366 478.

Eu, subscrito cavalheiro Peirani, Vittorio Amedeo, declaro-me consciente de já não possuir os requisitos de conformidade à especificação assinalada à margem: refiro-me em particular aos pontos 5.3.10 (resistência à umidade), 4.2.04 (memória instantânea) e a toda a subseção 3.4 (provas de resistência à fadiga). Portanto apresento a minha demissão, com a alma cheia de tristeza, e no entanto tranqüilo, com a consciência de ter dedicado por trinta e oito anos todas as minhas energias à consolidação do sistema em que acredito. Recomendo a esta Direção que não se desvie da linha de conduta que até agora foi observada no que diz respeito às técnicas de unificação, e desejo que meus colegas e sucessores apliquem todo o seu empenho em evitar que se repitam embaraçosos esquecimentos e negligências, como os que mantiveram em espera por tantos anos a Especificação em causa, sob todos os aspectos fundamental.

Como Peirani desejava, o sistema de fato continua. Vigé ainda na Empresa onde esse caso se passou, proliferando exuberantemente — como se sabe — em todos os inumeráveis ramos do trabalho humano, em cada parte do mundo em que o homem se fez fabricante, onde se tenham na devida conta a normalização, a unificação, a programação, a standardização e a racionalização da produção.

a Antigo carro popular italiano. (N. T.)

b “Aquilo que está oculto aparecerá”, “e nada ficará sem prêmio ou castigo”, versos atribuídos a Tomás de

Celano que aparecem no “Dies Irae” do Requiem de Mozart, Verdi, Berlioz etc. (N. T.)

No Parque

Não é difícil imaginar quem esperava Antonio Casella no porto: James Collins o aguardava, vestindo uma calça de veludo, bronzeado e desenvolto. Antonio se perguntava se teria sido mais gentil de sua parte indagar sobre o resultado da conversa com o editor, mas James antecipou-se:

“O senhor tinha razão: ele recusou o manuscrito. Entretanto me deu conselhos tão precisos e generosos que eu logo recommencei a escrever. Não, não sobre o senhor: é uma história meio romanceada das minhas invenções, sua *Entstehungsgeschichte*, sua origem, como me ocorreram. De resto, pelo que vejo, foi melhor para o senhor: disseram-me que se tornou personagem de si mesmo. Bem melhor assim, há mais garantia de uma permanência razoável; o meu Antonio era de fato um tanto frágil.”

Antonio escutava distraidamente: estava muito atento em observar a paisagem. O barco que o levara até ali tinha viajado por muitas horas, subindo um rio largo e límpido, que corria entre duas margens densas de floresta; a corrente era rápida e silenciosa, não havia um sopro de vento, a temperatura era agradavelmente fresca e a floresta era imóvel como uma pedra. As águas refletiam as cores de um céu que Antonio jamais vira: azul-fechado no alto, verde-esmeralda no levante, violeta com amplas estrias alaranjadas no poente. Apagado o ronco rítmico do motor, Antonio percebeu um barulho indistinto, que parecia saturar a atmosfera. É a cascata — explicou James —, está bem na linha de fronteira.

Percorreram o cais de toscos blocos quadrados e prosseguiram juntos por uma trilha em subida, que se alçava em espirais sobre a barreira de onde se precipitava a cascata. Os dois eram atacados por enxames de gotículas, e o céu estava cheio de

arco-íris entrelaçados. James carregava gentilmente a maleta de Antonio, que era bem leve. Nos dois lados da trilha avistavam-se árvores majestosas e exóticas, de muitíssimas espécies; de seus galhos pendiam flores amarelas e encarnadas, algumas pareciam mesmo de carne, descendo em guirlandas até a terra. Também havia frutos alongados e redondos, e o ar tinha um perfume suave e agradável, mas um pouco almiscarado, semelhante ao das flores da castanheira.

Na linha de fronteira ninguém perguntou nada: os dois guardas o cumprimentaram com a mão na viseira; parecia que o esperavam. Mais adiante, Antonio entrou num escritório onde foi admitido oficialmente; um funcionário gentil e impessoal registrou o seu nome, lhe deu os tíquetes de alimentação, o vestuário, os calçados e os cigarros, e depois lhe disse:

“O senhor é um autobiógrafo, não é?”

“Sim. Como sabe?”

“Nós sabemos tudo: veja!”, indicou às suas costas um fichário que ocupava a parede inteira. “O fato é que no momento não tenho chalé individual disponível: o último foi dado ontem a Papillon. Será preciso dividir o alojamento por uns dias, com outro autobiógrafo, naturalmente. Aqui está: há uma vaga no 535, junto com François Villon. O sr. Collins o levará até lá, não é muito longe.”

James sorria. “Você vai se divertir: François é o mais imprevisível dos nossos moradores. Antes morava com Júlio César, que depois foi embora: conseguiu uma indicação, e o colocaram num palacete fora de série, pré-fabricado, à beira do lago Polevoy. Os dois não se davam bem, brigavam por causa de Vercingetórix; além disso, François cortejava pesadamente Cleópatra, na versão de Shakespeare, e César tinha ciúme.”

“Como assim, na versão de Shakespeare?”

“Sim, porque temos cinco ou seis outras Cleópatras: a de Púchkin, a de Shaw, a de Gautier etc. Elas não podem se ver entre si.”

“Ah. Então não é verdade a história de que César e Pompeu são calafates?”

“Quem lhe disse isso?”, perguntou James, espantado.

“Rabelais, II, 30: diz também que Aníbal é vendedor de galinhas, Rômulo, um sapateiro, papa Júlio II, um vendedor ambulante de pastéis, e Lívia, polidora de panelas.”

“Tudo história; já lhe disse isso em Milão. Aqui não se faz nada — ou então se

faz o ofício para o qual se nasceu. De resto, Rabelais não é uma personagem e nunca esteve aqui: aquilo que ele conta, deve ter ouvido de Pantagruel ou de outro loroteiro de sua corte.”

Já se haviam afastado da cascata e agora estavam entrando num amplo altiplano, levemente ondulado. De repente o céu escureceu com uma incrível rapidez; em poucos instantes formou-se um turbilhão impetuoso e começou a chover água e granizo. James explicou a Antonio que lá embaixo era sempre assim: o tempo nunca era insignificante, tinha sempre algo que o tornava digno de ser descrito. Ou esplêndido de cores e aromas, ou agitado por tempestades furiosas; às vezes de um calor escaldante, às vezes gelado de quebrar pedras. As auroras boreais e os terremotos eram freqüentes, e em todas as noites caíam asteróides e meteoritos.

Refugiaram-se sob um telhado, e Antonio percebeu, incomodado, que lá embaixo havia alguém: incomodado porque esse alguém não tinha rosto. Sob a boina via-se apenas uma superfície convexa, rósea, esponjosa, coberta na parte inferior por uma barba malfeita.

“Não se importe”, disse James, que tinha visto o asco desenhar-se no rosto de Antonio, “há muitos desses por aqui, mas duram pouco. São personagens mal acabadas: às vezes resistem uma estação, às vezes menos. Não falam, não vêem e não ouvem; depois desaparecem em poucos meses. Ao contrário, os que duram, como (espero) o senhor e eu, são como o clima daqui: todos têm alguma coisa de singular, e por isso, em geral, são interessantes e simpáticos, mesmo que se repitam um pouco. Por exemplo, veja ali, dê uma olhada naquela janelinha e me diga se os reconhece.”

Perto do telhado havia de fato um edifício baixo, de madeira, com o teto de palha, e na porta havia uma inscrição: de um lado estava pintada uma lua cheia, de outro, um mar tempestuoso, de onde emergia o dorso de uma baleia com o seu esguicho de vapor. Da janela se via um interior enfumaçado, de teto baixo, iluminado por lâmpadas a óleo; havia uma mesa no primeiro andar, repleta de canecas de cerveja vazias e cheias, e nos quatro lados quatro figuras aquecidas e excitadas. De fora se ouvia apenas um vozerio indistinto.

Tocado em sua ambição de leitor, Antonio os observou longamente, mas não lhe ocorreu nada: “O senhor está pedindo demais de mim; se pelo menos eu ouvisse o que dizem...”.

“É verdade, mas era só para lhe dar uma primeira idéia do nosso ambiente. Aquele que está de costas para nós, magro e calvo, que paga e não bebe, é Calandrino; na frente dele, gorducho e lustroso, com a barba de três dias, é o bravo soldado Schweik, que bebe e não paga. O senhor de meia-idade à esquerda, de cartola e óculos minúsculos, que bebe e paga, é Pickwick; e o último, com olhos como dois carvões e a pele como couro, de camisa aberta no peito, que não bebe nem paga, não canta, não dá ouvido aos outros e diz coisas que ninguém escuta, é o Velho Marinheiro.”

De repente, assim como havia escurecido, o céu clareou e veio um vento forte e seco; a terra úmida exalou uma névoa iridescente que a brisa desfez em pedaços, dissipando-se em seguida; os dois retomaram o caminho. Nos dois lados da estrada, sem ordem aparente, sucediam-se cabanas de palha e nobres palácios de mármore, edifícios grandes e pequenos, parques sombrios, templos em ruína, grandes casas populares com roupas penduradas nas janelas, arranha-céus e tugúrios de papelão e zinco. Lado a lado, James indicou a Antonio o jardim dos Finzi-Contini, a casa dos Buddenbrook e a de Usher, a cabana do Pai Tomás e o castelo de Verona com o falcão, o cervo e o cavalo negro. Pouco mais à frente a estrada se alargava numa pequena praça pavimentada e cercada de sinistros edifícios fuliginosos; dos portões se entreviam escadas íngremes, úmidas, escuras e pátios cheios de trastes, circundados por balcões carcomidos. Sentia-se o cheiro da couve cozida longamente, de lixívia e névoa. Antonio logo reconheceu um bairro da velha Milão, mais precisamente o Carrobbio, congelado eternamente no aspecto que devia ter duzentos anos antes; estava justamente tentando decifrar na luz incerta as inscrições desbotadas das lojas quando, do portão número *vottcentvotta* surgiu ele, Giovannino Bongeri em pessoa, magro, ágil, pálido como quem nunca vê o sol, alegre, barulhento e ávido de afeto como um filhote abandonado; vestia uma roupinha apertada e puída, com alguns remendos, mas perfeitamente limpa e até passada. Dirigiu-se imediatamente aos dois, com a intimidade de quem já se conhece há tempos, mas os chamando de “ilustríssimos”; teve com eles uma longa conversa, em dialeto, cheia de divagações, que Antonio entendeu pela metade e James não entendeu absolutamente nada; ao que parecia, havia sofrido alguma injustiça que o ferira, mas não a ponto de fazê-lo perder a dignidade de cidadão e artesão; estava furioso, mas não a ponto de perder a cabeça. Em sua fala arguta e

prolixa se sentia, sob a palidez do cansaço cotidiano, da pobreza e das desgraças, uma candura intacta, uma boa fibra humana e uma esperança milenar. Numa súbita intuição, Antonio viu que nos fantasmas daquela paragem vivia realmente algo de perfeito e eterno, e que o pequeno e colérico Giovannino, vendedor de bugigangas, várias vezes surrado, escarnecido e traído, filho do pequeno Carletto Porta, milanês, era mais esplêndido e completo que Salomão em sua glória.

Enquanto Giovannino falava, achegou-se a ele Barberina, branca e rosa como uma flor, com a touca em ponta, a presilha em filigrana e os olhos um pouco mais rápidos do que requer a honestidade. O marido a tomou pelo braço e se encaminharam para o Scala; depois de poucos passos, a mulher se virou e lançou aos dois forasteiros uma mirada ágil e curiosa.

Antonio e James retomaram o caminho por uma trilha entre duas sebes de arbustos; James parou um segundo para cumprimentar Valentino de roupa nova, que jogava num pequeno prado com Pin di Carrugio Lungo. Mais adiante, a trilha margeava a curva de um rio grande e turvo: um vapor enferrujado e quebrado estava preso perto da orla. Um grupo de homens brancos estava enterrando alguma coisa numa fossa cavada na lama; um negro de ar insolente apareceu na amurada e anunciou com ferocidade e desprezo: “Mistah Kurtz, he dead”. O tom daquela voz, o cenário, o silêncio, o calor, até o bafo pesado e palustre do rio eram exatamente como Antonio sempre os imaginara.

Disse a James: “É claro que aqui não há tédio. Mas... e as necessidades práticas? Se por exemplo alguém precisar consertar um sapato ou tratar de um dente?”.

“Temos alguns serviços sociais”, respondeu James, “e a associação é eficiente, mas com pessoal externo. Não é que falem médicos aqui, mas eles não gostam de trabalhar: freqüentemente são antiquados ou não têm equipamento apropriado, ou então vieram parar aqui por causa de algum erro crasso, justamente aquilo que os tornou problemáticos, e portanto personagens. Mas você logo vai ver que a sociologia do Parque é peculiar. Será difícil encontrar um padeiro ou um contador; que eu saiba, há apenas um leiteiro, um único engenheiro naval e só um fiandeiro de seda. Não adianta procurar um encanador, um eletricista, um soldador, um mecânico, um químico — e não me pergunte por quê. Por outro lado, além dos médicos que mencionei, há um dilúvio de exploradores, apaixonados, policiais e ladrões, músicos, pintores e poetas, condessas, prostitutas, guerreiros, cavaleiros,

órfãos, facínoras e cabeças coroadas. Sobretudo de prostitutas, numa porcentagem absolutamente desproporcional às necessidades efetivas. Enfim, é melhor que o senhor não espere encontrar aqui uma imagem do mundo que deixou, quero dizer, uma imagem fiel — porque há uma imagem, sim, mas misturada, colorida e distorcida, o que mostra como é estúpido criar um conceito da Roma dos Césares a partir de Virgílio, Catulo ou do *Quo vadis*. Aqui não há um capitão que não seja naufrago, uma mulher que não seja adúltera, um pintor que não viva na miséria durante anos até se tornar famoso. Assim como o céu, que aqui é sempre um espetáculo. Especialmente os ocasos, que muitas vezes duram do início da tarde até a noite; e de vez em quando anoitece e depois volta a clarear e o sol se põe de novo, como se quisesse conceder um bis.”

James interrompeu sua fala para mostrar a Antonio uma construção próxima:

“Mais cedo ou mais tarde sairá o *Guia Michelin* do Parque, e pode apostar que esta aqui terá três estrelas.” Era um palácio — ou talvez uma minúscula fortaleza — de uma brancura intensa, mergulhado na sombra de um bosque secular; os muros externos não tinham janelas e terminavam no alto com um contorno bordado, que podia ser uma balaustrada.

“Vista de fora não parece grande coisa, mas por dentro... Estive aí fazendo uns trabalhinhos (já falei que aqui há poucos encanadores, e assim eu me viro) e sei de umas boas histórias. Sabe que há seiscentos anos a Direção tentava contentar a proprietária sem nenhum sucesso? Só agora, com a tecnologia moderna...”

“Desculpe”, interrompeu Antonio, meio irritado, “mas não acha que antes de ouvir a história eu deveria saber quem é a proprietária?”

“Oh, achei que já tivesse dito. É Beatriz, claro. A angélica, monstruosa Beatriz, que quer todo mundo a seu serviço, que nunca sai nem fala com ninguém, que só come ambrosia e néctar congelados e que, com a proteção de que goza, talvez fique aí para sempre. Estava justamente dizendo que só agora, com o advento das matérias plásticas e da eletrônica, os administradores conseguiram satisfazer alguns de seus caprichos. Veja lá dentro: é um concentrado da Feira de Milão, menos o barulho, obviamente. Ela só caminha sobre poliuretano expandido, de um metro de espessura, como um saltador com vara; descalça, claro, e envolta em véus de náilon. Nada de luz diurna: somente tubos de catodo frio, rosa, violeta e celeste; uma orgia de falsos céus de metacrilato, falsas estrelas fixas de Hastelloy, falsa

música das esferas produzida por um órgão eletrônico, falsas visões em TV de circuito fechado, falsos êxtases farmacológicos e um *primo mobile* de pirex que custou três milhões o metro quadrado. Em suma, é insuportável — mas uma personagem de Dante, aqui, é tabu. A meu ver, é uma situação tipicamente mafiosa: por que Paolo e Francesca podem continuar fazendo amor sem problemas (e não só no turbilhão, acredite), enquanto os Pobres Amantes têm um monte de dificuldades com os vigias? Por que Cacciaguida está num chalé no alto da colina, e Somacal, que já passou por tantas, está lá embaixo, num barraco que nunca pega sol?”

De tanto falar, James perdeu o fôlego e a estrada: “Precisamos perguntar a alguém”.

“O senhor conhece todo mundo aqui?”

“Quase todos nos conhecemos entre nós: no fundo, não somos tantos.”

Bateu na porta de uma cabana de madeira: da chaminé saía fumaça, e das paredes, um canto marcial fortemente ritmado, que logo parou. “São gentis, mas, como nunca saem de casa, não souberam me dar uma indicação; também são meio tímidos. Quem são? Os alemãezinhos de *Nada de novo no front*: Tjaden, Kat, Leer e todos os outros; e também Paul Bäumer, claro. Costumo visitá-los com frequência: que rapazes valentes! Tiveram sorte de chegar aqui jovens, senão muitos deles talvez tivessem que voltar à guerra vinte anos mais tarde e, quem sabe, perder a pele ou a alma.”

Por sorte encontraram pouco depois Babalaci, que sabia tudo: onde ficava o chalé de François — que de fato tinha uma cama livre —, havia quanto tempo estava livre, todos com quem François discutira recentemente, todas as mulheres que recebera.

O céu naquelas bandas estava cor de chumbo, e soprava um vento úmido e raivoso, que uivava nas esquinas feito um lobo; aliás, quando o chalé ficou visível, começou até a nevar: neve suja, cinza de fuligem, que descia de viés, entrava pelos olhos e barrava a respiração. Antonio não via a hora de chegar ao abrigo, mas James lhe disse que era melhor esperá-lo do lado de fora, um tanto afastado: François era um tipo lunático, e ele preferia bater na porta sozinho, sem caras novas por perto.

Antonio protegeu-se como pôde: havia ali uma pilha de barris aos pedaços;

entrou numa tina e esperou, agachado, que James voltasse. Ele o viu bater, esperar uns dois minutos, bater novamente; as cortinas estavam fechadas, mas saía muita fumaça da chaminé — portanto devia haver alguém ali dentro.

James bateu uma terceira vez, e finalmente a porta se abriu. James sumiu no interior, e Antonio se deu conta de que estava muito cansado; perguntava-se quando poderia tomar um banho quente: havia suado bastante à beira do Congo, a poeira grudara por baixo da roupa, e agora o suor frio produzia uma sensação desagradável. Mas não precisou esperar muito: a porta se abriu como se um canhão tivesse disparado dentro da casa, e logo em seguida o digno e formal James foi projetado como um bólido, vindo bater direto nas tábuas, não longe do abrigo provisório de Antonio. Ergueu-se e rapidamente se recompôs:

“Não... ele não quer ser incomodado. Além disso, cheguei num momento impróprio, ele estava com alguns amigos perigosos; também estavam lá Marion l’Ydolle, a Gorda Margot, Jehanne de Bretagne e outras duas ou três garotas — acho que uma era a Virgem de Orléans. Ouça: vamos tentar outro dia, mas, por esta noite, venha dormir em minha casa. Não há muito espaço, mas eu lhe empresto a minha cama com prazer: contento-me perfeitamente com um colchão no chão.”

Antonio adaptou-se ao Parque com uma facilidade espantosa. Em poucas semanas já havia feito amizade com os vizinhos, todos muito cordiais ou pelo menos variados e interessantes: Kim com o seu lama, Ifigênia em Áulis, Ettore Fieramosca, Tommasino Puzzilli, que estava noivo de Moll Flanders, o jovem Holden, o comissário Ingravallo, Aliocha com A Pia, o sargento Grisa com Lilian Aldwinkle, Bel Ami, Alberto da Giussano, que estava com a Virgem Cammilla, o professor Unrat com o Anjo Azul, Leopold Bloom, Mordo Nahum, Justine com Drácula, Santo Agostinho com a Freira Jovem, os dois cães Flush e Buck, Baldus que mal passava pelas portas, Benito Cereno, Lésbia casada com Paulo, o Ardente, Tristram Shandy com apenas dois anos e meio, Thérèse Raquin e Barba-Azul. No fim do mês chegou Portnoy, queixoso e rude: ninguém o suportava, mas em poucos dias ele se alojou na casa de Semíramis, e logo correu a notícia de que a coisa entre eles andava de vento em popa.

Antonio fora morar com Horácio, com quem se deu bem: Horácio tinha hábitos

e horários diferentes dos seus, mas era asseado, discreto, organizado e o acolhera com simpatia; além disso, contava muitas histórias interessantes, com um brilho encantador. Por sua vez, Horácio não se cansava de ouvir as histórias de Antonio: tudo o interessava, e estava a par dos fatos mais recentes. Era um ótimo ouvinte, interrompia raramente, e só com perguntas inteligentes.

Cerca de três anos após a sua chegada, Antonio notou um fato surpreendente. Quando por acaso colocava a mão contra o sol ou contra uma lâmpada forte, a luz a atravessava como se fosse de cera; pouco depois, observou que de manhã acordava mais cedo do que antes, isso porque suas pálpebras também estavam mais translúcidas — aliás, em poucos dias já estavam tão transparentes que Antonio distinguia o contorno dos objetos até de olhos fechados.

De início não deu importância a isso, mas lá para o fim de maio notou que toda a caixa craniana estava desaparecendo. Era uma sensação bizarra e inquietante, como se o seu campo visual estivesse aumentando não só lateralmente, mas também para o alto, para baixo e para trás. Agora percebia a luz de qualquer lado que viesse, e logo pôde discernir o que ocorria às suas costas. Quando, na metade de junho, percebeu que via a cadeira onde estava sentado e a relva sob os pés, Antonio soube que o seu tempo havia chegado, sua memória se extinguiu, seu testemunho estava completo. Sentia tristeza, mas não assombro nem angústia. Despediu-se de James e dos novos amigos e se sentou sob um carvalho, à espera de que a sua carne e o seu espírito se resolvessem em luz e em vento.

a Oitocentos e oito, em milanês. Giovannino Bongeri é personagem do poeta milanês Carlo Porta (1775-1821), autor de *Desgrazzi* de Giovannin Bongee e *Olter desgrazzi* de Giovannin Bongee. (N. T.)

Psicofante

Somos um grupo de amigos bastante restrito. Somos ligados, homens e mulheres, por um vínculo sério e profundo, mas velho e escassamente renovado, que consiste em termos vivido juntos anos importantes — e em tê-los vivido sem muitas fraquezas. Depois, como costuma acontecer, nossos caminhos foram divergindo, alguns de nós assumimos compromissos, outros se feriram reciprocamente, de propósito ou não, outros ainda desaprenderam a falar ou perderam as antenas; no entanto sentimos prazer em nos reencontrar, temos confiança uns nos outros, nos estimamos e, qualquer que seja o assunto de nossa conversa, percebemos com alegria que ainda falamos a mesma língua (alguns a chamam jargão), mesmo que nem sempre nossas opiniões coincidam. Nossos filhos mostraram uma tendência precoce a afastar-se de nós, mas são ligados entre si por uma amizade parecida com a nossa, o que nos parece estranho e belo, porque ocorreu espontaneamente, sem que interferíssemos. Agora constituem um grupo que em muitos aspectos reproduz o nosso quando tínhamos a idade deles.

Nós nos professamos abertos, universalistas, cosmopolitas; sentimo-nos assim em nosso íntimo e desprezamos intensamente toda forma de segregação, seja por riqueza, casta ou raça; porém, de fato, nosso grupo é tão fechado que, mesmo sendo apreciado pelos “outros”, ao longo de trinta anos só aceitou pouquíssimas inclusões. Por motivos que não consigo explicar — e que no fundo não me orgulham —, nos pareceria antinatural aceitarmos alguém que morasse ao norte da avenida Rainha Margherita ou a oeste da Racconigi. Nem todos os que se casaram tiveram os seus cônjuges aceitos; geralmente se dá preferência aos casais endogâmicos, que não são poucos. De vez em quando alguém faz um amigo

externo e o leva para todo lado, mas é raro que ele se integre; quase sempre é convidado uma, duas vezes, é tratado com gentileza, mas na vez seguinte já não está lá, e a noite é dedicada a estudá-lo, comentá-lo, analisá-lo.

Antigamente cada um de nós recebia todos os outros, em turnos irregulares. Depois vieram os filhos, alguns foram morar fora da cidade, outros têm os pais em casa e não querem incomodá-los; assim, atualmente, a única que nos recebe é Tina. Ela é uma excelente anfitriã: oferece bons vinhos e ótima comida, é viva e curiosa, tem sempre coisas novas para contar e as conta com charme, sabe deixar a gente à vontade, se interessa pelas coisas dos outros e as recorda com precisão, julga com severidade, mas tem afeto por quase todos. Suspeita-se que mantenha relações com outros grupos, mas ela (e somente ela) pode ser perdoada de bom grado por essa infidelidade.

A campainha tocou e Alberto entrou, atrasado como sempre. Quando Alberto entra numa sala, parece que a luz se aviva: todos se sentem mais bem-humorados, e ainda melhor de saúde, porque Alberto é um daqueles médicos que curam os doentes só de olhar e falar com eles. Não aceita pagamento dos amigos (e poucas pessoas no mundo têm tantos amigos quanto Alberto), e por isso, no Natal, costuma receber uma avalanche de presentes. Naquela noite, ele havia justamente acabado de receber um, mas diferente das habituais garrafas de vinho fino e dos inúteis acessórios para carro: era um presente incomum, que lhe queimava as mãos, e ele havia pensado em estreá-lo conosco, porque parecia tratar-se de um jogo de salão.

Tina não se opôs, mas era fácil perceber que ela não via a coisa com bons olhos: talvez se sentisse desautorizada ou temesse que as rédeas da noite lhe fugissem das mãos. Mas é difícil resistir às vontades de Alberto, excessivas, imprevisíveis, alegres e imperiosas; quando Alberto quer uma coisa (e isso ocorre a cada quinze minutos), consegue envolver a todos num instante, e por isso está sempre à frente de um séqüito de admiradores. Leva-os a comer escargots à meia-noite ou a esquiar no Breithorn ou a ver um filme insólito ou à Grécia nas férias de agosto ou a beber em sua casa enquanto Miranda dorme ou a encontrar alguém que não o está esperando, mas que mesmo assim o recebe de braços abertos, a ele e a todos os que estão com ele, e aos outros e outras que ele foi recolhendo no caminho. Alberto

disse que dentro da caixa havia um aparelho chamado Psicofante — e que, diante de um nome daqueles, não era possível hesitar.

Num piscar de olhos uma mesa foi desocupada, todos sentamos ao redor, e Alberto abriu a caixa. Tirou de dentro um objeto largo e achatado, formado por uma travessa retangular de plástico transparente que se apoiava sobre uma base de metal pintado de preto; essa base avançava uns trinta centímetros para fora de um dos lados curtos da travessa, e nessa saliência se desenhava uma cavidade pouco profunda, que reproduzia a forma de uma mão esquerda. Havia um cabo e um pino: nós o inserimos na tomada e, enquanto o aparelho esquentava, Alberto leu em voz alta as instruções de uso, que eram muito vagas e escritas em péssimo italiano, mas que, enfim, diziam que o jogo ou passatempo consistia em pôr a mão esquerda na cavidade. Na travessa apareceria o que as instruções definiam pateticamente como “a imagem interior” do jogador.

Tina riu: “Deve ser como aqueles peixinhos de celofane que eram vendidos antes da guerra: colocávamos na palma da mão e, a depender do movimento que faziam — se contorciam ou vibravam ou caíam no chão —, deduzíamos o caráter da pessoa. Ou como o bem-me-quer, mal-me-quer das margaridas”. Miranda disse que, diante das circunstâncias, preferia virar freira a pôr a mão ali. Outros disseram outras coisas, houve uma certa confusão, eu disse que, se queriam ver milagres a bom preço, era melhor ir à praça Vittorio; outros, no entanto, disputavam o primeiro teste, outros ainda apontavam este ou aquele, e este ou aquele se esquivava com pretextos vários. Pouco a pouco prevaleceu o partido dos que propunham que Alberto iniciasse o jogo. Alberto não queria outra coisa: sentou-se à frente do aparelho, pôs a esquerda na cavidade e com a direita apertou o botão.

Fez-se um súbito silêncio. Na travessa se formou primeiramente uma pequena mancha redonda, alaranjada, parecida com uma gema de ovo. Depois a forma inchou, alongou-se para o alto, e a extremidade superior se dilatou, adquirindo o aspecto do chapéu de um cogumelo; espalhadas sobre a superfície surgiram muitas manchinhas poligonais, algumas verde-esmeralda, outras escarlates, outras cinzentas. O cogumelo crescia a olhos vistos e, quando chegou à altura de um palmo, tornou-se levemente luminoso, como se dentro houvesse uma chama que pulsasse ritmada; dele se desprendia um aroma agradável e pungente, como o de canela.

Alberto tirou o dedo do botão, a pulsação logo cessou, e o brilho se extinguiu lentamente. Estávamos em dúvida se o objeto podia ser tocado ou não: Anna disse que era melhor não mexer, porque ele com certeza iria desfazer-se imediatamente; aliás, sugeriu que ele talvez nem existisse, talvez fosse uma pura ilusão dos sentidos, como um sonho ou uma alucinação coletiva. Nas instruções não havia nenhuma menção sobre o que se podia ou deveria fazer com as imagens, mas Henek observou sabiamente que era preciso tocá-lo, pelo menos para liberar a travessa: era absurdo que o aparelho só pudesse ser usado uma vez. Alberto destacou o cogumelo da travessa, examinou-o com cuidado e declarou-se satisfeito; aliás, disse que sempre se sentiu alaranjado, desde menino. Nós o passamos de mão em mão: tinha uma consistência sólida e elástica, e era tépido ao tato. Giuliana pediu-o de presente, e Alberto ofertou-o de bom grado, dizendo que sempre estava em tempo de fazer outros. Henek notou que talvez saíssem diferentes, mas Alberto disse que não se importava.

Muitos insistiam que Antonio fosse o próximo. Hoje Antonio é apenas um sócio honorário do grupo, já que há muitos anos mora longe, e só estava naquela noite por causa de uma viagem de negócios. Tínhamos curiosidade em ver o que surgiria na travessa, porque Antonio é diferente de nós, mais decidido, mais interessado no sucesso e no lucro — virtudes que nós negamos obstinadamente, como se fossem vergonhosas.

Por um bom minuto, nada aconteceu; alguém já se preparava para rir, e Antonio começava a se sentir constrangido. Depois se viu despontar do plano uma barra metálica com seções quadradas; crescia lenta e regularmente, como se proviesse do fundo, já toda completa. Logo surgiram outras quatro, dispostas em cruz ao redor da primeira; formaram-se quatro pontes diminutas que as articularam à primeira; e então, pouco a pouco, apareceram outras barras, todas com as mesmas seções, umas verticais e outras horizontais, e ao final, sobre a travessa, estava um pequeno e gracioso edifício reluzente, de aspecto sólido e simétrico. Antonio o percutiu com um lápis, e ele ressoou como um diapasão, emitindo uma nota longa e pura, que se extinguiu lentamente.

“Eu não concordo”, disse Giovanna.

Antonio sorria tranquilo: “Por quê?”, perguntou.

“Porque você não é assim. Não tem os ângulos todos retos, não é de aço e tem

até umas soldas defeituosas.”

Giovanna é a mulher de Antonio e gosta muito dele. Não achávamos que fosse o caso de fazer aquelas críticas, mas Giovanna disse que ninguém podia conhecer Antonio melhor que ela, que havia vinte anos convivia com ele. Não lhe demos muito ouvido, porque Giovanna é uma daquelas mulheres que adoram denegrir os maridos em sua presença e publicamente.

O objeto-Antonio dava a impressão de estar enraizado na travessa, mas se soltou a uma leve pressão — e nem era tão pesado quanto parecia. Depois foi a vez de Anna, que se agitava de impaciência na cadeira e dizia que sempre desejara ter um aparelho assim, confessando que várias vezes o imaginara em sonhos — só que o seu criava símbolos em escala natural.

Anna pôs a mão sobre a placa negra. Todos olhavam a travessa, mas na travessa não se via nada. De repente, Tina disse: “Olhem, está lá em cima!”. De fato, a meio metro de altura se via uma nuvenzinha de vapor rosa-violeta, do tamanho de um punho: lentamente se distendeu como um novelo e alongou-se para baixo, emanando numerosas cortinas verticais transparentes. Mudava de forma continuamente: tornou-se oval como uma bola de rúgbi, conservando sempre o aspecto diáfano e delicado, e depois se dividiu em anéis sobrepostos, entre os quais pipocavam centelhas crepitantes, até que se contraiu e reduziu às dimensões de uma noz, desaparecendo com um estalo.

“Lindo, e também muito apropriado”, disse Giuliana.

“Sim”, disse Giorgio, “mas o problema desse aparelho é que nunca sabemos que nome dar às suas criaturas. São sempre pouco definíveis.”

Miranda disse que era melhor assim: teria sido desagradável ver-se representado por uma colher, um píforo ou uma cenoura. Giorgio acrescentou que, pensando bem, não poderia ser de outro modo: “Essas... essas criaturas não têm nome porque são indivíduos, e para o indivíduo não há nem ciência nem classificação. Neles, assim como em nós, a existência precede a essência”.

A nuvem-Anna agradou a todos, menos à própria, que aliás ficou muito mal:

“Não acho que eu seja tão transparente assim. Mas talvez seja porque eu esteja cansada e meio confusa esta noite.”

Ugo fez brotar uma esfera de madeira preta e polida, que, após um exame mais atento, mostrou-se constituída de vinte peças que se encaixavam entre si com

precisão; Ugo a desmontou e não conseguiu mais reconstruí-la. Fez então um embrulho com os fragmentos e disse que voltaria a tentar no dia seguinte, que era um domingo.

Cláudio é tímido, e só concordou em fazer o teste depois de muita insistência. De início, quando ainda não se via nada sobre a travessa, percebeu-se na atmosfera um aroma familiar e inesperado; no momento tivemos dificuldade de defini-lo, mas sem dúvida se tratava de um cheiro de cozinha. Logo depois se ouviu um barulho de fritura, e o fundo da travessa se cobriu de um líquido que borbulhava e fervia; do líquido emergiu um polígono achatado e pardo que, sem nenhuma dúvida, era uma grande costeleta à milanesa com um acompanhamento de batatas fritas. Houve comentários espantados, porque Cláudio não é nem um gourmet nem uma pessoa voraz; aliás, costumamos dizer que ele e a família não têm aparelho digestivo.

Cláudio enrubescceu enquanto olhava em volta, vexado. “Como você ficou vermelho!”, exclamou Miranda, deixando Cláudio quase roxo; depois acrescentou, dirigindo-se a nós: “Mas que símbolo que nada. Está na cara que isso é um mal-educado, que quis insultar Cláudio: dizer a alguém que ele é uma costeleta é insultá-lo. Está na cara que isso é uma coisa fajuta, eu sabia que mais cedo ou mais tarde cairia a máscara. Alberto, se eu fosse você, devolveria essa coisa para a pessoa que lhe deu o presente”.

Entretanto Cláudio conseguiu recuperar o fôlego e falar. Disse que não tinha ficado vermelho porque se sentisse insultado, mas por outro motivo, tão interessante que quase o teria contado, embora fosse um segredo que até então jamais confessara a ninguém, nem mesmo a Simonetta. Disse que não tinha propriamente um vício ou uma perversão, mas uma peculiaridade. Confessou que desde garoto as mulheres, todas, eram figuras distantes: só sentia a sua proximidade, só sentia atração por elas e as percebia como criaturas de carne e osso se as visse no ato de comer pelo menos uma vez. Quando isso ocorria, sentia por elas uma ternura intensa e quase sempre se apaixonava. Era óbvio que o psicofante queria aludir a isso — na sua opinião, era um aparelho extraordinário.

“Você também se apaixonou por mim?”, perguntou Adele com seriedade.

“Sim”, respondeu Cláudio. “Aconteceu naquela vez em que todos fomos jantar em Pavarolo. Comemos fondue de trufa.”

Adele também foi uma surpresa. Assim que pousou o dedo no botão, ouviu-se

um nítido “pop”, como quando salta a rolha de uma garrafa, e na travessa surgiu uma massa fulva, informe, maciça, vagamente cônica, feita de um material áspero, friável, árido ao tato. Ocupava toda a travessa, até sobrava um pouco dos lados. Dentro havia, embutidas, três esferas brancas e acinzentadas: percebemos imediatamente que eram três olhos, mas ninguém ousou dizer nem comentar o fato, porque Adele teve uma vida irregular, dolorosa e difícil. Ela ficou perturbada: “Eu sou isso?”, perguntou, e percebemos que seus olhos (os de verdade, digo) se encheram de lágrimas. Henek tentou confortá-la:

“É impossível que um aparelho lhe diga quem é, porque você não é nada. Você e todos nós mudamos de ano em ano, de hora em hora. De resto: quem você é? Aquela que acredita que é ou aquela que gostaria de ser? Ou a que os outros pensam que é? E que outros? Cada um a percebe de maneira diversa, de acordo com uma visão pessoal.”

Miranda disse: “Eu não gosto dessa máquina porque ela se intromete demais. A meu ver, o que importa é o que se faz, e não o que se é. Uma pessoa é os seus atos, passados e presentes — só isso”.

Quanto a mim, gostei do aparelho. Não estava interessado em saber se dizia a verdade ou se mentia, mas o fato é que ele extraía do nada, inventava: *descobria*, como um poeta. Pus a mão na placa e esperei sem temor. Sobre a travessa surgiu um grão luminoso, que cresceu até formar um cilindro semelhante a um dedal; continuou a crescer e em pouco tempo atingiu as dimensões de um pote, e então ficou claro que era mesmo um pote, mais precisamente um pote de verniz, litografado externamente com listras de cores intensas; porém não parecia conter verniz, porque tilintava ao ser sacudido. Pediram-me que o abrisse, e dentro havia várias coisas que alinhei diante de mim, sobre a mesa. Uma agulha, uma concha, um anel de malaquita, vários bilhetes usados de bonde, barco e avião, um compasso, um grilo morto, um vivo e um pedacinho de brasa, que se extinguiu quase imediatamente.

Recuenco: a Provedora

Sinda acordara com a primeira luz do dia para conduzir as cabras ao pasto. Ao redor do vilarejo, num raio de duas horas de caminhada, havia muitos anos não crescia um fio de capim: somente cardos e cactos, tão ásperos que até as cabras os rejeitavam. Sinda tinha apenas onze anos, mas era o único do vilarejo que ainda podia ir para o pasto; os outros eram muito pequenos ou muito velhos ou doentes ou tão debilitados que mal conseguiam arrastar-se até o riacho. Pegou uma cabaça cheia de caldo de verduras e duas fatias de queijo, que lhe deviam bastar até a noite. Já havia reunido as cabras na praça quando viu Diuka, sua irmã, que saía da cabana esfregando os olhos: queria ir para o pasto com ele. Pensou que o queijo era pouco, mas também pensou que o dia era longo, o pasto, distante, e o silêncio lá em cima, muito profundo — e a levou consigo.

Completavam uma hora de subida quando o sol surgiu. Eram vinte e oito cabras, todo o rebanho do vilarejo. Sinda sabia disso, e também sabia contá-las: mantinha-as sob vigilância, para que não se perdessem nem rolassem abaixo pelos despenhadeiros. Diuka o seguia em silêncio; de vez em quando paravam para colher amoras e escargots despertos pelo orvalho da noite. Não se devem comer escargots, mas Sinda já havia provado várias vezes e nunca tivera dor de barriga; ensinara Diuka a tirá-los da casca e estava certo de que Diuka não o trairia.

No céu não havia uma nuvem, mas pesava uma neblina luminosa: não havia vento (nunca havia vento), e o ar era úmido e quente como num forno de pão. Prosseguiram pelo caminho, passaram o costão que delimitava o vale e viram o mar, velado de névoa, brilhante, parado, distante. Era um mar sem peixes, bom apenas para o sal: a salina estava abandonada havia mais de dez anos, mas ainda era

possível extrair sal dali, apesar de misturado à areia. Sinda estivera ali uma vez com seu pai, muitos anos antes; seu pai saíra para caçar e nunca mais voltara. O sal, agora, era trazido de vez em quando pelos mercadores; mas, como no vilarejo não havia nada com que se pudesse trocá-lo, eles vinham cada vez menos.

Sinda avistou no mar alguma coisa que nunca tinha visto. Primeiro viu, bem na linha do horizonte, uma pequena corcova luminosa, redonda e branca, como uma minúscula lua, mas não podia ser a lua: a lua de verdade, quase cheia e com as margens nítidas, ele a vira desaparecer uma hora antes. Mostrou-a a Diuka, mas sem muito interesse. No mar havia todas aquelas coisas de que eles ouviam falar à beira do fogo: navios, baleias, monstros, árvores que crescem do fundo, peixes ferozes e até as almas dos afogados. Coisas que vêm e que passam, que não nos dizem respeito, porque o mar é vaidade e aparência maligna: uma imensa clareira que parece levar a todos os lugares e não leva a lugar nenhum; parece liso e sólido como uma couraça de aço, mas é ali que o pé se perde e se afunda. É água, mas não se pode beber.

Prosseguiram o caminho; agora a subida tinha acabado, e o pasto já estava à vista, pouco mais acima de onde estavam, a uma hora de caminhada. Os dois meninos e as cabras avançavam por uma trilha bem batida, em meio a uma nuvem de poeira amarela, varejeiras e um cheiro de amoníaco. De quando em quando Sinda observava o mar, à sua esquerda, e percebeu que aquela coisa estava mudando de aspecto. Agora estava acima da linha do horizonte, mais próxima, parecendo um desses cogumelos globulosos que se vêem na beira das estradas e, quando tocados, se desfazem e lançam um sopro de pó pardacento; mas na realidade devia ser muito grande e, olhando bem, via-se que o seu contorno era esbatido como o das nuvens. Aliás, parecia borbulhar, mudando continuamente de forma, como a espuma de leite quando está para transbordar; e se tornava cada vez maior e mais próxima. Pouco antes de alcançarem o pasto, quando as cabras já se dispersavam à procura de cardos floridos, Sinda se deu conta de que a coisa viajava na direção deles. Então se lembrou de certas histórias que escutara dos velhos, nas quais só acreditara pela metade, como nas fábulas: deixou as cabras com Diuka, prometeu a ela que voltaria para buscá-las antes do anoitecer e saiu correndo para o vilarejo. Do povoado não se via o mar, separados que estavam por uma cadeia de desfiladeiros íngremes, e Sinda corria porque esperava-temia que a coisa fosse a

Provedora, que vem a cada cem anos trazendo abundância e desgraça; queria comunicar a todos, para que se preparassem, e também queria ser o primeiro a levar a notícia.

Havia um atalho que só ele conhecia; mas não foi por ali, já que o caminho rapidamente lhe privaria da visão do mar. Pouco antes que Sinda alcançasse o costão, a coisa parecia enorme, de tirar o fôlego: o cume chegava ao céu, e de cima chovia uma torrente de água em direção à base, enquanto outra água esguichava até o topo. Ouvia-se uma espécie de troar contínuo, um estampido-assovio-marulho de gelar o sangue nas veias. Sinda se deteve um instante e sentiu a necessidade de jogar-se no chão e adorar; mas se controlou e precipitou-se pela encosta, arranhando-se nos espinhos, tropeçando nas pedras, caindo e levantando. Agora não se via mais nada, mas se ouvia o barulho, e quando Sinda chegou ao vilarejo todos já o ouviam, mas sem saber o que fosse, mas ele, Sinda, sabia; e parou no meio da praça, tonto e ensangüentado, acenando com os braços para que todos viessem e ouvissem, porque a Provedora estava chegando.

De início poucos se aproximaram, mas logo todos estavam ali. Vieram todas as crianças, muitas, mas não era delas que se precisava. Vieram as velhas e as jovens que pareciam velhas, todas postadas na soleira de seus casebres. Vieram os homens das hortas e dos campos, com o passo lento e derreado de quem só conhece a enxada e o arado; e veio finalmente Daiapi, aquele que Sinda mais esperava.

Mas mesmo Daiapi, que era o mais velho do povoado, não tinha mais que cinquenta anos, e por isso não podia saber por experiência própria o que se devia fazer quando a Provedora chegasse. Tinha apenas lembranças vagas, extraídas das lembranças um pouco menos vagas, transmitidas a ele por quem sabe outro Daiapi e depois consolidadas, fixadas e distorcidas por inumeráveis repetições à beira do fogo. Mas de uma coisa estava certo: a Provedora já estivera outras vezes no vilarejo, pelo menos duas vezes ou três; porém, dessas visitas mais antigas, toda memória se perdera, ainda que tenham de fato ocorrido. Entretanto Daiapi sabia — e todos sabiam com ele — que, quando ela vem, vem assim, de repente, do mar, em meio a um turbilhão, detendo-se por breve tempo e lançando comida do alto, e era preciso estar preparado para que o alimento não se perdesse. Sabia ainda, ou pensava saber, que ela atravessava os montes e os mares como um raio, atraída para onde se tem fome. Por isso nunca descansa: porque o mundo é ilimitado, e a

fome se espalha por muitos lugares distantes — e, tão logo é saciada, renasce como os brotos de uma erva daninha.

Daiapi tinha pouca força e voz escassa, mas, ainda que tivesse a voz das monções, não poderia ser escutado em meio ao estrondo que vinha do mar e já recobria todo o vale, tanto que todos se sentiam como surdos. Com exemplos e gestos, fez com que todos pusessem a céu aberto todos os recipientes de que dispunham, pequenos e grandes; depois, enquanto o céu já escurecia e a planície era varrida por um vento nunca visto, pegou uma picareta e uma pá e começou a cavar febrilmente, sendo logo imitado por muitos. Cavaram com todas as forças, com os olhos cheios de suor e os ouvidos cheios de barulho: mas mal haviam conseguido cavar na praça uma fossa do tamanho de uma cova quando a Provedora ultrapassou as colinas como uma nuvem de ferro e ruído, equilibrando-se a pico sobre suas cabeças. Era maior que o povoado inteiro e o recobriu com a sua sombra. Seis trombas de aço, voltadas para baixo, vomitavam seis ciclones sobre os quais a máquina se sustentava, quase imóvel; mas o ar arremessado contra a terra arrastava a poeira, as pedras, as folhas, as estacas, os tetos das cabanas, dispersando-os nas alturas e na distância. As crianças fugiram ou foram tragadas pelo torvelinho como fios de palha; os homens resistiram, agarrados às árvores e aos muros.

Viram a máquina baixar lentamente; entre redemoinhos de poeira amarela, alguns asseveraram ter visto figuras humanas surgindo no alto e espiando — uns disseram duas, outros, três. Uma mulher afirmou ter ouvido vozes, mas não humanas: eram metálicas e nasais, tão fortes que superavam o fragor.

Quando as seis trombas estavam a poucos metros do topo das cabanas, do ventre da máquina saíram seis tubos brancos, que ficaram pendurados no vazio; e então, de repente, dos tubos escapou a comida em jatos brancos, o leite celestial. Os dois tubos centrais jorravam dentro da fossa, enquanto um dilúvio de alimento caía desordenadamente sobre o vilarejo e fora dele, sendo em seguida arrastado e pulverizado pelo vento das trombas. No meio da confusão, Sinda havia encontrado uma cuba que noutros tempos servira de bebedouro para o gado; a arrastou para a boca de um dos tubos, mas o recipiente logo ficou cheio, e o líquido transbordou no chão, encharcando-lhe os pés. Sinda o experimentou: parecia leite, ou melhor, creme, mas não era. Era denso, insípido, saciava a fome num segundo. Sinda viu

que todos o engoliam avidamente, recolhendo-o da terra com mãos, pás e folhas de palmeira.

Do céu irrompeu um rumor, talvez um som de trombeta ou quem sabe uma ordem pronunciada pela fria voz mecânica, e o fluxo cessou de golpe. Logo depois o vento e o barulho aumentaram sem limites, e Sinda foi varrido em giros para as poças viscosas; a máquina se ergueu, inicialmente numa perpendicular e logo numa rota oblíqua, e em poucos segundos sumiu pelas montanhas.

Sinda se pôs de pé e olhou ao redor: o vilarejo não parecia mais o seu vilarejo. Não só a fossa transbordava, mas o leite escorria denso por todas as vielas pendentes e pingava dos poucos telhados que haviam resistido. A parte baixa do povoado estava alagada: duas mulheres se afogaram, e também muitos coelhos e cães, e todos os frangos. Boiando no líquido, foram encontradas centenas de folhas de papel impresso, todos iguais: traziam no alto, à esquerda, uma marca redonda, que talvez representasse o mundo, e depois começava um texto dividido em artigos, reproduzido em diversos caracteres e diferentes línguas, mas ninguém do vilarejo sabia ler. No verso da folha havia uma ridícula série de desenhos: um homem magro e nu, ao lado dele, um copo, ao lado ainda, um homem que bebia do copo, e finalmente o mesmo homem, já não magro; mais abaixo, outro homem magro, ao lado, um balde, depois o homem bebendo do balde, e enfim o mesmo homem deitado no chão, com os olhos esbugalhados, a boca escancarada e a barriga estourada.

Daiapi compreendeu imediatamente o significado dos desenhos e convocou os homens para a praça, mas já era tarde: nos dois dias seguintes, oito homens e duas mulheres morreram, pálidos e inchados. Foi feito um inventário e constatou-se que, excluindo-se o leite que se perdera ou se misturara com a terra ou com o esterco, sobrava ainda bastante para alimentar todo o vilarejo durante um ano. Daiapi ordenou que se cozessem bilhas de barro e se costurassem odres de pele de cabra o mais rápido possível, porque temia que o leite da fossa estragasse ao contato com o solo.

Somente quando anoiteceu, Sinda, atordoado por todas as coisas vistas e feitas e entorpecido pelo leite bebido, lembrou-se de Diuka, que ficara sozinha no pasto com as cabras. Partiu na alvorada do dia seguinte, levando consigo uma cabaça cheia de comida, mas encontrou as cabras dispersas; quatro haviam sumido, e

também Diuka. Encontrou-a pouco depois, ferida e assustada, aos pés de um penhasco, junto com as quatro cabras mortas: elas haviam sido sopradas para baixo pela ventania da Provedora, quando passara pelo pasto.

Dias depois, uma velha que limpava as crostas de leite ressecado pelo sol no seu quintal achou um objeto nunca visto. Brilhava como prata, era mais duro que o quartzo, do tamanho de um pé, estreito e achatado; numa extremidade era arredondado, formando um disco com uma grande incisão hexagonal; a outra extremidade formava uma espécie de anel, cujo furo, da largura de dois dedos, tinha a forma de uma estrela de doze pontas obtusas. Daiapi ordenou que se construísse um tabernáculo de pedra sobre o rochedo errático que estava nas proximidades do vilarejo, e que ali o objeto fosse conservado para sempre, como lembrança do dia da visita da Provedora.

Recuenco: o rafter

Suspensa a poucos metros sobre as ondas, a plataforma deslizava veloz, vibrando e roncando suavemente. Na cabine, Himamoto dormia, Kropiva ouvia o rádio e escrevia, e Farnham estava no comando. Farnham era quem mais se entediava, porque pilotar um rafter quer dizer pilotar coisa nenhuma: segue-se a rota sem desvios, observa-se o altímetro e a agulha não se mexe um milímetro, controla-se a bússola que se mantém firme como uma pedra; quando é preciso mudar de rota (o que acontece raramente, porque um rafter vai sempre em linha reta), são os outros lá embaixo que decidem. Tudo o que se deve fazer é vigiar que não se acendam os sinalizadores amarelos da emergência; mas Farnham navegava nos rafter havia oito anos e nunca vira uma luz desse tipo se acender — tampouco ouvira falar, no refeitório dos pilotos, que uma luz amarela houvesse se acendido. Em suma, era como trabalhar de vigia noturno. Não é um ofício humano; uma tarefa tão tediosa quanto remendar meias. Para não dormir, Farnham fumava um cigarro atrás do outro e recitava uma poesia em voz baixa. Mais que uma poesia, era uma cantiguinha que, em versos muito simples e fáceis de lembrar, condensava todas as prescrições a serem seguidas no caso inverossímil e quase cômico de que uma luz amarela se acendesse. Todos os pilotos deviam saber de cor a cantiga de emergência.

Farnham pilotava jatos, e a bordo de um rafter se sentia como um aposentado, o que o deixava mortificado e um pouco envergonhado. Tudo bem, aquele também era um serviço útil, mas como esquecer certas missões sobre a floresta com os B 28, duas, três viagens ao dia, e às vezes até de noite, sob os fogos dos rebeldes que espreitavam entre a folhagem, seis metralhadoras que cuspiam faíscas e vinte

toneladas de bombas a bordo? Mas naquela época ele tinha quinze anos a menos; e quando os reflexos diminuem você é mandado para os rafter.

Se pelo menos Himamoto estivesse acordado; mas não, ele sempre dormia suas oito horas. Com a desculpa de que sentia náuseas, se enchia de pílulas e assim que saía de seu posto dormia que nem uma pedra. É preciso esclarecer que um rafter não é muito veloz: gasta trinta e cinco ou quarenta horas para atravessar o Atlântico e quando está com a carga total, ou seja, duzentas e quarenta toneladas de leite a bordo, avança como um bonde em hora de pico.

Nem mesmo a paisagem externa era interessante. Ainda era noite funda, e o céu estava encoberto; nos fachos de luz dos faróis, na frente e atrás, só se viam ondas gordas e lerdas, e o dilúvio monótono da água levantada pelas seis turbinas, que caía a cântaros sobre a plataforma, do tamanho de uma quadra de tênis, e sobre a cabine absurdamente reduzida.

Ouvia-se o ronco de Himamoto. Roncava de um modo irritante: primeiro bem leve, quase um suspiro; depois, de repente, disparava um grunhido seco, torto, e parava como se estivesse morto. Mas não: após um minuto de espera angustiante, começava tudo de novo. Era a primeira viagem que Farnham fazia com Himamoto: achava-o gentil e agradável acordado, e insuportável quando dormia. Acordado, Himamoto era simpático porque era jovem, tinha pouca experiência de navegação e estava disposto a fazer o papel de discípulo com toda a diligência e ingenuidade; ora, como Farnham gostava de exhibir sua experiência, os dois estavam sempre de acordo, e o período melhor era aquele em que Kropiva dormia. Era por isso que Farnham esperava ansiosamente as seis.

Ao contrário de Himamoto, achava Kropiva mais simpático quando dormia do que quando estava acordado. Acordado, Kropiva era um maníaco terrível. Farnham já havia girado o mundo várias vezes, mas nunca encontrara um russo assim, e se perguntava onde a Organização fora achar aquele sujeito. Talvez em algum escritório administrativo perdido na tundra, ou entre o pessoal ferroviário ou carcerário. Não bebia, não fumava, só falava por monossílabos e fazia contas o tempo todo. Farnham às vezes dava uma olhada nos papéis que Kropiva deixava espalhados e constatava que tudo era calculado: quantos anos, meses e dias faltavam para a aposentadoria; quantos dólares lhe dariam, até os *cents* e centésimos de *cents*; e a quantos rublos e copeques aqueles dólares correspondiam, no câmbio

negro e no oficial. Quanto custava cada minuto e cada milha de viagem do rafter em combustível, salários, manutenção, seguro, amortização — como se o rafter fosse dele. Quanto receberia no mês seguinte? A lista vertiginosa de itens que Farnham metia no bolso sem nem olhar causava fascínio em Kropiva, que se deleitava em calculá-la antecipadamente, em todos os pormenores: bônus familiar, reembolso da alimentação nas viagens, acréscimo por ultrapassagem da linha de data, indenização por escalas noturnas, por horas extras, por insalubridade, pelo clima glacial e tropical, pelos feriados; e com todas as deduções relativas às taxas, ao sindicato e à previdência. Coisas necessárias e corretas, mas Farnham achava estúpido e mesquinho passar o dia inteiro nisso, como se não houvesse o centro mecanográfico ou não se trabalhasse direito. Sorte que Kropiva não falava, mas mesmo assim a presença dele incomodava Farnham profundamente.

Às seis em ponto, Farnham acordou Himamoto, e Kropiva foi dormir sem nem dar boa-noite. Na popa, através da chuva das turbinas, via-se o céu tornar-se sereno e iluminar-se de uma tênue luz verde que anunciava o dia. Farnham dirigiu-se ao rádio e Himamoto, ainda cheio de sono, sentou-se ao leme. Pelo menos agora era possível trocar umas palavras.

“Em quanto tempo chegamos?”, perguntou Himamoto.

“Em três ou quatro horas.”

“E... como se chama esse lugar?”

“Recuenco. É a terceira vez que você me pergunta.”

“Sei, mas esqueço sempre.”

“Tanto faz: um lugar é igual a outro. Em Recuenco temos que descarregar cinqüenta toneladas.”

“Devo zerar o contador?”

“Já fiz isso enquanto você dormia. A propósito: sabe que você ronca como o diabo?”

“Não é verdade”, protestou Himamoto com dignidade, “eu não ronco nada.”

“Da próxima vez vou trazer um gravador”, ameaçou Farnham de bom humor. Himamoto se lavou, barbeou-se com uma esplêndida navalha (vai ver que no seu país se fazia assim) e foi à máquina buscar café quente e pãozinho. Deu uma olhada em Kropiva: “Já está dormindo”, constatou, com uma sombra de satisfação na voz.

“É um cara meio estranho”, disse Farnham. “Mas tudo bem: já vi muitos desse

tipo, e no fim das contas é melhor um assim do que aqueles que bebem ou cheiram ou farreiam em todas as escalas. Além disso, não há ninguém como ele para controlar o carregamento e o descarregamento do leite e do querosene, lidar com a burocracia da alfândega e prestar contas à base. Porque, sabe, às vezes voltamos com moedas de cinco ou seis valores diferentes, e é preciso prestar contas até dos centavos, e nessas coisas ele é extraordinário, vale por três computadores.” Enquanto isso, pensava: “A concórdia e a estima recíproca acima de tudo”.

Atrás deles o sol se levantava, e logo surgiram em torno dois arco-íris brilhantes e concêntricos. “Oh, belo! Muito belo”, exclamou Himamoto. Seu inglês era fluente e correto, mas lhe faltavam os termos para exprimir os movimentos da alma.

“Sim, é belo”, respondeu Farnham, “mas é sempre igual, todo alvorecer e todo crepúsculo: a gente se acostuma. Vem da água que os motores levantam. O sol também parece molhado, está vendo?”

Houve uma meia hora de silêncio. Justamente porque sabia que estava distraído, Himamoto vigiava o leme e os aparelhos com atenção redobrada. Sobre a tela do radar despontou uma linha, a vinte milhas da proa; instintivamente Himamoto agarrou o leme.

“Não se preocupe”, disse Farnham, “ele faz tudo sozinho.” De fato, sem surpresas nem sobressaltos, o rafter virou espontaneamente à direita, contornou o navio ou carcaça ou iceberg que fosse, e então retornou poderosamente à rota.

“Diga”, indagou Himamoto, “você nunca experimentou?”

“Não tem gosto de nada”, respondeu Farnham.

Depois de uns minutos, Himamoto insistiu: “Mesmo assim eu queria provar: depois me perguntarão em casa”.

“Não há nada de mau nisso; mas experimente agora, enquanto ele está dormindo, senão é capaz de exigir que você assine uma nota promissória.”

“De onde sai?”

“Da torneira que fica embaixo do depurador. Mas já lhe avisei que não tem gosto nenhum: parece mata-borrão. Pode ir, estou no comando.”

Himamoto tirou um copo plástico do distribuidor e foi para a torneira, tropeçando nos tubos e nas válvulas de cores vivas.

“Bem, não é bom nem ruim. Mas enche o estômago.”

“É claro: não é coisa para nós. Só é boa para os que têm fome. Dão pena, especialmente as crianças; você também já os deve ter visto em filmes, no curso de preparação. Mas no fundo é gente que não merece outra coisa, porque são vagabundos, imprevidentes e inúteis. Não vai querer que a gente dê champanhe a eles.”

OuvIU-se um sinal, e um quadro verde se acendeu diante de Farnham: “Que droga! Eu bem que estava pressentindo. Um outro chamado urgente: Shangeehaydhang, Filipinas — quem sabe como se pronuncia isso? 12° 5’ 43” Norte, 124° 48’ 46” Leste. Coragem: nada de fim de semana no Rio. Fica do outro lado do mundo”.

“Então por que nos escalaram?”

“Vai ver que apesar de tudo somos os mais próximos, ou os mais leves, ou os outros três estão desabastecidos. O fato é que nos mantêm sempre em movimento, e isso é compreensível, porque um rafter custa mais que uma missão lunar, e o leite não custa quase nada. É por isso que só nos dão três minutos para descarregar; mesmo que se desperdice um pouco, não importa: o essencial é que não se perca tempo.”

“É uma pena que se desperdice. Na infância eu aprendi o que era fome.”

“Quase sempre se desperdiça. Às vezes conseguimos colocar um anúncio no rádio, e aí podemos fazer um bom trabalho, rápido e limpo; mas na maioria dos casos eles nem sabem o que é um rádio, como esses que vamos abastecer agora, e aí a coisa sai como for possível.”

À esquerda começava a aparecer um bando de nuvens, e atrás delas se entrevia uma cadeia de montanhas de onde emergia um pico alto, cônico, coberto de neve.

“Já estive uma vez onde o leite é feito: não é muito longe daqui. Há uma floresta gigantesca, do tamanho do Texas, e um super-rafter que vai e vem no meio dela. À medida que avança, ceifa toda a plantação que encontra pela frente, deixando atrás de si um rastro de trinta metros de largura. As árvores vão parar dentro da estiva, onde são trituradas, cozidas, lavadas com um ácido e só então passam pelo processo de extração das proteínas, que constituem mais precisamente o leite; nós o chamamos assim, mas o nome oficial é FOD. O resto do que é colhido serve para fornecer energia à própria máquina. É um belo trabalho, vale a pena ver de perto, e nem é muito difícil: a cada dois anos organizam uma viagem-prêmio para os pilotos

sem penalidades. Tirei até algumas fotos: lhe mostro na base. É uma viagem guiada, e eles explicam tudo direitinho, inclusive a história dos detectores de acetona na atmosfera, perto dos centros onde há concentração de famintos, que transmitem os sinais aos computadores da base.”

Poucos minutos depois, ambos viram uma larga barreira desenhar-se na tela do radar: estava a apenas sete milhas, mas a bruma que cobria o mar impedia a visão. “Chegamos”, disse Farnham, “talvez seja melhor que eu assuma o comando; tente acordar Kropiva.”

A vibração da plataforma aumentou; no mesmo instante o dilúvio em torno deles cessou de repente, sendo substituído por uma nuvem turbinosa de poeira amarela, areia e fragmentos de folhagem. Uma cadeia de encostas íngremes tornou-se visível. Farnham elevou o rafter a uma altitude de segurança e poucos segundos depois, numa pequena planície árida, surgiu o vilarejo de Recuenco: umas cinqüenta cabanas de barro e pedra cinzenta, com tetos de folhas de palmeira. Minúsculas figuras humanas rastejavam em todos os sentidos, como formigas num formigueiro descoberto; algumas brandiam pás e picaretas. Farnham parou o rafter a pico sobre a praça: a sombra da plataforma cobria inteiramente o vilarejo. “Vamos para fora”, disse.

Os três vestiram os macacões, puseram os óculos especiais e saíram da nave; o calor, o barulho e o vento os atingiram como uma marreta. Só podiam comunicar-se por meio de gestos ou dos alto-falantes; apesar dos macacões, sentiam na pele uma saraivada de pedrinhas e lascas. Agarrando-se aos corrimãos, Farnham arrastou-se até os comandos externos e percebeu que os parafusos que fixavam o painel à cobertura estavam frouxos; gritou a Himamoto que pegasse a chave 24 e ordenou a Kropiva que se preparasse para lançar o leite e os volantes. Fez a máquina descer até que as seis trombas estivessem a poucos metros acima das cabanas, depois ejetou os tubos de seus compartimentos. Observando do alto da amurada, viu através dos vórtices de poeira sufocante que no meio da praça havia sido cavada uma fossa; então manobrou de modo que pelo menos os dois tubos centrais pendessem sobre o buraco; depois disse a Himamoto que apertasse bem os parafusos e fez sinal para que Kropiva começasse o descarregamento.

Em menos de dois minutos o contador parou em cinqüenta mil litros, Kropiva deteve o fluxo e atirou os folhetos com as instruções, que se espalharam em todas

as direções como pássaros assustados. Farnham acelerou as turbinas, o rafter primeiramente se ergueu na perpendicular e logo em seguida em linha oblíqua, num movimento um pouco mais leve e dócil do que o anterior, até que começou a superar a barreira de montanhas desoladas. Em meio às pedreiras, Farnham viu um pequeno altiplano verde, onde um rebanho de cabras pastava: não havia mais nada de vivo ou de verde num raio de dezenas de milhas.

Kropiva registrou o módulo do descarregamento, carimbou-o, assinou-o e fez com que os outros também o assinassem, depois voltou a dormir; Himamoto retomou os comandos, mas logo em seguida bateu a mão na testa: “A chave!”, disse, e sem macacão nem óculos saiu correndo para a plataforma. Retornou quase imediatamente: “Não está mais lá, deve ter caído da nave”.

“Não importa”, disse Farnham, “temos a de reserva.” Kropiva acrescentou: “É preciso fazer um relatório sobre a perda. Sinto muito, mas tenho que descontar do seu salário”.

O fabricante de si mesmo

Para Italo Calvino

É melhor sermos claros desde o início: quem hoje lhes fala é um homem, um de vocês. Sou diferente de vocês, seres vivos, apenas em um ponto: tenho uma memória melhor do que a de vocês.

Vocês esquecem quase tudo. Eu sei, há quem sustente que nada de fato se cancela, que todo conhecimento, cada sensação, cada folha de cada árvore entre tantas que foram vistas desde a infância jazem em vocês e podem ser evocadas em situações excepcionais, em seguida a um trauma, a uma doença mental, talvez até em sonho. Mas que lembranças são essas que não obedecem ao seu chamado? Para que servem?

Mais sólida é aquela outra memória, a que está inscrita em suas células, segundo a qual os seus cabelos louros são a recordação (sim, o “souvenir”, a recordação feita de matéria) de outros inumeráveis cabelos louros, até o dia remoto em que o sêmen de um antepassado desconhecido transformou-se dentro dele, sem ele e sem que ele soubesse. Vocês têm essas coisas registradas, “recorded”, lembram-se bem delas; mas, repito, de que serve lembrar sem evocar? Não é esse o significado de “recordar”, tal como é normalmente pronunciado e entendido?

Comigo é diferente. Eu me lembro de tudo, quer dizer, de tudo o que me aconteceu desde a infância. Posso reacender em mim a memória quando desejo — e recontá-la. Mas minha memória celular também é melhor que a de vocês, porque está cheia: eu me lembro de tudo o que aconteceu a cada um dos meus antepassados, em linha direta, até os tempos mais remotos. Até o tempo, acho, em que o primeiro dos meus ancestrais recebeu o dom (ou se deu o dom) de um encéfalo diferenciado. Por isso o meu dizer “eu” é mais rico do que o seu, pois se aprofunda no tempo. Você, leitor, deve certamente ter conhecido o seu pai, ou saberá muito a respeito dele. Talvez tenha conhecido o seu avô, menos provavelmente o seu bisavô. Alguns de vocês podem remontar no tempo em cinco

ou dez gerações, por meio de documentos, testemunhos ou retratos, e aí se deparam com homens diferentes de si nos costumes, no caráter, na linguagem, mas ainda homens. E em dez mil gerações? Ou dez milhões? Qual dos seus antepassados em linha masculina não será mais um homem, mas um quase-homem? Ponham-nos em fila e os observem: qual deles não é mais homem, mas outro? Qual não é mais mamífero? E qual era o seu aspecto?

“Eu” sou tudo isso, fiz e sofri tudo o que os meus ancestrais fizeram e sofreram, porque herdei suas memórias, e por isso mesmo sou eles. Um deles, o primeiro, felizmente mudou ao conquistar esta virtude da memória hereditária, transmitindo-a até mim, de modo que/para que eu hoje possa dizer “eu” com essa inusitada amplidão.

Sei também o como e o porquê de cada variação, grande ou pequena. Ora, se eu sei que uma coisa deve ser feita, se quero fazê-la e ela se faz, não é como se eu a tivesse feito, não fui eu quem a fiz? Se a aurora me ofusca, e eu quero fechar os olhos, e os olhos se me fecham, não fechei eu os olhos? Mas, se penso em descolar o ventre da mãe Terra, se quero tirá-lo, e ele de fato se descola nos milênios, e eu já não rastejo, mas caminho, isso não é obra minha? Sou o fabricante de mim mesmo, e este é o meu diário.

— 109. Ontem a água desceu outros dois milímetros. Não posso continuar permanentemente na água, já entendi isso há um bom tempo. Por outro lado, aparelhar-se para a vida aérea daria muito trabalho. Daqui a pouco se dirá: “prepare-se, vá para a orla, recolha as guelras” — e há um monte de outros problemas. As pernas, por exemplo: é preciso que as calcule com uma boa margem de segurança, porque aqui dentro eu não peso nada, ou quase; aliás, peso o que quiser, mas quando estiver no seco terei que administrar todo o meu peso. E a pele?

— 108. Minha mulher meteu na cabeça que irá manter seus ovos no corpo. Diz que está estudando um sistema de nutrir os pequenos em alguma cavidade de seu próprio organismo, e depois, quando forem autônomos, de expulsá-los do corpo. Mas não quer separar-se deles assim, de repente: diz que sofreria muito, e por isso tem em mente um alimento completo, açúcares, proteínas, vitaminas e gorduras,

que ela mesma pretende fabricar. É claro que será preciso limitar drasticamente o número dos pequenos, mas ela me fez entender que, do seu ponto de vista, seria melhor ter cinco ou dez filhos em vez de dez mil ou cem mil, pois assim ela poderia tratá-los como se deve, até que eles saibam se virar sozinhos. Sabe-se como são as fêmeas: quando se trata dos filhotes, não escutam a razão — por eles se jogariam no fogo ou se deixariam devorar. Falaram-me recentemente de um coleóptero do Permiano tardio; pois bem, o primeiro alimento das larvas é justamente o cadáver da mãe. Espero que minha mulher não se abandone a certos excessos, mas, no fim das contas, essa história que ela vem me contando aos poucos, para não me assustar, equivale mais ou menos à mesma coisa. Esta noite ela veio me anunciar que conseguiu modificar seis glândulas epiteliais, extraindo delas umas gotas de um líquido branco que lhe parece apropriado ao objetivo.

— 5 x 10⁷. Desembarcamos: não havia muita escolha, o mar está cada vez mais frio e salgado; além disso, está ficando cheio de bichos que não me agradam muito, peixes dentados com seis metros de comprimento e outros, pequenos, mas venenosos ou muito vorazes. Mas minha mulher e eu decidimos que era melhor não cortar todas as pontes: nunca se sabe, talvez um dia seja melhor voltar para a água. Com esse propósito, conservei o mesmo peso específico da água do mar, e por isso tive que engordar um pouco para compensar o peso dos ossos. Também tentei manter o plasma na mesma tensão osmótica da água marinha, quase com a mesma composição iônica. Até minha mulher reconheceu as vantagens: quando entramos na água para nos lavar ou fazer exercícios, flutuamos sem dificuldade e podemos submergir sem esforço, sem que a pele fique enrugada.

Ficar no seco tem suas vantagens e desvantagens. É mais incômodo, mas é mais divertido e estimulante. Para a locomoção, posso agora dizer que se trata de um problema resolvido: de início tentei rastejar na areia como quando se nada, mas depois reabsorvi as nadadeiras, que só serviam para me importunar. Já podia andar, mas não alcançava velocidades satisfatórias, era difícil deslocar-se sobre rochas lisas, por exemplo. Ainda caminho arrastando o ventre no chão, mas espero fazer umas pernas daqui a pouco — não sei se duas ou quatro ou seis.

Dizia que era mais estimulante: vêem-se e ouvem-se mais coisas, mais cheiros, cores, som; tornamo-nos mais versáteis, mais atentos, mais inteligentes. É por isso

que eu gostaria muito de, mais cedo ou mais tarde, andar de cabeça erguida: do alto se vê mais longe. Além disso, tenho um projetinho que diz respeito aos artelhos anteriores; espero poder dedicar-me a ele daqui a pouco.

Quanto à pele, tive de constatar que era muito fina para poder ser usada como órgão de respiração; é uma pena, eu contava com isso. Mas de qualquer modo me agrada: é macia, porosa e quase impermeável, resiste magnificamente ao sol, à água e ao envelhecimento, pigmenta-se facilmente e contém grande quantidade de glândulas e de terminações nervosas. Não creio que será preciso mudá-la como eu fazia até pouco tempo atrás; um problema a menos.

O grande problema, imenso, está na reprodução. Minha mulher logo diz: poucos filhos, gravidez, aleitamento. Eu tento secundá-la porque gosto dela e também porque a maior parte do trabalho cabe a ela; mas, quando decidiu converter-se ao mamiferismo, seguramente não se deu conta da confusão que estava armando.

Eu lhe havia dito: “Preste atenção, não me importa que os filhos tenham três metros de altura ou que pesem meia tonelada ou que sejam capazes de triturar um fêmur de bisonte com os dentes; eu só quero que meus filhos tenham reflexos rápidos e sentidos bem desenvolvidos, mas principalmente que sejam vivos e cheios de fantasia, e assim, quem sabe, com o tempo sejam capazes de inventar a roda e o alfabeto. Por isso deverão ter um cérebro mais abundante e, portanto, um crânio maior; mas como é que eles vão sair na hora do parto? Assim você vai parir com dor”. Mas ela, quando tem uma idéia na cabeça, não há santo que ajude. Já está trabalhando, tentou vários sistemas, também fracassou muitas vezes, e no final escolheu a solução mais simples: alargou a bacia (agora tem uma bacia mais larga que a minha) e fez com que o crânio do bebê ficasse mole e como que desarticulado. Enfim, talvez com alguma ajuda ela agora consiga parir, pelo menos nove vezes em dez. Mas com dor — e nesse ponto, como ela mesma admitiu, eu tive razão.

— 2 x 107. Caro diário. Hoje escapei de uma boa: uma fera, não sei como se chama, saiu de um pântano e me perseguiu por quase uma hora. Assim que recuperei um pouco de fôlego, decidi: é perigoso andar neste mundo desarmado. Pensei bastante, fiz alguns esboços e depois escolhi. Optei por uma bela couraça de escudos ósseos, quatro chifres sobre a testa, uma unha por dedo e oito esporas

venenosas em cima da cauda. Vocês talvez não acreditem, mas fiz tudo isso utilizando apenas carbono, hidrogênio, oxigênio, azoto e uma pitada de enxofre. Deve ser um problema meu, mas não gosto de novidades quando se fala em materiais de construção; os metais, por exemplo, não me inspiram confiança. Talvez porque eu não entenda muito bem de química inorgânica; sinto-me bem mais à vontade com o carbono, os colóides e as macromoléculas.

— 107. Entre as tantas novidades da terra, agora há as plantas. Relva, arbustos, algas, árvores de trinta ou cinquenta metros: tudo está verde, tudo germina, cresce e se escancara ao sol. Parecem estúpidas, mas sabem roubar a energia do sol, o carbono do ar, os sais da terra e ainda crescem por mil anos sem fiar nem tecer nem cortar como nós.

Há os que comem plantas e há os que ficam de olho e depois comem os que comem plantas. Por um lado é mais cômodo, porque com esse último sistema engolem-se rapidamente moléculas substanciosas, sem perda de tempo em sínteses que nem todos são capazes de fazer; por outro lado, é uma vida dura, porque ninguém gosta de ser comido, e assim cada um se defende como pode, seja com os métodos clássicos (como eu), seja com sistemas mais fantasiosos, por exemplo, mudando de cor, dando saltos ou fedendo. Os mais simplórios se limitam a escapar.

Quanto a mim, tentei por algum tempo habituar-me ao capim e às folhas; tive que alongar o intestino, dobrar o estômago e até fiz um acordo com certos protozoários que encontrei no caminho: eu os mantenho aquecidos dentro da pança, e eles demolem a celulose por mim. Quanto à madeira, não consegui habituar-me de jeito nenhum — o que é uma pena, porque há muita madeira por aí.

Já estava me esquecendo de contar que há tempos possuo um par de olhos. Não foi propriamente uma invenção, mas uma seqüência de pequenas malícias. Primeiro fiz duas manchas escuras, que só podiam distinguir o escuro da luz; era claro que eu precisava de lentes. De início pensei em fazê-las com chifre ou algum polissacarídeo, mas depois repensei a idéia e decidi fazê-las de água, o que no fundo foi um ovo de Colombo: a água é transparente, custa pouco, e eu a conheço bem; aliás, quando saí do mar (não lembro se já escrevi isso aqui), trouxe comigo uns dois terços de água, e é até gozado imaginar esses setenta por cento de água que

sentem, pensam, dizem “eu” e escrevem um diário. Enfim, para resumir, as lentes de água ficaram ótimas (só precisei acrescentar um pouco de gelatina); consegui até fazê-las com foco variável, completando-as com um diafragma, e isso sem usar nem um miligrama de elementos diferentes dos quatro a que me afeiçoei.

— 5 x 10⁶. A propósito de árvores: à força de viver no meio delas, e ocasionalmente até em cima, eu e minha mulher começamos a apreciá-las; quero dizer, a apreciá-las não apenas como fonte de alimento, mas em vários outros aspectos. São estruturas belíssimas, mas falaremos disso noutra ocasião; são também um portento de engenharia e, além disso, são quase imortais. Quem disse que a morte está inscrita na vida não pensou nelas: a cada primavera retornam renovadas. É preciso que eu pense no assunto com calma: não seriam elas o melhor modelo? Pensem: enquanto escrevo, tenho diante de mim um carvalho, trinta toneladas de madeira boa e compacta; pois bem, está de pé e cresce há trezentos anos, não precisa esconder-se nem fugir, ninguém o devora e jamais devorou ninguém. Não só: respiram por nós — como percebi recentemente — e é possível morar em cima deles com segurança.

Ontem, aliás, aconteceu-me um fato curioso. Estava olhando as mãos e os pés, assim, ociosamente; só para que nos entendamos, agora já são feitos como os de vocês. Pois bem, eles são feitos para as árvores. Com o indicador e o polegar, posso fazer um gancho adaptado para agarrar um galho de cinco centímetros de diâmetro; se tiver quinze centímetros de espessura, utilizo as duas mãos, polegar contra polegar, dedo contra dedo, que fazem um círculo perfeito. Para galhos ainda maiores, até cinquenta ou sessenta centímetros, uso os dois braços contra o peito. O mesmo se pode dizer mais ou menos sobre as pernas e os pés: minha sola do pé é o decalque de um galho.

“Mas foi você quem quis!”, me dirão. Certo: mas não havia percebido, e vocês sabem que isso às vezes acontece. Porque é verdade que eu me fiz sozinho, mas experimentei diversos modelos, fiz várias tentativas, e às vezes ocorre que me esqueço de cancelar alguns detalhes, sobretudo quando não me incomodam; ou talvez os conserve deliberadamente, como se faz com os retratos dos antepassados: por exemplo, tenho um ossinho no pavilhão da orelha que já não me serve para nada, porque já faz muito tempo que não preciso mover as orelhas — mas sou

muito apegado a ele e não deixaria que ele se atrofiasse por nenhum ouro do mundo.

— 106. Eu e minha mulher já havíamos percebido que caminhar é uma solução, mas caminhar com quatro pernas é uma solução pela metade. É claro: alguém da minha altura, que esteja em pé, domina um horizonte de uns doze quilômetros de raio, ou seja, é quase senhor do que a vista alcança. Mas ainda tem mais: as mãos ficam livres. Eu já as possuo, mas até agora não havia pensado em usá-las senão para subir em árvores; bem, agora percebi que, com uma pequena modificação, elas poderão servir-me para vários outros trabalhos que eu planejava havia tempos.

Gosto de comodidades e novidades. Trata-se, por exemplo, de arrancar folhas e galhos e fazer com eles um colchão e um teto; de afiar uma concha numa placa de ardósia e, com a concha afiada, aguçar um galho de freixo e, com esse galho bem liso e apontado, abater um alce; e com a pele do alce fazer uma roupa para o inverno e um cobertor para a noite; e com os ossos fazer um pente para minha mulher, e para mim uma faca ou um amuleto, e um pequeno alce para o meu filho, para que brinque com ele e aprenda a caçar. Também notei que, ao fazer as coisas, vem à cabeça um monte de outras, em cadeia; freqüentemente tenho a impressão de pensar mais com as mãos do que com o cérebro.

Não que seja fácil, mas com as mãos pode-se até lascar uma pedra e atar esse fragmento a um bastão e assim fazer um machado, e com o machado defender o meu território ou quem sabe alargá-lo; noutros termos, arrebentar a cabeça de outros “eu” que me têm atrapalhado ou que cortejam minha mulher ou que simplesmente são mais brancos ou mais negros ou mais peludos ou menos peludos que eu ou que falam com um sotaque distinto.

Mas aqui este diário pode terminar. Com estas minhas últimas transformações e invenções, a maior parte já está completa: desde então, nada de essencial me aconteceu — e nem penso que me acontecerá no futuro.

O servo

No gueto, a sapiência e a sabedoria são virtudes baratas. Encontram-se a tal ponto difusas que até um engraxate ou um estivador poderiam ostentá-las, mas não o fazem: quase já não são virtudes, como não é virtude lavar as mãos antes de comer. Por isso, mesmo sendo sapiente e sábio mais que qualquer outro, o rabino Arié de Praga não devia sua fama a essas qualidades, mas a uma outra, mais rara, e essa era a sua força.

Era tão forte quanto um homem pode ser, no espírito e na carne. Conta-se que defendeu os judeus de um pogrom, sem armas, só com o vigor de suas grandes mãos; conta-se ainda que se casou quatro vezes, e quatro vezes ficou viúvo, e que procriou um número enorme de filhos, um dos quais foi progenitor de Karl Marx, Franz Kafka, Sigmund Freud, Albert Einstein e de todos os que perseguiram a verdade por caminhos tortuosos e novos no coração da velha Europa. Casou-se pela quarta vez aos setenta anos; tinha setenta e cinco anos e era rabino em Mikulov, na Morávia, lugar santo, quando aceitou a nomeação para rabino de Praga; tinha oitenta quando esculpiu e erigiu com as próprias mãos o sepulcro que ainda hoje é objeto de peregrinações. Esse sepulcro possui uma fenda no alto da arcada: quem deixa cair ali um bilhete com um pedido, seja judeu, cristão, muçulmano ou pagão, tem o desejo realizado no prazo de um ano. O rabino Arié viveu até cento e cinco anos, em pleno vigor de corpo e de espírito, e tinha noventa quando começou a construir um Golem.

Construir um Golem, em si, não é empreitada de grande monta, e muitos tentaram fazê-lo. De fato, um Golem é pouco mais que um nada: é uma porção de matéria — ou seja, de caos — recolhida numa feição humana ou bestial, em suma,

um simulacro, e, como tal, não serve para nada; aliás, é algo de essencialmente suspeito, que merece distância, porque está escrito “não farás para ti imagens e não as adorarás”. O Bezerro de Ouro era um Golem; Adão também era, e assim somos nós.

A diferença entre os Golens está na precisão e na inteireza das prescrições que presidiram sua construção. Caso se diga apenas: “Tome duzentas e quarenta libras de argila, dê a ela a forma de um homem e leve o simulacro à fornalha a fim de que cozinhe”, o resultado será um ídolo semelhante aos dos gentios. Para fazer um homem a via é mais longa, porque as instruções são mais numerosas — mas não são infinitas, estando fixadas em cada uma de nossas minúsculas sementes, e isso o rabino Arié sabia, já que vira nascer e crescer à sua volta filhos numerosos e avaliara suas formas. Ora, Arié não era um blasfemo nem se propusera criar um segundo Adão. Não pretendia construir um homem, mas um *po’el*, isto é, um trabalhador, um servo fiel e forte e de não muito discernimento — enfim, aquilo que em sua língua boêmia se chama robô. De fato o homem pode, sim (e às vezes deve), labutar e combater, mas essas não são obras propriamente humanas. Para tarefas desse tipo o bom mesmo é um robô: algo mais e melhor que um espantalho ou uma daquelas figuras que seguem em procissão quando soam as horas na fachada da prefeitura de Praga.

Um servo, mas que fosse tão forte quanto ele, herdeiro de sua força, que defendesse e ajudasse o povo de Israel quando os dias dele, Arié, chegassem ao fim. Para obter isso, eram necessárias instruções mais complexas do que as requeridas para a fabricação de um ídolo que sorria imóvel em seu nicho, mas não tão complexas quanto as que são necessárias para “ser como Deus” e criar um segundo Adão. Não é preciso que você busque essas instruções nas espirais do céu estrelado nem na esfera de cristal nem no vanilóquio do espírito de Píton: já estão escritas, ocultas nos livros da Lei, basta apenas escolher, ou seja, ler e eleger. Nenhuma letra, nenhum sinal nos rolos da Lei existe por acaso: aos que sabem ler, tudo se mostra distinto, cada empresa passada, presente ou futura, a fórmula e o destino da humanidade e de cada homem, tanto o dos seus quanto o de cada carne, até do verme cego que busca o caminho no meio do barro. Arié calculou e achou que a fórmula do Golem, tal como ele o queria, não estava além das faculdades humanas. Poderia ser escrita em trinta e nove páginas, tantas quantos tinham sido os seus

filhos — e a coincidência lhe foi benfazeja.

Restava a interdição de fazer imagens. Como se sabe, é preciso “estar alinhado com a Lei”, ou seja, é prudente interpretar preceitos e proibições em seu sentido mais amplo, porque um erro devido a uma diligência excessiva não traz danos, ao passo que uma transgressão jamais se cura: não existe expiação. Entretanto, talvez pela longa convivência com os gentios, no gueto de Praga havia prevalecido uma interpretação indulgente. Não farás imagens de Deus, porque Deus não tem imagem; mas por que não deverias fazer imagens do mundo que te rodeia? Por que a imagem do corvo deveria tentar-te à idolatria mais que o próprio corvo, fora de teus vidros, negro e insolente em meio à neve? Por isso, se te chamas Wolf, que te seja lícito desenhar um lobo na porta de tua casa, e se te chamas Baer, um urso. Se tiveres a ventura de chamar-te Kohn, e de assim pertencer à família dos benditos, por que não deverias esculpir duas mãos benditas sobre tua arquitrave e (o mais tarde possível) sobre tua lápide tumular? Se no entanto fores um Fischbaum qualquer, poderás contentar-te com um peixe, talvez de cabeça para baixo, enganchado entre os ramos de uma árvore; ou de uma macieira de onde pendem arenques em vez de maçãs. Mas se fores um Arié, isto é, um leão, o mais adequado a ti será um escudo em que esteja esculpido um leãozinho peludo, que salta ao céu como se o desafiasse, com a boca rugindo e as garras projetadas para fora, idêntico aos inumeráveis leões que os gentios com quem vives costumam usar como insígnia.

Assim o rabino Arié-Leão iniciou a sua obra com o espírito sereno, na cantina de sua casa em Estrada Larga: a argila era trazida à noite por dois discípulos, junto com a água do Moldava e o carvão para alimentar o forno. Dia a dia, noite a noite, o Golem ia tomando forma, e ficou pronto no ano 1579 da Era Vulgar, 5339^o da Criação; ora, 5339 não é propriamente um número primo, mas quase, pois é o produto de 19, que é o número do sol e do ouro, multiplicado por 281, que é o número dos ossos que compõem o nosso corpo.

Era um gigante e tinha uma figura humana da cintura para cima. Para isso também há um porquê: a cintura é uma fronteira, só acima da cintura o homem é feito à imagem de Deus, ao passo que embaixo é animal; por isso o homem sábio não se deve esquecer de cobri-la. Abaixo da cintura o Golem era de fato um Golem, isto é, um fragmento de caos: atrás da cota de malha, que pendia até o chão à guisa

de avental, só se podia ver uma mistura robusta de argila, metal e vidro. Seus braços eram nodosos e fortes como galhos de carvalho; as mãos, nervosas e ossudas, Arié as havia modelado a partir das suas. O resto não era realmente humano, mas leonino, porque um defensor deve incutir assombro, e também Arié quisera assinar sua obra.

Portanto essa era a figura do Golem, mas a maior parte ainda estava por ser feita, já que lhe faltava o espírito. Arié hesitou longamente: gostaria de lhe dar o sangue, e com o sangue todas as paixões do animal e do homem? Não: sendo seu servo terrivelmente forte, dar-lhe sangue seria uma medida incauta; Arié queria um servo confiável, não um rebelde. Negou-lhe o sangue, e com o sangue a Vontade, a curiosidade de Eva, o desejo de aventurar-se; mas nele infundiu outras paixões, e lhe foi fácil, pois só precisou buscá-las em si mesmo. Doou-lhe a cólera de Moisés e dos profetas, a obediência de Abraão, a soberba de Caim, a coragem de Josué e até um pouco da loucura de Achab; mas não a santa astúcia de Jacó, nem a sabedoria de Salomão, nem a luz de Isaías, porque não queria criar um rival.

Por isso, no momento decisivo, quando chegou a hoara de incutir no crânio leonino do servo os três princípios do movimento, que são o Noùs, a Epithymia e o Thymòs, Arié destruiu as letras dos dois primeiros e escreveu em um pergaminho apenas as do terceiro; abaixo acrescentou, em grandes caracteres de fogo, os sinais do nome inefável de Deus, enrolou o pergaminho e o introduziu num estojo de prata. Assim o Golem não teve intelecto, mas teve coragem, força e a faculdade de despertar para a vida apenas quando o estojo com o Nome era colocado entre os seus dentes.

Quando se fez a primeira experiência, as veias de Arié pulsavam como nunca. Pôs o Nome em seu lugar, e os olhos do monstro se acenderam e o miraram. Esperava-se que lhe perguntasse: “O que queres de mim, Senhor?”, mas em vez disso ouviu outra pergunta, que não lhe era estranha e lhe pareceu carregada de ira: “Por que o ímpio prospera?”. Então compreendeu que o Golem era seu filho e sentiu alegria, mas também temeu diante do Senhor — porque, como está escrito, a alegria do judeu vem com uma migalha de assombro.

Arié não se decepcionou com o seu servo. Quando, privado do Nome, repousava no subterrâneo da sinagoga, ficava em absoluta inércia, um bloco de

argila exânime, sem necessidade de feno ou de ração; quando o Nome o chamava mais uma vez à vida, hauria toda a sua força do próprio Nome e do ar que o circundava: não precisava de carne, pão ou vinho. Não precisava nem mesmo de ver ou receber o amor do patrão, de que se nutrem os cavalos e o cão; nunca estava triste nem alegre, mas em seu peito de argila endurecida pelo fogo ardia uma cólera tensa, quieta e perene, a mesma que relampejara na pergunta que assinalou o seu primeiro ato vital. Não fazia nada que Arié não ordenasse, mas tampouco fazia tudo o que Arié lhe ordenava; o rabino logo percebeu isso, ficando ao mesmo tempo alegre e inquieto. Era inútil pedir ao Golem que fosse ao bosque cortar lenha ou buscar água na fonte: ele respondia “será feito, Senhor”, virava respeitosamente as costas e partia com seu passo de trovão, mas assim que saía da vista se enfiava em sua cova escura, cuspiu o Nome e se enrijecia em sua dureza de pedra. No entanto aceitava com um brilho feliz nos olhos todas as tarefas que demandavam coragem e valentia, executando-as com o seu tenebroso engenho.

Por muitos anos foi um valoroso defensor da comunidade de Praga contra o arbítrio e a violência. Dele se narram diversas empresas: de como, sozinho, barrou o caminho de um pelotão de guerreiros turcos que tentava forçar a Porta Branca e saquear o gueto; de como desbaratou os planos de um massacre, capturando o verdadeiro assassino que os esbirros do Imperador tentavam camuflar com um homicídio ritual; de como, sempre sozinho, salvou os estoques de cereais do armazém de uma enchente repentina e desastrosa do Moldava.

Está escrito: “O sétimo dia é o repouso de Deus: não farás nele trabalho nenhum, tu, teu filho, teu servo, teu boi e o forasteiro que abrigas”. O rabino Arié meditou: o Golem não era propriamente um servo, assemelhando-se mais a uma máquina, movida pelo espírito do Nome; sob esse aspecto, era semelhante aos moinhos de vento, cujo trabalho aos sábados é lícito, e aos navios à vela, que podem navegar. Mas depois entendeu que se deve seguir a Lei e decidiu retirar-lhe o Nome toda sexta-feira ao pôr-do-sol, e assim fez por muitos anos.

Mas veio o dia (era justamente uma sexta-feira) em que o rabino conduziu o Golem ao seu aposento, no segundo andar de um vetusto edifício na Estrada Larga, com a fachada escura e corroída pelo tempo. Indicou-lhe uma pilha de lenha a ser cortada, ergueu-lhe um braço e pôs-lhe na mão um machado: o Golem, com o

machado imóvel a meio ar, virou lentamente para ele a cara inexpressiva e feroz e não se mexeu. “Vamos, corta!”, comandou Arié, e um riso profundo lhe fez cócegas no coração, sem transparecer no rosto. A preguiça e a desobediência do monstro o envaideciam, porque estas são paixões humanas, nativas; ele não as havia inspirado, o colosso de argila as concebera sozinho: era mais humano do que ele o desejara. “Vamos, ao trabalho!”, repetiu Arié.

O Golem deu dois passos pesados em direção à lenha, segurando o machado diante de si com o braço esticado; mas parou e deixou cair o machado, que tilintou nas lastras de granito. Apanhou com a esquerda um primeiro tronco, o apoiou na vertical sobre o cepo e desceu-lhe a direita como uma marreta: a tora voou em dois pedaços. O mesmo fez com o segundo, com o terceiro e com os demais: dois passos do cepo à pilha, meia-volta, dois passos da pilha ao cepo, corte com a mão nua de argila, meia-volta. Arié, fascinado e perturbado, observava o trabalho raivoso e mecânico do seu servo. Por que havia recusado o machado? Refletiu longamente; sua mente estava habituada à interpretação da Lei e das narrativas sacras, que é feita de árduos porquês e de respostas argutas e engenhosas, mas a solução lhe escapou por mais de meia hora. Obstinou-se na pesquisa: o Golem era obra sua, seu filho, e é um golpe doloroso descobrir nos nossos filhos opiniões e vontades diferentes das nossas, remotas, incompreensíveis.

Aí está: o Golem era um servo que não queria ser servo. O machado era para ele um instrumento servil, um símbolo de servidão, como é a brida para o cavalo e o jugo para os bois; mas não a mão, que é parte de ti, e em cuja palma está impresso o teu destino. Satisfez-se com essa resposta, demorou-se a considerá-la e confrontá-la com os textos, enfim regozijou-se: era aguda-arguta, plausível e santamente alegre. Tardou-se tanto que nem percebeu que algo estava acontecendo, aliás, já acontecera para além da janela, no ar da Estrada Larga, no céu brumoso de Praga: o sol desaparecera, e o sábado começara.

Quando se apercebeu, já era tarde. Arié tentou em vão deter o seu servo e arrancar-lhe o Nome da boca; o outro o evitava, afastando-o com seus braços duros e voltando-lhe as costas. O rabino, que nunca o tocara antes, conheceu-lhe o peso desumano e a dureza de rocha: como um pêndulo, o Golem irrompia para a frente e para trás no pequeno aposento, rachando lenha após lenha, tanto que os pedaços saltavam até as traves do teto. Arié esperou e rezou para que a fúria do Golem

terminasse quando a pilha de troncos chegasse ao fim; mas então o gigante se inclinou rangendo todas as juntas, recolheu o machado e com ele se desfogou até o alvorecer, esfacelando tudo o que encontrava pela frente: os móveis, as tendas, os vidros, as paredes divisórias, até o cofre de prata e as prateleiras dos livros sagrados.

Arié se refugiou sob a escada e ali teve meio e tempo de meditar uma terrível verdade: nada leva mais perto da loucura do que duas ordens contrastantes entre si. No cérebro pedregoso do Golem estava escrito: “Servirás fielmente ao teu senhor; obedecerás a ele como um cadáver”; mas também estava escrita toda a Lei de Moisés, que lhe fora transmitida por todas as letras da mensagem de que ele havia nascido, porque cada letra da Lei contém toda a Lei. Portanto dentro dele também estava escrito: “Repousarás no sábado; não farás nesse dia obra nenhuma”. Arié compreendeu a loucura do seu servo e louvou a Deus por ter compreendido, porque quem compreende já está a meio caminho: louvou a Deus não obstante a ruína de sua casa, porque reconhecia que a culpa era só sua, não de Deus nem do Golem.

Quando a alvorada do sábado chegou às janelas destruídas, e mais nada restava a ser destruído na casa do rabino, o Golem se deteve como se estivesse exausto. Arié aproximou-se dele com temor, avançou uma mão hesitante e retirou-lhe da boca a cápsula de prata que continha o Nome.

Apagaram-se os olhos do monstro e não mais se acenderam. Quando se fez noite e o triste sábado terminou, Arié tentou reanimá-lo inutilmente para a vida, a fim de que o ajudasse a reconstruir, com a força dos velhos tempos, a sua casa devastada. O Golem permaneceu imóvel e inerte, em tudo semelhante a um ídolo proibido e odioso, um indecente homem-bicho de argila ocre, aqui e ali carcomido por seu próprio frenesi. Arié o tocou com um dedo, e o gigante desmoronou e se espatifou. O rabino recolheu os fragmentos e os repôs no sótão da casa da Estrada Larga em Praga, já agora decrépita, onde reza a lenda que se conservam até hoje.

Amotinamento

Para Mario Rigoni Stern

J á faz mais de dez anos que os Farago cultivam o terreno contíguo ao nosso jardim, e disso surgiu uma amizade rudimentar, sumária e inarticulada, como costumam ser as relações que se estabelecem por cima de uma cerca ou entre uma margem e outra. Os Farago sempre foram horticultores, e sentimos por eles inveja e admiração; eles sempre sabem fazer a coisa certa do modo certo no momento certo, ao passo que nós, diletantes e urbanos, só nos alimentamos de erros. Seguimos religiosamente os seus conselhos, aqueles que pedimos e os que o pai Farago nos grita através da paliçada, quando nos vê cometer algum absurdo ou quando os frutos dos nossos absurdos clamam aos céus; no entanto, apesar de nossa humildade e docilidade, nossos quatro palmos de terra continuam cheios de ervas daninhas e formigueiros, enquanto a horta vizinha, que deve ter uns dois hectares, é limpa, ordenada e próspera.

“É preciso ficar de olho”, dizem os Farago, ou então “mãos à obra”. Salvo Clotilde, não costumam vir e observar o que estamos fazendo; talvez não queiram responsabilidades ou percebam que uma maior intimidade entre eles e nós não é possível nem desejável; ou talvez ainda — aliás, provavelmente — não queiram ensinar-nos muitas coisas — nunca se sabe, um dia poderíamos ter a idéia de roubar-lhes o ofício. Conselhos, sim, mas de longe.

Clotilde é diferente. Nós a vimos crescer a cada verão, como um choupo, e agora ela tem onze anos. É morena, esbelta, com os cabelos sempre caídos sobre os olhos e cheia de mistérios como todas as adolescentes; mas mesmo antes era misteriosa, quando era redonda, dois palmos de altura e suja de terra até nos olhos; ao que parece, aprendeu a falar e a caminhar diretamente do céu, ou talvez da própria terra, com que mantinha uma ligação evidente mas indecifrável. Naquele tempo nós a víamos freqüentemente deitada entre as leiras, no solo úmido e tépido, recém-trabalhado: sorria ao céu de olhos fechados, atenta à palpação das

borboletas que pousavam sobre ela como numa flor, imóvel para não espantá-las. Tomava na mão os grilos e as aranhas, sem asco e sem lhes fazer mal, acariciando-os com o dedo moreno como se faz com os animais domésticos, depois os recolocava na terra: “Vai, bichinho, vai pelo seu caminho”.

Agora que ela cresceu, também nos dá conselhos e explicações, mas de outra natureza. Explicou-me que a trepadeira é gentil, mas preguiçosa: se ficar solta, invade os campos e os sufoca, mas não para fazer mal como as ervas daninhas, simplesmente é muito preguiçosa para crescer direito. “Vê como ela faz? Planta as raízes no solo, mas não muito fundo, porque não quer se cansar e não é muito forte. Depois se divide em fios, e cada fio rasteja em busca de comida, e nunca se cruzam: não são nada bobos, combinam tudo antes, eu para o levante, você para o poente. Fazem flores bastante bonitas e até perfumadas, e também essas bolinhas — está vendo? —, porque também pensam no futuro.”

Quanto à erva daninha, ao contrário, não há piedade: “É inútil despedaçá-la com a enxada, já que cada pedacinho volta a crescer como os dragões das fábulas. Aliás, é mesmo um dragão: se você observar bem, vai notar os dentes, as unhas e as escamas. Ela mata as outras plantas e não morre nunca, porque se esconde debaixo da terra; o que se vê do lado de fora não é nada, aquelas folhinhas finas, de ar inocente, que quase parecem grama. E quanto mais se cava, mais se encontra, e se cavar bem fundo você vai achar um esqueleto todo preto e nodoso, duro como ferro e velhíssimo: isso é a erva daninha. As vacas passam sobre ela e a esmagam, mas ela não morre: se for enterrada num caixão de pedra, ela quebra a pedra e acha uma saída. Só não pode com o fogo. Eu não falo com as ervas daninhas”.

Perguntei-lhe se fala com as outras plantas, e ela me disse que com certeza. Seu pai e sua mãe também, mas ela fala melhor que eles: não é exatamente falar com a boca, como a gente, mas é claro que as plantas fazem sinais e expressões quando querem alguma coisa, e entendem nossos gestos; mas é preciso não perder a paciência e tentar fazer-se entender, porque em geral as plantas são muito lentas, tanto para entender quanto para falar ou se mover. “Está vendo isso?”, me disse, indicando um dos nossos limoeiros: “ele se lamenta, e isso não é de hoje, mas você não entende e não percebe, e enquanto isso ele sofre.”

“Se lamenta de quê? Não lhe falta água, e nós o tratamos igualzinho aos outros.”

“Não sei, nem sempre é fácil entender. Está vendo que deste lado todas as folhas

estão retorcidas: é aí que está o problema. Talvez esteja batendo as raízes contra uma rocha; veja que, sempre no mesmo lado, ele tem uma ruga horrorosa no tronco.”

Segundo Clotilde, tudo o que cresce da terra e tem folhas verdes é “gente como nós”, com quem devemos entrar em acordo; justamente por isso plantas e flores não devem ser mantidas em vasos, porque é como fechar os bichos numa gaiola: tornam-se estúpidos ou malvados, enfim, não são mais os mesmos, e é um egoísmo de nossa parte metê-los entre grades, só pelo prazer de olhá-los. Mas a erva daninha é uma exceção, porque não vem da terra, mas do subterrâneo, do reino dos tesouros, dos dragões e dos mortos. Na sua opinião, o subsolo é um país tão complicado quanto o nosso, só que é escuro, enquanto aqui há luz; existem cavernas, galerias, corredeiras, rios e lagos, e além disso há os veios dos metais, que são todos venenosos e maléficos, menos o ferro, que dentro de certos limites é amigo do homem. Também há tesouros: alguns escondidos pelos homens em tempos remotos, outros que jazem lá embaixo desde sempre, ouro e diamantes. É aqui que moram os mortos, mas deles Clotilde não gosta de falar. No mês passado, uma escavadora estava trabalhando na propriedade vizinha à deles: Clotilde assistiu pálida e fascinada à obra poderosa da máquina até que o nível da fossa atingisse três metros; depois desapareceu por vários dias e só voltou quando a máquina foi embora e constatou que, no grande buraco, só havia terra e pedras, poças de água parada e algumas raízes expostas.

Também me contou que nem todas as plantas estão em harmonia. Há as domesticadas, como as vacas e as galinhas, que não saberiam viver sem o homem, mas há outras que protestam, tentam escapar e às vezes conseguem. Se não estivermos atentos, tornam-se selvagens e não dão mais frutos, ou dão como querem e não como queremos: áspero, duro, só casca. Uma planta, se não for inteiramente domesticada, torna-se nostálgica, sobretudo se estiver nos arredores de uma floresta selvagem. Gostaria de voltar ao bosque onde só as abelhas cuidassem de fecundá-la, e ser disseminada pelos pássaros e pelo vento. Mostrou-me os pêssegos do seu pomar, e era exatamente como ela dizia: as árvores mais próximas da cerca estendiam os galhos mais além, como se fossem braços.

“Venha comigo, quero lhe mostrar uma coisa.” Conduziu-me ao alto da colina,

em meio a um bosque que quase ninguém conhece, repleto de espinheiros. Além disso, é como se fosse defendido por uma moldura de velhos terraços derruídos, recobertos por uma espécie de hera espinhosa, cujo nome desconheço. É bonita de ver, com folhas em ponta de lança, límpidas, de um verde brilhante e manchado de branco; mas o fuste, os ramos e até o avesso das próprias folhas são pontilhados de espinhos aduncos, agudos como cabeças de flecha: só de roçar a carne, espetam e arrancam um pedaço.

No caminho, enquanto eu mal tinha fôlego para governar meus passos e soprar um monossílabo de concordância, Clotilde falava. Dizia que pouco antes soubera de uma notícia importante, recebida de um alecrim, que é um tipo especial, amigo do homem, mas à distância, meio como os gatos; gosta de fazer as coisas do seu jeito, e o gostinho aromático que vai tão bem nos assados é uma invenção dele: agrada aos homens, mas os insetos o acham amargo. Enfim, funciona como um repelente, que ele inventou há milhares e milhares de anos, quando o homem ainda não existia — de fato, você nunca verá um alecrim devorado por lagartas ou lesmas. As folhas em forma de agulha também são uma bela invenção, mas não do alecrim. Foram inventadas por pinheiros e abetos, muito tempo atrás: são uma boa defesa, porque os bichinhos que comem as folhas começam sempre pela ponta, e, se ela for dura e pontiaguda, perdem logo a coragem.

O alecrim lhe fizera gestos para que fosse àquele bosque, a uma certa distância e numa determinada direção, porque lá ela encontraria uma coisa importante; já estivera ali poucos dias antes, e era mesmo verdade, e agora queria mostrá-lo a mim. Só lamentava um pouco que o alecrim tivesse bancado o espião.

Ensinou-me uma trilha meio encoberta pelos arbustos, por onde conseguimos penetrar no bosque sem muitos arranhões; e ali estava, no centro do bosque, uma pequena clareira circular que nunca existira. Naquele ponto o terreno era quase plano, e o solo parecia liso, batido, sem um único fio de grama e sem uma pedra. Entretanto havia três ou quatro pedras, a mais ou menos meio metro do perímetro, e Clotilde me disse que as colocara como referência, para verificar o que o alecrim lhe dissera, ou seja, que aquilo era uma escola de árvores, um lugar secreto onde as árvores ensinavam umas às outras a caminhar, por ódio aos humanos e sem que eles soubessem. Conduziu-me pela mão (tem uma mão pouco infantil, áspera e forte) ao longo do círculo e me fez ver muitas coisas miúdas, imperceptíveis: que,

em torno de cada tronco, o terreno estava removido, encrespado e como enrugado para o exterior e rebaixado para dentro; que todos os troncos pendiam um pouco para fora, e até as trepadeiras corriam radialmente para o exterior. Para ser claro, não estou absolutamente seguro de que sinais semelhantes não apareçam em outros lugares, em outras clareiras ou quem sabe em todas, e que não tenham um significado diferente ou talvez não tenham nenhum: mas Clotilde estava cheia de excitação.

“Há as inteligentes e as estúpidas, as preguiçosas e as ativas, e mesmo as mais espertas não chegam tão longe. Mas este aqui, por exemplo”, e me indicou um zimbro, “já faz tempo que estou de olho nele, não confio nem um pouco.” Segundo me disse, aquele zimbro havia migrado pelo menos um metro em quatro dias. Tinha descoberto o melhor jeito, pouco a pouco deixava todas as raízes morrerem de um lado e reforçava as do outro, e queria que todos fizessem como ele. Era ambicioso e paciente: todas as plantas são pacientes, esta é a sua força; mas ele também era ambicioso, e foi um dos primeiros a entender que uma planta que se desloque pode conquistar um país e libertar-se do homem.

“Libertar-se é o que todos querem, só não sabem como, depois de tantos anos que nós comandamos. Algumas árvores, como as oliveiras, se resignaram há séculos; mas se envergonham, percebe-se isso pelo modo como crescem, todas tortas e desesperadas. Outras, como os pessegueiros e as amendoeiras, se renderam e fazem frutas; porém, como você sabe, assim que podem retornam ao estado selvagem. Quanto a outros, não sei: é difícil entender o que querem os castanheiros e os carvalhos, talvez sejam muito velhos e muito lenhosos e já não queiram mais nada, como acontece com os velhos — só esperam que após o verão venha o inverno, depois do inverno, o verão.”

Além disso, havia uma cerejeira selvagem que falava. Não que falasse em italiano, mas é como quando se conversa com os holandeses que vêm para a praia em julho: não se entende palavra por palavra, mas, pelos gestos e entonações, a gente acaba entendendo muito bem o que eles querem dizer. Aquela cerejeira falava com o farfalhar da copa, que se ouvia encostando o ouvido ao tronco, e dizia coisas que desagradavam a Clotilde: que não se devem fazer flores, porque são elogios ao homem, nem frutos, que são um desperdício e um dom imerecido. É preciso combater o homem, não purificar o ar que respiram, desenraizar-se e partir,

mesmo ao preço de morrer ou embrutecer-se. Também encostei o ouvido ao tronco, mas só percebi um murmúrio indistinto, embora talvez um pouco mais sonoro do que o som produzido por outras árvores.

Já estava escuro e não havia lua. As luzes da cidade e da praia nos davam apenas uma idéia vaga do rumo que deveríamos seguir na descida; em pouco tempo nos vimos terrivelmente enredados nos espinheiros e nos terraços em ruína. Era preciso pular às cegas de um para outro, tentando adivinhar no escuro crescente se cairíamos sobre a terra, sobre pedras, espinhos ou em chão firme. Depois de uma hora de descida, estávamos cansados, escoriados e inquietos, enquanto as luzes lá embaixo continuavam distantes.

Ouviu-se de repente o latido de um cão. Paramos: vinha direto em nossa direção, correndo horizontalmente ao longo de um dos terraços. Podia ser um bem ou um mal: pelo som, não devia ser um cão muito grande, mas ladrava com arrogância e insistência, até quando lhe faltava o fôlego, e então o ouvimos aspirando o ar com um rugido curto e convulsivo. Rapidamente ele chegou a poucos metros abaixo de nós, e ficou claro que não latia por capricho, mas para que não invadísemos seu território. Clotilde pediu-lhe desculpas pela invasão e explicou que tínhamos perdido o caminho e só queríamos ir embora; portanto, ele estava certo em latir, era o seu ofício, mas seria muito melhor se nos ensinasse a estrada que leva para casa — desse modo, nem ele nem nós perderíamos tempo. Falava com uma voz tão tranqüila e persuasiva que o cão logo se aquietou: o entrevíamos sob nós como uma mancha indefinida, branca e preta. Descemos poucos passos e sentimos debaixo dos pés a dureza elástica da terra batida. O cão se dirigiu de banda para a direita, gemendo de vez em quando e parando para ver se o seguíamos. Depois de quinze minutos chegamos à casa do cachorro e fomos acolhidos por um trêmulo coro de balidos caprinos; dali, apesar da escuridão, achamos facilmente uma trilha que descia até a cidade.

Escrito na testa

Às nove da manhã, quando Enrico entrou, outros sete já estavam aguardando; sentou-se e escolheu uma revista da pilha que estava na mesa, a menos ensebada que achou: mas era uma daquelas publicações vergonhosamente inúteis e tediosas que se amontoam quase por mágica justo naqueles lugares onde a gente é forçado a esperar, e sabe-se lá como ainda existem pessoas que se dão ao trabalho de editá-las, uma coisa que nenhum ser pensante poderia animar-se a ler — muitas vezes piores, mais mercenárias e vulgares que os próprios telejornais. Aquela, em particular, tratava de artesanato regional, era publicada sob os auspícios de uma Entidade obscura, e em cada página mostrava um subsecretário cortando uma fita. Enrico largou a revista e olhou ao redor.

Dois tinham ar de aposentados, as mãos grossas e nodosas; havia uma mulher de uns cinqüenta anos, de aspecto cansado, vestida humildemente; os outros quatro pareciam estudantes. Passaram-se quinze minutos, a porta ao fundo se abriu e uma jovem sofisticada, metida num jaleco amarelo, perguntou: “Quem é o primeiro?”. Depois de uns três ou quatro minutos, a jovem reapareceu; Enrico dirigiu-se a seu vizinho, que era um dos estudantes, e disse: “Parece que a coisa é rápida”. O outro respondeu de mau humor e com ar de especialista: “Nem sempre”. Com que facilidade e presteza esses rapazes assumem um ar de velho *expert*, mesmo numa simples ante-sala! Mas o *expert* da vez devia ter razão: antes que entrasse o terceiro, foi preciso esperar uma boa meia hora, e entretanto outros dois “novos” já haviam entrado. Enrico percebeu-se irremediavelmente velho e experiente em relação a eles, que de resto olhavam em torno com o mesmo ar embaraçado que Enrico tinha meia hora antes.

O tempo passava lentamente: Enrico sentia o ritmo cardíaco acelerar desagradavelmente, e as mãos frias e suadas. Tinha a sensação de estar à espera do dentista ou na véspera de um exame, e pensava que todas as esperas são incômodas, sabe-se lá por quê, talvez porque os acontecimentos felizes sejam mais raros que os tristes. Mas até a espera de acontecimentos felizes é desagradável, porque causa ansiedade, e você nunca sabe muito bem o que topará pela frente, como o receberão e o que você deverá dizer; como se não bastasse, qualquer que seja o resultado, é sempre um tempo que lhe foi subtraído, roubado pelo desconhecido que está do outro lado da parede. Enfim, não houve modo de estabelecer um tempo médio para a entrevista. As aparições da garota ocorriam a intervalos que variavam de dois minutos (com um dos aposentados) a quarenta e cinco minutos (com um belo estudante, de barba loura e óculos com aros de aço); quando Enrico entrou, já eram quase onze horas.

Foi introduzido num escritório frio e pretensioso; nas paredes estavam penduradas pinturas informais e fotografias que representavam rostos humanos, mas Enrico não teve tempo de observá-las de perto, porque um funcionário o convidou a sentar-se diante da escrivaninha. Era um rapaz de cabelos cortados à escovinha, bronzeado, alto e atlético; tinha na lapela uma tarjeta com a inscrição “Carlo Rovati”, e trazia escrito na testa, em nítidos e desenhados caracteres azuis: “FÉRIAS NA SAVÓIA”.

“O senhor respondeu ao nosso anúncio no *Corriere*”, disse, jovial. “Penso que não nos conhece, mas nos conhecerá logo, quer cheguemos a um acordo ou não. Somos pessoas agressivas, vamos diretamente ao que importa, sem rodeios. No nosso anúncio se falava de um trabalho fácil e bem remunerado; agora posso acrescentar que se trata de um trabalho tão fácil que nem pode ser chamado de trabalho: é mais uma prestação, uma concessão. Quanto ao pagamento, o senhor julgará.”

Rovati se calou por um momento, observou Enrico com ar profissional, fechando um olho e inclinando a cabeça, primeiro para a esquerda, depois para a direita, e então prosseguiu:

“O senhor seria uma ótima opção. Tem um rosto aberto, positivo, não é feio, mas também não é muito regular: um rosto que não se esquece facilmente. Poderíamos oferecer-lhe...”, e nesse ponto acrescentou uma cifra que fez Enrico

pular da cadeira. É necessário esclarecer que Enrico queria se casar, mas não tinha dinheiro e ganhava pouco; além disso, era um daqueles sujeitos que não gostam de dar um passo maior do que a perna. Enquanto isso, Rovati continuava: “O senhor já deve ter entendido, trata-se de uma nova técnica de promoção (e aqui acenou com elegante desenvoltura para a própria testa). Se o senhor aceitar, não estará absolutamente se comprometendo no que diz respeito ao seu comportamento, suas escolhas e opiniões; eu, por exemplo, nunca estive na Savóia, nem de férias nem a trabalho, nem pretendo ir lá. Se lhe dirigirem comentários, o senhor responderá como quiser, pode até desmentir sua mensagem ou nem responder. Enfim, o senhor nos venderá ou alugará sua testa, e não sua alma”.

“Vendo ou alugo?”

“A escolha cabe ao senhor: nós lhe propomos duas formas de contrato. O valor que mencionei é para um período trienal: o senhor só precisa passar no nosso centro gráfico, que fica aqui no térreo, receber a inscrição, passar no caixa e retirar o cheque. Ou, se preferir um contrato mais breve, digamos trimestral, o procedimento é o mesmo, mas a tinta é diferente: desaparece sozinha em cerca de três meses, sem deixar vestígio. É claro que, nessa opção, o pagamento é bastante inferior.”

“Porém, no primeiro caso, a tinta dura três anos?”

“Não, não exatamente. Nossos químicos ainda não conseguiram sintetizar uma tinta dermatográfica que dure três anos precisos e que desapareça sem antes desbotar. A tinta trienal é indelével: ao final do terceiro ano, o senhor passa aqui rapidamente, submete-se a uma pequena intervenção totalmente indolor e readquire o rosto de antes — a menos que, naturalmente, o nosso anunciante e o senhor concordem em renovar o contrato.”

Enrico estava perplexo, não tanto em relação a si, mas por causa de Laura. Quatro milhões são quatro milhões, mas o que Laura acharia disso?

“Não é preciso decidir assim, de pronto”, interveio Rovati, como se tivesse lido seu pensamento. “O senhor volta para casa, pensa no assunto, troca idéias com quem quiser e depois retorna e assina o contrato. Mas, por favor, no prazo de uma semana — o senhor sabe que precisamos estudar as nossas estratégias de desenvolvimento.”

Enrico se sentiu aliviado. Indagou: “Poderei escolher a inscrição?”.

“Dentro de certos limites, sim; apresentaremos uma lista com cinco ou seis opções, e o senhor decidirá. Mas em todo caso se tratará apenas de poucas palavras, eventualmente acompanhadas de alguma marca.”

“E... gostaria de saber: eu seria o primeiro?”

“O senhor quis dizer o segundo”, sorriu Rovati, indicando novamente a própria frente. “Mas não será nem mesmo o segundo. Só nesta cidade já fechamos... deixe-me ver: aqui está, oitenta e oito contratos. Portanto não tenha medo, o senhor não estará sozinho nem deverá dar muitas explicações. De acordo com as nossas previsões, dentro de um ano a publicidade frontal se tornará uma tendência em todos os centros urbanos, talvez até uma marca de originalidade e de prestígio pessoal, como o distintivo de um clube. Pense que neste verão nós concluímos vinte e dois contratos de temporada em Cortina e quinze em Courmayeur, pagando apenas alimentação e hospedagem durante o mês de agosto!”

Para espanto de Enrico, e mesmo com algum desconforto da parte dele, Laura não hesitou nem um minuto. Era uma garota prática, e fez logo questão de lembrar que, com quatro milhões, o problema da casa estaria resolvido; não só, mas os quatro milhões poderiam virar oito ou quem sabe dez, e aí se resolveria a questão dos móveis, do telefone, da geladeira, da lavadora e do carro. Dez como? Mas é óbvio! Ela também gravaria a inscrição, e um casal jovem, charmoso, com dois anúncios na testa complementares entre si, valeria certamente mais que a soma de duas cabeças desgarradas — aquelas pessoas reconheceriam o fato sem dificuldade.

Enrico não demonstrou muito entusiasmo: primeiro, porque a idéia não lhe ocorrera; segundo, porque mesmo que lhe ocorresse não teria ousado propô-la a Laura; terceiro, porque afinal três anos é muito tempo, e lhe parecia que uma Laura marcada como se faz com os bezerros — e marcada justo naquela frente límpida e tão pura — já não seria mais a mesma Laura. Todavia se deixou convencer, e dois dias depois ambos se apresentaram à agência e perguntaram por Rovati: houve uma negociação quase pacífica, Laura expôs suas razões com graça e convicção, Rovati deve ter apreciado a sua testa até demais, e ao final os milhões foram nove. Quanto à inscrição, não houve muito que escolher: a única empresa que se interessava em divulgar um produto idôneo em um anúncio compartilhado era uma sociedade de cosméticos. Enrico e Laura assinaram, sacaram o cheque,

retiraram um recibo e desceram ao centro gráfico. Uma jovem vestindo um guarda-pó branco pincelou-lhes na testa um líquido de odor pungente, os expôs por poucos minutos à luz azul e ofuscante de uma lâmpada e estampou em ambos, verticalmente acima do nariz, um lírio estilizado; depois, na testa de Laura, escreveu em elegante cursivo “Lilywhite para ela” e, na testa de Enrico, “Lilybrown para ele”.

Casaram-se depois de dois meses, meses que para Enrico foram muito duros. No escritório, teve que dar um bom número de explicações, e não achou nada melhor do que expor a pura verdade; aliás, a verdade quase pura, porque não mencionou Laura, atribuindo à própria testa os nove milhões — não omitiu a cifra, temendo que o acusassem de ter se vendido por pouco. Alguns o apoiaram, outros desaprovaram; não lhe pareceu que despertasse simpatia, nem que o perfume impresso em sua testa atraísse a atenção geral. Ele se debatia entre duas pressões contrárias: ou divulgar a todos o endereço da agência, para não ficar sozinho; ou mantê-lo em segredo, para não se depreciar. Seu constrangimento diminuiu bastante após umas semanas, quando viu Molinari, sério e atento como sempre atrás da sua prancheta, com a seguinte inscrição na testa: “Dentes saudáveis com Alnovol”.

Laura tinha — ou fingia ter — menos problema. Em casa ninguém reagira mal, ao contrário, sua mãe foi correndo apresentar-se à agência, mas a recusaram dizendo que a testa dela tinha muitas rugas para ser utilizável. Laura tinha poucas amigas, já havia concluído os estudos e ainda não trabalhava, de modo que não era difícil manter a discrição. Quando passava nas lojas para tratar do enxoval e dos móveis, sentia-se observada, mas ninguém perguntava nada.

Decidiram fazer a viagem de núpcias de carro, com uma barraca, mas evitando os camping organizados; e, quando voltaram, ambos concordaram em circular o menos possível em público — coisa não muito penosa para dois jovens esposos, além do mais atarefados com a organização da casa. Porém, em poucos meses o desconforto inicial sumira quase totalmente: a agência devia ter feito um bom trabalho, ou talvez outras agências a imitaram, porque já não era raro encontrar pela rua ou nos ônibus indivíduos com a testa marcada. Na maioria eram rapazes ou garotas atraentes, muitos eram visivelmente imigrantes; no seu prédio, um outro jovem casal, os Massafra, trazia escrito na testa, em duas versões idênticas, o

anúncio de uma certa escola profissionalizante por correspondência. Logo fizeram amizade e começaram a ir juntos ao cinema ou a jantar na *trattoria* aos domingos: os quatro sempre reservavam a mesma mesa, ao fundo e à direita da entrada. Perceberam rapidamente que uma outra mesa, próxima à deles, era freqüentada por pessoas assinaladas, e foi natural estabelecer contato e trocar confidências sobre os respectivos contratos, sobre as experiências precedentes, sobre as relações com o público e sobre os planos para o futuro. Mesmo nas salas de cinema, sempre que possível, sentavam-se nas poltronas que ficavam à direita da entrada, porque haviam notado que vários outros marcados, homens e mulheres, costumavam sentar-se naqueles lugares.

Por volta de novembro, Enrico calculou que um cidadão em cada trinta trazia alguma coisa escrita na testa. Na maior parte eram anúncios publicitários como os deles, mas às vezes se viam solicitações ou declarações diversas. Viram na Galeria uma jovem elegante que ostentava escrito no rosto “Johnson carrasco”; na rua Larga, um rapaz de nariz de cachorro como um pugilista exibia “Ordem = Civilização”; parado no sinal, ao volante de uma Minimorris, um trintão de costeletas trazia “Vote em branco!”; no trólebus número 20, duas gêmeas graciosas, adolescentes ainda, estampavam na testa, respectivamente, “Viva o Milan” e “Força, Zilioli”. Na saída de um ginásio, toda uma turma de alunos trazia escrito “Sullo, go home”; numa noite, em meio à neblina, encontraram uma figura indefinível, vestida com vivo espalhafato, aparentando estar bêbada ou drogada, que sob a luz de um poste revelou a escrita “ÂNSIA INTERIOR”. De resto, tornara-se comuníssimo encontrar na rua crianças que levavam na testa, rabiscados com caneta esferográfica, vivas e abaixos, injúrias e palavrões.

Assim Enrico e Laura se sentiam menos sozinhos, aliás, começavam a sentir orgulho, porque se consideravam de certo modo pioneiros e modelos; também ficaram sabendo que as ofertas das agências haviam decaído. Entre os antigos marcados corria voz que, por uma escrita normal, de uma só linha e por três anos, já não ofereciam mais que trezentas mil liras, e o dobro para um texto de trinta palavras com o logotipo da empresa. Em fevereiro, receberam por cortesia o primeiro número da *Gazeta dos Frontais*. Não se entendia bem quem a publicava; naturalmente, setenta e cinco por cento de suas páginas eram dedicadas à publicidade, e mesmo os vinte e cinco restantes eram suspeitos. Um restaurante,

um acampamento e várias lojas ofereciam aos Frontais descontos módicos nos preços; anunciava-se a existência de um clube, numa ruela de periferia; convidavam-se os Frontais a freqüentar a sua capela, dedicada a são Sebastião. Enrico e Laura a visitaram num domingo de manhã, só por curiosidade: atrás do altar havia um grande crucifixo de plástico, e o Cristo trazia o INRI escrito na testa, e não na tabuleta.

Perto do fim do terceiro ano de contrato, Laura se deu conta de que estava grávida e ficou feliz, embora, com os aumentos recentes do custo de vida, a situação deles não fosse magnífica. Foram a Rovati propor uma renovação, mas o acharam bem menos jovial que antes; ofereceu-lhes um valor irrisório por um texto longo e ambíguo, em que se elogiavam certos filminhos dinamarqueses. Recusaram de comum acordo e desceram ao centro gráfico para o cancelamento; no entanto, malgrado as afirmações da jovem de jaleco branco, a testa de Laura ficou áspera e granulosa, como se tivesse sido escaldada; além disso, observando bem, o lírio estilizado continuava perceptível, como as inscrições do Partido Fascista nos muros dos vilarejos.

O menino nasceu na data prevista, regularmente: era robusto e bonito, mas, inexplicavelmente, trazia escrito na testa “CAVILHAS PADRONIZADAS”. Os pais o levaram à agência, e Rovati, feitas as consultas necessárias, declarou que aquela razão social não constava de nenhum anuário, sendo desconhecida na Câmara de Comércio: por isso não poderia oferecer nada ao casal, nem sequer a título de indenização. Mesmo assim, ofereceu-lhes um bônus para o centro gráfico, para que a testa do pequeno fosse apagada gratuitamente.

Ótima é a água

Boero cismava na solidão do laboratório e não chegava a nenhuma conclusão. Havia trabalhado e estudado duro, quase dois anos, para conquistar aquele lugar; também tinha feito coisas de que se envergonhava um pouco, tinha bajulado Curti, por quem não nutria nenhum apreço; tinha até (por cálculo ou ingenuamente? Nesse ponto também estava em dúvida) levantado suspeitas, diante de Curti, sobre a habilidade e o preparo de dois colegas rivais.

Agora estava ali dentro, estável: possuía um território seu, pequeno mas seu, um banco, uma escrivaninha, meio armário com portas de vidro, um metro quadrado de poltrona, um cabideiro e um jaleco. Estava ali, e não era tão esplêndido quanto esperara; não era nem sequer divertido, aliás, era muito triste pensar que *a)* não basta estar num laboratório para se sentir mobilizado, um soldado na batalha da ciência; *b)* deveria dedicar-se, pelo menos por um ano, a um trabalho diligente e idiota, e diligente porque idiota, um trabalho feito apenas de diligência, um trabalho já feito por no mínimo outros dez, todos obscuros, todos provavelmente já mortos, e mortos sem outro nome além daquele perdido em meio a outros trinta mil, no vertiginoso índice de autores das Tabelas de Landolt.

Hoje, por exemplo, deveria verificar o teor do coeficiente de viscosidade da água. Sim, senhores: da água destilada. Pode-se imaginar um ofício mais insípido? Um ofício de empregado de lavanderia, não de um jovem físico: lavar vinte vezes ao dia o viscosímetro. Um ofício de... contador, de burocrata, de inseto. E não é só isso: o fato é que os valores aferidos hoje não estão de acordo com os encontrados ontem; são coisas que acontecem, mas ninguém as admite de bom grado. Há uma diferença, pequena mas inquestionável, obstinada como só os fatos podem ser — de

resto, trata-se de um problema bem conhecido, a malignidade natural das coisas inanimadas. E então se repete a lavagem do aparelho, destila-se a água pela quarta vez, controla-se pela sexta o termostato, assobia-se para não blasfemar e aí se repetem as medições.

Dedicou toda a tarde à repetição das checagens, mas não fez os cálculos porque não queria estragar a noite. Deixou-os para a manhã seguinte e, *sure enough*, a diferença continuava; não só, tinha até aumentado levemente. Ora, é preciso que se saiba que as Tabelas de Landolt são sagradas: são a Verdade. Uma pessoa é encarregada de refazer as medições apenas por sadismo, suspeitava Boero: somente para verificar a quinta e a quarta cifra significativa, mas, se a terceira não estiver correta — e esse era o seu caso —, como a colocamos? É preciso saber que duvidar do Landolt é muito pior do que pôr em dúvida o Evangelho: se você estiver errado, será coberto de ridículo e comprometerá a carreira, e se tiver razão (o que é improvável), não auferirá nenhuma utilidade ou glória, mas receberá o epíteto de, precisamente, contador, burocrata e inseto — e no final resta a triste alegria de ter razão ali onde um outro falhou, glória que dura o intervalo de uma manhã.

Foi falar com Curti, e Curti, como era previsível, ficou furioso. Disse-lhe que refizesse as medições; ele respondeu que já havia feito várias vezes e não agüentava mais aquilo, e Curti lhe sugeriu que mudasse de profissão. Boero desceu a escada decidido a mudar, mas a sério, radicalmente — e que Curti procurasse outro escravo. Não voltou ao Instituto durante toda a semana.

Ruminar é um ato pouco cristão, doloroso, tedioso e, em geral, infrutífero. Ele sabia disso, mas havia quatro dias não fazia outra coisa: tentava todas as variantes, repassava as coisas que tinha feito, ouvido e falado, fantasiava outras que poderia ter dito, ouvido ou feito, examinava as causas e as conseqüências de umas e outras: delirava e argumentava. Fumava um cigarro atrás do outro, deitado na areia cinza do Sangone, tentando acalmar-se e reencontrar o senso da realidade. Perguntava-se se de fato cortara todas as pontes, se deveria mesmo abandonar a carreira ou se devia voltar a Curti e chegar a um acordo, ou se não teria sido mais sensato reassumir seu cargo, dar um empurrãozinho na balança e adulterar os resultados.

Depois o canto das cigarras o distraiu, e ele se perdeu na observação dos vórtices que se formavam a seus pés. “Ótima é a água”, pensou: quem escreveu isso? Talvez

Píndaro, ou um outro daqueles grandes que eram estudados no ginásio. Entretanto, olhando melhor, começou a achar que havia algo errado naquela água. Conhecia aquele rio havia muitos anos, vinha brincar ali na infância e, mais tarde, bem naquele local, com uma garota e depois com outra: pois bem, a água estava estranha. Dava a impressão de ser bem menos móvel, menos viva: as cascatinhas não arrastavam bolhas de ar, a superfície era menos encrespada, nem o marulho parecia o mesmo, era mais surdo, abafado. Desceu até o poço e jogou uma pedra: as ondas circulares eram lentas e preguiçosas, desfazendo-se antes de atingirem a orla. Então lhe ocorreu que as obras de captação do aqueduto municipal não estavam muito longe dali, e de repente a sua acídia evaporou e ele se sentiu leve e vigilante como uma serpente. Devia levar uma amostra daquela água: buscou nos bolsos em vão, depois escalou a margem até onde havia deixado a motocicleta. Num dos alforjes achou uma folha de plástico, que usara algumas vezes para proteger a sela da chuva; fez um saquinho com ela, encheu-o de água e amarrou-o forte, depois partiu como um foguete para o laboratório. Aquela água era monstruosa: 1,30 centipoises a 20°C, trinta por cento acima do índice normal.

A água do Sangone era viscosa desde a nascente até a confluência com o Pó; a água de todos os outros rios e torrentes era normal. Diante da evidência dos fatos, Boero se reconciliara com Curti, aliás, Curti com Boero: redigiram rapidamente um memorando assinado pelos dois, mas, quando o texto estava sendo revisado, tiveram que escrever outro com uma pressa ainda maior, porque nesse meio-tempo a água do Chisone e a do Pellice começaram a se tornar viscosas, enquanto a do Sangone atingia um valor de 1,45. Essas águas eram refratárias à destilação, à diálise e à passagem por colunas de adsorção; submetidas à eletrólise com recombinação do hidrogênio e do oxigênio, obtinha-se uma água idêntica à de origem; após longa eletrólise sob tensões elevadas, a viscosidade aumentava sucessivamente.

Era abril, e em maio o Pó também se tornou anômalo, inicialmente em alguns trechos, depois em todo o curso até a foz. A viscosidade da água já era visível a um olho não treinado, as correntes fluíam silenciosas e turvas, sem marulho, como o vazamento de um óleo exausto. Os cursos elevados se adensavam e tendiam a transbordar; os cursos baixos, ao contrário, estavam em seca, e no Pavese e no

Mantovano os braços mortos se cobriram de areia num arco de poucas semanas.

O limo suspenso sedimentava com maior lentidão que o usual: na metade de junho, visto de aviões, o delta surgia circundado por uma mancha amarelada num raio de vinte quilômetros. No final de junho choveu sobre toda a Europa; na Itália setentrional, na Áustria e na Hungria a chuva era viscosa, escoava com dificuldade e formava poças nos campos, que se transformaram em pântanos. Em todas as planícies as colheitas foram destruídas, ao passo que nas zonas em declive, ainda que suave, as plantações prosperaram acima do normal.

Rapidamente a anomalia se estendeu ao longo do verão, com um mecanismo que desafiava toda tentativa de explicação: registraram-se chuvas viscosas em Montenegro, na Dinamarca e na Lituânia, enquanto um segundo epicentro se delineava no Atlântico, ao largo de Marrocos. Não era necessário nenhum instrumento para distinguir essas chuvas das normais: as gotas eram pesadas e grossas como pequenas vesículas, fendiam a atmosfera com um leve assobio e se espatifavam no chão com um estalo singular. Foram recolhidas gotas de dois a três gramas; banhado por essa água, o asfalto se tornava escorregadio, e era impossível transitar nele com veículos comuns.

Nas zonas contaminadas, todas ou quase todas as árvores de copas altas morreram num período de poucos meses, enquanto as ervas selvagens e os arbustos pulularam: o fato foi atribuído à difícil ascensão da água viscosa pelos vasos capilares dos troncos. Nas cidades a vida civil continuou quase normal por alguns meses; observou-se apenas um decréscimo da vazão em todo o encanamento de água potável, e as banheiras e tanques demoravam mais tempo para esvaziar. As lavadoras automáticas se tornaram imprestáveis: enchiam-se de espuma assim que eram acionadas, e os motores queimavam.

A princípio pareceu que o mundo animal ofereceria uma barreira de proteção contra o ingresso da água viscosa no organismo humano, mas a esperança teve curta duração.

Em pouco mais de um ano, estabeleceu-se a situação atual. As defesas cederam, bem antes do que se esperava: assim como a água do mar, dos rios e das nuvens, todos os humores dos nossos corpos se adensaram e corromperam. Os doentes morreram, e agora estamos todos doentes: nossos corações, bombas miseráveis

projetadas para a água de outros tempos, se extenuam de sol a sol para injetar o sangue viscoso dentro da rede de vasos; morremos aos trinta, no máximo aos quarenta, de edema, de puro cansaço, cansaço de todas as horas, sem piedade nem trégua, que pesa em nós desde o dia do nascimento e nos impede todo movimento rápido ou prolongado.

Assim como os rios, nós também estamos turvos; a comida que ingerimos e a água que bebemos devem esperar horas antes de se integrarem ao nosso corpo, e isso nos torna inertes e lentos. Não choramos: o líquido lacrimal estaciona supérfluo em nossos olhos e não se decompõe em lágrimas, mas deflui como um soro, o que retira dignidade e alívio ao nosso pranto. Já é assim em toda a Europa, e o mal nos atingiu de surpresa, antes que o compreendêssemos. Só agora se começa a cogitar, na América e em outras regiões, a origem da alteração da água, mas a solução ainda está muito longe; entretanto registrou-se que o nível dos Grandes Lagos está em rápida ascensão, que toda a Amazônia está se transformando num pântano, que o Hudson ultrapassa e rompe as barreiras em todo o seu curso elevado, que os rios e lagos do Alasca se condensam num gelo que não é mais quebradiço, mas elástico e tenaz como o aço. O mar do Caribe não tem mais ondas.

LILITH

Passado próximo

Capâneo

Ninguém poderia amar nem odiar Valério: sua escassez e sua insuficiência eram tais que o relegavam, desde os primeiros contatos, à margem das relações comuns entre os homens. Tinha sido pequeno e gordo; e pequeno continuava, mas a antiga fartura era agora testemunhada melancolicamente por dobras flácidas espalhadas pelo rosto e pelo corpo. Trabalhamos juntos por muito tempo, na lama polonesa. Todos nós caíamos de vez em quando nela, na lama funda e viscosa do canteiro, mas, por aquele pouco de nobreza animal que sobrevive mesmo num homem devastado, nos esforçávamos para evitar as quedas, ou pelo menos reduzir os seus efeitos; de fato, um homem no chão, um homem prostrado, está sempre em perigo, na medida em que incita instintos ferozes e desperta antes o escárnio que a piedade. Ao contrário, Valério caía continuamente, mais que qualquer outro. Bastava o mais leve choque, às vezes nem isso; aliás, percebia-se que ele freqüentemente se deixava cair na lama de propósito, assim que alguém o insultava ou ameaçava bater nele: desabava de sua breve estatura na lama, como se nela buscasse o seio da mãe, quase como se a postura ereta lhe fosse provisória e preferisse andar aos tropeções. A lama era o seu refúgio, a sua defesa putativa. Era o boneco de lama, e o barro era a sua cor. Ele sabia; com o pouco de luz que o sofrimento lhe deixara, sabia que era risível.

E até falava sobre isso, porque era loquaz. Narrava sem fim a seqüência de suas desventuras, das quedas, das bofetadas, da derrisão, como um pobre arlequim: sem nenhuma veleidade de salvar uma migalha de si mesmo, de deixar ocultas as notas mais abjetas, ao contrário, acentuando os aspectos mais torpes de suas desventuras, com uma sombra de gosto cênico em que se vislumbravam vestígios de bonomia

convivial. Quem conhece homens como ele sabe que são adúladores por natureza, sem segundas intenções. Se tivéssemos nos encontrado na vida normal, não sei por que razão me adularia; mas lá, todas as manhãs, ele louvava o aspecto saudável do meu rosto. Embora eu não fosse muito superior a ele, sentia piedade em sua presença, não sem um fastio difuso; mas a piedade daquela época, sendo inoperante, perdia-se no mesmo instante em que era concebida, como fumaça no vento, e deixava na boca um vago sabor de fome. Assim como todos os outros, eu também tentava evitá-lo mais ou menos conscientemente: estava num estado muito claro de necessidade, e nos necessitados sempre se distingue um credor.

Numa manhã fosca de setembro soaram sobre a lama as sirenes do alarme aéreo, aumentando e diminuindo de tom como um longo gemido ferino. Não era algo novo, e eu tinha um esconderijo secreto: uma entranha subterrânea, onde estavam amontoadas pilhas de sacos vazios. Corri para lá e encontrei Valério; acolheu-me com uma cordialidade verbosa, mal correspondida, e, sem interrupção, antes que eu pudesse me ajeitar, começou a contar suas aventuras lamentáveis. Lá fora, depois do grito trágico das sirenes, reinava um silêncio cheio de ameaças, mas de repente se ouviram passos sobre nossas cabeças, e logo em seguida vimos desenharse no alto da escada o contorno amplo e escuro de Rappoport com um balde na mão. Percebeu-nos, exclamou “Italianos!” e largou o balde, que rolou com barulho pelos degraus da escada.

O balde continha sopa, mas estava vazio e quase limpo. Eu e Valério conseguimos alguns restos, raspando cuidadosamente o fundo e as laterais com a colher que, naqueles tempos, carregávamos dia e noite, prontos para qualquer emergência improvável, como os Templários com as suas espadas. Entretanto Rappoport descera majestosamente entre nós: não era homem de oferecer sopa nem de pedi-la aos outros.

Ele devia ter uns trinta e cinco anos. De origem polonesa, se graduara em medicina, em Pisa: daí a sua simpatia pelos italianos e a bizarra amizade com Valério, que nascera em Pisa. Era um homem de complexão admirável. Astuto, violento e alegre como os flibusteiros antigos, conseguira facilmente deixar para trás tudo o que lhe era supérfluo da educação civilizada. Vivia no Lager como um tigre na selva: abatendo e destrinchando os mais fracos e evitando os mais fortes,

pronto a corromper, roubar, brigar, passar fome, mentir ou bajular, a depender das circunstâncias. Era portanto um inimigo, mas sem que fosse vil ou desagradável. Desceu lentamente a escada e, quando já estava perto, pudemos ver claramente onde fora parar o conteúdo do balde. Essa era uma de suas especialidades: ao primeiro grito do alarme aéreo, na bagunça geral, precipitava-se para a cozinha do acampamento e escapava com o butim antes que a ronda chegasse. Rappoport fizera isso três vezes com sucesso; na quarta, já na condição de bandido experiente, ficou quieto com a sua esquadra durante todo o alarme. Lilienthal, que quisera imitá-lo, foi pego em flagrante e enforcado publicamente no dia seguinte.

“Salve, italianos”, disse, “oi, pisano.” Depois tudo voltou ao silêncio; estávamos deitados em sacos, lado a lado, e logo em seguida eu e Valério mergulhamos num cochilo fervilhante de imagens. Não era necessário estar na horizontal; muitas vezes, nas horas de descanso, dormíamos em pé. Mas não Rappoport, que, mesmo detestando o trabalho, era um daqueles temperamentos sangüíneos que não suportam a inação. Tirou do bolso um canivete e começou a afiá-lo numa pedra, cuspidando em cima a cada tanto; mas isso não lhe bastava. Apostrofou Valério, que já roncava.

“Acorde, rapaz: com o que você sonhou? Com raviólis, não é?, e vinho Chianti: no refeitório da via dei Mille, por seis liras e cinquenta. E as bistecas, *psza crew*, bistecas do mercado negro que cobriam o prato; a Itália é um grande país. E além disso Margherita...”, e nesse ponto fez um trejeito jovial e estalou a mão na coxa. Valério acordou e se manteve encolhido, com um riso preso no pequeno rosto cor de terra. Quase ninguém lhe dirigia a palavra, mas não creio que ele sofresse muito com isso; já Rappoport lhe falava constantemente, deixando-se levar na onda de lembranças pisanas com abandono sincero. Parecia-me claro que, para Rappoport, Valério era apenas um pretexto para os seus momentos de férias mentais; para Valério, ao contrário, esses momentos eram demonstrações de amizade, da preciosa amizade de um poderoso, generosamente concedida a ele, Valério, de homem para homem, se não de igual para igual.

“Como, você não conhecia Margherita? Nunca estiveram juntos? Mas que espécie de pisano é você? Ela era uma mulher de levantar defunto: de dia, limpa e gentil, de noite, uma verdadeira artista...”, então se ouviu um apito, e logo em seguida um outro. Pareciam saídos de uma distância remota, mas avançavam para

nós como uma locomotiva desenfreada: a terra tremeu, as traves de cimento do teto vibraram por um instante como se fossem de borracha, e finalmente desabrocharam duas explosões, seguidas de um dismantelo de ruínas e da voluptuosa distensão do espasmo. Valério se arrastara para um canto, escondendo o rosto na dobra do cotovelo como se o protegesse de um tapa, e rezava em voz baixa.

Surgiu um novo assobio monstruoso. As novas gerações européias não conhecem esse sibilo: não devia ser casual, alguém o deve ter projetado para dar às bombas uma voz que exprimisse a sua sede e a sua ameaça. Rolei sobre os sacos até o muro e veio a explosão, muito próxima, quase corpórea, e depois o largo sopro da voragem. Rappoport se escangalhava de rir: “Fez nas calças, não é, pisano? Ou ainda não? Espere, espere, o melhor ainda está por vir”.

“Você tem bons nervos”, eu disse, enquanto da memória ginásial me vinha, apagada como uma encarnação longínqua, a imagem arrogante de Capâneo, que do fundo do inferno desafia Zeus e ri de seus raios.

“Não é questão de nervos, mas de teoria. De contabilidade: é a minha arma secreta.”

Ora, naquela época eu estava cansado, de um cansaço já antigo, encruado, que me parecia irrevogável. Não era o cansaço conhecido de todos, que se sobrepõe ao bem-estar e o encobre como uma paralisia temporária, mas um vazio definitivo, uma amputação. Eu me sentia descarregado, como um fuzil disparado, assim como Valério, talvez de modo menos consciente, assim como todos os outros. A vitalidade de Rappoport, que em outras condições eu teria admirado (e hoje, de fato, admiro), me parecia inoportuna, insolente: se nossa pele não valia dois tostões, a dele, apesar de polonês e abastado, não valia muito mais, e era irritante que ele não quisesse reconhecer isso. Quanto àquela história da teoria e da contabilidade, não me interessava nem um pouco. Eu tinha mais o que fazer: dormir, se os donos do céu me permitissem, ou ruminar meu medo em paz, como qualquer bem pensante.

Mas não era fácil deter Rappoport, evitá-lo ou ignorá-lo: “Vocês vão dormir? Eu estou para fazer meu testamento e vocês dormem? Talvez minha bomba já esteja a caminho, e não quero perder a ocasião. Se estivesse livre, gostaria de escrever um livro sobre a minha filosofia: por enquanto, só posso contá-la a vocês, miseráveis.

Se lhes servir, tanto melhor; se não, e se vocês se salvarem e eu não, o que seria estranho, poderão repeti-la por aí, e talvez alguém se interesse por ela. Não que eu me importe muito: não tenho jeito de benfeitor.

“Aqui está: enquanto pude, bebi, comi, fiz sexo, troquei a Polônia plana e cinzenta pela Itália de vocês; estudei, aprendi, viajei e vi. Mantive os olhos bem abertos, não desperdicei uma migalha; fui diligente, e não acho que fosse possível fazer mais ou melhor. Tudo andou muito bem, acumulei uma grande quantidade de bem, e todo esse bem não desapareceu, está em mim, em segurança: não o deixo desbotar. Eu o conservei. E ninguém pode tirá-lo de mim.

“Depois vim parar aqui: estou aqui faz vinte meses, e há vinte meses faço minhas contas. Pelos meus cálculos, o meu saldo ainda é bastante positivo. Para arruinar minha balança, seriam necessários muitos meses de Lager a mais, ou muitos dias de tortura. De resto”, e acariciou o estômago afetuosamente, “com um pouco de iniciativa, até aqui é possível encontrar algo de bom. Por isso, no caso lamentável de que um de vocês sobreviva a mim, podem dizer que Leon Rappoport teve o que lhe cabia, não deixou débitos nem crédito, não chorou e não pediu piedade. Se no outro mundo eu encontrar Hitler, lhe cuspirei na cara com todo o direito...” Caiu uma bomba bem perto, seguida de um som de deslizamento: um dos depósitos devia ter sido atingido. Rappoport precisou aumentar a voz quase num grito: “... porque ele não me derrotou!”.

Depois disso, reencontrei Rappoport uma só vez, e por pouco tempo: sua imagem conservou-se em mim na forma quase fotográfica dessa última aparição. Em janeiro de 1945, eu estava doente na enfermaria do Lager. Do meu leito era possível ver um trecho de estrada entre duas barracas, marcado por um rastro na neve já alta; ali passavam freqüentemente os ajudantes da enfermaria, em duplas, carregando em padiolas os mortos e moribundos. Certo dia, um dos padioleiros me chamou a atenção pela estatura elevada, por uma obesidade peremptória, respeitosa, inusitada naquelas paragens. Reconheci Rappoport, desci até a janela e bati nos vidros. Ele se deteve, fez-me uma careta engraçada e alusiva e ergueu o braço num gesto amplo de saudação, fazendo que seu triste fardo se inclinasse tortamente para um lado.

Dois dias depois o campo foi evacuado, nas espantosas circunstâncias que todos

conhecem. Tenho razões para crer que Rappoport não sobreviveu; por isso considero necessário cumprir do melhor modo a tarefa que me foi confiada.

O malabarista

Nós os chamávamos de “Grüne Spitzen” (“pontas verdes”), criminosos comuns, Befauer (da sigla BV, como eram oficialmente designados, que por sua vez era a abreviação de algo como “prisioneiros em detenção preventiva”); vivíamos com eles, obedecíamos a eles, sentíamos medo e ódio por eles, mas deles não sabíamos quase nada — de resto, ainda hoje pouco se sabe. Eram os “triângulos verdes”, os alemães já detidos em cárceres comuns, aos quais, segundo critérios misteriosos, era dada a alternativa de cumprir a pena em um Lager, e não numa prisão. Em regra, eram gentalha: muitos deles se gabavam de viver melhor no Lager do que em casa, porque, além da volúpia de comandar, manejavam à vontade a ração destinada a nós; muitos eram assassinos no sentido exato da palavra, não faziam questão de ocultar esse fato e o demonstravam abertamente com as suas ações.

Eddy (provavelmente um nome artístico) era um triângulo verde, mas não era um assassino. Tinha dois ofícios: era malabarista e, nas horas vagas, ladrão. Em junho de 1944 tornou-se nosso vice-Kapo, e logo se fez notar por suas qualidades incomuns. Era de uma beleza impressionante: louro, de estatura mediana, forte mas esbelto e agilíssimo, traços nobres e uma pele tão clara que parecia translúcida; devia ter vinte e três anos, no máximo. Não estava nem aí para nada — a SS, o trabalho, nós — e tinha um ar ao mesmo tempo sereno e absorto, que o distinguia. Ficou famoso desde o primeiro dia: no lavatório, todo nu, depois de se ter lavado cuidadosamente com um sabonete perfumado, o apoiou no topo do crânio, que estava raspado como o de todos nós, curvou-se para a frente e, com ondulações imperceptíveis do dorso, adestradas e precisas, fez deslizar pouco a pouco o

suntuoso sabonete da cabeça ao pescoço, seguindo toda a linha da coluna até atingir o cóccix, onde o aparou com a mão. Dois ou três de nós o aplaudimos, mas ele pareceu não ter notado e foi se vestir, lento e distraído.

No trabalho, era imprevisível. Às vezes trabalhava por dez, mas mesmo nos trabalhos mais opacos não deixava de revelar de repente o seu talento profissional. Cavoucava a terra e num instante interrompia, segurava a pá como um violão e improvisava uma cançãozinha, batendo nela com uma pedra, ora no cabo, ora no ferro. Transportava tijolos, voltava com o seu porte dançante e onírico, e de repente turbilhonava num rápido salto-mortal. Ao contrário, em outros dias ficava largado em um canto sem mover um dedo, mas, justamente porque era capaz desses gestos extraordinários, ninguém lhe dizia nada. Não era um exibicionista: quando brincava, não se importava com quem estivesse por perto, parecia mais preocupado em executar os movimentos com perfeição, repetindo-os, aprimorando-os, como um poeta insatisfeito que nunca pára de corrigir-se. Às vezes o víamos em meio às ferragens espalhadas no acampamento, recolhendo um aro, uma haste, um retalho de lata, e depois os revirava atentamente entre as mãos, equilibrava-os num dedo, fazia-os voar pelos ares, como se quisesse penetrar-lhes a essência e construir com eles um novo jogo.

Certo dia chegou um vagão cheio de tubos de papelão, parecidos com aqueles que servem de bobina às peças de pano, e a nossa esquadra foi designada para descarregá-los; Eddy me levou a um depósito subterrâneo, colocou sob a janela uma rampa de madeira sobre a qual os meus companheiros rolariam os tubos, mostrou-me como eu deveria empilhá-los ordenadamente contra as paredes e foi embora. Da janelinha eu podia ver os colegas, alegres por aquele trabalho surpreendentemente suave, mas incertos e titubeantes nos movimentos de ida e vinda entre o vagão e o depósito, carregando vinte ou trinta tubos por viagem; Eddy às vezes carregava poucos, às vezes muitos, mas nunca ao acaso. A cada volta, estudava estruturas e arquiteturas novas, instáveis, mas simétricas como castelos de cartas; numa das viagens ele transportou quatro ou cinco tubos girando pelo ar, como fazem os malabaristas com as bolas de borracha.

Eu estava sozinho ali e pretendia fazer uma operação importante. Tinha conseguido um papel e um toco de lápis, e havia muitos dias esperava a

oportunidade certa para escrever o rascunho de uma carta, obviamente em italiano, que seria encaminhada a um operário italiano a fim de que ele a copiasse, a assinasse como se fosse sua e a enviasse aos meus parentes na Itália; éramos severamente proibidos de escrever, mas eu estava convencido de que, se me concentrasse um momento, conseguiria achar um meio de alinhar uma mensagem bastante clara para eles e ao mesmo tempo inocente o suficiente para não despertar suspeitas na censura. Não poderia ser visto por ninguém, porque o simples fato de escrever era intrinsecamente suspeito (por qual motivo, e a quem, um de nós deveria escrever?), e o Lager e o acampamento pululavam de delatores. Após uma hora de trabalho com os tubos, me senti tranqüilo para iniciar a redação: os tubos desciam pela rampa a intervalos esparsos, e no depósito não se ouvia nenhum rumor alarmante.

Mas eu não contava com os passos silenciosos de Eddy: quando o percebi, ele já estava me olhando. Instintivamente, ou melhor, estupidamente abri os dedos; o lápis caiu, e o papel pousou no chão flutuando como uma folha morta. Eddy correu para pegá-lo, depois me derrubou com uma violenta bofetada; e aí, enquanto hoje escrevo esta frase, enquanto bato a palavra “bofetada”, me dou conta de que estou mentindo ou pelo menos transmitindo ao leitor emoções e notícias falsificadas. Eddy não era um bruto, não pretendia punir-me nem me fazer sofrer, e uma bofetada no Lager tinha um significado bem diferente daquele que poderia ter entre nós, aqui e agora. Tinha, precisamente, um significado, pouco mais que um modo de exprimir-se e que naquele contexto queria dizer mais ou menos “fique de olho, isso que você fez é sério, você está se metendo numa enrascada, talvez sem saber, e eu também corro perigo por sua causa”: mas entre o Eddy larápio, malabarista alemão, e eu, jovem italiano inexperiente, transtornado e confuso, um discurso como aquele teria sido inútil, incompreensível (inclusive por razões lingüísticas), destoante, perifrástico.

Por esse mesmo motivo, murros e bofetadas corriam entre nós como linguagem cotidiana, e tínhamos aprendido rapidamente a distinguir os golpes “expressivos” daqueles outros, infligidos por brutalidade, para produzir dor e humilhação, e que freqüentemente conduziam à morte. Uma bofetada como aquela de Eddy era semelhante ao tapinha que se dá num cachorro ou à chicotada que se dá num burro, para lhes transmitir ou reforçar uma ordem ou uma proibição — em suma,

pouco mais que uma comunicação não-verbal. Dentre os muitos sofrimentos do Lager, os golpes desse tipo eram de longe os menos penosos, o que equivale a dizer que vivíamos de maneira não muito distinta da dos cães e dos asnos.

Esperou que eu me levantasse e me perguntou a quem estava escrevendo. Respondi-lhe em meu alemão ruim que eu não estava escrevendo a ninguém; encontrara por acaso um lápis e estava escrevendo por capricho, por saudade, por fantasia; sabia que era proibido escrever, mas também sabia que enviar uma carta era impossível; assegurei-lhe que nunca ousaria infringir as regras do campo. Certamente Eddy não acreditaria em mim, mas eu precisava dizer alguma coisa, pelo menos para induzi-lo à piedade: se me denunciasse à Seção Política, eu sabia que seria enforcado, mas antes da forca haveria um interrogatório (e que interrogatório!) para estabelecer quem era meu cúmplice e talvez tirar de mim o endereço do meu destinatário na Itália. Eddy me olhou com um ar estranho; depois me disse que não saísse dali, que ele voltaria em uma hora.

Foi uma hora longa. Eddy voltou ao depósito trazendo três papéis, entre os quais o meu, e eu logo pude ler em seu rosto que o pior não aconteceria. Esse Eddy não devia ser um imbecil, ou talvez o seu passado nebuloso lhe tivesse ensinado os fundamentos do triste ofício de policial: tinha procurado entre meus colegas dois (não apenas um) que soubessem alemão e italiano, e os fizera traduzir para o alemão, separadamente, aquela minha mensagem, porém avisando a ambos que, se as duas traduções não resultassem iguais, ele os denunciaria à Seção Política junto comigo.

Pregou-me um sermão difícil de relatar. Falou que, para minha sorte, as duas traduções eram iguais e o texto não era comprometedor. Que eu era maluco: não havia outra explicação, só um maluco poderia pôr em risco daquele modo a própria vida, a do cúmplice italiano que eu certamente devia ter, a dos meus parentes na Itália e até a sua carreira de Kapo. Disse ainda que a bofetada fora merecida, que aliás eu deveria agradecer-lhe porque tinha sido uma boa ação, daquelas que abrem as portas do Paraíso, e ele, *Strassenräuber* de profissão, ladrão de rua, precisava fazer boas ações como aquela. Que enfim ele não daria seqüência à denúncia, embora nem ele soubesse bem por quê: talvez justamente porque eu era doido, mas a verdade é que todos os italianos são sabidamente doidos e só servem para cantar e se meter em confusões.

Acho que não agradei a Eddy, mas depois daquele episódio, mesmo sem sentir nenhuma atração positiva pelos “colegas” do triângulo verde, perguntei-me várias vezes que substância humana se ocultava por trás daquele símbolo, lamentando que nenhum membro daquela ambígua brigada tenha (que eu saiba) narrado a sua história. Não sei como Eddy terminou. Poucas semanas após o fato que contei, ele desapareceu por alguns dias; depois o reencontramos numa noite, estava em pé no corredor entre o arame farpado e a cerca elétrica e trazia, pendurado no pescoço, um cartaz com a inscrição “Urning”, isto é, pederasta, mas não parecia nem aflito nem preocupado. Assistia ao retorno da nossa fileira com um ar vago, insolente e indolente, como se nada do que ocorria à sua volta dissesse respeito a ele.

Lilith

No lapso de poucos minutos o céu escurecera e começara a chover. Pouco depois, a chuva cresceu até virar um aguaceiro insistente, e a terra oleosa do acampamento transformou-se numa camada de lama com um palmo de profundidade; não só trabalhar com a pá tornou-se impossível, mas até ficar de pé. O Kapo interrogou o mestre-de-obras civil e então se dirigiu a nós: que cada um se abrigasse onde quisesse. Espalhados por ali havia vários pedaços de tubos de ferro, com cerca de cinco ou seis metros de comprimento e um de diâmetro. Enfiei-me dentro de um desses e, na metade do tubo, topei com Tischler, que tivera a mesma idéia e entrara pela outra ponta.

“Tischler” quer dizer carpinteiro, e entre nós Tischler só era conhecido assim. Havia também o Artesão, o Russo, o Bobo, dois Alfaiates (respectivamente “o Alfaiate” e “o outro Alfaiate”), o Galego e o Comprido; fui por muito tempo “o Italiano”, e depois indiferentemente Primo ou Alberto, porque era confundido com um outro.

Portanto Tischler era Tischler e nada mais, mas não tinha aspecto de carpinteiro, e todos nós suspeitávamos que de fato não fosse; naquela época era comum que um engenheiro quisesse se fazer passar por um mecânico, ou um jornalista por um tipógrafo; assim era possível esperar por um trabalho melhor que o braçal, sem desencadear a fúria nazista contra os intelectuais. De qualquer modo, Tischler foi alocado na seção dos carpinteiros, e o trabalho era executado corretamente. Falava um pouco de italiano, coisa rara em um judeu polonês: seu pai, que fora prisioneiro dos italianos em 1917 e levado a um campo — sim, um Lager — próximo a Turim, lhe ensinara alguma coisa da língua. A maior parte dos companheiros de seu pai

morrera de gripe espanhola, e de fato ainda hoje aqueles nomes exóticos, nomes húngaros, poloneses, croatas, alemães, podem ser lidos num columbário do cemitério Maggiore: a visita ao local e a lembrança dessas mortes perdidas enchem o pensamento de pena. O pai dele também contraiu a doença, mas se curou.

O italiano de Tischler era divertido e deficiente: consistia sobretudo em pedaços de libretos de ópera, que seu pai adorava. Muitas vezes, no trabalho, eu o escutei cantarolar *sconto col sangue mio e libiamo nei lieti calici*.^a Sua língua materna era o iídiche, mas também falava alemão, e não tínhamos dificuldade em nos entendermos. Eu gostava de Tischler porque ele não cedia ao embotamento: seu passo era enérgico, apesar dos tamancos de madeira; falava com clareza e concentração; e tinha um rosto expressivo, risonho e triste. De vez em quando, à noite, fazia espetáculos em iídiche, contando histórias ou recitando poeminhas, e eu lamentava não o entender. Às vezes também cantava, e nesses casos ninguém aplaudia, todos com os olhos no chão; mas, quando terminava, todos pedíamos que recomeçasse.

Aquele nosso encontro a quatro patas, quase canino, o deixou alegre: quem dera que chovesse assim todos os dias! Mas aquele era um dia especial: a chuva caíra por causa dele, porque era o seu aniversário: vinte e cinco anos. Ora, o acaso quis que naquele mesmo dia eu também fizesse vinte e cinco anos: éramos gêmeos. Tischler disse que deveríamos comemorar a data, já que dificilmente comemoraríamos o aniversário seguinte. Tirou do bolso meia maçã, cortou uma fatia e me ofereceu: em um ano de prisão, aquela foi a única vez que comi uma fruta.

Mastigamos em silêncio, atentos à preciosa acidez do sabor, como se fosse uma sinfonia. Nesse meio-tempo, uma mulher se abrigara no tubo em frente ao nosso: jovem, embrulhada em panos pretos, talvez uma ucraniana da Todt. Tinha um rosto vermelho e largo, brilhante de chuva, e nos olhava sorrindo; coçava-se sob a gola do casaco com provocante indolência, depois soltou os cabelos, penteou-se com toda a calma e começou a fazer as tranças. Naquela época era raro ver uma mulher de perto, e essa era uma experiência terna e feroz, que nos deixava prostrados.

Tischler percebeu que eu a estava olhando e me perguntou se eu era casado. Não, não era, e ele me fixou com severidade burlesca: ser solteiro na nossa idade é um pecado. Entretanto se virou e por um bom tempo se deteve na contemplação

da garota. Ela acabara de fazer as tranças, se acomodara dentro do tubo e cantarolava balançando a cabeça.

“É Lilith”, me disse Tischler de repente.

“Você a conhece? É assim que ela se chama?”

“Não, mas a reconheço. Ela é Lilith, a primeira mulher de Adão. Você não conhece a história de Lilith?”

Não a conhecia, e ele riu com indulgência: é claro, os judeus ocidentais são todos epicuristas, *apikorsim*, descrentes. Então continuou:

“Se você tivesse lido a Bíblia direito, lembraria que a história da criação da mulher é contada duas vezes, de duas maneiras distintas; mas vocês só aprendem um pouco de hebraico aos treze anos e depois mais nada, eu sei bem...”

Configurava-se uma situação típica, um jogo que me agradava, a disputa entre o pio e o incrédulo, ignorante por definição, a quem o adversário, demonstrando o seu erro, “faz ranger os dentes”. Aceitei o meu papel e respondi com a devida insolência:

“Sim, é contada duas vezes, mas a segunda é apenas o comentário da primeira.”

“Falso. Isso é o que pensam os que não vão além da superfície. Veja, se você ler corretamente e refletir sobre o que leu, perceberá que no primeiro relato só está escrito ‘Deus criou macho e fêmea’: quer dizer que os criou iguais, com o mesmo barro. No entanto, na página seguinte, narra-se que Deus dá forma a Adão e depois pensa que não é bom que o homem esteja só, retira-lhe uma costela e com essa costela fabrica uma mulher; aliás, uma *Männin*, uma homa, uma fêmea do homem. Note que aqui não há mais igualdade: o fato é que há quem acredite que as duas histórias e as duas mulheres se refiram a mulheres diferentes, e que a primeira não era Eva, a costela do homem, mas Lilith. Ora, a história de Eva está escrita, e todos a conhecem; ao contrário, a história de Lilith é contada oralmente, e poucos a conhecem — aliás, as histórias, porque há várias versões. Contarei algumas a você, já que é o nosso aniversário e chove, e porque hoje o meu papel é contar e crer: o incrédulo hoje é você.

“A primeira história diz que o Senhor não apenas os fez iguais, mas com a mesma argila fez uma só forma, um Golem, uma forma sem forma. Era uma figura com duas costas, isto é, um homem e uma mulher conjugados; depois os separou com um corte, mas ambos desejavam se reunir, e logo Adão quis que Lilith se

deitasse no chão. Lilith não quis saber disso: por que eu por baixo? Nós não somos iguais, duas metades da mesma massa? Adão tentou forçá-la, mas, como eram iguais também na força, não conseguiu, e então pediu ajuda a Deus — como ele também era macho, lhe daria razão. E de fato lhe deu razão, mas Lilith se rebelou: ou direitos iguais, ou nada; e como os dois machos insistissem, ela blasfemou o nome do Senhor, tornou-se uma diaba, partiu voando feito uma flecha e foi se estabelecer no fundo do mar. Há até quem vá mais adiante e diga que Lilith habita precisamente o mar Vermelho, e que todas as noites ela se ergue em vôo, gira o mundo, bate contra as vidraças das casas onde há crianças recém-nascidas e tenta sufocá-las. É preciso estar atento: se ela entrar, deve-se capturá-la sob uma panela emborcada, e assim ela não poderá fazer nenhum mal.

“Noutras vezes ela entra no corpo de um homem, e esse homem fica possuído; aí o melhor remédio é levá-lo a um tabelião ou a um tribunal rabínico e redigir um ato formal em que o homem declara que quer repudiar a diaba. Por que você está rindo? É claro que não acredito nisso, mas gosto de contar essas histórias, gostava quando as contavam a mim e acho que seria triste se elas se perdessem. De resto, não garanto não ter incluído alguma coisa nelas, talvez todos que as contam acrescentem algo, e as histórias nascem assim.”

Ouviu-se um barulho distante, e pouco depois passou ao nosso lado um trator. Arrastava um limpa-neve, mas o barro se grudava imediatamente nas costas do instrumento — como Adão e Lilith, pensei. Bom para nós; ainda ficaríamos um bom tempo em repouso.

“Depois tem a história do sêmen. Ela é gulosa do sêmen humano e está sempre à espreita onde o sêmen possa ser derramado, especialmente entre os lençóis. Todo sêmen que não for para o único lugar consentido, isto é, para dentro do ventre da mulher, é dela: todo sêmen que um homem tenha desperdiçado durante a vida, por sonho, por vício ou adultério. É claro que sobra muito para ela, e por isso está sempre grávida e não pára de procriar. Sendo uma diaba, ela pare diabos, mas eles não têm capacidade de fazer muito mal, mesmo que quisessem. São espíritos malignos, sem corpo: azedam o leite e o vinho, correm à noite sobre os forros dos tetos e dão nós nos cabelos das meninas.

“Mas também são filhos do homem, de qualquer homem, filhos ilegítimos; por isso, quando o pai morre, eles comparecem ao enterro com os filhos legítimos, que

são seus meios-irmãos. Voam ao redor das velas funerárias como borboletas noturnas, gritam e reclamam a sua parte na herança. Você ri justamente porque é um epicurista, e o seu papel é rir mesmo — ou talvez nunca tenha desperdiçado o seu sêmen. Mas pode ser que você saia daqui, que você sobreviva e que veja em certos funerais um rabino e seu séquito a dar sete voltas em torno do morto: pois bem, ele está fazendo uma barreira ao redor do morto, para que seus filhos sem corpo não lhe causem sofrimentos.

“Mas eu ainda não contei a história mais estranha, e não é estranho que seja estranha, porque está escrita nos livros dos cabalistas, e eles eram gente sem medo. Você sabe que Deus criou o homem e logo depois se deu conta de que não era bom deixá-lo sozinho, e por isso pôs ao seu lado uma companheira. Pois bem, os cabalistas diziam que para o próprio Deus não era bom estar só, e então, desde os primórdios, ele tomara por companheira Shekinah, ou seja, sua própria presença na Criação; assim Shekinah se tornou a mulher de Deus e, portanto, a mãe de todos os povos. Quando o templo de Jerusalém foi destruído pelos romanos, e nós fomos dispersados e escravizados, Shekinah ficou furiosa, apartou-se de Deus e veio conosco para o exílio. Confesso que eu também pensei nisso às vezes, que Shekinah também foi escravizada e que talvez esteja aqui, entre nós, neste exílio dentro do exílio, nesta casa de barro e de dor.

“Assim Deus, como ocorre a tanta gente, ficou só e, sem saber resistir à solidão e à tentação, arranjou uma amante: sabe quem? Ela, Lilith, a diaba, e isso foi um escândalo inaudito. Enfim, tudo se parece com uma briga, quando se responde a uma ofensa com uma ofensa mais grave, e assim a briga nunca termina, ao contrário, cresce que nem uma avalanche. Porque é preciso saber que essa ciranda indecente não acabou e não acabará tão cedo: por um lado, é causa do mal que há na terra; por outro, é o seu efeito. Enquanto Deus continuar a pecar com Lilith, haverá sangue e sofrimento na terra; mas um dia virá um poderoso, aquele que todos esperam, que fará Lilith morrer e porá um fim à luxúria de Deus e ao nosso exílio. Sim, ao seu e ao meu também, italiano: *Maz’l Tov*, Boa Estrela.”

A Estrela foi muito boa para mim, não para Tischler; mas de fato me ocorreu de assistir, muitos anos depois, a um funeral que transcorreu como ele havia descrito, com a dança defensiva em torno do féretro. E é inexplicável que o destino tenha escolhido um epicurista para repetir esta fábula pia e ímpia, feita de poesia,

ignorância, engenho temerário e da tristeza irremediável que cresce sobre as ruínas das civilizações perdidas.

a Árias das óperas *Il trovatore* e *La traviata*, respectivamente, ambas de Giuseppe Verdi. (N. T.)

Um discípulo

Os húngaros chegaram não aos poucos, mas em massa. Num intervalo de dois meses, entre maio e junho de 1944, invadiram o Lager, comboio após comboio, preenchendo o vazio que os alemães se aplicaram em criar com uma série de seleções diligentes. Provocaram uma mudança profunda no tecido de todos os campos. Em Auschwitz, a onda de magiares reduziu todas as outras nacionalidades a minorias, sem no entanto alterar os “quadros”, que continuaram nas mãos dos delinquentes comuns, alemães e poloneses.

Todas as barracas e esquadras de trabalho foram alagadas pelos húngaros, sobre os quais, como ocorre com todos os recém-chegados a uma comunidade, condensou-se rapidamente uma atmosfera de derrisão, burburinho e vaga intolerância. Eram operários e camponeses simples e robustos, que não temiam o trabalho manual, mas estavam habituados a uma alimentação abundante e, por isso mesmo, foram reduzidos em poucas semanas a lamentáveis esqueletos; outros eram profissionais liberais, estudantes e intelectuais procedentes de Budapeste ou de outras cidades: eram indivíduos pacíficos, lentos, pacientes e metódicos, que toleravam melhor a fome, mas eram de pele delicada, e em pouco tempo estavam cobertos de feridas e escoriações como cavalos maltratados.

No fim de junho, minha esquadra era composta de uma boa metade de figuras ainda fortes e bem nutridas, cheias de otimismo e vitalidade. Comunicavam-se conosco num alemão peculiar, cantado e arrastado, e entre si em sua língua estranha, cheia de inflexões inusitadas, feita aparentemente de palavras intermináveis, pronunciadas com lentidão irritante e todas acentuadas na primeira sílaba.

Um deles foi designado meu companheiro de trabalho. Era um rapazote robusto e rosado, de estatura mediana, que todos chamavam de Bandi, o diminutivo de Endre, ou seja, André — explicou-me ele, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Naquele dia nossa tarefa era transportar tijolos numa espécie de maca rudimentar de madeira, munida de duas barras na frente e duas atrás: vinte tijolos por viagem. Na metade do percurso havia um vigia que controlava o bom andamento das atividades.

Vinte tijolos pesam, e assim, na viagem de ida, não tínhamos (ou pelo menos eu não tinha) muito fôlego para conversas; mas na viagem de volta conversávamos, e logo aprendi muitas coisas simpáticas de Bandi. Hoje não seria capaz de repeti-las inteiramente: toda memória se apaga, e no entanto conservo as lembranças desse Bandi como coisas preciosas, sinto-me feliz por fixá-las no papel e gostaria que, por algum milagre não impossível, esta página o alcançasse no canto do mundo onde ele talvez ainda viva, e que ele a lesse e se reencontrasse nela.

Contou-me que se chamava Endre Szántó, nome que se pronuncia mais ou menos como “santo” em italiano, e que reforçou em mim a tênue impressão de uma auréola que parecia circundar-lhe a cabeça raspada. Disse isso a ele: nada disso — explicou-me sorrindo —, *Szántó* quer dizer “arador” ou, mais genericamente, camponês; é um sobrenome muito comum na Hungria, embora ele não fosse um arador, mas um operário de fábrica. Os alemães o capturaram três anos antes, não por ser judeu, mas por suas atividades políticas; eles o enquadraram na Organização Todt e o enviaram como lenhador para os Cárpatos ucranianos. Passara dois invernos entre bosques, abatendo pinheiros com três companheiros: um trabalho duro, mas ele se sentia bem, quase feliz. De resto, logo percebi que Bandi tinha um talento único para a felicidade: a opressão, as humilhações, o cansaço, o exílio pareciam deslizar sobre ele como a água sobre a rocha, sem o corromper nem ferir, ao contrário, purificando-o e exaltando sua capacidade inata de alegria, como se fosse um dos *chassidianos* ingênuos, alegres e devotos descritos por Jirí Langer em *As nove portas*.

Narrou-me a sua entrada no Lager: na chegada do comboio, a ss obrigou todos os homens a tirar os sapatos e a pendurá-los no pescoço, forçando-os a caminhar de pés descalços sobre o cascalho da ferrovia pelos sete quilômetros que separavam a estação do campo. Narrava o episódio com um sorriso tímido, sem pretender

piedade, aliás, com uma sombra de vaidade infantil e esportiva por “ter conseguido”.

Fizemos juntos três viagens, durante as quais, a intervalos, tentei explicar-lhe que aquele lugar não era feito para pessoas gentis ou tranqüilas. Tentei convencê-lo de algumas das minhas descobertas recentes (na verdade, ainda mal digeridas): que, para sobreviver ali, era preciso se mexer, arranjar comida ilegal, evitar o trabalho, buscar amigos influentes, esconder-se, esconder os próprios pensamentos, roubar, mentir; que os que não faziam assim morriam logo; e que a santidade dele me parecia perigosa e fora de lugar. E já que, como eu dizia, vinte tijolos pesam, na quarta viagem, em vez de pegar vinte tijolos do vagão, peguei dezessete e mostrei-lhe que, colocando-os na maca de um certo modo, com um vazio na camada inferior, ninguém podia imaginar que não fossem vinte. Essa era uma astúcia que eu julgava ter sido descoberta por mim (soube depois que era de domínio público), e eu me valera desse expediente várias vezes com sucesso, apesar de ter sido descoberto algumas vezes; de qualquer modo, me parecia que era um bom exemplo pedagógico, uma ilustração das teorias que lhe expusera pouco antes.

Bandi era muito sensível à sua condição de *Zugang*, ou seja, de recém-chegado, bem como à relação de submissão social que isso implicava, e por isso não se opôs; mas não se mostrou nada entusiasmado com o meu achado: “Se são dezessete, por que devemos fingir que são vinte?”. “Mas vinte tijolos pesam mais que dezessete”, respondi com impaciência, “e, se forem bem-arrumados, ninguém percebe; de resto, não servem para fabricar nem a sua casa nem a minha.” “Sim”, ele disse, “mas continuam sendo dezessete, e não vinte.” Bandi não era um bom discípulo.

Trabalhamos por mais algumas semanas na mesma esquadra. Ele me contou que era comunista, simpatizante, não inscrito no partido, mas a sua linguagem era a de um protocristão. No trabalho era hábil e forte, o melhor do grupo, mas não tentava tirar proveito dessa superioridade nem para conquistar prestígio entre os mestres-de-obras, nem para se destacar entre nós. Eu lhe disse que, na minha opinião, trabalhar assim era um desperdício inútil de energia, além de não ser politicamente correto, mas Bandi parece não ter entendido; não queria mentir, aquele lugar era feito para o trabalho, e ele trabalhava da melhor maneira possível. Com o seu rosto pueril e radiante, a voz enérgica e o andar atrapalhado, Bandi se tornou popularíssimo em pouco tempo, amigo de todos.

Agosto chegou trazendo um presente extraordinário para mim: uma carta de casa, coisa raríssima. Em junho, num ato espantoso de irresponsabilidade, e com a mediação de um pedreiro italiano “livre”, eu havia escrito uma mensagem para minha mãe, escondida na Itália, endereçando-a a uma amiga chamada Bianca Guidetti Serra. Tinha feito tudo isso como se procedesse a um ritual, sem de fato esperar resultado; entretanto a carta chegara sem entraves, e minha mãe respondera pela mesma via. A carta do doce mundo me queimava no bolso; sabia que era prudente calar, mas não consegui.

Naqueles dias estávamos limpando cisternas. Desci à minha cisterna, e Bandi estava comigo. Sob a luz fraca da lamparina, li a carta miraculosa, traduzindo-a apressadamente para o alemão. Bandi me ouviu com atenção, porque o alemão não era a minha língua nem a dele e também porque a mensagem era sucinta e reticente. Mas entendeu o que era preciso entender: que aquele pedaço de papel na minha mão, chegado tão precariamente e que eu destruiria antes da noite, era no entanto uma fenda, uma abertura no universo negro que nos apertava, e que através dela a esperança podia passar. Tive a impressão de que Bandi, apesar de *Zugang*, entendeu ou intuiu tudo isso: porque, terminada a leitura, ele se aproximou de mim, vasculhou os bolsos demoradamente e enfim retirou dali, com zelo amoroso, um rabanete. Ofereceu-me o alimento com as faces vermelhas e então me disse, entre tímido e orgulhoso: “Aprendi. É pra você: é a primeira coisa que roubei”.

O nosso distintivo

De manhã, as coisas aqui são assim: quando o despertador toca (e ainda é noite funda), a primeira coisa que se faz é pôr os sapatos, senão alguém te rouba, e aí é uma tragédia terrível; depois, em meio à poeira e ao amontoado de gente, tenta-se arrumar a cama de acordo com as normas. Logo em seguida, vai-se para as latrinas e os lavatórios, corre-se para a fila do pão e finalmente se vai para a praça da Chamada, onde cada um toma posição na sua esquadra de trabalho, espera que termine a contagem e que o céu comece a clarear. No escuro, comparecem um a um os fantasmas que são nossos colegas. Nossa esquadra é uma boa esquadra: temos um certo espírito de equipe, não há novatos inexperientes e chorões, e entre nós circula uma áspera amizade. De manhã, cumprimentamo-nos habitualmente com cerimônia: bom dia, Herr Doktor; como vai, sr. Advogado; como passou a noite, sr. Presidente; o café-da-manhã estava bom?

Chegou Lomnitz, antiquário de Frankfurt; chegou Joulty, matemático de Paris; chegou Hirsch, misterioso negociante de Copenhague; chegou Janek, o Ariano, gigantesco ferroviário de Cracóvia; chegou Elias, anão de Varsóvia, rude, louco, provavelmente um espião. Por último, como sempre, chegou Wolf, farmacêutico de Berlim, curvo, adunco e cheio de olheiras, murmurando um tema musical. Seu nariz judaico fendia o ar turvo como a proa de um navio: ele o chamava em hebraico “Hutménu”, “o nosso distintivo”.

“Eis que chega o encantador, o benzedor das sarnas”, anunciou Elias pomposamente, “seja bem-vindo entre nós, Ilustre Excelência, *Hochwohlgeborener*. Dormiu bem? Quais as notícias da noite? Hitler morreu? Os ingleses desembarcaram?”

Wolf posicionou-se na fila; sua cantilena cresceu de volume, enriqueceu-se e coloriu-se de tons, e alguns dos seus companheiros reconheceram as passagens finais da *Rapsódia op. 53* de Brahms. Wolf, quarentão fechado e solene, vivia de música: estava tomado por ela, e motivos sempre novos sucediam-se dentro dele; alguns pareciam extraídos do próprio ar do campo, aspirados por seu célebre nariz. Segregava música como nossos estômagos segregavam fome e reproduzia com precisão (mas sem virtuosismos) cada instrumento: ora era o violino, ora a flauta, ora era o maestro, e regia a si mesmo todo compenetrado.

Alguns deram risada e Wolf (Wólef, pronunciado à maneira iídiche) fez um gesto irritado, pedindo silêncio: ainda não terminara. Cantava concentrado, curvado para a frente, com os olhos no chão; em pouco tempo, ao lado dele, ombro contra ombro, formou-se um grupo de quatro ou cinco companheiros, todos na mesma posição, como se aproveitassem o calor de um braseiro que estivesse a seus pés. Wolf passou de violino a viola, repetiu três vezes o tema em três variações gloriosas e o encerrou com um rico acorde final. Aplaudiu a si mesmo discretamente, sozinho; outros se juntaram ao aplauso, e Wolf se inclinou com reverência. O aplauso terminou, mas Elias continuou a bater as mãos com violência, gritando: “Wolf, Wólef! Viva Wólef, Sarnawolef. Wólef é o melhor de todos, e sabem por quê?”.

Tornado às dimensões de um comum mortal, Wolf olhou para Elias com desconfiança.

“Porque tem sarna e não se coça!”, disse Elias. “E isso é um milagre: bendito seja Deus, nosso Senhor, rei do Universo. Eu conheço esses prussianos: o decano do campo é prussiano, o médico da sarna é prussiano, Wolf é prussiano, e então ele se torna benzedor, se torna Sarnawolf. Nada a dizer: é um benzedor maravilhoso, benze como uma mãe judia. Benze que é uma beleza: também me benzeu e me curou, que Deus seja louvado e todos os Justos. E de tanto benzer a todos, agora está todo ferido e benze a si mesmo. Não é verdade, Maestro? Sim, ele benze a barriga, porque a doença parte dali — benze escondido, todas as noites. Eu mesmo vi, nada me escapa. Mas é um homem forte e não se coça: os Justos não se coçam.”

“Bobagem”, disse Janek, o Ariano, “quem tem sarna se coça. Ter sarna é como estar apaixonado: quem tem dá na vista.”

“Pois bem, o maestro Sarnawolf está ferido e não se coça. Eu não disse que ele é

o melhor de todos?”

“Elias, você é um mentiroso, o maior mentiroso do campo. Ter sarna e não se coçar é impossível.” Ao dizer isso, sem se dar conta, Janek começou a se coçar, e pouco a pouco os outros começaram a coçar-se também. De resto, todos estavam às voltas com a sarna, uns mais, uns menos. Elias apontou para Janek com uma risada de ogro: “Uh, vejam só, vejam se Wólef não é um homem de ferro; até os sãos se coçam, enquanto ele, que é sarnento, está ali, parado, como um rei!”. Depois, de repente, atirou-se sobre Wolf, abaixou-lhe a calça e ergueu-lhe a camisa. Na luz incerta do amanhecer surgiu o ventre de Wolf, pálido e enrugado, coberto de arranhões e pruridos. Wolf pulou para trás, tentando livrar-se de Elias; mas este, que era bem mais baixo que Wolf, deu um salto e agarrou-lhe o pescoço. Os dois caíram no chão e rolaram na lama escura; Elias estava por cima, e Wolf arfava meio sufocado. Alguns tentaram interferir, mas Elias era forte e estava grudado ao outro com braços e pernas, como um pólipó. Wolf reagia cada vez menos, tentando acertar Elias com chutes e joelhadas a esmo.

Para sorte de Wolf, o Kapo apareceu, distribuiu salomonicamente socos e pontapés aos dois que estavam no chão, os separou e pôs todos em fila: era a hora de partir em marcha para o trabalho. O incidente não era um daqueles memoráveis, e de fato foi rapidamente esquecido, mas o apelido Sarnawolf (*Krätzewolf*) aderiu firmemente ao personagem, maculando a sua respeitabilidade, mesmo meses depois de se curar da sarna e de se exonerar do cargo de benzedor. Ele não suportava o apelido e sofria visivelmente com ele, contribuindo assim para mantê-lo vivo.

Veio enfim uma primavera tímida, e num dos primeiros períodos de sol houve uma tarde de domingo sem trabalho, frágil e preciosa como a flor do pessegueiro. Quase todos aproveitaram para dormir, enquanto os mais vigorosos trocaram visitas de barraca em barraca ou começaram a remendar as roupas, prender botões com arame, limar as unhas num cascalho. Mas de longe, com os caprichos do vento morno e perfumado de terra úmida, ouvia-se a chegada de um som novo, um som tão improvável que todos ergueram a cabeça para escutar. Era um som fino como aquele céu e aquele sol, vindo de longe, sim, mas do interior do campo. Alguns venceram a inércia e se puseram a procurar como cães de caça, correndo com passo trôpego e orelha em pé: encontraram Sarnawolf sentado numa pilha de tábuas,

estático, tocando violino. O “seu distintivo” vibrava tenso sob o sol, e os olhos míopes se perdiam para além do arame farpado, além do pálido céu polonês. Não se sabia onde encontrara o violino, mas os veteranos sabiam que tudo pode ocorrer em um Lager: talvez o tivesse roubado, talvez alugado por pão.

Wolf tocava para si, mas todos os que passavam paravam para ouvi-lo com uma expressão ávida, como ursos farejando mel, gulosos, tímidos e perplexos. A poucos passos de Wolf estava Elias, deitado com a barriga no chão, mirando-o quase encantado. Sobre o rosto de gladiador coagulava um véu de espanto contente, como o que se nota às vezes no rosto dos mortos, fazendo-nos pensar que eles realmente tiveram por um instante, no limiar, a visão de um mundo melhor.

O cigano

Na porta da barraca estava pregado um aviso, e todos se espremiavam para lê-lo: estava escrito em alemão e em polonês, e um prisioneiro francês, apertado entre a multidão e a parede de madeira, tentava traduzi-lo e comentá-lo. O aviso dizia que, excepcionalmente, seria permitido a todos os prisioneiros escrever aos parentes, respeitando-se as condições que vinham minuciosamente descritas segundo o costume alemão. Era permitido escrever apenas nos formulários que cada chefe de barraca distribuiria, um para cada prisioneiro. A única língua admitida era o alemão. Os únicos destinatários permitidos deveriam residir na Alemanha, em territórios ocupados ou em países aliados como a Itália. Não era permitido solicitar o envio de encomendas, mas era permitido agradecer por encomendas eventualmente recebidas. Nesse ponto o francês exclamou energicamente: “*Les salauds, hein!*”, e se calou.

O barulho e o agrupamento cresceram, e houve uma troca confusa de opiniões em várias línguas. Quem ali já tinha recebido oficialmente uma encomenda ou mesmo uma carta? De resto, quem conhecia o nosso endereço, se é que “KZ Auschwitz” era um endereço? E a quem poderíamos escrever, já que todos os nossos parentes eram prisioneiros em algum Lager como nós ou estavam mortos ou escondidos aqui e ali pelos quatro cantos da Europa, acompanhando com terror o nosso destino? Claro, era um truque, as cartas de agradecimento com o carimbo postal de Auschwitz seriam mostradas à delegação da Cruz Vermelha ou a alguma outra entidade neutra, para provar que os judeus de Auschwitz não eram tão maltratados assim, já que recebiam encomendas de casa. Uma mentira imunda.

Formaram-se três partidos: não escrever nada; escrever sem agradecer; escrever

e agradecer. Os partidários da última tese (poucos, na verdade) sustentavam que a hipótese da Cruz Vermelha era verossímil mas não comprovada, e que ainda havia uma possibilidade, mesmo que remota, de que as cartas chegassem aos destinatários, e que o agradecimento fosse interpretado como um pedido para que enviassem encomendas. Decidi escrever sem agradecer, endereçando a carta a amigos cristãos que de algum modo a remeteriam à minha família. Peguei emprestado um toco de lápis, consegui um formulário e me lancei ao trabalho. Primeiro escrevi um rascunho num pedaço de saco de cimento, o mesmo que eu colocava no peito (ilegalmente) para proteger-me do frio, e então comecei a passar o texto para o formulário, mas com um certo desconforto. Pela primeira vez depois da captura, me sentia em comunicação e em comunhão (ainda que apenas putativa) com a minha família; mas para isso seria preciso estar só, e a solidão em um Lager é mais preciosa e mais rara que o pão.

Experimentava a impressão incômoda de que alguém estivesse me olhando. Virei a cabeça: era meu novo vizinho de cama. Observava-me tranqüilamente enquanto eu escrevia, com a fixidez inocente e provocadora das crianças, que desconhecem o pudor do olhar. Chegara poucas semanas antes, com uma leva de húngaros e eslovacos; era muito jovem, magro e moreno, e eu não sabia nada sobre ele, nem sequer o nome, porque ele trabalhava em outra esquadra e só aparecia para dormir depois do toque de recolher.

O sentimento de *camaraderie* entre nós era escasso: limitava-se aos compatriotas, e mesmo em relação a estes era reduzido pelas mínimas condições de vida. Além disso, era nulo ou até negativo em relação aos recém-chegados: sob este e vários outros aspectos, tínhamos regredido e recrudescido fortemente, e tendíamos a ver no companheiro “novo” um estranho, um bárbaro desajeitado e importuno, que vem disputar espaço, tempo e comida, que não conhece as regras tácitas e férreas da convivência e da sobrevivência, e que além disso se lamenta — e se lamenta à toa, de modo irritante e ridículo, porque até poucos dias antes ainda estava em casa ou pelo menos fora do arame farpado. O novato só tem uma virtude: traz notícias recentes do mundo, porque leu jornais e ouviu rádio, talvez até as rádios aliadas; mas, se as notícias são ruins, se por exemplo ele diz que a guerra não acabará daqui a duas semanas, ele não passa de um estorvo a ser evitado ou escarnecido por sua ignorância, e é submetido a deboches cruéis.

No entanto aquele novato ao meu lado, embora estivesse me espiando, despertava em mim uma vaga sensação de piedade. Parecia desarmado e perdido, carente de apoio como um menino; certamente não percebera a importância da escolha a ser feita, escrever e escrever o quê, e não sentia nem tensão nem desconfiança. Dei-lhe as costas, impedindo que olhasse o que eu escrevia, e continuei minha tarefa, que não era fácil. Era necessário pesar cada palavra, de modo a transmitir o máximo de informações ao improvável destinatário, sem parecer suspeito ao provável censor. O fato de ter que escrever em alemão aumentava a dificuldade: eu aprendera a língua no Lager e reproduzia, sem que o soubesse, o jargão pobre e vulgar das casernas. Ignorava muitos termos, sobretudo aqueles indispensáveis à expressão dos sentimentos. Sentia-me incapaz, como se devesse extrair aquela carta da pedra.

Meu vizinho esperou pacientemente que eu terminasse e então me disse algo numa língua que eu não entendia. Perguntei-lhe em alemão o que ele queria, e ele me indicou o seu formulário, que continuava em branco, apontando em seguida o meu texto: em suma, pedia-me que eu escrevesse para ele. Deve ter percebido que eu era italiano e, para esclarecer melhor o pedido, fez um discurso arrevesado numa linguagem sumária, que na verdade mais parecia espanhol que italiano. Ele não sabia escrever nem em espanhol nem em nenhuma língua. Era um cigano nascido na Espanha, que depois girara pela Alemanha, a Áustria e os Bálcãs até cair nas malhas dos nazistas da Hungria. Apresentou-se com gentileza: Grigo, se chamava Grigo, tinha dezenove anos e pedia que eu escrevesse à sua namorada. Eu seria compensado por isso. Como? Com um presente, respondeu ele sem entrar em detalhes. Pedi-lhe um pouco de pão: meia ração me parecia um preço justo. Hoje sinto uma certa vergonha dessa minha exigência, mas devo lembrar ao leitor (e também a mim mesmo) que a etiqueta de Auschwitz era diferente da nossa; de resto, como Grigo chegara recentemente, tinha menos fome que eu.

Ele aceitou o trato. Peguei o formulário, mas ele o retirou de minhas mãos e me passou um outro pedaço de papel: aquela carta era importante, era melhor fazer um rascunho. Começou a ditar o endereço da garota. Deve ter notado um movimento de curiosidade ou talvez de inveja em meus olhos, porque tirou do peito uma fotografia e a exibiu com orgulho para mim: era quase uma menina, de olhos sorridentes, com um gatinho branco ao lado. Meu apreço pelo cigano

cresceu: não era fácil entrar no Lager com uma fotografia. Como se quisesse justificar-se, Grigo esclareceu que fora seu pai que a escolhera, não ele. Era uma noiva oficial, não uma garota raptada por aí.

O texto que me ditou era uma complicada carta de amor e de detalhes domésticos. Continha perguntas cujo sentido me escapava, e também notícias do Lager que eu o aconselhei a omitir, porque muito comprometedoras. Grigo insistiu em um ponto: queria anunciar à garota que ele lhe enviaria uma “mugneca”. Uma *mugneca*? Sim, uma boneca, esclareceu Grigo da melhor maneira que pôde. A coisa me embaraçava por dois motivos: porque eu não sabia como se diz “boneca” em alemão e porque não conseguia imaginar por qual motivo — e com que meios — Grigo queria ou devia empenhar-se nessa operação tão arriscada e insensata. Achei necessário explicar-lhe tudo isso: eu tinha mais experiência do que ele e supunha que, na qualidade de escrivão, assumira algumas obrigações.

Grigo me ofereceu um sorriso desconcertante, um sorriso de “novato”, mas não deu muitas explicações, não sei se por incapacidade, por atrito lingüístico ou por vontade consciente. Disse-me que deveria enviar a boneca de qualquer jeito. Encontrá-la não seria um problema: ele mesmo a fabricaria — e me mostrou um belo canivete. Não, esse Grigo não era nada tolo, e mais uma vez fui forçado a admirá-lo. Ele deve ter sido bem esperto ao entrar no Lager, quando tudo o que você tem é confiscado, até o lenço e os cabelos. Talvez ele não percebesse, mas um canivete como aquele valia pelo menos cinco rações de pão.

Pedi-me que lhe indicasse se ali por perto havia alguma árvore que ele pudesse cortar, porque era melhor que a boneca fosse feita “de madeira viva”, com madeira verde. Ainda tentei dissuadi-lo recorrendo à sua lógica: não havia árvores no campo, mas, mesmo que houvesse, mandar à garota uma boneca feita de madeira de Auschwitz não era o mesmo que atraí-la para ali? Entretanto Grigo ergueu as sobrancelhas com ar misterioso, tocou o nariz com o indicador e me disse que talvez fosse o contrário: a boneca poderia tirá-lo dali, e a garota sabia o que fazer.

Quando a carta chegou ao fim, Grigo tirou do bolso uma ração de pão e a estendeu para mim, junto com o canivete. Em todos os pagamentos à base de pão, era costume — aliás, uma lei não escrita — que uma das partes cortasse o pão e a outra escolhesse, porque assim aquele que cortava era induzido a dividir em porções iguais. Fiquei abismado de Grigo já conhecer a regra, mas depois pensei

que ela talvez vigorasse fora do Lager também, no mundo que eu desconhecia e de onde Grigo viera. Cortei, e ele me elogiou com cavalheirismo: as duas metades eram idênticas, e isso era ruim para ele, mas eu dividira bem, e não havia o que contestar.

Ele me agradeceu, e eu nunca mais o vi. Não é preciso dizer que nenhuma das cartas que escrevemos naquele dia jamais chegou ao seu destino.

O cantor e o veterano

O novo chefe de barraca era alemão, mas falava com um sotaque dialetal que tornava os seus discursos pouco compreensíveis; tinha uns cinquenta anos, era alto, musculoso e corpulento. Dizia-se que era da velha-guarda do partido comunista alemão, que participara da revolução espartaquista e que fora ferido, mas, como o Lager fervilhava de espiões, esse não era um assunto que pudesse ser comentado em voz alta. Ele tinha uma cicatriz, atravessada entre as sobrancelhas claras e fartas, e certamente era um veterano: estava no Lager havia sete anos, e sob o triângulo vermelho dos presos políticos ostentava com orgulho um número de inscrição incrivelmente baixo, 14. Antes de Auschwitz estivera em Dachau, e era um dos pais fundadores de Auschwitz: integrara a lendária patrulha de trinta prisioneiros que foram mandados de Dachau para os pântanos da Alta Silésia, a fim de construir as primeiras barracas; enfim, era um daqueles que em todas as comunidades humanas reivindicam o direito de dizer “no meu tempo” e que pretendem ser respeitados por isso. De fato, era respeitado: não tanto por sua trajetória, mas por ainda ter os punhos pesados e os reflexos bem rápidos. Chamava-se Otto.

Ora, Vladek não se lavava. A coisa era notória, motivo de gracejos e fofocas na barraca; aliás, era uma história cômica, porque Vladek não era judeu, era um jovem lavrador polonês que recebia de casa pacotes com toucinho, fruta e meias de lã; em suma, era potencialmente uma pessoa de respeito — mas não se lavava. Ossudo e desajeitado, assim que voltava do trabalho, metia-se no catre sem falar com ninguém. O fato é que Vladek tinha um cérebro de galinha, coitado, e se não tivesse o privilégio de receber encomendas, cujo conteúdo lhe era sistematicamente

roubado, já teria se acabado no gás havia muito tempo, embora também portasse o triângulo vermelho dos políticos. Que grande político deve ter sido Vladek!

Otto o advertira várias vezes, porque um chefe de barraca responde pela limpeza dos seus subordinados: de início, com boas maneiras, ou seja, com impropérios urrados em seu dialeto; depois, com socos e bofetões — mas tudo era inútil. Ao que parecia, Vladek (que de resto mal entendia alemão) não era capaz de conectar as causas com os efeitos, ou então esquecia no dia seguinte as pancadas de hoje. Em setembro houve um domingo de calor: era um dos raros domingos de descanso, e Otto anunciou que haveria uma festa, ou melhor, um espetáculo nunca visto, que ele ofereceria gratuitamente a todos os inquilinos da barraca 48: a limpeza pública de Vladek. Mandou que pusessem ao ar livre um dos tonéis de sopa, enxaguado sumariamente, e ordenou que o enchessem de água quente retirada das duchas; meteu dentro dele Vladek, nu e de pé, e o lavou pessoalmente como se lava um cavalo, esfregando-o da cabeça aos pés, primeiro com uma escova e depois com uns panos de chão.

Vladek, que estava coberto de pruridos e escoriações, mantinha-se imóvel feito um pau, com os olhos vidrados; o público se acabava na gargalhada, e Otto, todo concentrado como se estivesse fazendo um trabalho de precisão, dirigia a Vladek as toscas onomatopéias que os ferreiros usam com os cavalos durante as ferraduras. Era realmente um espetáculo engraçado, que fazia esquecer a fome e merecia ser contado aos companheiros de outras barracas. Finalmente Otto arrancou Vladek do tonel e murmurou algo em dialeto a respeito da sopa que ficara no recipiente; Vladek estava tão limpo que tinha até mudado de cor, e era difícil reconhecê-lo.

Fomos embora reconhecendo que esse Otto não era dos piores: qualquer outro, no lugar dele, teria pelo menos usado água gelada ou transferido Vladek para a Companhia de Punição — ou então o teria moído de pancada, porque os idiotas do Lager não gozam de especiais indulgências. Aliás, correm o risco de serem catalogados oficialmente como tais, e (em virtude da paixão nacional alemã pelos rótulos) alguns traziam a braçadeira branca com a inscrição “Blöd”, idiota. Essa distinção, especialmente se acompanhada do triângulo vermelho, constituía para a ss uma fonte inesgotável de divertimento.

Portanto ficou constatado imediatamente que Otto não era dos piores. Poucos dias depois seria o Kippur, o dia do perdão e da purificação, mas obviamente se

trabalhava como sempre. É difícil definir como a data era mantida no Lager, já que o calendário judaico é lunar e não coincide com o calendário comum; talvez alguns judeus mais fiéis controlassem com precisão o passar dos dias, ou talvez a notícia fosse trazida por um dos recém-chegados, já que sempre havia novatos para preencher os vazios.

Na noite da vigília nos colocamos em fila para receber a sopa, como todas as noites; na minha frente estava Ezra, relojoeiro de profissão, cantor aos sábados num remoto vilarejo da Lituânia. De exílio em exílio, por caminhos que eu não saberia descrever, chegara à Itália, e na Itália fora capturado; era alto e magro, mas não curvo; os seus olhos, de corte oriental, eram ágeis e vivos; falava raramente e nunca erguia a voz. Quando chegou diante de Otto, não estendeu a gamela e falou assim: “Senhor chefe, hoje é para nós um dia de expiação, e eu não posso tomar a sopa. Peço-lhe respeitosamente que a reserve até amanhã à noite”.

Otto era tão alto quanto Ezra, mas duas vezes mais largo que ele. Já havia tirado do tonel a ração de sopa e parou de chofre, com a cuia erguida a meia altura: sua mandíbula arriou pouco a pouco, deixando a boca aberta. Em todos os anos de Lager nunca vira um prisioneiro que recusasse comida. Por um instante ficou indeciso, sem saber se sorria ou se dava um tapa naquele magrelo desconhecido: será que estava de brincadeira com ele? Mas não lhe pareceu o tipo. Disse-lhe que se afastasse e que o procurasse depois de terminada a distribuição.

Ezra esperou sem impaciência, depois bateu na porta. Otto o fez entrar e expulsou do quarto os seus cortesãos e parasitas: queria estar só para aquela conversa. Livre de seu papel, dirigiu-se a Ezra com uma voz menos áspera e perguntou-lhe que história era essa de expiação. Por acaso ele tinha menos fome que os outros naquele dia?

Ezra respondeu que certamente não tinha menos fome; que no dia do Kippur também deveria ter se absterido do trabalho, mas sabia que, se o tivesse feito, seria denunciado e executado, e por isso trabalhara, porque a Lei permite desobedecer a quase todos os preceitos e proibições para salvar uma vida, a própria ou a de outrem; mas que ele pretendia observar o jejum prescrito, daquela noite até a noite seguinte, porque não estava certo de que morreria por isso. Otto indagou-lhe quais os pecados que ele devia expiar, e Ezra respondeu que conhecia alguns, mas que talvez tivesse cometido outros sem se dar conta; além disso, segundo a opinião de

alguns sábios, que ele partilhava, a penitência e o jejum não eram uma questão estritamente pessoal. Era provável que contribuíssem para que Deus concedesse o perdão inclusive aos pecados cometidos por outros.

Otto estava cada vez mais perplexo, dividido entre o assombro, o riso e um outro sentimento ao qual não saberia dar um nome, que pensou que estivesse morto dentro dele, assassinado pelos anos de vida ambígua e ferina nos Lager e morto ainda antes de sua militância política, que fora rigorosa. Com voz baixa, Ezra interveio e explicou-lhe que, justamente no dia do Kippur, é costume ler o livro do profeta Jonas, aquele mesmo que fora engolido pelo peixe. Jonas fora um profeta severo; depois do episódio do peixe, predicara o arrependimento ao rei de Nínive, mas, quando este se arrependera de suas culpas e do pecado de sua gente, proclamando um decreto que impunha o jejum a todos os ninivitas e até aos rebanhos, Jonas continuou a suspeitar de um engano, a desconfiar e a pelejar com o Eterno, que no entanto estava inclinado ao perdão; sim, ao perdão, inclusive aos ninivitas, que eram idólatras e não sabiam distinguir entre direita e esquerda. Otto o interrompeu:

“O que você quer me dizer com essa história? Que seu jejum é também por mim? E para todos, até para... eles? Ou que eu também deveria jejuar?”

Ezra respondeu que ele, à diferença de Jonas, não era um profeta, mas um cantor de província, e insistia em pedir ao chefe de barraca aquele favor, que a sua sopa fosse conservada até a noite seguinte, assim como o pão da próxima manhã. Mas não era preciso que a sopa se mantivesse quente, Otto podia deixá-la esfriar. Otto perguntou por quê, e Ezra respondeu que havia duas razões para isso, uma sacra e uma profana. Em primeiro lugar (e aqui, talvez involuntariamente, começou a falar em cantilena e a balançar levemente o peito, para a frente e para trás, como é o costume quando se discute sobre argumentos rituais), segundo alguns comentadores, é desaconselhável trabalhar o fogo ou seus equivalentes no dia da expiação, ainda que por mãos de cristãos; em segundo, e mais simplesmente, a sopa do Lager tendia a fermentar rapidamente, sobretudo no calor: todos os prisioneiros preferiam comê-la fria, quando era menos ácida.

Otto objetou ainda que a sopa era bastante líquida, era mais água que outra coisa, e portanto se tratava mais de beber que de comer; e, dizendo isso, reencontrava um outro prazer perdido havia muito tempo, o gosto das acaloradas

controvérsias dialéticas nas assembléias do seu partido. Ezra explicou-lhe que a distinção não era relevante, nos dias de jejum não se come nem se bebe nada, nem mesmo água. Todavia, não se incorre em punição divina se o alimento digerido não ultrapassar o volume total de uma tâmara, ou líquidos de volume inferior ao que pode ser alojado entre a bochecha e os dentes. Nessa contagem, comidas e bebidas não se somam.

Otto mastigou uma frase incompreensível, em que se discernia a palavra *meschugge*, que significa “louco” em ídiche, mas que todos os alemães conhecem; entretanto pegou a gamela de Ezra, encheu-a de sopa e guardou-a no armário pessoal a que ele, como funcionário, tinha direito, e disse a Ezra que ele poderia passar ali na noite seguinte. A Ezra a ração de sopa pareceu particularmente abundante.

Eu não teria sabido os detalhes dessa conversa se o próprio Ezra não os tivesse relatado a mim, aos bocados, num dia em que juntos transportávamos sacos de cimento de um armazém a outro. Ora, Ezra não era propriamente um *meschugge*: era herdeiro de uma tradição antiga, dolorosa e estranha, cujo núcleo consiste em abominar o Mal e em “construir represas em torno da Lei”, a fim de que, das frestas dessas represas, o Mal não extravase e inunde a própria Lei. No curso dos milênios, ao redor desse núcleo incrustou-se uma gigantesca proliferação de comentários, deduções e de distinções sutis até a mania, bem como novos preceitos e proibições; e no curso dos milênios muitos se conduziram como Ezra, através de migrações e massacres sem fim. Por isso a história do povo judeu é tão antiga, dolorosa e estranha.

A história de Avrom

Nestes tempos é comum ouvir gente dizer que se sente envergonhada de ser italiana. Na verdade temos boas razões para nos envergonharmos: antes de tudo, por não termos sido capazes de exprimir uma classe política que nos representasse e por tolerarmos, há trinta anos, uma que não nos representa. Entretanto temos virtudes que nos passam despercebidas, ou que pelo menos desconhecemos quanto sejam raras na Europa e no mundo: penso nessas virtudes sempre que me lembro de recontar a história de Avrom (eu o chamarei assim), uma história que conheci por acaso. Por enquanto ela sobrevive precisamente assim, como uma saga transmitida de boca em boca, com o risco de ser distorcida ou adornada, podendo vir a ser tomada por uma invenção romanesca. Gosto especialmente dessa história porque ela contém uma imagem do nosso país formada por olhos ingênuos e estrangeiros, sob uma luz firme de salvação, contemplada em sua hora mais bela. Tentarei resumi-la aqui, desculpando-me por qualquer imprecisão.

Avrom tinha treze anos em 1939: era um judeu polonês, filho de um chapeleiro muito pobre de Leópolis. Quando os alemães invadiram a Polônia, Avrom logo percebeu que não era o caso de esperá-los dentro de casa; mas seus pais decidiram fazer justamente isso, sendo rapidamente capturados e desaparecendo para sempre. Sozinho, Avrom misturou-se à paisagem cinzenta da pequena marginalidade local, passando a viver de pequenos furtos, contrabandos miúdos, mercado negro e trabalhos vagos e precários, dormindo em cantinas de casas abandonadas até que soube que em Leópolis havia um quartel de italianos. Era provavelmente uma das bases da Armir: espalhou-se imediatamente na cidade a notícia de que os soldados

italianos eram diferentes dos alemães, que tinham bom coração, saíam com garotas e não se importavam muito com disciplina militar, permissões ou proibições. No final de 1942, Avrom já estava morando regularmente — e semi-oficialmente — naquele quartel. Aprendera um pouco de italiano e tentava ser útil em vários ofícios, servindo de intérprete, engraxate e carregador. Tornara-se o mascote do quartel, onde não era o único: assim como ele, ali vivia uma dúzia de adolescentes ou crianças que ficaram sós, sem pais, sem casa e sem meios de sobrevivência. Eram judeus e cristãos, e para os italianos isso parecia não fazer nenhuma diferença, coisa que muito espantava Avrom.

Em janeiro de 1943 a Armir foi extinta, o quartel se encheu de desertores e foi desmobilizado. Todos os italianos voltavam para a Itália, e os oficiais deram a entender que se alguém quisesse levar um daqueles filhos de ninguém eles fechariam o olho. Avrom tinha feito amizade com um alpino do Canavese: juntos atravessaram o Tarvisio no mesmo trem, e o governo fascista os encaminhou a Mestre, onde havia um campo de quarentena. Oficialmente era uma quarentena sanitária, e de resto todos tinham piolhos; mas de fato era uma quarentena política, porque Mussolini não queria que aqueles refugiados contassem muitas coisas. Ficaram ali até 12 de setembro, quando os alemães chegaram como se estivessem precisamente atrás dele, Avrom, perseguindo-o em todos os esconderijos da Europa. Os alemães bloquearam o campo e colocaram todos eles em seus vagões de mercadorias, direto para a Alemanha.

Já no vagão, Avrom disse ao alpino que ele não iria para a Alemanha, porque conhecia os alemães e sabia do que eram capazes: era melhor se jogar do trem. O alpino disse que ele também vira o que eles haviam feito na Rússia, mas que não tinha coragem de se jogar do trem. Incentivou Avrom a saltar; ele escreveria uma carta aos seus parentes em Canavese dizendo que aquele rapaz era seu amigo, que lhe dessem a sua cama e o tratassem como se fosse ele. Avrom se jogou do trem com a carta no bolso. Estava na Itália, mas não na Itália brilhante e colorida dos cartões-postais e dos livros de geografia. Estava só, sobre o cascalho da linha férrea, sem dinheiro, no meio da noite e das patrulhas alemãs, num país desconhecido, em algum lugar entre Veneza e o Brenner. Sabia apenas que precisava alcançar Canavese. Todos o ajudaram e ninguém o denunciou: conseguiu um trem para Milão e depois um outro para Turim. Em Porta Susa tomou a Canavesana, desceu

até Cuorgné e fez a pé a estradinha para o vilarejo do amigo. Naquela altura Avrom tinha dezessete anos.

Os pais do alpino o acolheram bem, mas sem muitas palavras. Deram-lhe roupas, comida e uma cama; e, como dois braços jovens eram sempre bem-vindos, o puseram para trabalhar no campo. Naqueles meses a Itália estava cheia de refugiados, ingleses, americanos, australianos e russos, muitos fugidos em 8 de setembro dos campos para prisioneiros de guerra, e por isso ninguém fez muito caso daquele jovem forasteiro. Ninguém lhe fez perguntas; mas o pároco, conversando com ele, logo percebeu que era esperto e disse aos pais do alpino que seria uma pena não o encaminhar aos estudos. Assim o puseram numa escola de padres. Para ele, que já passara por tudo, era muito bom ir à escola estudar — isso lhe dava uma impressão de tranqüilidade e normalidade. Mas achava engraçado que lhe ensinassem latim: por que os jovens italianos precisariam estudar latim, já que o italiano era quase igual? Mas estudou tudo com afinco, teve ótimas notas em todas as matérias, e em março o padre o chamou para auxiliar na missa. Essa história de um rapaz judeu auxiliar uma missa católica lhe pareceu divertida, mas evitou espalhar que era judeu, porque nunca se sabe. Entretanto aprendera rapidamente a fazer o sinal-da-cruz e a rezar todas as preces dos cristãos.

Nos primeiros dias de abril a praça da cidadezinha foi invadida por um caminhão de alemães, e todos fugiram. Mas depois perceberam que aqueles alemães eram diferentes: não gritavam ordens nem ameaças, não falavam alemão — falavam uma língua jamais ouvida — e tentavam gentilmente estabelecer comunicação. Alguém teve a idéia de procurar Avrom, que era estrangeiro. Avrom chegou à praça, e ele e os alemães se entenderam perfeitamente, porque não eram alemães coisa nenhuma: eram tchecoslovacos que os alemães haviam alistado à força na *Wehrmacht* e que agora eram desertores; roubaram um caminhão militar e pretendiam juntar-se aos *partigiani* italianos. Eles falavam tcheco, e Avrom respondia em polonês, mas todos se entendiam. Avrom agradeceu aos amigos de Canavese e partiu com os tchecos. Não tinha idéias políticas bem definidas, mas tinha visto o que os alemães fizeram em seu país e lhe parecia justo combater contra eles.

Os tchecos se associaram a uma divisão de *partigiani* italianos que operava no vale do Orco, e Avrom continuou com eles como intérprete e estafeta. Um dos

partigiani italianos era judeu e dizia isso a todo mundo; Avrom ficava espantado, mas continuou a manter em segredo a sua condição de judeu. Houve um rastreamento, e a sua esquadra teve que subir o vale até Ceresole Reale, onde lhe disseram que o lugar se chamava Reale porque era ali que o rei da Itália ia caçar cabritos monteses; e eles lhe mostraram os cabritos com uma luneta, sobre as encostas do Gran Paradiso. Avrom estava surpreso com a beleza das montanhas, do lago e dos bosques, e lhe parecia um absurdo subir ali para guerrear: de fato, naquela altura ele já andava com armas. Houve um combate com os fascistas que subiam da Locana, e depois os *partigiani* entraram nos vales de Lanzo através das colinas da Crocetta. Para o rapaz que vinha dos horrores do gueto e da monótona Polônia, aquela travessia por montanhas ásperas e desertas e pelas muitas escarpas que se seguiram foi a revelação de um mundo esplêndido e novo, que encerrava experiências que o embriagavam e agitavam: a beleza da Criação, a liberdade e a confiança em seus companheiros. Sucederam-se muitos combates e marchas. No outono de 1944, seu grupamento descia a Val Susa de cidade em cidade, até Sant’Ambrogio.

Agora Avrom era um *partigiano* completo, corajoso e robusto, disciplinado por sua natureza mais íntima e hábil com a pistola e o fuzil, poliglota e astuto como uma raposa. Um agente do Serviço Secreto americano tomou conhecimento dele e lhe confiou um radiotransmissor: ele devia transportá-lo numa maleta e deslocar-se continuamente para que ela não fosse rastreada pelos inimigos, mantendo contato com as brigadas que vinham do sul da Itália, especialmente com os poloneses de Anders. De esconderijo em esconderijo, Avrom chegou a Turim. Enviaram-no à paróquia de San Massimo e lhe deram uma palavra de ordem. Em 25 de abril ele foi encontrado com o radiotransmissor numa cela do campanário.

Depois da Libertação, os aliados o convocaram a Roma para regularizar a sua situação, que de fato era bastante confusa. Meteram-no em um jipe e, através das estradas destruídas da época, passando por cidades e vilarejos apinhados de gente maltrapilha que aplaudia, chegou à Ligúria e, pela primeira vez em sua vida breve, viu o mar.

A aventura do jovem Avrom, soldado por acaso que, como tantos viajantes do Norte, havia descoberto a Itália com olhos virgens — e como tantos heróis do *Risorgimento* havia combatido pela liberdade de todos em um país que não era o seu

—, termina aqui, em paz, diante do esplendor do Mediterrâneo.

Agora Avrom vive num kibutz em Israel. Poliglota, ele já não tem uma língua realmente sua: quase esqueceu o polonês, o tcheco e o italiano, sem que já domine plenamente o hebraico. Nessa língua nova para ele, depositou todas as suas memórias sob a forma de apontamentos descarnados e simples, velados pela distância do espaço e do tempo. É um homem humilde, e por isso os escreveu sem as pretensões do ficcionista ou do historiador, pensando nos filhos e nos netos, para que fique a lembrança das coisas que viu e viveu. É de esperar que os seus textos encontrem quem lhes restitua o respiro amplo e arejado que potencialmente contêm.

Cansado de ficções

Quem teve a oportunidade de comparar a imagem real de um escritor com aquela que se pode deduzir de seus escritos sabe com que frequência elas não coincidem. O sofisticado perscrutador de estados da alma, vibrátil como um circuito oscilante, revela-se um pretensioso grosseiro, doentamente cheio de si, ávido de dinheiro e adulação, cego aos sofrimentos do próximo; o poeta orgiástico e suntuoso, em pânica comunhão com o universo, é um perfeito abstinente e abstêmio, não por escolha ascética, mas por prescrição médica.

Todavia, quanto pode ser agradável, tranqüilizador e gratificante o caso inverso, do homem que se mantém igual a si mesmo através daquilo que escreve! Mesmo que não seja genial, é para ele que vai a nossa simpatia: aqui não há mais ficções nem transfigurações, nem musas nem saltos quânticos, a máscara é o rosto, e o leitor parece mirar do alto uma água clara e distinguir no fundo os seixos coloridos. Tive essa impressão ao ler, muitos anos atrás, o manuscrito alemão de uma autobiografia que depois também saiu em italiano, em 1973, com o título *Sfuggito alle reti del nazismo* [Escapado às redes do nazismo]; a editora é Mursia, o autor se chama Joel König, e não por acaso o primeiro capítulo se intitula “Cansado de disfarces”. König não é um escritor profissional, é um biólogo, e só se decidiu a escrever porque lhe pareceu que a sua história era muito singular para não ser contada.

Joel, judeu-alemão nascido em 1922 em Heilbronn, na Suécia, narra com a candura e os defeitos de um não-profissional, frequentemente se delongando em coisas supérfluas e deixando de lado fatos essenciais. É um jovem burguês, filho de um rabino de província, que desde a infância praticou o complexo ritual hebraico

sem nenhum laivo de obrigação, rebelião ou ironia, sentindo participar de uma tradição antiga, alegre e permeada de poesia simbólica.

O pai ensinou-lhe que cada um recebeu de Deus uma só alma, mas que, no sábado, Deus concede a todo homem fiel uma segunda, que o ilumina e o santifica de um ocaso a outro; e que por isso não apenas não se trabalha no sábado, mas não se deve nem sequer pôr as mãos em instrumentos como o martelo, a tesoura e a caneta, e muito menos no dinheiro, a fim de não conspurcar a alma sabática. As crianças também estão proibidas de caçar borboletas, porque a caça é igualmente um tipo de trabalho; e também porque sábado é dia da liberdade para todos, inclusive para os animais. De resto, os animais também louvam o Criador, e as galinhas, quando bebem, erguem o bico ao céu para agradecer cada gole.

Sobre esse “idílio sueco” a sombra negra de Hitler começa a estender-se em 1933. Nesse meio-tempo o pai foi transferido (sempre como rabino) para uma pequena cidade da Alta Silésia, perto de Auschwitz — mas Auschwitz naquela época não passava de uma cidadezinha qualquer da fronteira. Joel e seu pai reagem ao novo clima de modo bastante instrutivo, dando-nos lições essenciais sobre a Alemanha daqueles anos e de hoje.

O rabino ensinou ao filho que, depois do pecado original e da destruição do templo por obra de Tito, o tratado de Versalhes foi o evento mais calamitoso da história do mundo, mas que no entanto os judeus-alemães não devem opor-se à injustiça com a violência: “Sofrer injustamente é melhor que agir injustamente”. Nos anos da crise econômica, votou nos católicos de centro “porque eles temem a Deus”, mas em 1933 os católicos votaram a favor dos plenos poderes a Hitler — e ele reconhece nas leis de Nuremberg a mão corretiva de Deus e uma punição às transgressões dos judeus.

Faziam negócios no sábado? Agora suas lojas são boicotadas. Casavam-se com mulheres cristãs? As novas e boas leis proíbem os matrimônios mistos.

As leis nazistas fecham o cerco em torno dos judeus-alemães: alguns clarividentes tentam a fuga para países neutros ou buscam um precário refúgio na clandestinidade; a maior parte, como os pais de Joel, vive atônita o dia-a-dia, alimentando-se de ilusões absurdas e de falsas notícias, enquanto a cada dia, com uma crueldade refinada e progressiva, e a intenção deliberada de infligir humilhações e sofrimento, leis e mais leis são editadas.

Numa paródia infame das normas rituais, em lugar das palavras do Senhor, os judeus devem trazer no coração e nas portas de casa a estrela amarela; já não podem ter bicicletas ou telefones, nem telefonar de locais públicos, nem assinar jornais. Devem entregar as vestimentas de lã e as peles, e recebem ínfimas rações de comida; começam aos poucos os deslocamentos “rumo ao Oriente”: e aí estão os guetos, o trabalho forçado, e ninguém suspeita do massacre enquanto crianças e moribundos são deportados...

Assim como muitos outros jovens, Joel se refugia numa granja-escola organizada por sionistas a fim de encaminhar rapazes e moças ao trabalho agrícola e à vida comunitária, tendo em vista uma emigração cada vez mais improvável para a Palestina. A Gestapo tolera, porque a mão-de-obra é muito escassa e a empresa (os jovens não são remunerados) é lucrativa: mas aos poucos a granja se torna um Lager em miniatura, Joel arranca a estrela amarela e foge para Berlim.

Logo em seguida seus pais são deportados, e Joel se vê isolado na cidade inimiga, sacudida pelos bombardeios e fervilhante de delatores, policiais e trabalhadores estrangeiros de todas as raças. Destruíu seus documentos que traziam a insígnia J, inicial de *Jude*, e agora não possui papéis de abonoamento: é um fora-da-lei. Pois bem, pode-se dizer que só então, nesse estado de marginalização extrema, o jovem amante da ordem celeste e terrena descobre a si mesmo, tornando-se consciente de seus extraordinários recursos.

Torna-se um herói chapliniano: ao mesmo tempo ingênuo e astuto, pronto para o imprevisto engenhoso, jamais desesperado, radicalmente incapaz de ódio ou violência, apaixonado pela vida, pela aventura, pela alegria. Atravessa todas as insídias como por milagre: como se o pacto de Deus com o povo de Israel houvesse encontrado nele e para ele uma aplicação prática; como se o próprio Deus, em quem ele crê, lhe estendesse a mão sobre a cabeça, tal como se diz que Ele faz com as crianças e os bêbados.

Encontra um primeiro e precário asilo na casa de um velho sapateiro, que o hospeda não tanto por generosidade, mas por insensatez, sem perceber que dar abrigo a um judeu na Berlim da Gestapo pode custar-lhe a vida; mas Joel sabe disso e, para não comprometer um inocente, afasta-se mais uma vez. Onde passar as noites no duro inverno de 1942-3? Na cabine de comando de um guindaste, na barraca de apetrechos antiincêndio, na carcaça de um tanque soviético exposto na

praça como um monumento? Joel escolhe ao acaso, e a sorte sempre o favorece.

Perambula por Berlim, um deserto de ruínas separado do céu por intermináveis redes de camuflagem, e instala-se temporariamente num banheiro desativado: dois metros cúbicos, mas é melhor do que nada. Amante da limpeza, inspeciona diligentemente os edifícios esquartejados pelas bombas e neles encontra *boilers* ainda funcionando, ainda que falte a quarta parede; com as devidas precauções, às vezes com a ajuda de um cúmplice, consegue tomar banhos quentes. É uma delícia; além disso, a bizarria da invenção provoca em Joel um agudo excitamento infantil, conferindo sabor ao perigo.

Uma ronda da polícia poderia ser uma armadilha mortal. Joel só precisa de um documento, um documento qualquer, porque na multidão de trabalhadores estrangeiros os policiais não podem ser muito exigentes; e ele o consegue do modo mais improvável. Declarando um nome “ariano”, solicita uma inscrição à sede fascista de Berlim, onde há cursos de italiano para militares e civis alemães. Frequenta os cursos — ele, um judeu clandestino em meio a colegas que são em boa parte militantes da ss — e obtém o que desejava, uma identificação em nome de Wilhelm Schneider com a sua fotografia, um enorme emblema fascista e muitos carimbos; não é perfeito, um policial inteligente descobriria o truque com duas perguntas, porém, mais uma vez, era melhor do que nada. Confiado na frágil proteção do documento, Joel preenche os dias intermináveis vagando e meditando um plano de fuga.

A sorte o ajuda: por acaso entra em contato com um engenheiro, ex-social-democrata, que dá concretude aos vagos planos de Joel. Ele irá para Viena, e ali um contrabandista o fará passar para a Hungria.

Joel tem vinte e um anos, mas aparenta dezessete, e seu rosto não tem traços hebraicos: parece-lhe lógico camuflar-se na divisão da Juventude Hitlerista, o equivalente dos nossos vanguardistas da época; os jovens hitleristas não estão em idade militar, o que representa um risco a menos; de resto, ele sempre gostou de “brincar de soldado”. Também o seu irmão Leon, outro clandestino na cidade, circula com um uniforme de fantasia, o que talvez não seja má idéia.

O jovem hitlerista Joel König-Wilhelm Schneider segue para Viena em maio de 1943: entre outras coisas, leva na mala uma Bíblia em hebraico, uma gramática e um manual de conversação em húngaro, uma gramática árabe. É um viajante

educado, e prevê que em Budapeste terá pouco tempo para compras: como ele poderia “viver na Palestina sem ser capaz de falar com todos os habitantes do país na língua deles”?

No bolso leva sempre a estrela amarela, que lhe será útil em Viena para ser reconhecido como judeu. Na mala terrivelmente suspeita, não deixa de carregar dois interruptores de minuteria, a fim de acender a luz e o forno elétrico na noite do sábado, porque um judeu fiel está proibido de acender manualmente o fogo e seus equivalentes modernos: trata-se de um trabalho servil, que profanaria o dia sagrado. Durante a inspeção da bagagem, no momento crucial da partida de Berlim, Joel percebe nitidamente o tique-taque de um dos aparelhos, que os solavancos ajudaram a acionar: o funcionário da saída poderá ouvi-lo e pensar que se trata de um dispositivo infernal! Entretanto a sorte protege o imprudente mais uma vez, e ninguém se dá conta de nada.

Aqui o livro termina subitamente. O resto das aventuras de Joel está condensado em duas pagininhas de epílogo, mas eu pude ouvi-lo muitos anos depois, contado difusamente e a viva voz pelo próprio Joel. Narrou-me as perambulações entre os últimos judeus que permaneceram em Viena, todos resignados com o próprio destino: ficam aterrorizados diante do Jovem Hitlerista que bate à sua porta, e ele tem dificuldades em demonstrar ser quem é. Eles lhe dão dinheiro à vontade — dinheiro que já não lhes serve para nada.

Em Viena, Joel torna-se suspeito para todos, e ninguém se dispõe a hospedá-lo regularmente; vai à Comunidade Israelita, esvaziada pelas deportações, mas ainda aberta pela abnegação de uns poucos funcionários sobreviventes, e de noite se tranca ali dentro, pernoitando no banheiro fechado à chave; mas de dia, como é um turista curioso e atento, não deixa de visitar a cidade. Quando pergunta aos vienenses a localização dos monumentos, respondem-lhe rudemente: terão percebido que ele é judeu? Ou não gostam de sua insígnia? Não, eles não simpatizam com o seu sotaque germânico, e Joel fica feliz ao ouvir murmurarem às suas costas: “*Saupreuss*”, “porco prussiano”.

Um primeiro contrabandista o atraindo e leva-lhe o dinheiro; na segunda tentativa, passa para a Hungria, sente-se um homem livre e se desfaz da incômoda insígnia; mas em março de 1944 deve tornar a usá-la, porque os tanques alemães invadem o país. Escapa sem problemas para a Romênia, todos o ajudam, e ele

consegue embarcar clandestino em um navio turco que o leva, em plena guerra, à Terra dos Pais, naquele tempo protetorado britânico; e aqui, por um paradoxo extremo, o Serviço Secreto inglês não acredita em sua história, que é de fato inacreditável, e o manda finalmente para a prisão como suspeito de espionagem — aquele jovem louro de sotaque germânico, aquele Joel König que atravessara toda a Europa nazista em guerra sem que a Gestapo lhe tocasse um dedo.

Mas Joel não escreverá essa história. Formou-se e casou-se, estabeleceu-se na Holanda, ama e admira os holandeses, que são tão persistentes e amantes da paz quanto ele. Está cansado, cansado de ficções e de disfarces: por isso, ao escrever a sua extraordinária aventura, não tentou fingir nem se apresentar diferente daquilo que é e do que sempre foi.

O retorno de Cesare

Muitos anos se passaram desde que contei as aventuras de Cesare, e muitos mais desde o tempo, já obscurecido pela distância, em que aquelas aventuras ocorreram. De algumas eu também participei, por exemplo, na aquisição-conquista de uma galinha nos pântanos do Pripet; em outras, Cesare estava sozinho, como naquela vez em que assumira a incumbência de vender peixes por conta de um consórcio de compradores, mas se comovera diante da fome de três crianças e, em vez de vender os peixes, os deu de presente.

Até hoje omiti a mais ousada de suas empresas porque Cesare me proibira de fazê-lo: voltara para Roma e para a ordem, construía uma família, conseguira um emprego respeitável, uma decorosa casa burguesa, e não se sentia à vontade no pícaro engenhoso que descrevi em *A trégua*. Hoje, entretanto, Cesare não é mais o sobrevivente criativo, esfarrapado e indomável da Bielo-Rússia de 1945 nem o funcionário sem mácula da Roma de 1965; é, inacreditavelmente, um aposentado de sessenta anos, muito tranqüilo, muito sábio, provado duramente pelo destino, que me absolveu da proibição, autorizando-me a escrever “antes que passe a vontade”.

Portanto, antes que me passe a vontade, limito-me a narrar aqui o modo como Cesare, em 2 de outubro de 1945, nauseado pelos sacolejos e paradas intermináveis do trem que nos reconduzia à Itália, e impaciente por colocar em ação seus recursos inventivos e a monstruosa liberdade que nos fora concedida pelo destino após a prova de Auschwitz, nos abandonou porque decidira voltar para casa de aeroplano. Talvez depois de nós, mas não como nós: famintos, maltrapilhos, cansados, machucados, escoltados pelos russos num extenuante trem-tartaruga.

Queria uma *rentrée* gloriosa, uma apoteose. Reconhecia os perigos, mas “*o a Napoli in carrozza, o in macchina a fa’ er carbone*” [“ou ir a Nápoles de carruagem, ou como maquinista de trem”].

Com um carregamento sortido de mil e quatrocentos italianos no tortuoso caminho de volta, nosso comboio estava mergulhado havia seis dias na chuva e na lama de um vilarejo de fronteira entre a Romênia e a Hungria, e Cesare estava furioso com o ócio forçado e a impotência-impaciência. Convidou-me a segui-lo, mas recusei porque a aventura me assustava; ele então conversou brevemente com o sr. Tornaghi, despediu-se de todos e partiu com ele.

O sr. Tornaghi era um mafioso do Norte, um receptador profissional. Era um milanês sangüíneo e cordial, com os seus quarenta e cinco anos: em nossas vagabundagens precedentes, distinguira-se pela vestimenta quase elegante, que de resto era um hábito para ele, um símbolo de prestígio social e uma necessidade imposta pela profissão. Até poucos dias antes, havia ostentado um capote com gola de pele, mas depois o vendera para matar a fome. Era o sócio perfeito para Cesare, que nunca teve caprichos de casta ou de classe. Os dois tomaram o primeiro trem que seguia para Bucareste, ou seja, na direção contrária à nossa, e durante a viagem Cesare ensinou ao sr. Tornaghi as principais orações do ritual hebraico, aprendendo com ele, por sua vez, o Pai-Nosso, o Credo e a Ave-Maria, porque já tinha em mente um programa mínimo para a primeira parada em Bucareste.

Chegaram a Bucareste sem incidentes, mas gastando os seus escassos recursos. Na metrópole revirada pela guerra e incerta de seu futuro, os dois se dedicaram por alguns dias a mendigar, seja nos conventos, seja na Comunidade Israelita: apresentavam-se seguidamente como dois judeus sobreviventes do massacre ou como dois peregrinos cristãos em fuga dos soviéticos. Não conseguiram muito, dividiram os trocados e os investiram em roupas: Tornaghi, para restaurar o aspecto honesto que a sua profissão demandava; Cesare, para pôr em ação a segunda etapa do seu plano. Feito isso, os dois se separaram, e nunca mais se soube o que se passou com o sr. Tornaghi.

De terno e gravata após um ano de cabeça raspada e farda listrada de prisioneiro, Cesare a princípio se sentiu estranho, mas não tardou a recuperar a segurança necessária para o novo papel que pretendia assumir, e que era o de amante latino — porque a Romênia (e Cesare notou logo isso) era um país bem menos neolatino do

que os livros diziam. Cesare evidentemente não falava romeno nem qualquer outra língua além do italiano, mas as dificuldades de comunicação não foram um impedimento para ele. Ao contrário, o ajudaram, porque é mais fácil dizer mentiras quando sabemos que o outro mal nos entende, e também porque na técnica da sedução a linguagem articulada tem uma função secundária.

Depois de algumas tentativas frustradas, Cesare topou com uma garota que preenchia os seus requisitos: era de família rica e não fazia muitas perguntas. Sobre o suposto sogro, as notícias fornecidas por Cesare são vagas: era um dos donos dos poços de petróleo de Ploesti e/ou diretor de um banco, que morava em um palácio cujos portões eram guardados por dois leões de mármore. Mas Cesare é um peixe que nada em todas as águas, e não me espanta que ele tenha sido bem acolhido por aquela família de ricos burgueses, certamente assustada com o destino político de seu país: quem sabe, talvez uma filha casada na Itália pudesse ser vista como uma possível ponte para o futuro.

A garota mordeu a isca. Cesare foi apresentado aos pais e convidado ao palácio dos leões; levou flores e assumiu oficialmente o noivado. Foi chamado pelo futuro sogro para uma conversa, e não escondeu a sua condição de sobrevivente de um Lager. Disse-lhe que, no momento, dispunha de pouco dinheiro: um pequeno empréstimo ou uma antecipação do dote seria de grande ajuda para que ele pudesse ficar algum tempo na cidade, à espera dos papéis para o casamento e enquanto procurava trabalho. A garota continuou no jogo: era uma espécie de calculista, havia entendido tudo desde o início, e de vítima do imbróglio se tornara cúmplice; gostava da aventura exótica, mesmo sabendo que terminaria logo, e não se importava nada com o dinheiro do pai.

Cesare conseguiu o empréstimo e desapareceu. Poucos dias depois, por volta do final de outubro, embarcou num avião para Bari. Tinha vencido; retornava à pátria depois de nós (que havíamos cruzado o Brenner no dia 19 daquele mês), o episódio lhe custara muito, seja pelos compromissos de consciência, seja pela relação afetiva cortada na metade, mas voltava de avião, como os reis, como havia prometido a si mesmo e a todos nós, atolados na lama romena.

Não há dúvida de que Cesare pousou em Bari vindo dos céus. Ele foi visto por numerosas testemunhas que foram esperá-lo, e ninguém se esqueceu da cena porque, assim que pisou em solo italiano, Cesare foi detido pelos carabineiros,

naquele tempo ainda pertencentes à casa real. A razão era simples: depois que o avião decolara de Bucareste, os funcionários da companhia aérea se deram conta de que os dólares que Cesare recebera do sogro, e com os quais pagara a passagem, eram falsos, e expediram imediatamente um telegrama ao aeroporto de chegada. Não está claro se o ambíguo sogro romeno agiu de boa-fé ou se pressentiu o golpe do genro e resolveu vingar-se preventivamente, punindo Cesare e ao mesmo tempo livrando-se dele. O fato é que Cesare foi interrogado e enviado com um documento de extradição e um viático de pães e figos secos para Roma, onde foi novamente interrogado e depois liberado em definitivo.

Essa é a história de como Cesare desfez o seu voto; e, ao escrevê-la aqui, eu também quebrei um voto. Talvez seja imprecisa em algum detalhe porque se funda sobre duas memórias (a dele e a minha), e em longas distâncias a memória humana é um instrumento errático, especialmente se não for reforçada por *souvenirs* materiais e se, ao contrário, for envenenada pelo desejo (também meu e dele) de que a história narrada seja bela; mas o caso dos dólares falsos é verdadeiro e se cruza com fatos que pertencem à história européia daqueles anos. No fim da Segunda Guerra Mundial, libras esterlinas e dólares falsos circulavam em profusão pela Europa, sobretudo nos Bálcãs, e, entre outras coisas, foram usados pelos alemães na Turquia para pagar ao duplo espião Cícero, cuja história foi contada várias vezes e de diversas maneiras — e também aqui, portanto, serviram de armadilha.

Diz um ditado que o dinheiro é o esterco do diabo, e nunca o dinheiro foi tão estercorário e diabólico quanto aquele. Era emitido na Alemanha para inflacionar a circulação monetária no campo inimigo, para disseminar desconfiança e suspeita, e para os “pagamentos” do tipo mencionado. A partir de 1942, boa parte dessas cédulas foi produzida no Lager de Sachsenhausen, onde a ss agrupou cerca de cento e cinquenta prisioneiros de exceção: eram gráficos, litógrafos, fotógrafos, gravadores e falsários que constituíam o “Kommando Bernhard”, pequeno Lager secretíssimo de “especialistas” dentro do Lager maior, um esboço das *saraski* stalinistas que seriam descritas por Soljenitsin em *O primeiro círculo*.

Em março de 1945, diante do avanço das tropas soviéticas, o Kommando Bernhard foi transferido em bloco, primeiramente para Schlier-Redl-Zipf, em seguida (em 3 de maio de 1945, a poucos dias da rendição), para Ebensee: ambos

eram Lager dependentes de Mauthausen. Parece que os falsários trabalharam até o último dia, e que depois as matrizes foram jogadas no fundo de um lago.

O retorno de Lorenzo

Também já falei de Lorenzo em outro lugar, mas em termos deliberadamente vagos. Lorenzo ainda vivia quando eu estava escrevendo *É isto um homem?*, e a tarefa de transformar uma pessoa viva numa personagem bloqueia a mão de quem escreve. Isso ocorre porque uma tarefa assim, mesmo quando é conduzida com as melhores intenções e sobre uma pessoa querida e amada, beira a violência privada e nunca é indolor para quem é seu objeto. Cada um de nós elabora, conscientemente ou não, uma imagem de si, mas essa figura é fatalmente distinta daquela, ou melhor, daquelas, por sua vez diferentes entre si, que são construídas por quem se aproxima de nós, e ver-se retratado em um livro com traços que não coincidem com os que nos atribuímos é sempre traumático, como se o espelho de repente nos restituísse a imagem de um outro, quem sabe mais nobre que a nossa, mas não a nossa. Por esse e por outros motivos mais óbvios, é recomendável não escrever biografias de vivos, a menos que o autor escolha abertamente os dois caminhos opostos da hagiografia ou do panfleto, que divergem da realidade e não são desinteressados. De resto, qual seja a “verdadeira” imagem de cada um de nós é uma pergunta sem sentido.

Agora que Lorenzo está morto há muitos anos, sinto-me absolvido da discrição que antes me impedia e creio que seja necessário tentar reconstruir a imagem que conservei dele nestes contos do passado próximo, que recolhem os paralipômenos dos meus primeiros dois livros. Conheci Lorenzo em junho de 1944, depois de um bombardeio que arrasou o grande canteiro de obras onde ambos trabalhávamos. Lorenzo não era um prisioneiro como nós, aliás, nem prisioneiro ele era. Oficialmente, era um dos muitos trabalhadores civis voluntários que havia na

Alemanha nazista, mas a sua escolha tinha sido bem pouco voluntária. Em 1939, era pedreiro numa empresa italiana que trabalhava na França. Quando a guerra eclodiu, todos os italianos que estavam na França foram confinados, mas depois, com a chegada dos alemães, a empresa foi reconstituída e os seus empregados foram transferidos para a Alta Silésia.

Mesmo não sendo militarizados, esses operários viviam a rotina dos militares: estavam aquartelados em um campo não distante do nosso, dormiam em camas de campanha, tinham livre saída no domingo, uma semana ou duas de férias, eram pagos em marcos, podiam escrever e mandar remessas para a Itália e também receber da Itália pacotes de alimento e roupas.

Aquele bombardeio, um dos primeiros, danificara os edifícios, e as avarias precisavam ser reparadas; mas os estilhaços e os escombros também haviam atingido o frágil maquinário que deveria começar a funcionar quando o enorme complexo de Buna-Werke passasse à fase produtiva, e nesse caso o estrago foi muito maior. A direção dos estabelecimentos determinou que as máquinas mais valiosas fossem protegidas por espessas barreiras de tijolos e confiou os trabalhos à empresa de Lorenzo. Naquela época a minha esquadra executava tarefas de transporte no mesmo local onde trabalhavam os pedreiros italianos, e por mero acaso o nosso Kapo me mandou servir de auxiliar a dois pedreiros que eu nunca vira antes.

O muro que os dois estavam levantando já estava alto, e eles trabalhavam sobre andaimes. Eu ficava no chão e esperava que alguém me dissesse o que fazer; os dois colocavam tijolos de um fôlego só, sem falar, e por isso não notei de início que eram italianos. Depois um deles, alto, um tanto curvo, grisalho, me disse em péssimo alemão que a argamassa estava acabando e que eu devia levar o balde para cima. Um balde cheio de cimento é bem pesado e, se não for carregado pela alça, fica batendo nas pernas; é preciso içá-lo sobre um ombro, mas isso não é fácil. Os ajudantes espertos fazem o seguinte: alargam as pernas, pegam a alça com as duas mãos, erguem o balde e o fazem oscilar para trás, isto é, entre as próprias pernas; aproveitando então o impulso pendular, arremessam o peso para a frente e o fazem subir num arranque até o ombro. Tentei, mas com resultados miseráveis: o impulso não foi suficiente e o balde caiu no chão, espalhando metade da argamassa. O pedreiro alto praguejou e, dirigindo-se ao colega, disse: “Mas é claro, trabalhar

com gente assim...”; depois começou a descer dos andaimes. Eu não sonhara: ele tinha falado em italiano, e com sotaque piemontês.

Pertencíamos a duas castas distintas do universo nazista, e uma conversa entre nós constituiria uma violação das normas; entretanto conversamos e ficamos sabendo que Lorenzo era de Fossano, que eu era de Turim, e que em Fossano viviam parentes meus que Lorenzo conhecia de nome. Não acho que tenhamos falado mais do que isso, nem ali nem depois: não por causa da proibição, mas porque Lorenzo quase nunca falava. Parecia não ter necessidade de falar; o pouco que sei sobre ele deriva menos de nossas conversas do que das conversas que tive com os seus colegas de lá e, mais tarde, com os parentes dele na Itália. Não era casado, sempre viveu só; o trabalho, que ele trazia no sangue, era tão absorvente que o afastava das relações humanas. A princípio foi pedreiro em sua cidade e nas vizinhanças, mudando freqüentemente de patrão porque não tinha um temperamento fácil; se um mestre-de-obras lhe fazia uma observação, ainda que com as melhores maneiras, ele não respondia, punha o chapéu na cabeça e ia embora. No inverno, ia muitas vezes trabalhar na França, na Côte d’Azur, onde sempre havia serviço; não tinha passaporte nem documentos, partia a pé, sozinho, dormia onde pudesse e cruzava a fronteira pela rota dos contrabandistas, retornando do mesmo modo na primavera.

Não falava, mas entendia. Acho que nunca lhe pedi ajuda porque, na época, eu não tinha uma idéia clara do modo de vida e dos recursos desses italianos. Lorenzo fez tudo sozinho; dois ou três dias depois do nosso encontro, trouxe-me uma marmita alpina (daquelas de alumínio, que contêm mais ou menos dois litros) cheia de sopa e me pediu que a devolvesse antes da noite. Desde então, a sopa nunca mais me faltou, e às vezes vinha acompanhada de uma fatia de pão. Trouxe-me todos os dias durante seis meses: enquanto trabalhei como seu ajudante, não houve dificuldade na entrega, mas depois de umas semanas ele (ou eu, não lembro) foi transferido para outro ponto das obras, e então o perigo aumentou. O risco maior era o de sermos vistos juntos: a Gestapo tinha olhos onipresentes, e qualquer um de nós que fosse visto falando com um “civil” sem ser por motivo de trabalho podia sofrer um processo por espionagem. Na realidade, a Gestapo temia outra coisa: temia que, por meio dos civis, vazasse ao mundo exterior o segredo das câmaras de gás de Birkenau. Até os civis se arriscavam: aqueles que fossem condenados por

contato ilegal com a gente terminavam também no Lager; não por tempo indeterminado, como nós, mas por um prazo determinado, geralmente de alguns meses, para fins de *Umschulung*, de reeducação. Eu mesmo alertei Lorenzo sobre esse perigo, mas ele deu de ombros sem falar.

Eu dividia a sopa de Lorenzo com o meu amigo Alberto. Sem ela, não teríamos conseguido sobreviver até a evacuação do Lager: no fim das contas, aquele litro extra de sopa serviu para completar a balança das calorias diárias. A ração do Lager nos proporcionava cerca de mil e seiscentas calorias, que não bastavam para viver naquele regime de trabalho. A sopa a mais nos fornecia outras quatrocentas ou quinhentas, ainda insuficientes para um homem de compleição média, mas Alberto e eu já éramos magros e franzinos por natureza, e nossa necessidade era menor. Era uma sopa estranha. Nela encontrávamos caroços de ameixa, cascas de salame, às vezes até uma asa de passarinho com todas as penas ou um pedaço de jornal italiano. Só mais tarde fiquei sabendo a origem desses ingredientes, quando reencontrei Lorenzo na Itália; ele dissera aos colegas que entre os judeus de Auschwitz havia dois italianos, e todas as noites ele fazia a ronda no alojamento, recolhendo os restos de todos. Eles também passavam fome, embora não tanto quanto nós, e muitos se arranjavam do jeito que dava, cozinhando coisas roubadas ou achadas no campo. Mais tarde, Lorenzo conseguiu trazer diretamente da cozinha do seu campo tudo o que sobrava nas panelas, mas para isso precisava ir à cozinha escondido, quando todos dormiam, às três da madrugada — e ele fez isso por quatro meses.

Para evitar que nos vissem juntos, estabelecemos que Lorenzo, ao chegar de manhã ao local de trabalho, deixaria a marmita num esconderijo combinado, sob uma pilha de tábuas. A coisa funcionou por algumas semanas; depois, alguém evidentemente deve ter me seguido e espionado, porque houve um dia em que não encontrei nem marmita nem sopa no esconderijo. Alberto e eu ficamos arrasados com o fracasso, além de aterrorizados, porque a marmita era de Lorenzo e trazia gravado o nome dele. O ladrão poderia denunciar-nos ou, mais provavelmente, tentar nos extorquir. Lorenzo, a quem logo comuniquei o furto, me disse que não se importava com a marmita, que arranjaría outra, mas eu sabia que não era verdade: era a marmita de quando havia feito o serviço militar, ele a carregara em todas as viagens e certamente era apegado a ela. Alberto tanto girou pelo Lager que

acabou identificando o ladrão, que era muito mais forte que a gente e circulava sem nenhum pudor com a belíssima e rara marmitta italiana. Meu amigo teve uma idéia: oferecer a Elias três rações parceladas de pão para que ele recuperasse, por bem ou à força, a marmitta das mãos do rapinador, que também era polonês. Elias era o anão hercúleo que descrevi em *É isto um homem?* e no conto “O nosso distintivo”, que faz parte desta coletânea: nós o bajulamos, elogiando a sua força, e ele aceitou, porque gostava de se exhibir. Certa manhã, antes da chamada, afrontou o polonês e o intimou a devolver a marmitta roubada. O sujeito obviamente negou: ela a comprara, não tinha roubado. Elias o atacou de surpresa; lutaram por uns dez minutos, até que o polonês caiu na lama, enquanto Elias, aplaudido pelo público que fora atraído pelo insólito espetáculo, devolveu-nos a marmitta de modo triunfal, tornando-se desde então nosso amigo.

Alberto e eu estávamos espantados com Lorenzo. No ambiente violento e abjeto de Auschwitz, um homem que ajudasse outros homens por puro altruísmo era algo incompreensível, estranho, como um salvador vindo do céu: mas ele era um salvador sisudo, de comunicação difícil. Propus-lhe enviar algum dinheiro à irmã dele, que estava na Itália, como retribuição ao que ele estava fazendo por nós, mas ele se recusou a nos dar o endereço. Porém, para não nos humilhar com aquela recusa, aceitou uma outra compensação, mais condizente com o lugar; os seus sapatos de trabalho, de couro, estavam furados, em seu campo não havia sapateiro, e na cidade de Auschwitz o conserto custava muito caro. Entretanto, no nosso Lager, quem tinha sapatos de couro podia consertá-los de graça, já que (oficialmente) nenhum de nós podia ter dinheiro. Assim, num dia combinado, eu e ele trocamos os sapatos: ele caminhou e trabalhou por quatro dias com os meus tamancos de madeira, e eu mandei os dele para os sapateiros de Monowitz, que nesse meio-tempo me deram um par de sapatos provisórios.

No final de dezembro, pouco antes de eu contrair aquela escarlatina que me salvou a vida, Lorenzo voltou a trabalhar perto de nós, e eu de novo pude receber a marmitta das mãos dele. Eu o vi chegar numa manhã, envolto em seu mantéu cinza-verde, no meio da neve, atravessando o acampamento devastado pelos bombardeios noturnos. Caminhava a passos longos, seguros e lentos. Entregou-me a marmitta torta e amassada e me disse que a sopa estava meio suja. Pedi-lhe uma explicação, mas ele balançou a cabeça e foi embora, e eu só o revi um ano depois,

na Itália. De fato havia na sopa um pouco de terra e pedrinhas, e só um ano mais tarde, quase se desculpando, ele me contou que, naquela manhã, enquanto ele fazia a ronda e recolhia os restos, o seu campo sofrera uma incursão aérea. Uma bomba caiu perto dele, explodindo na terra fofa; os escombros encobriram a marmita e lhe perfuraram um tímpano, mas ele tinha uma sopa a entregar e foi igualmente ao trabalho.

Lorenzo sabia que os russos estavam para chegar e tinha medo deles. Talvez não sem razão: se ele os tivesse esperado, só voltaria para a Itália muito mais tarde, como de fato aconteceu com a gente. Em 1º de janeiro de 1945, quando o front se aproximou, os alemães dispersaram o campo dos italianos: que cada um tomasse o rumo que quisesse. Lorenzo e seus colegas tinham uma idéia muito vaga da localização geográfica de Auschwitz; aliás, até do nome, que ele não sabia escrever e pronunciava “Suíss”, talvez o associando à Suíça. Mas mesmo assim seguiu caminho, junto com Peruch, o colega que trabalhara com ele sobre os andaimes. Peruch era friulano, e estava para Lorenzo como Sancho para Dom Quixote. Lorenzo se movia com a dignidade natural de quem não teme o perigo; já Peruch, baixo e corpulento, era inquieto, nervoso e virava constantemente a cabeça ao redor do pescoço, em pequenos impulsos. Era estrábico: seus olhos divergiam fortemente, quase como se o medo que o acossava o forçasse a olhar ao mesmo tempo para a frente e para os lados, como fazem os camaleões. Ele também costumava levar pão aos prisioneiros italianos, mas escondido e sem método, porque tinha muito medo do mundo incompreensível e sinistro em que fora atirado. Deixava a comida e logo ia embora, sem esperar cumprimentos.

Os dois partiram a pé. Da estação de Auschwitz levavam um mapa ferroviário, um daqueles mapas esquemáticos e distorcidos onde só são indicadas as estações, articuladas entre si por traços retilíneos. Caminhavam de noite, rumo ao Brenner, guiando-se apenas por esse mapa e pelas estrelas. Dormiam em fardos de feno e comiam batatas que roubavam dos campos; quando estavam cansados de caminhar, paravam nos vilarejos, onde sempre havia algum trabalho para dois pedreiros. Descansavam trabalhando, e eram pagos em dinheiro ou em mercadorias. Caminharam quatro meses. Chegaram ao Brenner justamente em 25 de abril, cruzando a enxurrada de divisões alemãs que refluía do norte da Itália; um carro armado abriu fogo contra eles com uma metralhadora, mas não os atingiu.

Passado o Brenner, Peruch estava quase em casa, e tomou a direção do levante. Sempre a pé, Lorenzo prosseguiu e em uns vinte dias chegou a Turim. Tinha o endereço da minha família e encontrou minha mãe, a quem devia levar notícias minhas. Era um homem que não sabia mentir, ou talvez pensasse que mentir fosse fútil, ridículo, sobretudo após ter visto a abominação de Auschwitz e a derrocada da Europa. Disse a minha mãe que eu não voltaria: todos os judeus de Auschwitz haviam morrido nas câmaras de gás, no trabalho ou assassinados pelos alemães em fuga (o que era uma verdade quase literal). Além disso, soubera por meus companheiros que, no momento da evacuação do Lager, eu estava doente. Era melhor que minha mãe se resignasse.

Minha mãe ofereceu-lhe algum dinheiro para que pelo menos fizesse a última etapa de trem, de Turim a Fossano, mas Lorenzo não quis, tinha caminhado por quatro meses e sabe-se lá por quantos milhares de quilômetros, não valia a pena tomar o trem. Encontrou o primo na estrada, pouco depois de Genola, a seis quilômetros de Fossano; o primo o convidou a subir na carroça, mas a essa altura seria um pecado, e Lorenzo chegou em casa a pé, como sempre viajara, durante toda a vida; para ele o tempo contava pouco.

Quando foi minha vez de voltar, cinco meses mais tarde, depois do longo giro pela Rússia, fui a Fossano para revê-lo e lhe dar uma malha de inverno. Encontrei um homem cansado; não cansado da caminhada, cansado mortalmente, de um cansaço irremediável. Fomos beber numa taverna, e das poucas palavras que consegui tirar dele compreendi que a sua margem de amor pela vida se estreitara, até quase desaparecer. Já não era pedreiro, circulava pelos currais com uma carroça, comprando e vendendo ferro-velho. Não queria mais regras nem patrões nem horários. Gastava o pouco que ganhava na taverna; não bebia por vício, mas para fugir do mundo. Conhecera o mundo de perto e não lhe agradara, parecia-lhe em ruínas; já não se interessava pela vida.

Pensei que lhe faria bem mudar de ares e encontrei um trabalho de pedreiro para ele em Turim, mas Lorenzo recusou. Agora vivia como um nômade, dormia em qualquer lugar, até a céu aberto, no rigoroso inverno de 1945-6. Bebia, mas estava lúcido; não era um crente, não conhecia bem o Evangelho, mas naquela ocasião me contou uma coisa de que eu não suspeitara em Auschwitz. Ele não ajudara só a mim. Tinha outros protegidos, não só italianos, mas não achara justo me dizer isso:

no mundo se está para fazer o bem, não para vangloriar-se. Em “Suíss” ele era um rico, pelo menos em relação a nós, e por isso pôde ajudar-nos — mas agora estava acabado, não tinha mais meios.

Adoeceu. Graças a amigos médicos, pude fazer com que fosse tratado num hospital; mas ali não lhe davam vinho, e ele fugiu. Era firme e coerente em sua recusa à vida. Foi achado moribundo poucos dias depois e morreu no hospital, em solidão. Ele, que era um sobrevivente, morreu do mal dos sobreviventes.

O rei dos judeus



Em meu retorno de Auschwitz, encontrei no bolso uma curiosa moeda de liga leve, essa que se vê reproduzida logo acima. Está arranhada e corroída; traz numa face a estrela judaica (O “Escudo de Davi”), a data 1943 e a palavra *getto*, que em alemão se lê *gueto*; na outra, as inscrições *Quittung über 10 Mark* e *Der Aelteste der Juden in Litzmannstadt*, isto é, “Recibo de 10 marcos” e “O decano dos judeus em Litzmannstadt”, respectivamente. Durante muitos anos não dei atenção a ela; carreguei a moeda por algum tempo no porta-níqueis, talvez lhe atribuindo inadvertidamente um valor de talismã, depois a deixei dormir no fundo de uma gaveta. Recentemente, notícias que obtive de várias fontes permitiram-me reconstituir em parte a sua história, uma história incomum, fascinante e sinistra.

Nos atlas atuais não existe nenhuma cidade chamada Litzmannstadt, mas um general Litzmann era e é conhecido na Alemanha por ter rompido em 1914 o front russo perto de Lódz’, na Polônia; na época nazista, em homenagem a esse general, a cidade de Lódz’ fora rebatizada de Litzmannstadt. Nos últimos meses de 1944, os últimos sobreviventes do gueto de Lódz’ foram deportados para Auschwitz; devo ter encontrado aquela moeda no chão, em Auschwitz, logo após a libertação: não antes, com certeza, porque não pude conservar nada do que eu tinha até então.

Em 1939, Lódz' tinha cerca de setecentos e cinquenta mil habitantes e era a mais industrial das cidades polacas, a mais “moderna” e a mais feia: era uma cidade que vivia da indústria têxtil, como Manchester e Biella, marcada pela presença de inúmeros estabelecimentos grandes e pequenos, já antiquados na época, que na maior parte haviam sido fundados muitas décadas antes por industriais alemães e judeus. Como em todas as cidades de uma certa importância do Leste europeu ocupado, em Lódz' os nazistas também se apressaram a instituir um gueto, reconstituindo as condições, agravadas pela ferocidade moderna, dos guetos da Idade Média e da Contra-Reforma. Aberto em fevereiro de 1940, o gueto de Lódz' foi o primeiro em termos cronológicos e o segundo mais populoso, depois do de Varsóvia: chegou a conter mais de cento e sessenta mil judeus e foi desbaratado no outono de 1944. Portanto, foi também o mais longo dos guetos nazistas, e há duas razões para isso: a importância econômica que tinha para os alemães e a conturbada personalidade do seu presidente.

Chamava-se Chaim Rumkowski. Co-proprietário de uma fábrica de veludo em Lódz', ele falira e depois fizera várias viagens à Inglaterra, talvez para tratar com os credores; em seguida se estabelecera na Rússia, onde de algum modo conseguiu enriquecer de novo; arruinado pela revolução de 1917, voltara a Lódz'. Em 1940, tinha quase sessenta anos, ficara viúvo duas vezes e não tivera filhos; era conhecido como diretor de obras devotas da comunidade judaica, um homem enérgico, inculto e autoritário. O cargo de presidente (ou decano) de um gueto era intrinsecamente assustador, mas era um cargo, constituía um reconhecimento, um degrau a mais, e conferia autoridade — e Rumkowski adorava a autoridade. Não se sabe como chegou à nomeação: talvez por pura brincadeira, no mórbido estilo nazista (Rumkowski era ou parecia ser um tolo de ar elevado, em suma, um alvo ideal); talvez ele mesmo tenha feito intrigas para obtê-la, tão forte era a sua vontade de poder.

Está provado que os quatro anos de sua presidência — ou melhor, de sua ditadura — foram uma surpreendente mistura de sonho megalomaniaco, vitalidade bárbara e real capacidade diplomática e organizativa. Ele rapidamente se viu no papel de um déspota absoluto, mas esclarecido, e certamente foi incentivado a isso por seus patrões alemães, que jogavam com ele, mas também apreciavam os seus talentos de bom administrador e de homem da ordem. Por isso conseguiu dos

nazistas a autorização para fazer moeda, seja em metal (como a que eu tinha), seja em cédula, impressa em papel filigranado e fornecido oficialmente: eram pagos os extenuados operários do gueto nessa moeda, com a qual adquiriam nas mercearias as suas rações alimentares, que chegavam em média a oitocentas calorias diárias.

Como dispunha de um exército de excelentes artistas e artesãos famintos, prontos a atendê-lo por qualquer fatia de pão, Rumkowski mandou desenhar e estampar selos que traziam a sua efigie, com os cabelos e a barba prateados na luz da Fé e da Esperança. Tinha uma carroça puxada por um pangaré esquelético, e nela percorria as ruas apinhadas de mendigos e pedintes do seu minúsculo reino. Usava um manto real e cercava-se de uma corte de aduladores, lacaios e sicários; fez com que seus poetas-cortesãos lhe dedicassem hinos nos quais se celebrava a sua “mão firme e poderosa”, bem como a paz e a ordem que reinavam no gueto graças a ele; ordenou às escolas nefandas que as suas crianças, continuamente dizimadas pela fome ou pelas incursões alemãs, escrevessem temas de exaltação e louvor “ao nosso amado e sábio Presidente”. Como todos os autocratas, apressou-se a organizar uma polícia eficiente, nominalmente para manter a ordem, de fato para proteger a sua pessoa e para impor a disciplina: era constituída de seiscentos agentes armados de cassetetes e de um número incerto de informantes. Pronunciou muitos discursos num estilo inconfundível, os quais em parte foram conservados: adotara (deliberadamente?, conscientemente?, ou inconscientemente se identificara com o modelo do homem providencial, do “herói necessário”, que dominava a Europa da época?) a técnica oratória de Mussolini e de Hitler, aquela recitação inspirada, o pseudocolóquio com a massa, a criação do consenso por meio do plágio e do aplauso.

Todavia a sua figura foi mais complexa do que parece até aqui. Rumkowski não foi apenas um renegado e um cúmplice. Em alguma medida, além de tentar convencer os outros, ele deve ter progressivamente se convencido de que era um *mashiach*, um messias, um salvador do seu povo, cujo bem, pelo menos em alguns momentos, ele deve ter desejado. Paradoxalmente, à sua identificação com o opressor se justapõe, ou talvez se alterne, uma identificação com o oprimido, porque o homem, como diz Thomas Mann, é uma criatura confusa; e, podemos acrescentar, se torna ainda mais confusa quando é submetida a tensões extremas: então ela escapa ao nosso juízo, como uma bússola que perdeu o norte.

Apesar de desprezado, escarnecido e às vezes até espancado pelos alemães, é provável que Rumkowski pensasse em si mesmo não como um servo, mas como um senhor. Deve ter levado a sério a sua autoridade: quando a Gestapo se apoderou sem aviso prévio dos “seus” informantes, Rumkowski empenhou-se corajosamente em ajudá-los, expondo-se às humilhações e aos tabefes dos nazis, que ele soube suportar com dignidade. Em outras ocasiões, tentou negociar com os alemães, que exigiam cada vez mais tecido dos seus escravos tecelões e, dele, contingentes cada vez maiores de bocas inúteis (velhos, doentes e crianças) a serem mandadas para as câmaras de gás. A própria dureza com que ele reprimia movimentos de insubordinação por parte de seus súditos (tanto em Łódź quanto em outros guetos havia núcleos de obstinada e temerária resistência política, de raiz sionista ou comunista) não decorria tanto de um servilismo em relação aos alemães, mas do sentimento de “lesa-majestade”, de indignação pela ofensa dirigida à sua real pessoa.

Em setembro de 1944, enquanto as linhas russas avançavam, os nazistas desmontavam o gueto de Łódź. Dezenas de milhares de homens e mulheres que até então haviam conseguido resistir à fome, ao trabalho extenuante e às doenças foram deportadas para Auschwitz, “anus mundi”, último ponto de drenagem do universo alemão, onde quase todos morriam nas câmaras de gás. Cerca de mil homens permaneceram no gueto, desmontando e desmobilizando o precioso maquinário e apagando os vestígios do massacre: foram libertados pelo Exército Vermelho pouco depois, e a eles se deve a maior parte das informações relatadas aqui.

Há duas versões sobre o destino final de Chaim Rumkowski, como se a ambigüidade sob a qual vivera se prolongasse para além de sua morte. Segundo a primeira, durante a liquidação do gueto ele teria tentado opor-se à deportação do seu irmão, de quem não queria separar-se; um oficial germânico teria então proposto que ele partisse voluntariamente com o irmão, e Rumkowski teria aceitado. Segundo outra versão, a salvação de Rumkowski da morte alemã teria sido tentada por Hans Biebow, outro personagem cingido pela nuvem da duplicidade. Esse torpe industrial alemão era o funcionário responsável pela administração do gueto e, ao mesmo tempo, seu beneficiário: tinha um encargo

importante e delicado, porque as fábricas do gueto trabalhavam para as forças armadas alemãs. Biebow não era um facínora: não queria criar sofrimento nem punir os judeus pela culpa de serem judeus, mas apenas ganhar dinheiro. O tormento do gueto o afligia, mas só de modo indireto; desejava que os operários escravos trabalhassem, e por isso não queria que morressem de fome: o seu senso moral ia até aí. Ele era, de fato, o verdadeiro mandatário do gueto e estava ligado a Rumkowski pela relação cliente-fornecedor, que freqüentemente desemboca numa amizade áspera. Biebow, pequeno chagal demasiado cínico para levar a sério a demonologia da raça, teria tentado adiar a liquidação do gueto, que era um ótimo negócio para ele, e ao mesmo tempo evitar a deportação de Rumkowski, seu amigo e sócio; daí se deduz quanto um realista é muitas vezes melhor que um teórico. Mas os teóricos das SS tinham uma opinião contrária — e eram os mais fortes. Eram *gründlich* radicais: fora o gueto e fora Rumkowski.

Sem poder contornar o problema, Biebow, que gozava de bons contatos, deu a Rumkowski uma carta carimbada e endereçada ao comandante do Lager de destinação, assegurando-lhe que ela o protegeria e lhe garantiria um tratamento preferencial. Rumkowski teria solicitado a Biebow — e obtido — a permissão de viajar até Auschwitz com o decoro compatível ao cargo, ou seja, em um vagão especial, conectado ao final da fila de vagões de mercadorias onde viajavam os deportados sem privilégio; mas o destino dos judeus em mãos alemãs era um só, fossem eles vis ou heróis, humildes ou poderosos. Nem a carta nem o vagão salvaram do gás de Auschwitz Chaim Rumkowski, rei dos Judeus.

Uma história como essa não se encerra em si. Está fecundada de perguntas às quais não consegue responder, deixando-as em suspenso; grita e clama para ser interpretada, porque nela se entrevê um símbolo, como nos sonhos e nos sinais do céu, mas não é fácil interpretá-la.

Quem é Rumkowski? Não é um monstro, mas tampouco um homem comum; é como muitos, como tantos frustrados que assumem o poder e se inebriam com ele. Sob vários aspectos, o poder é semelhante à droga: a necessidade desta e daquele é ignorada por quem nunca os experimentou, mas, após a iniciação, que pode ser fortuita, nasce a “addiction”, a dependência, a demanda por doses cada vez mais altas; nasce também a recusa da realidade e o retorno aos sonhos infantis de

onipotência. Se for válida a hipótese de um Rumkowski intoxicado pelo poder, é preciso admitir que essa intoxicação ocorreu não por causa, mas apesar do ambiente do gueto; isto é, ela foi tão potente que prevaleceu sobre condições que pareceriam suficientes para apagar qualquer vontade individual. De fato, ele era a expressão clara da conhecida síndrome do poder exacerbado e insuperável: a visão distorcida do mundo, a arrogância dogmática, o apego ferrenho às palavras de comando, a soberba diante das leis.

Nada disso isenta Rumkowski de sua responsabilidade. Dói e queima saber que existiu um Rumkowski; é provável que, se tivesse sobrevivido à sua tragédia — e à tragédia do gueto, que ele poluiu ao sobrepor-lhe a sua figura de histrião —, nenhum tribunal o absolvesse, nem nós podemos absolvê-lo no plano moral. Há, porém, atenuantes: uma ordem ífera como o nacional-socialismo exerce um espantoso poder de sedução, ao qual é difícil escapar. Em vez de santificar as suas vítimas, as degrada e as corrompe, torna-as semelhantes a si, cercando-se de grandes e pequenas cumplicidades. Para resistir a isso é preciso uma sólida ossatura moral, e aquela de que dispunha Chaim Rumkowski, comerciante de Łódź, bem como toda a sua geração, era frágil. A história de Rumkowski é a história incômoda e inquietante dos Kapos, dos chefetes da retaguarda, dos funcionários que assinam tudo, de quem balança a cabeça mas consente, de quem diz “se eu não fizer, um outro pior o fará”.

Nos regimes em que todo o poder provém do alto e nenhuma crítica pode vir de baixo, é comum que haja um enfraquecimento e uma confusão da capacidade de julgamento, criando-se assim uma ampla camada de consciências cinzentas, situada entre os agentes do mal e as vítimas puras: nessa camada deve ser colocado Rumkowski. Se o lugar que lhe cabe é mais em cima ou embaixo, difícil dizer: só ele poderia esclarecer esse ponto, caso pudesse falar diante de nós, quem sabe mentindo, como talvez sempre tenha mentido; isso nos ajudaria a compreendê-lo, tal como qualquer acusado ajuda o seu juiz, e o ajuda mesmo que não queira, mesmo mentindo, porque a capacidade do homem de representar um papel não é ilimitada.

Mas tudo isso não basta para explicar o sentido de urgência e de ameaça que emana dessa história. Talvez o seu significado seja outro e mais vasto: em Rumkowski todos nós nos espelhamos, sua ambigüidade é a nossa, de seres

híbridos, amalgamados de argila e de espírito; a sua febre é a nossa, a da nossa civilização ocidental, que “desce ao inferno com trombetas e tambores”, e seus ouropéis miseráveis são a imagem distorcida dos nossos símbolos de prestígio social. Sua loucura é a do Homem presunçoso e mortal, tal como o descreve Isabela em *Medida por medida*, o Homem que:

[...] vestido com fortuita autoridade,
muito seguro no que mais ignora,
A sua fraca essência, qual macaco
Faz travessuras tais diante dos céus
Que os anjos choram.^a

Assim como Rumkowski, estamos tão ofuscados por poder e por dinheiro que esquecemos a nossa fragilidade essencial: esquecemos que no gueto estamos todos, que o gueto está murado, que os senhores da morte estão lá fora, e que não muito longe o trem espera.

^a *Medida por medida*, trad. de Barbara Heliodora, Nova Fronteira, 1995.

Futuro anterior

Uma estrela tranqüila

Em um lugar do universo muito distante daqui, tempos atrás vivia uma estrela tranqüila que passeava tranqüilamente sobre o fundo do abismo, circundada por um cortejo de tranqüilos planetas, sobre os quais não somos capazes de dizer nada. Essa estrela era muito grande, muito quente, e o seu peso era enorme: e aqui começam nossas dificuldades de relatores. Escrevemos “muito distante”, “grande”, “quente”, “enorme”: a Austrália é muito distante, um elefante é grande e uma casa é ainda maior, hoje de manhã tomei um banho quente, o Everest é enorme. É claro que algo não funciona no nosso léxico.

Se este conto realmente deve ser escrito, será preciso ter a coragem de apagar todos os adjetivos que tendam a suscitar maravilha: eles obteriam um efeito oposto e amesquinhariam a narração. Para falar de estrelas, nossa linguagem é inadequada, quase risível, como se quiséssemos arar com uma pluma: é uma linguagem que nasceu com a gente, apta a descrever objetos cuja grandeza e durabilidade sejam semelhantes à nossa; tem as nossas dimensões, é humana. Não ultrapassa o que nos informam os nossos sentidos; há duzentos ou trezentos anos, pequeno era o ácaro da sarna; não havia nada menor nem, conseqüentemente, um adjetivo que o descrevesse; grandes, igualmente grandes, eram o mar e o céu; quente era o fogo. Somente em 1700 se sentiu a necessidade de introduzir na linguagem cotidiana um termo capaz de contar objetos “muito” numerosos, e, com pouca fantasia, cunhou-se o milhão; pouco mais tarde, com fantasia ainda menor, cunhou-se o bilhão, sem que ao menos se tenha definido o significado correto do termo, tanto que hoje ele tem valores distintos em diferentes países.

O mesmo ocorre com os superlativos: uma torre altíssima é quantas vezes maior

que uma torre alta? Tampouco podemos buscar socorro nos superlativos mascarados, como “imenso, colossal, extraordinário”: para narrar as coisas que queremos contar aqui, esses adjetivos são desesperadamente inadequados, porque a estrela de onde começamos era dez vezes maior que o nosso Sol, e o Sol é “muitas” vezes maior e mais pesado que a nossa Terra, portanto só com um violento esforço de imaginação podemos representar a sua medida, que é tão superior à nossa. Há a linguagem das cifras, elegante e sutil, o alfabeto das potências de dez: mas isso não seria contar no sentido em que esta história pretende contar a si mesma, isto é, como uma fábula que despertasse ecos e na qual cada um vislumbrasse longínquos modelos, próprios e do gênero humano.

Mas essa estrela tranqüila não devia ser tão tranqüila. Talvez fosse muito grande: no remoto ato originário em que tudo foi criado, coubera-lhe um fardo excessivo. Ou talvez guardasse no coração um desequilíbrio ou uma infecção, como ocorre a qualquer um de nós. É comum entre as estrelas queimar suavemente o hidrogênio de que são feitas, regalando energia prodigamente ao nada, até reduzir-se a uma dimensão digna, terminando sua carreira como modestas anãs brancas: quanto à estrela em questão, após alguns bilhões de anos do seu nascimento e quando o seu séquito começou a dispersar-se, não se contentou com o próprio destino e se pôs inquieta; a tal ponto que a sua inquietude se tornou visível a nós, “muito” distantes e circunscritos numa vida “muito” breve.

Astrônomos árabes e chineses perceberam essa inquietação. Mas não os europeus: os europeus daquele tempo, um tempo difícil, estavam totalmente convencidos de que o céu das estrelas fosse imóvel, o paradigma e o reino da imutabilidade, e consideravam inútil e blasfemo sondar-lhe as mudanças: não era possível, não existiam por definição. Mas um diligente observador árabe, armado apenas de bons óculos, paciência, humildade e paixão por conhecer as obras do seu Deus, se dera conta de que essa estrela, à qual se afeiçoara, não era imóvel. Ele a observara por trinta anos e notara que a estrela oscilava entre a quarta e a sexta das seis grandezas, tal como foram definidas muitos séculos antes por um grego tão diligente quanto ele e que, assim como ele, acreditava que olhar as estrelas podia levar muito longe. O árabe a sentia como se fosse sua: quisera impor-lhe a sua marca, e em seus apontamentos a chamara de Al-Ludra, que no dialeto dele queria dizer “a caprichosa”. Al-Ludra oscilava, mas sem regularidade: não como um

pêndulo, mas como alguém que vacile entre duas escolhas. Cumpria o seu ciclo ora em um ano, ora em dois, ora em cinco, e nem sempre, quando se contraía, se detinha na sexta grandeza, que é a última visível a olho nu: às vezes desaparecia inteiramente. O paciente árabe contou sete ciclos antes de morrer: sua vida foi longa, mas uma vida de homem é sempre tristemente breve em relação à de uma estrela, mesmo que ela se comporte de modo a suscitar suspeita sobre a sua eternidade. Depois da morte do árabe, embora dotada de um nome, Al-Ludra não despertou muito interesse, já que as estrelas variantes são muitas, mas também porque, a partir de 1750, se reduzira a um pontinho apenas visível pelos melhores telescópios da época. Mas em 1950 (e a mensagem só nos chegou agora) a doença que devia consumi-la por dentro chegou a uma crise, e aqui, pela segunda vez, entra também em crise a narrativa: agora não são os adjetivos que sucumbem, são também os fatos. Ainda não sabemos muito bem sobre a morte-ressurreição das estrelas: sabemos que, com uma certa frequência, algo emperra no mecanismo atômico dos núcleos estelares, e então a estrela explode, não mais na escala de milhões ou bilhões de anos, mas em poucas horas ou minutos; sabemos que esses são hoje os eventos mais brutais que o céu hospeda, compreendemos aproximadamente o como, mas não o porquê. Contentemo-nos com o como.

Um observador que, por infelicidade, estivesse em 19 de outubro daquele ano, às dez horas dos nossos relógios, em um dos silenciosos planetas de Al-Ludra, teria visto “a olho nu”, como se diz, o seu benéfico sol inchar, não um pouco, mas “muito”, e não teria assistido por muito tempo ao espetáculo. Em quinze minutos seria forçado a buscar um abrigo inútil para o calor intolerável: e podemos afirmar isso independentemente de qualquer hipótese acerca da medida ou forma desse observador, contanto que fosse constituído de moléculas e átomos como nós; em meia hora o seu testemunho, bem como o de todos os seus congêneres, teria terminado. Por isso, para encerrar este relato, devemos nos basear em outros testemunhos, aqueles oferecidos por nossos instrumentos terrestres, aos quais o evento pareceu “muito” diminuído em seu horror intrínseco, além de retardado pelo longo caminho através do abismo que a luz percorreu até nos trazer a notícia. Depois de uma hora, os mares e as geleiras (se existiam) do não mais silencioso planeta entraram em ebulição; após três horas, todas as rochas se fundiram, e suas montanhas desabaram no vale em forma de lava; dez horas depois, todo o planeta

se reduzira a vapor, junto com todas as obras delicadas e sutis que talvez o esforço coletivo do acaso e da necessidade criara ali, por meio de inumeráveis tentativas e erros, e junto com todos os poetas e sábios que talvez tivessem perscrutado aquele céu e se perguntado de que valiam tantos fâcos, sem ter encontrado a resposta. Aquela era a resposta.

Depois de um dia dos nossos, a superfície da estrela havia alcançado a órbita dos seus planetas mais distantes, invadindo-lhes todo o céu e se expandindo em todas as direções, junto com os destroços de sua tranqüilidade, o fluxo de energia e a notícia modulada da catástrofe.

Ramón Escojido tinha trinta e quatro anos e dois filhos muito bonitinhos. Com a mulher, tinha uma relação complicada e tensa: ele era peruano, ela, de origem austríaca; ele, solitário, modesto e preguiçoso, ela, ambiciosa e ávida de contatos. Mas com que contatos se pode sonhar quando se mora em um observatório a dois mil e novecentos metros de altitude, a uma hora de vôo da cidade mais próxima e a quatro quilômetros de um vilarejo indígena, cheio de poeira no verão e gelado no inverno? Judith amava e odiava o marido, a depender do dia, às vezes no mesmo instante. Odiava a sua sabedoria e a sua coleção de conchas; amava o pai dos seus filhos e o homem que de manhã estava sob as cobertas.

Chegavam a um frágil entendimento nos passeios de fim de semana. Era sexta à noite, e se prepararam com agitada alegria para a excursão do dia seguinte. Judith e as crianças cuidavam das provisões; Ramón subiu ao observatório para preparar as chapas fotográficas para a noite. De manhã, livrou-se com dificuldade dos meninos que o cobriam de perguntas excitadas: o lago era longe? Ainda estava congelado? Ele se lembrara do bote de borracha? Entrou na câmara escura para revelar a chapa, esperou que ela secasse e a introduziu no *blink*, junto com a chapa idêntica que imprimira sete dias antes. Analisou as duas sob o microscópio: bom, eram idênticas, podia viajar tranqüilo. Mas depois teve o escrúpulo de examiná-las melhor e percebeu que havia uma novidade; nada de mais, um pontinho que mal se notava, mas que não estava na chapa anterior. Quando essas coisas ocorrem, em noventa e nove por cento dos casos se trata de um grão de poeira (a limpeza no trabalho nunca é total) ou de um defeito microscópico da emulsão; mas sempre há a minúscula probabilidade de que se trate de uma Nova, e é preciso fazer um

relatório, até prova em contrário. Adeus, passeio: deveria repetir a foto nas duas noites seguintes. O que ele diria a Judith e às crianças?

Os gladiadores

Nicola teria ficado em casa de bom grado, talvez na cama até as dez, mas Stefania não queria saber disso. Às oito já estava ao telefone: lembrou a ele que havia muito tempo ele inventava pretextos, um pouco pela chuva, um pouco porque o programa era decadente, um pouco porque devia ir a um comício, um pouco pelas tolas razões humanitárias; e, como havia notado em sua voz um véu de má vontade, ou talvez apenas de mau humor, terminou dizendo-lhe com todas as letras que as promessas devem ser cumpridas. Era uma garota com muitas virtudes, mas quando metia uma idéia na cabeça não tinha jeito. Nicola realmente não se lembrava de lhe ter feito nenhuma promessa: dissera assim, vagamente, que num desses dias eles iriam ao estádio, todos os colegas dele iam lá, assim como (ai de mim!) as colegas dela, e todas as sextas eles checavam a programação na *Tudoglad*; concordara com ela que não era preciso afastar-se, dar-se ares de intelectual; além disso, era uma experiência que merecia ser feita, uma curiosidade que valeria a pena matar uma vez na vida, porque isso também faz parte do mundo. Mas, agora que chegara a hora, ele percebia que todos aqueles argumentos foram elaborados com reserva mental, que ele de fato não tinha nenhum interesse em assistir aos gladiadores, e talvez nunca viesse a ter. Por outro lado, como dizer não a Stefania? Pagaria caro por isso: queixas, ataques, recusas. Talvez até algo pior, já que aquele primo de barba loura vivia rondando...

Vestiu-se, barbeou-se, tomou banho, foi para a rua. As avenidas estavam desertas, mas na bilheteria de San Secondo já havia fila. Ele odiava filas, mas mesmo assim ocupou o seu lugar no final. O cartaz estava pregado na parede, com as cores vulgares de sempre. Eram seis entradas; os nomes dos gladiadores não lhe

diziam nada, exceto o de Turi Lorusso. Não que ele soubesse muito sobre ele; só sabia que era bom, que era muito bem pago, que dormia com uma condessa e talvez também com o conde, que fazia muita filantropia e não pagava os impostos. Enquanto esperava a sua vez, prestou atenção à conversa dos vizinhos.

“Na minha opinião, depois dos trinta anos não deveriam permitir...” “É claro, o reflexo e a visão não são os mesmos de antes, mas em compensação a experiência de arena...” “Viu em 91, contra aquele demônio da Mercedes? Quando ele arremessou o martelo a vinte metros e o acertou em cheio? E lembra aquela vez que o expulsaram...”

Comprou dois ingressos na tribuna: não era o caso de poupar. Voltou para casa e ligou para Stefania; ele a pegaria às duas.

Às três o estádio já estava lotado. O primeiro combate estava marcado para as três, mas às três e meia estava tudo parado. Perto deles havia um senhor de idade, cabelos brancos e pele bronzeada. Nicola perguntou se aquele atraso era normal.

“Eles sempre nos fazem esperar. É incrível: parecem umas divas do canto. Na minha época era diferente, sabe? Em vez de protetores de borracha havia esporões, não era brincadeira. Era difícil escapar. Só os excepcionais conseguiam, aqueles que tinham a luta no sangue: mas o senhor é jovem, não faz idéia dos campeões que surgiam no time de Pinerolo ou, mais ainda, no de Alpignano. Hoje é tudo diferente. Todos vêm dos reformatórios ou dos Cárceres Novos, alguns até do manicômio judiciário: se aceitarem, a pena é reduzida. Agora é uma palhaçada, eles têm sindicato, seguro de vida, férias pagas e, depois de cinquenta combates, recebem até aposentadoria. Sim, sim: e há alguns que se aposentam aos quarenta anos.”

Ouviu-se um burburinho nas arquibancadas, e entrou o primeiro. Era bem jovem, ostentava segurança, mas se via que estava com medo. Logo em seguida entrou na arena um 127 vermelho-fogo; soaram os três toques rituais de buzina, e Nicola sentiu a mão nervosa de Stefania apertando o seu braço; o carro apontou para o rapaz, que esperava levemente curvado, tenso, de pernas arqueadas, apoiando com força o martelo no punho. De repente o carro acelerou, projetando para trás das rodas dois jatos de areia. O rapaz se desviou e desferiu o golpe, mas muito tarde: o martelo tocou de raspão a lateral da carroceria, riscando-a de leve. O piloto não devia ser muito esperto; fez vários ataques consecutivos, incrivelmente

monótonos, até que soou o gongo e o combate acabou com um sólido nada.

O segundo gladiador (Nicola deu uma olhada no programa) se chamava Blitz, era atarracado e careca. Houve vários embates entre ele e o Alfasul que lhe coube como adversário, o homem era muito hábil e conseguiu manter-se ileso por dois ou três minutos, depois o carro o acertou em primeira marcha, mas com muita força, lançando-o a uma dúzia de metros. A cabeça sangrava, surgiu um médico que o declarou incapacitado, e os assistentes o levaram numa maca entre os apupos do público. O vizinho de Nicola estava indignado, afirmava que aquele Blitz, que na verdade se chamava Craveri, era um farsante que se fazia ferir de propósito, e que seria melhor se ele mudasse de ofício; aliás, a Federação deveria demiti-lo, confiscar a carteira dele e mandá-lo para a lista de desempregados.

A propósito do terceiro, que também enfrentou um utilitário, um Renault 4, ele observou que esse tipo de veículo era mais temível que os carros grandes e pesados: “Se fosse eu, só colocaria Minimorris na arena; têm boa retomada e bom jogo de manobra. Com essas feras, não adianta pôr uma 1600 ou maiores: é coisa para inglês ver, são pura fumaça”. Na terceira investida, o gladiador esperou o automóvel sem se mexer e, no último instante, estirou-se no chão enquanto o carro passava por cima, sem o ferir. O público gritou de entusiasmo, muitas mulheres atiraram flores e até bolsinhas na arena, teve uma que até jogou o sapato, mas Nicola percebeu que aquela manobra espetacular não era realmente perigosa. Chamava-se “a rodolfa”, porque tinha sido inventada por um gladiador chamado Rodolfo; depois disso ele ficou famoso, fez carreira política e agora era um figurão do Comitê Olímpico Italiano.

Em seguida, como de hábito, houve um intermezzo cômico, um duelo entre dois tratores guindastes. Eram do mesmo modelo e tinham a mesma cor, mas um deles trazia uma faixa vermelha, e o outro, uma faixa verde. Pesados como eram, manobravam com dificuldade, afundando na areia boa parte da estrutura. Tentaram inutilmente um confronto direto, com as gruas entrelaçadas como chifres de cervos em combate; depois o verde conseguiu desvencilhar-se, fez uma rápida marcha à ré e, com uma curva fechada, atacou o flanco do adversário. O vermelho retrocedeu, mas logo inverteu a marcha e conseguiu enfiar os braços sob a pança do verde. Os braços se ergueram, e o verde vacilou e tombou de lado, exibindo grotescamente suas engrenagens e o cano de escape. O público riu e

aplaudiu.

O quarto gladiador enfrentou uma Peugeot toda amassada. O público começou a gritar “marmelada”: de fato, o motorista tinha a desfaçatez de acender o pisca-pisca antes de manobrar.

O quinto combate foi um espetáculo. O gladiador era valente e tentava visivelmente arrebentar não só o pára-brisa do carro, mas também a cabeça do piloto, o que não conseguiu por um triz. Evitou três investidas com precisão e com graça indolente, sem nem levantar o martelo; na quarta, saltou como uma mola diante do bico do carro, caiu sobre o capô e com duas marretadas violentas espatifou o pára-brisa. Nicola ouviu o mugido da multidão, do qual se destacou o grito abafado de Stefania, que se agarrou a ele. O piloto parecia cego: em vez de frear, acelerou e terminou batendo de banda no cercado de madeira; o carro capotou e se deitou de lado, prendendo na areia um pé do gladiador. Louco de raiva, o gladiador continuava a desferir golpes de martelo contra a cabeça do piloto, que tentava sair pela porta voltada para cima. Finalmente ele surgiu de dentro do carro e, com o rosto ensangüentado, arrancou o martelo das mãos do gladiador e o agarrou pelo pescoço. O público gritava uma palavra que Nicola não conseguia entender, mas o seu vizinho permaneceu tranqüilo e esclareceu que estavam pedindo ao diretor de luta que lhe poupassem a vida, o que de fato ocorreu. Rapidamente entrou na pista uma caminhonete do Auto-Socorro Aci, e num segundo o carro foi posto de pé e rebocado. O piloto e o gladiador apertaram as mãos sob aplausos e depois, acenando para o público, se dirigiram aos vestiários; mas, poucos passos adiante, o gladiador vacilou e caiu, não se sabe se morto ou desmaiado, sendo logo levado pelo auto-socorro.

Enquanto entrava na arena o famoso Lorusso, Nicola percebeu que Stefania empalidecera. Sentia um vago rancor por ela, queria continuar ali só para fazê-la pagar: só por isso, porque Lorusso não lhe interessava absolutamente. Por razões de princípio, preferiria que Stefania lhe pedisse que fossem embora, mas ele a conhecia e sabia que ela nunca cederia; assim, ele lhe disse que já estava satisfeito, e os dois se retiraram. Stefania não estava bem, tinha ânsias de vômito, mas respondeu rudemente às suas perguntas dizendo que era a salsicha que havia comido no jantar. Recusou-se a beber um aperitivo no bar, negou-se a passar a noite com ele, rechaçou todas as possibilidades de conversa que ele lhe oferecia: ela

não devia estar nada bem. Nicola a acompanhou até sua casa e se deu conta de que ele também perdera o apetite; não queria nem jogar a habitual partida de sinuca com Renato. Bebeu dois conhaques e foi para a cama.

A besta no templo

Talvez a gorjeta que eu lhe dera na noite anterior fosse excessiva: ainda não tínhamos tido tempo de entender o câmbio e o poder de compra da moeda local. Ainda não eram sete horas quando Agustín bateu nas venezianas que protegiam o nosso quarto: abrimos, porque logo tivemos uma confiança instintiva nele. Entre todos os desconhecidos que, no momento de nossa chegada, nos cercaram com ofertas ou pedidos importunos, Agustín se destacara por sua eficiência, discrição e sobretudo pela clareza elegante com que falava o espanhol. Viera nos fazer uma proposta: que nos separássemos do grupo, em silêncio e discretamente, e o acompanhássemos com outro casal ao templo dos Treze Mártires, perto de Magaán. Nunca tínhamos ouvido falar dele? Deu um sorriso tímido e rápido: podíamos ficar tranquilos, não nos arrependeríamos do passeio.

Aconselhamo-nos com o casal Torres, dois jovens recém-casados da nossa cidade, e em poucos minutos decidimos aceitar a proposta. Os outros colegas de viagem eram barulhentos e vulgares, uma manhã de silêncio e de relativa solidão nos faria bem. Agustín nos explicou que o templo não era muito longe: meia hora de táxi (todos os taxistas eram seus amigos), dez minutos de barco a remo até a pequena ilha quase no centro da laguna de Gorontalo, e finalmente outra meia hora de subida.

A laguna era plana como um espelho, recoberta a poucos metros de altura por uma bruma luminosa que velava o sol, sem no entanto atenuar o calor. O ar era úmido e pesado, infuso de odores palustres. Desembarcamos num pequeno ancoradouro de traves forradas de algas e seguimos Agustín por uma trilha íngreme e sinuosa. As colinas ao redor eram pedregosas e desertas, perfuradas por grutas;

perto da trilha, algumas delas se revelavam obstruídas por tábuas e ramagens, talvez transformadas em estábulos ou ovis, mas pareciam abandonadas. O lado oposto do vale era coberto de vegetação, e não se vislumbrava nenhum vestígio de trilha; de vez em quando ouvíamos o balir de uma cabra, breve e gracioso.

O templo surgia no alto da colina, esquivo como uma miragem: vasto e informe, era difícil avaliar a sua distância. Chegamos até ele com esforço, incomodados pelos insetos e irritados com a absoluta falta de vento. Era uma alta construção de blocos quadrados, talhados numa pedra pálida; o seu contorno era um hexágono irregular, e as paredes eram fendidas por poucas e pequenas aberturas em níveis diversos. Essas paredes não eram planas: algumas sensivelmente côncavas, outras convexas; os blocos que as compunham eram alinhados sem regularidade, como se os antigos construtores não conhecessem o uso do fio de prumo. Na sombra dos muros, ao reparo do sol, estavam alguns cavalos, imóveis, escuros de suor, arfando pelo calor.

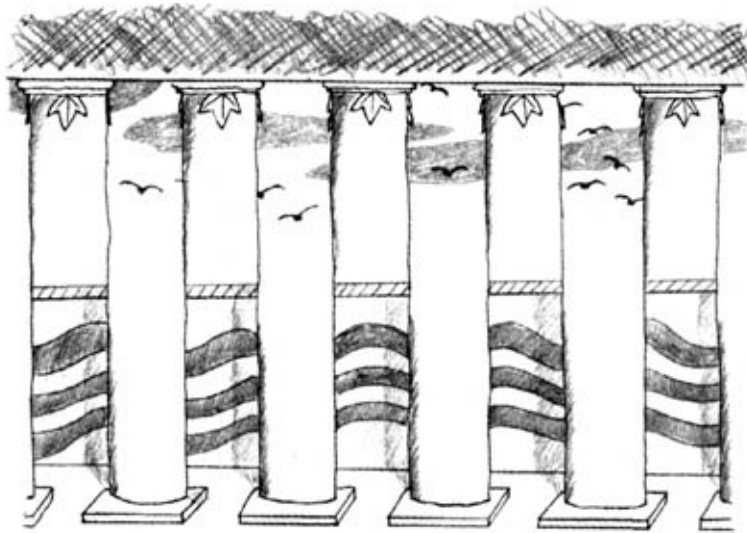
Penetramos no templo através de uma estreita abertura, que parecia ter sido escavada por um tosco entalhe na pedra ou por um aríete: não se viam portas propriamente. O aspecto maciço do exterior do edifício dava lugar a uma estrutura interna extremamente articulada e trabalhada: sucediam-se pátios grandes e pequenos, terraços, estufas, jardins suspensos, fontes e piscinas secas; esses elementos eram interligados entre si (quando o eram) por rampas largas e estreitas, escadarias amplas e íngremes de graus em caracol. Tudo estava em condições de extremo abandono. Muitas estruturas tinham desabado, algumas havia bastante tempo, a julgar pela vegetação que crescera sobre as ruínas; em todas as frestas se acumulara limo, de onde germinavam ervas selvagens e arbustos de cheiro penetrante, musgo e fungos frágeis. Dez dias certamente não bastariam para explorar todos os meandros da construção. Agustín insistiu em conduzir-nos ao Corredor dos Sepultados e, passando por ele, ao pátio mais interno, que ele chamava o pátio da Besta. O Corredor dos Sepultados era uma longa faixa de terreno batido, talvez de oitenta metros por dez; estranhamente, nele não crescia um fio de relva. Agustín nos recomendou que passássemos em fila indiana, margeando a borda, sem ultrapassar uma linha de demarcação assinalada por uma fila de estacas. Mostrou-nos que do solo despontavam aqui e ali, verticais ou oblíquos, uma centena de objetos metálicos, pontiagudos e enferrujados: alguns emergiam a um ou dois palmos de altura, outros quase não se viam; e acrescentou

que eram pontas de espadas e de lanças. Disse-nos que o seu país fora freqüentemente terra de invasão: alguns séculos antes da chegada dos europeus, uma horda de cavaleiros viera do norte, mas ninguém sabia dizer de onde. Eram impetuosos e cruéis, mas não muito numerosos; os seus antepassados (“eram mais corajosos do que a gente”, disse com um sorriso envergonhado) tentaram inutilmente expulsá-los para os seus navios, mas eles se entrincheiraram no Templo e daqui dominaram o país por alguns anos, com ataques imprevistos, incêndios e massacres, arrastando atrás de si uma pestilência. Os cavaleiros mortos de peste ou em combate foram sepultados pelos companheiros segundo o costume bárbaro: cada qual montado em seu cavalo, com a arma erguida, desafiando os céus.

O pátio da Besta era amplo, recoberto por uma abóbada quase perfeita: a única luz que entrava ali era justamente a que escoava pelas lacunas do teto. Precisamos de alguns instantes até que os nossos olhos se acostumassem à semi-escuridão. Vimos então que estávamos na extremidade de uma arena coberta, de forma aproximadamente elíptica; em torno dela, em lugar das arquibancadas, havia inúmeras tribunas, de quatro ou cinco andares, sustentadas e divididas entre si por uma selva de colunas de pedra ou de madeira dourada. As colunas não eram inteiramente verticais, e os andares não se dividiam ao longo de linhas horizontais, o que distinguia as tribunas entre si: umas eram altas e estreitas, outras, largas e baixas (algumas eram tão baixas que um homem só poderia entrar ali rastejando). Na nossa frente, toda uma área se apresentava fortemente inclinada, como se fosse um deslocamento geológico ou um fragmento de colméia que houvesse sido extraído e reposto em posição oblíqua.

Demoramos um bom tempo tentando entender como um edifício daquele pôde ficar de pé por tantos séculos, e mais, como podia existir. Na meia-luz à qual estávamos nos habituando, percebia-se que algumas das colunas mais próximas apresentavam um fenômeno irritante, difícil de ser descrito em palavras; de resto, ali mesmo constatamos a impossibilidade de descrever um ao outro aquilo que os nossos olhos viam. Seria certamente mais fácil representá-lo com um desenho; nós o sentíamos como uma insolência, um desafio à nossa razão: uma coisa que não tinha o direito de existir, e no entanto existia. Na parte baixa, essas colunas deixavam entrever por entre seus intervalos, em segundo plano, o fundo das tribunas, pintado com festões negros e ocres; mas, seguindo-as até o alto com os

olhos, seus contornos mudavam de função, os intervalos se tornavam colunas e as colunas se tornavam intervalos, e através desses intervalos se percebia o céu opaco da laguna. Esforçamo-nos inutilmente, os Torres e nós, para compreender essa aparência absurda, que desaparecia quando nos aproximávamos, mas que se impunha com a grave evidência das coisas concretas se observada à distância de poucos metros. Claudia tirou umas fotos, mas sem convicção: a luz era muito escassa.



A platéia da arena estava invadida por uma vegetação abundante e rasteira. Agustín nos deteve na entrada e nos fez subir sobre um monte de ruínas; depois, sem dizer nada, nos apontou uma forma escura que estava parada em meio aos arbustos. Era um animal maciço, acobreado, um pouco mais alto e mais forte que um búfalo do pântano; no silêncio se percebia sua respiração profunda e áspera, e os estalidos dos arbustos pisoteados enquanto ele pastava. Um de nós, talvez eu mesmo, perguntou, assustado: “o que é isso?”. Imediatamente Agustín fez sinal para que nos calássemos, mas a fera deve ter escutado, porque ergueu a cabeça e bufou com força, agitando sobre as tribunas um revoar de pássaros inquietos. A besta mugiu, agitou-se e partiu em linha reta, como se investisse contra um inimigo invisível, talvez a insensatez e a impossibilidade do cenário dentro do qual estava encerrada. Olhamos em volta: a platéia tinha várias passagens, mas todas estreitas e atravancadas. A fera não poderia passar por nenhuma delas.

Galopou com um ímpeto crescente, rompendo diante de si arbustos e galhos: o chão retumbava num ritmo ternário, enquanto se ouviam fragmentos dos capitéis despencando. A fera rumava para uma das aberturas, a menos estreita e mais desimpedida. Marrou contra os pilares, como se, cega pela fúria, não os tivesse visto; ficou presa por um segundo, lançou um mugido de dor e então recuou; a arquitrave de pedra desabou com o choque, e a abertura pareceu mais estreita que antes, obstruída pelas pedras que caíram. Claudia apertou o meu braço com nervosismo: “Ela está se fechando ali dentro. Está bloqueando todas as saídas”.

Sáímos para a luz da tarde, que nos pareceu ofuscante. A sra. Torres observou que nas fendas das pedras se aninhavam muitas lagartas cinza-escuro, escamosas; outras estavam imóveis sob o sol encoberto, como minúsculos bronzes. Quando perturbadas, fugiam rapidamente para suas tocas ou então se dobravam sobre si mesmas como tatus, e nessa forma, reduzidas a pequenas esferas compactas, deixavam-se rolar no vazio. Fora do templo se reunira uma multidão de mendigos descarnados, homens e mulheres, de aspecto ameaçador. Alguns tinham erguido perto dali barracas escuras e baixas, e ali ficavam acorados, ao abrigo do sol. Todos nos olhavam com uma curiosidade insolente e insistente, mas não disseram palavra.

“Estão esperando a besta”, disse Agustín, “esperam que ela saia. Vêm todas as noites, desde sempre; passam a noite aqui e guardam as facas nas tendas. Esperam desde que o templo existe. Quando ela sair, será morta e devorada, e então o mundo ficará curado: mas a besta não sairá nunca.”

Desfibragem

Amelia sabia perfeitamente que nem todas as horas do dia se prestam ao estudo. Ela preferia as primeiras horas da manhã e as que vão do fim da tarde até o jantar: depois disso não dava, ela se sentia como impermeável. Mas a prova era importante, a mais importante do biênio, e aquela noite de vigília não podia ser desperdiçada; tentaria aproveitá-la do melhor modo, combinando um pouco de revisão com um trabalho bom e curto.

A avó Letizia saía pouco e tinha poucas ocasiões de falar, embora necessitasse disso; os seus contatos se limitavam aos vendedores das vizinhanças, gente inculta e de origem suspeita; em casa raramente abria a boca, porque tinha medo de repetir-se, e de fato se repetia, pobre velha, voltando sempre aos mesmos assuntos, como o mundo de sua juventude, tão tranquilo, pacato e ordeiro. Bem, esses eram exatamente os assuntos que interessavam a Amelia: certas coisas não se encontravam nos livros.

De resto, a avó teria prazer em falar; todos os velhos são assim, o mundo que os circunda não os atrai, perturba-os, eles não o entendem, acham-no hostil e por isso não o registram na memória. Por isso se lembram dos eventos distantes, e não dos mais próximos: não é questão de esclerose, mas de defesa. Para eles, o mundo verdadeiro é aquele dos primeiros anos, bom por definição, o “bom tempo antigo”, mesmo que haja presenteado a humanidade com duas guerras mundiais.

Amelia era de raça substancialmente humana e não tinha problemas de comunicação com a avó Letizia. Diversa era a relação com a avó paterna, morta muitos anos antes: Amelia a recordava como um pesadelo. Nos primeiros tempos da desfibragem, quando os controles eram ainda rudimentares, a mãe da avó

Gianna cometera uma imprudência durante um passeio no vale de Lanzo e fora fecundada por pólen de abeto: a avó Gianna nascera assim. Pobrezinha, ela não teve culpa, mas a impressão que deixou em Amelia era pouco agradável.

Sorte que a herança humana prevalecera, o que aliás costuma ocorrer, mas qualquer um perceberia que ela era uma desfibrática: tinha a pele escura, áspera e escamosa, e cabelos esverdeados, que no outono se tornavam amarelo-ouro e no inverno caíam, deixando-a careca — mas pelo menos tornavam a crescer rapidamente na primavera. Falava com voz apagada, quase um sopro, e com uma lentidão irritante. Era incrível que tivesse achado marido: talvez unicamente por suas lendárias virtudes domésticas.

“É verdade, a desfibragem. Minha filha, pense o que quiser; mas eu sempre disse: quando alguém tem que morrer, é porque Deus quis assim, e não é o caso de ir contra a vontade dele. Nunca vi com bons olhos aquela história dos transplantes, desde o início: os olhos, depois os rins, o fígado... e ao primeiro sinal de rejeição, tome-lhe aquela coisa, como se chama, eu nunca fui boa para nomes, mas daquele nome eu não me lembro porque não quero me lembrar.”

“Hipostenal”, arriscou Amelia.

“Sim, hipostenal: com ele todos os transplantes funcionavam. Estava em todas as farmácias, mil liras o frasco. Era receitado a torto e a direito, até aos que faziam implante de dente ou às senhoras que mudavam de nariz. Tinha sido testado em ratos, era inócuo. Seguro, inócuo, como os desfolhantes, os daquele país... Inócuo, mas aqueles sabichões desconheciam o que os camponeses sabiam, que a natureza é como uma coberta curta, quando se puxa de um lado...”

Não era isso que interessava a Amelia: queria saber outra coisa, como se vivia antigamente, quando não havia surpresa nas clínicas obstétricas e todos os gatos tinham quatro patas — ela não conseguia imaginar aquela época. Organizado, sim, mas talvez um tanto insípido; era quase impossível fazer comparações. Quanto à história do hipostenal, até as crianças a conheciam: era indestrutível, mas só perceberam isso muito tarde, passava dos excrementos para os esgotos e o mar, do mar aos peixes e aos pássaros; voava pelo ar, tornava a cair com a chuva, infiltrava-se no leite, no pão, no vinho. Agora o mundo estava tomado por ele, e todas as defesas imunológicas haviam sido derrubadas. Era como se a natureza vivente tivesse perdido a confiança: nenhum transplante era rejeitado, mas também todas

as vacinas e os soros tinham perdido a sua eficácia, e os antigos flagelos — varíola, raiva, cólera — retornaram.

E assim as defesas imunológicas que antigamente impediam o cruzamento entre espécies distintas eram frágeis ou nulas: nada impedia que você transplantasse o olho de uma águia ou o estômago de um avestruz, quem sabe um par de guelras de atum para a pesca subaquática, mas em compensação qualquer sêmen — animal, vegetal ou humano — que o vento, a água ou um incidente qualquer pusessem em contato com um óvulo tinha boas chances de dar origem a um híbrido. Todas as mulheres em idade fértil deviam estar muito atentas. Era uma velha história: Amelia ficou com sono, deu boa-noite à avó, preparou a bolsa para o dia seguinte e foi para a cama. Dormia bem: freqüentemente pensava que a sua propensão ao sono derivava daquele oitavo de linfa vegetal que corria em suas veias. Teve tempo apenas de dirigir um aceno mental a Fabio, e logo a sua respiração se fez mais profunda e regular.

Ela já dissera várias vezes a Fabio que preferia não vê-lo durante as provas orais; mas lá estava ele, sorridente, eficiente, bem barbeado, protetor.

“Só para desejar boa sorte; depois vou para o banco.”

“Obrigada. Vá logo. Já estou nervosa, e você sabe que a sua presença...”

“Sei, sei. Só queria te ver. Tchau, tudo vai dar certo.”

Alguém no banco espalhou a notícia de que Fabio tinha um quarto de sangue de truta. Discretamente, Amelia fez pesquisas no cartório e constatou que tudo estava regular; mas se sabe como são as coisas nos cartórios, e de resto Amelia não tinha preconceitos: as trutas são maridos fiéis, pais afetuosos e defensores valentes do seu território. Melhor um pouco de truta do que uma gota de outros bichos. Ouvia-se cada história... e devia haver um fundo de verdade: se uma mulher era pouco asseada, e a pulga era um macho, a armadilha estava armada. Mas a Igreja Restaurada era inflexível nesse ponto: a alma era sagrada e estava em toda a parte, até nos embriões de um mês, mas sobretudo nos indivíduos que chegaram ao momento do parto, ainda que não tivessem muito de humano. E ainda havia gente que dizia que a condição feminina melhorara!

Tomou coragem e entrou no Instituto de História Moderna: em contraste com o clarão do sol, o átrio pareceu-lhe escuro; antes dos rostos, começou a distinguir as

pequenas máscaras de gaze anti-séptica que todos usavam, brancas os homens, de cores alegres as mulheres. Seguiu-se a ordem alfabética; ela parou no corredor e ficou ouvindo os comentários. Entrou um assistente de ensino e chamou Fissore. Amelia se chamava Forte: seria a próxima. Fissore saiu pouco depois, contente e satisfeito: tudo bem, Mancuso era gentil e sensato, em cinco minutos ele conseguira um vinte e nove. Não, nada de armadilhas, ele foi questionado sobre as guerras de Uganda, e o outro antes dele respondera sobre as pedagogias violentas. O assistente voltou e chamou Amelia.

Mancuso tinha uns quarenta anos, era pequeno, nervoso, cabelos e olhos pretos, preto também o bigode, ralo e áspero. Falava tão rápido que era difícil acompanhá-lo: muitas vezes era preciso pedir que repetisse a pergunta. Tinha uma vozinha estrídula e aguda, que fez Amelia pensar no som acelerado das fitas magnéticas. Ela se sentou e, durante alguns segundos, o professor a esquadrinhou de cima a baixo, agitando bruscamente a cabeça, os olhos e as mãos, que brincavam com um lápis; suas narinas palpitavam depressa. Depois se espichou para trás, acomodou-se na cadeira com duas sacudidas, abriu um sorriso largo e cordial para Amelia, mas que se apagou de repente, bateu as pálpebras com rapidez e disse a Amelia que falasse do assunto que quisesse. “Conseguí impressioná-lo”, pensou Amelia sem entusiasmo, e anunciou quealaria da desfibragem. Pressentiu no rosto de Mancuso uma sombra fugaz de contrariedade, mas mesmo assim começou a sua exposição.

O assunto lhe interessava, não só por razões pessoais: sempre lhe pareceu injusto que nas escolas de todos os níveis se falasse tão pouco do tema, como se o mundo de antes não houvesse existido. Como os jovens de hoje podiam conhecer a si mesmos se não conheciam as próprias raízes? Como podiam fechar-se ao que a ela parecia aberto? Habitualmente, nas provas orais, ela era tímida e travada, mas naquele dia estava irreconhecível: excitada e surpresa, ouvia a própria voz descrever o fantástico universo das sementes, dos germes e dos fermentos em que o homem vivia imerso sem perceber, o pulular do pólen e de esporos no ar que respiramos a cada instante, de potências masculinas e femininas nas águas dos rios e dos mares.

Sentiu-se até enrubescer quando começou a falar do vento nos bosques, saturado de fecundidade infinita, de germes invisíveis e inumeráveis, e em cada germe estava inscrita uma mensagem plena de destino, arremessada na vacuidade do céu e do

mar em busca do seu consorte, portador da segunda mensagem misteriosa que daria sentido à primeira. E assim por milhões de anos, dos eqüissetos do Carbonífero até hoje: não, não até hoje, até ontem, já que a férrea barreira entre espécie e espécie fora rompida, e ainda não se sabia se para o bem ou para o mal.

Penetrou a espinhosa questão do julgamento da desfibragem sob o aspecto moral, religioso e utilitário, e estava a ponto de expor uma observação pessoal, baseada no confronto entre as leis mosaicas contra o horror das misturas e as leis recentes e abusivas, destinadas a controlar o uso indiscriminado dos agentes de anti-rejeição, quando se deu conta de que Mancuso não a estava escutando. Nem sequer a olhava: voltava-se com rápidos arrancos da cabeça, coçava-se aqui e ali com movimentos ágeis dos dedos, quase uma vibração; a certa altura, tirou do bolso uma noz, quebrou-a com os dentes e se pôs a roê-la com os incisivos. Amelia ficou furiosa e se calou.

Sem parar de roer a noz, Mancuso a fixou com um ar interrogativo: “Terminou? Bem. Muito bem. Está livre esta noite? Não? Que pena. Aprovada com dezenove. Aqui está o boletim. Até logo”. Para poder falar, ocultara a noz entre a bochecha e a mandíbula.

Amelia pegou o boletim e saiu sem o cumprimentar. Devia ser mesmo verdade aquela história sussurrada nos corredores sobre as cotias. Já na porta, teve a tentação de voltar para a sala e contestar a nota, mas depois pensou que se tivesse que se reapresentar para o exame talvez fosse pior. Pegou o ônibus, desceu no fim da linha e seguiu por uma trilha no bosque que ela conhecia bem; ninguém a esperava em casa antes do anoitecer. Mancuso era um asno, quanto a isso não havia dúvidas. Talvez tivesse atenuantes, talvez a história da cotia fosse verídica, mas não dava para ir muito longe com as justificativas: se um ferroviário deixa um trem descarrilar, é processado sem nenhuma clemência, mesmo que seu avô seja um bode. Não somos racistas, mas dizer que um estúpido é um estúpido e um canalha é um canalha não é racismo, certo?

A trilha era plana, penumbrosa, solitária, e caminhando Amelia se acalmou. Havia flores modestas e graciosas nas margens: prímulas, miosótis, pequenas flores brancas de morangueiro, e Amelia se sentia atraída por elas. Não é estranho sentir-se atraído por flores, mas ela se sentia atraída de um modo estranho: ela se conhecia

bem e sabia que aquele modo era estranho. Ainda que fosse comum a muitos e muitas, mesmo a quem não tivesse sangue de abeto nas veias. Pensava enquanto caminhava: antigamente, nos bons tempos em que os homens eram atraídos apenas por mulheres e as mulheres por homens, devia ser bem triste e cheio de tédio.

Hoje, muitos eram como ela: nem todos, claro, mas muitos jovens, diante de flores, de árvores, de qualquer animal, ao sentir-lhes o cheiro, os rumores ou até o simples farfalhar, acendiam-se de desejo. Poucos o consumavam (nem sempre era fácil satisfazê-lo), mas, ainda que insatisfeito, aquele desejo difuso, tão vivo e sutil, os enriquecia e enobrecia. Era bobagem ficar na superfície, no moralismo puritano, e enumerar a desfibragem entre as catástrofes. Havia mais de um século a humanidade se embriagara de profecias catastróficas: ora, a morte nuclear não se confirmou, a crise energética parecia superada, a explosão demográfica se extinguiu, e a despeito de todos os profetas o mundo estava se transformando na esteira da desfibragem, que nenhum futurólogo prognosticara.

E era estranho, estranho e maravilhoso, que a natureza agitada tivesse reencontrado a sua coerência. Com a fecundidade entre espécies diversas renascera o desejo, às vezes grotesco e absurdo, às vezes impossível, às vezes feliz. Como o dela — ou como o de Graziella, perdida entre as gaivotas. Tudo bem, havia os trejeitos de Mancuso (talvez ele não passasse de um mal-educado), mas em cada ano e a cada dia novas espécies nasciam, mais rápidas do que a capacidade humana de lhes dar um nome; algumas monstruosas, outras graciosas, outras inesperadamente úteis, como os carvalhos de leite que brotavam no Casentino. Por que não apostar no melhor? Por que não confiar numa nova seleção milenar, em um homem novo, rápido e forte como o tigre, longo como o cedro, prudente como as formigas?

Deteve-se diante de uma cerejeira em flor: acariciou-lhe o tronco brilhante por onde subia a linfa, tocou de leve seus nódulos e gomos, depois olhou ao redor e o abraçou forte, e lhe pareceu que a árvore lhe correspondia com uma chuva de flores. Afastou-se sorrindo: “Seria lindo se me ocorresse o mesmo que aconteceu com a bisavó!”. Mas por que não? Quem era melhor, Fabio ou a cerejeira? Melhor Fabio, sem dúvida, não vamos ceder a um impulso momentâneo: mas naquele instante Amelia se deu conta de que, de algum modo, desejava que a cerejeira entrasse nela, frutificasse nela. Chegou à clareira e deitou-se na relva, também ela

relva, leve, sozinha e flexível no vento.

Calor vertiginoso

Tinha certeza de uma coisa: não se deixaria enganar uma segunda vez. Tudo bem: estamos numa democracia, e democracia é participação, participação da base. Mas, sejamos sérios, isso é participação? Ficar grudado num banco duro e incômodo como os bancos de escola — aliás, de fato se trata de um banco de escola; sofrer o abafamento de Roma em julho e ter de ouvir uma histérica que repete interminavelmente as mesmas coisas, ditas ainda ontem por ela e no mês passado e há meio ano, e todas publicadas, estampadas nas revistas, televisionadas centenas de vezes. A sra. Di Pietro é uma doente, não há dúvida, uma neurótica; vai ver que em casa o marido e os filhos não a deixam falar, e então ela vem desabafar aqui.

Ettore já não prestava atenção havia um bom tempo. Se pelo menos fosse permitido acender um cigarro! Mas não devemos dar o mau exemplo... Abriu a carteira de plástico que estava à sua frente e começou a rabiscar bonecos no papel, para manter-se acordado. Depois escreveu “Ettore” em cursivo e, abaixo, em letra de forma e em caracteres góticos. No verso, lia-se “e rotte”. Escreveu “e rotte” no final da linha e viu a sua mão completar a frase como guiada por um servomecanismo: *Ettore evitava le madame lavative e rotte.*^a

Ettore era uma boa pessoa e, em sã consciência, não definiria assim a sra. Di Pietro: aborrecida, sim, mas preguiçosa e acabada nunca, jamais; porém era verdade que ele preferiria evitá-la. Checou mais uma vez, lendo da direita para a esquerda: sim, estava correta. Mas correta não quer dizer verdadeira: aí se todas as frases reversíveis fossem verdadeiras, como sentenças oraculares. E no entanto... no entanto, quando são lidas ao contrário e o resultado é o mesmo, há algo nelas de

mágico, de revelador: os latinos já sabiam disso e escreviam *Sator Arepo tenet opera rotas, In gyrum imus nocte et consumimur igni*.^b É como fazer figas ou encontrar um trevo-de-quatro-folhas. Mesmo não acreditando, o recolhemos e evitamos jogá-lo fora; não sabemos por quê, mas nunca se sabe. É um vício: isso mesmo, meus amigos, eu também tenho o meu vício. Não bebo, não jogo, fumo pouquíssimo, mas também tenho o meu vício, menos destrutivo do que tantos, que é o de ler ao contrário. Não uso heroína, escrevo frases reversíveis: algo a objetar? *Eroina motore in Italia — Ai latini erotomani or è*.^c Ótimo, dois eneassílabos sonantes que têm lá algum sentido.

A sra. Di Pietro continuava: agora estava falando dos mercados hortifrutigranjeiros. Ettore também continuava. Em pouco tempo, em meio a rabiscos e caricaturas dos seus vizinhos, brotaram outras sentenças: *Oimè Roma amore mio*^d e, logo ao lado, *A Roma fottuta tutto fa mora*,^e oração que lhe pareceu mais apropriada. E ainda *Ad orbi, broda*,^f de sentido obscuro, provavelmente sapiencial: uma ordem peremptória, de decálogo. *E lí varrete terra vile*.^g *Memento, homo*, de que és pó e ao pó retornarás. Rapidamente, aliás. Mas, enquanto estiveres nesta terra, deverás fortalecer o lombo e combater como um bom soldado: *accavalla denari, tirane dalla vacca*.^h Se souberes viver, o mundo não será tão ruim: amanhã você viaja, encontra Elena em Sperlonga, come peixe fresco, esquece o escritório, a subcomissão, e se sente um novo homem.

Pena seria se Elena não existisse. Não pensava em se casar com ela, nem ela jamais insistira nisso: estavam bem assim. Quando se chega solteiro aos quarenta, é preciso estar atento: talvez a gente não perceba, mas certos hábitos podem ser irritantes. Por exemplo, detestaria que Elena estivesse ali atrás, lendo o que ele escrevia. *Elena, Anele: Essa è leggera, ma regge le asse*.ⁱ *È lo senno delle novità, genere negativo nelle donne sole*.^j embora Elena nunca estivesse só, ao contrário, tinha o talento de sempre se ver cercada, em qualquer lugar, por uma trupe de admiradores. Mas tudo bem, o acordo entre eles era claro, nada de ciúme, duas pessoas sensatas e que se respeitavam, tudo à luz do sol.

Il livido sole, poeta ossesso, ateo, peloso di villi.^k Era possível enxergá-lo através da clarabóia semi-aberta, e estava mesmo pálido, apagado na neblina. Peludo de filamentos é como dizer filamentoso, que é uma imagem arriscada, mas poética. Ao

lado da frase, Ettore desenhou um sol negro e sinistro, hirsuto de raios cortados, como um ouriço-do-mar; depois o mar, e ele mesmo dentro: *ogni marito unico ci nuoti ramingo*.¹

Quando a sra. Di Pietro terminou, Moretti tomou a palavra e falou sobre o transporte urbano. Ettore escreveu *ero erto tre orem* depois cancelou: não queria saber de fanfarronadas, naquela noite ele estava meio estranho. Talvez por culpa do calor e da umidade. O transporte urbano estava fora de sua competência. Levantou-se e foi embora, tentando passar despercebido, mas o presidente o cumprimentou com ostentação irônica. *È mala sorte, ti carbonizzino braci, tetro salame*;n você foi eleito presidente? Certo, pode ficar aí, que eu já estou indo. O presidente era um papa-hóstia e um hipócrita; nunca simpatizara com ele.

Desceu as escadas e foi ao estacionamento; deu as duzentas liras de sempre ao guardador e ligou o carro. A frente estava livre, mas, sabe-se lá por quê, talvez porque estivesse cansado e distraído, engrenou a marcha à ré e fez um forte risco na Renault estacionada ao lado, na verdade meio de viés. O guardador fez um gesto de calma com a mão e espichou o lábio inferior como se dissesse “não sei de nada”. Voltou para casa em meio ao tráfego do Lungotevere, ruminando rodadrag, serodadrag, mas sem papel e lápis não conseguiu tirar nada daí. Em Sperlonga nunca fazia calor; só queria que sexta chegasse logo. *O morbidi nòi pieni di bromo!*o Elena tinha uma verruga no joelho esquerdo. Se alguém, homem ou mulher, inalar cloro orgânico, fica logo cheio de cloroacnes, como Seveso: será que existem as bromoacnes? Elena precisava prestar atenção a isso.

Não queria jantar na *trattoria*: encontraria as mesmas pessoas de sempre, e naquela noite estava se sentindo saturado de palavras. Entrou em casa, abriu todas as janelas na vã esperança de que entrasse uma corrente de ar e jantou dois ovos cozidos com salada. Ligou a TV, mas logo a apagou: não estava nem aí para os jogos sem fronteiras. Sentia um vago desconforto, como se o cérebro fritasse por dentro: talvez estivesse com um pouco de febre. Se não, como explicar o fato da marcha à ré? Modéstia à parte, era um bom motorista. Passar as noites assim, só como um cão, era estúpido e triste; mas por que como um cão? Os cães nunca estão sós,

vivem metendo os focinhos pelos cantos e encontram companhia num segundo, só com o faro. Sentia os pêlos da cara despontando, mas não tinha vontade de barbear-se. Quatro dias e seria sexta-feira e partiria e não estaria mais sozinho.

Passou uma noite péssima, povoada de sonhos desconjuntados e angustiosos. Na manhã seguinte tomou banho e pegou o barbeador elétrico, mas, quando tocou o rosto, viu que estava liso. Sentiu-se tomado por uma onda de inquietude: ontem a marcha à ré, agora a barba...? Ou se barbeara na noite anterior? Parou perplexo diante do espelho, de camiseta, com os dedos sobre as bochechas: no espelho viu o reflexo da térmica com o café quente; virou-se, agarrou a garrafa como a um salva-vidas e lutou por alguns instantes com a tampa de rosca, que ele queria abrir e no entanto fechava mais. Largou a garrafa, foi para a cômoda e olhou apreensivo o relógio de pulso que estava ali: se o ponteiro dos segundos girasse para trás, seria o fim. Mas não, tudo estava em ordem. Não havia nada de objetivo, nenhum sintoma concreto, devia ser culpa da umidade e do mormaço. *O soci, troverò la causa, la sua: calore vorticoso.*^p De qualquer modo, de agora em diante seria mais cauteloso: nada de exageros. Ninguém garantia que esse vício estivesse livre de riscos, mas, enfim, *in arts it is repose to life: è filo teso per siti strani.*^q

a Palíndromo intraduzível, cujo sentido literal em português equivaleria aproximadamente a “Ettore evitava as senhoras preguiçosas e acabadas”. (N. T.)

b Palíndromos latinos famosos e de difícil tradução. Numa versão livre, equivaleriam respectivamente a “O lavrador mantém o arado nos sulcos” e “Vamos em giro pela noite e somos consumidos pelo fogo”. (N. T.)

c Literalmente: “Heroína motor na Itália — Aos latinos erotômanos agora é”. (N. T.)

d “Ai, Roma, meu amor.” (N. T.)

e “Em Roma fodida tudo demora.” (N. T.)

f “A cegos, sopa.” (N. T.)

g “E lá valereis, terra vil.” (N. T.)

h “Acavala dinheiro, ordenha-o da vaca.” (N. T.)

i “Ela é leve, mas sustenta as tábuas.” (N. T.)

j “É o sentido das novidades, gênero negativo nas mulheres sós.” (N. T.)

k “O lívido sol, poeta obcecado, ateu, peludo de filamentos.” (N. T.)

l “Cada marido único nade a esmo.” (N. T.)

m “Fiquei ereto três horas.” (N. T.)

n “É má sorte, te carbonizem brasas, tétrico salame.” (N. T.)

o “Ó macias verrugas cheias de bromo.” (N. T.)

p “Ó, sócios, acharei a causa, a sua: calor vertiginoso.” (N. T.)

q “Nas artes isso é repouso para a vida: é fio estendido por lugares estranhos.” (N. T.)

Os construtores de pontes

[...] Boris recordara a antiga balada da filha do gigante que encontra um homem na floresta e, surpresa e deliciada, o leva para casa para brincar; mas o gigante lhe ordena que o deixe partir, porque do contrário o reduziria a pedaços.

Isak Dinesen, *Sete contos góticos*

Danuta estava contente de ser como os cervos e os cabritos. Só não gostava muito da relva, das flores e folhas que era obrigada a comer, mas estava feliz por poder viver sem ter de sacrificar outras vidas, sina dos lince e dos lobos. Tinha o cuidado de visitar todos os dias um lugar diferente, de modo que o verde novo rapidamente preenchesse os vazios; ao caminhar, evitava pisar nos arbustos silvestres, contornando as árvores de copa alta para não feri-las. Também seu pai, Brokne, sempre agiu assim; de sua mãe não tinha lembrança.

Tinham um lugar certo onde beber, um remanso profundo na corredeira, que à tarde recebia a sombra de um renque de velhos carvalhos que cresciam na margem direita; já a margem esquerda dava para uma pradaria onde os dois podiam deitar-se confortavelmente, seja de costas, para dormir, seja de bruços, para beber água. Antes havia muitos tocos que espetavam o dorso, mas Brokne os arrancara um por um. Também chegavam àquele lugar em busca de água unicórnios e minotauros, tímidos como sombras, mas só em tardas horas, quando o crepúsculo cede à noite. Brokne e Danuta não tinham inimigos, exceto os trovões e o gelo dos invernos rigorosos.

O pasto preferido de Danuta era um vale verde e profundo, rico de água e capim; o fundo era cortado por um regato, sobre o qual passava uma ponte de

pedra. Danuta transcorria longas horas admirando a ponte: em todo o seu território, que se estendia num raio de mais de cem milhas, não havia nada igual. Não podia ter sido escavada pela água, nem podia ter caído assim das montanhas. Algo ou alguém a devia ter construído, com paciência, engenho e mãos mais sutis que as suas: curvava-se para contemplá-la de perto e não se cansava nunca de admirar a precisão com que as pedras haviam sido talhadas e amalgamadas, formando um arco elegante e regular que, aos olhos de Danuta, lembrava o arco-íris.

Devia ser muito velha, porque estava coberta de líquens amarelos e pretos na parte exposta ao sol e de musgo onde o sol não batia. Danuta a tocava delicadamente com o dedo, mas a ponte resistia: de fato parecia feita de pedra. Um dia juntou vários pedregulhos que lhe pareciam servir e tentou edificar uma ponte como aquela, com as mesmas medidas; mas não houve jeito, assim que colocava o terceiro bloco e o deixava para pegar o quarto, o terceiro desmoronava em cima dela e às vezes feria suas mãos. Precisaria ter quinze ou vinte mãos para cada pedra.

Certo dia, perguntou a Brokne como, quando e quem havia construído a ponte, mas Brokne respondeu de mau humor que o mundo é cheio de mistérios e que se alguém quisesse resolver todos eles, não comeria, não dormiria e provavelmente enlouqueceria. Aquela ponte sempre existira; era bela e estranha — e daí? As estrelas e as flores também são belas e estranhas, e o excesso de perguntas faz que não percebamos que são belas e estranhas. Então foi pastar em outro vale; Brokne não se satisfazia com o capim e de vez em quando, às escondidas de Danuta, devorava depressa um jovem choupo ou um salgueiro.

No final do verão, Danuta topou certa manhã com uma faia caída: não podia ter sido um raio, porque o céu estava limpo havia muitos dias, e Danuta tinha certeza de não ter trombado com ela inadvertidamente. Aproximou-se e viu que tinha sido talhada com um corte nítido, via-se no chão o disco esbranquiçado do cepo, com a espessura de dois dos seus dedos. Enquanto olhava espantada, ouviu um farfalhar e viu, do outro lado do vale, outra faia que desabava, desaparecendo entre as árvores vizinhas. Desceu a encosta, subiu a outra e percebeu um bichinho que corria a toda a pressa rumo ao desfiladeiro das cavernas. Estava ereto e corria com as duas pernas; jogou no chão um utensílio reluzente que o atrapalhava na corrida e se meteu na caverna mais próxima.

Danuta sentou-se ali perto, com as mãos estendidas, mas o bichinho não dava mostras de querer sair. Pareceu-lhe gracioso, e também devia ser hábil, já que sozinho conseguira abater uma faia; Danuta logo teve certeza de que ele havia construído a ponte, e queria fazer amizade, falar com ele, não deixar que escapasse. Enfiou um dedo na abertura da gruta, mas sentiu uma pontada e o retirou em seguida, com uma gota de sangue na ponta. Esperou até escurecer e então foi embora; mas não contou nada a Brokne.

O pequenino devia ter uma grande fome de madeira, porque nos dias seguintes Danuta descobriu seus vestígios em vários pontos do vale. Abatia de preferência as faias maiores, e era difícil saber como conseguia transportá-las. Numa das primeiras noites frias, Danuta sonhou que a floresta estava em chamas e despertou em sobressalto; incêndio não havia, mas cheiro de incêndio, sim, e Danuta avistou na outra encosta um clarão vermelho que palpitava como uma estrela. Nos dias seguintes, quando Danuta apurava os ouvidos, ouvia um crepitar miúdo e constante, como quando os pica-paus perfuram a cortiça, mas mais lento. Tentou aproximar-se para ver, mas assim que ela se mexia o barulho cessava.

Finalmente veio o dia em que Danuta teve sorte. O pequenino se tornara menos tímido, quem sabe se habituara à presença de Danuta, e mostrava-se freqüentemente entre uma árvore e outra, mas, se Danuta ameaçava aproximar-se, escapava rapidamente para a sua toca nas rochas ou refugiava-se na densidão da mata. Então Danuta o viu encaminhar-se para a clareira do bebedouro; acompanhou-o de longe, tentando não fazer muito barulho, e, quando o viu desprotegido, avançou sobre ele com dois longos passos e o aprisionou na concha das mãos. Era pequeno, mas bravo; levava consigo o utensílio reluzente e tentou dois ou três golpes contra as mãos de Danuta, antes que ela conseguisse pinçá-lo entre o indicador e o polegar e arremessá-lo para longe.

Agora que o capturara, Danuta percebia que não tinha a mínima idéia do que faria com ele. Levantou-o do chão segurando-o entre os dedos: ele gritava, se debatia e tentava mordê-la; insegura, Danuta ria nervosamente e tentava acalmá-lo, acariciando-lhe a cabeça com um dedo. Olhou ao redor: na corredeira havia uma ilhota que media uns poucos passos dos seus; espichou-se na beira do rio e ali depôs o pequenino, mas ele, assim que se viu livre, lançou-se à corredeira e certamente se afogaria se Danuta não tivesse corrido para repescá-lo. Então o levou a Brokne.

Nem mesmo Brokne sabia o que fazer. Resmungou que ela era uma garota incrível; o bichinho mordia, espetava e não servia para comer; então que Danuta o deixasse ir, não havia outra coisa a fazer. De resto, estava ficando escuro, era hora de dormir. Mas Danuta não quis dar ouvidos à razão, ela o capturara, ele era seu, era inteligente e bonitinho, queria brincar com ele, e tinha certeza de que conseguiria domesticá-lo. Tentou fazer com que comesse um feixe de folhas, mas ele virou a cabeça para o outro lado.

Brokne debochou dizendo que doméstico ele não era, e que morreria no cativeiro; depois se deitou no chão já quase dormindo, mas Danuta fez uma cena dos diabos, e tanto fez que passaram a noite com o pequenino nas mãos, em turnos, um o segurava enquanto o outro dormia; perto do alvorecer, porém, até o pequeno adormecera. Danuta aproveitou para observá-lo com calma e de perto, e viu que era mesmo gracioso; tinha rosto, mãos e pés minúsculos, mas bem desenhados, e não devia ser uma criança, porque tinha a cabeça pequena e o corpo delgado. Danuta morria de vontade de apertá-lo contra o peito.

Assim que despertou, ele logo tentou fugir; mas, depois de alguns dias, começou a se tornar mais lento e preguiçoso. “É claro”, disse Brokne, “se recusa a comer.” De fato o pequenino rejeitava tudo, o capim, as folhas tenras, até as castanhas e as nozes. Mas não devia ser por selvageria, já que bebia avidamente da concha da mão de Danuta, que ria e chorava de ternura. Enfim, em poucos dias ficou claro que Brokne tinha razão: era um daqueles animais que, quando se sentem prisioneiros, recusam comida. Por outro lado, era impossível continuar assim, mantê-lo nas mãos dia e noite, ora um, ora outra. Brokne tentara fabricar uma gaiola para ele, porque Danuta não aceitara mantê-lo na gruta: queria tê-lo sempre sob os olhos e temia que ele adoecesse no escuro.

Tinha tentado, mas sem conseguir nada: cortara galhos altos e retos, os enterrara em círculo no solo, colocara o pequenino no meio e atara tudo com ramos e juncos, mas seus dedos eram grossos e desajeitados, e o trabalho ficou malfeito. Embora enfraquecido pela fome, o pequenino trepou em um segundo num dos troncos, achou uma brecha na cerca e pulou para o lado de fora. Brokne disse que era hora de deixá-lo partir; Danuta desatou a chorar, tanto que as suas lágrimas umedeceram a terra ao seu redor; o pequenino olhou para o alto como se compreendesse e então começou a correr, desaparecendo entre as árvores. Brokne

disse: “Assim está bom. Você o amava, mas ele era muito pequeno, e o seu amor terminaria por matá-lo”.

Passou um mês, as copas das faias já se tingiam de púrpura, e de noite a corredeira revestia os rochedos com um fino estrato de gelo. Mais uma vez Danuta despertou em angústia com o cheiro do fogo e logo sacudiu Brokne para acordá-lo, porque desta vez o incêndio era real. Sob o clarão da lua viam-se em volta inumeráveis fios de fumaça, eriçados no ar gélido e imóvel, a subir para o céu: sim, como as barras de uma gaiola, mas desta vez eram eles que estavam dentro. Ao longo da crista das montanhas, nos dois lados do vale, o fogo ardia, e outros focos brilhavam bem mais perto, entre os troncos. Brokne ergueu-se e esbravejou como um trovão: ali estavam eles, trabalhando, os construtores de pontes, minúsculos e sorrateiros. Agarrou Danuta pelo pulso e a arrastou para o topo do vale, onde o incêndio parecia menos intenso, mas logo em seguida tiveram que voltar, tossindo e lacrimejando; o ar estava irrespirável, não era possível passar. Nesse meio-tempo, a planície fora tomada por animais de todas as espécies, asfixiados e em pânico. O anel de fogo e fumaça aproximava-se depressa; Danuta e Brokne se sentaram no chão e esperaram.

Self-control

O médico do sindicato não o levava a sério. Não que fosse um estúpido ou que estivesse apressado: procedeu à consulta de acordo com todas as regras, até solicitara exames, e lhe dissera que não havia nenhuma doença. É claro que, se uma pessoa tem um trabalho cansativo e de responsabilidade, no final do turno se sentirá cansada, e isso é natural. Sugeriu que Gino se mexesse, ainda era jovem, de motorista poderia passar a fiscal ou quem sabe, com um pouco de sorte e algum apoio, entrar na administração e sentar-se atrás de uma escrivaninha. Não que isso resolvesse todos os problemas, mas, enfim.

Não que Gino quisesse estar doente, mas aquela conversa o deixara incomodado. O fato é que, quando parava, sentia um certo peso à direita, bem debaixo das costelas. O doutor o apalpara e dissera que era o fígado; não estava nem inchado nem irritado, tinha um fígado saudável, mas ele estava ali, todos têm um, e pode perfeitamente acontecer de alguém ficar muitas horas em pé ou sentado numa posição incômoda e depois sentir que ele está pesado. Fumava, bebia? Não? Então podia ficar tranquilo, bastava não comer frituras e não tomar muitos remédios: sim, porque é justamente o fígado que processa os remédios, deixa-os passar ou não, desintegra-os depois de terem feito o trabalho (se é que o fizeram), de modo que não continuem no sangue, causando problemas.

É também o fígado que administra as gorduras, isto é, fabrica a bile que está alojada na vesícula, e aí, quando solicitada, ela salta fora e vai para o intestino cozinhar os graxos; assim, quanto menos gordura uma pessoa ingerir, menos bile será necessária, e menos o fígado trabalhará. Em conclusão, o seu fígado estava bom, mas ele não deveria fazê-lo trabalhar em excesso. Gino gostava de frituras e

de pratos gordurosos: uma pena. Deveria cuidar do fígado como se faz com um carro quando queremos que ele dure: lavagem e lubrificação regulares, revisões freqüentes na parte elétrica, nos injetores, nas bombas, na bateria e nos freios.

Gino era motorista de ônibus, trabalhava nas linhas 81 e 84, que fazem trajetos cansativos e monótonos, mas todas as linhas urbanas são quase a mesma coisa. É um tédio, mas é preciso manter a atenção, o que é contraditório; além disso, desde que puseram as máquinas no lugar dos cobradores, não há nem sequer a possibilidade de trocar umas palavras com alguém quando se pára ao fim da linha, já que o ônibus chega vazio; e ainda há o incômodo das portas pneumáticas.

Guiava, um olho na rua e outro no retrovisor, e de vez em quando pensava em como somos complicados. Além do fígado, há uma infinidade de miudezas. Qualquer distração, e estamos enrolados; um órgão pára, não funciona mais, ou então funciona mal e começa a fazer coisas que não devia. Como aconteceu com Ernesta, que se descuidou, teve problemas com a tireóide e não conseguia dormir à noite, mas passava o dia com sono, tanto que ele solicitara mudança de turno, mas o chefe de pessoal fora inflexível. É preciso estar atento também à tireóide.

Foi à livraria e comprou um livro que lhe pareceu interessante, mas meio confuso. Por exemplo, a própria alimentação já é um problema, porque, se você come carne, a pressão aumenta e o ácido úrico se deposita; se come pão e massa, torna-se um obeso e vive cinco anos a menos que os outros; e, se come gordura, é o fim do mundo. Frutas são permitidas, mas o preço... mesmo assim, Gino tentou uma dieta, mas depois de três dias teve alguns distúrbios e sentiu uma fome mortal. Porém o que mais o fascinava eram as ilustrações. Ter tantas coisas dentro da pele era maravilhoso, mas também preocupante. Os órgãos eram vistos de frente, de perfil e seccionados, todos superpostos com precisão, sem nenhum vazio entre eles.

A imagem lembrava-lhe o vão do motor dos seus ônibus, que em comparação era um trabalho de amador, de tanto espaço que haviam desperdiçado; sem falar no calor, no barulho e no mau cheiro. Porém, olhando com atenção, ali também conseguiram resolver o problema da simetria, do mesmo modo, ou seja, preocupando-se em salvar as aparências: simétrico por fora, mas não muito por dentro, assim como nós. Uma bela barriga, simétrica, que dá prazer de olhar, especialmente a das mulheres, mas com o fígado à direita, o coração à esquerda, à direita o apêndice; e, sob o capô, o filtro de ar de um lado, o alternador, do outro.

De resto, por que ter tanto escrúpulo com a estética, se quase nunca se vê a parte interna, salvo quando se abre o capô ou quando fazem uma cirurgia em você?

Um grande achado deve ter sido a eliminação de todos aqueles parafusos e engrenagens, aliás, de tudo o que é metálico. Somos feitos de coisas moles, exceto os ossos, e tudo funciona do mesmo jeito. O estômago e o intestino, por exemplo: quase não se movem, mas a comida entra por um lado, faz o seu giro num silêncio quase imperceptível, e do outro lado sai o refugo. Gino começou a prestar atenção a isso, especialmente de noite, e aos poucos percebeu que sim, tudo se movia, mas com a lisura de um relógio.

No livro havia ainda um capítulo sobre hormônios e vitaminas, e Gino se sentiu incomodado. Tudo bem quanto às vitaminas, basta ingerir bastante tomate e limão que o escorbuto não aparece, mas e os hormônios? Não há nada a fazer, cabe a nós fabricá-los. Sabe-se lá como e onde, o livro não diz, talvez no intestino, com o material que sobra, ou talvez na medula dos ossos, onde também se produz o sangue. Mas como? Mistério: o livro trazia figuras e fórmulas, não eram estruturas simples, mas até os animais, as crianças e os selvagens os fabricavam.

São fabricados por si: bela explicação! E se a fabriquinha quebrar? Ou se saírem defeituosos? Por exemplo, hormônios masculinos em vez de femininos, já que as fórmulas (estranhas, mas lindas, todas em hexágonos como os radiadores antigos, em forma de colméia) são quase todas iguais? Bem, caros senhores, e se um deles se engana? Basta um nada, um momento de distração, um detalhe mínimo. Naquela pontinha entre dois hexágonos escapa um CO em vez do CHOH que está no projeto, e eis que de homem você passa a mulher, o convexo se torna côncavo, e talvez você se veja até com uma criança. Enfim, é preciso estar muito atento. E aí se alguém se distrair — como nos semáforos.

Depois de umas semanas, Ernesta e os colegas começaram a caçoar dele por ele andar sempre com o livro. Todos os momentos livres eram dedicados à leitura: no fim da linha e, às vezes, justamente nos sinais vermelhos, quando os passageiros não olhavam. Terminava e então recomeçava do início, descobrindo a cada vez coisas novas, interessantes e assustadoras. Falava disso com todo mundo, mas depois parou, porque começaram a dizer que ele era louco e maníaco; como se eles fossem feitos de ar, como se também não tivessem dentro aquele arsenal a ser vigiado.

Mas era cansativo: dia a dia piorava. De vez em quando, Gino percebia que estava se esquecendo de respirar, ou melhor, aspirava o ar, mas assim, de qualquer jeito, sem apurar o oxigênio e o anidrido carbônico, um para dentro e outro para fora, e então sentia um formigamento nas mãos e nos pés, sinal de que o sangue começava a envenenar-se. Em suma, era preciso concentrar-se e respirar longamente, vinte ou trinta vezes: um dia isso ocorreu quando ele estava em serviço, e os passageiros o observaram sem ousar dizer nada, porque é proibido falar ao motorista. Ele, o motorista, pode até cair duro ali: mas é proibido falar com ele.

O cérebro também o preocupava, mas um pouco menos: de fato, se Gino se preocupava com ele, isso queria dizer que ele pensava, isto é, que o seu cérebro trabalhava, e se funcionava não havia motivo de preocupação. Mas ele se preocupava mesmo assim, esse era o seu jeito. Preocupava-se, por exemplo, em não esquecer as coisas que sabia: no fim das contas, mesmo quem não tem diploma sabe um monte de coisas, e todas elas devem ser escritas dentro da cabeça; se forem muitas, devem ser escritas bem pequenas, e qualquer coisa pode apagá-las. Não sei, uma emoção, um pequeno susto, uma surpresa, e você se esquece do alfabeto ou quem sabe do código de trânsito, e aí é preciso refazer o exame de habilitação.

Mas é claro que o pior problema era o coração. Com ele não se brinca, com ele não há férias — desde que se nasce até quando se morre. O cérebro pode até sair de licença, digamos, quando dormimos ou quando enchamos a cara ou mesmo quando dirigimos um ônibus, porque enquanto as mãos trabalham o cérebro sai a passeio, tanto é que podemos dirigir pensando nas coisas mais disparatadas. Os pulmões também podem sair de férias por alguns minutos: se não, o que seria dos animais submarinos? Mas não o coração, nunca: para ele não há suplentes, turnos de repouso, fim de linha. Terrível. Sem direito a revisão ou manutenção. Serviço permanente e efetivo. Todavia, depois de trinta ou quarenta anos de marcha, até ele precisará de reparos. Vai ver que isso é feito enquanto ele funciona: imaginem trocar uma válvula ou um pistão enquanto o motor a diesel funciona!

No final Gino começou realmente a sentir palpitações, como se o coração parasse por um instante e depois recomeçasse a corrida para recuperar o andamento. O médico também percebeu isso ao medir as linhas do eletrocardiograma: havia mesmo uma arritmia, sem dúvida. Não era nada grave,

mas havia. Sim, podia continuar trabalhando, mas era necessário tomar remédios e ficar mais atento. Mais que atento; Gino agora se extenuava ao dirigir o ônibus — como era possível estar atento ao combustível, ao freio, ao volante, aos sinais, ao comando das portas, à campainha das paradas e, ao mesmo tempo, controlar o coração e todo o resto? Um dia, quando reduzia numa parada, sentiu tudo tremer, num barulho de ferragens e de gente que gritava. Tinha roçado num automóvel estacionado na calçada: por sorte o carro estava em local proibido, e dentro do ônibus não havia ninguém. Mas a empresa o transferiu das ruas para a limpeza da oficina, o que, para alguém da sua idade, era uma canalhice.

Na mesma época, não conseguiu mais falar com Ernesta por telefone: a irmãzinha sempre atendia dizendo que Ernesta acabara de sair e que ela não sabia quando voltaria, como um papagaio amestrado. Gino se deu conta de que estava só e teve vontade de fugir: pediu as contas, fez a mala e tomou o primeiro trem que sairia da estação.

Diálogo de um poeta e de um médico

O jovem poeta hesitou longamente antes de tocar a campainha. Aquela consulta era mesmo indispensável? Quem estava certo, os seus amigos de Milão e de Roma, que louvaram as virtudes quase milagrosas do médico, ou os seus pais, que tentaram impedi-lo e não esconderam o despeito e a vergonha que sentiam, como se uma conversa com um homem sábio e experimentado fosse uma mancha em seu brasão? Mas havia alguns anos vinha sofrendo demais: não queria continuar assim.

O próprio médico veio abrir a porta: pantufas nos pés, despenteado e enrolado num roupão deselegante e puído. Ofereceu-lhe um lugar à escrivaninha; não, não era preciso deitar-se no divã, ao menos por enquanto. O médico o intimidava, mas desde o início causou-lhe boa impressão: não era afetado, não usava palavras difíceis, tinha tato e boas maneiras. Talvez a sua aparência desleixada fosse proposital, para deixar os pacientes mais à vontade. O poeta ficou constrangido (mas o médico também parecia estar) quando o outro lhe fez cautelosamente a anamnese: já fizera radiografias? já usara colete? Mas logo mudou de assunto, ou melhor, deixou que o paciente falasse.

Certamente não lhe faltavam palavras para descrever o seu mal: sentia o universo (que aliás estudara com diligência e amor) como uma imensa máquina inútil, um moinho que triturava eternamente o nada para nada; não mudo, ao contrário, eloqüente, mas surdo, cego e fechado à dor do germe humano; aí está, cada instante de sua vigília era atravessado por essa dor, a única certeza que tinha; não experimentava outras alegrias senão as negativas, isto é, as breves remissões do seu sofrimento. Percebia com impiedosa lucidez que este, e apenas este, era o

destino comum de toda criatura pensante, tanto que freqüentemente invejava a felicidade dos pássaros e dos rebanhos. Era sensível ao esplendor da natureza, mas nele discernia um engano a que toda mente nobre era chamada a resistir: nenhum homem dotado de razão podia negar-se à consciência de que a natureza não é mãe nem mestra do homem, mas sim um vasto poder oculto que, objetivamente, reina para o mal de todos.

A uma pergunta do médico, admitiu que de vez em quando a sua angústia lhe dava trégua: além dos momentos de alegria negativa já mencionados, sentia algum alívio tarde da noite, quando a escuridão e o silêncio do campo lhe permitiam dedicar-se aos estudos, ou melhor, entrincheirar-se neles como numa cidadela. Sim, uma cidadela quente, macia e escura — disse o médico, balançando a cabeça com simpatia. O poeta acrescentou que recentemente tivera um momento de respiro quando fizera um passeio solitário que o conduzira a uma altura moderada. Para além da sebe que limitava o horizonte, colhera por um instante a presença solene e tremenda de um universo aberto, indiferente, mas não hostil; só por um segundo, mas fora tomado de uma inexplicável doçura, que emanava do pensamento de um diluir-se e desatar-se no seio transparente do nada. Fora uma iluminação tão nova e intensa que havia vários dias ele vinha tentando expressá-la em versos.

O médico escutava absorto; depois, com elegância profissional, perguntou-lhe sobre suas relações. O poeta enrubesceu: aquele era um assunto sobre o qual ele não falava com ninguém, muito menos com os pais, mas nem sequer a si mesmo, a não ser nos termos sublimados de sua poesia. Ao médico respondeu apenas que os seus contatos humanos eram escassos: nulos em família, raros com algum amigo erudito, e amores tímidos e distantes. Hesitou e depois disse que sempre tivera um relacionamento doloroso com as mulheres. Apaixonava-se com freqüência e intensamente, mas depois lhe faltava a coragem de manifestar seus sentimentos porque tinha consciência de quanto o seu aspecto era desagradável. Por isso os seus amores eram solitários: nas horas de estudo ou nas longas caminhadas pelos campos, levava consigo uma imagem purificada, ideal e perfeita da mulher amada, ao passo que adorava a mulher de carne e osso, a quem mal ousava erguer o olhar. Sofria terrivelmente com esse desdobramento, tanto que às vezes tentara desafogar-se numa espécie de vingança irracional. Queria punir a mulher pela dor que suscitara nele: em pensamento, e às vezes nos seus versos, a acusava de ser

uma enganadora, de ter procurado aparecer sob seus olhos melhor do que era; de ter querido conquistá-lo e abatê-lo por ambição de caçadora; de não ter sequer condição (nem ela nem mulher nenhuma) de avaliar os efeitos de sua própria beleza, já que esses efeitos são tão avassaladores que superam a capacidade “dessas frentes estreitas”.^a Devia admitir que o amor sempre foi para ele uma fonte de sofrimento, e não de alegria; mas sem amor, de que valia viver?

O médico não insistiu. Tentou animá-lo lembrando que ele ainda era jovem, que o porte físico vale menos do que se pensa e que certamente encontraria uma mulher digna dele, que num instante dissiparia as suas angústias. Meditou por um minuto e depois disse que, para a primeira vez, aquilo era suficiente, e que o seu caso não lhe parecia grave: era mais um hipersensível do que um doente. Um tratamento de apoio, repetido a intervalos de alguns meses, seguramente abrandaria os sofrimentos. Pegou o bloco de receitas e escreveu duas ou três linhas: “Por enquanto tente estes; eles lhe darão alívio, mas não exceda as doses que indiquei”.

O poeta desceu as escadas e dirigiu-se à farmácia mais próxima. Enquanto caminhava, enfiou no bolso do casaco a mão que segurava a receita e nele encontrou uns papéis de que se esquecera. Ali estavam anotados alguns pensamentos que lhe surgiram dias antes, aos quais pensara dar roupagens de canto. Como se fosse movida por vontade própria, sua mão amassou a receita e a atirou ao canal que escorria ao longo da rua.

a Referência aos versos do poema “Aspasia” (“Non cape in quelle/ Anguste fronti ugual concetto”), de Giacomo Leopardi (1798-1837), em quem o conto é inspirado. (N. T.)

Os filhos do vento

É de esperar que as Ilhas do Vento (Mahui e Kaenunu) continuem excluídas do circuito turístico por muito tempo ainda. De resto, não seria fácil adaptá-las para esse fim: o terreno é tão acidentado que não seria possível fazer ali um aeroporto, e na orla é impossível atracar qualquer coisa maior que um barco a remo. A água potável é escassa, aliás, em certos anos não há nem um pinga sequer, e por isso elas nunca abrigaram contingentes humanos permanentes. Entretanto ali aportaram diversas vezes (talvez até em épocas remotas) tripulações polinésias, e por alguns meses, durante o último conflito, um presídio japonês funcionou naquele local. Remonta a essa efêmera presença o único vestígio humano que há nessas ilhas: no ponto mais elevado de Mahui, num modesto e íngreme relevo de cerca de cem metros de altura, se encontram as ruínas de uma base antiaérea talhada na pedra. Dir-se-ia que jamais disparou um tiro: ao seu redor não encontramos nem um cartucho de bala. No entanto achamos em Kaenunu, encravada entre dois rochedos, uma chibata, testemunho de uma violência inexplicável.

Hoje Kaenunu é praticamente deserta. Já em Mahui, quem se armar de paciência e dispuser de boa visão poderá avistar um atoúla ou, mais facilmente, uma de suas fêmeas, uma nacunu. Se excluirmos os casos bem conhecidos de alguns animais domésticos, essa talvez seja a única espécie animal cujos macho e fêmea tenham sido designados com nomes diferentes; mas o fato se explica pelo acentuado dimorfismo sexual que os caracteriza, e que é certamente único entre os mamíferos. Essa espécie singularíssima de roedores só é encontrada nas duas ilhas.

Os atoúlas, isto é, os machos, medem até meio metro e pesam de cinco a oito

quilos. Têm pêlo cinza ou castanho, cauda muito curta, focinho afilado e munido de bigodes pretos, pequenas orelhas triangulares; o ventre é liso, rosado, levemente coberto por uma pelagem rala, o que, como veremos, tem um significado associado à evolução. As fêmeas, de peso bastante superior, são mais compridas e robustas que os machos: têm movimentos mais rápidos e seguros e, segundo relatos de caçadores malaio, seus sentidos são mais desenvolvidos, sobretudo o olfato. O pelame é totalmente distinto: em todas as estações, as fêmeas exibem uma vistosa libré de um preto brilhante, sulcada por quatro estrias fulvas, duas de cada lado, que do focinho atravessam os flancos e se encontram na proximidade da cauda, que é longa e peluda, passando do fulvo ao laranja, ao vermelho-aceso ou à púrpura, de acordo com a idade do animal. Enquanto os machos, sobre as pedras em que repousam, são quase invisíveis, as fêmeas se destacam à distância, mesmo porque têm o costume de balançar a cauda à maneira dos cães. Os machos são lentos e preguiçosos, as fêmeas, ágeis e ativas. Ambos são mudos.

Entre os *atoúlas* não existe cópula. Na estação dos amores, que dura de setembro a novembro e coincide, portanto, com o período de maior seca, os machos, ao despontar do sol, sobem ao cume das elevações, às vezes também nas árvores mais altas, não sem disputas pela conquista das posições mais elevadas. Permanecem ali, sem comer nem beber, durante todo o dia: dirigem o dorso para o vento e, no próprio vento, espargem o seu sêmen. Este é constituído de um líquido fluido, que evapora rapidamente no ar quente e seco, expandindo-se no vento em forma de uma nuvem de poeira fina: cada grão dessa poeira é um espermatozóide. Conseguimos recolhê-los em lâminas de vidro lubrificadas: os espermatozóides dos *atoúlas* são diferentes dos de todas as outras espécies animais, muito semelhantes aos grãos de pólen das plantas anemófilas. Não têm filamento caudal e são recobertos por minúsculos pêlos ramificados e emaranhados, e por isso podem ser arrastados pelo vento a distâncias consideráveis. Na viagem de volta, recolhemos alguns deles a duzentos quilômetros das ilhas e, aparentemente, estavam vivos e férteis. Durante a emissão do sêmen, os *atoúlas* se mantêm imóveis, erguidos sobre as ancas, com as patas anteriores dobradas, agitados por um leve tremor que talvez tenha a função de acelerar a evaporação do líquido seminal da superfície glabra do seu ventre. Quando o vento muda de repente (evento comum naquelas latitudes), é singular o espetáculo dos inúmeros *atoúlas*, cada um ereto sobre o seu cume, todos

voltados para a nova direção do vento, como as grimpas que antigamente eram postas no topo dos telhados. Parecem atentos e tensos, e não reagem aos estímulos: tal comportamento só é explicável se lembrarmos que esses animais não são ameaçados por nenhum predador. Até os caçadores malaios os respeitam — segundo alguns deles, porque uma antiga tradição os considera sagrados para Hatola, o deus do vento, do qual derivaria o seu nome; segundo outros, simplesmente porque a carne deles, neste período, provocaria uma desconhecida doença do intestino.

Na época da disseminação, a fixidez dos machos contrasta com a extrema mobilidade das fêmeas. Guiadas pela visão e pelo olfato, velozes e inquietas, se deslocam de um ponto a outro da campina; não buscam aproximar-se dos machos nem se postar como eles nos locais mais elevados; parecem à procura da melhor posição para que a chuva invisível de sêmen as envolva e, quando consideram que a encontraram, param revirando-se voluptuosamente, mas apenas por alguns minutos; logo em seguida, disparam com um rápido pulo e retomam a dança, subindo e descendo pelos rochedos e pela campina. Nesses dias toda a ilha ferve nas chamas alaranjadas e violáceas de suas caudas, e o vento se carrega de um cheiro agudo, almiscarado, estimulante e embriagador, que arrasta numa corrida sem fim todos os animais da ilha. Os pássaros alçam vôo gritando, revoam em círculos, sobem aos céus feito loucos e depois desabam como pedras; os ratos saltadores, que habitualmente só se deixam entrever nas noites de lua, minúsculas sombras fugidias, saem ao ar livre, ofuscados e perdidos no esplendor do sol, podendo ser capturados com as mãos; até as serpentes saem de suas covas como alucinadas, erguendo-se sobre os últimos anéis da cauda e balançando a cabeça como se seguissem um ritmo. Nas breves noites que interrompiam aqueles dias, nós também experimentamos sonos agitados, repletos de sonhos coloridos e indecifráveis. Não conseguimos estabelecer se o cheiro que invadiu a ilha emana diretamente dos machos ou se, ao contrário, é secretado pelas glândulas inguinais das nacunus.

Sua gestação dura cerca de trinta e cinco dias. O parto e o aleitamento não apresentam nada de notável; os ninhos, construídos com gravetos ao abrigo de algum rochedo, são feitos pelos machos e revestidos com musgo, folhas, às vezes com areia; cada macho prepara mais de um. As fêmeas prestes a parir escolhem

cada uma o seu ninho, examinando diversos deles com atenção e hesitação, mas sem controvérsias. Os “filhos do vento” que nascem, de cinco a oito por ninhada, são minúsculos, mas precoces: poucas horas após o parto, já saem para o sol; os machos aprendem rapidamente a virar o dorso para o vento como os seus pais, e as fêmeas, apesar de ainda desprovidas de libré, se exibem numa cômica paródia da dança das mães. Passados cinco meses, atoúlas e nacunus estão sexualmente maduros, passando a viver em bandos separados, à espera de que a próxima estação de vento prepare as suas núpcias aéreas e distantes.

A fugitiva

Compor uma poesia digna de ser lida e recordada é um dom do destino: acontece a poucas pessoas, fora de toda regra e vontade, e mesmo a essas poucas pessoas ocorre poucas vezes na vida. Isso talvez seja um bem; se o fenômeno fosse mais freqüente, seríamos afogados por mensagens poéticas, nossas e alheias, em prejuízo de todos. Com Pasquale também ocorrera poucas vezes, e sempre a consciência de ter uma poesia no corpo, pronta para ser fisgada no vôo e pregada no papel como uma borboleta, fora acompanhada, nele, de uma sensação curiosa, de uma aura como aquela que antecede os ataques epilépticos: em todas as vezes sentira um leve assovio nos ouvidos, um arrepio de espasmo que o percorreria da cabeça aos pés.

Dissipados em poucos instantes o assovio e o espasmo, achava-se lúcido, com o grão da poesia claro e distinto; tinha apenas que escrevê-lo, e logo os outros versos não tardavam a multiplicar-se ao redor, dóceis e vigorosos. Em quinze minutos o trabalho estava feito: mas essa fulguração, esse processo fulminante em que a concepção e o parto se sucedem quase como o raio e o trovão, havia sido concedida apenas cinco ou seis vezes na vida de Pasquale. Por sorte, não era poeta de profissão: desempenhava um trabalho tranqüilo e tedioso num escritório.

Percebeu os sintomas descritos acima após dois anos de silêncio, enquanto estava sentado à escrivaninha, checando uma apólice de seguro. Aliás, percebeu-os com uma intensidade incomum: o assovio era penetrante, e o espasmo era pouco menos que um tremor convulsivo, que logo desapareceu, deixando-o cheio de vertigens. O verso-chave estava ali, diante dele, como escrito no muro ou talvez dentro de seu crânio. Os colegas nas escrivaninhas próximas não lhe davam

atenção: Pasquale concentrou-se ferozmente no papel que estava à sua frente, e do grão a poesia se irradiou em todas as direções, como um organismo que cresce, e em pouco tempo parou diante dele e parecia tremer, como se fosse uma coisa viva.

Era a poesia mais bonita que Pasquale já havia escrito. Estava ali, sob os seus olhos, sem nenhuma emenda, numa escrita leve, alta e elegante: quase parecia que a folha de rascunho em que fora escrita mal conseguia sustentar-lhe o peso, como uma coluna demasiado frágil sob a carga de uma estátua gigantesca. Eram seis horas; Pasquale a trancou na gaveta e voltou para casa. Pareceu-lhe justo conceder-se um prêmio e, no trajeto, comprou um sorvete.

Na manhã seguinte, escapou precipitadamente para o escritório. Estava impaciente, queria reler o texto, porque bem sabia quanto era difícil julgar uma obra recém-escrita: o valor e o sentido, ou a falta de valor e de sentido, só se tornam claros no dia seguinte. Abriu a gaveta e não viu o papel: no entanto, estava certo de que o havia deixado ali, sobre os demais. Vasculhou todas as folhas, primeiro com fúria, depois com método, mas enfim teve de admitir que a poesia sumira. Procurou em outras gavetas, depois se deu conta de que o papel estava bem na sua frente, na caixa de correspondência. A distração apronta cada uma! Mas como não ficar distraído diante da obra fundamental da própria vida?

Pasquale estava certo de que os seus futuros biógrafos não o recordariam por outra coisa: apenas por sua “Anúnciação”. Releu-a com entusiasmo quase apaixonado. Estava a ponto de levá-la para a fotocopadora quando o diretor o chamou; ausentou-se por uma hora e meia e, quando pôde voltar à sua escrivaninha, a fotocopadora estava quebrada. O eletricitista a consertou por volta das quatro, mas o papel havia acabado. Naquele dia nada seria feito: atento ao incidente da noite anterior, Pasquale recolocou a folha na gaveta com muito cuidado. Fechou, depois se arrependeu e tornou a abrir, até que fechou de novo e foi embora. No dia seguinte, a folha não estava lá.

Aquilo estava ficando irritante. Pasquale revirou todas as gavetas, trazendo à luz papéis esquecidos havia décadas; enquanto vasculhava, tentava inutilmente reencontrar na memória se não o poema inteiro, pelo menos o primeiro verso, aquele núcleo que o iluminara, mas não conseguiu: ao contrário, teve a nítida sensação de que jamais conseguiria. Ele era outro, outro em relação àquele

momento: não era mais o mesmo Pasquale, e nunca se tornaria aquele de novo, do mesmo modo que um morto não revive, e que não passa duas vezes sob a ponte a mesma água do rio. Sentiu na boca um sabor metálico, nauseabundo: o sabor da frustração, do nunca mais. Sentou-se desconsolado na poltroninha do escritório e viu o papel pregado na parede, à sua esquerda, a poucos palmos de sua cabeça. Claro: algum colega resolvera fazer uma brincadeira de mau gosto com ele, talvez alguém que o espiara e descobrira o seu segredo.

Pegou o papel por uma ponta e o descolou da parede, quase sem encontrar resistência: o autor da brincadeira devia ter usado uma cola de má qualidade, ou em pouca quantidade. Notou que o reverso da folha estava ligeiramente granuloso. Pôs o papel sobre o tampo da escrivaninha e, durante todo o expediente, fez de tudo para não sair dali, mas, quando tocou o sinal do meio-dia e todos se levantaram para ir ao refeitório, Pasquale viu que a folha despontava alguns centímetros do tampo. Pegou o papel, dobrou-o em quatro e o enfiou na carteira: afinal, por que não o levar para casa? Faria uma cópia à mão ou o levaria a um xerox; quanto a isso, não havia problema.

Releu a poesia à noite, enquanto voltava para casa de metrô. Ao contrário do que costumava ocorrer, achou-a definitiva: não seria preciso alterar um verso, uma sílaba. De qualquer modo, antes de mostrá-la a Gloria, refletiria mais um pouco, sabe-se como os julgamentos mudam em pouco tempo, a obra-prima da segunda se torna insossa na quarta, ou quem sabe vice-versa. Fechou o papel à chave em sua gaveta particular, no quarto de dormir; mas na manhã seguinte, quando abriu os olhos, o encontrou acima de si, grudado no teto. Dois terços da folha aderiam ao reboco; um terço pendia para o chão.

Pasquale pegou a escada, destacou a folha com precaução e, ao tocá-la, sentiu novamente uma aspereza, especialmente no avesso. Tocou-a com os lábios: não havia dúvida, do papel despontavam minúsculos grãos, que pareciam postos em fila. Pegou uma lente e viu que era isso mesmo: no reverso despontava uma espécie de pelugem mínima, que correspondia aos traços da escrita no outro lado. Destacavam-se sobretudo os traços solitários, as hastes dos *d* e dos *p*, especialmente as pernas dos *n* e dos *m*: por exemplo, no avesso do título, “Anunciação”, despontavam nitidamente as quatro patinhas dos dois *n*. Despontavam como os pêlos de uma barba malfeita, e Pasquale teve até a impressão de que vibravam.

Já era hora de ir ao escritório, e Pasquale estava perplexo. Não sabia onde meter a poesia: entendera que, por algum motivo, talvez até por sua singularidade, pela vida que obviamente a animava, tentava fugir e distanciar-se dele. Decidiu observá-la de perto: paciência, daquela vez teriam de esperá-lo. Sob a lente se via que alguns traços estavam circundados por um entalhe sutil e nítido, na forma de um U estreito e alongado, todos revirados para trás, em direção ao avesso da folha, de modo que, apoiando-se o papel no tampo da escrivaninha, ele ficava suspenso um ou dois milímetros; abaixou-se para observá-lo e viu distintamente a luz entre a folha e o plano.

Viu também algo mais: enquanto olhava, a folha deslocou-se na direção do título, afastando-se dele. Avançava alguns milímetros por segundo, num movimento lento, mas uniforme e contínuo. Girou o papel, trazendo o título para si; depois de alguns instantes a folha retomou a sua marcha, desta vez ao contrário, ou seja, sempre se afastando para a margem oposta da escrivaninha.

Estava ficando tarde; Pasquale tinha um encontro importante às nove e meia, não podia continuar ali. Foi à despensa, achou uma tábua de compensado, pegou a cola e grudou ali o papel: afinal a “Anunciação” era obra sua, coisa sua, de sua propriedade. Era hora de mostrar qual dos dois era mais forte. Foi ao escritório cheio de raiva e não conseguiu apaziguar-se nem no decorrer da delicada negociação que devia levar a cabo, tanto que a conduziu de modo pesado e deselegante, obtendo resultados decididamente medíocres — o que, naturalmente, só fez aumentar a raiva e o mau humor. Sentia-se como um cavalo de corrida preso à roda de um moinho: depois de girar dois dias em círculo você ainda é um cavalo de corrida? Ainda tem vontade de correr, de cruzar a linha em primeiro? Não, você só precisa de silêncio, de descanso, de manjedoura. Sorte que, em casa, a poesia o esperava na manjedoura. Não fugiria mais: como poderia?

De fato, não havia escapado. Encontrou os seus farrapos grudados na tábua, umas vinte ilhas do tamanho de um selo, que correspondiam a cerca de um quinto da folha original. O resto da “Anunciação” desaparecera, desfizera-se em migalhas, minúsculos retalhos triturados e picotados, dispersos pelos cantos da casa: encontrou apenas três ou quatro fragmentos, aplainou-os com cautela, mas estavam ilegíveis.

Pasquale passou o domingo seguinte em tentativas frustradas de reconstituir a

poesia. Desde então deixou de sentir espasmos e assovios; esforçou-se várias vezes, por todo o resto da vida, em trazer à memória o texto perdido: aliás, a intervalos sempre mais raros, escreveu variantes cada vez mais frágeis, exangues, sem nervo.

“Querida mamãe”

“Um posto de fronteira na Bretanha Romana”. Vindolanda, perto da fortificação de Adriano, foi uma grande guarnição romana entre os séculos I e V. Por falta de oxigênio, o sítio arqueológico conservou numerosos objetos de madeira e couro, tecidos e anotações escritas à tinta — entres estas, a carta de acompanhamento de uma remessa, que continha um par de meias de lã enviado a um soldado.

Scientific American, fevereiro de 1977

Querida mamãe,

peço-lhe que me perdoe por não ter escrito desde a sua carta de março do ano passado, que só me chegou no final da primavera. Neste país a primavera não é como aí: aqui as estações não se distinguem, chove no inverno e no verão, e o sol, quando aparece entre as nuvens, é tão fraco no verão quanto no inverno — mas raramente aparece.

Demorei a escrever porque o antigo escrivão morreu. Depois de tantos anos e de tantas cartas que ele redigiu para mim, tínhamos nos tornado amigos, e não era preciso que eu lhe explicasse a cada vez quem eu sou, quem é você e onde mora, como é o nosso vilarejo e tudo o que é necessário saber para que uma carta fale como falaria um mensageiro. O escrivão que hoje lhe escreve estas palavras chegou há pouco tempo. É um homem sábio e culto, mas não é latino nem britânico, e ainda não sabe direito como se vive aqui, de modo que eu o ajudarei mais do que ele a mim. Como eu dizia, não é latino: vem de Canzio, ou seja, do sul, mas sempre trabalhou na administração, fala e escreve latim melhor do que eu, que já ando

meio esquecido. É também um bom feiticeiro e sabe fazer a chuva cair, mas, nestas paragens, esse é um ofício que até eu faria, já que chove quase todos os dias.

Querida mamãe, daqui a quatro anos terminará o meu serviço e poderei voltar à Itália, e aí você conhecerá minha mulher. Nós nos casamos no ano passado, em outubro: até agora não tive coragem de lhe contar porque temia que você discordasse. Mas isso é motivo de alegria, porque Isidora é uma boa esposa. Não se deixe enganar pela sonoridade grega do nome, ela é daqui e não fala outra língua além da sua, mas aqui também os nomes gregos são considerados elegantes; de resto, o escrivão está me explicando neste momento que Isidora, segundo ele, não quer dizer nada em grego, e eu lhe pedi que pusesse isso na carta, assim você ficará mais tranqüila.

É justamente por causa de Isidora que eu estou esquecendo o latim: todos nós da guarnição o estamos esquecendo, porque, casados ou não, no fim das contas falamos todos os dias a língua dos britânicos. Certamente é mais prático, mas os velhos do quartel dizem que é escandaloso. Daí essa coisa ridícula de o escrivão ter de me corrigir como se o bárbaro fosse eu, e não ele. Chama-se Mandubrivo e, além de escrever cartas, também trata da contabilidade, porque nem para fazer contas nós prestamos mais. De vez em quando penso que este é o país do esquecimento, talvez aquele mesmo onde esteve Ulisses naquela vez em que se esquecera de Ítaca e de sua mulher, como se conta às crianças. Mas eu não esqueci o nosso vale, nosso vinho, as ovelhas entre as manhãs de neve do degelo, quando tudo é branco e verde, nem o arco de Cozio no meio da vila nos dias de feira, quando não é pecado beijar as meninas na rua.

Mas não quero entristecê-la, querida mamãe, ao contrário, quero alegrá-la contando como conheci Isidora. Foi há três anos, no dia do solstício de verão, que aqui é uma festa. Tínhamos ido ao teatro, todos nós da guarnição, e também os do vilarejo, quero dizer, todos os que contam: pastores, vendedores de lã e de queijo, comerciantes de madeira, empreiteiros, intermediários, funcionários e sacerdotes. Você deve saber que o circo, isto é, o teatro foi construído há mais de cem anos, no tempo em que ser da guarnição era talvez menos confortável do que hoje, mas fazia mais sentido, porque havia uma guerra com os Vellauni, que estão além da fronteira de Adriano. Naquele tempo os atores e mimos vinham de Roma, e eles dançavam, cantavam e recitavam as comédias, enquanto os empresários

organizavam os jogos com animais: era divertido e se sentia o cheiro de casa. Depois não veio mais ninguém, porque, sabe como é, um soldado só conta enquanto há guerra — e depois não vale muito. Agora o teatro é feito por gente daqui, à maneira deles: dançam descalços em meio a espadas nuas e jogam o arremesso do tronco, que é um espetáculo de ursos. (*Eu, escrevão, aqui escrevo, mas protesto. O arremesso do tronco é uma arte antiga e nobre, que um profano não pode entender.*) O arremesso do tronco consiste em levantar do chão um pau de cem libras, mais alto que a pessoa; correr para a meta carregando o tronco, quase o perseguindo em sua queda; depois parar na meta e arremessá-lo o mais longe possível. Eu acho um jogo sem graça e estúpido, uma coisa de estivadores, que no Coliseu ou até em nossa terra, em Val de Susa, faria rir até as galinhas; porém Isidora, que estava sentada perto de mim, batia as mãos, incitava os jogadores chamando-os pelo nome e se divertia como uma doida, tanto que eu logo me apaixonei por ela. É uma moça de boa família, o pai dela tem quatrocentas ovelhas e quarenta vacas. Até agora não me deu filhos, mas é uma ótima esposa, embora nos dias de umidade se torne hipocondríaca e beba muita cerveja.

Como lhe disse, ela não aprendeu o latim nem pretende aprendê-lo, porque diz que daqui a poucos anos ninguém mais o falará: assim me vi obrigado a aprender a língua dela, o que é uma vantagem, inclusive no trabalho e no trato dos mantimentos. Imagine que tudo aqui é diferente da Itália: a verdura, as ovelhas, o mar, as roupas, as casas, os cães, os peixes, os sapatos; então é natural que os chamemos não com os nomes latinos, mas com os nomes que têm aqui. Não ria se falo de sapatos: num país de chuva e de lama como este, os sapatos são mais importantes do que o pão, tanto que aqui em Vindolanda há mais sapateiros que soldados. Durante nove meses do ano, todos usamos — inclusive as mulheres e as crianças — botas com pinos, que pesam umas duas libras cada.

Além da língua, também aprendi com Isidora os seus jogos de paciência, feitos de pedrinhas coloridas numa mesa pintada em xadrez. Já eu lhe ensinei a jogar dados, mas depois me aborreci, porque ela vencia quase sempre. Depois de um tempo, percebi que os dados estavam viciados: serrei um deles e dentro havia uma bolinha de chumbo, de modo que ele caía preferencialmente no um ou no dois. Foi um presente dela no meu aniversário. Era só uma brincadeira, mas veja como ela é esperta. Acho que Isidora tem uma simpatia excessiva pelos cristãos, embora, pelo

que sei, ela não tenha sido batizada; mas ela me acompanha ao Mitreu, ou melhor, à gruta de Mitra, e quando sacrificam o touro para a aspersão com sangue ela continua a assistir, e não me parece que isso lhe desagrade, aliás, tenho a impressão de que em breve ela aceitará iniciar-se.

Não se assuste com as notícias que chegam dos confins. Aqui dizem coisas terríveis sobre o que se passa no país dos dácios e dos partos, e estou convencido de que lá, por sua vez, devem dizer que nós fomos todos massacrados. No entanto não há país mais tranqüilo do que este: as sentinelas não soam o alarme quase nunca e, quando o fazem, é quase sempre por causa de um cervo ou um javali, que no dia seguinte termina no espeto. Imagine que na semana passada uma das minhas sentinelas, que é um veterano com mais de dez anos de serviço na fronteira, acordou o acampamento por causa de um pato selvagem, e tive de mandá-la à chibata por isso.

Todos nós, veteranos, casados ou não, estamos muito bem-arranjados. Cada um tem uma salinha, e todas as salinhas estão postas em fila e ligadas por um corredor. Em cada sala há um braseiro, onde também se pode cozinhar, e uma varanda; o braseiro é muito usado, e a varanda, pouco. Também temos uma lavanderia e uma enfermaria para os doentes. As mulheres são todas britânicas, assim não brigam entre si; já os meninos não fazem outra coisa além de rolar na lama, mas a gente do lugar diz que a lama faz bem — e de fato as doenças são raras.

Querida mamãe, me escreva contando as notícias daí: o serviço postal é razoável, suas cartas me chegam em sessenta dias, e em pouco mais de sessenta recebi o seu pacote. Estamos no país da lã, mas a lã daqui não é tão macia e tão limpa quanto a que você fia. Agradeço-lhe com afeto filial: toda vez que puser estas meias, meu pensamento voará até você.

No devido tempo

Os faróis já se haviam acendido e o tráfego noturno se tornava mais intenso, mas aquela senhora não dava sinal de querer partir. Já revirara quase toda a loja, queria um corte de tecido inexistente, numa cor que não existia. Giuseppe estava cansado, no alto de todas as escadas dos seus instrumentos de bordo. Cansado de estar de pé, cansado nos pés, cansado de dizer sim senhora, cansado de vender tecidos, cansado de ser Giuseppe, cansado de estar cansado. Em todos os quadrantes sentia o ponteiro pender para o fundo, também cansado. Giuseppe tinha cinquenta anos, vendia panos havia trinta e calculara que, com o tecido que já vendera, daria para fazer um tailleur para a Estátua da Liberdade e um terno para o San Carlone de Arona.

A senhora ainda queria dar uma olhada na peça mais baixa de uma pilha de peças, e Giuseppe estava se desdobrando para tirá-la de lá quando o chamaram ao telefone. Isso quase nunca acontecia, e Giuseppe ficou mais curioso que preocupado: era uma voz masculina, pedindo-lhe um encontro. Para quê? Para um assunto do seu interesse: sim, dizia respeito a ele, Giuseppe N., nascido em Pavia em 9 de outubro de 1930. Parecia que o desconhecido estava a par não só dos seus dados cadastrais, mas também de várias coisas sobre ele. Havia pressa? Não havia pressa; sim, segunda de manhã estava bem. Giuseppe despachou com paciência a cliente e ajudou a fechar a loja.

Na segunda de manhã a loja estava fechada, e Giuseppe acordou tarde. O desconhecido chegou às dez e meia: era de estatura mediana, tinha uns cinquenta anos, cabelos negros no alto da cabeça, mas brancos na nuca e nas têmporas, e não era nem muito instruído nem muito educado, pois se sentou antes que Giuseppe o

convidasse a fazê-lo. Vestia um casaco azul-escuro, de corte vagamente militar, estreito na cintura, com ombreiras e grandes bolsos por todo lado: dois, longos e estreitos, estavam sobre as calças, abaixo dos joelhos; outros dois estavam sob as golas do sobretudo, e sobre um deles havia sido costurado outro bolso, menor, talvez para colocar o bilhete do bonde ou do trem. Giuseppe, que entendia disso, achou que o tecido era de boa qualidade, mas não conseguiu identificar o tipo: talvez fosse sintético, hoje em dia nunca se sabe, a lã é feita de acrílico e as bistecas são feitas de petróleo.

O visitante estava sentado e não falava, não demonstrava impaciência nem parecia esperar que Giuseppe dissesse ou fizesse alguma coisa. Por alguns minutos Giuseppe não ousou fazer-lhe perguntas, limitando-se a observá-lo com mais atenção. Não era muito bonito: tinha a fronte pequena e mal modelada, olhos miúdos, apagados e com poucos cílios, o nariz curto e largo. Largos e robustos eram também os maxilares e a dentadura, mas esta era baixa e parecia estragada, tanto que as bochechas eram mais rugosas e encovadas do que seria de esperar para a idade que transparecia pelo resto da pessoa. Giuseppe se sentia cada vez mais embaraçado e até irritado. O sujeito lhe pedira um encontro, dissera que precisava conversar com ele: por que não falava?

Depois de alguns minutos, o visitante suspirou e então disse:

“Mas que tempos! Até as estações endoidaram, o inverno vai até maio e depois vem logo o verão.” Calou-se de novo, olhou para fora da janela e continuou:

“Os jovens, então... só pensam em divertir-se, nunca em estudar, e em trabalhar, menos ainda. Se continuar assim, estamos perdidos — não, não se pode ir adiante desse jeito. Antes era diferente, todos faziam o seu dever, talvez se comesse um pouco menos, mas havia mais segurança que agora, embora se andasse mais de bicicleta que de carro.”

“Mas o senhor”, interrompeu Giuseppe, “disse ao telefone que precisava falar comigo...”

“Não disse exatamente isso, se o senhor se lembra: apenas disse que estou a par de um assunto que lhe diz respeito, ou algo assim. Sim, realmente não me lembro bem do que lhe disse, mas enfim... sim, aí está, eu sei muitas coisas sobre o senhor. Não recordo o que lhe disse na sexta à noite, mas recordo o que lhe aconteceu quando o senhor tinha cinco anos — estranho, não? Mas quando se envelhece é

assim mesmo. Como naquela vez em que o senhor deslizava sobre um laguinho congelado e o gelo se rompeu e o senhor se feriu no tornozelo com uma lasca de gelo. Não se lembra? Estranho: no entanto a cicatriz ficou aí, à direita.” Giuseppe olhou o tornozelo: sim, a cicatriz de fato existia, mas havia anos ele se esquecera de como e quando ela surgira.

“Só para mostrar que sou bem informado. E naquela vez em que o senhor entrou no quarto de sua mãe sem pedir licença e a viu no momento em que ela calçava as meias? E depois, muitos anos mais tarde, quando o senhor roubou a garota do seu colega, lá na loja, mas logo em seguida se cansou e a dispensou, e ela teve um triste fim.”

Todas essas coisas eram verdade, mas o visitante as contava com ar distraído e vago, como se fizesse todo o possível para perder tempo. Giuseppe se impacientou e perguntou bruscamente: “Afinal o que o senhor quer de mim?”.

“Vim para matá-lo”, respondeu o visitante.

Embora estivesse cansado de muitas coisas, Giuseppe não estava preparado para morrer. Não é verdade que os cansados da vida, ou os que se dizem assim, queiram mesmo morrer: em geral, desejam apenas viver melhor. Disse isso ao desconhecido, mas o outro lhe respondeu com dureza:

“Sabe, o que o senhor deseja ou deixa de desejar não conta muito. Mas não pense que se trata de uma iniciativa minha: essas coisas são decididas longe daqui. Não tenho nada com isso, nem posso dizer que o meu trabalho me agrade muito: é mais ou menos como o senhor com o seu, não sei se me explico bem. Mas é o meu trabalho, não tenho outro; na minha idade, que aliás é igual à sua, não se muda tão facilmente.”

“E... por que logo eu? E quando? Agora? Enfim, já que eu sou o interessado, gostaria de saber um pouco mais.”

“Sabe que o senhor é uma figura? Por quê, quando, como, onde! O senhor tem uma recomendação? É parente de alguém importante? Tem conta-corrente em Zurique? Não? E então! É claro que todos gostariam de saber certas coisas, mas não: gente como o senhor (ou como eu também: quando não estamos em serviço, todos nós somos como um capacho qualquer) deve se contentar, ficar tranqüila e esperar, viver cada dia esperando que não seja o último. Mas, veja, uma coisa eu posso lhe dizer: hoje não se fará nada. Olhe, nem armado estou: hoje é só um pré-

aviso, para o caso de o senhor querer tomar alguma providência. Mas nem isso depende de nós: também devemos esperar e, quando chega o prazo, nos apresentamos e liquidamos a coisa.”

Aquela menção à arma havia perturbado Giuseppe, mas o visitante o tranqüilizou:

“Disse ‘armado’ por força de expressão, nada disso, pode olhar, não tenho nem facas nem pistolas, isso são coisas de outros tempos. Estes bolsos? São para esferográficas, lápis, bloquinho da contabilidade, o senhor sabe, temos de ser precisos no nosso trabalho. Se errarmos uma data ou um endereço, é o maior problema. Com todos os controles que temos que fazer ao final de cada dia, não deveria ocorrer nunca, mas de vez em quando acontece, e aí as pessoas fazem aqueles comentários, ‘tão jovem, uma flor, cheia de saúde’ e assim por diante, e nós sofremos uma penalidade. Não, não, nada de armas, agora temos outros sistemas.”

“Sistemas indolores?”, Giuseppe ousou perguntar. O desconhecido soltou um risinho estranho, descruzou as pernas e debruçou-se sobre ele.

“Bem, este é o ponto. Veja, há diversos sistemas, não passa ano sem que surja um novo, e os mais recentes são praticamente indolores. Porém... aí está a questão, estes são mais caros.” Dito isso, o desconhecido cerrou as poderosas mandíbulas de modo que as suas bochechas frouxas se dobraram sobre si mesmas formando um retículo complicado, e ele ficou imóvel, fixando Giuseppe no rosto. Não era preciso muito para entender o que ele queria dizer, mas Giuseppe estava inseguro quanto à soma a oferecer; nem sequer conseguia imaginar a ordem de grandeza. O outro interveio com desenvoltura: era evidente que não se encontrava naquela situação pela primeira vez, e também era possível perceber que ele tinha idéias precisas sobre o capital de que Giuseppe dispunha. Murmurou sorrindo que “as mortalhas fúnebres não têm bolsos” e que aquele era um dinheiro bem gasto, embolsou o cheque com dignidade, disse a Giuseppe que retornaria no tempo devido, perguntou-lhe se a rua Flavio de Rege era longe, pediu um táxi e partiu.

Tântalo

J á faz muitos anos que me ocupo da produção de vernizes, mais precisamente da sua composição: dessa arte obtenho o meu sustento e o de minha família. É uma arte antiga e, por isso, nobre: seu testemunho mais remoto está no Gênesis 6, 14, onde se narra como, de acordo com uma precisa especificação do Altíssimo, Noé revestiu (provavelmente a pincel) o interior e o exterior da Arca com pez derretido; mas é também uma arte sutilmente fraudulenta, como a que tende a ocultar o substrato conferindo-lhe a cor e a aparência daquilo que não é: sob esse aspecto ela se parece com a cosmética e o adorno, que são artes igualmente ambíguas e quase tão antigas (Isaías 3, 16 ss.).

Os que exercem o nosso ofício são continuamente submetidos às exigências mais variadas: vernizes eletricamente isolantes ou condutores, que transmitam calor ou o reflitam, que impeçam os moluscos de aderir às carenas, que absorvam o som ou que possam ser destacados do substrato como se descasca uma banana. Pedem-nos vernizes que não deixem o pé escorregar, como nas escadas dos aeroportos, e outros que façam o contrário, como os das solas dos esquis. Portanto somos pessoas versáteis e de vasta experiência, habituadas ao sucesso e ao fracasso, e difíceis de se espantar.

Não obstante, ficamos assustados com o pedido que nos chegou do nosso representante em Nápoles, sr. Amato di Prima: orgulhava-se de nos informar que um importante cliente de sua região recebera uma amostra de um verniz que protegia do azar e que substituíam com vantagem as figas, os pés de coelho, os trevos-de-quatro-folhas e os amuletos em geral. Não lhe foi possível interceptar outras informações, com a exceção do preço, que era muito alto; entretanto

consequira apoderar-se de uma amostra que já havia sido enviada pelo correio. Devido ao excepcional interesse do produto, pedia-nos insistentemente que dedicássemos o maior empenho ao assunto, declarava-se confiante numa pronta resolução e despedia-se com as mais cordiais saudações.

Essa história da amostra mirabolante que chega pelos correios, junto com o pedido insistente de dedicar *et cetera* (ou seja, sem eufemismos, de copiá-la), faz parte do nosso trabalho e talvez seja o aspecto mais opaco dele. Gostaríamos de fazer por nossa cabeça: escolher um problema belo e elegante, sair à caça, vislumbrar a solução, persegui-la, acuá-la, transpassá-la, tirar-lhe o excessivo e o inútil, executá-la em laboratório, depois em pequena escala, depois em produção, e disso obter dinheiro e glória — mas quase nunca é assim. Somos muitos neste mundo, e os nossos colegas-rivais na Itália, na América, na Austrália e no Japão não dormem em serviço. Somos afogados por mostras, e de bom grado cairíamos na tentação de atirá-las no lixo ou de devolvê-las ao remetente, se não considerássemos que os nossos produtos também sofrem o mesmo destino, tornando-se por sua vez mirabolantes e sendo astuciosamente capturados e contrabandeados pelos representantes dos nossos concorrentes, analisados, eviscerados e copiados: alguns mal, outros bem, isto é, acrescentando-lhes uma partícula de originalidade e engenho. Daí a existência de uma rede imensa de espionagem e de fecundações cruzadas, que, iluminada por solitários lampejos criativos, constitui o fundamento do Progresso Tecnológico. Enfim, as mostras da concorrência não podem ser jogadas no porão: é preciso ver o que há ali dentro, ainda que a consciência profissional às vezes sofra.

À primeira vista, o verniz que vinha de Nápoles não apresentava nada de especial: o aspecto, o odor e o tempo de secagem eram os mesmos de um simples esmalte acrílico transparente, e todo o caso cheirava a picaretagem a quilômetros de distância. Telefonei a Di Prima, que se mostrou indignado: ele não era do tipo que mandava mostras a torto e a direito, por diversão; aquela especialmente lhe custara tempo e esforço, o produto era interessantíssimo e estava fazendo o maior sucesso na sua área. Documentação técnica? Não existia, não era preciso, a eficácia do produto falava por si. Envernizaram a carena de um barquinho pesqueiro que havia três meses voltava com as redes vazias, e desde então ele passou a fazer pescas espetaculares. Um tipógrafo misturara o verniz com tinta de impressão: a

tinta ressaltava um pouco menos, mas os erros tipográficos desapareceram. Se não éramos capazes de fazer igual, melhor que disséssemos logo; senão, que começássemos a agir, o preço era de sete mil libras por quilo, e ele achava que havia uma grande margem de lucro — ele se comprometia a vender pelo menos vinte toneladas ao mês.

Falei com Chiovatero, que é um rapaz sério e competente. A princípio torceu o nariz, depois pensou melhor e fez a proposta de começarmos pelo mais simples: ou seja, testar o verniz em culturas de *Bacterium coli*. Com que objetivo? Para que as bactérias se multiplicassem melhor ou pior? Chiovatero se irritou, disse-me que não costumava pôr o carro na frente dos bois (querendo insinuar que esse era o *meu* hábito — o que, absolutamente, não é verdade), que depois veríamos, que era preciso começar de algum modo e que “o caminho se faz com o caminhar”. Providenciamos as culturas, envernizamos o exterior das provetas e esperamos. Nenhum de nós era biólogo, mas não era preciso um biólogo para interpretar os resultados. Após cinco dias o efeito era evidente: as culturas protegidas se desenvolveram pelo menos três vezes mais que as similares, as quais também foram revestidas por um verniz acrílico aparentemente igual ao napolitano. Era preciso concluir que este “dava sorte”, inclusive aos microorganismos — conclusão indigesta, mas, como se disse com autoridade, os fatos são algo obstinado. Impunha-se uma análise aprofundada, mas todos sabem como o exame de um verniz é uma tarefa complexa e incerta: quase como o de um organismo vivo. Toda a fantástica maquinaria moderna, o espectro infravermelho, o gascromatógrafo, o NMR, ajudam até certo ponto, deixando muitos ângulos inexplorados; se por acaso o componente-chave não for um metal, só nos resta usar o faro, como os cães. Mas havia um metal na composição: um metal raro, tão inusitado que ninguém no laboratório conhecia por experiência própria as suas reações, e assim tivemos que incinerar quase toda a amostra a fim de obter uma quantidade suficiente para identificá-lo; finalmente o elemento foi analisado e devidamente confirmado, com todas as reações características. Era tântalo, metal bastante respeitável, de nome carregado de alusões, jamais encontrado em vernizes, sendo assim o mais provável responsável pelas virtudes que estávamos buscando. Como sempre ocorre, feito o achado e obtida a confirmação, a presença do tântalo e de sua função específica começou a nos parecer cada vez menos estranha e, finalmente, natural, assim como

hoje ninguém mais se espanta com os raios Röntgen. Molino observou que com o tântalo se fazem recipientes de reação que resistem aos ácidos mais agressivos; Palazzoni lembrou ainda que ele serve à fabricação de próteses cirúrgicas absolutamente imunes à rejeição; daí concluímos que se trata de um metal benéfico, e que fomos tolos em perder tanto tempo com análises: com um pouco de bom senso, poderíamos ter descoberto isso antes.

Em poucos dias conseguimos um sabão de tântalo, que colocamos no verniz e testamos no *Coli*: funcionava, o resultado fora atingido.

Mandamos em seguida uma amostra abundante a Di Prima, para que a distribuisse aos clientes e nos desse um parecer. O parecer chegou dois meses depois e foi entusiástico: ele mesmo, Di Prima, se envernizara da cabeça aos pés e depois passara quatro horas de uma sexta-feira sob uma escada, em companhia de treze gatos pretos, sem que nenhum mal lhe acontecesse. Chiovatero também experimentou, apesar de relutante (não porque fosse supersticioso, mas porque era cético), e teve de admitir que era impossível negar um certo efeito: por dois ou três dias após o tratamento, encontrou todos os semáforos abertos, nenhum telefone ocupado, sua namorada se reconciliou com ele e ele até ganhou um pequeno prêmio na loteria — e tudo naturalmente terminou assim que ele tomou banho.

Lembrei-me imediatamente de Michele Fassio, um ex-colega de escola a quem, desde a adolescência, atribuíam poderes misteriosos. Desgraças sem fim eram imputadas a ele, desde as reprovações nos exames até a queda de uma ponte, uma avalanche ou um naufrágio: todas devidas, segundo a opinião insensata dos seus condiscípulos e colegas, ao poder nefasto e penetrante do seu olho. Eu obviamente não acredito nessas bobagens, mas confesso que muitas vezes evitei encontrá-lo. O pobre do Fassio terminou por acreditar nisso também, nunca se casou e limitou-se a levar uma vida infeliz, de renúncias e solidão. Escrevi-lhe cheio de cuidados, dizendo que eu não acreditava em certas tolices, mas ele provavelmente sim, e que, por conseguinte, nem eu podia crer no remédio que lhe propunha, mas me parecia um dever falar sobre o assunto, pelo menos para ajudá-lo a recuperar a segurança que ele havia perdido. Fassio respondeu que me encontraria o mais rápido possível: estava disposto a submeter-se ao teste. Antes de proceder ao tratamento, e por solicitação de Chiovatero, tentamos aferir de algum modo os poderes de Fassio. Conseguimos constatar que de fato o seu olhar (e somente o seu olhar) possuía

uma ação específica, observável sob certas condições até em objetos inanimados. Pedimos que ele fixasse por alguns minutos um determinado ponto de uma lâmina de aço e então a introduzimos na câmara de suspensão salina; depois de algumas horas, notamos que o ponto fixado por Fassio estava nitidamente mais corroído que o resto da superfície. Um monofilo de polietileno, esticado até o ponto de ruptura, rompia-se regularmente no ponto sobre o qual convergia o olhar de Fassio. Para nossa satisfação, os efeitos desapareciam seja revestindo a lâmina e o fio com o nosso verniz, seja interpondo entre sujeito e objeto uma tela de vidro previamente envernizado. Pudemos ainda verificar que apenas o olho direito de Fassio era ativo: o esquerdo, assim como os meus olhos e os de Chiovatero, não exercia nenhuma ação mensurável. Com os meios de que dispúnhamos, não nos foi possível fazer uma análise espectral do efeito Fassio senão de modo grosseiro; mas é provável que a radiação observada tenha um máximo assinalado no azul, com um comprimento de onda de cerca de 425 Nm: dentro de poucos meses sairá uma nossa publicação exaustiva sobre o assunto. Ora, é sabido que muitos feiticeiros voluntários usam lentes azuis, e não escuras, e isso não pode ser uma coincidência, mas fruto de um longo acúmulo de experiências recebidas talvez inconscientemente e depois transmitidas de geração em geração, como ocorreu com certas drogas da medicina popular.

Em consideração ao trágico resultado dos nossos testes, devo salientar que a idéia de envernizar os óculos de Fassio (eram óculos normais, de presbiopia) não foi minha nem de Chiovatero, mas do próprio Fassio, que aliás fez questão de que a experiência fosse feita imediatamente, sem perda de tempo: ele estava muito impaciente por libertar-se do seu triste poder. Envernizamos os óculos. Após trinta minutos o verniz estava seco: Fassio pôs as lentes e imediatamente caiu desacordado aos nossos pés. O médico, que chegou logo em seguida, tentou em vão reanimá-lo e nos falou vagamente de êmbolo, infarto e trombose: não podia saber que a lente direita usada por Fassio, côncava para o interior, deve ter refletido instantaneamente aquele algo que não podia mais transmitir, concentrando-o em um ponto, como um espelho ustório; e que esse ponto devia localizar-se em algum ângulo impreciso, mas importante, do hemisfério cerebral direito do infeliz e vítima involuntária dos nossos experimentos.

As irmãs do pântano

Minhas humildes irmãs, não me arrogaria o direito de escrever-lhes se não fosse pressionada pela gravidade da hora, mas também pela branda autoridade decorrente de eu ser a mais velha entre vocês e a mais antiga habitante deste pântano.

Vocês sabem quanto a Providência nos tem privilegiado até hoje. Em minha longa vida conheci pântanos bem diversos: pântanos solitários e distantes, onde só por acaso e excepcionalmente penetrava uma criatura de sangue quente, de modo que seus miseráveis inquilinos se contentavam quando podiam furtar um gole de sangue às rãs ou aos peixes, um sangue frio, viscoso e inútil; e outros pântanos vi freqüentados por gente selvagem e feroz, que se rebelava à nossa mordida, tão suave quanto um beijo, arrancando de si nossos corpos indefesos, sem saber que assim os laceravam, lacerando talvez ao mesmo tempo a sua própria pele. Aqui não é assim, ou pelo menos até agora não foi assim: não se esqueçam disso.

Não se esqueçam do generoso e sutil desígnio da Providência, segundo o qual o Camponês é forçado a atravessar duas vezes por dia estas águas a fim de alcançar o seu roçado ao alvorecer e voltar para casa ao cair da noite. Lembrem-se ainda de que a compleição do Camponês não nos poderia ser mais propícia, já que por sorte ele recebeu da Natureza uma pele rude e espessa, insensível às nossas picadas; uma mente simples e paciente; e além disso um sangue admiravelmente rico em nutrientes vitais.

É justamente sobre esse sangue que lhes devo falar, irmãs discretas e pias. Como todas sabem, nossa república é bem ordenada: para cada uma de nós, segundo seus méritos e suas necessidades, nossa Assembléia designou uma porção

cuidadosamente escolhida da pele do Camponês, e foi uma cortesia dedicar a mim, sua Decana, a dobra dos joelhos, onde a pele é mais fina e onde a veia poplítea pulsa próxima à superfície. Ora, certamente vocês não se esqueceram do que é ensinado desde os primeiros anos de escola, ou seja, que essa veia é o indicador mais preciso da pressão sangüínea do corpo humano. Pois bem, basta de mentiras piedosas, minhas queridas irmãs: essa pressão está diminuindo rapidamente. Nós, todas nós, já demos o alarme, e é tempo de tomarmos providências.

Compreendam-me: não quero repreendê-las por isso, eu, que me antecipei a todas e fui a mais ávida de todas; mas ouçam o que lhes tenho a dizer. Deus misericordioso me conclamou a mudar de vida, e eu mudarei, já mudei: que todas vocês façam o mesmo.

Repito, não se trata de uma repreensão: só um insensato poderia pôr em dúvida que sugar o sangue seja nosso direito natural, do qual, outrossim, nossa estirpe aufere o seu nome e o seu orgulho. Não só um direito, mas uma notória e rígida necessidade, haja vista que o nosso corpo, em milhões de anos de sujeição a esse nutrimento tão essencial, perdeu toda a capacidade de buscar, capturar, digerir e processar qualquer substância menos nobre; que os nossos músculos se enfraqueceram a tal ponto que nos impedem o mínimo esforço; e que os nossos cérebros, capazes de atingir a perfeição se votados à contemplação da Enteléquia, do Paraclete e da Quintessência, são no entanto grosseiros e inaptos diante das trivialidades do agir concreto.

Portanto seríamos incapazes de absorver um sustento menos elaborado que o sangue: de resto, qualquer outro alimento seria veneno para nós, que, únicas na Criação, soubemos subtrair-nos à necessidade de evacuar do nosso ventre as escórias cotidianas, pois que nosso alimento admirável não contém nem produz escórias. Este não é o sinal mais eloqüente da nossa nobreza? Quem poderia não reconhecer em nós a coroação e o vértice da Criação?

Sugar o sangue é, pois, necessário e bom, mas é tolice exagerar, assim como é tolo qualquer excesso. Foi-me doloroso constatar que algumas de vocês costumam locupletar-se até pôr em perigo a nossa invejável capacidade de nadar a meia água, reduzindo-se a boiar inertes, com os ventres grotescamente inchados, até que a trabalhosa digestão se complete. Não só, mas também soube de algumas que morreram por súbita ruptura dos tegumentos.

Contudo, não devo falar sobre isso: não sobre essas transgressões vergonhosas, mas de interesse individual, e seguidas de natural e, portanto, justa sanção. Não, pretendo adverti-las de um perigo muito mais grave: se persistirmos em nossos erros, se continuarmos a nos faltar do nosso presente sem pensar no futuro, o que será de nós? Quem ou o que sugaremos quando o Camponês cair exangue? Retornaremos ao soro molesto das carpas e dos sapos? Ou nos sugaremos umas às outras? Ou nos veremos forçadas a refazer uma eternidade de fome, de trevas e de mortes precoces, à espera de que a Evolução nos renove (a que preço, irmãs!), restaurando em nós as faculdades positivas e ativas que detestamos e escarnecemos nas espécies vis de que nos nutrimos, como os castores e os homens?

Por isso as exorto, queridas irmãs: que o senso da medida e o horror ao pecado da gula ressuscitem em vós. Jamais a sobrevivência do Camponês, e portanto a nossa, esteve tão ligada à continência de vocês, bem como ao comedimento que saberão manifestar no exercício do seu direito.

Um testamento

Meu filho dileto, não lhe terão escapado os sinais de que a minha vida mortal chegou ao fim: o sangue escorre pálido e lento por minhas veias, e em meu pulso o vigor de outros tempos se foi. Você encontrará esta carta entre as minhas coisas, junto com o meu testamento hológrafo, mas isto também é um testamento. Não se engane com a concisão: cada palavra que lerá está carregada de experiência; quanto às palavras vazias, aquelas de que fui pródigo em vida, eu as cancelei uma a uma.

Não duvido de que você seguirá as minhas pegadas, tornando-se um tira-dentes como eu fui, e como antes de mim foram os seus ancestrais. Se tal não fosse, seria para mim como uma segunda morte e, para você, um erro: não existe outra arte que se aproxime da nossa em atenuar a dor dos humanos e em penetrar-lhe o valor, os vícios e as vilezas. É minha intenção transmitir-lhe os segredos do ofício.

Dos dentes. Em sua infinita sapiência, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, como se pode ler nas Sagradas Escrituras: note, à sua semelhança, não à sua identidade. A figura humana diverge da divina por alguns aspectos, e entre estes o primeiro é a dentadura. Deus deu ao homem dentes mais corruptíveis do que as outras partes do seu corpo, a fim de que não se esqueça de que é pó, e para que a nossa corporação prospere: veja, pois, que o tira-dentes que abandona o ofício é abominado por Deus, já que se desfaz de um privilégio outorgado por Ele.

Os dentes são feitos de osso, de carne e de nervo; distinguem-se em molares, incisivos e caninos; um nervo liga os dentes caninos aos olhos; nos molares mais recuados, que são os dentes do siso, freqüentemente se aninha um vermezinho. Você poderá encontrar essas e outras qualidades dos dentes nos livros profanos, e

não é preciso que eu insista nisso.

Da música. Que Orfeu amansasse as feras e os demônios do abismo com a sua lira e aplacasse as ondas do mar em tempestade deve ter sido ensinado a você por seus mestres. A música é necessária ao exercício no nosso ofício: um bom tira-dentes deve sempre levar consigo dois trombeteiros e dois tamborins, ou melhor, dois tocadores de caixa, e é aconselhável que todos vistam esplêndidas librés. Quanto mais vigorosa e cheia se propagar a fanfarra pela praça onde você trabalhará, mais respeito lhe devotarão, e a dor do seu paciente será mitigada. Você mesmo o deve ter notado enquanto assistia, menino, ao meu trabalho diário: os gritos dos pacientes se calam, o público o admira com reverência, e os clientes que esperam a sua vez se despem dos mais íntimos temores. Um tira-dentes que trabalhe sem fanfarra é tão indecoroso e vulnerável quanto o corpo de um homem nu.

Agora ouça o que lhe anuncio na minha clarividência de moribundo: virá um dia em que a admirável virtude da música será redescoberta pela classe tola e soberba dos médicos, e eles construirão sutis argumentos para explicar a sua razão física. Afaste-se dos médicos: em sua altivez, eles desdenham os frutos da nossa experiência e se defendem como numa fortaleza dentro dos estéreis ditames do seu adorado Aristóteles. Fuja deles, assim como eles fogem de nós.

Dos erros. Não se esqueça, filho, de que errar é humano, mas admitir o próprio erro é diabólico; lembre-se, por outro lado, de que o nosso ofício, por sua intrínseca natureza, é propenso aos erros. Assim você tentará evitá-los, mas em nenhuma hipótese confessará ter extraído um dente são; aliás, você aproveitará o barulho da orquestra, o atordoamento do paciente, a sua própria dor, seus gritos e suas convulsões para arrancar logo em seguida o dente estragado. Lembre-se de que um golpe rápido e direto no occipício aquieta o paciente mais indócil sem sufocar os seus espíritos vitais e sem despertar a atenção do público. Lembre-se ainda de que, para essas necessidades e outras semelhantes, um bom tira-dentes deve ter o cuidado de manter o carro sempre a postos, não longe do estrado, e com os cavalos atrelados.

Da dor. Deus o proteja de se tornar insensível à dor. Entre nós, só os pessimistas se endurecem a ponto de rir de seus pacientes quando eles sofrem sob as nossas mãos. A experiência também lhe ensinará que a dor, mesmo sendo talvez o único dado dos sentidos de que seja lícito duvidar, é decerto o menos dúbio. É provável

que aquele sábio francês, cujo nome eu esqueço e que afirmava estar certo de existir por estar seguro de pensar, não tenha sofrido muito na vida, porque de outro modo teria construído o seu edifício de certezas sobre uma base distinta. Com efeito, muitas vezes quem pensa não está seguro de pensar, seu pensamento ondula entre a vigília e o sonho, foge-lhe das mãos, nega-se a se deixar aprisionar e fixar no papel em forma de palavras. Entretanto quem sofre, sim, quem sofre jamais tem dúvida, quem sofre está sempre seguro, seguro de sofrer e, logo, de existir.

Faço votos de que você se torne um mestre em nossa arte, sem jamais se tornar seu objeto passivo; mas, se por acaso isso tivesse de ocorrer, como ocorreu comigo, a dor da sua carne lhe dará a brutal certeza de estar vivo, sem que você precise recorrer às fontes da filosofia. Portanto tenha apreço por esta arte: ela fará de você um ministro da dor, um juiz em condição de pôr fim a uma longa dor passada por meio de uma breve dor presente, e de prevenir uma longa dor amanhã graças à punção impiedosa infligida hoje. Nossos adversários escarnecem de nós, dizendo que somos bons em transformar a dor em dinheiro: estúpidos! Esse é o maior elogio ao nosso magistério.

Do discurso persuasivo. O discurso persuasivo, também chamado de convencimento, conduz à decisão os clientes que hesitam entre a dor atual e o temor das tenazes. É de suma importância: até o mais inepto dos tira-dentes se esmera bem ou mal em extrair um dente; mas a excelência da arte só se manifesta plenamente no discurso persuasivo. Este deve ser proferido com voz alta e firme e com o rosto alegre e sereno, como o de quem está seguro e espalha segurança ao redor de si; porém, com a exceção desta, não há outras regras certas. De acordo com o humor a ser farejado entre a assistência, a fala poderá ser jocosa ou austera, nobre ou vulgar, prolixa ou concisa, sutil ou crassa. Em todo o caso, é bom que seja obscura, porque o homem teme a clareza, mêmores talvez da doce penumbra do regaço e do leito em que foi concebido. Lembre-se de que quanto menos os seus ouvintes o entenderem, mais confiança terão em sua sabedoria e mais música ouvirão em suas palavras: assim é feito o vulgo, e o mundo é apenas vulgo.

Por isso você há de pôr em seu discurso palavras de França e de Espanha, alemãs e turcas, latinas e gregas, não importa se pertinentes ou não; se as não souber no momento, habitue-se a cunhar novas de improviso, jamais ouvidas; e não tema que lhe peçam uma explicação, porque isso nunca acontece, pois não terá coragem de

interrogá-lo nem mesmo aquele que subirá ao seu tablado com pé seguro para arrancar um molar.

E nunca, em seu discurso, você chamará as coisas por seu nome. Não dirá dentes, mas protuberâncias mandibulares, ou outra raridade que lhe ocorrer; nem dor, mas paroxismo ou eretismo. Não chamará dinheiro de dinheiro e muito menos tenaz de tenaz, aliás, você não as nomeará em absoluto, nem sequer por alusão, e cuidará para que não sejam percebidas nem pelo público nem, sobretudo, pelo paciente, mantendo-as ocultas na manga até o último instante.

Da mentira. Do que você leu até agora, poderá deduzir que a mentira é um pecado para os outros e, para nós, uma virtude. O engodo faz parte do nosso ofício: convém-nos mentir com a língua, com os olhos, com o sorriso, com a roupa. Não só para iludir os pacientes: como você sabe, miramos mais alto, e a mentira é a nossa verdadeira força, não a dos nossos punhos. Com a mentira, pacientemente aprendida e piamente exercitada, se Deus nos assiste, chegaremos a reger este país e talvez o mundo — mas isso só ocorrerá se soubermos mentir melhor e mais longamente que os nossos adversários. Talvez você testemunhe isso, não eu: será uma nova idade de ouro, em que só em casos de extrema necessidade aceitaremos tirar um dente, enquanto para o governo do Estado e para a administração da coisa pública nos bastará de sobra a mentira pia, levada por nós à perfeição. Se formos capazes disso, o império dos tira-dentes se estenderá do Oriente ao Ocidente, até as ilhas mais remotas, e nunca terá fim.

Presente indicativo

Os bruxos

Wilkins e Goldbaum estiveram ausentes do campo de base nos últimos dois dias: haviam tentado em vão registrar o dialeto dos Siriono do vilarejo Leste, do outro lado do rio, a dez quilômetros da base de Siriono Oeste. Viram fumaça e logo se puseram em marcha para voltar: era uma fumaça densa e negra, que subia lentamente rumo ao céu da noite, bem na direção em que, com a ajuda dos indígenas, eles tinham construído as barracas de madeira e palha. Chegaram à margem em menos de uma hora, olharam a corrente lamacenta e viram o desastre. O campo já não existia: apenas tições e pedaços metálicos, cinzas e resíduos carbonizados. O vilarejo dos Siriono Oeste, a quinhentos metros, estava construído num pequeno remanso do rio; os Siriono estavam esperando por eles, muito excitados, tinham tentado apagar o fogo tirando água do rio com as suas rústicas panelas e baldes, presentes dos dois ingleses, mas não conseguiram salvar nada. Difícil pensar em sabotagem: suas relações com os Siriono eram boas e, além disso, eles não tinham muita familiaridade com o fogo. Provavelmente havia sido uma faísca do gerador, que ficara ligado durante a sua ausência para alimentar a geladeira, ou talvez um curto-circuito. Seja como for, a situação era séria: o rádio não funcionava, e a cidade mais próxima estava a vinte dias de marcha através da floresta.

Até aquele dia os contatos dos dois etnógrafos com os Siriono haviam sido sumários. Só com muito esforço, e corrompendo-o com a doação de duas latas de *corned beef*, tinham conseguido vencer a desconfiança de Achititi, que era o homem mais inteligente e curioso do vilarejo: concordara em responder às suas perguntas falando ao microfone do gravador. Porém, mais que uma necessidade ou um

trabalho, tratava-se até então de um joguinho acadêmico: até Achtiti percebeu isso e divertiu-se visivelmente ao ensinar aos dois o nome das cores, das árvores que circundavam o campo, dos seus amigos e de suas mulheres. Achtiti aprendera algumas palavras do inglês, e eles, uma centena de vocábulos de som áspero e indistinto: quando tentavam reproduzi-los, Achtiti batia na pança com as duas mãos, de tanta alegria.

Agora não era mais um jogo. Eles não se sentiam em condição de seguir um guia Siriono por vinte dias de marcha através da floresta impregnada de água podre. Seria preciso explicar a Achtiti que ele deveria enviar um mensageiro a Candelária com uma mensagem deles, em que pediam uma lancha a motor que subisse o rio a fim de buscá-los e trazer de volta o mensageiro para a tribo; mas não seria fácil explicar a Achtiti o que era uma carta. Enquanto isso, não havia mais nada a fazer senão contar com a hospitalidade dos Siriono por três ou quatro semanas.

Quanto à hospitalidade, não houve dificuldades: Achtiti logo se deu conta da situação e ofereceu aos dois um catre de palha e dois dos curiosos cobertores Siriono, pacientemente trançados em fibra de palma e pluma de garça. Deixaram as explicações para o dia seguinte e dormiram profundamente.

No dia seguinte, Wilkins preparou a carta para Suarez, em Candelária. Tinham pensado em fazer duas versões, uma escrita em espanhol, para Suarez, e outra ideográfica, para que Achtiti e o mensageiro pudessem ter uma idéia do objetivo da missão e deixassem de lado a sua evidente desconfiança. Nela se via o próprio mensageiro a caminho do sudoeste, ao longo do rio; vinte sóis deveriam representar a duração da viagem. Depois se avistava a cidade, altas cabanas com muitos homens e mulheres no meio, vestidos com calças e saias e chapéus na cabeça. Finalmente, um homem maior, que empurrava a lancha para o rio, com três homens e sacos de provisão a bordo, e a lancha que subia a correnteza; nesta última imagem, na lancha também ia o mensageiro, deitado, comendo de uma tigela.

Uiuna, o mensageiro designado por Achtiti, examinou atentamente os desenhos, pedindo explicações por meio de gestos. A direção era aquela que ele indicava no horizonte? E a distância? Mas depois carregou nas costas um alforje de carne-seca, pegou o arco e as flechas e partiu, descalço, rápido e silencioso, com o passo ondulante dos Siriono. Achtiti fazia gestos solenes com a cabeça, como se dissesse

que Uiuna merecia confiança: Goldbaum e Wilkins olharam-se perplexos. Era a primeira vez que um Siriono se afastava tanto do vilarejo e punha os pés na cidade, embora Candelária, com seus cinco mil habitantes, mal pudesse ser considerada uma cidade.

Achtiti trouxe-lhes comida: eram camarões de rio, crus, quatro para cada; duas nozes japara; e uma grande fruta de sumo aquoso e insípido. Goldbaum disse:

“Talvez eles sejam hospitaleiros e nos sustentem ainda que não trabalhemos: neste caso, que seria o mais afortunado, nos darão a sua ração de acordo com a quantidade e a qualidade, e não será fácil. Ou nos pedirão para trabalhar com eles, e nós não sabemos nem caçar nem arar. Já não temos quase nada com que presentearlos. Se Uiuna voltar sem a lancha ou se não voltar, a situação se complica: eles nos expulsarão, e aí morreremos no pântano; ou então nos matarão, como fazem com os seus velhos.”

“À traição?”

“Não creio, nem acho que nos farão violência. Pedirão que a gente siga o costume deles.”

Wilkins se calou por alguns minutos e então disse:

“Temos provisões para dois dias, dois relógios, duas canetas esferográficas, muito dinheiro inútil e o gravador. No campo está tudo destruído, mas talvez a lâmina das facas ainda sirva. Ah, sim, temos também duas caixas de fósforos: talvez seja o que mais interesse a eles. Temos que pelo menos pagar a pensão, certo?”

A negociação com Achtiti foi laboriosa. Achtiti mostrou pouca atenção aos relógios, desinteressou-se das canetas e do dinheiro, assustou-se ao ouvir sua voz sair do gravador. Ficou fascinado com os fósforos: após algumas tentativas frustradas, conseguiu acender um, mas não estava convencido de que fosse uma chama verdadeira, até que pôs um dedo em cima e se queimou. Acendeu outro e constatou com evidente satisfação que, aproximando-o da palha, ela se incendiava. Depois estendeu a mão com ar interrogativo: poderia ficar com todos os fósforos? Goldbaum os retomou prontamente: mostrou a Achtiti que a caixa não estava completa, e que a outra, ainda cheia, era pequena. Fez sinal de que ela era necessária aos dois. Mostrou-lhe um palito e depois o sol e o giro que o sol faz no céu: ele lhe daria um palito a cada dia de abrigo. Achtiti hesitou longamente, agachado sobre os calcanhares, cantarolando uma ladainha nasal; depois entrou

numa cabana e saiu, trazendo na mão uma cumbuca de barro e um arco. Pôs a cumbuca no chão; recolheu um pouco de terra argilosa, ensopou-a com água e mostrou aos dois que a pasta podia ser modelada na forma da cumbuca; enfim apontou para si. Então pegou o arco e o acariciou afetuosamente: era liso, simétrico, robusto. Mostrou aos dois um feixe de ramos longos e retos que jazia perto dali, fazendo notar que a qualidade e a fibra da madeira eram as mesmas. Voltou à cabana e dessa vez saiu com dois raspadores de obsidiana, um grande e um pequeno, e com um bloco de obsidiana cinza.

Os dois o acompanhavam curiosos e perplexos. Achtiti recolheu um seixo e mostrou que, com golpes rápidos e precisos assestados em determinados pontos do bloco, a pedra se laminava com nitidez, sem partir ao meio; em poucos minutos de trabalho estava feito um raspador, ainda rústico, mas já utilizável. Então Achtiti pegou dois galhos do feixe, cada um com pouco menos de um metro, e começou a raspar um deles. Trabalhava com aplicação e habilidade, em silêncio ou cantarolando para dentro: depois de meia hora a madeira já estava afinada numa das pontas, e Achtiti a examinava de tanto em tanto, forçando-a no joelho para sentir se já estava bem flexível. Talvez tenha percebido um sinal de impaciência na atitude ou nos comentários dos dois, porque interrompeu o trabalho, sumiu entre as cabanas e voltou acompanhado de um garoto. Confiou-lhe o segundo galho e outro raspador, e os dois começaram a trabalhar juntos; o garoto não era menos veloz que Achtiti, era evidente que a fabricação de arcos não era um trabalho novo para ele. Quando as duas madeiras atingiram a medida e a forma justas, Achtiti começou a lixá-las com uma pedra áspera, que pareceu a Wilkins um fragmento de esmeril.

“Não parece ter pressa”, disse Goldbaum.

“Os Siriono nunca têm pressa, a pressa é uma doença nossa”, respondeu Wilkins.

“Mas eles têm outras doenças.”

“Sim. Mas não é certo que se possa conceber uma civilização sem doenças.”

“O que você acha que ele quer de nós?”

“Acho que entendi”, disse Wilkins. Achtiti continuava a lixar as madeiras com diligência, girando-as de todos os lados e explorando a superfície com os dedos e os olhos, que era obrigado a forçar porque era meio míope. Finalmente vergou as duas pontas e estendeu entre elas um fio de tripa retorcida: tinha um certo ar de

orgulho e mostrou aos dois que, beliscando-o, o fio soava longamente, como se fosse a corda de uma harpa. Mandou o garoto buscar uma flecha, fez mira e atirou: a flecha cravou-se, vibrando, no tronco de uma palmeira que estava a uns cinquenta metros. Então, com um gesto enfático, passou o arco a Wilkins, fazendo-lhe um gesto de que era seu, ficasse com ele, experimentasse. Depois tirou dois fósforos da caixa já aberta, deu um a Wilkins e outro a Goldbaum, agachou-se no chão, cruzou os braços e ficou à espera — mas sem impaciência.

“Sim, acho que também entendi.”

“É”, respondeu Wilkins, “o discurso é bastante claro: nós, míseros Siriono, se não temos um raspador, nós o fabricamos; e, se ficamos sem arco, com o raspador nós fazemos o arco, quem sabe até o lixamos, para que cause prazer à vista e ao tato. Vocês, bruxos estrangeiros, que roubam a voz dos homens e a colocam numa caixinha, agora ficaram sem fósforos — vamos, comecem a fabricá-los.”

“E então?”

“É preciso explicar os nossos limites.” A duas vozes, ou melhor, a quatro mãos, os dois tentaram convencer Achtiti de que, sim, é verdade que um fósforo é pequeno, muito menor que um arco (esse era um ponto que parecia muito importante para Achtiti), mas que a cabeça do fósforo continha uma virtude (como explicar?) que estava distante deles, no sol, nas profundezas da terra, para além dos rios e da floresta. Estavam penosamente convencidos da inadequação da sua defesa: Achtiti espichava os lábios num bico e dizia ao garoto coisas que o faziam rir.

“Deve estar dizendo que somos bruxos ruins, charlatões que só servem para vender fumaça”, disse Goldbaum. Achtiti era um homem metódico: disse mais coisas ao rapaz, que pegou o arco com algumas flechas e parou a vinte passos de onde eles estavam, com ar decidido; afastou-se e retornou com uma das facas encontradas no campo de base, que o fogo destemperara e oxidara. Recolheu do chão um dos relógios e o estendeu a Wilkins; Wilkins, com o rosto amarelo de quem se apresenta despreparado a um exame importante, fez sinal de impotência: abriu a caixa do relógio e mostrou a Achtiti as engrenagens miúdas, o fino balanceiro que nunca parava, os parafusos minúsculos e depois os próprios dedos: impossível! A mesma coisa, ou quase, ocorreu com o gravador, que no entanto Achtiti não queria tocar: deixou que o próprio Wilkins o recolhesse do chão, mantendo as orelhas tapadas, com medo de ouvir a própria voz. E a faca? Achtiti

parecia querer indicar que se tratava de uma espécie de prova de recuperação, enfim, um teste elementar, fácil para qualquer simplório, bruxo ou não: vamos, fabriquem uma faca. Uma faca não é uma espécie de bichinho com um coração que bate, fácil de matar, mas muito difícil de trazê-lo à vida: não se mexe, não faz barulho e se divide em apenas duas partes; eles mesmos possuíam três ou quatro, compradas dez anos antes a bom preço, por uma braçada de papaias e duas peles de jacaré.

“Responda você, eu já estou cheio.” Goldbaum tinha menos talento mímico e senso diplomático do que o seu colega; agitou os braços numa gesticulação que nem Wilkins entendeu, e Achtiti, pela primeira vez, desatou a rir — mas era um riso pouco tranquilizador.

“O que você queria dizer?”

“Que talvez conseguíssemos fazer uma faca, mas que precisaríamos de pedras especiais, outras pedras abrasivas, que não existem aqui; e muito fogo e muito tempo.”

“Eu não tinha entendido, mas ele provavelmente sim. Tinha motivo para rir: deve ter pensado que só queríamos ganhar tempo até que viessem buscar a gente. É o truque número um de todos os bruxos e profetas.”

Achtiti fez um sinal e surgiram sete ou oito guerreiros robustos. Prenderam os dois e os fecharam numa cabana de troncos sólidos; não havia aberturas, a luz só entrava por interstícios do teto. Goldbaum perguntou: “Acha que ficaremos muito tempo aqui?”. E Wilkins respondeu: “Temo que não, espero que sim”.

Mas os Siriono não são gente feroz. Contentaram-se em deixá-los lá dentro e em espiar as suas farsas, fornecendo-lhes água em abundância e pouca comida. Por algum motivo obscuro, talvez porque se sentisse ofendido, Achtiti não se fez mais ver.

Goldbaum disse: “Sou um bom fotógrafo, mas sem lentes e sem filmes... talvez pudesse fabricar uma câmara escura: o que acha?”.

“Isso os divertiria. Mas eles nos pedem algo mais: querem que demonstremos concretamente que a nossa civilização é superior à deles, que os nossos bruxos são melhores do que os deles.”

“Mas eu não sei fazer muitas coisas com as mãos. Sei guiar um carro. Sei trocar uma lâmpada ou um fusível. Desentupir uma pia, pregar um botão; mas aqui não

há nem pias nem agulhas.”

Wilkins meditava: “Não”, disse, “seria preciso algo mais essencial. Se nos deixarem sair, tentarei desmontar o gravador; não sei bem como é feito por dentro, mas, se tiver um ímã permanente, tudo bem: nós o faremos boiar na água de uma panela e daremos a bússola para eles, junto com a arte de fabricá-la”.

“Não creio que haja um ímã num gravador”, respondeu Goldbaum, “nem acho que eles se interessariam muito por uma bússola. Eles só precisam do sol: não são navegadores e, quando enveredam pela floresta, seguem apenas as trilhas assinaladas.”

“Como se faz a pólvora? Talvez não seja difícil: basta misturar carvão, enxofre e salitre, não é?”

“Teoricamente, sim: mas onde vamos encontrar salitre aqui, no meio do pântano? O enxofre talvez exista, mas sabe-se lá onde; além disso, para que serve a pólvora se eles não têm nem um cano furado?”

“Pronto, tive uma idéia. As pessoas aqui morrem por causa de um arranhão: de septicemia ou de tétano. Vamos fermentar a cevada deles, destilar a infusão e fazer álcool; talvez eles até gostem de bebê-lo, ainda que não seja muito moral. Acho que eles desconhecem os excitantes e as drogas: seria uma bela bruxaria.”

Goldbaum estava cansado: “Não temos fermento, e eu não me sinto capaz de produzir um, nem você. Além disso, queria vê-lo às voltas com os oleiros locais, pedindo que lhe façam uma retorta. Talvez não seja impossível, mas é uma empreitada que nos custaria meses, e estamos falando de dias”.

Não estava claro se os Siriono queriam matá-los de fome ou se pretendiam apenas mantê-los com o mínimo gasto possível, até que a lancha chegasse subindo o rio ou que amadurecessem uma idéia decisiva e convincente. Os dias se passavam num entorpecimento crescente, numa sonolência feita de umidade, pernilongos, fome e humilhação. Entretanto ambos haviam estudado por quase vinte anos, sabiam muitas coisas sobre todas as civilizações humanas antigas e recentes, interessaram-se por todas as tecnologias primitivas, pela metalurgia dos caldeus, pelas cerâmicas micenêias, pela tecelagem pré-colombiana, e agora talvez (*talvez!*) fossem capazes de lascar uma pedra porque Achтитi lhes ensinara, mas não puderam ensinar a Achтитi absolutamente nada: só lhe contaram por gestos as maravilhas nas quais ele não acreditara, ou lhe mostraram os milagres que os dois haviam trazido

consigo, fabricados por outras mãos sob um outro céu.

Após quase um mês de prisão, estavam curtos de idéias e se sentiam reduzidos à impotência definitiva. O enorme e colossal edifício da tecnologia moderna estava fora de alcance, e os dois foram forçados a reconhecer que nenhum dos achados de que a sua civilização se orgulhava podia ser transmitido aos Siriono. Faltava a matéria-prima ou, se ela existisse nas vizinhanças, eles não teriam condições de reconhecê-la ou de isolá-la; nenhuma das artes que eles conheciam teria sido considerada útil aos Siriono. Se um deles soubesse desenhar, poderia fazer o retrato de Achtiti e pelo menos deixá-los maravilhados. Se dispusessem de um ano, talvez pudessem convencer os seus hóspedes da utilidade do alfabeto, adaptá-lo à língua deles e ensinar a Achtiti a arte da escrita. Discutiram por algumas horas o projeto de fabricar sabão para os Siriono: extrairiam o potássio das cinzas da madeira e o óleo das sementes de uma palmeira local — mas de que serviria o sabão aos Siriono? Roupas eles não tinham, e não seria fácil convencê-los da utilidade de lavar-se com sabão.

Finalmente se reduziram a um projeto modesto: os ensinariam a fabricar velas. Modesto, mas irrepreensível; os Siriono tinham sebo, sebo de porco, que usavam para untar os cabelos; quanto ao pavio, podia ser feito com o próprio pêlo do porco. Os Siriono apreciariam a vantagem de iluminar o interior de suas cabanas à noite. Certamente teriam preferido aprender a fabricar um fuzil ou um motor de popa: as velas não eram grande coisa, mas valia a pena tentar.

Estavam justamente tentando restabelecer contato com Achtiti, a fim de negociar a liberdade em troca das velas, quando ouviram um grande rebuliço do lado de fora da prisão. Logo depois a porta foi aberta entre clamores incompreensíveis, e Achtiti lhes fez um sinal para que saíssem à luz intensa do dia: a lancha havia chegado.

A despedida não foi longa nem cerimoniosa. Achtiti afastou-se imediatamente da porta da prisão; acorrou-se sobre os calcanhares voltando-lhes as costas e permaneceu imóvel, como petrificado, enquanto os guerreiros Siriono conduziam os dois até a margem. Rindo e gritando, duas ou três mulheres descobriram o ventre diante deles; todos os outros do vilarejo, inclusive as crianças, balançavam a cabeça cantando “luu, luu” e mostravam-lhes as duas mãos moles e como desarticuladas, deixando-as pender dos pulsos como frutos demasiado maduros.

Wilkins e Goldbaum não tinham bagagem. Subiram na lancha, pilotada pelo próprio Suarez, e lhe pediram que partissem o mais depressa possível.

Os Siriono não foram inventados. Eles de fato existem ou pelo menos existiam até cerca de 1945; mas, pelo que se sabe deles, não sobreviverão por muito tempo, não como um povo. Foram descritos por Allan R. Holmberg numa recente monografia (*The Siriono of Eastern Bolivia*): levam uma existência mínima, que oscila entre o nomadismo e uma agricultura primitiva. Não conhecem os metais, não possuem termos para números superiores a três e, embora devam atravessar freqüentemente rios e pântanos, não sabem construir embarcações; sabem, porém, que um dia souberam construí-las, e entre eles corre a notícia de um herói, cujo nome era o da Lua, que ensinara ao seu povo (então muito mais numeroso) três artes: acender o fogo, escavar pirogas e fabricar arcos. Destas, apenas a última sobrevive: até o modo de fazer fogo foi esquecido. Contaram a Holmberg que, num tempo não muito distante (duas, três gerações atrás: quase na mesma época em que, entre nós, surgiam os primeiros motores a combustão interna, difundia-se a iluminação elétrica e se começava a compreender a complexa estrutura do átomo), alguns deles sabiam fazer fogo friccionando um graveto no furo de uma tábua; mas naquela época os Siriono viviam em outro território, de clima quase desértico, onde era fácil encontrar madeira seca e resina. Agora vivem entre charcos e florestas, em perpétua umidade: por falta de madeira seca, o método do graveto deixou de ser praticado e acabou sendo esquecido.

No entanto o fogo foi preservado. Em cada um dos seus vilarejos ou de seus bandos nômades há pelo menos uma anciã cujo dever é conservar aceso o fogo num braseiro de tufo. Essa arte não é tão difícil quanto a de acender o fogo por fricção, mas tampouco é elementar: especialmente na estação das chuvas, é preciso alimentar a chama com as flores de uma palma, secadas previamente no calor da própria chama. Essas velhas vestais são muito diligentes, porque, se o seu fogo se apagar, elas morrem com ele: não por punição, mas por serem julgadas inúteis. Todos os Siriono considerados inúteis por incapacidade de caçar, de gerar e de arar com o arado de madeira são abandonados à morte. Um Siriono está velho aos quarenta anos.

Repito, não se trata de notícias inventadas. Foram publicadas pela *Scientific*

American em outubro de 1969 e têm um tom sinistro: ensinam que nem sempre, nem em todo lugar, a humanidade está destinada a progredir.

O desafio da molécula

“Já estou farto”, me disse. “Vou mudar. Peço demissão, acho um trabalho qualquer, talvez nos mercados gerais, descarregando coisas. Ou então viajo, vou embora; em viagem se gasta menos do que em casa, e na estrada sempre se acha modo de ganhar algum, mas à fábrica eu não volto.”

Disse-lhe que pensasse mais, que nunca é bom tomar decisões no calor da hora, que não é o caso de desprezar uma vaga na fábrica e que, de qualquer modo, seria melhor se me contasse as coisas desde o início. Rinaldo está matriculado na universidade, mas trabalha em turnos na fábrica: trabalhar em turno é difícil, muda-se de horário e de ritmo de vida todas as semanas, enfim, é preciso habituar-se a não se habituar. Em geral, as pessoas de meia-idade se adaptam melhor do que as mais jovens.

“Não, não é questão de turnos: é que eu perdi uma reação. Oito toneladas estragadas.”

Uma reação perdida é aquela que solidifica na metade do processo, e de líquida se torna gelatinosa ou até dura como uma pedra. Um fenômeno que é descrito por nomes decorosos como congelamento ou polimerização precoce, mas se trata de um evento traumático, feio de ver, além do dinheiro jogado fora. Não deveria ocorrer, mas às vezes acontece, mesmo com toda a atenção, e quando acontece deixa marcas. Disse a Rinaldo que chorar o leite derramado é inútil, mas logo me arrependi, não era justo dizer aquilo a ele; mas o que dizer à pessoa de bem que falhou, que não sabe ainda como, e que carrega a culpa nas costas como um saco cheio de chumbo? A única coisa a fazer é oferecer-lhe um conhaque e convidá-lo a falar.

“Não é pelo chefe, sabe, nem pelo patrão. É pela coisa em si, pelo que ocorreu. Era uma reação simples, eu já tinha feito pelo menos umas trinta vezes, tanto que sabia a prescrição de cor e nem mais olhava...”

Ao longo de minha carreira também me ocorreu de perder várias reações, e por isso sei muito bem de que se trata. Perguntei-lhe: “Será que não foi por isso que houve o problema? Pensava que sabia tudo de cor, mas na hora esqueceu algum detalhe, ou errou uma temperatura, ou pôs dentro algo que não devia?”.

“Não. Chequei logo depois, estava tudo regular. Agora o laboratório está trabalhando no caso, para descobrir o porquê; enfim, estou envolvido, mas, se fiz alguma bobagem, gostaria de saber. Juro, gostaria: preferiria que me dissessem ‘desgraçado, você fez isso e aquilo que não devia’ do que ficar aqui, remoendo perguntas. E foi sorte ninguém ter morrido ou se ferido, nem a estrutura do reator se quebrado. Só houve o prejuízo econômico, e, se eu tivesse dinheiro, palavra, pagaria de bom grado.

“Pois. Cabia a mim o turno da manhã, entrei às seis, e tudo estava em ordem. Antes de sair, Morra deixou-me as orientações. Morra é um velhote que veio de baixo; passou-me a produção com todos os materiais indicados na hora certa, as fichas da balança automática, em suma, nada a objetar — ele não é do tipo de enganar ninguém, nem tinha motivo para isso, já que tudo ia bem. O sol estava apenas começando a despontar, e já dava para ver as montanhas, que pareciam muito próximas. Dei uma olhada no termógrafo, que marcava corretamente; na curva havia até uma elevação às quatro da manhã, que marcava quinze graus a mais, uma curva que é registrada todos os dias, sempre na mesma hora, e nem o engenheiro nem o eletricista souberam explicar por quê; como se a máquina tivesse se habituado a dizer todos os dias a mesma mentira e fosse tomada por um mentiroso, que depois de um tempo cai no descrédito de todos. Dei também uma olhada no visor do reator: não havia fumaça nem espuma, o cozimento estava transparente e girava suave como água. Não era água, era uma resina sintética, uma daquelas que são projetadas para endurecer, mas só depois, nas formas.

“Enfim, eu estava tranquilo, não havia motivo de preocupação. Era preciso esperar mais duas horas antes de começar os testes, e confesso que eu pensava em tudo, menos naquilo. Pensava... bem, pensava naquela confusão de átomos e de moléculas que havia dentro daquele reator, cada molécula como se estivesse ali,

com as mãos estendidas, pronta para agarrar a mão da molécula que passava ali perto e fazer uma corrente. Eu imaginava aqueles grandes homens que haviam adivinhado a existência dos átomos, raciocinando sobre o cheio e o vazio, dois mil anos antes que nós chegássemos com o nosso maquinário e lhes déssemos razão; e como neste verão, no acampamento, minha namorada me fez ler Lucrécio, também me voltou à mente o ‘*Còrpora cònstabúnt ex pàrtibus ínfí-nítis*’, e aquele outro verso que dizia “tudo escorre”. De vez em quando eu olhava pelo visor e me parecia vê-las, todas as moléculas, girando como as abelhas em volta da colméia.

“Enfim, tudo escorria, e eu tinha todas as razões para estar tranqüilo — mesmo porque não havia esquecido o que ensinam quando nos confiam um reator. Ou seja, que tudo vai bem enquanto uma molécula se liga a outra molécula como se cada uma só tivesse duas mãos: mais que uma corrente, um rosário de moléculas, talvez longo, mas nada além disso. Entretanto é preciso sempre lembrar que, entre tantas moléculas, há também as de três mãos, e esse é o ponto mais delicado. Aliás, essa terceira mão é posta de propósito: é aquela que deve agarrar depois, quando nós queremos, e não quando elas desejam. Se essas mãos agarram muito rápido, cada rosário se liga a outros dois ou três rosários, e logo se forma uma única molécula, uma molécula-monstro, do tamanho do reator, e aí tudo está perdido: adeus ao ‘tudo escorre’, tudo endurece e não há mais nada a fazer.”

Eu o observava enquanto ele falava, evitando interrompê-lo, apesar de estar dizendo coisas que sei. Contar lhe fazia bem: seus olhos brilhavam, talvez até pelo efeito do conhaque, mas começava a serenar. Narrar é um remédio certo.

“Bem, como estava dizendo, eu dava uma olhada de vez em quando na reação e pensava nessas coisas que lhe disse, e também em outras que não interessam. Os motores zumbiam tranqüilos, o pente do programador girava devagar e a agulha do termógrafo desenhava no quadrante um perfil preciso, idêntico ao do pente. Dentro do reator o misturador girava com regularidade, e se via que a resina pouco a pouco se tornava mais espessa. Por volta das sete ela começou a grudar na parede e a fazer bolhinhas: esse é um sinal que eu descobri e até ensinei a Morra e ao rapaz do terceiro turno, que nem sei como se chama porque está sempre mudando; o sinal indica que a reação está quase no fim e que é hora de tirar a primeira mostra e testar a viscosidade.

“Desço ao andar de baixo, porque um reator de oito mil não é um brinquedo e

avança uns bons dois metros sob o pavimento, e, enquanto estou ali, pelejando com a torneira de teste, percebo que o motor do misturador muda de tom. Muda pouco, talvez nem meio tom, mas de qualquer modo era um sinal, e um sinal nada agradável. Larguei depressa a amostra e num instante já estava no andar de cima, com o olho colado no visor, e dali se via um espetáculo terrível. Toda a cena mudara: as pás do misturador cortavam uma massa que parecia polenta e que subia a olhos vistos. Interrompi o misturador, já que àquela altura seria inútil, e fiquei ali, como encantado, com os joelhos tremendo. O que fazer? Não havia mais tempo para descarregar a reação, nem para chamar o doutor, que àquela hora ainda estava dormindo; além disso, uma reação perdida é como a morte de alguém: os remédios só nos ocorrem depois.

“Uma massa de espuma começava a subir, lenta, mas implacável. Bolhas que pareciam cabeças de homem vinham à tona: tortas, de todas as formas, com as paredes estriadas como nervos e veias; estouravam e logo em seguida nasciam outras, mas não como as de cerveja, em que a espuma desce e é difícil que saia do copo. Ali continuavam a subir. Chamei gente, vários vieram, inclusive o chefe de setor, e cada um dizia uma coisa, mas ninguém sabia o que fazer, e enquanto isso a espuma já estava a meio metro abaixo do visor. A cada bolha que estourava, voavam cusparadas que grudavam no cristal do visor e o empanavam; em pouco tempo não se veria mais nada. Já estava claro que a espuma não pararia de crescer: subiria até entupir os tubos do refrigerador, e aí adeus.

“Com o misturador desligado era possível ouvir um barulho crescente, como nos filmes de ficção científica, quando está para acontecer algo horrível: um chiado e um marulho cada vez mais fortes, como um intestino doente. Era a minha molécula de oito metros cúbicos, e dentro dela todo o gás que não conseguia escapar, querendo vir à luz, num parto espontâneo. Eu não tinha ânimo nem para fugir nem para ficar ali e esperar: estava cheio de medo, mas também me sentia responsável, a reação era minha. O visor já estava todo coberto, via-se apenas um borrão avermelhado. Não sei se fiz bem ou mal: tinha medo de que o reator explodisse, e então peguei a chave e soltei todos os parafusos da portinhola.

“A portinhola ergueu-se sozinha, não num arranco, mas aos poucos, solenemente, como quando as tumbas se abrem e os mortos se levantam. Transbordou uma gosma pesada e espessa, nojenta, uma coisa amarela, cheia de

gomos e nódulos. Todos pulamos para trás, e assim que ela esfriou no pavimento pareceu assentar-se, e vimos que o volume não era tão grande assim; dentro do reator a massa desceu um meio metro, depois parou ali e aos poucos endureceu. Finalmente o espetáculo terminou; olhamo-nos uns aos outros e as caras não eram nada boas. A minha, então, devia ser a mais feia de todas, mas por sorte não havia espelhos.”

Tentei tranquilizar Rinaldo, ou pelo menos distraí-lo, mas acho que não adiantou, e por uma boa razão: de todas as minhas experiências de trabalho, nenhuma me foi mais estranha e inimiga do que uma reação perdida, qualquer que tenha sido a causa, com prejuízos graves ou irrisórios, com ou sem culpa. Um incêndio ou uma explosão podem ser incidentes muito destrutivos, até trágicos, mas não são torpes como um congelamento. O fenômeno encerra uma qualidade sarcástica: é um gesto de escárnio, a irrisão das coisas sem alma que deveriam obedecer e no entanto se insurgem, um desafio à prudência e à previdência. A “molécula” única, degradada mas gigantesca, que nasce e morre nas suas mãos, é uma mensagem e um símbolo obsceno: símbolo das outras abjeções sem volta e sem remédio, que obscurecem o nosso futuro, do predomínio da confusão sobre a ordem e da morte indecente sobre a vida.

O vale de Guerrino

Subir a pé ou de bicicleta um vale de montanha, um daqueles que percorremos apressadamente dezenas de vezes num automóvel ou em transporte público, é uma empreitada tão gratificante e pouco custosa que nos perguntamos por que são tão raros os que se animam a fazê-lo. Habitualmente se dá preferência ao alto vale, aos pontos culminantes do turismo: o baixo vale permanece desconhecido, mas é aqui que a natureza e as obras do homem trazem mais legíveis e distintas as marcas do passado.

Num desses vales, aos que souberem rastreá-lo, a lembrança de Guerrino ainda está bem viva: Guerrino, o eremita ambulante, desaparecido por volta de 1916, não se sabe como. Hoje só os velhos se lembram dele, e são lembranças apagadas, desbotadas, quase sempre reduzidas a um episódio ou uma citação, como são as memórias que os velhos conservam de quem já era velho na sua juventude. Mas as suas memórias materiais, aquelas que Guerrino disseminou com real prodigalidade por todo o vale, até nas picadas mais distantes e nos dois vales adjacentes, estas são nítidas e perenes, acessíveis a qualquer um: quero dizer, a qualquer um que saiba viajar como um peregrino e que tenha conservado o antigo talento de olhar ao redor e interrogar as coisas e as pessoas com humildade e paciência. De resto, o nome dele sobrevive em alguns símiles de uso local, destinados a se extinguir em breve, já hoje estereotipados e mal compreendidos entre os jovens: naquele vale há ainda quem diga “feio como Guerrino”, “pobre como Guerrino”, “fazer a alguém um serviço de Guerrino”, para indicar uma represália maquinada e elaborada; mas também se diz “livre como Guerrino”. No entanto, dos que ainda falam assim, poucos sabem que o livre e pobre Guerrino realmente existiu, e pouquíssimos

conservam dele uma lembrança concreta.

De seus tempos de juventude ninguém sabe mais nada, nem como chegou ao vale — porque ele era piemontês, mas não nativo. A imagem que ficou é a de um homem atarracado, rosto encovado e mandíbula proeminente, barba grisalha, cheia e descuidada, sujo, maltrapilho, bem plantado em pernas hercúleas; vestia sempre, no inverno e no verão, o mesmo casaco de corte vagamente militar e uma calça de veludo negro, lisa e surrada, frouxa na cintura, sob a enorme barriga que ajudava a sustentar. Como um filósofo cínico, carregava consigo todas as suas coisas, que consistiam em: apetrechos profissionais de pintor de madonas (latas de verniz e de têmpera, pincéis, espátulas, lixas, pás); um carrinho comprido, de duas rodas, que lhe servia para transportar os apetrechos e, ocasionalmente, fazia as vezes de cama; e um cachorro vira-lata, áspero e selvagem, que vivia mordendo o carrinho ao qual sempre estava preso. Nas mudanças, ele seguia a pé, com o olhar no céu e nas montanhas, porque era um homem torvo e hipocondríaco, mas amante das criaturas.

O seu ofício era fazer afrescos em igrejas, capelas e cemitérios. Se necessário, também fazia decorações profanas e restaurava estuques, erguia paredes e telhados, mas só aceitava esses trabalhos se tivesse fome ou se lhe despertassem a fantasia. Se não fosse movido por vontade ou necessidade, ficava na taverna, bebendo em silêncio, ou nas margens do rio, fumando cachimbo.

Suas pinturas no vale são incontáveis. Não estão assinadas, mas é fácil distingui-las pelo contorno pesado, pela predominância de tons vibrantes, vermelhos e violeta, e por uma singular estilização e simetria das figuras. Tinha sangue de pintor: se houvesse estudado, ou se pelo menos tivesse tido ocasião de ver obras ilustres de outros tempos, o seu nome não teria sido esquecido. De qualquer modo, pelo menos uma de suas obras não deveria estar esquecida, um Juízo Universal pintado sobre a fachada de uma igreja perdida entre pinheiros. Foi concebido com um sábio equilíbrio, com uma precisão rústica e vigorosa, e está cheio de símbolos macabros e estranhos, no limite entre a piedade e a ironia, que germinam como gemas monstruosas, entremeadas aos corpos dos inumeráveis ressurrectos do terreno crestado e revolvido: germinam lírios e alcachofras, pequenos esqueletos corcundas, canhões, falos, uma grande mão com o polegar decepado,

uma forca, um cavalo-marinho. Uma das almas que vagueiam à procura desesperada dos próprios despojos é um fantasma diáfano, com os olhos cegos voltados para o céu negro: está vestindo a pele reencontrada com o gesto doméstico de quem põe uma jaqueta.

Essa planície constelada de cenas burlescas ou satíricas é iluminada por uma luz oblíqua e pálida, como um clarão petrificado, perdendo-se num horizonte de ciclone onde impera a figura estatutária do Redentor. O Redentor tem cabelos fartos e barba grisalha, olhos abertos, e traz na mão uma espada que mais parece uma faca. É o seu auto-retrato.

Todas as pinturas de Guerrino contêm ao menos um retrato, e muitas contêm mais de um. São toscos, mas cheios de expressão, alguns quase caricaturais. Destacam-se dos outros rostos, na maioria amaneirados, todos iguais, sem alma, sem tensão criativa, e cada um dos retratados tem a sua história.

Assim como vários confrades mais ilustres, Guerrino também retratava os seus clientes. Se lhe pagavam e o tratavam bem, colocava uma auréola e os vestia de santo. Se lhe pagavam pouco ou implicavam ou vigiavam enquanto ele pintava, criticando o seu trabalho, num segundo ele os pregava nas duas cruzes dos ladrões ou os metia nas vestes de perseguidores do Nosso Senhor: eram eles, reconhecíveis de longe, só que com uma expressão mais bestial, com focinho de porco ou com orelhas de asno. Em um nicho do cemitério há uma Crucificação em que o homem que prende o cravo tem a cabeça do rei Umberto, e o sacerdote que assiste impassível tem, sob a tiara, o rosto de Leão XIII.

Há uma outra pintura dele que agrada muito aos velhos do vale. É uma Natividade bastante simples e convencional, como se vêem às centenas em toda a Itália, salvo que o boi tem feições quase humanas, aliás, é a caricatura feroz e engenhosa de uma fisionomia que hoje ainda é muito comum no vale. Segundo a história que se conta, é o retrato do prefeito: quando o trabalho terminou, ele foi ver; limitou-se a comentar que os bois não são assim e nem convidou Guerrino a brindar, como é o costume. Guerrino não respondeu (parece que quase nunca abria a boca), mas, no meio da noite, uma noite de lua, levantou-se descalço e, sem que nenhum cão latisse, pintou em poucos minutos a cabeça do prefeito no lugar da cara do boi — mas deixando os cornos. De fato as cores e sombras dessa cabeça são estridentes e canhestras: não devia ser fácil reconhecer as tintas sob a luz da lua.

Mas o prefeito devia ser um homem de espírito, porque deixou as coisas como estavam, e como estão até hoje.

Adorava representar a si mesmo sob as vestes de são José: há até uma Sagrada Família, no alto vale, em que o santo trabalhador, em lugar do martelo ou da serra, segura na direita uma brocha, e no fundo escuro da oficina se entrevê uma raspadeira, isto é, aquela placa de madeira com um cabo de um dos lados, que serve para lixar o reboco das paredes. Noutras vezes, como já mencionei, ele não hesitou em conferir os seus traços ao próprio Cristo: numa capela votiva há um Cristo Escarnecido, forte e enfezado, de ombros e zigomas largos, olhos vulpinos sob sobrancelhas densas e farta barba grisalha. Está bem plantado no pavimento, sobre duas pernas sólidas como colunas, e olha os seus perseguidores como se quisesse dizer-lhes: “Vocês me pagam”.

Na verdade, se a identificação com José é em parte justificável, aquela com Cristo é ofensiva. Guerrino devia ser um tipo que inspirava cuidados: de acordo com todos os testemunhos recolhidos, ele bebia, era briguento, vingativo, rápido na faca e gostava das mulheres. Sejam os claros, esta última qualidade não é um defeito: as mulheres, ou pelo menos algumas mulheres, agradaram a todos os grandes homens de qualquer tempo e lugar, e um homem que não gosta de mulheres, ou que não goste nem mesmo de homens, é um infeliz e, tendencialmente, um indivíduo nocivo. Mas Guerrino só gostava das mulheres em certa medida, ou seja, muitas e todas, tanto que não há vilarejo onde não seja apontado aos forasteiros pelo menos um dos seus supostos filhos. De resto, para ser franco, ele devia gostar especialmente das meninas, o que se pode deduzir de suas pinturas murais: as madonas (suas melhores criações: dulcíssimas, hieráticas mas vivas, freqüentemente precisas e nítidas sobre um fundo informe ou inacabado, como se toda a sua vontade e estro estivessem concentrados naqueles rostos) são todas diferentes entre si, mas todas têm traços surpreendentemente infantis. De fato, diz-se que Guerrino condensava nos retratos cada um dos inumeráveis encontros que teve, e que nenhuma das figuras femininas era inventada: cada uma seria um souvenir, talvez uma recompensa agradecida ou quem sabe solicitada, uma prenda de macho satisfeito; ou talvez só um item, um ponto a mais, um risco no seu calendário de fauno. Explorando o vale, notei que se encontram muitos afrescos insignificantes, de outro autor ou de mão desconhecida, ao qual uma

cabeça feminina foi acrescentada ou sobreposta mais tarde, muitas vezes fora de lugar ou fora de tema: nos Inversini encontrei uma até num estábulo, isolada no meio da parede florida de salitre. Talvez aquele tenha sido o lugar do encontro.

No vilarejo de Robatto, na confluência das duas corredeiras, há uma Madona no trono com o Menino e Santos, sobre fundo de um céu azul que o tempo desbotou em verde. Nesse céu aparecem quatro anjinhos, de acordo com um velho e desgastado modelo: mas um deles traz o rosto nítido de uma menina, com o olhar dirigido para o piso e os lábios fechados num sorriso hermético, evocando longínquas imagens funerárias que Guerrino não podia absolutamente conhecer. No chão, em primeiro plano, aparece ajoelhado de perfil um santo fortíssimo, de barba grisalha, que estende uma espiga em direção ao rosto do anjo: corpulentos sobre o fundo amaneirado, santo e anjo trazem a marca firme da mão de Guerrino. Duas dessas madonas meninas têm o rosto negro, como a Madona de Oropa, da qual Guerrino pode ter tido alguma notícia, e a de Czestochowa: pelo que se diz, trata-se do rudimento de um mito remoto, mais de origem etrusca que cristã, em que a Mãe de Deus se confunde com Perséfone, a deusa dos Inferos, significando o ciclo da semente, que todo ano é enterrada e morre para ressurgir em fruto, bem como do Justo, que é sacrificado para ressurgir na nossa salvação. Sob a efigie de uma dessas virgens funéreas Guerrino havia escrito um adágio sibilino: “Tout est et n’est rien”.

É de causar espanto o contraste entre a gentileza de suas obras e a brutalidade bárbara dos seus modos. A fama é que esses encontros, dos quais nasciam imagens aéreas, eram pouco menos que estupros, assaltos pânicos no escuro dos bosques ou nas altas pastagens, sob o olhar atônito das ovelhas, entre os latidos furiosos dos cães. Certamente ele não era o único: a emboscada à pastorinha é o motivo predominante da cultura popular desses vales, em que a pastorinha aparece como objeto sexual por excelência, e pelo menos metade das canções que circulam aqui desenvolve em diversas variantes o tema da pastora espreitada, desejada, conquistada, ou de sua sedução por obra do rico senhor que vem da cidade, ou do forasteiro que a seduz com a sua pompa exótica.

Sobre Guerrino me foi contada uma história terrível. Quando já estava perto dos quarenta, ele se apaixonara por uma jovem muito bonita: apaixonara-se sem nunca se declarar a ela, nem tocá-la, nem sequer vê-la de perto, limitando-se a contemplá-

la na janela. A janela me foi mostrada, e também a mulher: em 1965, era uma velha de traços pequenos e olhos claros, enrugada e serena; trazia com tranqüila dignidade o encanecido nobre das mulheres que foram louras. Ela, da janela, sempre o recusara. Passara toda a vida o recusando, primeiro na juventude, enrubescendo e sorrindo, depois como esposa, finalmente como viúva, enquanto ele repetia por toda a vida o seu convite sem esperança. Quando Guerrino passava por aquele povoado, parava sob a janela e gritava: “Moça, estou sempre aqui”; e ela, sem nunca perder a calma, lhe respondia: “Vá embora, Guerrino, siga seu rumo”, e ele ia, taciturno e solitário. Muitos acreditam que foi por causa daquela mulher, e por seu amor perene, teimoso e sombrio, que Guerrino se tornou Guerrino. Essa mulher, a sua mulher verdadeira, Guerrino nunca pintou.

Como eu dizia, o pintor de madonas desapareceu por volta do final da Primeira Guerra. Ninguém se lembra do sobrenome, e até o nome dele é incerto: Guerrino poderia ser um apelido, como se usa aqui; por isso uma pesquisa nos arquivos parece fadada ao fracasso. Sobre o seu fim só existem indícios. O velho Eliseo, antigo caçador sem licença, hoje guarda-florestal, me contou que por volta de 1935, numa gruta, ou melhor, numa fenda na rocha freqüentada antigamente por catadores de quartzo, ele havia encontrado o esqueleto de um homem e de um cachorro, e numa das paredes da pedra havia um desenho inacabado, que parecia representar um grande pássaro dentro de um ninho de fogo. Não disse nada a ninguém, porque na época estava em débito com a justiça. Voltei lá guiado por ele, mas não encontrei mais nada.

A garota do livro

Umberto já não era tão jovem. Tinha algum problema nos pulmões, e o Sindicato o mandara para a praia por algum tempo. Era o mês de outubro, e Umberto detestava o mar, as meias estações, a solidão e sobretudo a doença; por isso estava de péssimo humor e achava que nunca se curaria, que, ao contrário, sua doença se agravaria e ele morreria ali, de licença, em meio a gente desconhecida; morto de umidade, de tédio e de brisa marinha. Mas era um homem da ordem, que ia para onde o mandavam; se o mandaram para a praia, era sinal de que ele devia ficar ali. De vez em quando pegava o trem e voltava à cidade para passar a noite com Eva, mas depois voltava todo triste, na manhã seguinte, porque lhe parecia que Eva passava muito bem sem ele.

Quando se está habituado a trabalhar, é duro sentir a perda de tempo, e, para não perder muito tempo, ou para não ter a impressão de perdê-lo, Umberto fazia longas caminhadas na orla e pelas colinas costeiras. Fazer uma caminhada não é como fazer uma viagem: em viagem fazemos grandes descobertas; numa caminhada fazemos até muitas, mas pequenas. Pequenos caranguejos verdes que igualmente passeiam pelas pedras, e não é verdade que caminham para trás, mas sim de lado, de maneira engraçada: simpáticos, mas Umberto preferiria cortar um dedo a tocar em um deles. Dragas abandonadas, mas que ainda tinham ao redor a pista circular onde marchava o burro, quem sabe havia quantos e por quantos anos. Duas tavernas extraordinárias, onde havia vinho e pasta caseira que em Milão não se acham nem em sonho. Mas a descoberta mais curiosa tinha sido a Bomboniera.

A Bomboniera era uma vila minúscula, cândida, quadrada, de dois andares, empoleirada numa elevação. Não tinha fachada, ou melhor, tinha quatro, idênticas

entre si, cada qual com uma porta de madeira lustrosa e com intrincados estuques e decorações em *art nouveau*. Os quatro ângulos eram arrematados no alto por quatro graciosas torres que tinham a forma de corolas de tulipa, mas de fato eram toaletes; dava para perceber pelos quatro tubos de cerâmica mal encaixados nos muros, que desciam até o chão. As janelas estavam sempre fechadas por persianas pintadas de preto, e a placa sobre o portão exibia um nome impossível: Harmonika Grinkiavicius. Até a placa era estranha, o nome exótico era circundado por uma tripla moldura elíptica, e de fora para dentro da superfície sucediam-se as cores amarela, verde e vermelha. Esse era o único toque de cor no reboco branco da vila.

Quase sem se dar conta, Umberto adquiriu o hábito de passar todos os dias em frente à Bomboniera. Não era desabitada: raramente visível, ali vivia uma senhora de idade, magra e impecável, de cabelos cândidos como a vila e de rosto um tanto avermelhado. A sra. Grinkiavicius só saía uma vez por dia, sempre na mesma hora, com qualquer tempo, mas por poucos minutos; usava trajes de bom corte, mas fora de moda, uma sombrinha, um chapéu de palha de aba longa e uma fita preta de veludo que lhe envolvia a garganta, sob o queixo. Caminhava com pequenos passos decididos, como se tivesse pressa de chegar a algum lugar, mas sempre fazia o mesmo percurso, retornava e logo se fechava na casa. Nunca aparecia nas janelas.

Não obteve muitas informações dos lojistas. Sim, a senhora era estrangeira, viúva havia pelo menos trinta anos, instruída, rica. Fazia muita beneficência. Ia à missa na manhã dos domingos. Nunca estivera no médico ou no farmacêutico. O marido comprara a vila, mas dele ninguém mais se lembrava, talvez nem fosse marido de verdade. Umberto estava curioso e, de resto, sofria com a solidão; certo dia tomou coragem e deteve a senhora com o pretexto de perguntar-lhe onde ficava uma determinada viela: a senhora respondeu brevemente, com precisão e em bom italiano. Depois disso, Umberto não soube inventar outros artifícios para estabelecer uma conversa; limitou-se a manobrar de modo a cruzar com ela durante o passeio matutino, quando a cumprimentava, e ela respondia sorrindo. Umberto melhorou de saúde e voltou a Milão.

Ele gostava de ler. Topou com um livro que o divertia: eram as memórias de um soldado inglês que havia combatido contra os italianos em Cirenaica, fora feito prisioneiro e confinado perto de Pavia, mas depois conseguira fugir e unir-se aos *partigiani*. Não tinha sido um grande *partigiano*; gostava mais das garotas do que das

armas, descrevia vários amores efêmeros e alegres, e um mais longo e tempestuoso com uma fugitiva lituana. Nesse episódio, a narrativa do inglês passava da andadura ao trote e do trote ao galope: sobre o fundo tenso e sombrio da ocupação alemã e dos bombardeios aliados, desenhavam-se loucas escapadas a dois, de bicicleta, pelas estradas escuras, em meio a rondas e toques de recolher, e temerárias aventuras no submundo do contrabando e do mercado negro. O retrato da lituana era memorável: incansável e indestrutível, exímia atiradora quando necessário, exuberantemente vital; uma Diana-Minerva encarnada no corpo opulento (e difusamente descrito pelo inglês) de uma Juno. Os dois endemoniados se perdiam e reencontravam pelos vales do Apenino, insubmissos a toda disciplina, hoje *partigiani*, amanhã desertores, depois *partigiani* de novo; consumiam jantares prodigiosos em bivaques e cavernas, os quais eram sucedidos por noites heróicas. A lituana era apresentada como uma amante inigualável, impetuosa e refinada: poliglota e polivalente, sabia amar na sua língua, em italiano, em inglês, em russo, em alemão e em pelo menos outras duas línguas rapidamente mencionadas pelo autor. Esses amores torrenciais se espalhavam por trinta páginas antes que o inglês se preocupasse em revelar o nome de sua amazona: só se lembrou disso na trigésima primeira página, e o nome era Harmonika.

Umberto deu um pulo e fechou o livro. A coincidência do nome podia ser casual, mas na tela da sua memória retornava a imagem daquele sobrenome curioso e a elipse colorida que o circundava; aquelas cores também deviam ter um sentido. Em casa, buscou sem sucesso alguma documentação, e na noite seguinte foi à biblioteca e encontrou o que desejava saber: a bandeira da efêmera república lituana, entre as duas guerras mundiais, era amarela, verde e vermelha. Não só: no verbete “Lituânia”, seus olhos bateram em Basanavicius, fundador do primeiro jornal em língua lituana, em Slezavicius, primeiro-ministro nos anos 20, em Stanevicius, poeta do século XVIII (onde não se encontra um poeta do século XVIII!) e em Neveravicius, romancista. Será possível? Será que a taciturna benfeitora e a bacante são a mesma pessoa?

Desde então Umberto não parou de pensar num pretexto para voltar à praia, e até desejou uma leve recaída da pleurite; como não arranjou nada plausível, inventou uma história para Eva e, num sábado, partiu para o mar levando o livro. Sentia-se contente e excitado como um cão de caça na pista de uma raposa;

marchou da estação até a Bomboniera com passo militar, tocou a campainha sem hesitação e entrou logo no assunto, com uma meia mentira inventada na hora. Ele morava em Milão, mas era de Val Tidone: ouvira dizer que a senhora conhecia bem aquelas paragens, das quais ele tinha saudade, e gostaria de conversar com ela. A sra. Grinkiavicius ganhava com a proximidade: a fronte era enrugada, mas fresca e bem modelada, e dos olhos transparecia uma luz feliz. Sim, ela estivera lá, muitos anos antes; mas como ele soubera aquilo?

Umberto contra-atacou: “A senhora é lituana, certo?”.

“Nasci lá; é um país triste. Mas estudei fora, em vários lugares.”

“Então fala muitas línguas?”

A senhora já estava evidentemente na defensiva, e retrucou: “Eu lhe fiz uma pergunta, e o senhor me responde com novas questões. Quero saber como o senhor soube esses fatos sobre mim — acho que é justo, não lhe parece?”.

“Neste livro”, respondeu Umberto.

“Deixe-me vê-lo!”

Umberto tentou uma parada e uma retirada, mas sem convicção; percebeu naquele momento que o real objetivo de sua volta para o mar tinha sido justo esse: queria ver Harmonika no ato de ler as aventuras de Harmonika. A senhora apoderou-se facilmente do volume, sentou-se perto da janela e mergulhou na leitura: apesar de não ter sido convidado, Umberto também se sentou. No rosto de Harmonika, ainda juvenil, mas avermelhado pela rede de veias dilatadas, via-se passar os movimentos da alma como as sombras das nuvens numa planície varrida pelo vento: remorso, divertimento, irritação e outros menos decifráveis. Leu por meia hora e depois devolveu o livro, sem dizer palavra.

“São fatos reais?”, perguntou Umberto. A senhora calou-se por tanto tempo que Umberto temeu que estivesse ofendida; mas depois sorriu e respondeu:

“Olhe para mim. Já se passaram mais de trinta anos, e eu sou outra. Até a memória é outra; não é verdade que as lembranças ficam paradas na memória, congeladas. Sim, me lembro de uma época em que fui diferente. Gostaria de ser a garota do livro: me contentaria só de ter sido, mas nunca o fui exatamente. Não era eu quem arrastava o inglês; lembro-me de mim, tenra, nas mãos dele, como argila. Os meus amores... é isso que lhe interessa, não é? Eles estão bem onde estão: na minha memória, desbotados e secos, com uma sombra de perfume, como flores

num herbário. Na sua, eles se tornaram brilhantes e barulhentos como brinquedos de plástico. Não sei quais são os mais belos. Escolha o senhor: vamos, pegue o seu livro e retorne a Milão.”

Hóspedes

A guerra ainda não havia terminado, mas Sante já tinha o coração em paz. Desceu ao povoado e foi até a casa, cumprimentar o pai: queria tranquilizá-lo de que os alemães já não atacavam como antes, só alguma retaguarda no altiplano e no Grappa, no vale não havia mais nenhum, e até os poucos que ficaram haviam perdido toda a arrogância — mais do que guerrear, só queriam voltar para casa. Corria a notícia de que os americanos já haviam chegado a Pádua e a Vicenza. Colocou a pistola na gaveta do aparador: já que ia para o bar, não era preciso levá-la.

Fazia tempos que não ia ao bar com calma — porque entrar, engolir um trago e escapar era o mesmo que não ir. Ficou ali uma hora, jogando conversa fora com os clientes de sempre, os que nunca faltam: como nos tempos de paz. Quando saiu, já estava escuro, o escuro espesso do breu das noites sem lua. Não estava bêbado, só um pouco alegre, aliás, só de bom humor, e não tanto pelo vinho, mas pela idéia de que dali a três ou quatro noites poderia voltar a dormir em sua cama. Ettore, seu irmão menor, já estava na cama dele, pela primeira vez após mais de um ano; se demorasse a voltar, o encontraria dormindo.

Assim que chegou à praça, ouviu um passo e parou. Sante tinha o ouvido apurado, de contrabandista ou de caçador, e percebeu que não era o passo de alguém do vilarejo: era um passo pesado e duro, uma pisada de bota, e de fato a voz que disse “Alto, quem está aí ?” era uma voz alemã. Sante pensou na pistola e se penitenciou por ter deixado a arma em casa; naquele escuro, e conhecendo todos os cantos do vilarejo, ele poderia se safar de um alemão sozinho. Mesmo assim parou, e fez bem, porque no momento seguinte surgiu um outro, e à luz das

estrelas dava para ver que ambos traziam o parabélum a tiracolo.

Perguntaram-lhe quem era, e Sante respondeu com mentiras preparadas havia muito tempo. Depois indagaram se havia *partigiani* por ali, e Sante, que tinha bom ouvido, entendeu pelo tom de voz que a pergunta não queria dizer “se houver, nós cuidamos deles”, mas “se houver, vamos dar o fora”; respondeu que havia, sim, muitos, armados até os dentes, com metralhadoras poderosíssimas. Os alemães conversaram entre si e então um deles disse que estava com fome; Sante respondeu que o seguissem até a sua casa: não havia muito a oferecer, mas um pouco de pão e queijo eles encontrariam.

A casa ficava a vinte minutos do povoado, subindo uma trilha tortuosa; Sante ia à frente, parando de vez em quando para esperar os dois. Tinham o fôlego curto e paravam com frequência: não deviam ser muito jovens, o que também se notava pela voz. Talvez fossem da milícia territorial, e isso, para os planos que Sante estava fermentando na cabeça, era uma ótima coisa — melhor não ter que lidar com gente muito rápida. Durante o trajeto, Sante tentou tranquilizá-los de todas as maneiras: disse-lhes que tinha medo de tudo, dos alemães, dos *partigiani* e dos fascistas, que tinha família, que era inválido de um braço, que trabalhava na fábrica e que estava afastado por doença, sim, estava convalescendo, ainda meio enfraquecido. Os alemães entendiam italiano muito bem, e também começaram a lamentar-se: um tinha asma, mas o alistaram assim mesmo; e o outro fora ferido nos Bálcãs, mas mesmo assim o mandaram para a Itália, como se o país fosse um hospital, e no entanto...

Em casa tudo estava apagado: todos dormiam, e por enquanto era melhor não acordá-los. Em voz baixa, Sante os convidou a sentar, a ficar à vontade, a largar a mochila: para tirar a mochila, deveriam necessariamente retirar o parabélum. Viu com satisfação que os dois (muito espertos não deviam ser) haviam apoiado as armas no chão, debaixo do banco, sem desativar a trava de segurança. Encontrou pão, queijo e leite, sentou-se diante deles e também comeu um pouco: para não despertar suspeitas, por gentileza e também porque estava com fome. Continuava a falar baixinho, mas os alemães não entendiam que aquilo era um convite para que fizessem o mesmo, e respondiam em voz alta, como aqueles que falam gritando aos forasteiros, como se fossem surdos. O que aconteceria se Ettore e o pai acordassem? Sante ouviu ruídos no quarto de cima e decidiu que era melhor pôr o

plano em ação.

Deu meia-volta, abriu a gaveta do aparador, pegou a pistola, uma bandeirinha tricolor e mostrou a bandeirinha aos alemães, ocultando a arma atrás dela. Contou-lhes duas ou três fábulas a propósito da bandeira: os dois não entendiam muito bem e olhavam como dois bois. De repente, deixou a bandeira cair e os fez erguer as mãos, afastando rapidamente os dois parabéluns para o canto da lareira. Justamente naquele momento ouviu-se o rangido da escada de madeira; o primeiro a entrar foi Ettore, esfregando os olhos, e em seguida o pai, alto e seco, de pijama, com os bigodes desgrenhados. Imóvel e tranqüilo, Sante lhes disse que fizera dois prisioneiros e que não tivessem medo, porque estavam desarmados; disse a Ettore que levasse as mochilas para longe e desse uma olhada dentro; e aos dois, que ao verem o pai se levantaram assustados, mas sempre com as mãos para cima, disse que tudo tinha terminado, que eles não fizessem nenhuma tolice e que, se quisessem terminar o pão e o queijo, podiam se sentar e abaixar as mãos.

Ettore começou a vasculhar, enquanto olhava as botas dos alemães como uma criança olharia uma vitrine de bombons. No fundo de uma das mochilas, em meio a cuecas limpas e sujas, Ettore achou um belo estojo de compassos. Sante o abriu e reconheceu que eram de marca italiana: Ettore podia ficar com eles, seriam úteis na escola, já que em poucos meses as escolas reabririam, mas o pai avançou descalço pela cozinha e disse que nada feito.

Sante tentou insistir timidamente: tinham sido roubados ali, na cidade, e talvez ele até soubesse de quem; além disso, o que os alemães fizeram senão roubar, no atacado e no varejo, tudo, animais, grãos, tabaco, até a lenha do bosque? Mas o pai não quis saber de argumentos: “Os outros podem fazer o que quiserem, mas aqui estamos em minha casa e ninguém toca em nada: se os outros são ladrões, nós somos gente de bem. Eles comeram sob este teto, são nossos hóspedes, ainda que sejam prisioneiros; lutei na Grande Guerra e sei melhor do que vocês como se trata um prisioneiro. Peguem os parabéluns, devolvam as mochilas e os levem sob o seu comando; mas antes dêem a eles mais um pouco de pão com aquele salame que está debaixo da lareira, porque o caminho é longo”.

Os alemães não tinham entendido e tremiam. Sempre os mantendo sob a mira, Sante disse ao pai que tudo bem, que ficasse tranqüilo, ele e Ettore podiam voltar para a cama — mas que antes Ettore fosse buscar Angelo. Ettore tinha apenas

dezessete anos, e para um serviço como aquele era melhor contar com um companheiro mais experiente. O comando ficava a duas horas de caminhada, e durante o percurso Sante teve tempo de arrepender-se de sua escolha: Angelo era um tipo que andava depressa, e Sante teve que suar sete camisas para manter o passo. Outras sete camisas, ou talvez mais, ele teve que suar no próprio comando, porque todos ali, a começar pelo comandante, tinham muitas contas pendentes com os alemães e um desejo enorme de saldá-las imediatamente. Ao final Sante precisou discutir muito, e sorte que o comando o respeitava e tinha até um certo medo dele, por conta de certas incursões solitárias que ele fizera no altiplano; mas talvez os alemães tenham contribuído para salvar a própria pele, porque durante as tratativas os dois ficaram plantados na soleira com um tal ar de cães abatidos que nem pareciam alemães. Enfim concordaram que os mandariam cortar lenha por uns dias, sem maus-tratos, até que fosse possível entregá-los aos aliados. Sante voltou para casa satisfeito: não que os considerasse seus amigos, mas não lhe parecia uma coisa limpa atirar em gente com as mãos para cima, ainda que eles tivessem feito isso com os outros, e como fizeram! Além disso, ele os prendera sozinho, eram seus troféus, estavam sob sua guarda, e não era justo que outros decidissem o destino dos seus prisioneiros.

Oito dias depois a guerra acabou, e Sante, Ettore e muitos outros do vilarejo estavam todos nus, nadando numa poça do Brenta, quando viram passar pela estrada uma fileira de *partigiani* escoltando para Asiago cinco ou seis prisioneiros. O primeiro era um fascista, estava algemado e tinha o rosto pálido e inchado; atrás dele vinham os dois alemães, com as mãos livres e um ar de que estavam bem. Sante saltou para a margem, nu como estava, e os alemães o reconheceram, cumprimentaram e lhe agradeceram. Sante voltou a mergulhar na água límpida e gelada, sentindo-se feliz por ter encerrado a guerra daquele modo.

Decodificação

Do fundo da minha consciência e sensibilidade de fabricante de vernizes, proibiria a venda dessas fantásticas bombinhas que borrifam esmalte de nitrocelulose e servem para retocar as carrocerias danificadas. Se só servissem para esse objetivo, paciência; se também servissem (como de fato serviram pelo menos uma vez) para pintar de amarelo um funcionário público arrogante, paciência de novo — será talvez vilipêndio, mas basta lavar-se com acetato de etil e tudo volta ao normal. Mas não me parece admissível que seja permitido o seu uso para escrever sobre os muros.

Nossos avós diziam que “a muralha é o papel da canalha”, e talvez seja uma generalização muito severa. É possível imaginar, aliás, existem sem dúvida estados de ânimo individuais ou coletivos diante dos quais todo juízo sobre o que é lícito ou ilícito deve permanecer em suspenso, mas isso vale justamente para condições extremas, tempestuosas, extraordinárias: aí todas as regras são reviradas, e não só se escreve nos muros, mas também se fazem barricadas.

Com muito maior razão, nesse clima passam despercebidos o incômodo e o esforço que o envernizar comporta. Antes da era dos sprays, escrever nos muros era uma tarefa um tanto trabalhosa. Sair pela rua com um baldinho de verniz, a brocha gotejante e o solvente para lavar a brocha é cansativo e pouco prático, especialmente à noite; implica um aparato vistoso e pesado, que se presta mal a operações tendencialmente clandestinas e atrapalha as fugas; suja as mãos e a roupa, o que, para piorar, ajuda a identificar os pichadores; finalmente, requer um mínimo de habilidade manual, caso não se queira pôr à luz inscrições e signos disformes e, portanto, contraproducentes. Em suma, é uma atividade que só se

empreende com uma motivação forte, como é justo que seja: não se chega ao topo do Cervino nem se esculpe uma estátua nem se prepara um jantar sem algum esforço. Como se sabe, os frutos de graça não eram bons nem no Paraíso Terrestre; em nossa condição terrestre atual, que não é mais paradisíaca, conduzem a um nocivo rebaixamento dos valores e dos juízos e a uma proliferação de manufaturados que, se não chega a ser nociva, é no mínimo importuna. As artes e as ciências não são incentivadas; ao contrário, são desencorajadas a fim de limitar a irrupção dos *soi-disants* e dos diletantes pouco dotados. Para acumular as águas selvagens, ou seja, para acumular energia e torná-la desfrutável, são necessárias represas.

Essas opiniões e considerações biliosas me ocorreram num fim de tarde de verão, enquanto descia a pé uma estrada de colina: na origem de tudo estava uma sinalização rodoviária, com a cruz de Sant'Andrea anunciando um cruzamento, em que os quatro braços da cruz haviam sido pintados com quatro linhas ortogonais de verniz verde-escuro, transformando-a assim numa suástica. O sinal sucessivo recebera o mesmo retoque; já os postes do lado oriental, isto é, visíveis para quem sobe, continuaram intactos. Era claro que o pichador abusivo vinha do alto. Continuando a descer, encontrei um guard-rail com outra suástica e um muro onde estava pintada a foice estilizada do Ordine Nuovo,^a e ao lado escrito “Chineses, ainda poucos meses”. Mais adiante, na lateral de uma capela, lia-se “w as ss”, com dois S talhados na forma rúnica, predileta e prescrita por Hitler e Rosenberg, que figuravam nas linotipos e máquinas de escrever do Terceiro Reich. Ainda mais adiante, e sempre com o mesmo verniz verde escuro, estava escrito “A nós!”.

Neste ponto, gostaria de esclarecer o meu sentimento. Não só as inscrições fascistas, mas todas as inscrições nos muros me entristecem, porque são inúteis e estúpidas, e a estupidez prejudica o convívio humano. Afora as exceções revolucionárias a que me referi antes, só são admissíveis se forem obra de garotinhos, ou de quem tem idade mental de um garotinho — em geral, dos que não sabem prever o efeito dos próprios atos. Realmente esse veículo de propaganda, tão ostensivo e *untidy*, jamais fez ninguém mudar de opinião, nem o leitor mais tosco, nem sequer convenceu sobre a excelência de um time de futebol; se tanto, convenceu na direção contrária, como ocorre com a publicidade insistente nos cinemas. Irritam-me mais ainda as pichações (são raras) dos que pensam

parecido comigo, porque estas degradam idéias que considero sérias.

Em suma, as inscrições nos muros me desagradam, especialmente se são idiotices fascistas. Segui o meu caminho deparando-me ainda com várias suásticas, todas voltadas para a direita, isto é, obtidas do cruzamento do *n* e do *s*, iniciais de Nacional-Socialismo. Ora, quem desenha suásticas, é provável que as faça metade para a direita e metade para a esquerda; o fato de que todas fossem destrás era sinal ou sintoma de um mínimo de preparo histórico ou ideológico. Tanto pior. Na saída da pista havia ainda a inscrição “W SAM”, em que os traços se perdiam, seja para a direita ou para a esquerda: talvez o pichador tivesse fugido com o carro ou a moto.

Resolvi as coisas que tinha a fazer na cidade e voltei pela mesma estrada. As inscrições guardavam ainda um leve cheiro de solvente, portanto não podiam ser muito antigas: no máximo dois dias. Os pontos mais espessos ainda estavam moles. Enquanto subia lentamente, tentava reconstituir por indícios a personalidade do pichador, uma tarefa sempre cheia de fascínio. Jovem, sem dúvida, pelas razões já referidas. Não muito alto: as suásticas nos postes haviam sido pintadas de baixo para cima, dava para ver pelos escorrimentos. Provavelmente robusto: sabe-se o que os nazistas pensavam dos não-robustos, e é de esperar que os não-robustos (exceto as aberrações) retribuam o mesmo sentimento. Inteligente, não, com certeza. Nem competente como pichador, como se via pela escassa uniformidade dos traços, pelos escorrimentos e manchas correspondentes aos movimentos dos traços. Culto e educado? Difícil dizer: erros ortográficos não havia, a escrita era fluente. Digamos um colegial. Resumindo, a imagem (amplamente arbitrária) que eu havia deduzido era a de um estudante de uns quinze anos, musculoso e atarracado, “de boa família”, emotivamente instável, introvertido, tendente à prepotência e à violência. Quanto à anamnese familiar, os dados eram escassos: talvez o pai fosse fascista, porque entre os escritos verdes havia um “A nós!”, onipresente no período fascista, mas desacreditado entre as jovens gerações; e esse pai devia possuir um carro verde-escuro, porque se alguém compra um spray só para fazer pichações é mais provável que escolha uma tinta vermelha ou preta. Era mais plausível a hipótese de que o pai tivesse comprado o aerossol verde para retocar o carro verde, e que depois o tivesse emprestado ao filho, ou que o filho tivesse pegado a tinta escondido.

Revirando confusamente esses pensamentos, como se faz caminhando, cheguei à

praça de B. Descartei logo a idéia de denunciar as suásticas aos carabineiros: são excelentes em prender ladrões de galinha, mas outras missões, grandes ou pequenas, não lhes despertam os mesmos reflexos de caça e captura. Em vez disso, fui ao “casalinghi”, a única loja de B. que vende vernizes: é claro que o spray podia ter sido comprado bem longe, mas por que não tentar? A senhora “casalinghi” foi eficiente (como sempre é, e eu já a conheço há tempos); sem muito esforço de memória, me respondeu que sim, nos últimos tempos tinha vendido apenas uma bombinha, Verde Alfa 12004, na sexta passada, ao sr. Fissore, às dez da manhã. Perfeito.

Todos nos conhecemos em B. Fissore é um corretor de seguros, gourmet e boa-pinta, meio fanfarrão, ao mesmo tempo cético e crédulo, maldizente mais por leviandade que por maldade; um sujeito fora de época, com mais de oitenta anos de atraso, que não se move bem nos dias de hoje, nega tudo, não quer ver as coisas e fica embarricado nos fins de semana como um soldado no quartel. Não é homem de suásticas. Por isso não havia pensado nele, nem no seu carro, que de fato é verde. Mas e os seus filhos?

Os filhos dos outros não me interessam muito. Talvez me interessassem se eu pudesse entrar em contato com eles, mas isso é impossível. São amebas, nuvens; são indescritíveis, a cada ano, a cada mês, mudam de roupa, de hábito, de linguagem, de rosto; e muito mais de opinião. Para que entrar em intimidades com Proteu? Você o elogiará pela brancura e o encontrará negro como o piche. Terá piedade de suas dores, e ele o destruirá.

Fissore tem um filho e uma filha, mas esta estava fora de questão: estava na Escócia havia um mês. O filho se chama Piero e corresponde mal à imagem aproximativa que eu estava fabricando, exceto pelo fato de ter quinze anos. É magro, tímido, míope, e não creio que se interesse por política; sei disso porque no verão passado lhe dei algumas aulas particulares de álgebra e geometria, e quem já teve essa experiência sabe que as aulas particulares são instrumentos fantásticos de sondagem, sensíveis como sismógrafos. Não chega a ser um introvertido típico, porque fala bastante; é mais um queixoso, um daqueles que tendem a ver o mundo como uma vasta rede de conspirações contra ele, que está no centro do mundo, exposto a todos os abusos. É difícil se curar dessa tendência, que é debilitante, porque os abusos existem. Acho que seria bom ensinar a esses perseguidos que não

só eles estão expostos a abusos, e que se lamentar não serve para nada; é preciso defender-se individual e coletivamente, com tenacidade e inteligência, e também com otimismo. Sem otimismo as batalhas estão perdidas, até contra os moinhos de vento.

Encontrei Piero poucos dias depois: por acaso, porque não achei que valesse a pena importuná-lo ou ficar de tocaia no seu portão, como um leopardo. Perguntei-lhe como tinha ido na escola: primeiro erro. Tinha ido mal: recuperação de história em outubro, e também de matemática; me disse com ar de reprovação, como se fosse minha culpa — não como ex-preceptor, mas por ser outro, um não-Piero, e portanto membro da conspiração contra ele. Percebi um vago sofrimento, constituído de um estrato superficial de despeito e de outro mais profundo, que me parecia remorso, um remorso impreciso, sem endereço, a ser analisado: a sua evidente infelicidade, e o gesto de que eu suspeitava, podiam ser mesmo culpa minha. Dar aulas de geometria a um adolescente não é só um instrumento de diagnose, é também, ou pode ser, uma terapia drástica: pode ser a primeira revelação, numa carreira escolar, da severa potência da razão, da coragem intelectual que rechaça os mitos, e da salutar emoção de vislumbrar na própria mente um espelho do universo. Pode ser um antídoto contra a retórica, a aproximação, a acídia; pode ser, para o jovem, uma verificação alegre da sua musculatura mental, a ocasião de desenvolvê-la. Talvez eu tenha feito um uso escasso, nulo ou inadequado dessa terapia com ele. Pude observá-lo bem de perto. É mais ossudo que magro, os olhos atrás dos óculos são inseguros, vacilantes, como se hesitassem sobre onde mirar. Não sabia por onde começar minha pesquisa; por fim, achando que a via direta fosse a melhor, perguntei-lhe se tinha visto as inscrições verdes no alto da estrada. “Fui eu que fiz”, respondeu-me com simplicidade. “Já estou cheio, é hora de acabar com isso.”

“Cheio de quê?”

“De tudo. Da escola. De ter quinze anos. Deste país. Da matemática: para que me serve? Eu vou ser advogado, ou melhor, juiz.”

“Por que juiz?”

“Para... para fazer justiça. Para que as pessoas paguem; cada uma a sua conta.”

Estávamos sentados numa mureta, e Piero agitava uma mão no bolso da calça, que estava estranhamente volumoso. Pouco a pouco, maquinalmente, sacou uma

bolinha de pingue-pongue, depois uma bala, uma fotografia amassada, dois cigarros retorcidos, um distintivo rubro-negro que não consegui identificar, uma presilha, um lenço com dois nós, um prendedor de cabelo. Em silêncio, dispôs tudo sobre a mureta, entre mim e ele: fingia estar distraído, mas percebi que se tratava de uma cena, de uma representação dirigida a mim. Finalmente disse: “Ela também me deixou”, pegou o prendedor e, com um impulso irônico, o atirou no rio que corria profundo, aos pés da mureta, entre o capim e velhas embalagens.

Não me pareceu oportuno levar adiante as sondagens. Piero olhava o vazio roendo as unhas; depois deixou cair no rio, um por um, os outros símbolos para mim indecifráveis, com a exceção do lenço, que recolocou no bolso. Eu pensava que, se dependesse dele, os chineses poderiam viver por muito tempo. Pensava também na essencial ambigüidade das mensagens que cada um de nós vai deixando para trás, do nascimento até a morte, e na nossa profunda incapacidade de reconstruir uma pessoa por meio delas, o homem que vive a partir do homem que escreve: quem quer que escreva, mesmo que apenas nos muros, o faz em um código que é só seu, que os outros desconhecem — e quem fala, também. Transmitir com clareza, exprimir, exprimir-se e tornar-se explícito é coisa para poucos: alguns poderiam e não querem, outros gostariam, mas não podem, e a maior parte não quer nem sabe.

Mas pensava também na força desconhecida dos fracos, dos não-adaptados: no nosso mundo instável, um fracasso, mesmo um fracasso risível como o de Piero, adolescente em recuperação e abandonado pela namorada, pode provocar outros, em cadeia; uma frustração, outras frustrações. Pensava em como é desagradável ajudar os homens desagradáveis, que são os mais necessitados de ajuda; e pensava finalmente nos outros milhares de inscrições nos muros italianos, lavados pelas chuvas e pelos sóis de quarenta anos, freqüentemente esburacados pelas guerras que contribuíram a desencadear, e no entanto ainda legíveis, graças à viciosa persistência dos vernizes e dos cadáveres, que se corrompem em pouco tempo, mas cujos despojos duram, macabros, na eternidade: inscrições tragicamente irônicas, mas talvez ainda capazes de suscitar erros pelo seu erro, e naufragos por seu naufrágio.

a O Ordine Nuovo foi fundado em 1957 como uma dissidência neofascista do MSI (Movimento Sociale Italiano).
(N. T.)

Fim de semana

Em julho de 1942, Silvio e eu falávamos muito do Disgrazia. Para quem, como nós, vivia e trabalhava na cidade, falar de montanha, fazer roteiros detalhados, consultar guias e mapas era um sucedâneo razoável, além de barato e prático: enfim, era uma forma de voyeurismo que, dadas as circunstâncias, considerávamos legítima. O fato de que metade do planeta estivesse numa guerra encarniçada, que Milão estivesse sob uma chuva de bombardeios e que as cadeias das leis raciais se fechassem ao nosso redor nos preocupava, mas não nos angustiava nem nos impedia de tirar proveito dos nossos vinte e cinco anos de idade. A montanha nos prometia gratificações que compensariam as muitas que nos eram vetadas, além de fazer que nos sentíssemos iguais aos nossos contemporâneos de sangue menos lamentável.

Veio um sábado cheio de sol: tomamos o trem rápido de Colico, apinhado de refugiados que olhavam com reprovação os nossos sacos de montanha, e depois embarcamos no ônibus que devia nos levar de Sondrio a Chiesa in Val Malenco. Tínhamos a corda e também os martelos; quanto aos *crampons*, por falta de dinheiro tínhamos apenas um par, destinado a quem fosse na frente. Ainda não tínhamos combinado se naquela vez a responsabilidade caberia a mim ou a Silvio: decidiríamos no local. Certa vez, naquele mesmo local, decidimos salomonicamente calçar um *crampon* cada um, porque era preciso fazer uma longa travessia no gelo a meia costa. Apesar de heterodoxa, é uma solução que apresenta vantagens práticas: mas essa é uma outra história.

Quando descemos em Chiesa já era quase noite. Entramos no albergue mais modesto do lugar, entregamos os documentos e jantamos. Por volta das dez, nos

recolhemos ao quarto e já estávamos prontos para deitar, pois acordaríamos de madrugada, quando ouvimos alguém bater nervosamente na porta. Era a camareira ou talvez a filha dos proprietários: uma garota magra e olivácea, de ar cigano, que sussurrou aterrorizada: “Há uns carabineiros lá embaixo, à espera de vocês”.

Descemos, mais curiosos que alarmados. No vestíbulo havia um oficial, que à primeira vista nos pareceu embriagado: mais precisamente, um daqueles que bebem e ficam alegres. Tinha na mão um fascículo e falava animadamente com o dono do albergue. Cumprimentou-nos com cortesia, nos lançou um sorriso luminoso e disse que estávamos em contravenção: então percebemos que estava bêbado, mas não de vinho, e sim “do exercício de suas atribuições” — como se sabe, um agente que exalta e intoxica tanto quanto o álcool. O fascículo que tinha nas mãos era um número da *Gazeta Oficial* datado de alguns meses antes; mostrou-nos a publicação com entusiasmo profissional, aliás, com um tom de gratidão que nos espantou e que só entendemos na sucessão da sua fala: graças a nós, graças aos nossos documentos munidos do carimbo “de raça judia” que o dono do albergue lhe passara, ele tinha a alegria insólita de traduzir em ato uma rara e preciosa disposição da referida *Gazeta* — um prazer de gourmet. Aqui está, aos cidadãos italianos de raça judia não é permitido hospedar-se em localidades de fronteira; e Chiesa, meus amigos, é localidade de fronteira, o território suíço está de fato a menos de dez quilômetros. Um tantinho menos que dez quilômetros, estamos de acordo: nove quilômetros e novecentos metros em linha reta, do município ao monte mais próximo; ele mesmo havia checado nos mapas, mais precisamente no 25 000 do Instituto Geográfico Militar — de qualquer modo, menos de dez quilômetros. Ele não era um funcionário exemplar?

Parecia esperar um elogio de nossa parte, e mostrou-se decepcionado quando leu em nossos rostos mais contrariedade que admiração. Seu olhar se ofuscou, e o rosto, até então lustroso de suor, pareceu empanar-se levemente, como um espelho tomado por ferrugem. Garantiu que não nutria nenhum ressentimento pessoal contra nós, mas a lei não admitia tergiversações. Não podíamos pernoitar em Chiesa, era inútil que insistíssemos (na realidade, não insistimos absolutamente), deveríamos retornar — e nesse ponto o discurso se complicou.

Silvio disse: “Retornar para onde? A esta hora não há mais ônibus. Poderíamos

descer até Torre, que está fora dos dez quilômetros”.

O oficial meditou e então disse: “Mas quem me assegura que vocês pegarão a estrada para o vale? Eu não tenho homens para escoltá-los, e no escuro do toque de recolher ninguém os veria. Como faremos?”.

Eu disse que nós também tínhamos o maior respeito pela lei, mas que a autoridade era representada por ele: cabia a ele, e não a nós, decidir o que fazer. Além disso, nós nem conhecíamos o texto. À medida que a coisa se tornava incômoda para o oficial, nós nos divertíamos cada vez mais; ele achava irritante e estranho que nós, em vez de colaborarmos, buscássemos complicações. Perguntou-nos quais eram as nossas intenções para o dia seguinte, e nós, evitando falar do Disgrazia, declaramos que viéramos a Chiesa em busca de ar puro; o oficial pensou um pouco e disse que a única solução era levar-nos à delegacia, mas o dono do albergue interveio em nossa defesa: éramos seus clientes, não importa a raça, e logo se via que éramos gente de bem, tanto é que pagáramos o pernoite antecipadamente. Nessa altura Silvio lançou-lhe um olhar: que ele não deixasse escapar que tínhamos feito isso porque pretendíamos partir de madrugada para a montanha. O dono do albergue era inteligente e deixou o assunto morrer; no entanto levantou mais uma objeção: na delegacia havia um contrabandista, toda a cidade sabia disso, e na cela só havia lugar para dois; seria desumano.

O oficial fez uma proposta conciliadora: e se fôssemos mantidos sob custódia no albergue? Se o proprietário estivesse disposto a tomar as providências necessárias a fim de que não fugíssemos, a lei seria salva, e nós também veríamos realizado o nosso objetivo de respirar ar puro, ainda que pela janela.

Silvio objetou que a custódia no albergue equivaleria a uma reclusão, e que por isso os carabineiros teriam de reembolsar-nos o preço do pernoite; aliás, seria o caso de discutir a quem caberiam os custos do jantar, já que o consumíramos quando a infração já havia sido cometida, e se isso não fora descoberto antes, a culpa era deles, e não nossa. O oficial não estava achando divertido: disse que talvez, em parte, sob certos aspectos, podíamos até ter razão, mas que o reembolso só poderia ser discutido dentro de alguns meses, era preciso fazer um relatório à delegacia, talvez até (o caso era inédito) à Divisão de Milão, aguardar o mandato etc. O dono do albergue foi ao caixa, vasculhou os papéis e nos devolveu o dinheiro: disse que assim era mais simples e decoroso. O oficial anuiu; devíamos perdoá-lo, mas ele

precisaria mandar um dos seus homens certificar-se de que nós pegaríamos o primeiro transporte do dia seguinte, o das onze, e fomos todos dormir.

Acordamos na manhã seguinte frescos e repousados, além de contentes pelo fato de termos dormido às expensas do Estado. Dessa nossa aventura em Val Malenco restam apenas duas fotografias. Em uma se vê Silvio de pijama, sentado no parapeito da janela, contra o fundo de inúteis picos dentados e do relógio do campanário, que marca dez e meia; na outra, eu apareço lavando o rosto cheio de sono: a hora (a mesma) pode ser vista no relógio de pulso, ostentado contra a objetiva.

A alma e os engenheiros

“Desde quando não nos vemos?”, perguntou-me Guido. Nós nos encontráramos três anos antes, em um congresso, e talvez também cinco anos antes, no jantar dos trinta anos de formatura; mas, sob a incrustação dos anos e do sucesso, eu continuava a ver nele o menino gorducho, preguiçoso, lerdo sem ser tolo, que fora meu colega de banco por não sei quantos anos, a quem eu ajudava despudoradamente durante as provas orais e que copiava as minhas traduções do latim.

Contrariamente à regra, Guido melhorou com os anos. A gordura desapareceu, e a preguiça evoluiu, adquirindo elegância e estilo: tornou-se a nobre indolência do homem seguro de si, de nervos relaxados e reações justas. Hoje Guido é um daqueles felizes híbridos que se acham à vontade tanto na Torre Velasca quanto em Montecarlo ou na Quinta Avenida. Pediu duas omeletes mistas e continuou: “Então ainda não lhe contei o que me aconteceu depois? O divórcio com Henriette? A minha coleciste? A alma da sra. MacLeish?”.

Os divórcios são muito parecidos entre si, e realmente não me interessam; quanto ao assunto da coleciste, não devia ter sido muito grave, ou pelo menos não deixara seqüelas, já que Guido continuava consumindo frituras com a lentidão atenta dos glutões. Por isso tentei conduzi-lo para a história da alma: suas narrativas são sempre curiosas, e eu estava impaciente por saber o que poderia haver em comum entre uma alma anglo-saxã e Guido Bertone, engenheiro de minas. Será que de tanto escavar galerias cada vez mais profundas...?

“Nada disso”, respondeu Guido, erguendo imperceptivelmente os ombros, “dessa vez as minhas galerias não tinham nada de profundo, e a alma estava fora da

terra havia um bom tempo. Estávamos em Utah: minha empresa obtivera uma concessão para procurar e extrair betume fóssil. Um negócio da China, havia betume para todo lado: aonde a perfuradora chegasse, a cinquenta ou a cem metros, encontrava betume do bom, compacto, limpo, tenro, quase de tirar com as mãos — em suma, uma mina de manteiga. A empresa começou a sentir apetite: comprava terrenos a todo o vapor, pagando preços altíssimos. Em poucos meses todos os proprietários venderam, menos um. Bem no centro da concessão havia um terreno minúsculo, meio acre de área inculta e de bosque, uma casinha de boneca e um galpão que abrigava um velho Ford; pertencia à srta. MacLeish, e a senhorita não pretendia vendê-lo.

“Era um direito dela: devia ter as suas razões”, eu disse.

“Você está do lado dela, não é?”, respondeu Guido. “Claro que era um direito dela, mas para a empresa era um grande entrave. O nosso *boss* escrevera para ela pedindo que estabelecesse um preço; ela respondera com cortesia, dizendo que não se tratava propriamente de não querer, mas de não poder. Ela aceitaria com prazer as ofertas da empresa, porque era pobre e sozinha, mas não podia vender o terreno por razões profundas, *deep-seated*.”

“O *boss* leu a carta, deu uma risada feroz e me disse que fosse averiguar as coisas. Tudo era muito estranho: a propriedade MacLeish estava reduzida a uma ilha, com escavadeiras, barulho e gente atarefada pelos quatro cantos, mas a senhorita não dava sinal de incomodar-se, ao contrário, parecia nem sequer perceber tudo aquilo. Era uma velha bonita e alta, espigada, vestida com simplicidade decorosa: disse-me que tinha oitenta e cinco anos, que nascera naquela terra e que não podia vendê-la porque na árvore mais alta residia a alma da sua mãe. Ela me mostrou, e era um carvalho esplêndido, de uns quarenta metros de altura, com a fronde em cúpula: uma basílica vegetal. Dava uma extraordinária impressão de juventude e força, como uma ligação entre a terra e o céu.”

“*Robur, roboris*”, disse eu, que não sei resistir ao vício de citar. “Em latim quer dizer carvalho, mas também força.”

“Muito bem, mas agora o seu latim não me serve mais. O fato é que já não era jovem, tinha cento e dez anos, disse-me com orgulho a proprietária: fora plantado no dia em que a mãe havia nascido. Fiz o meu relatório e fiquei esperando que o *boss* desse outra risada de ogro; entretanto ele me disse que, se as coisas estavam

naquele pé, o fato deveria ser relatado ao conselho administrativo. Isso foi feito, e após quatro meses chegou uma comissão de especialistas: um contador fiduciário da empresa, um diplomado em ciências florestais, um psicólogo e dois especialistas em fenômenos paranormais. Outro mês se passou em inspeções e perícias, enquanto o assédio das minas em volta da srta. MacLeish se fazia mais intenso; mas ela continuava sustentando que lhe era moralmente impossível abandonar ao destino a alma de sua mãe encerrada no carvalho.

“Li o relatório dos especialistas: nenhum deles havia posto em discussão a legitimidade das objeções levantadas pela senhorita, e, quanto à possibilidade de que a alma estivesse na árvore, limitavam-se a dizer que não tinham argumentos suficientes para provar ou negar o fato. Propunham extirpar o carvalho com todas as suas raízes e transplantá-lo em um lugar que fosse do agrado da proprietária. Depois de alguma hesitação, a senhorita aceitou, mas apenas sob a garantia escrita de que a árvore não sofreria, além de uma apólice (a custo da empresa) que assegurava a sobrevivência da própria árvore: sob o aspecto legal, estava bem protegida.

“O carvalho era tão grande e tinha raízes tão poderosas que foram necessários trinta operários trabalhando por uma semana só para deixá-lo descoberto. Eu estava lá no momento em que o guindaste entrou em ação, e lhe garanto... sim, aquelas raízes realmente lutavam como se fossem uma coisa viva: resistiam, gemiam e, quando foram arrancadas, pareciam mãos voltadas para algo precioso que se perdeu. Sorte que a empresa tem alicerces firmes e uma velha experiência em transportes excepcionais: para erguer a árvore e deslocá-la, foi preciso construir máquinas especiais, bloquear o tráfego na estrada principal, mobilizar a polícia, cortar e depois reconectar vários cabos da rede elétrica. Agora o carvalho está no alto de uma colina: aos seus pés a empresa teve de construir uma casinha e um galpão idênticos aos que a senhorita teve de abandonar.”

“E a senhorita está satisfeita?”

“Comportou-se de modo correto. Depois de alguns meses nos escreveu uma carta liberatória, em que declarava que o carvalho estava bem e que até produzia mais frutos do que antes. Cedeu o terreno por um preço francamente modesto.”

Breve sonho

Até Alessandria o compartimento ficou vazio, e Riccardo se preparou para a noite: dormir sentado no trem lhe agradava, já era um hábito antigo. Porém, antes que se apagasse a luz central, uma garota entrou na cabine; tinha na mão um xale e a bolsa de viagem: vinha, portanto, de outro compartimento. Evidentemente do vagão contíguo, de onde provinha um confuso vociferar masculino. Disse “boa noite” com uma curiosa cantilena, arrumou as suas coisas e sentou-se diante dele.

Riccardo apreciou a nova situação. Despertou-lhe imediatamente a lembrança de episódios ferroviários nos romances de Tolstoi e de Maupassant, em pelo menos vinte continhos ferroviários grotescos ou galantes, em uma bela novela, igualmente ferroviária, de Italo Calvino, e finalmente numa célebre teorização de Sherlock Holmes a Watson, aquela em que Holmes demonstra como, a partir da análise de um par de mãos, é possível facilmente chegar ao passado, ao presente ou até mesmo ao futuro do seu dono. Ao mesmo tempo, sentia-se desconfortável e em conflito; um remoto (e relegado) código de comportamento prescrevia-lhe não perder aquele encontro, mas ele estava com sono. Respondeu “boa noite” e concentrou-se na tentativa de obter informações das mãos da jovem.

Não conseguiu muitas. Não eram nem calosas nem muito tratadas, nem agredidas por detergentes nem enobrecidas por cosméticos. Eram mais para robustas e maciças, com o esmalte das unhas meio descascado, de uma cor pálida: talvez a mulher viesse de longe, certamente não era o tipo que dedica muito tempo aos cuidados pessoais. Vestia um impermeável e, por baixo, uma malha preta de gola rulê; a calça era de veludo marrom, bastante gasta, com dois remendos de couro no interior das coxas. Um lugar insólito: para que serviriam? Cavalgar uma

vassoura? Mas não tinha um ar de bruxa: estava mais para dona-de-casa. Todo o resto da jovem era robusto e maciço: Riccardo calculou que, se os dois se levantassem ao mesmo tempo, ela mal chegaria aos seus ombros. De fato, pouco depois ela se pôs de pé, mas a verificação não foi possível porque ele permaneceu sentado.

A garota então se ergueu, mexeu na bolsa que estava no compartimento de cima e pegou um livro, ao que Riccardo lançou uns olhos de Argos. Não era um romance policial nem de ficção científica nem um Oscar Mondadori: era um velho volume modesto, de capa mole e gasta, em que Riccardo leu lentamente: *Catalogue of the Petrarch Collection, bequeathed by...*, não conseguiu identificar por quem a coleção fora *bequeathed*, e aquele *bequeathed* o intrigava, mas o resto do título tirou-lhe todo o resto de sono. Ele também tinha um livro na valise, mas não se prestava a corresponder à mensagem, era uma brochura de sexo e terror: melhor deixá-lo onde estava. Lembrou-se das provas de edição que precisava enviar para Nápoles, tirou-as da pasta e começou a corrigi-las com ostentação, apesar de já estarem corrigidas; mas logo parou a encenação porque a garota já estava dormindo. Aos poucos, no sono, as mãos sobre o livro se afrouxaram; o volume se fechou, escorregou pelos joelhos e terminou no chão. Riccardo não ousou apanhá-lo.

Dormia tranqüila, bem-posta, e Riccardo aproveitou para fazer um inventário mais completo e aprofundado. Pelos sapatos pesados e informes, parecia que a garota era inglesa: não americana, porque tinha um ar muito doméstico. Mas o rosto não batia, não tinha nada de inglês: era redondo e azeitonado, e os cabelos eram castanhos, bem repartidos, à moda antiga. Um rosto dormente, ou de qualquer modo um rosto que não fala, não exprime muita coisa: pode ser rude ou delicado, inteligente ou tolo, e só se define quando é animado pela palavra. Visto assim, só se podia dizer que era jovem e arguta; o nariz era curto e arrebitado, a boca, larga mas bem modelada, as maçãs e os olhos de um corte levemente oriental.

Pouco depois Riccardo também adormeceu, e logo se viu como um grande poeta, devoto, culto e inquieto; estava voltando da coroação em Roma, onde vencera o prêmio Strega, e estava em viagem rumo à Valchiusa, a bordo de um vagão especial, absurdamente suntuoso, com tapeçarias consteladas de abelhas e lírios de França. O colchão sobre o qual repousava, porém, fazia um ruído

incômodo, porque estava recheado de folhas secas de louro, assim como a sua valise. Não obstante, a garota ali defronte, que, mesmo não se parecendo em absoluto, coincidia amplamente com Laura, não se interessava nem por seus triunfos nem por ele, ao contrário, parecia nem sequer se dar conta da sua presença. Mesmo assim ele se sentia obrigado a dirigir-lhe a palavra, ou pelo menos a estender-lhe a mão, mas era impedido por um singular entrave.

Era um entrave material, quase cômico: enfim, para ser breve, sentia-se colado àquele colchão, colado por inteiro, da cabeça aos pés, como uma mosca presa no visgo. Estando assim as coisas, nem desejava realmente falar com ela. De todos os versos esplêndidos que outrora escrevera para ela, não lhe ocorria nem um ao menos; de resto, não estava de todo descontente por ver-se colado, já que a jovem era esposa de um cavalheiro sinistro (cujo nome, entretanto, não conseguia recordar), famoso pelo ciúme e pela crueldade.

Mas havia ainda outros motivos para sentir-se grudado na poltrona: em competição com a jovem estrangeira, havia em torno dele uma outra jovem de identidade ambígua; aliás, de natureza francamente dúplice, na medida em que vivia em Turim, na rua Gioberti, em 1966, e simultaneamente em algum lugar da Provença, em 1366. Ele poderia perfeitamente relevar incongruências desse gênero, mas a jovem era do tipo que não admitia compromissos e jamais aceitaria concorrentes, nem mesmo de 1366. O que fazer? Riccardo a repôs no inconsciente: por enquanto estaria melhor ali.

Também sentia um incômodo mais profundo e mais sério. Era lícito, era decente um bom cristão inventar para si uma mulher destilando-a dos próprios sonhos com o escopo de amar essa imagem por toda a vida e utilizar esse amor para tornar-se um poeta famoso e tornar-se um poeta por não querer morrer de todo, e ainda freqüentar aquela outra da rua Gioberti? Não era uma hipocrisia?

Já sentia pesar-lhe a capa dos hipócritas, dourada por fora e plúmbea por dentro, quando o trem reduziu a marcha e parou numa estação. Uma voz feminina-mecânica, mas seguramente toscana, anunciou nas trevas que aquela era a estação de Pisa, e que era preciso trocar de trem para Florença e Volterra. Riccardo acordou; a garota (totalmente redimensionada) também: espreguiçou-se, bocejou com garbo, esboçou um sorriso tímido e disse: “Pisa. *Vituperio de le genti*”. Tinha de fato um forte sotaque inglês. Ainda confuso pelo sono e pelo sonho, Riccardo

balbuciou por um instante e então respondeu corretamente: “... *del bel paese là dove il sí suona*”,^a mas não conseguiu se lembrar do verso sucessivo.

Ficara espantado com a *ouverture* da jovem: entretanto prometeu a si mesmo que lhe mostraria Capraia e Gorgona assim que o trem se movesse, e se a lua saísse de entre as nuvens. Mas a lua não saiu, e ele teve de contentar-se com a explicação teórica, ou seja: de como as duas ilhotas inócuas, vistas de Pisa em perspectiva, podiam de fato suscitar, a um poeta um tanto enfurecido, a imagem barroca e cruel de um dique na foz do Arno, de modo que em Pisa todos se afogassem. Aparentemente a explicação satisfez a garota, que parecia muito a par da história do conde Ugolino, mas caía de sono. Bocejou mais uma vez, olhou o relógio (Riccardo fez o mesmo: era uma e quarenta), perguntou *pro forma*: “É possível espichar as pernas?”, e, sem esperar resposta, tirou os sapatos e deitou-se no banco, ocupando os três lugares. Não usava meias; os pés eram sólidos, mas graciosos e frescos, quase infantis.

Riccardo demorou a pegar no sono. “[...] *ove le belle membra/ pose colei che sola a me par donna*”:^b nenhum italiano jamais dirá “membros”, uma daquelas palavras que podem ser escritas, mas não pronunciadas, por conta de um nosso misterioso tabu nacional. Há muitas dessas: quem, ao falar, diria “poiché” ou “alcuni” ou “ascoltare”? Ninguém: ele, por exemplo, preferiria ser esfolado antes, assim como qualquer piemontês ou lombardo se deixaria esfolar vivo antes de usar um pretérito-mais-que-perfeito. De cada cinco palavras que o léxico registra, uma pelo menos é inefável, como os nomes feios.

Ao amanhecer, pouco além de Roma, a garota despertou, ou melhor, acordou de novo. Riccardo ofereceu-lhe um cigarro, e ela acendeu o seu e o dele. Puxar conversa não foi difícil: em poucos minutos, Riccardo soube o essencial. Que ela estudava literatura moderna; que estava na Itália pela primeira vez e com pouco dinheiro, mas que uma tia casada com um italiano a esperava em Salerno. Estudara a pronúncia italiana nos discos, e todo o resto aprendera com os escritores do século XIV, sobretudo no *Cancioneiro* de Petrarca, que era o tema da sua tese.

Riccardo se preparava para contar as tristezas e as lutas da sua vida, as amarguras e as vitórias, o seu abatimento recorrente e ao mesmo tempo a profunda segurança de que um dia se tornaria um escritor famoso e estimado, e o tédio arrasador do seu trabalho cotidiano (mas não lhe diria que trabalhava numa agência de

publicidade — isso não), mas a garota nem o deixou começar. Terminado o cigarro, sacou um pequeno espelho, fez uma careta desinibida e divertida, disse “Estou de dar medo!” e saiu do compartimento: anunciou que iria lavar o rosto e se pentear.

Ao ficar só, Riccardo começou a fazer cálculos. Ele também podia seguir viagem até Salerno: poderia servir de guia, dominava bem o lugar, tinha dinheiro; mas havia as provas a entregar em Nápoles e o projeto que o cliente precisava aprovar. Mas também podia propor à garota descer em Nápoles com ele: em Nápoles o fator campo seria favorável a ele, já que não se lembrava muito de Petrarca (lamentou sinceramente esse fato pela primeira vez na vida: e depois dizem que a cultura clássica não serve!), mas, enfim, achava que poderia ser mais divertido do que a tia em Salerno. Ou então deixá-la ir a Salerno e propor-lhe um encontro em Nápoles para o dia seguinte: retornaria a Turim com um dia de atraso (ou quem sabe dois: por que não?), mas encontraria um pretexto. Uma greve: sempre há uma greve.

Entretanto a garota voltara ao compartimento, e logo depois o trem começou a frear. Riccardo não era um homem de decisões rápidas e fáceis: levantou e retirou a valise do bagageiro, abriu-a, ajeitou o conteúdo, e enquanto fazia isso, consciente do olhar curioso da garota, ia construindo febrilmente uma fórmula de despedida que não o comprometesse muito e ao mesmo tempo não parecesse definitiva.

Quando o trem parou na estação de Nápoles, ele se virou e se viu diante do olhar da jovem. Era um olhar parado e gentil, mas com uma conotação de espera: parecia que ela o estivesse lendo por dentro, como num livro. Riccardo lhe perguntou: “Por que não desce em Nápoles comigo?”. A garota fez que não com a cabeça. Olhava-o fixamente, sorria e também tinha o ar de quem construísse ou perseguisse uma resposta que não se deixava capturar. Roía um dedo, numa espera infantil; depois, balançando-o solenemente, escandiu: “*Quanto piace al mondo è breve sogno*”.^c “A pronúncia é “sonho”, disse Riccardo, e pegou o corredor para descer do vagão.

a Versos 79 e 80 do “Inferno” de Dante. “Ah, Pisa, Pisa! Mácula das gentes/ da bela terra onde o si ressoa”, na tradução de Cristiano Martins, *A divina comédia*, Itatiaia. (N. T.)

b “Onde um membro e outro membro/ A que é a única dona mergulhara”, *Poemas de amor de Petrarca: o cancionero*, de Jamir Almansur Haddad, Ediouro, 1998. (N. T.)

c *Che quanto piace al mondo è breve sogno* [“Que quanto apraz ao mundo é breve sonho”], *Poemas de amor de Petrarca: O cancionero*, trad. de Jamir Almansur Haddad, Ediouro, 1998. (N. T.)

Sobre o autor

Primo Levi nasceu em 1919, numa família judaico-piemontesa em Turim, na Itália. Químico por formação, ingressou na resistência antifascista mas foi denunciado ao Reich e enviado para Auschwitz, de onde foi libertado pelos russos. Narrou sua experiência em vários livros premiados. Dele, a Companhia das Letras já publicou *A trégua* (1997) e *Senão agora, quando?* (1999). Primo Levi suicidou-se em 1987.

Copyright © 1996 by Giulio Einaudi editores s. p. a.
Copyright do prefácio © 2005 by Maurício Santana Dias

Título original

I racconti: Storie naturali Vizio di forma Lilít

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Vanessa Barbara

Revisão

Isabel Jorge Cury

Otacílio Nunes

ISBN 978-85-438-0115-5

O trecho de *Gargantua* citado na epígrafe foi extraído
da tradução de Aristides Lobo, para a Ediouro, s. d.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br